



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PÓSGRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA**

**ROBSON SANTOS DE OLIVEIRA**

**A Representação do *Self* nas salas de bate-papo na Internet e**

**a noção bakhtiniana de Carnavalização:**

**Uma perspectiva dialógica**

**Recife**

**2012**

**ROBSON SANTOS DE OLIVEIRA**

**A Representação do *Self* nas salas de bate-papo na Internet e  
a noção bakhtiniana de Carnavalização:  
Uma perspectiva dialógica**

Tese apresentada ao programa de  
pósgraduação em Psicologia Cognitiva da  
Universidade Federal de Pernambuco para  
obtenção do título de Doutor

Área de concentração: **Psicologia Cognitiva**

Orientador: **Prof. Dr. Luciano Meira**



## FOLHA DE APROVAÇÃO

Robson Santos de Oliveira

A Representação do *Self* nas salas de bate-papo na Internet e a noção bakhtiniana de Carnavalização: Uma perspectiva dialógica

Tese apresentada ao programa de pós-graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco para obtenção do título de Doutor

**Área de concentração:** Psicologia Cognitiva

**Orientador:** Prof. Dr. Luciano Meira

Aprovada em 25 de maio de 2012.

### Banca Examinadora

Prof. Dr. Luciano Rogério de Lemos Meira

Instituição: UFPE

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Júlio César Araújo

Instituição: UFC

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Flávia Mendes de Andrade e Peres

Instituição: UFRPE

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dra. Maria da Conceição Diniz Pereira de Lyra

Instituição: UFPE

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dra. Luciane de Conti

Instituição: UFPE

Assinatura: \_\_\_\_\_

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao professor  
Luiz Antonio Marcuschi,  
como um caminho...

E dedico também à minha colega  
de doutoramento Angélica Martins.

## AGRADECIMENTOS

Antes de qualquer palavra lida ou escrita, inclusive estas primeiras linhas, meu louvor à Causa Primeira de todas as coisas, Inteligência Suprema e Grande Arquiteto do Universo.

Ao professor Dr. Luciano Meira, orientador desta tese, pela confiança credita durante a pesquisa e pela possibilidade de estimular a autonomia do pensamento científico, crítico e criativo.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em Psicologia Cognitiva, especialmente à professora Dr<sup>a</sup>. Selma Leitão por ter me apresentado ao professor Mikhail Mikhailovich Bakhtin, e à professora Dr<sup>a</sup>. Maria Lyra por ter me apresentado a muitos pesquisadores que pensam e repensam Mikhail Mikhailovich Bakhtin.

Às profissionais da Secretaria do PPG-Psicologia Cognitiva, principalmente a Vera Amélia Ferraz e Vera Lúcia Ferraz, durante o percurso deste doutoramento concluído. Obrigado por tudo!

Aos colegas de curso de doutorado do PPG-Psicologia Cognitiva da UFPE, com os quais pude ouvir e falar das angústias e alegrias de fazer pesquisa.

A vários amigos e amigas, pessoais especiais que ao longo desse tempo me possibilitaram diversas contribuições a fim de que eu pudesse concluir esta tese, e que representarei aqui por dois nomes: Carla Abigail (UVA/SENAI) e Pe. Everaldo Fernandes (FAFICA).

Aos meus familiares, pela compreensão e paciência ante a minha impaciência e incompreensão. Aos meus pais, desde o princípio. À minha irmã Ladyclere pelo apoio lá no comecinho da juventude.

À minha madrinha Zulmira Guilherme Araújo (*in memoriam*), sempre presente...

Ao CNPq, pela bolsa de estudos, durante dois anos, proporcionando-me possibilidades de novas leituras e participação de congressos.

**Mas no cotidiano permanece a  
tonalidade carnavalesca**  
– *Bakhtin*

*Apontamentos, 1970-1971 in*  
*Estética da Criação Verbal,*  
*2003, p. 391*

## RESUMO

**Oliveira, R. S. (2012).** *A Representação do Self nas salas de bate-papo na Internet e a noção bakhtiniana de Carnavalização: Uma perspectiva dialógica.* Tese de doutorado, Programa de Pós Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco.

A presente pesquisa de doutorado teve o objetivo de identificar procedimentos de representação do *Self* na Internet. Para o alcance desse objetivo, delineamos uma proposta teórico-metodológica cuja matriz está no entrecruzamento das abordagens teóricas de Goffman e Bakhtin, por meio das quais chegamos a identificar as características de permanência e impermanência, estabilidade e mudança compondo um circuito virtual de autoreferência a partir do *chat* e estendendo-se para as redes sociais virtuais (Youtube, Facebook, Orkut, Twitter etc.). A operacionalidade dessa proposta teórica permite ser percebida no desenho metodológico de etnografia virtual que denominamos de **Modelo Etnográfico Virtual de Estudo das Representações do Self na Internet (MEVERSI)**, permitindo gerar dados a partir de vários ambientes virtuais de autoreferencialidade, observando-se o comportamento de mudança e permanência do *Self*, sob os princípios da carnavalização bakhtiniana como um princípio estético do mundo no qual o uso das máscaras, dos ambientes públicos e abertos, do domínio do riso no discurso e expressões em geral bem, como a ênfase no baixo corpóreo (sexualidade, pornografia), dentre outras características. A partir dessa metodologia, a análise nos autoriza a afirmar que as pessoas utilizam formas variadas de representação de si mesmas na Internet, podendo constituir um padrão de *continuidade* desde o *chat* até as redes sociais ou apresentar um padrão de mudanças diversas no que diz respeito aos modos de autorepresentação (fotos, desenhos, imagens etc.). Em ambos os casos (de mudança e de permanência da pessoa no seu circuito virtual de autoreferência), os resultados encontrados permitem-nos identificar traços característicos do mesmo *Self* em sua característica de extensão (*Self* dialógico), autorizando-nos concluir que a representação do *Self* na Internet atende aos princípios da carnavalização bakhtiniana, uma perspectiva dialógica de investigação.

**Palavras-chave:** Etnografia virtual. Carnavalização. Self. Bakhtin. Goffman.

## ABSTRACT

Oliveira, R. S. (2012). The Presentation of Self in chat rooms on the Internet and Bakhtinian notion of Carnivalization: A dialogical perspective. PhD thesis, Graduate Program in Cognitive Psychology, Universidade Federal de Pernambuco.

This PhD research aimed to identify procedures Self representation on the Internet. To achieve this goal, we designed a theoretical and methodological proposal whose headquarters is in the intersection of the theoretical approaches of Goffman and Bakhtin, through which we identify the characteristics of permanence and impermanence, change and stability composing a virtual circuit of self-reference from the chat and extending to the virtual social networks (Youtube, Facebook, Orkut, Twitter etc.). The operationalization of this theoretical proposal lets be perceived in the methodological design of virtual ethnography we call Virtual Model Ethnographic Study of Representations of the Self in the Internet (MEVERSI), allowing generate data from multiple virtual environments of self-referentiality, observing the behavior of change and permanence of the Self, under the principles of carnivalization Bakhtinian as an aesthetic principle in the world in which the use of masks, the public and open environments, the prevalence of laughter in speech and expressions in general as well as the emphasis on 'low body' (sexuality, pornography ), among other features. From this methodology, the analysis allows us to affirm that people use different forms of representation of themselves on the Internet and may be a pattern of continuity from social networks to chat or make a different pattern of changes with regard to modes of self-representation (photos, drawings, images etc.). In both cases (of change and stability of individual virtual circuit in its self-referral), our results allow us to identify characteristic traits of the same Self in his characteristic extension (Self dialogic), allowing us to conclude that the Self representation of the Internet meets the principles of carnivalization Bakhtin, a dialogic perspective research.

**Palavras-chave:** Virtual Ethnography. Carnivalization. Self. Bakhtin. Goffman.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

**UFPE** – Universidade Federal de Pernambuco

**MEVERSI** – Modelo Etnográfico Virtual de Estudo das Representações do Self na Internet

**CEMDA**–Método de Análise Complementar Exploratória Multinível de Dados

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: objetos de estudo dos <i>nicknames</i> no UOL e Orkut .....	28
Quadro 2: Unidade de Análise e Métodos para frame de pesquisa conforme CEMDA .....	109
Quadro 3 Unidade de Análise e Métodos para campos de pesquisa conforme MEVERSI .....	123
Quadro 4: Comunidades no UOL e em outros sítios eletrônicos sobre sala Tema Livre .....	140
Quadro 5: Critérios de Análise (princípios da carnavalização bakhtiniana).	151
Quadro 6: Quadro cronológico de sessões etnográficas com tópicos de destaque .....	157
Quadro 7: Tipos de bonecos de teatro .....	172
Quadro 8: Bonecos Gigantes de Olinda .....	174
Quadro 9: Nicknames e verbos de ação remetendo à idéia de corpo em movimento .....	182
Quadro 10: Comunidades em que Sarah participa no Orkut e a refração de vozes no chat .....	219
Quadro 11: Ambientes virtuais do circuito-weblogue de Sarah com comentários .....	227
Quadro 12: Comparação de nickname de Henrique no chat e no macroweblogue Orkut .....	267
Quadro 13: Definição de nicknames quanto a clones, duplos e fakes .....	276
Quadro 14: Síntese estudos de casos com relação aos princípios primários da carnavalização .....	279
Quadro 15: Resumo com resultado do formulário <i>online</i> .....	284

## LISTA DE FIGURAS

(obs.: todas figuras estão em escala de cinza)

Figura 1: Sala Brasil do canal Undernet via programa mIRC .....	21
Figura 2: Sala Tema livre-A/01 via website do UOL .....	22
Figura 3: Ambiente <i>Sunrise</i> através do programa <i>Palace</i> .....	23
Figura 4 Ambiente <i>CopacabanaBrasil</i> via programa SecondLife .....	24
Figura 5: Tríade metodológica do dialogismo bakhtiniano (autor-ouvinte-entendedor) .....	45
Figura 6: Tríade metodológica do dialogismo bakhtiniano (relação entre as três consciências participantes) .....	46
Figura 7: O terceiro elemento no diálogo formando a tríade dialógica de Bakhtin .....	47
Figura 8: Os componentes I e ME no modelo do <i>Self</i> dialógico de Hermans (2001) .....	52
Figura 9: Posições em um <i>Self</i> multivocal (Adaptado de HERMANS, 2001, p. 253) .....	57
Figura 10: Duas reais pessoas em diálogo (Hermans, 2001, p. 256) .....	58
Figura 11: Modelo de internalização/externalização, adaptado de Valsiner (2001b, p. 202;2007, p. 214) .....	63
Figura 12: Limites conceituais e lócus do fenômeno scaffolding ( Valsiner, 2005, p. 198) .....	65
Figura 13: Modelo de <i>Self</i> numa perspectiva relacional adaptado das idéias de Fogel [2001]) .....	67
Figura 14: Díade mãe-bebê e emergência do <i>Self</i> a partir dos processos de co-regulação .....	69
Figura 15: Modelo Ego-Alter-Objeto de Marková .....	71
Figura 16: <i>Self</i> como minissociedade ou sociedade polifônica da mente ...	75
Figura 17: Modelo triádico [adaptado] de Salgado e Ferreira (2005): Self-Outro-Terceira Parte .....	76
Figura 18: O <i>Self</i> dialógico como uma tríade (Salgado e Ferreira, 2005, p. 148) .....	77
Figura 19: Constelação dos gêneros do cômico-sério (adaptado de Araujo [2006, p. 65]) .....	90
Figura 20: Modelo de três níveis da experiência na Internet (RIVA e GALIMBERTI, 2003b, p. 22) .....	106

Figura 21: Frames e objetos no modelo três-níveis de CEMDA(RIVA & GALIMBERTI, 2003b, p. 22) .....	107
Figura 22: Constelação dos gêneros chats (Araújo, 2006, p. 73) .....	112
Figura 23: Circuito-weblogue .....	113
Figura 24: Weblogue de texto de Marcos Barros ( <a href="http://www.marcosbarros.com.br/">http://www.marcosbarros.com.br/</a> ) .....	114
Figura 25: Weblogue de fotos de Marcos Barros ( <a href="http://www.flickr.com/photos/marcosabarros">http://www.flickr.com/photos/marcosabarros</a> ) .....	115
Figura 26: Weblogue de vídeos de Marcos Barros ( <a href="http://www.youtube.com/user/marcosabarros">http://www.youtube.com/user/marcosabarros</a> ) .....	116
Figura 27: Microblogue (Twitter) de Luana Rodrigues ( <a href="http://twitter.com/#!/luhkarodrigues">http://twitter.com/#!/luhkarodrigues</a> ) .....	117
Figura 28: Macroblogue (Orkut) de Luana Rodrigues ( <a href="http://www.orkut.com.br/Main#FullProfile?rl=pcb&amp;uid=12948171781871731400">http://www.orkut.com.br/Main#FullProfile?rl=pcb&amp;uid=12948171781871731400</a> ) .....	117
Figura 29: Perfil «•H•P•TT•PKÑ•™•» do ORKUT .....	118
Figura 30: Relação de nicknames em um sessão de chat da sala TEMA LIVRE-1 (UOL) .....	119
Figura 31: Emoticons utilizados numa sessão de <i>chat</i> da sala TEMA LIVRE-1 (UOL) .....	120
Figura 32: Modelo Etnográfico Virtual de Estudo das Representações do <i>Self</i> na Internet .....	121
Figura 33: Modelo multidimensional de concepção do <i>Self</i> nos contexto <i>offline</i> e online numa perspectiva de <i>continuum</i> .....	125
Figura 34: Correspondência entre o modelo multidimensional de concepção do <i>Self</i> nos contexto <i>offline</i> e online numa perspectiva de <i>continuum</i> e o MEVERSI .....	127
Figura 35: Avatares da OJE .....	131
Figura 36: Portal UOL .....	133
Figura 37: Seção de Bate-Papo UOL .....	134
Figura 38: Google Mapa da cidade de Brasília (plano-piloto) .....	134
Figura 39: Mapa do UOL contemplando as quatro grande áreas temáticas .....	135
Figura 40: Bate-papo UOL Outros Temas/ Encontro .....	136
Figura 41: Mapa UOL destacando a Quadra Outros Temas .....	138

Figura 42: Mapa UOL contemplando Setor Lésbicas .....	138
Figura 43: Salas Tema Livre (A e B) do UOL .....	140
Figura 44: Comunidade no Orkut da sala Tema Livre (Sala 1 do UOL) .	142
Figura 45: Perfil de Euzinha no macroweblogue Orkut .....	143
Figura 46: Procedimentos de entrada no <i>chat</i> .....	144
Figura 47: Perfil no UOL-K de BladeRunner .....	144
Figura 48: Entrada de pesquisador na sala Tema Livre-1(A) .....	144
Figura 49: Página principal de perfil de Euzinha no Orkut .....	147
Figura 50: MEVERSI <i>online</i> e Circuito-weblogue .....	153
Figura 51: Nickname OŞD ANJINHÜÜ (P1) na sala Tema Livre 1 (A) ...	154
Figura 52: Perfil de OŞD ANJINHÜÜ (P2) no UOL-K .....	155
Figura 53: Perfil de OŞD ANJINHÜÜ (P3) no macroweblogue Orkut .....	155
Figura 54: Entrada do pesquisador com <i>nickname</i> BladeRunner na Sala Tema Livre 1(A) do UOL .....	158
Figura 55: Convite do pesquisador para acesso ao formulário de pesquisa online .....	159
Figura 56: Imagem de UOL-K de Sarahpumpkins no formato .jpeg .....	163
Figura 57: Sala de bate-papo Tema Livre-1 (A) com interação entre ‡đîstâñt vöið‡ e ketty .....	169
Figura 58: <i>Self</i> na dimensão <i>offline</i> e sua representação na dimensão <i>online</i> .....	176
Figura 59: Sala de bate-papo Tema Livre-1 (A) e a idéia de corporeidade .....	182
Figura 60: Excedente de visão de pessoas que controla o nickname num <i>chat</i> .....	183
Figura 61: Sala de bate-papo Tema Livre-1(A) do UOL com saudação de ‡§â£Ÿ‡•sz~* .....	191
Figura 62: Encontro dialógico de Sarah e Ícaro no chat e suas I-positions .....	195
Figura 63: Internalização da voz do Self-A (Sarah) no Self-B (Ícaro) ...	196
Figura 64: UOL-K de Sarah ( <a href="http://perfil.uol.com.br/sarahpumpkinsz">http://perfil.uol.com.br/sarahpumpkinsz</a> ) .....	205
Figura 65: Imagens referenciadas com o nome Sally pumpkins halloween (Google imagens) .....	208

Figura 66: Imagens relacionadas à abóbora (pumpkins), incluindo uma imagem de anime/mangá e uma imagem de Sally Brown (cartoon) [obtidas no Google imagens ] .....	209
Figura 67: Parte do repertório de imagens de animes e mangás de Sarah .....	210
Figura 68: Perfil de Bruna Martiniano, encontrado no Orkut sob a palavra sarahpumpkin .....	217
Figura 69: Participação de na comunidade do Orkut .....	218
Figura 70: Participação de no fórum da comunidade do Orkut .....	218
Figura 71: Imagens de carnaval de rua de Olinda e Trio Elétrico em Salvador .....	224
Figura 72: Linha de status (linha do tempo) do perfil de Sarah (Sarah Flamini Kiihl) no Facebook .....	226
Figura 73: Modelo de Hermans para a interação entre os selves dialógicos aplicado às representações do Self na Internet (Caso SarahPumpkins) .....	231
Figura 74: circuito-weblogue de Sarah construído durante esta pesquisa .....	232
Figura 75: Narguile .....	237
Figura 76: Perfil (comercial) de Carlos Eduardo no Orkut .....	238
Figura 77: Perfil (pessoal) de Carlos Eduardo no Orkut .....	239
Figura 78: Perfil de Carlos Eduardo no Facebook .....	240
Figura 79: Circuito-weblogue de Carlos Eduardo .....	242
Figura 80: Modelo de Hermans para a interação entre os selves dialógicos aplicados às representações do Self na Internet (Caso O Mentiroso) .....	242
Figura 81: Caio White responde ao pesquisador na Sala Tema Livre-2(A) .....	244
Figura 82: Weblogue de texto de Caio White (no Blogger) .....	245
Figura 83: Microweblogue Twitter de Caio White .....	245
Figura 84: Weblogue de vídeo Youtube de Caio White .....	247
Figura 85 Perfil de Caio White no macroweblogue Orkut .....	248
Figura 86: Perfil de Caio White no macroweblogue Orkut .....	249
Figura 87: Mural do de Caio White no macroweblogue Facebook .....	249
Figura 88: Circuito-weblogue de Caio White .....	251

Figura 89: Participação de Script na sala Tema Livre-1(A) .....	252
Figura 90: Perfil de Script no weblogue Orkut .....	255
Figura 91: Foto do álbum de Sript no seu weblogue Orkut .....	258
Figura 92: Perfil de Script no macroweblogue Facebook .....	259
Figura 93: Fotos no álbum de Caio (Romulo Batista) no seu macroweblogue Facebook .....	260
Figura 94: Imagem de uma rosa no álbum de Sript no macroweblogue Facebook .....	261
Figura 95: Imagem de uma caveira estilizada no álbum de Sript no macroweblogue Facebook .....	261
Figura 96: Imagem do nome Red Bull de forma encriptada no álbum de Sript no macroweblogue Facebook .....	262
Figura 97: a) campanha publiciária de Red Bull; b) Charge sobre Red Bull; c1 e c2) imagens de comercial de Red Bull invertendo slogan .....	263
Figura 98: Circuito-weblogue de Script .....	265
Figura 99: Modelo de Hermans para a interação entre os selves dialógicos aplicados às representações do Self na Internet (Caso Script) .....	265
Figura 100: Perfil de Henrique no UOL-K .....	267
Figura 101: Perfil de Henrique no macroweblogue Orkut .....	268
Figura 102: Entrevista com Sarah no Facebook sobre os clãs .....	269
Figura 103: Comunidade Oficial PNS .....	270
Figura 104: PNS Oficial .....	271
Figura 105: Comunidade Os delinqüentes no Orkut .....	272
Figura 106: Enquete na comunidade Os Delinqüentes no macroweblogue Orkut .....	273
Figura 107: Entrada de clone de Henrique na sala Tema Livre-1 (A) .	274
Figura 108: Circuito-weblogue de <i>Script</i> .....	277
Figura 109: Entrevista com Sally no Facebook .....	281
Figura 110: Mundo carnalizado na Internet e seu futuro.....	286
Figura 111: Inídio da timeline do perfil de Adama Barak (fictício) no Facebook .....	294
Figura 112: Parte de timeline de do perfil de Adama Barak (fictício) no Facebook .....	295

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	
1.1 Apresentação .....	18
1.2 Objetivos gerais e Hipóteses estabelecidas .....	27
1.3 Unidade de análise .....	28
<b>2. Concepções teóricas: <i>Self</i> Dialógico, Carnavalização (Bakhtin) e Dramaturgia (Goffman)</b>	
2.1 Por uma noção dialógica do <i>Self</i> .....	31
2.1.1 Wiliam James .....	32
2.1.2 George Mead .....	35
2.1.3 Mikhail Bakhtin e o Dialogismo como método .....	38
2.1.4 Hubert Hermans .....	51
2.2 Representantes da Psicologia do Desenvolvimento e do Dialogismo .....	61
2.2.1 Jan Valsiner, Alan Fogel e Maria Lyra .....	62
2.2.2 Ivana Marková, Ragnar Rommetveit, Per Linnel e João Salgado .....	70
3.1 Mikhail Bakhtin e a noção de carnavalização .....	78
3.1.1 A Carnavalização nas obras de Rabelais e Dostoievski .....	83
3.2 Erving Goffman e o modelo teórico de dramaturgia .....	91
<b>3. Design da Etnometodologia Virtual</b>	
3.1 Explorando a Etnografia <i>Online</i> .....	97
3.1.1 Estudos de Identidades nos ambientes <i>online</i> e o modelo de Erving Goffman .....	97
3.1.2. Pesquisas etnográficas da Comunicação Mediada por Computadores - CMC .....	98
3.2 Aspectos da Pesquisa Qualitativa na Etnografia Virtual .....	102
3.3 Desenho da etnografia virtual para estudo dos <i>nicknames</i> .....	104
3.3.1 Método filosófico-linguístico de Bakhtin (Dialogismo) .....	104
3.3.2 Método de Análise Complementar Exploratória Multinível de Dados (CEMDA) .....	105
3.3.3 Campo da etnografia virtual: o circuito-weblogue .....	110
3.3.4 Modelo Etnográfico Virtual de Estudo das Representações do <i>Self</i> na Internet (MEVERSI) .....	121

<b>4. O campo da pesquisa etnográfica: chat e redes sociais</b>	
4.1 UOL (Universe On Line): salas de bate-papo .....	133
4.2. ORKUT e Redes Sociais .....	146
<b>5. Carnavalização e representação do <i>Self</i> no chat</b>	
5.1 Construção e abordagem dialógica dos dados .....	151
5.1.1 Critérios de análise: princípios da carnavalização bakhtiniana .....	151
5.1.2 Localizando os ambientes da pesquisa .....	152
5.1.3 Definindo os períodos de observação etnográfica virtual .....	156
5.1.4 Apresentação do pesquisador e forma de abordagem .....	157
5.1.5 Coleta de dados e estudos de casos .....	163
5.2 As representações do <i>Self</i> no chat .....	166
5.2.1 O caso <i>SarahPumpkins</i> – vários <i>nicknames</i> , um mesmo <i>Self</i> .....	166
5.2.1.1 Primeiro Encontro .....	166
5.2.1.2 Segundo Encontro .....	191
5.2.1.3 Terceiro Encontro .....	214
5.2.2 O caso <i>O Mentiroso</i> , na mudança a permanência .....	234
5.2.3 O caso <i>Caio White</i> , mantendo a permanência .....	243
5.2.4 O caso <i>Script</i> , entre continuidade e permanência .....	252
5.2.5 O caso <i>OSD Isolados</i> , clones e clãs .....	266
5.3 Aspectos da carnavalização nas representações do <i>Self</i> .....	279
5.4. <i>Self</i> , Identidades, localização e globalização .....	289
<b>6. Considerações finais</b> .....	298
<b>Referências</b> .....	309
<b>Anexos</b>	
Resultado do Comitê de Ética – Anexo I .....	332
Termo de Confidencialidade do Pesquisador - Anexo II .....	333
Termo de Consentimento Livre e Aceito-TCLE – Anexo III .....	334
Formulário – Anexo IV .....	335
Regulamentos do UOL, Orkut e Facebook .....	337



## 1.1 Apresentação

O ambiente da Internet é ao mesmo tempo convidativo para as pessoas se conectarem à rede mundial de computadores, criarem seus endereços eletrônicos e construam formas de representação pessoal, como também parece tornar-se uma exigência da economia globalizante, uma tendência cultural cada vez mais freqüente nas gerações mais novas. Castells (2005), discutindo a respeito da sociedade em rede, propõe que as novas tecnologias da informação e comunicação fazem o mundo convergir para as redes globais de instrumentalidade, principalmente das telecomunicações (TV, rádio, telefonia móvel, etc.), dentro da qual a Internet oferece uma interface para várias mídias integradas. Natural, portanto, nessa tendência e atualização das tecnologias que a comunicação mediada por computadores gere uma gama enorme de identidades e comunidades virtuais.

Para Castells (2005, p. 39) a concepção de identidades representa “o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos (...)” [grifo meu]. A questão da identidade como representações do ator social na Internet torna-se emergente nos dias atuais, já que todos nós, de alguma forma, estamos paulatinamente convergindo para os ambientes virtuais, seja com um endereço eletrônico de email, de um blogue ou de uma forma de identificação nas redes sociais virtuais como o Orkut, Facebook ou Twitter. Assim, a concepção do *Self* como representação de si mesmo, como identificação do Eu, emerge na perspectiva relacional e dialógica, portanto cultural e a construção das formas de identidades na Internet reforçam esta perspectiva pelo modo como as pessoas se fazem representar nos ambientes virtuais. O termo utilizado por Castells (‘ator social’) retoma a base conceitual de Goffman (1975/2007) que discutiu a questão da representação do *Self* nos contextos sociais utilizando o esquema da dramaturgia (‘cenários’, ‘atores’, ‘personagens’, ‘palco’ etc.).

Considerando a realidade atual da comunicação humana que permite a troca de informações e a interação através da tecnologia das redes computacionais, provocando novos comportamentos em relação à linguagem e à formação de grupos, bem como em relação à construção da identidade pessoal e de grupos no ciberespaço, torna-se relevante o estudo científico da representação do *Self* neste ambiente, especificamente nas salas de bate-papo da Internet, a partir de enfoques da Psicologia Cognitiva e de outros aportes teóricos e

metodológicos, como uma tentativa de contribuir para a compreensão das formas sociais de comunicação.

O foco de análise desta pesquisa é o uso do *nickname* e as práticas discursivas como forma de representação de si mesmo na dinâmica das salas de bate-papo (*chat*) na Internet e que se estende para outros ambientes como os das redes sociais (Orkut, Facebook, Twitter etc.), podendo manter uma mesma identificação (*nickname*) ou realizar variações de identidade.

Outros pesquisadores de pós-graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE já realizaram investigações, sob a orientação do professor Luciano Meira, sobre as formas de interação e manifestação do *Self* nas várias áreas do ciberespaço: Campello (2000), Martins (2004), L. Melo (2004), P. Melo (2007), Oliveira (2007) e França (2008). Ainda sob a orientação do professor Luciano Meira foram realizadas outras investigações na pós-graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE no campo da informática e tecnologias emergentes, tratando da interação humano-computador: Peres (2007) e Leite (2004). Tais pesquisas, em seu conjunto, apontam contribuições que poderão ser utilizadas durante esta investigação sobre os mecanismos de construção da identidade do *Self* no ambiente virtual, especificamente o *chat*, no qual as pessoas, numa certa condição de anonimato, utilizando de *nicknames*, conversam, criam relacionamentos, constroem uma metáfora de espaço virtual (L. Melo, 2004; Lakoff & Johnson, 1980) pelas diversas salas do UOL, estabelecem redes sociais pela frequência e convívio nesses ambientes, ao mesmo tempo em que também exercem formas de manutenção de identidade, nesse contexto cultural, de modo semelhante ao que Goffman (1975/2007) propõe ao tratar das relações sociais do cotidiano em sua *Teoria das Faces* ou da *Representação do Self*.

Dentre as pesquisas citadas anteriormente, esta investigação dá continuidade a alguns aspectos dos estudos realizados por L. Melo (2004), Martins (2004), Oliveira (2007) e França (2008). Os três primeiros (L. Melo 2004; Martins, 2004; Oliveira, 2007) investigaram o ambiente de *chat*, considerando também em suas análises a idéia espaço-corporal dos *Selves* no ambiente virtual, enquanto a última (França, 2008) investigou a relação do *Self* e da identidade no ambiente de Orkut. Assim, nesta pesquisa, estudaremos especificamente as formas de identificação das pessoas no *chat*, através dos *nicknames* e de suas falas, bem como as formas de identificação no perfil do Orkut desses indivíduos e nas entrevistas pessoais que possam ser realizadas com os pesquisados na busca de identificar as formas de representação do *Self* nos ambientes *online*. Dessa maneira, compreendemos o *Self* não como uma unidade

monolítica centrada num corpo encarnado, mas como uma concepção relacional, dialógica que emerge a partir das interações com os outros nos contextos culturais.

É importante destacar neste horizonte de pesquisas realizadas sobre o *chat* e o ambiente interacional da Internet, nos quais nos apoiamos para a efetivação desta tese, as pesquisas realizadas e desenvolvidas pelo pesquisador brasileiro, da UFC (Universidade Federal do Ceará), o professor Júlio César Rosa de Araújo (2006a), cujas investigações apresentadas em dissertação de mestrado e tese de doutorado, focadas nas interações lingüísticas e sociais no *chat* trazem contribuições tanto teóricas quanto metodológicas para este estudo de natureza científica que também realizamos. Sua contribuição teórica permite um olhar do *chat* como extensão das práticas discursivas que realizamos face-a-face através da transmutação de alguns aspectos da oralidade para a escrita. Sua etnografia permite também visualizar caminhos possíveis de pesquisas nos ambientes de *chat* num percurso que pode realizar-se num caminho inverso do virtual para o presencial: a pesquisa tanto *online* (imersão nos *chats*) quanto *offline* (entrevistas presenciais).

As salas de bate-papo (*chat*) na Internet ganham relevância para esta investigação, por apresentarem condições de análise do uso das ‘máscaras’ na construção das identidades, aspecto este tanto presente na noção de carnavalização (Bakhtin, 2004b) quanto no conceito da manutenção das faces sociais (Goffman, 1975/2007). Além disso, há no *chat* uma característica de aproximação da interação face-a-face por ser a escrita sincrônica, forçando os usuários das salas a expressarem textualmente as formas não verbais da fala (principalmente as expressões da face, como ‘estar sorrindo’ ou ‘estar chorando’): as pessoas nos *chats* procuram administrar mais conscientemente as faces sociais, na medida em que escolhem que expressões faciais querem apresentar, tanto através dos *emoticons* quanto através das abreviações produzidas.

O ambiente de *chat* tem evoluído de forma sempre crescente, utilizando prioritariamente a escrita e principalmente alguns elementos gráficos para representação de faces (*emoticons*<sup>1</sup>) como forma de comunicação desde os BBS (*Buletin Board Systems*), das versões dos IRCs (*Internet Relay Chats*), dos *webchats*<sup>2</sup> aos ambientes gráficos mais

<sup>1</sup> *Emoticons*: Do inglês *emoticon* que corresponde a junção de duas palavras: *emotion* (emoção) e *icon* (ícone) podendo ser traduzido como *ícones da emoção*. Inicialmente foi utilizada através de traços tipográficos pelos próprios usuários desses ambientes interativos, representando expressões faciais: *sorrindo* → :) , *triste* → :( , *chorando* → :( , etc. Foram bastante utilizados nos primeiros tipos de *chat*, como BBS, IRCs, embora ainda estejam em uso nos *webchats* e nas versões mais modernas como MSN, ICQ, Googlechat, etc., estes tipos que já disponibilizam *emoticons* prontos como *sorrindo* → 😊 , *triste* → ☹ , *chorando* → 😭 , etc.

<sup>2</sup> *Webchats*: sítios eletrônicos que hospedam *chats*, como UOL, TERRA e IG, no Brasil como os mais populares, oferecendo diversas salas temáticas.

sofisticados como o *Palace*<sup>3</sup>, a princípio, e o *SecondLife*<sup>4</sup>, mais recentemente. Nestes dois últimos (*Palace* e *SecondLife*) destacamos o fato de que a forma de representação dos usuários não se faz simplesmente com os *nicknames* (apelidos), mas sim através de *avatars* que são elementos gráficos e/ou textuais que representam as pessoas na Realidade Virtual (Kolko, 1999). Comumente os *avatars* são reconhecidos como figuras ou ícones gráficos representando seres humanos, ficcionais, mitológicos e que no ambiente *online* correspondem a um usuário que o está utilizando para se expressar e “existir” nesse contexto tecnológico, a fim de que ocorra a interação.

A seguir faremos uma breve caracterização desses programas para uma apreciação da evolução dos mesmos em relação às formas de representação do usuário e interação.

No ambiente de conversação *online*, como o IRC, por exemplo, os usuários são representados pelos *nicknames* (fig. 1), listados na coluna à direita da tela do computador:



Figura 1: Sala Brasil do canal Undernet via programa mIRC

<sup>3</sup> *Palace*: uma das primeiras comunidades multimídia na Internet, criada em 1995 por Jim Bumgardner, ele baseia-se na arquitetura cliente/servidor: os usuários executam em suas máquinas um programa cliente, que irá acessar, através da rede, diferentes servidores. Os servidores mantêm um ambiente consistente para os usuários que utilizam os recursos disponíveis como salas diversas, os balões de falas e os avatares para se apresentarem e realizarem as conversações (Guimarães Jr, 1999).

<sup>4</sup> *SecondLife*: (“Segunda Vida”) é uma versão mais recente do Palace e de alguns games online. Trata-se de um espaço virtual que simula 3D, habitado por representações de pessoas físicas ou jurídicas. As pessoas se fazem representar através de *avatars*; as pessoas jurídicas através de representações gráficas de lojas, escritórios, salas e salões, bares, ilhas, propriedades diversas; os ambientes gráficos se aproximam bastante dos games (Santaella, 2007, p. 422).

Verifica-se que a interface gráfica do IRC (fig.1) é semelhante ao do *webchat* do UOL (fig. 2), quanto à localização espacial dos usuários (à direita da tela, listando-se os *nicknames*) e quanto à localização dos textos públicos (quadro maior, na coluna central). No entanto, a interface gráfica do *webchat* do UOL oferece um ambiente mais amigável, disponibiliza outros recursos, como diversos *emoticons* e arquivos de sons (formato *‘.midi’*) além de dispensar a instalação de um programa no computador do usuário, ou seja, o acesso ao *webchat* é realizado através dos endereços da web, utilizando-se apenas o navegador da Internet (*browser*). Vejamos a seguir os *emoticons* disponíveis e o uso desses elementos gráficos no quadro das falas, como forma de representação do usuário:

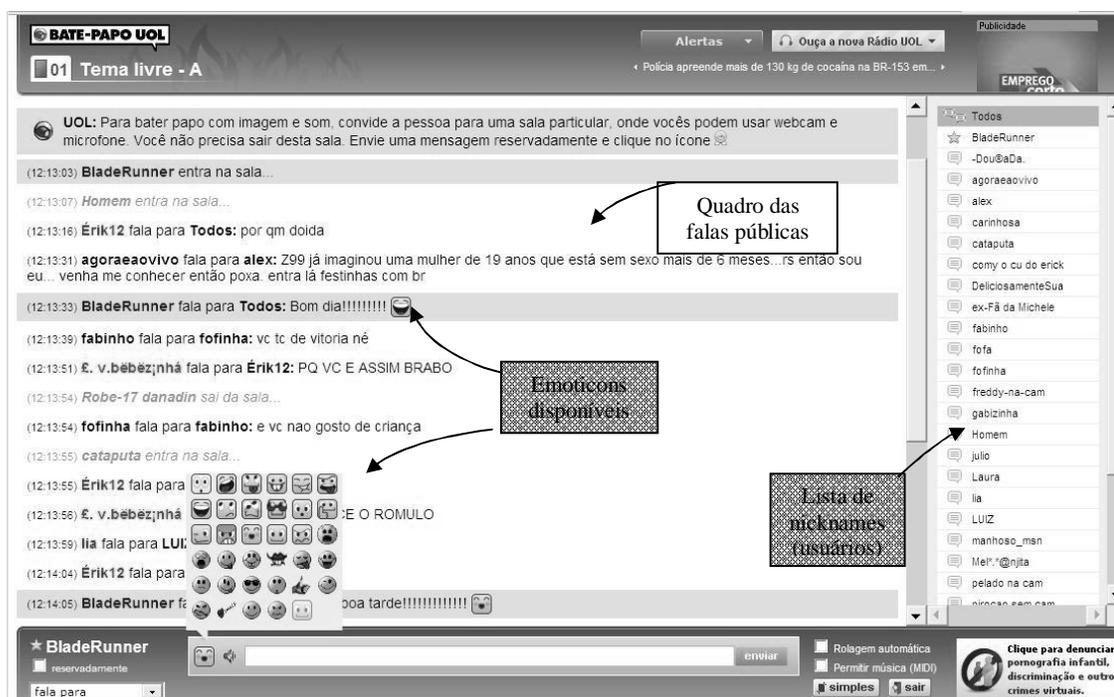


Figura 2: Sala Tema livre-A/01 via *website* do UOL

Estes *emoticons* do chat do UOL são utilizados apenas quando o usuário assim o deseje, fornecidos pela interface gráfica que disponibiliza ‘faces’ diversas (expressões faciais de sorriso, espanto, raiva, piscar o olho etc.) ou movimentos genéricos como o gesto de OK e o de beijo (dois lábios unidos junto com a palavra SMACK). A predominância de elementos comunicativos é discursiva, através dos textos com as suas características específicas desse ambiente social (Oliveira, 2007).

Quanto aos programas *Palace* (fig. 3) e *SecondLife* (fig. 4) apresentados a seguir, temos que ambos se mostram semelhantes ao IRC (fig. 1) no que diz respeito à instalação de um programa no computador do usuário, procedimento pelo qual o usuário se conectará com

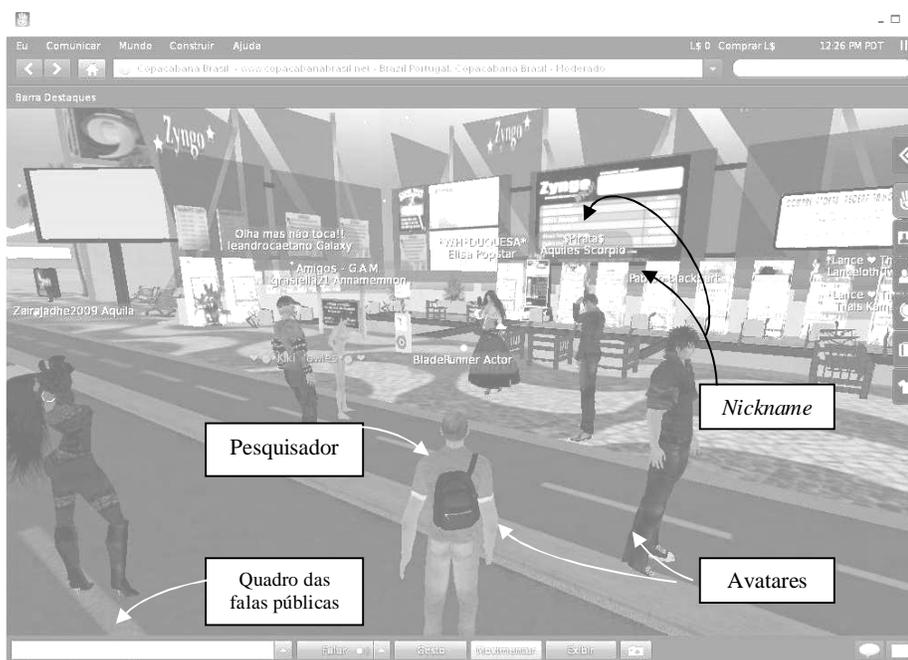
o servidor *online*. Mas tanto o programa *Palace* quanto o *SecondLife* apresentam diferenças em relação ao IRC, no que diz respeito à interface gráfica, por serem muito mais sofisticados, oferecendo um design mais atraente com figuras de fundo de tela e *emoticons* mais personalizados, além de exigirem suportes maiores da máquina (computador) quanto à resolução de tela, velocidade de processadores etc.:



**Figura 3:** Ambiente *Sunrise* através do programa *Palace*

Através de imersão etnográfica, como observador-participante, verificamos um nível mais elevado do *SecondLife* (fig.4) em relação ao ambiente do antigo *Palace* (fig.3), tanto na interface gráfica como nos recursos multimídia: sons, imagens dinâmicas e até apresentação de vídeos. Os *avatares* do *SecondLife* tem uma representação muito mais próxima do corpo humano do que os *emoticons* do IRC e dos ou até mesmo dos *emoticons* do *Palace*, pois neste último os *avatares* se apresentam estáticos (apenas como imagens ou fotografias de corpo humano). No *SecondLife* os *avatares* ‘dançam’, ‘andam’, ‘correm’, ‘pulam’, ‘flutuam’, entre outros movimentos simuladores do corpo humano, permitindo a sensação de que os *avatares* circulam e estão mergulhados no ambiente virtual, podendo-se ter uma visão de 360 graus dentro do design gráfico. Na figura 4, um dos ambientes do *SecondLife*, ocupado por

diversos avatares e seus *nicknames* (o pesquisador desta tese está de costas com uma mochila):



**Figura 4** Ambiente *CopacabanaBrasil* via programa *SecondLife*

Observamos que no *SecondLife* o usuário tem a seu dispor vários recursos e ferramentas para melhor representação de si mesmo no ambiente virtual, tendo ainda uma interface gráfica semelhante aos jogos eletrônicos (games), cujos ambientes são móveis e o usuário pode controlar o movimento do *avatar* (personagem que *incorpora*) através de gestos de mãos, pés, olhos, boca, enfim, do “corpo inteiro”.

Mesmo assim os *webchats* (*chats* como o do UOL, do IG, do TERRA, por exemplo) tem sido os mais freqüentados pela facilidade e comodidade por parte dos usuários que apenas precisam acessar a página na Internet que oferece as salas de bate-papo, “vestir sua roupa”, “encarnar” um personagem, ou seja, escolher um *nickname* (apelido) e entrar no *chat* para conversar com as outras pessoas que ali se encontrem, sem a necessidade de qualquer instalação de programas em seu computador, como nos programas IRC, *Palace* e *SecondLife*. Em razão dessa popularidade dos *webchats*, optamos por estes ambientes como campo de pesquisa etnográfica.

O IRC necessita que seja instalado um programa no computador para realizar a conexão e o *SecondLife* necessita, além de instalação de programa específico, que o

computador do usuário tenha uma boa configuração de velocidade e de memória a fim de que ocorra uma melhor performance no ambiente gráfico. Além disso, o *SecondLife* exige bastante atenção por parte do usuário para construir seu *avatar*, escolher os acessórios adequados para “vestir-se” assim como utilizar os recursos disponíveis (uso do comércio eletrônico, sentido de direção e movimentos, teclas e funções específicas para movimentos corporais, etc.) para que possa locomover-se para as *ilhas* e *países* que são os diversos ambientes onde ocorrem espetáculos, congressos, festas, encontros e outras atividades sociais nesse contexto virtual. Em razão disso, o IRC e o *SecondLife* demonstram ter perdido o interesse e a procura por parte da maioria dos usuários da Internet que buscam os ambientes de bate-papo em comparação com os *webchats* (*chats* como o do UOL, do IG, do TERRA, por exemplo).

Os *chats* são “espaços” onde ocorrem trocas discursivas em tempo real, portanto de forma síncrona, prioritariamente textual, e se tornam o lócus atrativo para adolescentes e adultos, com interesses vários, desde literatura e religião à romance e pornografia, de rock e futebol a encontros e fetiches, constituindo-se num ponto de convergência de pessoas conectadas à Web, onde é possível construir relacionamentos e realizar trocas discursivas. Nas práticas de Ead (Educação à Distância) com seus Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), tem sido utilizados como espaço pedagógico (Freitas, Faria, Araújo). Assim, os *chats* permitem realizar uma interação pela interface gráfica do computador possibilitando a representação das pessoas (*Selves*) através do *nickname*, de elementos gráficos e da linguagem (gêneros, temas, estilos, falas).

O referencial primeiro que adotamos é da carnavalização bakhtiniana como um princípio estético do mundo no qual o uso das máscaras, dos ambientes públicos e abertos, do predomínio do riso no discurso e expressões em geral bem como a ênfase no baixo corpóreo, dentre outras características. Tal princípio prevalece demarcando o comportamento das práticas sociais nas salas de bate-papo na Internet e é a partir de tal filtro de observação que pretendemos observar e identificar como ocorre as formas de representação do *Self* nesses ambientes. A abordagem de Bakhtin para o carnaval decorre de seus estudos literários dos romances de Rabelais e Dostoievski, cujas decorrências extrapolam a análise literária e assumem características filosóficas, estendendo-se para vários aspectos da vida, inclusive para o campo acadêmico das ciências humanas, pela proposta do dialogismo com as noções de *carnavalização*, *polifonia*, *heteroglossia* e *relação Eu-Outro*.

Em decorrência do uso dos *nicknames* como uma característica dos *chats* de anonimato das pessoas, também utilizaremos os conceitos da Teoria das Faces de Goffman (1975/2007), os quais propõem a idéia de controle das faces (máscaras) referenciando-se na dramaturgia a fim de entender o gerenciamento da identidade no cotidiano e nos lugares públicos, quando ocorrem os encontros sociais. Embora a abordagem da pesquisa seja dialógica, pela proposta bakhtiniana de carnavalização e disso decorrente, torna-se um desafio conciliar os dois teóricos ao tratar do diálogo e da conversação, mas que admitimos ser possível, por se identificar em pontos de convergência entre Bakhtin e Goffman na relação Eu-Outro para a construção do diálogo no contexto social.

Assim, pretendemos aplicar uma abordagem metodológica da etnografia virtual que denominamos por *etnometodologia virtual*, considerando as bases conceituais do termo ‘etnometodologia’ de Garfinkel (1967) como o estudo das *características indexicais e do conhecimento comum*<sup>5</sup> construídos pelos membros de uma comunidade na vida cotidiana (Garfinkel, 1967, p. 1-3 e 11) aplicados aos ambientes online, da Internet. Nos inspiramos em Thomsen, Straubhaar e Bolyard (1998), em Hine (2000) e em Greiffenhagen e Watson (2005) para utilizar e denominar a ‘etnometodologia virtual’ como um escopo investigativo mais amplo que envolve a etnografia virtual, mas que se antepara num enquadre epistemológico, e nesta tese escolhemos o Dialogismo.

Apresentaremos revisão teórica das noções de carnavalização de Bakhtin ao estudar os romances de Rabelais e Dostoievski. Tais referências teóricas extraídas da análise literária têm característica filosófica pelas considerações de Bakhtin, estendendo-se para vários aspectos da vida, inclusive para o campo acadêmico das ciências humanas, pela proposta do dialogismo com as noções de carnavalização, polifonia, heteroglossia e relação Eu-Outro.

A proposta desta investigação é aplicarmos as noções da carnavalização para o contexto de estudo dos *chats*, acrescentando novas observações para o entendimento da interação humana nesse ambiente a partir do referencial adotado.

---

<sup>5</sup> Garfinkel (1967) destaca em seu modelo etnometodológico a indexicalidade pode ser concebida como índices de expressão social e localmente construídas a partir das práticas sociais, através de narrativas e gestos que se tornam abreviados, encapsulando significados social e historicamente construídos pelos membros da comunidade.

## 1.2 Objetivos gerais

A partir da questão ‘*Que estratégias, atendendo aos princípios da carnavalização, as pessoas utilizam para se representarem nos chats?*’ nós realizamos, então, a presente pesquisa científica no campo das ciências humanas.

Pretendemos utilizar da etnometodologia virtual como recurso investigativo através da observação participativa nas salas de bate-papo do UOL a fim de se atingir os objetivos gerais desta pesquisa: verificar o comportamento dos participantes nesses *chats* no que diz respeito aos procedimentos de autorepresentação, estendendo-se para as redes sociais virtuais (Facebook, Twitter, Orkut etc.), identificando características de permanência e impermenência, mas que constituem ainda assim formas de representação do mesmo *Self*, numa perspectiva de carnavalização bakhtiniana.

Como problemas que emergem nesta investigação verificaremos: (1) como emergem os momentos de carnavalização nos ambientes de *chats* públicos e (2) como se realizam as relações de continuidade/descontinuidade do *Self* representado, dentro dos *chats* e em relação a outros ambientes online (Youtube, Twitter, Facebook etc).

Durante a pesquisa etnográfica pretendemos verificar a seguinte proposição inicial que estabelecemos a seguir:

Hipótese: O princípio da carnavalização bakhtiniana pode ser assumido como um caráter determinante do ambiente *online* na Internet, especificamente nas salas de bate-papo, e é através desse princípio, como estética de significação da existência e do mundo, que o *Self* se faz representar e se comportar.

Defendemos como hipótese, portanto, que a carnavalização é uma ‘visão de mundo’, uma ‘percepção de mundo’, um ‘caráter universal’, ‘um estado peculiar do mundo’ (Bakhtin, 1987, p. 5-6), uma ‘grande cosmovisão universal’ (Bakhtin, 2004b, p. 235) que assim admitida, como estética ontológica e epistemológica, assume ser a “(...) própria vida apresentada com os elementos característicos da representação” (Bakhtin, 1987, p. 6) ou como afirma: “não se trata de uma ideia abstrata, senão de uma vívida percepção do mundo que se manifesta nas formas vividas e representadas de uma ação sensorialmente concreta” (Bakhtin, 2004b, p. 181).

Assim, estendemos essa estética para os ambientes de bate-papo na Internet, admitindo que o *Self* atua neste espaço social através de representação conforme os princípios da carnavalização bakhtiniana.

### 1.3 Unidade de análise

A unidade de análise é constituída pelas diversas formas de identificação do *Self* no ciberespaço, que será observada pelos objetos de estudo: o uso dos *nickname* e as trocas discursivas nas salas de bate-papo do UOL, bem como dos respectivos perfis no Orkut desses usuários da salas de bate-papo. Buscaremos, portanto, verificar como as pessoas podem utilizar diversas representações para se apresentar no ambiente *online*, e optamos por analisar estas representações da pessoa em dois ambientes comunicativos da Internet: na sala de bate-papo do UOL ([www.uol.com.br](http://www.uol.com.br)) e no Orkut. Estaremos observando se ocorrem mudanças nessas formas de representação da pessoa em um ambiente e noutro, considerando-se que se constituem em manifestações do *Self* nos espaços sociocomunicativos da Internet provocando interações diversas, através de trocas discursivas e dos *nicknames* utilizados.

Assim, tomaremos como objetos de estudo os enunciados como formas de representação de si mesmos (representação do *Self*):

- o *nickname* dos usuários do UOL, utilizado como um dos processos através do qual a pessoa se representa em ambientes *online*;
- as falas dessas pessoas nas salas de bate-papo do UOL;
- as características do perfil nas redes sociais (Orkut, Facebook etc.) dos usuários que participam das salas de bate-papo do UOL.

Vejamos alguns exemplos dessas formas de representação da pessoa nos dois ambientes (UOL e Orkut):

**Quadro 1: objetos de estudo dos *nicknames* no UOL e Orkut**

<b>Exemplo</b>	<b>Sala de bate-papo UOL (Sala Tema Livre 1)</b>	<b>Orkut</b>
1	Feinha	(FEINHHA) Greise Tonon
2	SEU CREYSO ou MULEQUE	λ¥¥Nelsonλ□¥λ□¥λ . ou .HA MULEQUE .
3	Cristal	»♥« P®ëç;öšä ©®;§†ä£ »♥«

**Fonte:** Sala de bate-papo do UOL (Tema Livre 1) e Orkut

Nos casos 1 e 2 acima é possível verificarmos que a pessoa utiliza *nicknames* semelhantes ou idênticos tanto na sala de bate-papo do UOL quanto no Orkut, enquanto que

no caso 3 temos um mudança radical nos *nicknames* utilizados em ambos ambientes. Essa construção de diversas formas representacionais de si mesmo no ambiente da Internet, a princípio tomando como foco de estudos a sala de bate-papo do UOL e o ambiente de Orkut, constitui-se a unidade de análise desta pesquisa, procurando identificar esse tipo de comportamento para a criação e manutenção das faces na Internet. Utilizamos como ponto de partida os dados do chat por constituem expressões imediatas no contexto das conversações e interações online, a partir das quais realizamos a rastreabilidade das autorepresentações das pessoas em outros ambientes virtuais para a identificação de como constroem suas representações de Self (continuidade e/ou permanência).

## **2. Concepções teóricas: *Self* Dialógico, Carnavalização (Bakhtin) e Dramaturgia (Goffman)**

---



## 2.1 Por uma noção dialógica do *Self*

Analisando a origem e concepções do termo '*Self*' observamos como essa terminologia em Psicologia apresenta uma certa generalização e ambigüidade, não se tendo uma definição consensual porque dependerá das várias tradições teóricas em que se utilize o termo (Stam 2006). O referencial teórico que direciona a noção de '*Self*' poderá vir desde uma abordagem humanista a uma psicanalítica em Psicologia, ou mesmo originar-se das áreas de Sociologia, da Filosofia e de Psicologia Social, assim podendo apresentar-se teoricamente de maneira diferente<sup>6</sup>.

Considerando como referência central, nesta tese, o dialogismo bakhtiniano, no qual a concepção da subjetividade está intrinsecamente associada aos aspectos desenvolvimentais e socioculturais, poderemos encontrar na literatura de Psicologia pesquisadores que se afastam completamente dessa abordagem, como Brinthaupt e Lipka (1992) que realizam revisão teórica do *Self* apresentando os vários modelos adotados na Psicologia, Ashmore (1997) que associa o *Self* à noção de identidade, bem como diversos outros pesquisadores que constroem conceitos numa dada perspectiva do desenvolvimento (Harter, 1999; Leary & Tangney, 2003; Elliot, 2008).

Por outro lado, aproximando-se e/ou assumindo uma perspectiva do dialogismo como episteme teórico-investigativa encontraremos crescente número de investigadores na Psicologia contemporânea que estudam o *Self*, da abordagem desenvolvimentista à psicoterapêutica, resgatando as bases conceituais de Wiliam James e de George Mead, inclusive, para dar conta de vários constructos teóricos sobre a origem, constituição e desenvolvimento da subjetividade e intersubjetividade humana, como Herbert Herman, Jan Valsiner, Alan Fogel, Maria Lyra, Ivana Marková, Ragnar Rommetveit, Per Linerl e João Salgado, dentre outros, que apresentaremos a seguir. Tenho em mente que esse último grupo de pesquisadores espalhados em diversos centros do mundo, juntamente com outros de várias áreas do conhecimento, além da Psicologia, como Gary Morson e Caryl Emerson (1989, 2008), Michael Holquist (1990), Sue Vice (1997) forma uma vasta rede de pensadores

---

<sup>6</sup> Stam (2006, p. 100) analisou o banco de dados do *PsycINFO* e encontrou os seguintes resultados: de 1967 a 1983 foram registrados 45.559 referências para o termo '*the self*'; de 1984 a meados de 2005 foram registrados 194.161 arquivos. Desse total observou-se 41 termos diferenciados para a expressão '*self*': *self care*, *self stimulation*, *self talk* etc. Outras adjetivações são constantemente incorporadas ao termo '*self*' configurando-se em outras especificações conceituais como '*self pontual*', '*self substantivo*', '*self relacional*', '*self plural*' etc.

contemporâneos que constroem e reconstróem o dialogismo. Denomino este grupo de pesquisadores em Ciências Humanas e Sociais como “rede de dialogismo contemporâneo”.

Dessa forma, para uma compreensão dialógica do *Self*, torna-se necessária revisão de literatura específica, a partir da qual será possível construirmos uma base epistemológica que sustente a noção de carnavalização no estudo da representação do *Self* nos ambientes virtuais, razão porque recorreremos aos resultados de pesquisas da “rede de dialogismo contemporâneo”, bem como das considerações clássicas da Psicologia apresentadas por William James e George Mead, bem como as noções básicas do dialogismo propostas por Mikhail Mikhailovic Bakhtin.

### 2.1.1 William James

A noção de ‘*Self*’, contudo, embora suas variações conceituais decorrentes das matrizes teóricas que a influencia esteve sempre associada ao senso comum ou sentido geral de ‘consciência’, de ‘personalidade’, “individualidade’ ou de ‘identificação do EU’. Influenciada fortemente por William James com o ‘senso de identidade pessoal’ (Stam, 2006, p. 102; James, 1890/2007, p. 330) a Psicologia Moderna e Ocidental atribuiu a concepção de ‘*Self*’ ao sentido do ser consciente e da continuidade dessa consciência ao longo do tempo (o senso de ser EU numa dimensão espaço-temporal e cultural, guardando sua identidade, memórias e historicidade, envolvendo tanto o aspecto de *mudança* quanto de *permanência*); tal concepção difere daquela oriunda da Filosofia ou de outras abordagens que podem considerar o ‘*Self*’ como uma estrutura transcendental ou atributo do Espírito humano, algo fora do corpo, além das tentativas da abordagem do sentido do EU: Descartes com o ‘*Eu penso, logo existo*’ e a dicotomia alma[mente]-corpo; Kant e a noção do ‘sujeito transcendental’ através da qual os objetos são apreendidos pela sensibilidade cognoscente. Stam (2006, p. 103) critica, assim, tanto um reducionismo quanto uma abordagem meramente funcional para responder às questões ‘*o que significa ter um Self?*’ ou ‘*como um Self aparece?*’.

Hernans (1987, 2001) revisitou os conceitos de William James (1890/2007) a fim de fortalecer sua teoria bakhtiniana de *Self Dialógico*, a partir da clássica distinção entre **I**(EU) e **ME** (MIM). Hermans considera que **I**(EU) utilizado por James é o ‘*Self- conhecedor*’ com as características de *continuidade, distinção e volição*, e percebe o **ME** (MIM) como o ‘*Self- conhecido*’ com as características dos elementos empíricos que são considerados como

pertencentes a si mesmo<sup>7</sup>. Para Hermans (2001, p. 244-245) a perspectiva de James é a do *Self-empírico (Self-vivencial)* formado também de tudo aquilo que a pessoa pode atribuir como sendo ‘meu’ ou ‘minha’, ou seja, nesse sentido outras pessoas e coisas num ambiente passam também a constituir o *Self*, tornado-se uma concepção de *Self-estendido* ou de *Self-expansivo*. De fato, James (1890/2007, p. 292) configurou o *Self* em quatro partes:

1. o *Self-material* que representa tanto o próprio corpo da pessoa quanto todos os objetos que lhe constituem domínio ou propriedade;
2. o *Self-social*, originado do reconhecimento de si pelas outras pessoa;
3. o *Self-espiritual*, caracterizado pela subjetividade ou pelas faculdades psíquicas concretas (vontade, memória, raciocínio); e o
4. *ego puro*, concebido pela sensação mais profunda de ser um ‘Eu’ que permanece ao longo do tempo (‘*sameness*’), mesmo com as mudanças. Nesse sentido se pode dizer: “*EU sou hoje o mesmo EU que fui ontem*”<sup>8</sup>

Para Santos e Gomes (2010, p. 354) as três primeiras partes formam o “MIM” da configuração jameseana do *Self* (o ‘*Self-conhecido*’ = **ME**), enquanto que a quarta parte, o *ego puro*, constitui o “EU” (o ‘*Self-conhecedor*’ = **I**). Assim, a concepção de *Self* tem um sentido flutuante, amplo, na medida em que também envolve tudo o que alguém poderia chamar de ‘meu’/‘minha’. Pode-se afirmar, com base na configuração de James, que o conceito de *Self* engloba não apenas tudo aquilo que diz respeito a MIM, mas também tudo aquilo que é também MEU, no sentido de pertences, relações e qualidades pessoais. O *Self* seria, nessa perspectiva, constituído de vários *selves* (‘EUs’), desde o *Eu-como-corpo (Self-material)*, o *Eu-como-socialmente-conhecido (Self-social)* a um *Eu-profundo (Ego puro, ‘samenes’)*, apresentando tanto um estatuto de permanência quanto de mudança ao longo do tempo.

Concordamos que para James as várias partes do *Self* são mantidas juntas através de um “EU” (“**I**”) distinto e ao mesmo tempo volitivo, o que garante a identidade de si mesmo

<sup>7</sup> Há uma proximidade na língua inglesa entre o uso do **ME** (pronomes pessoais do caso oblíquo na primeira pessoa do singular, como complemento verbal: ‘*She loves me*’- *ela me ama*) e do **MINE** (*possessive pronouns* que na gramática inglesa pode substituir um substantivo com sentido de posse: ‘*she is my girl*’ = ‘*she is mine*’). James afirmará que é muito difícil traçar o limite entre o que chamamos de **ME** (a mim, EU) e **MINE** (meu, minha), porque a noção de *Self* não envolve apenas a construção pessoal de uma identidade individual, mas um processo que se amplia para além de si mesmo em relação a tudo aquilo pertencente à pessoa: ‘*We feel and act about certain things that are ours very much as we feel and act about ourselves. Our fame, our children, the work of our hands, may be as dear to us as our bodies are, and arouse the same feelings and the same acts of reprisal if attacked.*’ (James, 2007, p. 291)

<sup>8</sup> James (1890/2007, p. 332)

através de um horizonte temporal (*'sameness'*), podendo ser compreendido como um *modelo organizador unificado* responsável por constituir os diversos aspectos do **ME** como partes de um fluxo contínuo da consciência pessoal (Hermans, 2001, p. 246-247); então é uma perspectiva não somente de um *Self* unitário (*Self*-individual), mas ao mesmo tempo, constituído de múltiplos *selves* (*Self*-social) como afirma James<sup>9</sup>: “*Um homem tem tantos selves sociais quantos são os indivíduos que lhe reconhecem e carregam uma imagem dele em sua mente*”.

Essa visão entre o *Eu-para-mim* e o *Eu-imaginado-pelo-outro* permeia toda a teoria psicológica de James para o entendimento do *Self* como um sistema complexo que envolve, então, a noção do *Outro* para a compreensão do *Si Mesmo*. Além disso, há que se observar em sua teoria a idéia de continuidade e descontinuidade do EU visualizada pelas mudanças pessoais ocorridas ao longo do tempo e concomitantemente por uma permanência de um sentido de identidade pessoal, num intrincado e complexo movimento subjetivo e intersubjetivo de permanência e impermanência (mudança-estabilidade). Hermans<sup>10</sup> defenderá essa tese afirmando que “a continuidade do *Self-como-conhecedor* é caracterizada por um senso de identidade pessoal, isto é, um senso de permanência através do tempo”, sustentando a idéia de que James compreendia tanto uma continuidade no fluxo dos pensamentos quanto uma capacidade agenciadora de criar descontinuidade (Hermans, 1999, p. 69). O *Self*, assim, assume várias posições no espaço-tempo (*I-positions*) conforme as situações sociais e as considerações dos outros a seu respeito (**ME**) tanto quanto a idéia mantenedora que se vai construindo de si mesmo (**I**). Essa concepção de um *Self* descentralizado de seu corpo (do apenas Si-mesmo), desvinculada de uma questão orgânico-cerebral (concepção individualizada) ou de pura abstração metafísica (subjetivismo abstrato) caminha em direção a uma noção mais ampla (*Self* social) que vai ser retomada, posteriormente, por outros teóricos da Psicologia e da Filosofia, ou mesmo concomitantemente, em outros centros acadêmicos do mundo, a do *Self* dialógico<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> James ([1890] 2007, p. 310): “*A man has as many social selves as there are individuals who recognize him and carry an image of him in their mind.*” [Tradução minha no texto]

<sup>10</sup> Hermans (op. cit., p. 244): “*The continuity of the self-as-knower is characterized by a sense of personal identity, that is, a sense of sameness through time.*” [Tradução minha no texto]

<sup>11</sup> Nas obras de Mead, Büber, Vigotski e de Bakhtin, entre outros, encontramos considerações sobre a relação **Eu-Outro** para a compreensão do *Self*, sem que os autores tenham feito referências mútuas em suas obras. Podemos exemplificar com os textos de Mead (*Self Social*), de Büber (*Eu e Tu*), de Vigotski (*A formação social da mente*), de Bakhtin (*Problemas da poética de Dostoiévski*).

### 2.1.2 George Mead

George Mead (1934) foi outra voz, dentro da Psicologia Social, que teorizou a respeito do *Self* revisitando inclusive James a respeito do **I** e do **ME**, e contribuindo também para uma visão descentralizada do *Self* no ‘si mesmo’ (pessoa, indivíduo) em direção a uma concepção mais ampla estendida para o ‘outro’ (*Self* social). Esse conceito de um *self* como um processo social, compõe-se de duas fases distintas: o EU e o MIM. O EU é a parte comportamental do *self* e consiste na reação do organismo às atitudes dos outros; o MIM é a série de atitudes organizadas dos outros que cada pessoa adota:

Eu tenho o compromisso de distinguir entre o “EU” e o “ME” como diferentes fases do Self, o “ME” responde às atitudes organizadas dos outros para os quais nós definitivamente nos assumimos e conseqüentemente determinamos nossa conduta na medida em que isto é uma característica de auto-consciência. Agora o “ME” pode ser relacionado como dando forma ao “EU”. A novidade vem na ação do “EU”, mas a forma, a estrutura do Self é aquela que é convencional.<sup>12</sup>

Percebe-se que o EU é todo autoreflexivo, autoconsciente, organizando as várias faces sociais (ME). Nesse sentido, Mead aproxima-se ou apropria-se de James quanto ao ‘*Self-conhecedor*’ (I / EU) e quanto ao ‘*Self-conhecido*’ (ME / MIM): o ‘EU’ refere-se ao sujeito que realiza a ação com o distintivo de certa autonomia, enquanto que o ‘MIM’ se refere ao *Self* como objeto de si mesmo, obtido pela interação com o Outro (Goulart & Bregunci, 1990, p. 53; Silva, 2007, p. 85-86). Essa característica de refletividade sobre si mesmo (autoconsciência) é defendida por Mead (1934) para a noção de *Self* que é ao mesmo tempo sujeito e objeto de sua própria análise, e que somente emerge no contexto social pela interação com o outro:

---

<sup>12</sup> Mead (1934, *Chapter III [The Self]*: Section 28, Section 27, The Contributions of the "me" and the "I" [p. 209]): *I have been undertaking to distinguish between the "I" and the "me" as different phases of the self, the "me" answering to the organized attitudes of the others which we definitely assume and which determine consequently our own conduct so far as it is of a self-conscious character. Now the "me" may be regarded as giving the form of the "I."* The novelty comes in the action of the "I," but the structure, the form of the self is one which is conventional.’ [tradução minha no texto]

É a característica do self como um objeto para si mesmo que eu desejo apresentar. Esta característica é representada pela palavra “self”, a qual é reflexiva, indicando que ela pode ser tanto sujeito quanto objeto.<sup>13</sup>

O self, o qual pode ser objeto de si mesmo, é essencialmente uma estrutura social e surge na experiência social. Após surgir, em certo sentido, provoca para si experiências sociais e então podemos conceber um self absolutamente solitário. Mas é impossível conceber um self fora da experiência social.<sup>14</sup>

Observamos, portanto, que Mead dá ênfase ao aspecto da experiência social, da relação Eu-Outro a fim de que o *Self* possa emergir, tanto como sujeito com o estatuto de uma identidade que se diferencia de qualquer outro no contexto social em que se encontra, quanto como objeto de si mesmo, quando pensa a respeito de si e somente assim o faz utilizando o referencial do outro sobre si mesmo, num processo de construção permanente. Essas posições de estar como sujeito e como objeto de si mesmo realizam-se na experiência social (tanto consigo mesmo quanto com o outro), revelando os aspectos do EU (**I**) e de tudo aquilo que se refere a MIM (**ME**) como fases do *Self*. Para Mead o *Self* não nasce com o indivíduo, não está no seu corpo, mas emerge e surge através do processo de interação social, porque caracteriza-se como um processo, como algo que apresenta um desenvolvimento (Mead, 1934, p. 135).

Em 1913 Mead apresentou artigo (*The Self Social*) no *Journal of Philosophy, Psychology and Scientific Methods* sintetizando suas idéias sobre a emergência do *Self* a partir do contexto social em que os seus elementos constituintes (**I** e **ME**), anteriormente tratados por William James, foram revisitados e apresentados na versão de sujeito e objeto: quando o indivíduo age e atua em relação ao outro, no contexto social, imprimindo um caráter autoral, temos a presença do *Eu-come-sujeito* (**I**) e quando simplesmente responde ao outro afetado por sua conduta social que reflete o contexto social, ou seja, quando responde ao outro pela imagem que o outro tem de si mesmo, temos a presença do *Eu-come-objeto* (**ME**). Ainda neste primordial texto é estabelecida as primeiras considerações de Mead sobre a

<sup>13</sup> Mead (1934, *Chapter III [The Self]*: Section 28, Section 27, The Contributions of the "me" and the "I" [p. 136]): “It is the characteristic of the self as an object to itself that I want to bring out. This characteristic is represented in the word "self," which is a reflexive, and indicates that which can be both subject and object.” [tradução minha no texto]

<sup>14</sup> Mead (1934, *Chapter III [The Self]*: Section 28, Section 27, The Contributions of the "me" and the "I" [p. 140]): “The self, as that which can be an object to itself, is essentially a social structure, and it arises in social experience. After a self has arisen, it in a certain sense provides for itself its social experiences, and so we can conceive of an absolutely solitary self. But it is impossible to conceive of a self arising outside of social experience.” [tradução minha no texto]

importância da linguagem, a existência da multivocalidade dos *selves* e a questão ético-valorativa (axiologias<sup>15</sup>) das decisões pessoais na constituição do *Self*.

Importante registrar que Mead escreveu ainda outras obras de grande impacto na Psicologia e na Filosofia, dentre as quais destacamos *The Philosophy of the Present* (1932) e *The Philosophy of the Act* (1938), as quais desenvolveram vários dos aspectos pontuados naquele texto de 1913, ampliando-os para uma estrutura teórica que o tornou reconhecido como filósofo do Pragmatismo<sup>16</sup> ou mesmo do Interacionismo Simbólico<sup>17</sup>.

Em *The Philosophy of the Present*<sup>18</sup> Mead defendeu a ideia do tempo presente como lócus para a emergência do *Self* com a inclusão do “outro generalizado”, cunhando tal termo como o conjunto das normas e valores culturais amplamente aceitos que nos servem de referência para avaliarmos a nós mesmos e respondermos ao outro. Posteriormente, em 1934, ampliou a discussão na sua clássica obra *Mind, Self and Society*<sup>19</sup>, na qual é possível compreendermos que esse “outro generalizado” torna-se internalizado como múltiplas vozes sociais para a constituição específica do **ME** que é a representação convencional do *Self*.

Em *The Philosophy of the Act* (1938) Mead abordou outras questões que fundamentaram sua teoria do *Self* social, através das observações sobre a percepção humana e suas relações com as coisas, sobre os aspectos espaçotemporais da experiência imediata, sobre os valores e a estética, assim construindo uma estrutura filosófica e psicológica a respeito do Ato Humano. A atividade humana revela-se não apenas como uma reação orgânica, de caráter sensitivo aos estímulos externos e internos, mas como característica também valorativa (axiológica, tomando o termo no sentido bakhtiniano) refletindo aspectos cognitivos, sociais e culturais. Para Mead, o *Self* surge no ato social sendo derivado dos processos interacionais entre os indivíduos (1938, p. 75) e, mais precisamente, o indivíduo torna-se um *Self* no

---

<sup>15</sup> **Axiologia:** (do grego **ἀξιος** valor, dignidade + **λόγος** estudo, tratado). Etimologicamente significa "Teoria do valor", "estudo do valor" ou "ciência do valor". Nesse trabalho acadêmico o termo estará sendo utilizando como sinônimo de valorativo, o que diz respeito aos valores de uma sociedade.

<sup>16</sup> **Pragmatismo:** constitui uma escola de filosofia estabelecida no final do século XIX iniciada pelo lógico Charles Sanders Peirce, pelo psicólogo William James e pelo jurista Oliver Wendell Holmes Jr. e tendo como representante também John Dewey, George Mead, dando ênfase à relação teoria e prática, idéia e ação, ou seja, é caracterizado por considerar o sentido de uma ideia como correspondendo ao conjunto dos seus desdobramentos práticos. (Ver Wall, 2007, p. 22-23). Assume uma visão prática em lidar com o a realidade e estudá-la, através de métodos de observação e não de uma atitude contemplativa.

<sup>17</sup> **Interacionismo Simbólico:** Decorrente do movimento pragmatista é uma abordagem sociológica das relações humanas que considera de suma importância a influência, na interação social, dos significados simbólicos, sendo Herbert Blumer e Erving Goffman um de seus representantes, e até mesmo George Mead bem como muitos dos participantes do Pragmatismo. A conduta humana somente pode ser concebida a partir de atos sociais (Ver Goulart e Bregunci, 1990; Silva, 2007)

<sup>18</sup> Mead (1932, *Supplementary Essay 5: The Genesis of the Self and Social Control*, pag.176-195)

<sup>19</sup> Mead (1934, *Chapter III [The Self]: Section 28, The Social Creativity of the Emergent Self* [p. 214-222]; *Chapter IV [The Society]: Section 33, The Social Foundations and Functions of Thought and Communication* [253-260]; *Chapter IV [The Society]: Section 34 The Community and the Institution* [p. 260-273])

contexto social onde se encontra para responder aos outros *selves*, os quais podem estar frente a frente ou simplesmente internalizados (“outro generalizado”): “Todo processo do pensamento é uma interna conversação entre este ‘outro generalizado’ e o indivíduo. A perspectiva do indivíduo é, portanto, que qualquer ato social é um ato de um indivíduo mas estende-se para além dele<sup>20</sup>”. Assim, a ação humana não pode ser considerada unilateralizada na perspectiva individual, mas sim estabelecida a partir da relação Eu-Outro, sendo portanto marcadamente social (incluindo aqui a cultura, as memórias, as experiências passadas etc.), de modo que o ato humano como produção do *Self* reflete a própria sociedade, o próprio grupo no qual o indivíduo está inserido.

Como síntese a respeito do assunto, destacamos a afirmação de Mead de seu livro *Mind, Self and Society*, de 1934, na seção 21 intitulada *The Self and the Subjectivity*, afirmando que essencialmente o *Self* é cognitivo, emergindo a partir das matrizes da linguagem e do pensamento que se manifestam na interação conversacional, por isso mesmo a origem e os fundamentos do *Self* residem no aspecto social<sup>21</sup>. Central, portanto, no pensamento teórico de Mead a noção da sociedade para a construção psicológica da pessoa, a qual somente existe, se forma e se constitui quando inserida no contexto social (normas, valores, tradições: cultura), através da interação com os outros. Impossível, portanto, existir como pessoa, enquanto um *Self*, sem a presença do Outro, para quem respondemos e nos influencia na experiência imediata e mediada. Esse Outro não apenas existe fisicamente e simbolicamente fora de nós, mas também o internalizamos naquilo que Mead denominou de o “outro generalizado” – a imagem que temos das pessoas em um determinado contexto social.

### 2.1.3 Mikhail Bakhtin e o Dialogismo como método

Em Bakhtin identificamos, antes, o filósofo e o pensador que estuda a lingüística e a transpõe para outros campos epistemológicos, se considerarmos a dicotomia existente atualmente entre Filosofia e Ciência. Nesse sentido, corroboramos o pensamento de Caryl Emerson (2003), Carlos Faraco (2009) e Adail Sobral (2009): Bakhtin “se considerava um

<sup>20</sup> Mead (1938, Part II: Essay 9 The Social Factor in Perception [p. 153]): “*The whole process of thinking is the inner conversation going on between this generalized other and the individual. The perspective of the individual is, therefore, that of the social act-an act which is inclusive of the act of the individual but extends beyond it.*” [tradução minha no texto]

<sup>21</sup> Mead (1934, Chapter III [The Self]: Section 21 The Self and the Subjective [p. 173]): “*The essence of the self, as we have said, is cognitive: it lies in the internalized conversation of gestures which constitutes thinking, or in terms of which thought or reflection proceeds. And hence the origin and foundations of the self, like those of thinking, are social.*” [tradução minha no texto de forma indireta]

filósofo<sup>22</sup>, embora tenha vivido da condição de professor.” (Emerson, 2003, p. 42), o pensamento do Círculo de Bakhtin “é de caráter eminentemente filosófico e não propriamente científico” (Faraco, 2009, p. 35), pois ele “não pode ser considerado teórico dessa ou daquela área, mas um pensador filosófico que busca desenvolver sua concepção em vários campos, com ênfase no discurso, principalmente literário.” (Sobral, 2009, p. 183).

Estas observações iniciais a respeito de Bakhtin são importantes para entendermos o uso que faremos de suas contribuições na base metodológica quanto no suporte teórico desta tese. Em razão disso mesmo é importante situarmos “que a concepção de ciência russo-soviética sempre foi predominantemente holística, isto é, fundada em torno das investigações interdisciplinares” (Zandwais, 2009, p. 100) envolvendo as áreas de Filologia, Filosofia, Literatura, Arte, Biologia, Lingüística, etc. Isso justifica porque o pensamento do Círculo Bakhtiniano<sup>23</sup> teve intelectuais de vários campos e a sua abordagem, embora tivesse um foco na linguagem e literatura, nos objetos da Lingüística, dialogou com as diversas áreas de conhecimento, decorrendo em considerações e noções com possíveis contribuições interdisciplinares. Seria por demais extenso expormos aqui uma lista das recentes publicações de artigos, dissertações e teses sobre os referenciais bakhtinianos na área de Psicologia, Comunicação, Ciência Social, Sociologia, etc., considerando que tal análise não faz parte do objeto de estudo desta tese, no entanto, acrescentamos que a proposta desse estudo é dar continuidade àquela mesma concepção de aproximação entre Filosofia e Ciência dos soviéticos do início do século XX, nessa perspectiva interdisciplinar como o fizeram os membros do Círculo de Bakhtin.

Valemos dessa perspectiva sabendo que ao utilizarmos os referenciais bakhtinianos o fazemos cientes de sua idiossincrasia como filósofo. Schnaiderman em entrevista a Souza (2009, p. 237) afirma que ele é contraditório, declaradamente contraditório e não se incomoda em mudar de opinião, talvez porque “é a contradição que é inerente à personalidade dele, é a polifonia que há nele, é nele que existe a polifonia, o dialogismo, porque sempre há um Bakhtin dialogando com outro Bakhtin” (Schnaiderman apud Souza, 2009, p. 233). Clark e Holquist (1998, p. 30) também assim o consideram: “um indivíduo esquivo, contraditório e enigmático” e Fiorin (2006, p. 12) afirma que na obra bakhtiniana não há “uma teoria

<sup>22</sup> “Durante uma entrevista realizada na primavera de 1973, Viktor Duvakim, o especialista em Maiakovski, perguntou ao já idoso Bakhtin: ‘Então [na década de 1920] o senhor era mais um filósofo do que um filólogo?’ ‘Mais um filósofo’, respondeu Bakhtin prontamente, ‘E assim continuo até hoje. Sou um filósofo. Um pensador.’” (Emerson, 2003, p. 23)

<sup>23</sup> Fizeram parte do Círculo de Bakhtin o filósofo Matvei Kagan (1889), a pianista Maria Yudina (1899), o professor de Filologia Lev Pumpianskii (1891), o jornalista literário Pavel Medvedev (1892), o biólogo, filósofo e historiador Ivan Kanaev (1893), o poeta e escultor Boris Subakin (1895), o pós-graduado professor de história e música Valentin Voloschinov (1895), o poeta Konstantin Vaguinov (1899), conforme Brait e Campos (2009, p. 19)

facilmente aplicável nem uma metodologia acabada para a análise dos fatos lingüísticos e literários”, ou seja, ela é caracterizada pela incompletude do vir a ser, por seu inacabamento, por sua interrelação com diversas áreas de conhecimento não permitindo-se um fechamento, um engessamento teórico ou mesmo metodológico. E não poderia ser diferente para um pensador que afirma: “Nenhum momento da já-presença pode tornar-se auto-suficiente, já justificado para mim (...) Ser para mim mesmo significa ser ainda vindouro para mim (*deixar de ser vindouro para mim, ser já tudo aqui significa morrer espiritualmente*)” (Bakhtin, 2003, p. 111 e 113). Ele assumia o estatuto da inconclusibilidade do estudo do *self* e dos objetos das ciências humanas. Portanto, contra uma abordagem dogmática, contra uma concepção monológica que não se permite o diálogo, o parecer de outrem.

Considerando a perspectiva mais filosófica de Bakhtin ao utilizá-lo, tanto na base metodológica quanto no suporte teórico, não queremos diluir a filosofia na ciência, mas preservar as diferenças e especificidades de cada uma dessas formas de conhecimento neste trabalho investigativo, integrando-as numa forma mais ampla de interpretações, de correlações, de problematizações (Faraco, 2009, p.37).

A preocupação com o método esteve presente nos principais membros do Círculo de Bakhtin: Medvedev escreveu o livro *Método Formal nos Estudos Literários* (1928), Voloshinov escreveu *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem* (1929) e Bakhtin escreveu no final dos anos 1930 e início de 1940 o seu ensaio *Metodologia das Ciências Humanas*<sup>24</sup>. Citamos apenas estes porque tratam desde o título da preocupação com o método e a metodologia para tratar dos objetos das ciências humanas como o *self* e a linguagem, considerando-se que todas as obras do Círculo de Bakhtin constituem um grande esboço metodológico para tratar de tais questões. Mais recentemente um artigo de Kanaev, dentre os polêmicos atribuídos a Bakhtin: *O Vitalismo Contemporâneo*<sup>25</sup> (1926) discute em um dos tópicos o problema dos métodos em Biologia, podendo ser ampliado para um contexto mais amplo ao afirmar que o método propriamente dito

<sup>24</sup> Paulo Bezerra traduzindo *Estética da Criação Verbal* (2003), no qual está inserido o texto em referência, afirma que primeiramente foi publicado como ensaio com o título “Os fundamentos filosóficos das ciências humanas” e posteriormente como artigo em 1974 pela revista *Kontekst* com o título ‘Para uma metodologia dos estudos literários’. Houve uma publicação anterior, baseada na edição francesa que dava o seguinte título ao texto: ‘Observações sobre a epistemologia das ciências humanas’. (Ver Bakhtin, 2003, p. 393, nota do tradutor).

<sup>25</sup> Segundo Sobral (2009, p. 189-190), que traduziu o texto para o português, ele foi assinado por I. Kanaev (Bakhtin) publicado na revista *Chelovek i priroda* em 1926. Nessa época Bakhtin vivia em Leningrado no apartamento de Kanaev (1893-1983), este autor de temas sobre Biologia, doutorado em Filosofia na Alemanha, membro do Círculo e amigo de Bakhtin. O texto discute os métodos em Biologia, considerando que “um método da ciência não passa da orientação dominante no momento em que se formulam os problemas” e que “a neutralidade é absolutamente impossível”. (Kanaev/Bakhtin, 2009, p. 167-169)

“(...) determina também, plenamente, a metodologia concreta de uma pesquisa científica, quer dizer, a própria técnica de trabalho científico: a construção dos diversos aparatos que se utilizam na pesquisa, os modos de sua aplicação, a técnica da elaboração de um experimento etc.” (Kanaev/Bakhtin, 2009, p. 167).

Ainda neste ensaio, a voz do Círculo Bakhtiniano ecoa para a atualidade apresentando as diversas fases do método para a Ciência, desde a simples descrição e classificação preliminar dos fenômenos, considerado por ele como fase descritiva, a uma fase mais avançada quando é possível a “*explicação da necessidade de surgimento e desenvolvimento dos fenômenos estudados*, quer dizer, o conhecimento das leis que os regem” (idem, p. 168). Nessa fase evidencia-se o predomínio do humano numa dada área de fenômenos, processos e objetos estudados na natureza. Mais tarde Bakhtin (2003d/[1939/1940]) retoma tais considerações para o campo das Ciências Humanas não em termos de um modelo pronto ou conjunto de técnicas de investigação científica, mas de fundamentos filosóficos (Sobral, 2009, p. 181).

Em seu texto sobre Metodologia das Ciências Humanas (2003d) Bakhtin trata inicialmente da questão do ‘conhecimento da coisa’ e do ‘conhecimento do indivíduo’ (Bakhtin, 2003d, p. 393-394) introduzindo sua concepção da relação observador-objeto-observação no campo das ciências humanas. Nas ciências exatas há uma forma monológica de saber: “o intelecto contempla uma coisa e emite enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o cognoscente (contemplador) e falante (enunciador). A ele só se contrapõe a *coisa muda*.” (2003d, p. 400). É o distanciamento que se pretende o cientista diante o objeto pesquisado, numa dicotomia de planos: o do observador e o do observado. Mas qualquer objeto, conforme salienta Bakhtin, incluindo o homem, pode ser percebido e estudado como coisa e é nesse espectro de análise, ou seja, quando tomamos o homem como objeto do estudo que entramos no campo das ciências humanas. A proposta bakhtiniana para o estudo do homem nas ciências humanas é dialógica, contrapondo-se a uma redução do sujeito à simples coisa observada: “(...) o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico.” (2003d, p. 400). Essa concepção metodológica do dialogismo aplicado às ciências humanas considera, portanto, que o observador não apenas influencia o observado enquanto realiza sua pesquisa (uma entrevista, a simples presença no seu habitat,

um questionário, etc.) porque ao fazê-lo pode modificar uma concepção ou estado mental do sujeito observado interferindo em seu comportamento, mas também é possível ocorrer a influência do próprio observado sobre o observador, ou seja, a relação observador-observado não se constitui apenas de um olhar do observador para o objeto observado, mas de um diálogo, de uma interação, de uma relação biunívoca.

Posteriormente Bakhtin (1959-1961) retoma essa discussão metodológica nas ciências humanas, destacando a dualidade especial de planos e sujeitos do pensamento (observador-observado) durante a pesquisa científica: se nas ciências exatas é posta “a questão do ponto de vista (da posição espaço-temporal) do observador na astronomia e na física” (Bakhtin, 2003c, p. 309), muito mais deve ser admitida nas ciências humanas porque “o experimentador compõe uma parte do sistema experimental (na microfísica). Pode-se dizer que o interpretador é parte essencial do enunciado a ser interpretado, do texto (ou melhor, dos enunciados, do diálogo entre estes), entra nele como um novo participante.” (Bakhtin, 2003c, p. 309). Se na metodologia das ciências exatas há o encontro do pesquisador (seu olhar, as lentes dos instrumentos, os mecanismos de precisão e análise, etc.) com o objeto de observação, Bakhtin então defende a concepção de que para as ciências humanas, sendo o objeto de estudo o ser humano, haverá o encontro de duas consciências: a do observador e a do observado, esta que não permanece ‘muda’, mas que também responde, interage, mesmo durante a observação. A esse respeito trazemos as próprias colocações de Bakhtin:

“Toda observação viva, competente e imparcial feita de qualquer posição e de qualquer ponto de vista sempre conserva o seu valor e o seu significado. A unilateralidade e as limitações do ponto de vista (da posição do observador) sempre podem ser corrigidas, completadas e transformadas com o auxílio das mesmas observações levadas a cabo de outros pontos de vista.” (Bakhtin, 2003c, p. 330).

Insistindo ainda nessa configuração metodológica que emprega nos estudos das ciências humanas, que Bakhtin denomina como dialogismo ou configuração dialógica, ele complementa:

“A compreensão dos enunciados integrais e das relações dialógicas entre eles é de índole inevitavelmente dialógica (inclusive a compreensão do pesquisador de ciências humanas); o entendedor (inclusive o pesquisador) se torna participante do diálogo ainda que

seja em um nível especial (em função da tendência da interpretação e da pesquisa). Analogia com a inclusão do experimentador no sistema experimental (como parte dele) ou do observador no mundo observável da microfísica (a teoria quântica). Um observador não tem posição *fora* do mundo observado, e sua observação integra como componente o objeto observado.” (Bakhtin, 2003c, p. 332).

Considerando-se que num “enfoque monológico (em forma extrema ou pura), o outro permanece inteiramente apenas objeto da consciência e não outra consciência.” (2003e [1961/1962], p. 348), então poderemos dizer que as ciências exatas aproximam-se de uma perspectiva newtoniana, enquanto a proposta dialógica para as ciências humanas aproximam-se de uma perspectiva einsteiniana (Holquist, 1990; Rommetveit, 1990; Marková & Foppa, 1990; Oliveira, 2007). Nesse mesmo texto, Bakhtin (2003e, p. 354) afirma que “a unidade do mundo de Einstein é mais complexa e profunda que a do mundo de Newton, é uma unidade de ordem superior (uma unidade diferente pela qualidade)”.

Bakhtin (2003d, p. 374) ainda comenta em seus *Apontamentos* a respeito das relações que são estabelecidas na discussão metodológica da pesquisa: 1) relação entre os objetos; 2) relação entre o sujeito e o objeto; 3) relação entre sujeitos. A sua ênfase que é dialógica movimenta-se, assim, nessa última relação (entre sujeitos): o observador e o observado. Ele afirma que “o objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado.” (Bakhtin, 2003e, p. 395). E aqui aproximamos Bakhtin e Goffman sobre as representações humanas no discurso para esta tese, quando Bakhtin admite para a compreensão desse ser expressivo e falante “a máscara, a ribalta, o palco, o espaço ideal, etc. como formas reais de expressão da representatividade do ser (e não da singularidade e da materialidade) e da relação desinteressada com ele.” (Bakhtin, 2003e, p. 395 [grifos nossos]). Observemos que essa proposta metodológica é relacional, exigindo o estatuto da ‘compreensão’ (interpretação) por parte do observador (pesquisador) e não uma mera explicação do objeto (sujeito) observado.

Assim, retomemos a base metodológica bakhtiniana: é o homem *expressivo e falante* o seu objeto de estudo. E este homem pode ser observado através de suas expressões e de sua fala. Neste ponto identificamos que Bakhtin instaura o texto como um problema, uma questão nas ciências humanas porque o relaciona como uma forma de manifestação humana, ou seja,

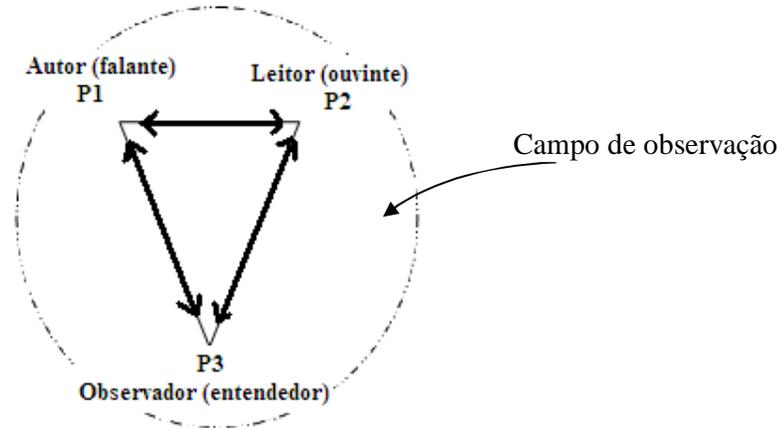
através do texto é possível capturar o homem *expressivo e falante*: “O homem em sua especificidade humana exprime a si mesmo (fala), isto, cria texto (ainda que potencial). Onde o homem é estudado fora do texto e independente deste, já não se trata de ciências humanas (anatomia e fisiologia do homem, etc.)” (Bakhtin, 2003c, p. 312). Portanto, o texto será utilizado como reflexo da consciência humana e, através do texto, é possível conceber a consciência. Nessa perspectiva epistemológica Bakhtin estabelece o texto como objeto de análise e dentro deste, como unidade observável, o enunciado entre os participantes do discurso, como manifestação da consciência. Essa unidade de observação, dentro de uma perspectiva dialógica de sua proposta metodológica, não está desvinculada do contexto dos falantes, não está isolada, como se fossemos nos debruçar sobre uma palavra, uma sentença e apenas observar seu sentido, sinonímia, estrutura, etc., recaindo numa análise lingüística da gramática tradicional à semelhança do que se faz nas ciências exatas diante do objeto observável:

“O texto como reflexo subjetivo do mundo objetivo, o texto como expressão da consciência que reflete algo. Quando o texto se torna do nosso conhecimento podemos falar de reflexo do reflexo. A compreensão de um texto sempre é um correto reflexo do reflexo. Um objeto através do outro no sentido do objeto refletido.” (Bakhtin, 2003c, p. 318).

Nessa perspectiva metodológica o texto é considerado como o dado primário (realidade) e o ponto de partida de qualquer disciplina nas ciências humanas como uma manifestação do homem social, ao fazer uma investigação de natureza dialógica a metodologia se torna interrogação e conversa, isto é, diálogo:

“Nós não perguntamos à natureza e ela nos responde. Colocamos as perguntas para nós mesmos e de certo modo organizamos a observação ou a experiência para obtermos a resposta. Quando estudamos o homem, procuramos e encontramos signos em toda parte e nos empenhamos em interpretar o seu significado.” (Bakhtin, 2003c, p. 319)

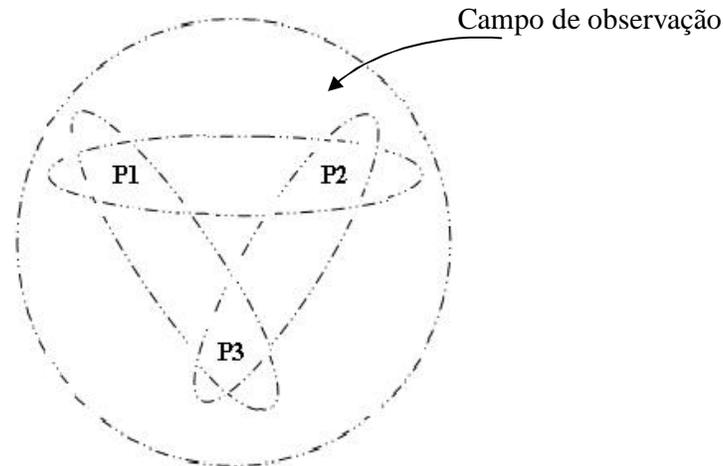
Tomando o texto (reflexo da consciência humana, reflexo do *Self*) como objeto de estudo para o entendimento do comportamento humano, poderemos esboçar a tríade metodológica bakhtiniana do dialogismo, conforme a seguir:



**Figura 5:** Tríade metodológica do dialogismo bakhtiniano (autor-ouvinte-entendedor)

Neste design (figura 5) metodológico proposto por Bakhtin (2003/[1959-1961], p. 332-333) para o qual constituiu o dialogismo, verificamos que todos os sujeitos (consciências) fazem parte do sistema experimental: tanto os falantes como também o observador. Se há uma relação dialógica entre os participantes do diálogo observado (P1 e P2), haverá inevitavelmente uma relação (interação) entre o sujeito de estudo observado (P1) e o observador (P3), assim como entre este (P3) e o segundo sujeito de estudo observado (P2), seguindo-se uma configuração dialógica entre todas as consciências envolvidas durante a pesquisa científica. É que todos os elementos da tríade são sujeitos, afetados pela linguagem (e pelas expressões textuais), através da qual o observador (P3) estará identificando, analisando, descrevendo, observando e esquematizando concepções sobre as relações dialógicas entre P1-P2, sendo inclusive afetado por elas e fazendo parte de todo o sistema: “Um observador não tem posição de fora do mundo observado, e sua observação integra como componente o objeto observado.” (Bakhtin, 2003c, p. 332).

Poderemos reesboçar a figura 5 para a concepção seguinte (figura 6), na qual verificaremos os sujeitos participantes deste sistema experimental influenciando-se reciprocamente, integrando um sistema em que os seus elementos se influenciam reciprocamente e não é possível identificar o observador como estando de ‘fora’:



**Figura 6:** Tríade metodológica do dialogismo bakhtiniano (relação entre as três consciências participantes)

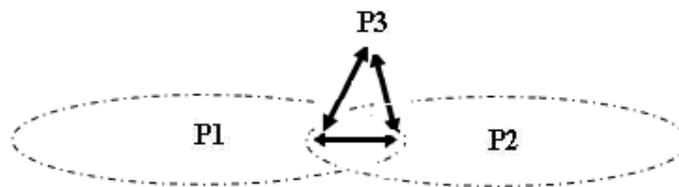
A relação dialógica atinge, portanto, tanto os sujeitos da observação (consciências que interagem entre si), no caso exemplificados por P1 e P2 (figura 6), quanto o próprio observador (consciência que busca a compreensão do fenômeno observado), no caso exemplificado por P3, constituindo-se uma complexa rede semiótica entre consciências. O pesquisador, como sujeito incluindo no campo de pesquisa, tanto afeta quanto é afetado pelos objetos de sua observação (consciências humanas) na medida em que está num processo de interação com eles. Bakhtin em seus *Apontamentos* (2003d, p. 374-375) discutirá a respeito das limitações metodológicas para definir ‘exatamente’ a pessoa nas relações entre sujeitos em interação: sua concretude (nome), integridade, responsividade, inesgotabilidade, inconclusibilidade, abertura. A esse respeito Bakhtin dirá: “Em termos científicos, aqui só se pode descobrir as possibilidades e a realização de uma delas. O repetível e o não-repetível.” (Bakhtin, 2003d, p. 374-375).

Mas Bakhtin foi um exemplo do próprio discurso dialógico: nunca fechado em si mesmo construindo um bloco monolítico de pensamentos (uma doutrina), ao contrário, sempre aberto, cavando novas aberturas, tangenciando suas idéias para diversos campos do conhecimento (Souza, 2009; Schnaiderman apud Souza, 2009; Clark e Holquist, 1998; Fiorin, 2006). Em seus *Apontamentos* (2003d), publicado entre 1970-1971, enquanto fala desse terceiro elemento (observador/entendedor) num campo experimental diante os dois sujeitos em interação (escritor↔leitor / falante↔ouvinte), portanto três consciências em interação numa perspectiva dialógica, Bakhtin muda seu foco de atenção para apenas os dois sujeitos em diálogo, admitindo que o terceiro elemento, o observador/entendedor está dentro do

diálogo, portanto constitui-se numa *vocalidade virtual* que integra a díade escritor↔leitor / falante↔ouvinte. Assim, mesmo não presente diante da díade interacional, fisicamente falando, o terceiro elemento, como uma voz plena de vontade e poder, participa internamente do diálogo, que se torna uma *tríade dialógica*<sup>26</sup> complexa, e assume um estatuto de voz interna representativa da sociedade (cultura):

O entendedor se torna inevitavelmente um *terceiro* no diálogo (é claro que não no sentido literal, aritmético, uma vez que, além do terceiro, pode haver um número ilimitado de participantes do diálogo a ser compreendido), entretanto a posição dialógica desse terceiro é uma posição absolutamente específica.” (Bakhtin, 2003c, p. 333).

Então o terceiro elemento do diálogo que inicialmente posicionava-se fora, Bakhtin o posiciona dentro do diálogo na intersubjetividade dos sujeitos. Se todo enunciado tem um autor (emissor, escritor, falante), como primeiro elemento, que realiza um endereçamento (abordagem) para um destinatário (receptor, leitor, ouvinte), o segundo elemento da comunicação, Bakhtin acrescenta um terceiro elemento, um supradestinatário superior (não algo místico ou metafísico), todos constitutivos do diálogo: “Cada diálogo ocorre como que no fundo de uma compreensão responsiva de um terceiro invisivelmente presente, situado acima de todos os participantes do diálogo [parceiros]” (Bakhtin, 2003c, p. 333). A seguir apresentamos o modelo triádico de Bakhtin para o diálogo, conforme figura 7:



**Figura 7:** O terceiro elemento no diálogo formando a tríade dialógica de Bakhtin

A partir das figuras 5 e 6 verificamos como o terceiro elemento (P3) que estava situado fora do diálogo como observador/entendedor passa a assumir uma posição interrelacional junto aos parceiros do diálogo (P1 e P2) e posteriormente se torna parte

<sup>26</sup> Essas notas de Bakhtin embasam o enfoque dado por Marková (2003, 2006) para o modelo Ego-Alter-Objeto, por Salgado (2007; Salgado & Hermans, 2005; Salgado & Valsiner, 2007) para o modelo *Eu-O Outro Internalizado- Audiência Interna* e para a *Teoria do Self Dialógico* de Hermans (2001). Todas essas abordagens são discutidas a seguir.

constitutiva do processo dialógico, invisibilizado (virtualizado, internalizado), mas presente como uma voz mediadora e articuladora, assumindo um estatuto de supradestinatário (cultura, sociedade). Teóricos posteriores, dentro do dialogismo contemporâneo, denominarão esse terceiro elemento ou terceira parte como *representações sociais* (Marková, 2003, 2006), como *audiência interna* (Salgado, 2006) e como *multivocalidade* (Hermans, 2001; Bertau, 2007; Sinhá, 2007; Valsiner, 2008a).

Percebemos, assim, que o dialogismo bakhtianiano originado da análise literária das obras de Dostoiévski e Rabelais, como método lingüístico, amplia-se para um enfoque epistemológico e ontológico, na medida em que situa a relação Eu-Outro, a mediação semiótica, o contexto sociocultural, os processos da linguagem na constituição da subjetividade. Acreditamos que assumir uma abordagem do Dialogismo como metodologia de investigação é assumir também sua perspectiva teórica (e admitir uma ontologia a partir dessa episteme), na medida em que o significado de sujeito, intersubjetividade, existência, conhecimento de mundo, cultura, linguagem, sociedade refletem-se no fazer a ciência pelo *olhar* do pesquisador, pois, como afirma Peres (2007, p. 168): “a partir de preferências subjetivas e de um lugar único que assume na existência, [o pesquisador] lança um olhar singular para seu objeto, conferindo ao mesmo construções valorativas e teóricas a partir desta posição que lhe é própria”<sup>27</sup>. Também Araújo (2006a, p. 132) apoiará essa perspectiva ao afirmar que “(...) nenhuma postura selecionada para orientar uma pesquisa é ingênua. Todo pesquisador parte daquilo que acredita e julga defensável.”<sup>28</sup>

Concordamos com Holquist (1990), Rommetveit (1990), Marková (2003), Salgado e Hermans (2005, p. 8), Cunha (2007) e Linnel (2009, cap. 1-2) em admitirem que não seja fácil e consensual definir o Dialogismo, considerando tanto as diversas ideias que antecederam ao próprio Bakhtin (destituindo-lhe o caráter adâmico do termo e da abordagem) quanto admitindo as novas concepções que derivaram de Bakhtin e seu Círculo, dentro das ciências humanas e sociais contemporâneas. De qualquer modo, encontramos similaridades nesses autores, a respeito do Dialogismo, cujo enfoque apresenta certa *mobilidade* conceitual:

---

<sup>27</sup> Peres (2007) discutiu a respeito nas suas considerações sobre o *ciclo metodológico* proposto por Valsiner (2000) e Branco e Valsiner (1997): “Os pesquisadores são ativos em todo o processo, criam seus próprios métodos de acordo com bases até mesmo intuitivas sobre o fenômeno, construções teóricas de que façam uso e interesses específicos. (...) Desse modo, ao invés de negarmos a subjetividade do pesquisador, enfatizamos que este é um indivíduo envolvido no processo investigativo” (Peres, 2007, p. 167-168)

<sup>28</sup> Araújo (2006) no cap. 3 *Etnografia & Exotopia: opções metodológicas* discutirá questões pertinentes sobre a relação pesquisador-pesquisado numa abordagem qualitativa e bakhtiniana, mais precisamente no subcapítulo 3.1 *Bakhtin e a pesquisa qualitativa: pontos de encontro*.

- *tradição teórica* (Hermans, 2001, p. 244; Hermans & Dimaggio, 2007, p. 39);
- *epistemologia alternativa*, ou mesmo uma *ontologia, framework teórico* que entende a existência e os significados humanos existindo dentro das relações interpessoais (Salgado & Hermans, 2005, p. 8)
- *abordagem teórica* para o entendimento da cognição humana e a comunicação (Rommetveit, 1990, p. 33)
- “*abordagem epistemológica* para o estudo da mente e da linguagem como um fenômeno histórico-cultural”. (Marková, 1990, p. 4)
- *epistemologia, ‘filosofia de Bakhtin’, teoria de conhecimento pragmaticamente orientada, epistemologia moderna* (Holquist, 1990, p. 14-15), “*basicamente uma teoria do conhecimento, uma arquitetônica de percepção*” (Holquist, 1990, p. 35) ou mesmo “*entre outras coisas, um exercício em teoria social*” (Holquist, 1990, p. 37). Ainda, segundo Holquist (1990, p. 15) o termo ‘dialogismo’ como adotamos hoje nunca foi usado por Bakhtin<sup>29</sup>
- *epistemologia da cognição humana e da comunicação que de modo geral nas ciências humanas está interessada no estudo do pensamento simbólico expresso na linguagem* (Marková, 2000, p. 424; 2003)
- *paradigma ou conjunto de pressupostos que estabelecem determinado conceito e investigação num dado campo de conhecimento: psicologia, lingüística, filosofia* (Bertau & Gonçalves, 2007, p. 7)
- *visão de mundo* (Vedeler, 2007, p. 79)
- *abordagem epistemológica e ontológica na qual toda forma de vida ou todo processo humano de conhecimento é relacional* (Salgado & Gonçalves, 2007, p. 609)

---

<sup>29</sup> Concordamos em parte com Holquist quando identificamos que o termo ‘dialogismo’, ‘dialógico(a)’ foi utilizado freqüentemente por Bakhtin como uma abordagem que se opunha ao monologismo reinante na estética dos romances, mais precisamente no capítulo 1 (*O romance polifônico de Dostoiévski e sua apresentação na crítica*) e capítulo 2 (*A personagem e a atitude do autor ante a personagem na obra de Dostoiévski*) de sua obra *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Também encontramos referências em *O problema do texto na lingüística, na filologia e em outras ciências humanas* (inserido em *Estética da Criação Verbal*, 2003). No entanto, mesmo nessa abordagem inicial, Bakhtin já construía vários elementos que identificavam aquilo que ele denominou por abordagem ‘dialógica’ ou simplesmente ‘dialogismo’.

- *é um framework epistemológico (ou até mesmo ontológico) que hoje pode ser estendido como sinônimo das ‘teorias dialógicas’ como combinação de várias abordagens teóricas tratando sobre cognição, comunicação e atividade humana (Linnel, 2009, p. 7 e 11)*

Seja como uma tradição teórica que nasceu dentro da literatura à uma abordagem mais ampla incorporada no campo investigativo e epistemológico das ciências humanas e sociais, como a Psicologia e Linguística, o Dialogismo apresenta-se como uma dinâmica epistêmica em crescente desenvolvimento pelas novas aplicações e investigações que decorrem sob sua perspectiva, em todo mundo. Devemos a Bakhtin o legado de ter aplicado a abordagem no campo da literatura, como metodologia e, ao mesmo tempo, como abordagem ontológica, constituindo uma epistemologia mais ampla, aplicável aos vários campos das ciências humanas e sociais.

Assim, valemo-nos desse *background* do Dialogismo, como base para os demais teóricos que descrevemos a seguir, inclusive admitindo-o nesta tese, por considerar central na abordagem da representação do *Self* na salas de bate-papo na Internet:

- a relação Eu-Outro como base para a emergência e constituição da subjetividade
- a importância do contexto e
- a concepção, decorrente dessas duas premissas anteriores, de um *Self* não situado no corpo, embora também representado por este, assumindo um estatuto dinâmico de contínuas representações<sup>30</sup> no espaçotempo social e das relações historicamente construídas.

---

<sup>30</sup> O *Self*, assume, uma perspectiva que se aproxima do conceito de Mead (o *Self* social) e de Vigotski (a formação social da mente). Nesse sentido consideramos a ideia já adotada no Mestrado em Psicologia Cognitiva quando admitimos a noção de *embodiment* (mente encarnada, cognição encarnada), apoiada em Damásio (2000, 2003, 2004), Lakoff e Johnson (1980, 1999) e Lakoff e Nuñez (2000), então o corpo torna-se constitutivo do *Self*, pois “não há mente sem corpo, não há corpo com mais de uma mente”, no entanto, não aceitamos a redução do *Self* ao corpo (o que seria aceitar um tipo de reducionismo ao dualismo cartesiano mente/corpo). O *Self* é um processo de desenvolvimento que emerge no-corpo-em-interação-num-contexto-sociocultural, expressando cognição e afetividade através de elementos semióticos no complexo movimento de estabilidade e mudança (permanência e impermanência).

### 2.1.4 Hubert Hermans

Utilizando os termos inicialmente apropriados por James (1890/2007) para a configuração do *Self*, Mead (1913,1934) dá ênfase em suas obras aos aspectos sociais da linguagem, dos símbolos culturais e da relação Eu-Outro, assim permitindo juntamente com as notações de Bakhtin (1987, 2004b) uma base teórica inspiradora para a Teoria do *Self Dialógico* de Hubert Hermans (2001). Observamos que Hermans encontra pontos de convergência entre James, Mead e Bakhtin, destacando-se as noções de autoconsciência, de alteridade, de corporeidade, do gestual, da linguagem, de contexto sociocultural e de valoração (axiologias) para construir uma concepção de *Self*.

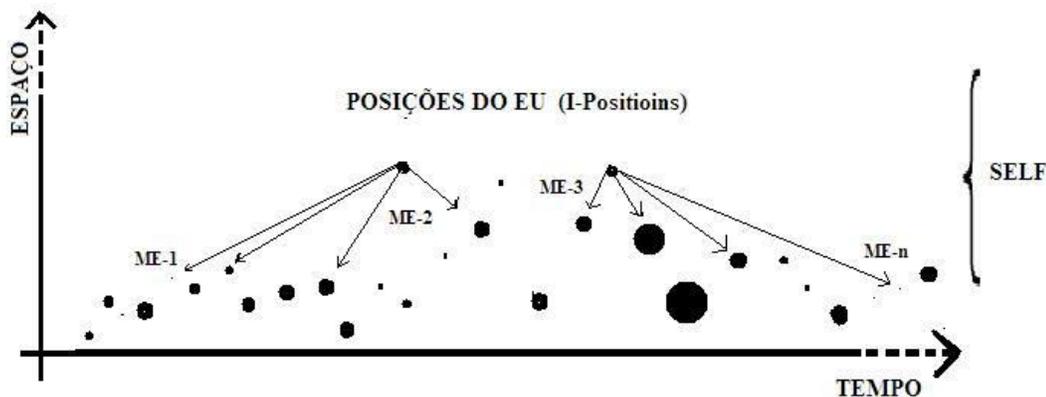
Para que o conceito de *Self*, nesse quadro teórico proposto, não se restrinja a uma simples cópia da sociedade, como se fosse “escravo dos costumes” tão somente refletindo as instituições e regras sociais, o que significaria não ter iniciativa própria ou estar desprovido de sua própria singularidade, Hermans (1999, p. 69) defende que Mead configurou distintamente, por isso mesmo, os elementos **I** (EU) e **ME** (MIM): ambos funcionam como forças axiológicas que constroem o *Self*, sendo os valores do **ME** pertencentes ao grupo social a que pertence, e os valores do **I** caracterizados como distintivos da novidade no indivíduo (o cientista, o inventor, o artista). O **ME**, então, é o “outro generalizado” internalizado e que faz parte da constituição do *Self*, como uma posição formal e convencional (social), respondendo e correspondendo à sociedade, enquanto o **I** ocupa a posição do controlador que permanece ao longo do tempo. Ambos co-existem numa complexa fusão a expressar-se em certo nível de permanência e impermanência, de continuidade e descontinuidade que caracterizam o *Self*.

Para Hermans (1999, p. 72) o *Self* pode ser concebido em termos de uma multiplicidade dinâmica de posições do EU (**I-positions**), relativamente autônomas, que se movimentam no espaço-tempo, conforme as circunstâncias e os eventos das representações relacionadas ao MIM (**ME**)<sup>31</sup>: uma conversa direta face-a-face, um diálogo imaginário diante da fotografia de alguém, um encontro social, a participação em um jogo, uma introspecção etc. Todas essas movimentações do **EU** nas variadas circunstâncias da vida são caracterizadas por vozes próprias como se fossem personagens de um romance polifônico com suas características e performances: podem estar representado no passado (lembranças), no presente (na experiência imediata) ou no futuro (projeções) assumindo as várias manifestações de

---

<sup>31</sup> Hermans (1999, p. 72, passim): “The self can be described in terms of a dynamic multiplicity of relatively autonomous I positions. (...)A defining feature of the dialogical self is its combination of temporal and spatial characteristics.” [tradução minha no texto de forma indireta]

conversação consigo mesmo ou com um outro, resultando nas vozes do **ME**. A figura 8, a seguir, apresenta uma interpretação da proposta de Hermans, configurando as posições do EU (*I-positions*) na dimensão espaço-temporal dos eventos sociais como sendo as vozes do ME:



**Figura 8:** Os componentes I e ME no modelo do *Self* dialógico de Hermans (2001)

Na figura 8 os círculos menores e maiores significam as representações do *Self* nas posições que o **EU** ocupa ao longo da existência, conforme os eventos sociais em menos e mais freqüentes em que esteja realizando ações, nos quais atuará de maneira variada (situações de nascimento, de morte, de vitórias, de derrotas, de encontros, de desencontros etc.), identificados como **ME-1**, **ME-2**, **ME-n** (os vários **ME**'s reconhecidos socialmente). Tais representações diferenciadas tomam o estatuto de vozes que respondem às vozes dos outros no contínuo processo interacional em que o *Self* emerge, existe e interage, na sociedade, numa perspectiva de desenvolvimento, contemplando tanto um aspecto de continuidade e permanência (EU) quanto um aspecto de descontinuidade e impermanência (**ME**). Hermans admitirá que essas vozes são como as personagens de Dostoiévski em seus romances polifônicos, quando assumem a característica da interdependência em relação ao autor e gozam da condição de isonomia de consciência. O autor do romance, nessa comparação, assumiria as funções do EU (o *Self*-conhecedor) enquanto as personagens assumiriam a função do **ME** (o *Self*-conhecido). Assim, também, o *Self* assume as várias posições na vida cotidiana respondendo às situações sociais (*I-positions*) como se estivesse incorporando personagens (**ME**) nas representações de si mesmo na sociedade, ocupando posições espacotemporais (fig. 8). Hermans (1999) comentará a respeito:

As vozes funcionam como personagens interagindo em uma história, envolvidos em um processo de pergunta e resposta, concordância e discordância. Cada um deles tem uma história para contar sobre suas

próprias experiências a partir de seu próprio ponto de vista. tão diferentes vozes, esses personagens trocam informações sobre seus respectivas ME's, resultando em um *Self* complexo narrativamente estruturado<sup>32</sup>.

Essa perspectiva de Hermans se opõe a uma noção individualista do *Self*, monologizada por uma metafísica de si mesmo, puramente abstrata, porque ele então assume que o *Self* é encarnado e dialógico, ou seja, existem muitas posições do EU (*I-positions*) que podem ser ocupadas pela mesma pessoa no espaço e no tempo, marcando seu desenvolvimento pessoal na sociedade (Hermans, 2001a, p. 249): ora formal, ora informal, ora alegre, ora triste, ora concordando com algo, ora discordando etc. nas múltiplas formas de interação.

Fundamentando a *Teoria do Self dialógico* (Hermans, Kempen & van Loon, 1992, p. 26) a dimensão espaçotemporal (fig. 8) também está internalizada no indivíduo (“*the self as a mind space*”): a mente funciona como um espaço no qual o EU assume a função de observador e controlador do **ME**, relatando a sua movimentação para o passado (as memórias), o presente (a experiência atual) ou o futuro (as projeções). Essa perspectiva permite outra metáfora que Hermans (1996, p. 32) utiliza em sua *teoria dialógica*: se o EU assume a posição de observador do **ME**, pode-se admitir o EU como um autor que imaginariamente pode construir uma história na qual o **ME** é o protagonista (ator, personagem). Há tanto um movimento de dentro para fora, quanto uma introdução do externo para o interno: a mente e a sociedade convergem de modo que o *Self* pode ser considerado como algo estendido, incorporando indivíduos e grupos na sociedade, assumindo, assim, tanto posições internas (‘Eu sou filho de...’, ‘Eu tenho a seguinte profissão...’, ‘Eu sou apaixonado por jazz...’ etc.), quanto posições externas (‘Meus pais e meus filhos...’, ‘Meu carro e minha casa...’, ‘Meus alunos e alunas...’ etc.). Dessa forma, pode-se admitir que a fig. 8 representa o *Self* como uma totalidade que une duas dimensões que se justapõem: em uma estrutura interna (a multivocalidade internalizada) e, ao mesmo tempo, em uma manifestação externa (representações ao longo da vida).

Hermans (1996) vai defender que o *Self* dialógico é social porque o Outro ocupa também posições internas numa perspectiva de *Self-multivocalizado*<sup>33</sup>, diferentemente de

<sup>32</sup> Hermans (1999, p. 72): “*The voices function like interacting characters in a story, involved in a process of question and answer, agreement and disagreement. Each of them has a story to tell about his or her own experiences from his or her own standpoint. As different voices, these characters exchange information about their respective Me's, resulting in a complex, narratively structured self.*” [Tradução minha no texto]

Mead (1934), cujas formulações a respeito do *Self* podem restringi-lo a um aspecto meramente social, em que o indivíduo autônomo e independente entra em interação na sociedade com os demais *selves* (ou a representação externa desses Outros: o **ME** dos *selves* alheios). É então, defendida por Hermans, a ideia de voz como representação social de valor materializada (ou mesmo imaginada) na voz do outro que se torna internalizada. E ele considera este ‘Outro’ tanto quanto o ‘EU’ como aquele que ocupa uma posição axiológica no espaço e no tempo (interna e externamente), cuja singularidade provoca abertura para novas interações e não apenas a concordância dos valores sociais:

O *Self* dialógico é composto de posições de vozes. Tanto *voz* como *posição* são termos espaciais.

O *Self* então é, sucessivamente ou mesmo simultaneamente, localizado em diferentes posições em um horizonte imaginário e está apto para mover-se nessas posições. Em resumo, o *Self* é um processo de um movimento dialógico em um espaço imaginário <sup>34</sup> (Hermans, 1996, p. 46)

Assim o Outro, nessa perspectiva, não está fora do *Self*, mas constitui-se internalizado no *Self* na forma das vozes tanto pessoais quanto alheias (multivocalidade):

- voz pessoal: **ME** (a forma convencional que responde ao grupo social);
- vozes alheias: **OUTRO** (as normas, leis, valores, idéias, opiniões dos demais componentes do grupo social)

A nova proposição para o “Eu penso, logo existo” de Descartes é, conforme a proposta teórica de Hermans, “Eu penso porque o outro pensa, logo existo” ou numa outra argumentação mais simples “Eu respondo, logo existo”. O *Self* somente surge a partir da interação EU-OUTRO e não pode ser considerado um elemento monolítico, individualizado na mente de alguém, mas sim compreendido como um processo contínuo de múltiplas posições valorativas em relação com os outros. Hermans defenderá a tese do ‘*Self as moving*’

---

<sup>33</sup> **Multivoiced self**: Hermans (1996, p. 46) afirma que o termo ‘multivocalidade’ não somente se refere à existência de diferentes vozes individuais mas também para a simultaneidade de vozes de um indivíduo bem como dos indivíduos de um grupo, portanto, o termo “*Self-multivocal*” se refere tanto ao esquema das vozes individual e coletiva que são internalizadas pela pessoa.

<sup>34</sup> Hermans (1996, p. 44): “*The dialogical self is composed of voiced positions. Both voice and position are spatial terms. The self then is successively, or even simultaneously, located at different positions in an imaginal landscape and is able to move between these positions. In short, the self is a process of dialogical movements in an imaginal space.*” [Tradução minha no texto]

como uma interação dinâmica entre as diversas posições (*I-positions*) que pode ocupar em relação ao outro na existência (1996, p. 44), ou seja, o *Self dialógico* é compreendido como uma multiplicidade de posições ou de vozes (múltiplas vozes internalizadas) que passam a lhe constituir (1992, p. 28). Juntamente com Harry Kempen ampliará esse escopo teórico no livro *The Dialogical Self: meaning as movement* (1993), onde defenderão a descentralização do *Self*, a estrutura narrativa como um modelo de linguagem e de existência (*Self-narrative*), a multiplicidade das vozes (*Multivoiced self*) e das posições do EU (*I-positions*) representadas na mente e na sociedade, bem como analisando as relações dialógicas EU-OUTRO<sup>35</sup>.

Dois anos após a publicação desse trabalho, Hubert Hermans em colaboração com Els Hermans-Jansen publicará outro livro enfatizando um dos aspectos de sua teoria do *Self Dialógico* na atividade psicoterapêutica: *Self-narratives, construction of meaning in psychotherapy* (1995), onde teorizam a respeito do *Self* como um processo organizado de construção de significado, utilizando a metáfora do ‘narrador motivado’ (contador de histórias) para descrever a noção do *Self*. Nesta concepção os três componentes (história, narrativa e motivação) da metáfora orientadora utilizada (o contador de histórias) fazem parte de um articulado sistema conceptual baseado no aporte teórico de *valoração* (Hermans, 1987; 2002): a pessoa identifica algo como sendo significativo e importante (*valoração*) ao realizar a narrativa de sua vida (autobiografia) e são tais valorações que apresentem significativo papel na construção do *Self* e na própria atividade psicoterapêutica. Hermans e Hermans-Jansen (1995) consideram, assim, o *Self* como um *processo organizado de valoração*<sup>36</sup>, admitindo que a pessoa experiencia a atividade humana através da orientação espaçotemporal, marcadas por motivações. Destacam-se dessa abordagem teórica da *valoração* apresentada pelos autores (Hermans & Hermans -Jansen, 1995; Hermans, 2002):

- *Self* como narrador: narrando sua própria história de vida como forma de organizar a experiência e dar sentido à própria existência, assumindo a posição tanto de narrador (EU) quanto de personagem (ME) durante a atividade narrativa (p. 6);

<sup>35</sup> Nesse livro de Hermans e Kempen (1993) foi realizada uma revisão teórica de Renes Descartes (1596-1650), Giambattista Vico (1668-1744), William James (1842- 1910), George Mead (1863-1931), Mikhail Bakhtin (1895-1975), além dos pesquisadores da Psicologia Cognitiva e do Desenvolvimento bem como do Dialogismo (Daniel Stern, Ivana Marková, Jan Valsiner & Van der Veer, Mark Johnson, Michael Lewis, entre outros).

<sup>36</sup> Valoração: *unidade significativa* que o EU como autor-narrador ou “contador de história” identifica sobre o ME como protagonista ou personagem envolvido com os outros. Nesse caso, o EU estará narrando as representações de si mesmo nas atuações do ME como se fora um personagem atuando em alguma posição espaçotemporal. Central nessa abordagem é a assunção teórica sobre o *Self* como um sistema organizado de valoração apresentado em seu artigo de 1987: *Self as an Organized System of Valuations: Toward a Dialogue With the Person*.

- Uso da percepção e da imaginação: a experiência imediata percebida através da *mente encarnada*<sup>37</sup> como fonte de construção da realidade e, ao mesmo tempo, a capacidade imaginativa recontando histórias (p. 11);
- Estrutura temporal: como organização temporal de eventos e uma estrutura narrativa que relaciona passado, presente e futuro de uma forma significativa (p. 11);
- Estrutura espacial: histórias são organizadas em torno de atores, os quais como protagonistas e antagonistas assumem posições opostas ou diferentes (concordando ou discordando) em um espaço real ou imaginário (p. 11)
- Afetividade: as pessoas são passionalmente *contadoras de histórias* e carregam afetivamente os eventos vivenciados, dando conotação significativa diferenciada (p. 15)
- Motivação: cada valoração tem certo grau de envolvimento pessoal e reflete um conjunto de sentimentos como reflexo da afetividade mobilizando o indivíduo a permanecer e vitalizar cada evento ou representação de si mesmo (p. 15)

Esses elementos conceituais da abordagem teórica de Hermans e Hermans-Jansen (1995) evidenciam uma característica necessária que deve somar-se e pervasar todos eles: a auto-reflexão, a capacidade de tomar a si mesmo e ao outro como objeto de análise (a função do I [EU] de James e Mead). Assumindo essa posição do EU-Observador (contador de histórias, narrador) e considerando estes elementos elencados os autores defendem a ideia de que o *Self* vai sendo construído a partir de uma concepção narrativa em que múltiplas vozes internalizadas apresentam-se como sendo próprias (pessoais) e como alheias (dos outros, da sociedade), ocupando posições espaçotemporais e valorativas. Torna-se possível, assim, compreender como a sociedade se internaliza na mente e como a mente se constitui sendo social<sup>38</sup>, transcendendo-se a dicotomia indivíduo-sociedade, já que o *Self* não é concebido na forma de uma entidade em si mesma, monolítica, isolada, mas em vez disso, pode ser

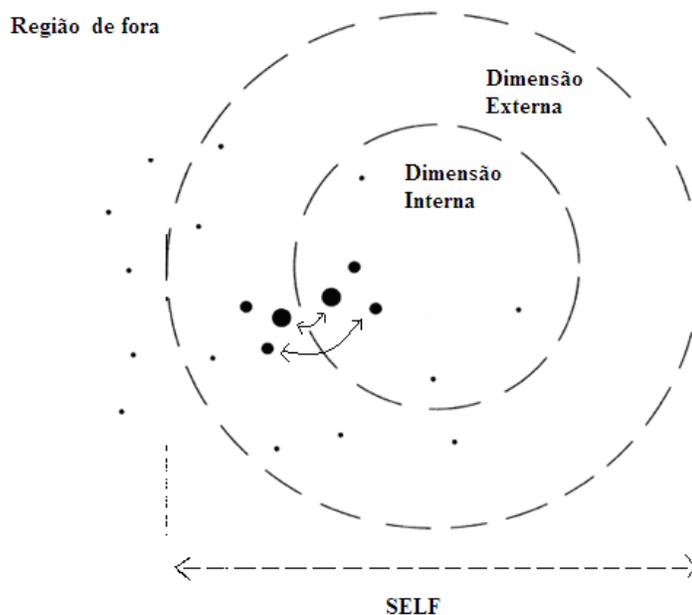
---

<sup>37</sup> Mente encarnada: a esse respeito Hermans, Kempen e Van Loon (1992, p. 25-26) aderem a proposta de Mark Johnson sobre o uso de metáforas e da mente (Johnson, M. [1987]. *The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: University of Chicago Press)

<sup>38</sup> Hermans assume em sua teoria as influências de James, Mead e Bakhtin. Incluímos também a influência de Vigotski, embora não seja destacada em suas obras. O artigo de Valsiner e Van der Veer (1988) ao tratar da convergência teórica entre Vigotski e Mead, pode ser aplicado também a Hermans como defesa dessa minha afirmativa.

percebido emergindo dos processos sociais e históricos que permitem a interação (Hermans & Hermans -Konopka, 2010, p. 1).

A partir de tais concepções teóricas, Hermans tenta produzir uma imagem do que seria o *Self*, numa proposta dialógica de múltiplas vozes, conforme a figura 9, a seguir:



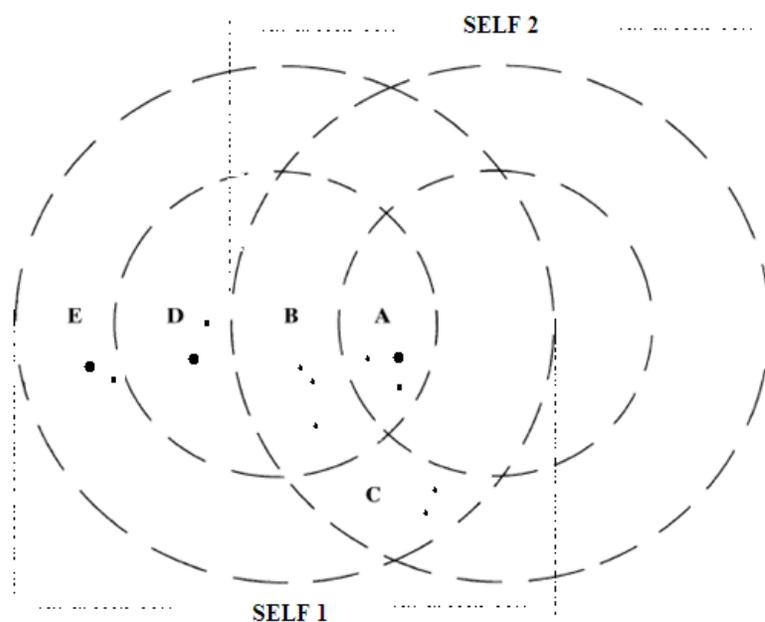
**Figura 9:** Posições em um *Self* multivocal (Adaptado de Hermans, 2001, p. 253)

O *Self* é imaginado como um espaço composto de uma multiplicidade de posições (*I-positions*) representado por pontos (**ME**'s) distribuídos nas duas esferas. O círculo interno (*dimensão interna*) é formado por pontos que representam elementos caracteristicamente pessoais (personalizados) como qualidades e sensações próprias: *'eu como pai'*, *'eu como responsável'*, *'eu como brincalhão'* etc. O círculo externo (*dimensão externa*) também representado por pontos diversos tomam o significado da extensão do *Self* para o ambiente externo, contemplando pessoas e objetos que tem profunda e relevante relação com a pessoa: *'meus filhos'*, *'meus pais'*, *'minhas amigas'*, *'meu carro'*, *'meu emprego'* etc. Mas as posições internas são afetadas pelo ambiente externo, porque existem significativos elementos nessa dimensão exterior: *'eu me sinto pai porque tenho meus filhos'*, *'eu me sinto realizado porque meu projeto foi aprovado'* etc. Do mesmo modo, posições externas assumidas estão relacionadas a disposições internas relevantes: *'meu curso é importante porque obtive promoção profissional'*, *'vou vender o meu carro para comprar outro melhor'* etc. (Hermans, 2002, p. 252). Consideremos na figura 9 que algumas posições internas e externas se

relacionam reciprocamente, significando as representações do *Self* (*I-positions*) estendido ao contexto exterior e se formando também a partir dele também.

Tais posições internas e externas do *Self* tem a representação de múltiplas vozes que são tanto da pessoa quanto das outras pessoas do seu entorno existencial. Tais vocalizações estão internalizadas na mente da pessoa (as vozes pessoais do EU↔ME↔OUTRO GENERALIZADO) e fora dela (as vozes dos OUTROS), constituindo a multivocalidade ou a multiplicidade dos selves. Na figura 9 observamos que além dos dois círculos componentes do *Self* (*I-positions*) existem a ‘região de fora’, na qual identificaremos as vozes dos OUTROS. Na descrição do modelo proposto Hermans (2002, p. 254) atribui significado de menor importância à maior importância aos pontos (menores e maiores) conforme a continuidade e persistência das *I-positions* (representações do *Self*). Observemos ainda que os círculos são pervasados, representando fluxo de influência recíproca tanto das dimensões interna e externa quanto desta para a ‘região de fora’ em direção ao OUTRO, justamente na tentativa de não delimitar o *Self*, neste esforço da metáfora gráfica utilizada.

Para um melhor entendimento da interação EU↔OUTRO, Hermans apresentou outro modelo figurativo para representar a possibilidade dialógica, conforme a figura 10, a seguir, um desdobramento da figura 9, o encontro de dois *selves*:



**Figura 10:** Duas reais pessoas em diálogo (Hermans, 2001, p. 256)

Hermans (2001, p. 253 e 255) enfatizará as considerações de Valsiner<sup>39</sup> assumindo que os processos intrapsicológicos e interpessoais são importantes para sua *Teoria Dialógica*, os quais remetem às posições internas e externas (*I-positions*) assumidas pelo *Self* nos respectivos campos de atividade como se fossem verdadeiras arenas de diálogos (internos e externos) para realizar aceitação, rejeição, cooperação, oposição, acordo, desacordo etc. Estas atividades dialógicas ocorrem tanto internamente (o diálogo consigo mesmo e com as vozes dos outros internalizadas) como ocorrem externamente (o diálogo entre pessoas). A fig. 10 representa uma situação de diálogo que ocorre entre dois *selves* (*SELF-1* e *SELF-2*) com suas posições individuais (*I-positions*) em interação ou fora do compartilhamento interacional. Apresentamos a seguir a descrição da figura 10 referindo-se às posições dos *selves* no diálogo, quando ocorre interações e quando não ocorrem:

- A** - compartilhamento de posições internas nos dois *selves* (*Self-1* e *Self-2*)
- B** – compartilhamento de uma posição interna em um dos *selves* (*Self-1*)
- C** – compartilhamento de posições externas nos dois *selves* (*Self-1* e *Self-2*)
- D** – área de nenhum compartilhamento interno entre os dois *selves*
- E** - área de nenhum compartilhamento externo entre os dois *selves*

Podemos exemplificar do seguinte modo as formas de interação e não-interação no diálogo entre dois *selves*, conforme os pontos nas áreas A, B, C, D e E (fig. 10):

- A)** O *Self-1* conhece algo sobre si mesmo que o *Self-2* conhece e o *Self-2* conhece algo sobre si mesmo que é conhecido por *Self-1*, ambos compartilham esse conhecimento.
- B)** O *Self-1* conhece algo sobre si mesmo que é do conhecimento do *Self-2*
- C)** O *Self-1* e o *Self-2* tem interesses em comum e compartilham isso
- D)** O *Self-1* tem algum conhecimento sobre si mesmo que não é conhecido pelo *Self-2*
- E)** O *Self-1* conhece algo sobre o mundo que não é compartilhado com o *Self-2*

As diversas interações ocorridas no cotidiano da sociedade são estabelecidas dialogicamente envolvendo os processos intra e interpessoal (*I-positions*), quando o *Self* pode

---

<sup>39</sup> Valsiner (2000, June 23–26). *Making meaning out of mind: Self-less and self-ful dialogicality*. Paper presented at the First International Conference on the Dialogical Self, Nijmegen, The Netherlands.

compartilhar ou não algumas dessas posições para o outro<sup>40</sup>). Isso explica as formas de concordância ou discordância nos procedimentos de argumentação bem como as formas de negociação ocorrida nos diálogos, quando o *Self* e seu Outro podem esconder ou mostrar conhecimentos sobre si mesmo e sobre o Outro. Tal fenômeno pode dar-se de forma consciente ou inconsciente, tratando-se das intenções em ‘revelar-se’ ou ‘ocultar-se’ bem como do simples fato do *Self* desconhecer aspectos do Outro, do contexto ambiente ou até de si mesmo. A compreensão destes processos intrincados e complexos permite uma abordagem também sociocognitiva da aprendizagem, da construção e co-construção do conhecimento bem como da formação cultural para a emergência do *Self*, pois é possível ‘visualizar’ a tênue linha entre mente-sociedade, transcendendo esta dicotomia.

Na figura 10 os pontos no interior dos círculos representam posições do EU (*I-positions*) como vozes simultâneas em um indivíduo que podem ou não serem compartilhadas por outros indivíduos em interação. O conceito de multivocalidade, então, se amplia contemplando também uma simultânea existência dessas vozes individuais com as do Outro (A, B e C) ou com as de Outros, quando se formam grupos (o que seria multiplicar numericamente outros *selves* na figura 10, compartilhando a área C), como vozes coletivas (Hermans, 1996, p. 46; Hermans & Hermans-Jansen, 2003, p. 543). No caso ilustrativo da figura 10, a *arena de diálogo*<sup>41</sup> C representa uma área externa do *Self* em que duas pessoas compartilham os mesmos interesses, mobilizadas pelo ambiente cultural: seria aí que as *vozes coletivas* iniciariam o processo de internalização para as áreas internas do *Self*. Hermans e Hermans-Jansens (2003, p. 543) assim exemplificam:

- Arena C: área externa do *Self* (ME como uma das *I-positions*): a família, os educadores, o bairro, a nação, grupos de rock etc.
- Arena A ou B: áreas internas do *Self* (ME como uma das *I-positions*): “*Eu como filho...*”, “*Eu sou um professor da escola...*”, “*Eu sou da Comunidade do Coque...*”, “*Eu sou brasileiro...*”, “*Eu sou rockeiro...*” etc.

As disposições internas do *Self* podem enfatizar ou enfraquecer as posições externas apresentadas pelas vozes dos outros, representando as características individualizadas de conformidade ou inovação, aceitação ou oposição que permeiam a construção dos

<sup>40</sup>Goffman (2007) discutirá também a respeito ao tratar da *preservação das faces*, e Bakhtin comentará a respeito ao tratar da polifonia no romance (plenivalência das vozes, consciência da personagem. Ver Bakhtin, 2004b) e comentará sobre o excedente de visão estética (corpo interior, corpo exterior, imagem do corpo, horizontes de percepção. Ver Bakhtin, 2003b)

<sup>41</sup> Termo proposto por Valsiner (2000) para as áreas de *I-positions*, em que o *Self* não somente dialoga com suas vozes mas com as vozes alheias, em contínuos processos de negociação.

significados no meio social e o próprio processo do desenvolvimento do *Self*<sup>42</sup>. Então é possível admitir, nessa perspectiva, que tanto o fenômeno de estabilidade quanto de mudança estão presentes no *Self* e na sociedade, mesmo porque ambos *Self*-sociedade estão interconectados: o externo está juntaposto ao interno e inversamente a parte interna está infundida na externa, então do conceito da multivocalidade internalizada Hermans (2012, p. 25) vai defender a ideia de que o *Self* é uma “mini-sociedade” ao mesmo tempo rodeada por uma sociedade *selves*.

## 2.2 Representantes da Psicologia do Desenvolvimento e do Dialogismo

Mesmo numa perspectiva de desenvolvimento, apresentaremos a seguir alguns teóricos atuais que discutem na Psicologia a concepção do *Self* influenciados pelo background teórico do Dialogismo. Nas abordagens de alguns desses autores as fronteiras entre a Psicologia do Desenvolvimento e a abordagem Dialógica são rompidas, porque todos se inspiram nos referenciais das *I-positions*, da multivocalidade, da alteridade (EU-Outro), bem como das interações socioculturais, para a construção de modelos que possam compreender a emergência, constituição e evolução do *Self*, como Jaan Valsiner, Alan Fogel e Maria Lyra, por exemplo. Tomando uma posição mais definida dentro do que se pode considerar Dialogismo como enfoque teórico ou paradigma teórico-metodológico, outros autores no campo da Psicologia e estudos da Linguagem merecem ser destacados: Ivana Marková, Ragnar Rommetveit, Michael Holquist, João Salgado, Per Linnel.

Todos os pesquisadores mencionados apresentam uma vasta referência na literatura científica contribuindo para o estudo do *Self* numa perspectiva dialógica, concepção caracterizada por um conceito de deslocamento do *Self* no Si-mesmo (individualismo, monologismo) e pela ênfase no EU-Outro (*Self* relacional, *Self* social). Em torno desse conceito-chave, os autores apresentam diversas contribuições quanto à estrutura temporal-espacial, relacional, cultural, emocional e lingüística que, juntas, ampliam teoricamente a compreensão do *Self* dialógico.

A seguir apresentaremos pequena síntese das abordagens desses autores em torno das pesquisas sobre o *Self* numa perspectiva de Dialogismo que também propomos e defendemos.

---

<sup>42</sup> A esse respeito merece ser destacado o modelo de desenvolvimento na perspectiva de sistemas dinâmicos proposto por Lyra (1999) de *Estabilidade, Extensão e Abreviação* podendo ser aplicado às interações dialógicas do cotidiano e não apenas na relação diádica mãe-bebê.

### 2.2.1 Jan Valsiner, Alan Fogel e Maria Lyra

Em seu livro *The Guided Mind* (1998), **Jaana Valsiner** propõe uma abordagem sociogenética para a construção da personalidade<sup>43</sup>, revendo vários conceitos tradicionais na Psicologia e introduzindo outros quanto ao *Self*, sua emergência, constituição e desenvolvimento. Valsiner revisita a noção dualística de mente-corpo, a atividade intrapsíquica (memória, imaginação, representação), a mediação simbólica através dos signos sociais, além de defender a perspectiva de sistemas dinâmicos na concepção de mudança e de estabilidade, de espaço-tempo, também enfatizando a influência do contexto sócio-histórico sobre as matrizes de uma autoconsciência em constante movimento:

“A personalidade é vista como emergindo em uma ontogenia através de suas relações sociais e de sua organização cultural. Em suas formas estabelecidas, a personalidade [o *Self*] socialmente que emergiu torna-se relativamente autônoma dentro do mundo social dentro do qual surgiu. Assim, a personalidade [o *Self*] é *simultaneamente* tanto dependente socialmente quanto independente individualmente, sendo ambos aspectos mutuamente relacionados como um sistema.” (Valsiner, 1998, p. 1) [adição do termo *Self* feita por mim]

Nessa perspectiva, então, o *Self* é sociogenético, ou seja, é socialmente formado em suas origens e é individualmente constituído, embora apresentando uma semi-autonomia em relação a qualquer contexto social, em um dado tempo e lugar (VALSINER, 1998, p. 28). Assim a concepção de Valsiner para o *Self* também baseia-se no deslocamento de uma concepção de mente aprisionada num corpo, ampliando para uma concepção de mente relacional com o contexto sociocultural, a partir da qual o senso de si mesmo (*Self*) emerge sempre em processo de desenvolvimento (entre o que apresenta certa estabilidade e o que surge como novo no comportamento da personalidade).

Ao defender a ideia da personalidade (*Self*) como *cultura pessoal*, em que ocorrem os processos de internalização e externalização, Valsiner (1998, p. 30-33) aproxima-se da abordagem de Hermans (*Self Dialógico*) e de Mead (*Self Social*):

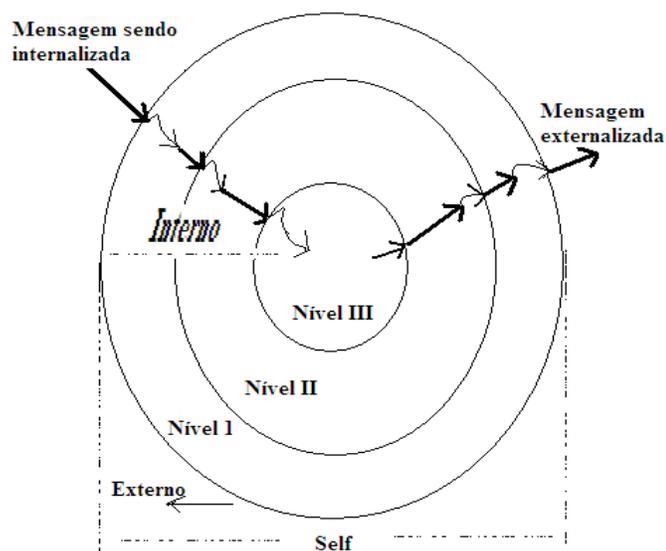
---

<sup>43</sup> Valsiner (1998, p. 1 e mais especificamente no capítulo 1: *Personality and Psychology: Commonsense and General Assumptions*, 1998 p. 6-40) utilizará os termos ‘personalidade’, ‘self’ e ‘pessoa’ como sinônimos. Somente nos trabalhos futuros utilizará com maior ênfase, inclusive dialógica, o termo *Self*. De qualquer modo, contudo, poder-se-ia reescrever atualmente o título do livro de Valsiner como *The Guided Mind: A approach sociogenetic to Self*.

“a personalidade é um processo cultural – primeiro, no nível da constante construção da *cultura pessoal* pelo indivíduo em desenvolvimento, e, segundo, como uma forma de refletir sobre si mesmo aquilo que é sugerido socialmente pela cultura coletiva” (Valsiner, 1998, p. 40).

} => internalização, dimensão interna (fig. 2),  
*I-positions* (fig. 3)  
 } => *a sociedade na mente*: movimento do externo para o interno  
  
 } => externalização, dimensão externa (fig. 2),  
*I-positions* (fig. 3)  
 } => *a mente na sociedade*: movimento do interno para o externo

Discutindo a respeito desses processos de internalização e externalização, em que o SELF e o OUTRO estão em interação, Valsiner (2007) propõe o seguinte esquema (fig. 11) que tem aproximações com o modelo de Hermans (fig. 9 e 10), apresentados anteriormente:



**Figura 11:** Modelo de internalização/externalização, adaptado de Valsiner (2001b, p. 202;2007, p. 214)

Para Valsiner (2007, p. 213) os níveis internos do *Self* podem ser infinitos (na fig. 11 são exemplificados apenas três níveis internos), nos quais ocorrem as filtragens de mensagens recebidas pelo Outro (representando aqui a cultura, a sociedade), podendo as mesmas mensagens serem bloqueadas, diminuídas ou acentuadas até que se tornam internalizadas (nível III ou mais profundos). De modo reverso, as idéias autorais ou as mensagens recebidas, após processadas intrasubjetivamente são externalizadas, também passando por níveis de

filtragem, as quais serão adequadas aos contextos e pessoas que as receberão. Observamos, que o processo de trocas dialógicas estão embasados na relação EU-Outro, no qual o *Self* apenas age e reage porque existe um Outro (internalizado e externalizado). Entendamos o modelo proposto por Valsiner (fig. 11 ) não isolado, mas em permanente atuação e atualização com o ambiente externo apresentando as tensões contínuas entre a estabilidade e a mudança que caracterizam o desenvolvimento do *Self* ao longo da vida.

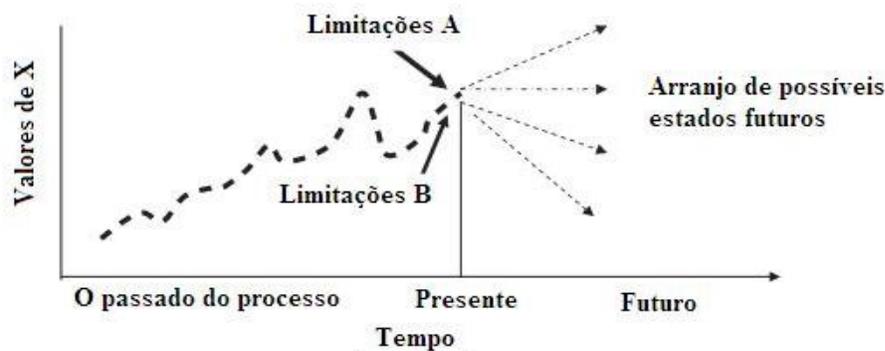
A distinção, contudo, de Valsiner para Hermans<sup>44</sup> e Mead é dada pela ênfase ao *Self* enquanto processo cultural que não é simplesmente espelho da sociedade (Valsiner, 2006, p. 188), pois possui um certo nível de autonomia que permite-lhe infinitas possibilidades de apresentar-se no contexto social, seja sendo conservador ou inovador, contra ou a favor da sociedade, numa escala muito ampla de variação. A preocupação de Valsiner, portanto, está no processo de mudança, nos instantes de inovação em que o EU descreve o seu próprio roteiro, garantindo-lhe a singularidade, embora as forças e influências do contexto que atuam como vetores tanto internos quanto externos no esquema de signos auto-regulatórios e heteroregulatórios (multivocalidade). Ele defende a idéia de que embora existindo no mesmo *background* sociocultural, compartilhando de um conjunto de signos, as pessoas realizam intrasubjetivamente um dual processo de internalização e externalização, marcando cada qual sua própria singularidade, ou seja, o *Self* apresenta um caráter de interdependência em relação ao Outro e é afetado (mas não determinado) por ele.<sup>45</sup>

Esse *olhar metodológico* para o processo de mudança-estabilidade exatamente nos instantes da mudança de posições (internas e externas) do *Self* é analisado persistentemente por Valsiner, sempre enfatizando a orientação em direção ao futuro imediato (*feedforward* [a ideia de irreversibilidade do tempo]) como possibilidades de ação e reação em relação aos outros e ao ambiente (Valsiner 2001a, 2001b, 2003b, 2005, 2008b; Abbey & Valsiner, 2005). A figura 12 a seguir representa o momento no espaço-tempo em que o *Self* em um evento presente, modifica sua posição diante possibilidades futuras de decisões (Valsiner, 2005, p. 198):

---

<sup>44</sup> Ainda podemos observar que Valsiner utiliza vários aspectos do modelo teórico de Hermans do *Self Dialógico* tratando das *I-positions* e das dimensões internas e externas, entre outros: Ver Valsiner (2002a, 2002b, 2003, 2005, 2006, 2007, 2008a)

<sup>45</sup>“Constructed personal meanings are interdependent with - but not determined by - the realm of interpersonal communicative process. The dual process the internalization and externalization make each individual into a *unique* person, while based on the *same* general background of the given society. The universal role of semiotic mediation can be proven not by persons 'sharing' the same meanings in their intrapersonal words, but by their constructions of their subjectively unique understandings on the basis of socially communicated messages” (Valsiner, 2001, p. 95-96)



**Figura 12:** Limites conceituais e lócus do fenômeno *scaffolding*<sup>46</sup> (Valsiner, 2005, p. 198)

Diante as limitações do contexto (normas, regras, opiniões etc.), a pessoa pode tomar diversas decisões direcionando eventos futuros a partir de sua ação/reação no instante presente. A emergência do novo como uma ruptura ao já estabelecido no comportamento ocorre em algum momento no presente, quando o indivíduo rompe limites próprios ou externos (limitações A e B, figura 12) para criar um arranjo de possíveis estados futuros (processo de mudança  $\times$  estabilidade, permanência  $\times$  impermanência), de modo que vivenciamos as experiências no presente mas orientados para um futuro imediato. Esse tempo futuro, por sua vez, está desenhado não apenas por expectativas do próprio *Self*, mas inevitavelmente, das expectativas do Outro também, sendo inescapável a relação EU-Outro e, por isso mesmo, Valsiner defende que o *Self* tem uma semiautonomia, mas nunca uma autonomia completa porque é sempre interdependente em relação à ecologia sociocultural (Valsiner, 1998, p. 28-29).

Assim, o *Self* também é observado por Valsiner fora de uma dicotomia cartesiana mente-corpo e dentro de uma abordagem semiótica/histórica/dialógica. Torna-se convincente, portanto, que Jaan Valsiner considere o *Self* ora como campo (2002a, 2007), ora como um sistema dinâmico (1998, 2008b) ou como processos psicológicos orientados para a mudança (2002a), pois: “(...) implicam um movimento contínuo ou um fluxo de vida através de experiências que pode ser caracterizado como uma organização fluida, dinâmica, de auto-organização e auto-inovação.<sup>47</sup>”.

<sup>46</sup> **Scaffolding** (do inglês *andaime*, pode ser aportuguesado para *andaimagem* no sentido de guia/orientação) é uma metáfora para conceitualizar o processo de um apoio ‘externo’ aplicado à aprendizagem de forma mediadora, sendo posteriormente descartado (Van Geert & Steebeck, 2005, p. 116)

<sup>47</sup> “Human psychological processes entail a flow-or a stream-of lived through experiences that can be characterized as fluid, dynamic, self organizing and self-innovating” (Valsiner, 2002a, [tradução minha no texto])

Ainda sob o enfoque do desenvolvimento destacamos a contribuição de **Alan Fogel**, cujo interesse principal é o desenvolvimento do *Self* e da emoção no contexto das relações interpessoais, em particular, o desenvolvimento da relação mãe-bebê. Através de estudos de casos em pesquisa-longitudinal realiza análises qualitativas e quantitativas para identificar a emergência do *Self* desenvolvendo um método de *pesquisa histórico-relacional*<sup>48</sup>. Baseado na teoria de sistemas dinâmicos e nas pesquisas de histórias de vidas, a pesquisa histórico-relacional é aplicada sobre os processos de ‘mudança’ no desenvolvimento, nas relações interpessoais (Fogel et. all, 2006, p. 2-3). Dois conceitos são revistos e utilizados por Fogel para a construção dessa perspectiva: 1) emoções; 2) corpo.

Este enfoque teórico-metodológico, integrando a concepção dos sistemas dinâmicos e do dialogismo para uma abordagem da Psicologia do Desenvolvimento, evidencia que as emoções são relacionais emergindo e desenvolvendo-se em um contexto de histórias relacionais (Vedeler, 2007, p. 77), consideradas como um componente fundamental e integral no desenvolvimento do *Self* (Garvey & Fogel, 2007, p. 51). As emoções são corporais, manifestam-se no corpo como resposta ao ambiente e às relações com outros, providenciando informações significativas sobre o *Self* e as suas experiências ao longo da vida, tornando-se co-reguladoras dos relacionamentos (atração/repulsão, aproximação/afastamento, prazer/desprazer). A identidade, então, como um senso de si mesmo ao longo do tempo de desenvolvimento, torna-se possível através da experiência emocional cuja memória marcará os eventos positivos e marcantes como referências para novos frames de dialógicos (Fogel, 2001).

Além desse aspecto, é central para Fogel a ideia do corpo, através da qual se tem a ideia da *mente encarnada*, porque é pelo corpo que ocorrem as percepções, se realizam os processos comunicativos, manifestam-se as emoções e acontece o surgimento do *Self* durante as interações histórico-relacionais:

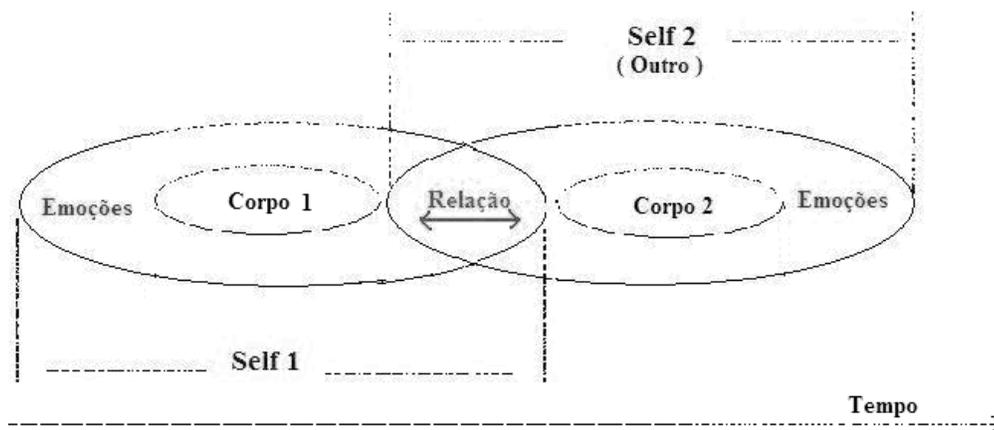
Muito mais pode ser dito sobre o papel do corpo na auto-consciência<sup>49</sup>. O sentido do self e da identidade emerge da dinâmica relacional, porque o corpo é especializado para criar experiências emocionais para os contornos e significados histórico-relacionais de eventos dentro de frames. E

<sup>48</sup> Fogel (2006, p. 2) admite três premissas básicas para este método: 1) o desenvolvimento das relações é a unidade de análise; 2) a mudança emerge a partir dos modelos do passado, mas não está limitada completamente a ele; 3) o processo desenvolvimental é revelado durante a análise de casos antes, durante e depois de uma mudança.

<sup>49</sup> Em 2009 Fogel publicou a obra *The psychophysiology of Self-awareness: Rediscovering the lost art of body sense* (N.Y.: W.W. Norton) onde defenderá a tese da embodied self-awareness como uma habilidade de prestar atenção em nossas sensações, emoções e movimentos corporais, sem julgamentos prévios (p. 1)

reciprocamente, as características específicas de orientações, eventos, frames e culturas devem a sua identidade pelas possibilidades de emoção vividas pelo corpo humano<sup>50</sup>. (Fogel, 2001, p. 27-28)

As origens do *Self* e das emoções tem suas matrizes iniciais no corpo, emergem dele a partir da dinâmica relacional com o Outro. Considerando o corpo como uma entidade física e situada num contexto físico e cultural, quando existem condições para uma experiência interacional (relação dialógica) então é possível que dois ou mais corpos entrem numa dada relação espaço-temporal marcadas pelas emoções (Vedeler, 2007, p. 78). Uma metáfora ideográfica para um modelo de emergência do *Self* a partir das emoções compartilhadas é apresentada na figura 13, a seguir:



**Figura 13:** Modelo de *Self* numa perspectiva relacional adaptado das idéias de Fogel [2001])

Para Fogel o corpo, como epicentro do *Self*, tem nas emoções co-reguladas (o campo da ‘relação’ na fig. 13) a base para emergência e auto-consciência do *Self*. Somente na relação com o Outro, vis-a-vis, corpo-a-corpo, é possível o surgimento de uma consciência de si mesmo construída ao longo do tempo a partir das sensações, percepções, emoções e cognição que vão sendo construídas numa perspectiva micro e sociogenética de desenvolvimento. Se considerarmos unilateralmente o corpo humano (‘**corpo 1**’ na fig. 13) é impossível conceber a emergência e constituição do *Self*, o qual somente pode ser concebido a partir da perspectiva histórico-relacional quando então os corpos humanos entram em uma interação persistente

<sup>50</sup> “More can be said about the role of the body in self awareness. The sense of self and identity emerges from relational dynamics because the body is specialized to create emotional experiences for the temporal contours and relational meanings of events within frames. And reciprocally, the particular features of orientations, events, frames, and cultures owe their identity to the possibilities of emotion as experienced by the human body”[tradução no texto feita por mim]

numa ecologia sociocultural, provocando o surgimento da noção de orientação espaçotemporal, de autoria/alteridade e de motivações (Fogel, 2001). As múltiplas posições de relação EU-Outro ao longo do tempo produzem reflexões no próprio corpo, nas próprias emoções como funções co-reguladoras de interação e, ao mesmo tempo, propiciadoras para a construção intrasubjetiva de uma autoconsciência, dentro de um sistema dinâmico de desenvolvimento que contempla tanto a estabilidade quanto a mudança, certeza e incerteza. Em razão disso, Fogel insiste contra uma isonomia do *Self* defendendo que “não existem indivíduos, mas somente pessoas em relação”(2009, p. 14)

Nessa breve síntese que realizamos dentro do campo da Psicologia do Desenvolvimento destacamos a pesquisadora brasileira **Maria Lyra**, cujas pesquisas em torno da microgênese das relações a partir da díade mãe-bebê tem contribuído para a compreensão da emergência do *Self*. A partir de suas investigações tem dialogado com Valsiner<sup>51</sup>(*Construction of psychological process in interpersonal communication*, 1998; *Dynamic process methodology in the social and developmental process*, 2009), com Fogel<sup>52</sup>(*Dynamics of development in relationships*, 1997a) e com ambos<sup>53</sup> (*Dynamic and indeterminism in developmental and social process*, 1997b).

Seu enfoque metodológico contribui para a compreensão do *Self* na medida em que analisa microgeneticamente as relações interpessoais nos primeiros meses da vida, através da díade mãe-bebê (1999; 2000; 2007a; 2007b). Concentrando-se na rede de atos comunicativos (dialógicos) como processo ontológico<sup>54</sup> do sujeito humano (Alte et al., 2007, p. 23) Lyra aborda uma questão fundamental e complexa de desenvolvimento: as raízes tanto ontogenética quanto sistêmica que unem os aspectos de dialogicidade, simbolização e subjetividade<sup>55</sup>, permitindo identificar<sup>55</sup> a emergência do *Self* e sua diferenciação numa perspectiva histórico-relacional.

Os resultados da pesquisa de Lyra tem aproximações com os modelos teóricos propostos por Hermans (Hermans & Kempen, 1993), Valsiner (1998) e Fogel (1993), admitindo as *I-positions* internas, a irreversibilidade do tempo, os frames comunicacionais de

<sup>51</sup> Lyra, M.C.D.P. & Valsiner, J. (Orgs.) (1998) e Valsiner, J., Molenaar, P., Lyra, M.C.D.P. & Chaudhary, N. (Orgs.). (2009)

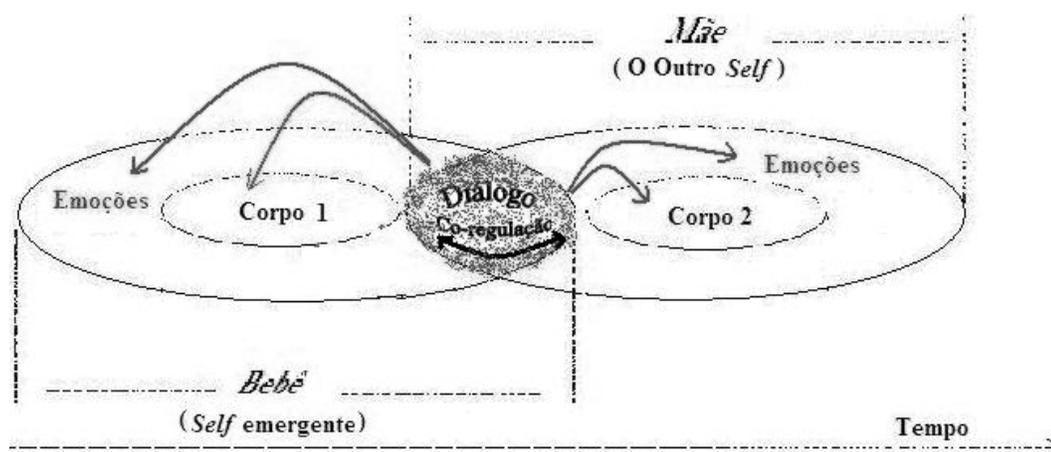
<sup>52</sup> Fogel, A., & Lyra, M. (1997a).

<sup>53</sup> Fogel, A., Lyra, M.C.D.P. & Valsiner, J. (Orgs.) (1997b).

<sup>54</sup> A base ontológica de Lyra “(...) filia-se a uma ‘posição sobre o mundo’ que destaca o caráter histórico, relacional, dinâmico e criativo do processo de desenvolvimento humano.” (2006, p. 27;). Essa ontologia se estabelece em três aspectos (2007, p. 89): 1) a participação da história cultural através da história ontogenética nas trocas dialógicas; 2) o caráter relacional, histórico, interdependente e criativo do diálogo, e 3) a diferenciação do *self* a partir deste diálogo.

<sup>55</sup> Sinha (2007, p. 45): “Maria Lyra (2007, this issue) addresses a fundamental and complex developmental problem: the ontogenetic and systemic roots of the nexus binding symbolization, dialogicality and subjectivity.” [tradução minha em citação indireta no texto]

co-regulação, bem como as idéias dos sistemas dinâmicos e da historicidade relacional. Nesse sentido, é possível verificarmos a concordância e coincidência de sua pesquisa com a abordagem de Alan Fogel ao admitir que o *Self* emerge num sistema dinâmico de relações quando apresenta os indícios de diferenciação em relação ao Outro, na análise microgenética através de seu modelo EEA<sup>56</sup>(Estabelecimento-Extensão-Abreviação). Retornando a figura 13 (Modelo de *Self* numa perspectiva relacional adaptado das idéias de Fogel [2001]) poderemos admitir que Lyra também encontra no campo da ‘Relação’ o ‘espaço-tempo’ onde o *Self* vai se constituindo e assumindo sua diferenciação em relação ao Outro, construindo ao longo do tempo uma autoconsciência. Poderemos refazer aquele modelo adaptado de Fogel (fig. 13) para o modelo de Lyra do seguinte modo (fig. 14):



**Figura 14:** Díade mãe-bebê e emergência do *Self* a partir dos processos de co-regulação

O campo de interação ou diálogo (co-regulação, ver fig. 14) formado pelas trocas dialógicas ocorridas pelo corpo-1 (bebê) e pelo corpo-2 (mãe) é admitido por Lyra como um campo de múltiplos diálogos (verbais e não-verbais) e fortemente caracterizado pelas emoções de ambos, não “(...) como uma fusão de emoções entre os parceiros, mas como um elo que já contém características intersubjetivas” (Lyra, 2007, p. 92). As emoções sentidas e percebidas pela díade mãe-bebê refletem-se em ambos (no corpo e nas emoções) como ações co-reguladas e coordenadas, e no caso específico do bebê, mais fortemente favorece a emergência de sua autoconsciência que vai sendo construída ao longo do tempo tanto pela simetria quanto pela assimetria de ações compartilhadas (Lyra, 1999; Hermans, 2001). Ela irá

<sup>56</sup> “O modelo EEA, estudando o processo de desenvolvimento da comunicação mãe-bebê, aborda as transformações que ocorrem no sistema de relações composto pela troca mãe-bebê, ao longo da sua história de construção. (...)O desenvolvimento da comunicação, concebido como diálogo, permite identificar a emergência e diferenciação do bebê como self dialógico.” (Lyra, 2006, p. 25; Ver também Lyra, 2007).

considerar esse campo como um ‘espaço’ ou ‘realidade’ virtual de (inter)subjetividade, o *locus* de funcionalidade simbólica, onde se inicia o processo de diferenciação psicológica do bebê (*Self* emergente) em relação ao parceiro do diálogo, a mãe (o Outro *Self*), numa perspectiva histórico-relacional de desenvolvimento (Lyra, 2006, p. 28-29; 2007a, p. 21, 24, 38 e 39; 2007b, 88, 89, 90, 93 e 94; Sinhá, 2007). É a partir desse campo semiótico de trocas dialógicas que o *Self* vai sendo constituído, ocorrendo a percepção de diferenciação EU-Outro e o contínuo fluxo de estabilidade-inovação (conhecido-desconhecido, permanência-impermanência) que caracterizam o ser humano em sua constante abertura para o novo, preservando-se um nível de identidade ao longo do tempo.

Assim, o *Self* para Lyra surge a partir do diálogo, porque suas pesquisas com as díades apontam para um ‘espaço virtual’ de recursos simbólicos compartilhados pelos *selves* em interação e pela capacidade de simbolização (subjetivação ↔ intersubjetivação) do *Self* (Sinhá, 2007, p. 46): “O *Self* é dialógico porque tem [internamente] uma seleção de diálogos construídos historicamente que são abreviados e condensados” (Lyra, 2008). A perspectiva temporal orientada para o futuro (irreversibilidade do tempo) é o que determina o estatuto da inovação para a diferenciação e singularidade do *Self*, como processos de abertura e indeterminação dentro do sistema.

É possível identificarmos nesses três autores (Valsiner, Fogel e Lyra) que apresentamos as idéias do Dialogismo dentro do escopo teórico-metodológico que adotam para a investigação do *Self*. Os autores que apresentamos a seguir assumem de forma mais enfática o aporte teórico do Dialogismo, servindo todos como referenciais para a perspectiva da carnavalização bakhtiniana que adotamos para a representação do *Self* nas salas de bate-papo na Internet.

### **2.2.2 Ivana Marková, Ragnar Rommetveit, Per Linnel e João Salgado**

Atualmente existem redes de pesquisadores em vários países que tem realizado aplicação e desdobramentos do Dialogismo Bakhtiano em diversas áreas de conhecimento<sup>57</sup>, formando novos ‘círculos’ interdisciplinares nas ciências humanas: é o caso dos debates e pesquisas na área da Psicologia e dos estudos da Linguagem, não somente no Brasil mas em diversos centros acadêmicos do mundo<sup>58</sup>.

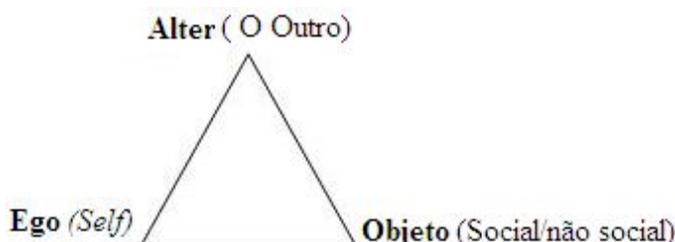
<sup>57</sup> Merece referência o artigo de Amorim e Rosseti-Ferreira (2008, Paidéia) ao apresentar estudo indicativo do termo ‘dialogismo’/‘dialogicidade’ nos bancos de dados (LILACS, SciELO e *Web of Science*).

<sup>58</sup> Destacamos alguns principais pesquisadores que tem mobilizando a pesquisa e a discussão do Dialogismo: Hubert

Dentre os atuais pesquisadores que adotam o dialogismo como base teórica de pesquisas e desenvolvimento de projetos acadêmicos, destacamos alguns deles com suas contribuições para o estudo do *Self*.

**Ivana Marková**, professora emérita de psicologia na Universidade de Stirling (Escócia), conhecida por seu trabalho sobre a linguagem e as construções de comunicação, no campo da Psicologia Social, tem defendido a idéia da natureza dialógica humana<sup>59</sup>: “(...) nós precisamos ver a mente não como se fosse um mecanismo sem história, mas um fenômeno historicamente e culturalmente construído em comunicação, tensão e mudança.”<sup>60</sup> (Marková, 2003, p. 24).

Em sua abordagem sobre os processos de comunicação o diálogo é compreendido sempre numa abordagem dialógica de tensões, não restrita à díade das vozes do *Self*-Outro [*Self*], mas incluindo a existência de um terceiro elemento: Objeto (terceira voz). Inspirada no modelo de representações sociais de Moscovici (1970) que contrapôs-se ao modelo cartesiano SUJEITO→OBJETO com o seguinte modelo SUJEITO ↔ SUJEITO [o Outro] ↔ OBJETO, Marková (2003, 2008) irá propor o seguinte esquema triádico (figura 15):



**Figura 15:** Modelo Ego-Alter-Objeto de Marková

O modelo Ego-Alter-Objeto de Marková fundamenta-se no dialogismo por conceber a necessária relação entre os sujeitos do discurso para a construção/relação do/com o ‘objeto’,

---

Hermans, através do *International Society for Dialogical Science* (ISDS), do *International Journal for Dialogical Science* (IIDS) e de eventos internacionais; David Shepherd, sucedido por Craig Brandist tendo criado o *The Bakhtin Centre* na University of Sheffield, Reino Unido, mantendo contatos com pesquisadores da University of Lausanne, Suíça e da University of Jyväskylä, Finlândia; Marie-Cécile Bertau, na Alemanha; João Salgado, Carla Cunha entre outros no Grupo de Estudos em Dialógica e Identidade (GEDI) do Instituto Superior da Maia (ISMAI); Beth Braith como editora responsável da *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso* (PUC-SP) e do Grupo de Pesquisa *Linguagem, identidade e memória*; Grupo de Estudos de Gêneros do Discurso (GEGE) formado por pesquisadores da Universidade Federal de São Carlos, Universidade Estadual de Campinas e USP; Grupo de Estudos Bakhtinianos (GEBAKH) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

<sup>59</sup> No prefácio do livro organizado em co-autoria com Klaus Fopa (*The Dynamics of Dialogue*, 1990), Markova defende a natureza simbólica e dialógica da comunicação humana.

<sup>60</sup> Na edição brasileira pela Editora Vozes (2006): *Dialógicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente*, observamos erro de tradução nessa passagem, em comparação com o original em inglês. Adotamos a versão original da Editora Cambridge University Press (2003): “(...) we need to view to mind as if it was **not** a mechanism without history but a historically and culturally constituted phenomenon in communication, tension and conflict.” [grifo meu no vocábulo que foi eliminado na versão brasileira do livro]

não restringindo a ‘relação dialógica’ em uma mera interação face-a-face dos sujeitos comunicativos, nem aceitando um reducionismo cartesiano Sujeito-Objeto. O *Self* (Ego, Sujeito) somente existe porque existe um Outro-*Self* ou Outros-*selves* com quem interage, responde (responsividade dialógica) realizando autoreflexão e construindo uma autoconsciência que também reflete o outro, por isso mesmo que a consciência tem um *caráter coletivo* (Marková, 2007, p. 21). Por sua vez o Objeto (social ou não social) somente passa a existir como significativo através da interação simbólica Eu-Outro pela linguagem<sup>61</sup>. O Objeto não é somente o elemento externo, foco da percepção, mas inclui também os valores, leis, costumes (objeto social), os quais são internalizados assumindo funções de mediação entre o Eu-Outro.

Além disso, no esquema triádico de Marková (fig.8), a relação Ego-Alter não é apenas externa, mas também internalizada, significando as múltiplas representações sociais simbólicas do Ego em relação ao Alter e vice-versa vivenciadas por cada um dos elementos de forma interdependente (2006, 2008). Então o esquema triádico é dúplice (interno/externo): Ego-Alter (incluindo o Alter internalizado)-Objeto (representação social).

**Ragnar Rommetveit** é professor emérito de psicologia na Universidade de Oslo, pesquisador reconhecido internacionalmente na linguagem da psicologia, sendo o dialogismo tema central para suas teorias no campo da Psicologia Social. Tem sido reconhecido como um dos pioneiros na ‘abordagem dialógica’ quando desenvolve propostas nos estudos da comunicação sobre intersubjetividade e construção de significados com o uso da linguagem (Josephs, 1998), apoiando-se fortemente nas contribuições da chamada "era de ouro da psicologia e da semiótica soviéticas" (Rommetveit, 1992, p. 24 apud Leitão, 2007, 455; Marková, 2000, p. 422; Krauss, 1996, p. 68 e 128; Hagtvet & Wold, 2003, p. 188). Desde seus primeiros estudos investigativos na área da linguagem e da comunicação tem defendido o aspecto social como fator determinante na constituição do sujeito falante (*Self*): *Words, meanings, and messages: theory and experiments in psycholinguistics*<sup>62</sup>(1968), *Language, thought and communication: an introduction to the language psychology and psycholinguistics*<sup>63</sup>(1972), *On message structure: A framework for the study of language and*

<sup>61</sup>Essa relação triangular apresenta-se como um esquema cujos elementos abstratos podem ser substituídos por elementos concretos: Ego (*Self*, meu grupo, minha comunidade), Alter (O Outro [*Self*], a ‘voz interior’, parte da comunidade) e o Objeto (o tema do discurso, a ideologia dominante), conforme Marková (2000; 2007, p. 21-22; 2008)

<sup>62</sup> Rommetveit, Ragnar (1968). *Words, meanings, and messages: theory and experiments in psycholinguistics*. New York: Academic Press, 1968 – 328 pp.

<sup>63</sup> Rommetveit, Ragnar (1972). *Language, thought and communication: an introduction to the language psychology and psycholinguistics*. University Press, Oslo.

*communication* (1974), *Language, individual psyche and the cultural community*<sup>64</sup>(2008). Devido à sua importância e influência no meio acadêmico europeu mereceu a publicação de duas edições em que pesquisadores discutiram suas contribuições: *The dialogical alternative: towards a theory of language and mind* (Wold, 1992) e *On the Dialogical Basis of Meaning: Inquiries into Ragnar Rommetveit's Writings on Language, Thought and Communication* (Hagtvet & Wold, 2003).

Dentre os seus artigos com um enfoque mais especificamente dialógico, destacam-se *On axiomatic features of a dialogical approach to language and mind* (1990), *Outlines of a dialogically based socio-cognitive approach to human cognition and communication* (1992), *The confession of a dialogist about his elderly mind's embeddedness in his childhood* (1997) e *On the Role of "a Psychology of the Second Person" in Studies of Meaning, Language and Mind* (2009), nos quais enfatiza como o *Self* é considerado encarnado cultural e coletivamente, assumindo a concepção da natureza dialógica da mente humana.

**Per Linell**, da Linköping University, Suécia, tem desenvolvido pesquisas nas áreas de comunicação e linguagem, enfatizando o aspecto coloquial, sob a perspectiva das teorias dialógicas e defendendo uma Linguística Dialógica<sup>65</sup>. Destacamos tres obras importantes de sua autoria que compõem discussões em torno da abordagem dialógica, revisando teóricos e propondo novas questões: *Approaching Dialogue: Talk, interaction and contexts in dialogical perspectives* (1998) e *Rethinking Language, Mind and World Dialogically: Interactional and contextual theories of human sense-making* (2009), além de uma coletânea de manuscritos não publicados, mas disponível no formato digital: *Essentials of dialogism: Aspects and elements of a dialogical approach to language, communication and cognition* (2007a, 2007b, 2007c, 2007d).

Além dessas obras em que discute o Dialogismo e a *dialogicidade*<sup>66</sup>, Per Linell escreveu diversos artigos em parceria com outros *dialogistas*, dentre os quais destacamos: **Luckmann** – *Asymmetries in dialogue: Some conceptual preliminaries* (1991); **Markova** – *Acts in discourse: From monological speech acts to dialogical inter-acts* (1993); *Coding elementary contributions to dialogue: Individual acts versus dialogical interactions* (1996); **Rommetveit** – *The Many Forms and Facets of Morality in Dialogue* (1998).

<sup>64</sup> Rommetveit, Ragnar (2008). *Språk, individuell psyke, og kulturelt kollektiv*[*Language, individual psyche and the cultural community*]. Gyldendal Norsk Forlag, Oslo

<sup>65</sup> Informes biográficos e de atualização de Per Linell disponível no sítio eletrônico do Instituto de Cultura e Comunicação da Linköping University, disponível em: < <http://bit.ly/IxKwZa> > e também em < <http://www.dialogicidad.cl/linell.html> >

<sup>66</sup> Ver Linell (2009, cap. 1) onde traz importantes considerações sobre os termos 'dialogismo', 'dialógico', 'diálogo', 'teoria do diálogo', 'teoria dialógica'. Também ver Linell (2007e, nota 1, p. 606).

Em seu conjunto, a grande contribuição de Linell, dentro da rede de pesquisadores atuais que trabalham com o Dialogismo, tem sido a de estabelecer pontos de relação entre a neurociência e a teoria dialógica. Seu livro *Approaching Dialogue: Talk, interaction and contexts in dialogical perspectives* (1998) é uma tentativa de ampliar o próprio conceito de Teoria Dialógica, integrando as várias abordagens que tratam da fala-em-interação (Análise da Conversação, Análise Interacional, Pragmática Discursiva, Psicologia Social, Sociolinguística interacional etc.). E um de seus mais recentes artigos, de maneira magistral, defende essa perspectiva holística para o que se deve compreender como Dialogismo (2007e): uma tentativa de convergência entre as informações da neurobiologia e psicologia cognitiva com as da abordagem dialógica.

Decorrente dessa abordagem, Linell também tem contribuído para uma Linguística Dialógica (2006), de forte caráter interdisciplinar conforme as raízes bakhtinianas e que, por isso mesmo, deve romper uma hermenêutica fechada, de modo que o Dialogismo atualmente tem incorporado muito mais aspectos do que o termo adotado inicialmente pelo próprio Bakhtin e seu Círculo (2007e, p. 606; 2009; 2010).

Tendo uma visão ecumênica nas Ciências Sociais, Linell consegue apoiar-se em Damásio<sup>67</sup>, Lewis<sup>68</sup>, Goodwin<sup>69</sup>, Goffman<sup>70</sup>, Schegloff<sup>71</sup>, dentre outros, para ratificar que o *Self* somente existe na interação, através dos processos comunicativos e dialógicos, e não como algo por trás desses complexos processos. Assumindo que a mente é dialógica, os atos se tornam de caráter dialógicos e fornecem as bases bio-psicológico-culturais para a emergência e construção do *Self*.

**João Salgado** do Instituto Superior da Maia (ISMAI), Portugal, atualmente envolvido no projeto de investigação em Psicologia pelo UNIDEP<sup>72</sup>, intitulado “*Transições: Estudos dos processos de mudança na psicoterapia e na vida quotidiana numa perspectiva dialógica e desenvolvimental*”, tem utilizado o modelo teórico do *Self Dialógico* (Hermans, 2001; Hermans, H. & Hermans-Konopka, 2010) para apresentar propostas teórico-investigativas sobre identidade (Salgado & Hermans, 2005; Salgado & Ferreira, 2005;

<sup>67</sup> Damasio, A. (1994). *Descartes' error: Emotion, reason, and the human brain*. New York, NY, Grosset/Putnam.

<sup>68</sup> Lewis, M. (2002). The dialogical brain: contributions of emotional neurobiology to understanding the dialogical self. *Theory & Psychology*. Vol. 12, nº 2, p. 175–190.

<sup>69</sup> Goodwin, C., 1981. *Conversational Organization: Interactions between Speakers and Hearers*. Academic Press, New York.

<sup>70</sup> Goffman, E. (1959): *The presentation of self in everyday life*. Nova York, Double Day

<sup>71</sup> Schegloff, E.A., 1996. Turn organization: one intersection of grammar and interaction. In: Ochs, E., Schegloff, E.A., Thompson, S. (Eds.), *Interaction and Grammar*. Cambridge University Press, Cambridge, pp. 52–133.

<sup>72</sup> Unidade de Investigação em Desenvolvimento Humano e Psicologia do ISMAI

Salgado & Gonçalves, 2007) e sobre auto-engano<sup>73</sup>. Ele estabelece quatro princípios dialógicos para o estudo da subjetividade (Salgado, 2007, p. 55-56; Salgado & Gonçalves, 2007): 1) primazia relacional; 2) dialogicidade; 3) alteridade; 4) contextualização. Posteriormente (Salgado & Valsiner, 2010) ampliou esses princípios, acrescentando os de: 5) mediação semiótica; 6) dinamicidade.

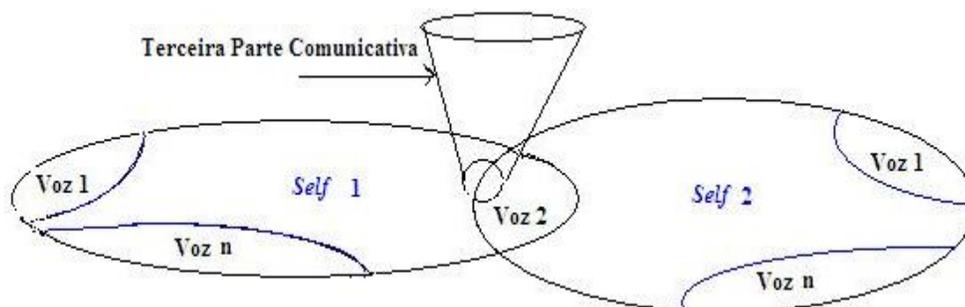
A tese central de Salgado é que o *Self* é, por natureza, relacional, portanto, dialógico, emergindo os significados e a autoconsciência, a partir da relação Eu-Outro (Ego-Alter) que assumem posições de mútua relação (tanto externa quanto interna, já que o Outro não está somente fora do *Self*). O contexto relacional entre o Eu e o Outro é tido como *I-positions* do *Self* que passa a existir e se movimenta num certo horizonte espaçotemporal (um certo fundo de contraste é necessário para que as figuras possam emergir numa determinada paisagem). Então, não há um *Self* interior, individualizado, mas *social*, porque as narrativas (a historicidade, a autoidentificação), as emoções, os pensamentos constituem o conhecimento que temos de nós mesmos e do mundo construídos *socialmente*, pelo que lhe damos significados (Salgado & Hermans, 2005, p. 7). Desse modo, o *Self* toma lugar na relação Eu-Outro, existindo não ‘dentro’ mas a partir dessa relação e admitindo-se as múltiplas *I-positions* desse espaço relacional com suas respectivas vozes, é possível conceber o *Self* como uma sociedade polifônica da mente (Salgado & Hermans, 2005, p. 7) ou simplesmente como uma minissociedade (Hermans & Salgado, 2010), conforme apresentado na figura 16, a seguir:



**Figura 16:** *Self* como minissociedade ou sociedade polifônica da mente

<sup>73</sup> Salgado, J. (2003). *Psicologia narrativa: Um estudo sobre auto-engano e organização pessoal*. Maia: Publismai. [Este é o resultado do seu trabalho de doutoramento sobre identidade pessoal, psicopatologia, numa orientação que sublinha a psicologia narrativa e discursiva, numa perspectiva dialógica]

Dado que estamos sempre em relação com um Outro (*Self 1*, *Self 2*, ...*Self n*) produzindo *I-positions* com respectivas vozes, então somos tanto uma unidade quanto uma multiplicidade ao mesmo tempo em que o Outro não está justamente fora de nós, mas ‘dentro’ de nós mesmos, a partir das relações de comunicação: “O EU subjetivo é criado dentro das experiências intersubjetivas de ser/estar-com (ou ser/estar-contra) o Outro<sup>74</sup>”. Baseados no dialogismo bakhtiniano da polifonia do romance que defende a multiplicidade das vozes, Salgado e Hermans apóiam a idéia de uso da metáfora de polifonia aplicada também à mente, a qual nunca poderá ser entendida como um núcleo onde isolado e encapsulado se encontraria a subjetividade. A idéia da polifonia permite admitir, como metáfora, que o Outro estaria incluído no *autoespaço [ou espaço do Self]*<sup>75</sup>(Voz 1, Voz 2, ... Voz n), conforme a figura 17, como constituinte da subjetividade, oriundo das relações intersubjetivas propiciadas pela comunicação. A partir dessa proposta, Salgado e Ferreira<sup>76</sup>(2005) consideraram um dos elementos importantes no processo da comunicação, a terceira parte (Marková, 2006; Salgado, 2006; Salgado, 2007, p. 59-60; Salgado & Gonçalves, 2007, p. 614; Leiman, 2002, p. 232; Salgado & Hermans, 2005, p. 9-10; Bakhtin, 2003c, p. 332-333) como mediador dos conflitos e das atuações das vozes, propondo um modelo trádico de subjetividade contemplando as vozes do Self (*Self 1*, na figura 17), do seu Outro (*Self 2*, na figura 17) e a terceira parte:



**Figura 17:** Modelo triádico [adaptado] de Salgado e Ferreira (2005): *Self-Outro-Terceira Parte*

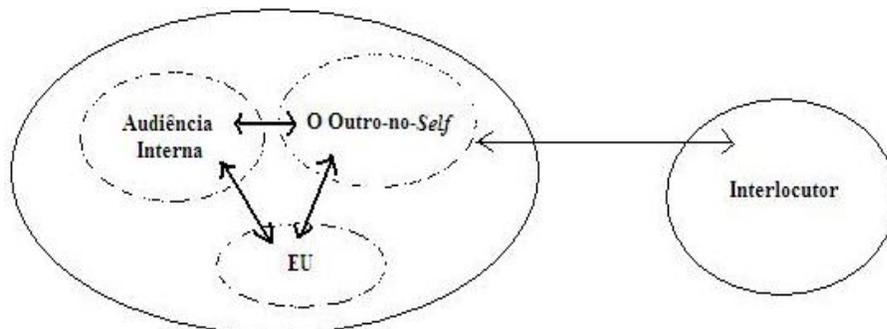
O *Self* ou subjetividade (como prefere Salgado), nessa perspectiva triádica, é compreendido como um processo comunicacional (dialógico) formado por três elementos entrelaçados: existe sempre um EU (o centro da experiência do aqui-e-agora), abordando ou dirigindo-se a um Outro (o Outro internalizado no *Self*, como o *Self 2* que está representando

<sup>74</sup> Salgado e Hermans (2005, p. 7) “The subjective *I* is created within the intersubjective experience of being-with (or being-against) Others” [tradução minha em citação indireta no texto]

<sup>75</sup> Ou espaço do *Self*: **self-space** (Salgado & Hermans, 2005, p. 9)

<sup>76</sup> Há também um artigo de Ferreira et. al (2005) discutindo a proposta e levantando questionamentos.

como a Voz 2, na figura 17), mas que é mediado nesse encontro pela ‘terceira parte’ ou *potencial audiência/audiência interior* (as vozes coletivas, aquilo que Marková denominará de ‘representações sociais’ [Marková, 2003; 2006]). Salgado e Ferreira (2005, p. 148) apresentará o modelo triádico (figura 18), identificando mais explicitamente a terceira parte (audiência interna), o Outro (o Outro no *Self*) e o próprio EU, como o centro da experiência psicológica do evento existencial do diálogo:



**Figura 18:** O *Self* dialógico como uma tríade (Salgado e Ferreira, 2005, p. 148)

O *Self*, assim, traz tanto uma peculiaridade de unidade (enquanto cada momento vivido numa perspectiva subjetiva criada) quanto de multiplicidade (a polifonia das vozes, a ‘*minisociedade na mente*’) ao longo do tempo e das relações interacionais constituídas e que lhe constitui (Alte et. al., 2007, p. 11, 13 e 15; Hermans & Salgado, 2010; Salgado & Gonçalves, 2007, p. 61-616). Pode-se dizer, apoiando as idéias de Salgado, que o *Self* é dialógico e que o pensamento é uma dinâmica interna/externa de diálogos, como ilustrado na figura 18 (Salgado, 2006).

Após essas breves anotações em torno do que concebemos ser uma perspectiva dialógica do *Self*, tomamos como bases conceituais:

- A noção expandida do *Self*, assumindo seu estatuto social, em oposição a uma concepção centrada no indivíduo [mente/corpo];
- A relação Eu-Outro como fenômeno instituidor das representações do *Self* (tanto nos ambientes *online* quanto nos *offline*);
- A assunção do diálogo como natureza do humano, constituinte e constituidora do *Self*; processo da relação Eu-Outro;
- O corpo em diálogo como uma representação imediata do *Self*, assumindo as posições Eu-Outro.

Concluimos esta introdução sobre as noções do dialógicas do *Self* compreendendo que muitos outros importantes teóricos (James Cresswell, Marie-Cécile Bertau, Michael Holquist etc.) poderiam ser citados, no entanto, acreditamos que a panorâmica revisional da literatura apresentada permite-nos uma melhor compreensão do princípio da carnavalização bakhtiniana a ser utilizada nesta tese de doutoramento sobre as formas de representação do *Self* nas salas de bate-papo na Internet.

### 3.1 Mikhail Bakhtin e a noção de carnavalização

Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975) apresentou a noção de carnavalização em duas de suas grandes obras: 1) *Problemas da poética de Dostoievski* (2ª edição de 1963 [1929]) e 2) *Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais* (1965 [1940]). Convém delimitarmos o enfoque que daremos da carnavalização bakhtiniana, objeto de estudo vasto e controverso conforme sugerem Clark e Holquist (1998), Emerson (2003), Morson e Emerson (2008), Bernardi (2009), dentre outros pesquisadores. Não discutiremos as questões históricas e arquivísticas sobre o termo *carnavalização* com referência às razões *pro* e *contra* sua utilização nas obras de Bakhtin ou mesmo os debates sobre a inclusão do termo na segunda publicação de *Problemas da poética de Dostoievski* (1963 [1929]). Iniciamos a discussão a partir da concepção predominante de Bakhtin sobre a noção de *carnavalização* que ele estabelece nessas duas obras, considerando que um mais amplo desenvolvimento do tema foi elaborado em *Cultura Popular na Idade Média: o contexto de François Rabelais* (1965 [1940]), mas que ele optou por também incluir e utilizar nos estudos sobre Dostoiévski, quando realizou a revisão e segunda publicação (1963). E aqui nos defrontamos com a defesa da idéia que permeia esta tese: a utilização da noção de carnavalização como uma perspectiva, um método, um ‘olhar sobre’ que pode ser aplicado em diversos outros campos de observação, dentro das ciências humanas, não apenas limitado à obra literária como a de Rabelais ou à de Dostoievski.

No final da década de 1930 e início de 1940, Bakhtin, ao estudar mais especificamente a obra do francês François Rabelais (1494-1553), *Gargântua e Pantagruel* (1532-1552), sob o título de *Rabelais na História do Realismo* (Clark & Holquist, 1998, p. 281) como defesa de sua tese de doutoramento em 1946<sup>77</sup>, elaborou uma noção denominada

<sup>77</sup> Em 1940 Bakhtin apresentou uma versão primeira de sua tese de doutorado no Instituto Gorki (Brait & Campos, 2009, p. 24 Bernardini, 2009, p. 73-74), mas somente pode defendê-la em 1946 e obter o título de Ph.D (Doutor em Filosofia) em 1952 e somente publicado em 1965 (Fiorin, 2006, p. 11; Emerson, 2003, p. 120-121 Ponzio, 2008, p. 169) equivalente a um

de *carnevalização* aplicável à literatura, mas que pode estender-se para outros campos de estudos. A tese foi publicada em forma de livro somente em 1965 com o título *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, constando de uma *Introdução*, onde apresenta o problema a ser estudado, e mais sete capítulos aprofundando as discussões:

1. Rabelais e a história do riso
2. O vocabulário na praça pública de Rabelais
3. As formas e imagens da festa popular na obra de Rabelais
4. O banquete em Rabelais
5. A imagem grotesca do corpo em Rabelais e suas fontes
6. O “baixo” material e corporal em Rabelais
7. As imagens de Rabelais e as imagens do seu tempo

Bakhtin (1987 [1965], p. 2) apresenta na *Introdução* o problema da cultura cômica popular na Idade Média e no Renascimento, discernindo suas dimensões e definindo suas características originais, procurando identificá-las também na obra de François Rabelais, para isso admitindo que:

Na realidade, a cultura popular é infinita e, como já vimos, extremamente heterogênea nas suas manifestações. Em relação a ela, nosso objetivo é teórico e consiste unicamente em revelar a unidade, o sentido e a natureza ideológica profunda dessa cultura, isto é, o seu valor como concepção de mundo e o seu valor estético. (1987 [1965], p. 50) [grifo nosso]

A essa concepção de mundo como valoração estética de criar e recriar a realidade, portanto, caracterizada pela criatividade humana, por sua incompletude e inconclusibilidade do vir-a-ser, Bakhtin denominou de *carnevalização*, acepção extraída do contexto da cultura cômica popular e das festividades do riso. A escolha da polêmica obra de Rabelais para analisar essa concepção de mundo tornou-se bastante adequada para Bakhtin analisar e evidenciar a noção de *carnevalização*, ao mesmo tempo em que também tornou-se um desafio para si mesmo e para sua época, expressa pelas oposições de críticos literários e pela própria

---

*Candidato*, diferente do título de **D. Lit.**, efetivamente dado para um *Doutor em Literatura*. A polêmica história da defesa de tese de Bakhtin é relatada por Clark e Holquist (1998, p.335-359).

academia científica. A Comissão Superior de Avaliação (VAK) responsável pela qualificação dos trabalhos acadêmicos de pós-graduação da URSS, na década de 1940, considerou o trabalho de Bakhtin ‘grosseiramente psicológico’, obsceno, ‘pseudocientífico’, ‘ideologicamente depravado’, dentre outros adjetivos semelhantes, conforme estudos arquivísticos de Emerson (2003, p. 120).

Faz-se importante conhecermos a obra de Rabelais como objeto de estudo escolhido por Bakhtin para defesa de sua tese de doutoramento, a fim de que se entenda, pelo menos preliminarmente as motivações que geraram também oposições, críticas e polêmicas a esse respeito. Ao mesmo tempo a apresentação da noção de *carnavalização*, decorrente dessa referência teórica, permite compreender sua importância para esta tese por alguns pontos em comum: a) mascaramentos; b) formas de representação; c) dramaturgia; d) criação e recriação da realidade; e) predominância do riso, do cômico; f) vocabulário familiar; g) aspectos do baixo corporal (pornográfico).

A obra-prima de Rabelais, *Gargântua e Pantagrue*, escolhida por Bakhtin foi escrita de maneira irregular (Bernardi, 2009, p. 76) a partir de 1531-1532 e sendo concluída em 1552, composta de cinco livros<sup>78</sup> (versão moderna, 2003). É um romance caracterizado por sátiras e enredos cômicos sobre o herói Pantagrue, filho do gigante Gargântua e de sua mulher Badebeca, que morre durante o parto. O herói rabelaisiano é apresentado como de uma excepcional avidez por bebidas espirituosas e a capacidade de espalhar sede idêntica (Amado, 2003, p. 17), sendo exageradamente alegre e mordaz, cínico e brincalhão, glutão e controverso no seu humor, além de apresentar-se sem qualquer pudor com expressões verbais consideradas grosseiras (palavrões, anedotas e gírias populares). Essa construção estética do personagem e seu enredo fez com que Rabelais nas primeiras publicações dos livros utilizasse um pseudônimo para assinar a obra: *Alcofribas Nasier*, um anagrama<sup>79</sup> de seu próprio nome (François Rabelais). Essa prática dos anagramas e pseudônimos Rabelais utilizou abundantemente em toda a sua obra, tanto para representar autoridades locais e personalidades históricas como também construindo nomes de personagens para o livro compostos de partes de outros nomes, como por exemplo, de JOÃO e MARIA poderia derivar JOMARIA ou MAJÃO.

No capítulo 13 do Primeiro Livro, Rabelais descreve como Grandgousier conheceu a arte do ‘limpa-cu’ de Gargantua: “— *Eu, respondeu Gargantua, por longa e curiosa*

<sup>78</sup> A versão moderna que utilizamos inclui um quinto livro, para a qual há intensos debates para se outorgar a autoria a Rabelais. A versão tradicional considera a obra *Gargântua e Pantagrue* formada de quatro volumes ou livros.

<sup>79</sup> Palavra ou frase formada com as letras da mesma palavra, originando uma outra: *Alice-Célia, Pedro-poder, Roma-amor*.

*experiência, inventei um meio de me limpar o cu, o mais senhorial, o mais excelente, o mais expediente que jamais foi visto.”* (Rabelais, 2003, p. 70). Todo o capítulo é regado das expressões populares, consideradas por Bakhtin (1987 [1965]) como grotescas: ‘porcão’, ‘cagão’, ‘peidorreirão’, ‘bosta’. Rabelais (2003, p. 72) chega ao cúmulo, em plena época renascentista, a produzir este poema:

*Compreendi, cagando, um dia:  
Vale meu cu bem mais que zero,  
E assim pensei, sendo sincero:  
É mesmo muita porcaria.*

*Ah! Se alguém, por cortesia,  
Trouxesse aquela que espero,  
Cagando.*

*Pois que assim eu poderia  
Seu cu de urina ter como quero  
E ela também meu nobre e fero,  
Meu cu de merda apalparia,  
Cagando.*

E conclui o capítulo dos ‘limpa-cus’ (Primeiro Livro, cap.13) após uma lista imensa de objetos e seres diversos, desde chapéus até animais, com os quais realizava sua arte:

“Mas, concluindo, digo e sustento que não há limpa-cu igual a um ganso novinho, bem emplumado, contanto que se mantenha a cabeça dele entre as pernas. E pode acreditar, palavra de honra. Pois a gente sente no olho do cu uma volúpia mirífica, tanto pela maciez das penas, como pelo calor temperado do ganso, a qual facilmente comunicado ao cano de cagação e a outros intestinos, até chegar à região do coração e do cérebro.” (Rabelais, 2003, p. 73-74)

É a partir do Segundo Livro que Pantagrueu conhecerá Panúrgio, um clérigo arruinado que se tornará seu companheiro de aventuras e também protagonista de vários episódios do romance. É no capítulo 16 que Rabelais vai descrever alguns dos hábitos brincalhões e impertinentes de Panúrgio, “(...) um homem de presença muito agradável, se

bem que fosse um tanto devasso (...)” (Rabelais, 2003, p. 307). Uma das cenas hilárias descritas é a de Panúrgio ajudando o padre franciscano a se paramentar e, ao fazê-lo, maldosamente costurou a alva do sacerdote com a roupa e a camisa de modo que, após a missa, quando o pobre frade quis retirar a faixa branca de sobre a batina levou junto o hábito e a camisa e se desnudou até os ombros não se dando conta da maldosa brincadeira e, assim

(...) mostrando a todos o seu *callibistris*<sup>80</sup>, que, por sinal, não era dos menores. E o frade continuava a puxar, se desnudando cada vez mais, até que um dos senhores da corte disse: “Então, esse padre quer que a gente venha aqui fazer a oferenda e beijar seu cu? Que o fogo de Santo Antônio o beije” (Rabelais, 2003, p. 309-310)

No Terceiro Livro, capítulo 8, Rabelais apresenta o diálogo entre Pantagruel e Panúrgio sobre a braguilha como peça importante da armadura entre os guerreiros, afirmando do cuidado que se deve ter os homens sobre seus órgãos genitais, pois “perdida a cabeça, só perece a pessoa; perdido os culhões, perece toda a natureza humana”, e ainda conclui o capítulo, num arremate jocoso e erotizado (Rabelais, 2003, p. 418):

“Ela, vendo o marido, bem armado  
 Fora a braguilha, para a guerra ir,  
 Disse: Alguém vos poderá ferir,  
 Protegei pois o que mais amado.  
 Há de ser o conselho rejeitado?  
 Digo que não, pois ela é temerosa  
 De que de seu marido idolatrado  
 Se perca a parte de que é mais gulosa.”

No capítulo 9 do mesmo Livro Terceiro, Rabelais trata dos cornos e chifrudos ao dizer: “Gosto muito dos cornos, que me parecem gente de bem, e me dou bem com eles; mas de modo algum desejaria ser um deles.” (Rabelais, 2003, p. 419)

---

<sup>80</sup> Uma das favoritas expressões criadas por Rabelais tanto significando órgão sexual masculino quanto feminino. Vide Williams, Gordon. A dictionary of sexual language and imagery in Shakespearean and Stuart Literature. London: The Athlone Press, 1994, p. 192.

Concluiremos estes recortes de Rabelais (2003, p. 399-400), ainda no Livro Terceiro, capítulo 2, quando Panúrgio louva os efeitos de uma salada<sup>81</sup> verde indicada como uma imensa panacéia que dentre outras atuações

“(...) esvazia os ureteres, dilata os vasos espermáticos, abrevia o cremaster, expurga a bexiga, infla os órgãos genitais, corrige o prepúcio, incrusta a glande, retifica o membro; faz-nos ter bom ventre, arrotar bem, bem peidar, cagar, urinar, espirrar, soluçar, tossir, cuspir, escarrar, vomitar, bocejar, assoar-se, cheirar, inspirar, respirar, roncar, suar, e mil outras vantagens.”

Assim, em toda a obra de Rabelais há esse recorrente e provocante vocabulário, uma rica criatividade de nomes (anagramas e pseudônimos) além de vasto léxico, uso de onomatopéias diversas do comportamento humano (do riso, por exemplo, como “ah, ah, ah!”, “haha” etc), exclamações nos diálogos (“ah!”, “oh!”), vocativos (“Ei!”, “Acorda!” etc) e utilizando uma linguagem coloquial, próxima de uma conversação face a face. Em seu texto Rabelais transformou personalidades locais de sua época em personagens do enredo cômico, dando-lhes uma nova vida, mesmo que fosse à revelia deles, assim caricaturizando-os e criticando-os com o aspecto do cômico e da paródia. Se foi surpreendente que Bakhtin tenha sobrevivido até a década de 1940, mesmo com o exílio a que foi submetido e a doença que o fez perder a perna, mais surpreendente parece ser o fato de ter sido aprovado ainda que à condição de *kandidat* num momento muito árido do comunismo soviético, na era do stalinismo, quando ousou defender a tese da carnavalização, do riso, com a noção de abertura e de incompletude, propondo uma nova forma de ver a vida e o mundo.

Não faz parte desta tese analisarmos os aspectos diferenciados do conceito de carnavalização tomados por críticos anti-carnavalização ou pro-carnavalização, os quais naturalmente tornaram-se anti-bakhtinianos ou pro-bakhtinianos respectivamente, naquilo que se tornou a *bakhtinística* ou a *bakhtinologia*<sup>82</sup> atual, ou seja, toda uma movimentação ideológica em torno de Bakhtin, ora uns quase mitificando-o ora outros anatematizando-o por completo, conforme as observações de Emerson (2003, p. 92). Também não nos deteremos nas críticas sobre a inserção da noção de carnavalização que Bakhtin fez na segunda edição do

<sup>81</sup> Salada ou molho conforme traduções diferentes. Na tradução que temos de Bakhtin (1987 [1965], p. 314), o recorte deste mesmo trecho de Rabelais é tomado como ‘molho verde’.

<sup>82</sup> Os termos *bakhtinística* e *bakhtinologia* são tomados do artigo de A.T. Ivanov “Bakhtin, Bakhtinistika, Bakhtinologija” in *Novoe Literaturnoe Oboszenie* [Nova crítica literária]. Editado por Irina Prokhorova. Moscou, nº 16 (1995): 333-337, esp.334-35

livro *Problemas da poética de Dostoievski* (1963 [1929]), no capítulo 4, cujo número de páginas é ampliado consideravelmente: de apenas 7 páginas na edição de 1929, sob o título *Função do enredo de aventura nas obras de Dostoievski*, para 87 páginas na segunda edição de 1963 com o título *Peculiaridades do gênero, do enredo e da composição das obras de Dostoievski* (Emerson, 2003, pp 241-242/250; Brait, 2009, pp. 41-62; Morson & Emerson, 2008, pp. 474-478).

Tomaremos, assim, a noção de carnavalização obtida diretamente das observações de Bakhtin de sua obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1965 [1940]) e da segunda edição do *Problemas da poética de Dostoievski* (1963 [1929]), como uma ferramenta de observação, uma lente do dialogismo bakhtiniano para a análise da representação do *Self* nas salas de bate-papo na Internet.

### 3.1.1 A Carnavalização nas obras de Rabelais e Dostoievski

A partir da cultura popular Bakhtin extrai o conceito de carnaval como manifesto do riso, o qual é baseado no princípio do cômico, de caráter universal. Essa manifestação popular estabelece-se nos limites fronteiriços entre a expectativa e a representação, ou seja, entre percepção e vivência, tornando-se na acepção bakhtiniana uma ontologia<sup>83</sup>: “os espectadores não assistem ao carnaval, eles o vivem (...)” (Bakhtin, 1987, p. 7). E é assim que ao longo de todo o texto, Bakhtin vai construindo a noção da carnavalização com a tese original de vê-la como princípio, estética, filosofia, doutrina, concepção de mundo, sistema com a adjetivação do riso. Assim a noção de carnavalização surge da concepção do carnaval mas não se reduz nem coincide com a festividade cômica popular; antes, ele utiliza o carnaval como materialização de um princípio universal: a estética de riso como uma forma não apenas de conceber a vida mas de vivê-la, em resumo “durante o carnaval é a própria vida que representa, e por um certo tempo o jogo se transforma em vida real.” (Bakhtin, 1987, p. 7).

As características desta festividade cômica popular são diversas e Bakhtin (1987, p. 14) no estudo sobre Rabelais detém-se a estudar os seus fenômenos verbais, admitindo o surgimento de gêneros inéditos, mudanças de sentido ou eliminação de certas formas desusadas, linguagem coloquial e familiar, uso de palavrões e obscenidades (1987, p. 14-15). Além disso Bakhtin na sua concepção do carnaval afirma que Rabelais apresenta “o princípio

<sup>83</sup> “A ontologia é a ciência ou estudo mais geral do Ser, Existência ou Realidade. Um uso informal do termo significa o que, em termos gerais, um filósofo considera que o mundo contém” (tradução de Desidério Murcho). MacIntyre, Alasdair; Campbell, Keith. *Encyclopedia of Philosophy*. Donald M. Borcherdt (ed.), USA: Macmillan Reference, 2005, 2nd Edition.

da vida material e corporal: imagens do corpo, da bebida, da comida, da satisfação de necessidades naturais, e da vida sexual.” (Bakhtin, 1987, p. 16), princípio este também conhecido como realismo grotesco, profundamente impregnado pelos elementos do chamado “baixo” material e corporal: as ambivalências das partes inferiores do corpo e seus orifícios, obscenidades e grosserias, juramentos e jocosidades. Incluído nesse princípio está a idéia dos dúplices, dos opostos (bem e mal, vida e morte, claro e escuro, alegre e triste etc), do cômico e do mascaramento. Sobre a máscara Bakhtin vai tecer diversos elogios como sendo um dos mais importantes elementos para a montagem da noção de carnavalização que ele vai desenvolvendo, porque “(...) traduz a alegria das alternâncias e das reencarnações, a alegre relatividade, a alegre negação da identidade e do sentido único (...)” (Bakhtin, 1987, p. 35). O realismo grotesco, portanto, é uma das características principais, senão o aspecto mais geral sob o qual são agregados todos os outros elementos que compõem o carnaval. Nesse ponto, observamos como Bakhtin vai descrevendo a festa cômica popular, ao longo da história, vai costurando uma concepção mais ampla do carnaval que não mais se circunscreve ao parâmetro primeiro de uma festividade cultural.

O termo ‘carnavalização’, portanto, diferencia-se de ‘carnaval’, porque é então concebido por Bakhtin como um estatuto de princípio ontológico e de concepção do mundo. O conceito de *Self* é apresentado por Bakhtin “(...) não sob a forma do pensamento abstrato ou das emoções internas, mas na *realidade total do homem*: pensamento, sentimento e *corpo*” (1987 [1965], p. 42) que interage com outro *Self* num contexto sociocultural, pois “é o *nosso* mundo que se converte de repente no mundo dos outros.” (1987, p. 42). Essa cosmovisão carnalizada do mundo e *Self* em interação não se restringe, pois ao movimento folclórico e cultural do carnaval, antes engloba-o, antecede-o e o constitui, com a caracterização da incompletude e do relativismo que compreendem inclusive o pensamento dialógico bakhtiniano, produzindo uma estética conceitual libertadora, plena de criatividade, da abertura para o novo em oposição a uma concepção única e conservadora.

No segundo capítulo Bakhtin estabelece uma teorização do riso como atributo do carnaval e, por conseguinte, da sua noção de carnavalização: doutrina do riso, filosofia do riso (1987, p. 58-59), princípio universal de concepção do mundo (1987, p. 60), teoria do riso (1987, p. 61), alargando-se para uma “(...) sensação social, universal.” (idem, p. 79) ou para uma estética do riso (1987, p. 103). Nesse capítulo ele apresenta a metodologia utilizada para o estudo da obra de Rabelais: o método histórico-alegórico. Consiste em identificar nos personagens rabelaisianos e dos acontecimentos do seu enredo a relação possível com os

acontecimentos e personalidades da vida da corte contemporânea a Rabelais, portanto, um método de análise sob o ângulo da carnavalização.

No terceiro capítulo Bakhtin (1987, p. 125-170) vai analisar o vocabulário da praça pública que faz parte do texto de Rabelais. Aqui destacamos um aspecto central que aproxima a abordagem bakhtiniana que desejamos empregar nesta tese para o estudo da representação do *Self* nos *chats*: o emprego que Bakhtin faz do espaço público, aberto, como a da feira livre ou da praça pública em que todos têm o direito de falar e onde se pode ouvir a polifonia de todas as vozes. Ao mesmo tempo, neste lugar público, a liberdade toma o seu lugar e a linguagem simples, até mesmo vulgar pode ser utilizada sem qualquer respeito às normas gramaticais ou mesmo morais. Como diz Bakhtin (1987, p. 145): “reencontramos os elogios injuriosos e as injúrias elogiosas tão próximas da linguagem familiar da praça pública.”, como se as pessoas estivessem a conversar em torno de uma mesa da sala de casa ou mesmo de um botiquim. Os fenômenos verbais desse contexto é permeado de grosserias, juramentos a Deus e aos santos, imprecações de males contra alguém, obscenidades de modo que essa linguagem, liberada dos obstáculos das regras e formalidades da língua comum “(...) transforma-se numa língua especial, uma espécie de jargão.” (1987 [1965], p. 162).

Nos capítulos 3, 5 e 6, Bakhtin (1987) detalha os elementos estéticos com que Rabelais compõe os cenários, paisagens e personagens, ou seja, as imagens rabelaisianas, fortemente carregadas do realismo grotesco ou “baixo” corporal e material. Em toda a obra será fácil encontrar palavrões, referências às partes consideradas indecorosas do corpo humano (o ventre, o falo, o ânus), pois como bem afirma Bakhtin “Rabelais amava os derivados insólitos de termos obscenos” (idem, p. 366). Quanto a esse aspecto destacamos a observação de Marcuschi nos seus primeiros estudos dos *chats* quanto aos *nicknames* (apelidos) utilizados pelos usuários desses ambientes *online*, destacando-se o fato da preferência por nomes que remetem ao sexo e a pornografia, ou utilizando a expressão bakhtiniana aplicada a Rabelais, o uso do realismo grotesco, do “baixo” corporal e material: “este aspecto etnográfico merece estudo específico, porque revela uma importante faceta oculta de nossa sociedade contemporânea reprimida e que agora aflora no anonimato das salas de bate-papo” e apresenta uma breve tipologia dos *nicknames* apresentando exemplos de nomes relacionados a sexo: *Pinto Lindo*, *pica dura*, *fudedor*, *comedor*, *bom de cama*, *M X M*, *HBi* etc. (Marcuschi, 2005, p. 44).

O termo *carnavalização* foi utilizado, inclusive entre aspas (“carnavaliação”), apenas uma vez por Bakhtin no seu estudo sobre Rabelais (1987, p. 43), embora o conceito foi

sendo estruturado ao longo da tese sob as mais diversas nomenclaturas, como afirmamos atrás, inclusive como ‘carnaval’ mesmo ou ‘carnavalesco’ cabendo ao leitor realizar a inferência de que tudo se trata de carnavalização. É, no entanto, no livro revisado sobre Dostoievski (2004b [1963]) que Bakhtin retoma a noção de *carnavalização*, inclusive sob esta própria nomenclatura, utilizando-a com maior frequência e apresentando-a como um método de análise literária aplicado ao estudo da obra de Dostoievski, assim como o fez com a obra de Rabelais. Já adiantamos anteriormente que estas considerações não constavam na primeira edição do livro, em 1929, sendo inseridas na segunda publicação do livro revisado, no capítulo 4 (*O gênero, o argumento e a estrutura nas obras de Dostoievski*) que se tornou ampliado, provocando também diversas críticas (Emerson, 2003, pp 241-242/250; Brait, 2009, pp. 41-62; Morson & Emerson, 2008, pp. 474-478).

Desse modo, é no livro sobre Dostoievski que Bakhtin utiliza de maneira mais apropriada o termo *carnavalização*, definindo-o inclusive: “chamaremos carnavalização literária a esta transposição do carnaval à linguagem da literatura.” (2004b, p. 179). Ele estabelece quatro categorias para a *carnavalização* que denominaremos como *princípios primários*:

1. contato livre e familiar entre as pessoas/ ruptura de formalidades, na linguagem simples e coloquial e pela quebra de hierarquias (2004b, p. 179)

Ex.: as falas coloquiais, sem o atendimento às normas gramaticais; o não atendimento às regras clássicas de tratamento pronominal nas conversações.

2. excentricidade, na linguagem dos elogios e injúrias, descrições exageradas e inoportunas, bem como os mascaramentos (2004b, p. 180)

Ex.: exageros nas descrições de si mesmo e de outros ou mesmo referências inoportunas em relação a outrem.

3. disparidades, na linguagem das antinomias e das obscenidades (2004b, p. 180)

Ex.: predomínio da pornografia (baixo corporal), palavrões e descrições ambíguas (bom/mal, feio/bonito, preto/branco, homem/mulher etc.)

4. profanação, na linguagem das paródias, dos gracejos com o sagrado e o oficial (Bakhtin, 2004b, p. 180)

Ex.: críticas contra as autoridades religiosas e políticas; imitações, pastiches, paródias.

Além dessas quatro categorias, Bakhtin identificou outros elementos ou princípios que constituem ‘uma visão carnavalesca do mundo’ (1987, p. 50), e que foram apresentados de forma resumida no primeiro capítulo de sua tese sobre a obra de Rabelais, para os quais denominaremos de *princípios secundários*. Elas constituem subcategorias que são mescladas e interpenetram as categorias acima, podendo estar presente em várias delas, de modo que aqui estamos a apresentá-las e que devem ser consideradas como identificadoras da estética da carnavalização em nossa investigação nas salas de bate-papo ou nos outros ambientes de Internet:

- a) princípio cômico: representado pelo riso na forma de piada, gracejo, ironias, bebida alcoólica, duplo sentido (ambigüidades), é um caráter concreto da carnavalização, relacionadas ao *jogo*<sup>84</sup> e às festas. Bakhtin comentará: “em resumo, durante o carnaval é a própria vida que representa, e por um certo tempo o jogo se transforma em vida real.” (1987, p. 7) [grifos meus]
- b) princípio dramático: demonstrado pelas imagens artísticas, pela máscara, pelo travestismo, pela fantasia, pela interpretação e representação pública, gratuita e jocosa, aproximando-se de um grande teatro popular e aberto. Bakhtin (1987, p. 6) afirmará que o carnaval: “se situa nas fronteiras entre a arte e a vida. Na realidade, é a própria vida apresentada com os elementos característicos da representação.” [grifo meu]
- c) princípio do ambiente público: apresentado pela praça pública, pelos ambientes abertos plenos de liberdade de expressão (críticas, injúrias, blasfêmias, mentiras, brincadeiras, obscenidades etc.). Nessa perspectiva, o carnaval não tem fronteiras espaciais (Bakhtin, 1987, p. 6) e todos os ambientes em que existem platéias e reuniões são espaços de carnavalização: a sala de visitas, a cozinha, a mesa de refeição etc. (Bakhtin, 1987, p. 14)

---

<sup>84</sup> Aqui nós poderemos realizar pontes com a proposta de Huizinga (2010) sobre o *homo ludens* quando admite o jogo como um fenômeno cultural (cap. 1), apresentando inúmeras aproximações com o capítulo primeiro do livro de Bakhtin sobre Rabelais. Se substituirmos a palavra ‘jogo’ em Huizinga por ‘carnaval’ encontraremos o discurso de Bakhtin sobre carnavalização; se trocarmos a palavra ‘carnaval’ em Bakhtin por ‘jogo’ identificaremos o discurso de Huizinga. Ambos se encontram em seus textos distintos, tratando sobre os mesmos temas, pois Huizinga discutirá nesse capítulo inicial sobre o riso, o cômico, o divertimento, a loucura, a seriedade, o caos, a fantasia, o imaginário, o real, a noção do tempo e do espaço, a representação, um sentido de ‘ordem’ (é a estética da carnavalização proposta por Bakhtin).

- d) princípio do tempo orientado para o futuro: identificado pela noção *implícita* do movimento cíclico de renovação natural e biocósmico da vida, mas *orientado para o futuro* aberto de possibilidades e indeterminação: morte-nascimento, fim-começo, desagregação-crescimento etc. (Bakhtin, 1987, p. 9, 22, 30, 48). O ‘tempo oficial’ ou natural, como diz Bakhtin, é elevado à condição social, histórica e cósmica, sendo *abreviado*, encapsulando uma concepção temporal mais longa: os dias representam eras, séculos, anos, ciclos inteiros. O passado é estabilidade (tempo determinado) e o futuro, incerteza, novidade (tempo indeterminado).
- e) princípio da vida material e corporal: re-significado pelas “imagens do corpo, da bebida, da comida, da satisfação de necessidades naturais, e da vida sexual.” (Bakhtin, 1987, p. 16-19) ou o que ele denominou por *realismo grotesco* (em oposição a uma estética renascentista dominante), dando ênfase ao corpo, trazendo-o para o centro da observação, dos sentidos, da percepção e da vida. Então evidencia-se uma topografia corporal para baixo, a do ‘baixo corporal’: o ventre, os órgãos sexuais, o traseiro (Bakhtin, 1987, p. 18), trazendo de volta a consciência do corpo que estava esquecido
- f) princípio da ambivalência: ilustrado pelas antinomias clássicas mente/corpo, bom/mau, vida/morte e pelo duplo sentido das palavras, pelo mascaramento e travestismo, pelo real e pela fantasia, pelo respeito e pela quebra das formalidades, também emerge desse princípio a idéia dos duplos de si mesmo, as imagens duplicadas, copiadas e parodiadas, a imitação e a dramaturgia carnavalesca (Bakhtin, 1987, p. 22)

Esse conjunto de critérios compõe a estética da carnavalização como elementos da visão carnavalesca do mundo (Bakhtin, 1987, p. 50) e que podem ser utilizados na análise literária como método na medida em que se identifica uma transposição desses elementos para a literatura. Assim, ao analisar os personagens de *Crime e Castigo* ou *Os Irmãos Karamazov*, dentre outros de Dostoiévski, Bakhtin o faz pelas lentes da carnavalização, observando os cenários, as falas, os personagens. E assim identifica a praça pública, os mascaramentos nos duplos tão comuns dos personagens dostoiévskianos, as inferências de crítica religiosa ou morais nos diálogos dos personagens que personificam o Bem ou o Mal, a Verdade ou a

Justiça, as falas jocosas e de tom pornográfico (baixo corporal) etc., enfim, analisa a obra dostoiévskiana segundo as categorias da carnavalização.

A partir de inferências nos textos bakhtinianos (*Problemas da poética de Dostoievski*) Araújo (2006a) utiliza o termo *carnavalização* em sua análise dos gêneros cômico-sério, considerando-a uma ‘constelação de gêneros’: “um novo tratamento da realidade, o qual está baseado na fantasia livre para criar e realizar combinação e transmutação de outros gêneros e de outros estilos” [grifos meus] (Araújo, 2006a, p.66). Em sua tese, a *carnavalização* abarca diversos outros gêneros oriundos do cômico-sério como os *diálogos socráticos* e a *sátira-manipéia*<sup>85</sup> que contribuiram para o romance polifônico de Dostoiévski, conforme apresentando no esquema da figura 19:



**Figura 19:** Constelação dos gêneros do cômico-sério (adaptado de Araújo [2006, p. 65])

Então a *carnavalização* é considerada por Araújo (2006a) como um tipo de *constelação de gêneros literários*, pois tanto apresentaria os traços dos discursos sérios quanto cômicos, realizando transmutação de estilos de ambos os gêneros, assim podendo ser tomada como uma força integradora de elementos diferentes. Este é um modo de utilizar a *carnavalização* na área lingüística como um método de análise, ratificando o pensamento de Bakhtin sobre o termo e que é defendido por diversos outros pensadores e pesquisadores do Dialogismo, como apresentados a seguir.

<sup>85</sup> Bakhtin realizará estudo aprofundado sobre *diálogo socrático* e *sátira-manipéia* em *Problemas da poética de Dostoievski* no capítulo IV (*O gênero, o argumento e a estrutura na obra de Dostoievski*). Definirá as características do *diálogo socrático* em 5 categorias, caracterizando-a pelo diálogo sério a respeito de um dado assunto (idéia). A *sátira-manipéia* é apresentada em 14 categorias que lhe dão um caráter elástico envolvendo desde cartas, panfletos, contos de fadas, falas do cotidiano às paródias, aos simpósios, realizando-se hibridismos entres estes gêneros (transmutação), através da prosa e do verso. Ambos são tidos por Bakhtin como exemplos de carnavalização, por terem uma base dialógica que contempla a relação Eu-Outro.

Bem mais restrita ao conceito bakhtiniano (2004b, p. 179), Brait (2009, p. 60) define o vocábulo como “a influência determinante do carnaval na literatura, no gênero literário”; assim também admite Fiorin (2006, p. 89): “a carnavalização é a transposição do espírito carnavalesco para a arte; Ponzio (2009, p. 172) igualmente reforça a tese bakhtiniana de uma transposição da linguagem do carnaval à linguagem literária através das categorias da abolição das hierarquias (contato familiar), do Averso (excentricidade), da Mistura de Valores (disparidades) e da Profanação; Emerson (2003, p. 212) considera a carnavalização como um “modelo de comunicação”; Clark e Holquist (1998, p. 316 e 319) como uma heteroglossia universal, “uma intertextualidade de ideologias, oficiais e não-oficiais”; Orson e Emerson (2008, p. 461) considera a “percepção carnavalesca do mundo”, citando uma das expressões bakhtinianas, como um processo e um termo técnico que recobre várias idéias interligadas em Bakhtin, mas principalmente as concepções de ‘abertura’ e de ‘incompletude’ ou ‘não-finalizabilidade’ (idem, p. 467) e Discini (2009, p. 72 e 90) ratifica a carnavalização “como categoria analisável nos textos” ou “categoria que pode ser despreendida e analisada nos textos de qualquer época”.

É sob esta perspectiva ampla da carnavalização, como abordagem epistemológica de observação, que pretendemos estabelecer como referencial teórico preponderante a presente Tese de Doutorado, verificando como as pessoas nos ambientes de *chat* fazem-se representar, mantêm ou constroem suas identidades e produzem comportamentos comunicacionais. Aplicando a perspectiva da *carnavalização* bakhtiniana no estudo do *chat*, pretendemos compreender como as pessoas realizam suas manifestações pessoais como formas de representação de si mesmas em interação com os outros nos ambientes sociodiscursivos da Internet, constituindo-se esta tese numa investigação de caráter interdisciplinar no campo da Psicologia Cognitiva.

### **3.2 Erving Goffman e o modelo teórico de dramaturgia**

Complementaremos o referencial teórico da carnavalização bakhtiniana com o aporte de conhecimentos oriundos dos estudos de Erving Goffman sobre a representação do *Self* na construção de faces ou modelo de dramaturgia, o qual apresenta pontos de convergência com os aspectos da *carnavalização* bakhtiniana, principalmente o mascaramento ou uso das máscaras (estereótipos, padrões comportamentais) nos diversos cenários sociais.

Goffman (1975/2007, p. 9) no prefácio de sua obra *A representação do Eu na vida cotidiana* estabelece claramente a perspectiva utilizada como um modelo de observação do comportamento humano: a da representação teatral, cujos princípios seguidos foram o de caráter dramaturgic. Goffman, então utiliza todo o jargão da dramaturgia para constituir seu modelo de análise: cenários, cenas, platéia, atores, personagens, *fronstage* (palco) e *backstage* (bastidores), expressões da fala e do corpo, maneiras, dramatização, aparência, fachada, representação e impressões causadas no outro, real e fictício etc.

A sua tese é a das estratégias sócio-culturais utilizadas para as várias formas de representação de si mesmo nos mais diversos ambientes de interação humana:

“Considerarei a maneira pela qual o indivíduo apresenta, em situações comuns de trabalho, a si mesmo e suas atividades às outras pessoas, os meios pelos quais dirige e regula a impressão que formam a seu respeito e as coisas que pode ou não fazer, enquanto realiza seu desempenho diante delas” (Goffman, 1975/2007, p. 9)

Ele admite que o modelo tem insuficiências, mas propõe utilizá-lo adaptando-o ao estudo das ciências humanas, especificamente do comportamento do *Self* nos grupos. Para isso ele defende a concepção de três elementos importantes que compõem o modelo dramaturgic para representação do *Self* (Goffman, 1975/2007, p. 9):

1. O palco (cenários sociais, cenas do cotidiano e da vida social, envolvendo atores e platéia);
2. O ator interpretando personagens sociais sob a máscara das conveniências situacionais para outros atores;
3. A platéia representando tanto o Outro Ator de uma cena de interação mais próxima como os Outros Atores que não fazem parte da cena, mas compõem o cenário, estão presentes no palco como um auditório de observação.

Goffman (Goffman, 1975/2007, p. 9) admite que os três elementos podem ser reduzidos a apenas dois: o ator e a platéia. Assim os papéis interpretados pelo indivíduo são desempenhados de acordo com os papéis desempenhados pelos outros atores do palco. Esses outros atores também constituem a platéia. Essa díade (ator – platéia) pode encontrar

ressonâncias na abordagem dos estudos da linguagem dos soviéticos do começo do século que fomentaram as bases do dialogismo bakhtiniano, como Yakubinsky (1921) e os participantes do Círculo de Bakhtin na conhecida configuração dialógica do EU-OUTRO. . Propomos aqui um paralelo entre Goffman e Bakhtin (este representando o dialogismo) no estudo das interações humanas, da seguinte forma:

<b><u>Goffman</u></b>	<b><u>Bakhtin</u></b>
Ator x Platéia	Eu x Outro

O paralelo proposto não conduziria a reduções da abordagem teórica de um ou de outro, mas conduz a pontos de aproximações que possam contribuir para o estudo do *Self* nas ciências humanas, quando queremos ressaltar que ambos, embora sob prismas diferenciados discutem o comportamento dos indivíduos na perspectiva relacional, ou seja, colocam em evidência o olhar, a impressão do outro. Se Goffman fala de impressões causadas aos outros, situa a platéia como o outro que me observa, a fachada minha e do outro, poderemos encontrar observações semelhantes, embora sob uma perspectiva muito mais filosófica em Bakhtin ao discutir sobre o ‘excedente de visão estética’ (2003b, p. 20), no qual ele estabelece a singularidade e a insubstituíbilidade do ser no mundo “porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim”. Em *Gêneros do Discurso* (2003a, p. 300) escrito entre os anos de 1951 e 1953 e adicionado na edição de 1979 de *Estética da criação verbal*, Bakhtin discutindo sobre o enunciado, comenta: “o falante não é um Adão, e por isso o próprio objeto do seu discurso se torna inevitavelmente um palco de encontro com opiniões de interlocutores imediatos (na conversa ou na discussão sobre algum acontecimento do dia-a-dia)” e acrescenta mais adiante que o papel dos outros , para quem se constrói o enunciado, é excepcionalmente grande (2003a, p. 301). Na *Reformulação para o livro de Dostoievski* (2003e [1979], p.349) escrito entre 1961 e 1962 e adicionado à *Estética da Criação Verbal*, encontramos Bakhtin relacionando a concepção da imagem pessoal na relação Eu-Outro: “a imagem de mim mesmo para mim mesmo e minha imagem para o outro. O homem existe em realidade na forma do *eu* e do *outro*”. E em *Marxismo e Filosofia da Linguagem Bakhtin/Volochinov* (2004a [1929], p. 125-126) vai propor a concepção de *auditório* como metáfora para o Outro no processo de comunicação: o *auditório* ocupa o lugar do *ouvinte* que interage na interlocução, afirmando como as situações sociais e o tipo de auditório condiciona as formas de enunciação verbal:

“Toda situação inscrita duravelmente nos costumes possui um auditório organizado de uma certa maneira e conseqüentemente de um certo repertório de pequenas fórmulas correntes. A fórmula estereotipada adapta-se, em qualquer lugar, logicamente ao tipo, a estrutura, os objetivos e a organização social do grupo” (Bakhtin, 2004a, p. 126)

Ora, impossível não encontrar pontos de conexão entre Goffman e Bakhtin, embora, enfatizamos, não desejamos realizar reducionismos teóricos nem sobreposição de um sobre o outro. Ambos discutem, no entanto, a temática da comunicação humana e dos processos de interação, sendo possível identificar aproximações, as quais utilizaremos para o enfoque que propomos da análise das formas de representação do *Self* nas salas de bate-papo na Internet.

Goffman (2007 [1975], p. 12) estabelece que a expressividade do indivíduo e sua capacidade de impressionar o outro se apresenta sob duas formas: 1) as expressões transmitidas intencionalmente, ou seja, aquelas de caráter formal; 2) as expressões emitidas ou dadas presumivelmente sem propósitos prévios, comuns nas conversações do cotidiano. Ele se propõe a estudar a segunda categoria, mais teatral e contextual, de natureza também não-verbal e mais espontânea, podendo ela ser arquitetada propositadamente ou não.

Ao estilo da sociologia pragmática, Goffman (1975/2007) propõe nomenclaturas na forma de protocolos conceituais, inspiradas no modelo dramaturgico, para conceber o seu estudo da representação do *Self* no cotidiano, algumas das quais apresentaremos a seguir:

Interação: influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata (Goffman, 1975/2007, p. 23). Ampliaremos o conceito, admitindo que nos ambientes *online* como num *chat* também ocorre a interação.

Representação: toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência (2007, p. 29).

Cenário: compreende a mobília, a decoração, a disposição física e outros elementos de pano de fundo que vão constituir o ambiente da cena e os suportes do palco para o desenrolar da ação humana executada diante, dentro ou acima dele (Goffman, 1975/2007, p. 29).

Aparência: aqueles estímulos que funcionam no momento para nos revelar o status social do ator (1975/2007, p. 31).

Maneira: os estímulos que funcionam no momento para nos informar sobre o papel de interação que o ator espera desempenhar na situação que se aproxima (1975/2007, p. 31).

Região de fachada, *frontstage*: lugar onde os fatos acentuados aparecem para o público, a platéia. Também pode ser considerado o cenário quando está constituído dos atores em cena (1975/2007, p. 106).

Região de fundo, bastidores, *backstage*: lugar onde o ator pode confiantemente esperar que nenhum membro do público penetre (1975/2007, p. 107).

Tais conceitos serão considerados durante a investigação que pretendemos aplicando-os à pesquisa de campo que realizaremos: os cenários *online* de representação do *Self*, conforme detalharemos no capítulo seguinte e durante os demais capítulos de análise do comportamento dos indivíduos, principalmente nas salas de bate-papo na Internet.

Se Bakhtin em seus apontamentos de 1971 (Bakhtin, 2003d) fala sobre o rompimento entre o modo de vida real e o rito simbólico, admitindo que “(...) o cotidiano puro é ficção, invenção de intelectual. O cotidiano humano é sempre enformado, e essa enformação é sempre ritual (ainda que ‘esteticamente’)” (Bakhtin, 2003d, p. 391), encontramos em Goffman a idéia de que “o mundo, na verdade, é uma reunião” (Goffman, 1975/2007, p. 41) e de que “(...) a própria vida é uma encenação dramática. O mundo todo não constitui evidentemente um palco, mas não é fácil especificar os aspectos essenciais em que não é” (Goffman, 1975/2007, p. 71).

A partir destes conceitos e considerações preliminares pretendemos desenvolver o estudo da representação do *Self* nas salas de bate-papo na Internet, considerando o mundo como um acontecimento no qual estamos vivenciando as formas de representação de nós mesmos. Nas salas de bate-papo na Internet há especificações e limites que condicionam e caracterizam as formas de representação do *Self* como maneiras de construção do diálogo humano nos ambientes que emergem do contexto tecnológico contemporâneo.

### 3. Design da Etnometodologia Virtual

---



Discutiremos vários modelos de investigação etnográfica e seus resultados, observando a predominância da observação-participativa como característica da etnografia virtual nos diversos ambientes do ciberespaço, principalmente nos *chats*, e que utilizaremos nesta investigação.

As pesquisas e resultados estão divididos em dois grupos:

1. Estudos de Identidades nos ambientes *online* e a Teoria de Erving Goffman
2. Pesquisas etnográficas da Comunicação Mediada por Computadores - CMC

### **3.1 Explorando a Etnografia Online**

Uma revisão da *abordagem etnográfica realizada na Internet e na CMC* por Garcia, Standlee, Bechkoff & Cui (2009) apresenta-nos os vários modelos de etnografia virtual aplicados nas pesquisas com pessoas que interagem no ciberespaço, indicando ajustes necessários ao etnógrafo: como definir seu campo de pesquisa e seu comportamento na observação participante, como obter informações através de entrevistas e como lidar com os dilemas éticos envolvidos com o ambiente virtual, caracterizado pelo anonimato dos seus participantes. Os autores (*idem*, p. 52-53) inicialmente defendem a idéia de que a comunicação tecnologicamente mediada está sendo incorporada cada vez mais a nossa vida diária, de tal modo que a distinção entre o mundo '*online*' e '*offline*' tem se tornado menos prático, ou se apresenta de maneira tão sutil, para as ações que se realizam nestes domínios, espaços que são de interação e transformação, cada vez mais crescentes na atualidade humana.

Diversos pesquisadores identificaram particularidades semelhantes e outras de natureza metodológicas, razão porque revisitamos alguns desses estudos realizados na Internet que utilizaram a etnografia virtual, cujos desenhos metodológicos constituíram referenciais para a construção de um design investigativo da presente pesquisa, quando também aplicaram as concepções teóricas de Erving Goffman (1974, 1975/2007).

#### **3.1.1. Estudos de Identidades nos ambientes *online* e a Teoria de Erving Goffman**

Vários pesquisadores realizaram investigações nos ambientes de *chat* e noutros espaços interacionais na Internet utilizando o *modelo de dramaturgia* de Goffman (1975/2007) para entender os novos modos de relacionamentos sociais no ciberespaço e a construção de identidades como forma de representação do *Self*, como Bechar-Israeli (1995), Paccagnella (1997), Danet, Ruedenberg-Wright e Rosenbaum-Tamari (1997), Robinson (2007), Thomsen, Straubhaar e Bolyard (1998), Miller e Arnold (2003). Tais pesquisadores

ênfatisam a possibilidade de capturarmos as manifestações do *Self* nesses ambientes socioculturais emergentes, utilizando técnicas da tradicional etnografia e criando outros modelos.

A partir dessas investigações também nos propomos à aplicação de alguns conceitos do modelo teórico da dramaturgia (Teoria das Faces) de Erving Goffman (1975/2007) para o estudo das formas de identificação do *Self* nas salas de bate-papo, desenhando-se uma etnometodologia virtual do ponto de vista tanto de uma técnica etnográfica (pela imersão do pesquisador nos *chats*, uso de *nicknames*, trocas discursivas realizadas etc.) quanto de um objeto da pesquisa: o próprio uso dos *nicknames* pelos usuários dos *chats* como um mecanismo de construção das faces sociais, a partir de um recorte teórico bakhtiniano de carnavalização.

### **3.1.2. Pesquisas etnográficas da Comunicação Mediada por Computadores - CMC**

Revisitaremos alguns exemplos de estudos empíricos realizados nos *chats* e ambientes *online*, observando-se os processos metodológicos adotados pelos pesquisadores bem como os objetos de análises adotados: os aspectos comportamentais e de construção de identidade.

Jaffe, Lee, Huang e Oshagan (1995) consideram importante a CMC como um contexto adequado para observar como o uso do pseudônimo afetam as relações sócio-emocional e relacional entre homens e mulheres, e em razão disso, realizaram investigação com grupo de estudantes universitários do Meio-Oeste norte-americano: o grupo de pesquisa totalizou 114 pessoas, sendo 53 homens e 61 mulheres.

Pioneira na abordagem dos estudos etnográficos Hine (1998) identificou a Internet como tecnologia, como meio de comunicação, como artefato cultural, como cultura. Ela propôs no final da década de 90 que a etnografia virtual fosse entendida como multi-situada para ser estrategicamente utilizada produzindo *insights* sobre as maneiras pelas quais a Internet é culturalmente produzida e apresentada num processo contínuo de modificações e adaptações.

Seguindo esta mesma perspectiva Guimarães Jr (1998) realizou estudos etnográficos iniciais no site de relacionamentos Palace, onde as pessoas utilizavam avatares para se apresentarem, já enfatizando o aspecto de “análise dos atos comunicativos envolvidos na interação dos atores sociais”.

Mason (1999) afirmou que a etnografia busca entender não exatamente ‘*o que*’ ou ‘*o como*’ nos comunicamos, mas ‘*o que*’ nós conhecemos e sabemos sobre como vamos comunicar. A etnografia virtual é a completa imersão do pesquisador num ambiente de grupos que interagem, trocando informações e compartilhando significados.

Os trabalhos de Riva e Galimberti (2003a) preocuparam-se com os estudos da CMC no ciberespaço, dando ênfase aos aspectos psicossociais a partir de três pilares epistemológicos: (1) a teoria do sujeito, (2) a teoria de objetos e a (3) teoria dos processos. Os autores destacaram um relevante problema para a investigação da *ciber-interação* (termo utilizado pelos pesquisadores): a metodologia. Eles apontam alguns aspectos metodológicos, dos quais destacamos dois a seguir (RIVA e GALIMBERTI, 2003a, p. 4):

1. Não há nenhuma maneira de garantir que todos os que participam na experiência vão receber exatamente os mesmos estímulos em termos de som, cor ou o de tempo em decorrência dos diferentes tipos de hardware, software e conexões de Internet utilizados;
2. A forma de monitoramento dos participantes do estudo sofre os riscos de engano e da não confiabilidade das respostas em decorrência de que muitos usuários das comunidades eletrônicas utilizam apelidos falsos

Os autores buscaram referências em três conceitos, envolvendo aspectos de cognição, comunicação e identidade: Cognição: não está na mente, mas na interação; Comunicação: não é linear, mas dialógica; Identidade: não como um indivíduo passivo, mas como um ser ativo que age e interage.

Araújo (2003) inspirado por um cunho qualitativo-interpretativista de base empírica e de tipo conversacional adotou o método etnográfico ao estudar o *webchat* do UOL, envolvendo quantificações para que os números fossem “*interpretados e contextualizados à luz da dinâmica social*, tornando a análise qualitativa.” (ARAÚJO, 2003, p. 79).

Utilizando também dessa perspectiva etnometodológica, os pesquisadores Broad e Joos (2004, p. 927) entendendo-a importante para compreender a prática discursiva ou como a realidade está sendo falada (tendo em conta os recursos discursivos disponíveis) nos ambientes virtuais, através da observação participante em grupos de discussão, realizaram análise das narrativas dos participantes em um *website* e dos questionários respondidos *online* (idem, p. 928).

Martins (2004), por sua vez, realizou uma ‘*etnografia virtual offline*’<sup>86</sup> em um *chat* educacional de três cursos de extensão da UFPE (Projeto Virtus), orientados por dois professores, resultando em um campo para pesquisa de mestrado em Psicologia Cognitiva pela UFPE. O objeto de análise foram os enunciados dos professores no *chat* educacional a fim de verificar as estratégias de controle dos professores para manter o fluxo e conteúdo das informações de acordo com a ementa pré-estabelecida dos cursos (Martins, 2004, p. 37).

Tratando da construção do espaço virtual Melo, B. (2004) realizou investigação, a partir de uma perspectiva da psicologia cultural e das interações dos indivíduos em seus ‘movimentos simbólicos’ de espaço nos mais diversos *chats* do Projeto Virtus, do UOL, do Terra, do MIRC, do SuperIG, do Paltalk e do Yahoo Messenger (L. Melo, 2004, p. 142).

Posteriormente Araújo (2006a) retomou o seu estudo nos ambientes de bate-papo através de uma etnografia virtual mais profunda, resultando na tese sobre o *chat* como uma constelação de gêneros discursivos ou agrupamentos genéricos, devido ao caráter híbrido capaz de permitir a transmutação de aspectos dos gêneros orais para a escrita, por exemplo. A investigação foi de caráter etnográfico participativo-observacional, durante três anos, em diversos tipos de salas de bate-papo (ao todo foram sete tipos de salas), além da realização de entrevistas *online* (via email) como também o fizeram Broad e Joos (2004, p. 928).

Inspirado em Araújo (2003) realizei a investigação científica nos *chats* do UOL que resultou na dissertação de mestrado (Oliveira, 2007), oriunda também de uma pesquisa etnográfica virtual de caráter observacional-participativo. A pesquisa foi realizada através de imersões em diversas salas de bate-papo do UOL verificando as marcas verbais para os aspectos não-verbais da conversação, identificando marcas representativas das faces (emoticons), de tons de voz (entonações) e de sons (onomatopéias) bem como de alguns movimentos corporais (abreviações).

Finalizando esta revisão de pesquisas etnográficas, apresentamos a pesquisa de França (2008) pela UFPE investigou como são construídas as formas de identificação de si mesmas pelas pessoas, através das formas discursivas em que se expressam tanto nos cenários presenciais quanto nos virtuais, mantendo-se enquanto um *self* num horizonte espaço-temporal, paradoxalmente em permanente mudança tanto interna quanto externamente (FRANÇA, 2008, p. 66).

---

<sup>86</sup> Optamos pelo termo para nos referir a uma pesquisa etnográfica de observação não-participante, ou seja, a investigação ocorreu realizando-se análise das conversações ocorridas no campo de pesquisa (o *chat* educacional) a partir das gravações (logs) disponibilizadas no website do Projeto Virtus, sem que a pesquisadora tenha realizado imersão nos *chats*.

O espectro das pesquisas em CMC, especificamente nos ambientes interacionais da Internet, como *chats* e redes sociais de relacionamentos (Orkut), apresentadas anteriormente, nesta breve revisão metodológica, identifica um desenho etnometodológico que estamos construindo para a realização desta pesquisa:

1. Seleção de um objeto de pesquisa: as conversações no *chat*, os enunciados num blog, as imagens de um site etc. Para esta pesquisa optamos pelas formas de representação da pessoa *online*: *nicknames*, *falas nos chats* e *perfis do Orkut*;
2. Escolha de um nível microanalítico dentro do universo discursivo do ciberespaço (*chats*, redes sociais de relacionamentos, blogs, fóruns de discussão, etc.). Para esta pesquisa optamos por: *chats* e Orkut;
3. Seleção de modelos teóricos que auxiliem o estudo do fenômeno, objeto do estudo. Para esta pesquisa selecionamos os referenciais da carnavalização de Bakhtin e do modelo dramatúrgico de Goffman;
4. Identificação de modelos etnográficos de pesquisa (observação-participante ativa ou passiva, análise de dados gravados, etc.). Utilizaremos a observação-participante nas salas de bate-papo do UOL e visitaremos os perfis de Orkut dos usuários das salas. Também proporemos um *Modelo Etnográfico Virtual de Estudo das Representações do Self na Internet* (MEVERSI), que apresentaremos mais adiante;
5. Uso de ferramentas da etnografia virtual: diário etnográfico, softwares de gravação e tratamento de imagens (*screen recorders*, editores de imagens, etc.), instalação de programas de navegação e acessibilidade *online* (IRC, SecondLife, etc.), formatos de gravação dos dados (.mht, .doc, .avi, etc.) etc. Para esta pesquisa utilizaremos o *screen recorders* para os registros das imagens de perfis no Orkut e dos *nicknames* das pessoas nas salas de bate-papo no UOL;
6. Estabelecimento de hipóteses verificando a sua exeqüibilidade durante a pesquisa. Verificaremos a hipótese de ser aplicável às salas de bate-papo do UOL a concepção de *carvanalização como princípio estético que norteia as práticas sociais nesses ambientes, incluindo a própria representação do Self*;

7. Cruzamento de informações tanto *online* (entrevistas, questionários, análise de *home pages*, etc.) como *offline* (entrevistas presenciais, videografia, etc.). Realizaremos análise dos dados obtidos tanto *online* (as formas de apresentação de si mesmo nas salas de bate-papo e no Orkut) bem como *offline* (entrevistas e/ou questionários);
8. Análise comparativa de comportamentos nos vários ambientes *online*: grupos de controle, pesquisa em *chats*, blogs, sites de relacionamentos etc. Propomos a verificação de comportamentos dos mesmos usuários nos ambientes da sala de bate-papo no UOL e no Orkut.

Tais elementos esboçam uma construção etnometodológica para a realização da pesquisa no ambiente virtual, que ora realizamos, atentos às diversas questões envolvidas no processo de trabalho de campo e sua articulação com os referenciais teóricos escolhidos, verificando a efetividade ou não de hipóteses estabelecidas quando da elaboração da pergunta ou dos questionamentos que motivam a investigação do objeto de estudo. Outra questão pertinente e que tem sido um dilema nas questões metodológicas da etnografia virtual, diz respeito aos aspectos éticos que permeiam todo o processo investigativo, como a pesquisa em ambiente público e privado, a própria noção do público e privado na Internet, a divulgação das informações obtidas durante a pesquisa e divulgadas nos documentos finais do trabalho científico (falas e fotos dos participantes), a divulgação dos nomes e/ou *nicknames* dos participantes da pesquisa (o anonimato na Internet), etc.

### **3.2 Aspectos Éticos da Pesquisa Qualitativa na Etnografia Virtual**

Por considerarmos de central importância nos estudos da etnografia virtual a questão ética, envolvendo as pessoas em estudos (o anonimato), a questão do público e do privado, o acesso às informações, trazemos revisão de literatura a respeito, como norteadoras para o desenvolvimento dessa pesquisa que investiga comportamentos humanos nos ambientes virtuais.

Na segunda metade da década de 90, vários pesquisadores iniciando as pesquisas *online* nos diversos ambientes da Internet lidavam com os questionamentos éticos, inserindo-

os em seus métodos etnográficos e discutindo-os, como Jim Tomas (1996), Christine Allen (1996), Dennis Waskul (1996), Susan Herring (1996).

Posteriormente Eysenbach e Till (2001), também seguindo uma metodologia etnográfica de observação participante discutiram os dilemas éticos do ambiente público e privado, além da confidencialidade dos dados obtidos. Seymour (2001), retomando as concepções de Goffman (1988, (1975/2007), 2010) sobre a centralidade do corpo para o estudo das interações sociais, admitiu trazer essa concepção para o estudo etnográfico virtual através dos “discursos e significados compartilhados sobre o corpo transmitido para o contexto online” (SEYMOUR, 2001, p. 162) realizado pelos usuários desses ambientes. Dentre as três abordagens etnográficas sugeridas por Hine<sup>87</sup>(2000 apud SEYMOUR, 2001, p. 164): (1) identificando o campo de pesquisa como completamente diferente dos tradicionais, (2) aplicando-se os mesmos métodos de pesquisa etnográfica tradicional na internet e (3) realizando um *mix* das duas perspectivas, Seymour sugere o terceiro campo metodológico, incluindo as questões éticas, como uma possibilidade de integrar alguns aspectos da abordagem tradicional quanto da etnografia virtual para os estudos *online*.

Outros pesquisadores, como Charles Ess (2002), Capurro e Pingel (2002), Elgesem (2002), debateram os aspectos éticos das pesquisas na Internet e na CMC, reconhecendo: (a) as semelhanças e diferenças éticas da etnografia virtual em relação com as linhas tradicionais de etnografia; (b) necessidade de articulação de valores e orientações de pesquisa no campo virtual, validando-se padrões éticos que podem ser aplicados, respeitando-se as diferenças culturais e nacionais.

Especificamente quanto a esta questão de indicar ou não indicar os *nicknames* nos resultados de pesquisa *online*, pesquisadores como Walther (2002), Basset e O’Riordan (2002), Bowker e Tuffin (2004) tem apresentado propostas e outros questionamentos, principalmente às agências reguladoras de pesquisas e comitês de ética como a AAAS (American Association for the Advancement of Science), NIH (National Institutes of Health) e a APA (2002). Também Bruckman (2002), Lahlou (2008, p. 299) e Garcia, Standelee, Bechkoff e Lui (2009) discutiram sobre as abordagens da etnografia na Internet e na CMC, retomando as discussões éticas sempre presentes nas pesquisas anteriormente citadas.

---

<sup>87</sup> HINE, C. New Technology/New methodology. Virtual methodology? One-day workshop under the auspices of the Virtula Society Programe, Centre for Research into Innovation, Culture and Technology, Brunel University. (Consulted, oct., 2000). Disponível em: <http://bit.ly/JFxiPI>

A questão ainda permanece polêmica considerando-se que se os ambientes *online* de conversação e outros como blogues e redes sociais, por exemplo, são comumente públicos, ao mesmo tempo, porém, podem apresentar os entraves éticos de exporem as pessoas que, mesmo sob o anonimato através dos *nicknames*, muitas delas serem reconhecidas e identificadas nos ambientes virtuais e fora dele.

Optaremos nesta pesquisa pela identificação dos *nicknames* tais quais se mostram nos ambientes virtuais: tanto na sala de bate-papo quanto no Orkut, observando-se os aspectos éticos de autorização prévia dos participantes que serão objetos de estudo nestes ambientes online.

### **3.3 Desenho da etnografia virtual para estudo dos *nicknames***

O propósito dessa pesquisa é a verificação de como as pessoas se representam no ambiente virtual, especificamente no ambiente de *chat*, no qual se utiliza o anonimato através do *nickname* (apelido) construindo-se nova identidade ou ampliando a sua própria identidade como outra maneira de apresentar o *self*. A seguir apresentamos a *metodologia de pesquisa nas ciências humanas* proposta por Bakhtin (2003) em seu dialogismo e também apresentamos o modelo de *Análise Complementar Exploratória Multinível de Dados* (CEMDA) por Riva e Galimberti (2003b) para o estudo etnográfico no ciberespaço, a partir dos quais proporemos um *Modelo Etnográfico Virtual de Estudo das Representações do Self na Internet* (MEVERSI) para o trabalho investigativo desta tese.

#### **3.3.1 Método filosófico-linguístico de Bakhtin (Dialogismo)**

Escolhemos este procedimento metodológico, realizando a atividade etnográfica especificamente nos *chats* como também, para efeito comparativo, em outros ambientes midiáticos da Internet (Orkut, por exemplo). Constituímos o *nickname* dos usuários e seus textos (falas no *chat* e perfil no Orkut) como objetos de análise para a compreensão das formas de representação do *Self* nos contextos comunicativos *online* onde as pessoas realizam práticas sociais de interação.

Assim a abordagem dialógica propõe uma perspectiva qualitativa de investigação na qual realizaremos a interpretação dos dados construídos durante a etnografia virtual enquanto participante da interação com os usuários dos ambientes *online*. Os *nicknames*, suas falas

discursivas e suas práticas sociais em interação, dentro da qual nos inserimos como observador-participante, são considerados como relevantes na perspectiva das ciências humanas e sociais. A partir desses elementos, ao analisarmos a forma de representação do *Self* na Internet, através da interface gráfica dos *chats*, consideramos preliminarmente o caráter da relação Eu-Outro como sendo fundamental para a manifestação do *Self* e sua evencialidade na sociedade. O espaço virtual constitui-se tão somente uma extensão da sociedade em específico campo semiótico de interações sociais e o *Self* aí se expressa, movimenta-se e passa a existir a partir de representações diversas, que constituem nosso foco de investigação.

### 3.3.2 Método de Análise Complementar Exploratória Multinível de Dados (CEMDA)

Realizando pesquisas nos ambientes virtuais, Riva e Galimberti (2003b) admitem que a Internet é um espaço social e cognitivo, situada num determinado contexto. Neste sentido a interação só pode ser plenamente compreendida através da análise detalhada do contexto social em que isso acontece. O modelo teórico e metodológico de análise proposto foi denominado de CEMDA<sup>88</sup> e envolve três dimensões (idem, p. 19): 1) perspectiva da cognição distribuída; 2) foco em diferentes molduras e objetos para cada unidade considerada de pesquisa; 3) o uso misto de ferramentas de análise quantitativa e qualitativa; 4) a integração final dos resultados, num quadro geral.

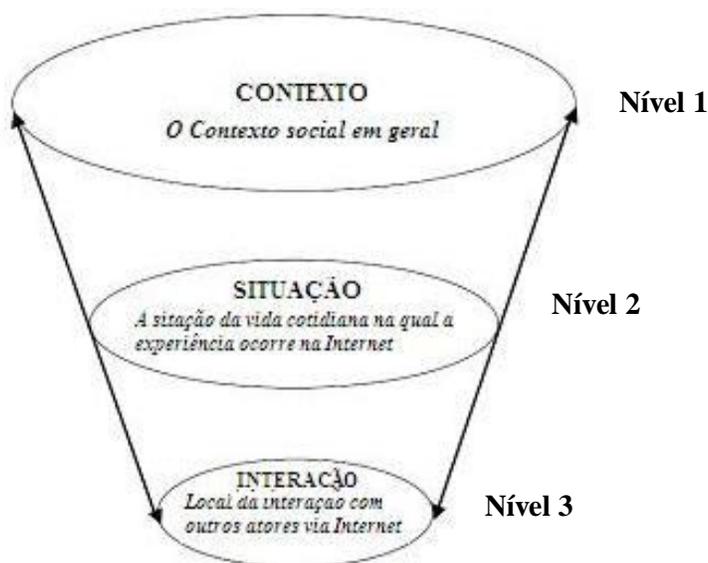
Os autores redefiniram o conceito de *unidade de pesquisa*, entendendo-a não apenas como um elemento que pode ser adequadamente isolado de outros elementos e fatores, constituindo o cenário da investigação. A unidade de pesquisa, para melhor aplicação do CEMDA, é concebida envolvendo uma amplo espectro de elementos, tais como o ambiente social e o contexto, as características do usuário e o propósito da negociação (idem, p. 21). Para melhor entendimento do modelo de análise utilizado nos estudos da CMC na Internet, os autores enfatizaram o conceito de *contexto social* para a Internet como um sistema simbólico de uma determinada cultura que está continuamente a ser alterada pelas práticas humanas que já se adaptaram às situações específicas para atender os seus objetivos de comunicação e interação. Assim, considerando os usuários da Internet como atores sociais com seus próprios objetivos, interesses e autonomia em muitas situações, o conceito de contexto apresenta as seguintes características:

---

<sup>88</sup> CEMDA-Termo anacrônico do inglês Complementary Explorative Multilevel Data Analysis podendo ser traduzido por modelo de Análise Complementar Exploratória Multinível de Dados.

- a) É tanto conceitual quanto físico: os atores percebem situações usando modelos e ferramentas culturais e agem de acordo com as normas desse ambiente;
- b) É instável: os modelos culturais são constantemente alterados por ações dos sujeitos e suas escolhas;
- c) É uma condição de comunicação: como forma simbólica compartilhada para que as ações tenham significado garantido pelas pessoas que interagem.

O modelo proposto por Riva e Galimberti (2003b, p. 22) estrutura-se a partir da noção de *contexto* situado para a investigação, compreendendo o CEMDA como uma ‘*lente de análise*’ de contextos em três níveis: um primeiro nível, mais amplo (a estrutura social na qual nos localizamos); um segundo nível, mais específico (uso do computador, navegação na Web); e um terceiro nível, mais localizado ou *situado* (o ambiente de interação na Internet). Vejamos um esquema gráfico (figura 20) para entendimento do modelo de Análise Exploratório Complementar de Dados Multinível (CEMDA) ao qual acrescentamos os níveis (1 a 3) para efeito de melhor compreensão:

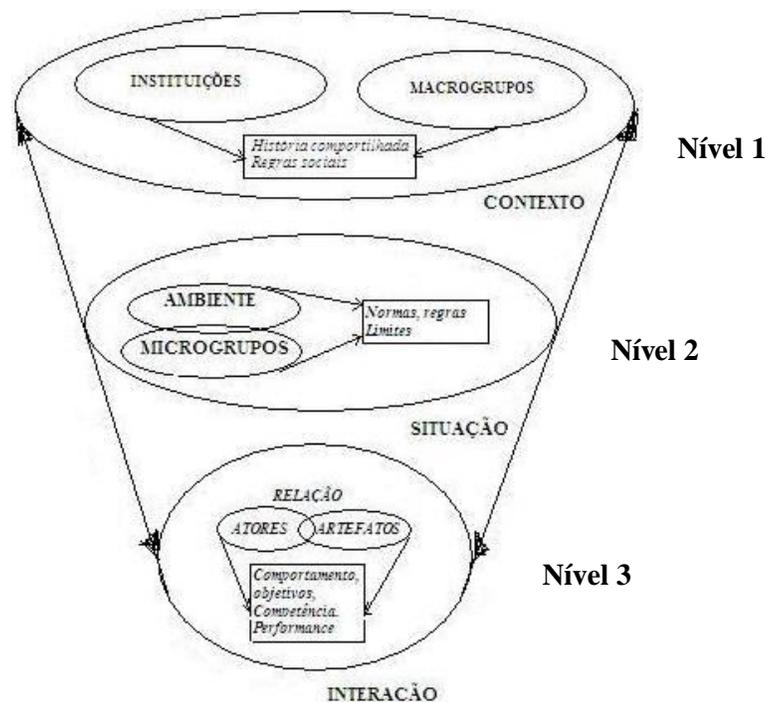


**Figura 20:** Modelo de três níveis da experiência na Internet (RIVA e GALIMBERTI, 2003b, p. 22)

Os níveis são todos *contextos* que os autores identificaram para compreender a experiência da Internet (Riva & Galimberti, 2003b, p. 23):

- O contexto: considerado o contexto social em geral (situação *offline*) que envolve, inclusive, os demais contextos secundários. Identificamos como *nível 1 de contexto*;
- A situação: as situações normais da vida cotidiana em que a experiência de Internet ocorre, como um segundo contexto. Identificamos como *nível 2 de contexto*;
- A interação: interação local com os outros atores usando um artefato tecnológico (Internet), como um terceiro nível de contexto. Identificamos como *nível 3 de contexto*.

Observamos que nesta proposta metodológica os níveis de contexto são interligados numa perspectiva de *continuum* bidirecional, do contexto social (nível 1) em direção ao ambiente mais específico *online* (nível 3) assim no sentido inverso, ou seja, do ciberespaço (nível 3) para o contexto atual (*offline*), que identificamos como nível 1. Uma configuração mais detalhada do modelo de análise dos autores é apresentada a seguir (figura 21), onde é possível observar os frames ou enquadres interacionais, dentro dos quais, microanaliticamente é possível selecionar os objetos mais específicos para um estudo empírico sob o enfoque quantitativo e qualitativo:



**Figura 21:** Frames e objetos no modelo três-níveis de CEMDA (Riva & Galimberti, 2003b, p. 22)

Tais contextos, em seus níveis de interação mutuamente definem o contexto social no qual a experiência da Internet é situada. Adotaremos também tal perspectiva na presente

pesquisa, enfatizando a concepção de que o ciberespaço e todo o contexto virtual não é um ‘mundo paralelo’ ou ‘realidade’ à parte do que vivemos, mas continuidade do mundo e da realidade que construímos, sendo tão somente um novo contexto social e cognitivo de práticas culturais mediadas pelas interfaces gráficas e textuais do computador.

No caso específico desta investigação que realizamos, partimos do contexto social mais amplo que envolve ‘instituições’ e ‘macrogrupos’ (nível 1), dos quais optamos por ‘macrogrupos’ como os agrupamentos temáticos de pessoas que desejam conversar via computador conectado à Web. Nesse nível de interação identificamos a pessoa diante da Internet (mediada pelo computador com o uso do mouse e do teclado, da visualização da tela, escolhas dos ‘locais’ em que se deseja ‘estar’, movimentação hipertextual, etc.), com as suas opções de escolhas sociais no ambiente virtual. A comunidade do UOL, formada por quatro grandes áreas temáticas, dentro das quais existindo as centenas de salas em que ocorrem as histórias compartilhadas das pessoas que ali interagem constituem o campo de ‘*contexto*’ (nível 1), utilizando a terminologia de Riva e Galimberti (2003b, p. 22): as pessoas diante o computador realizando a CMC. O objeto de pesquisa neste nível poderá ser a resposta das pessoas a uma entrevista presencial realizada com os participantes dos *chats* do UOL.

No nível de análise da ‘*situação*’ do modelo etnográfico de Riva e Galimberti (2003b), nível 2, poderemos observar o ambiente *online* e os diversos agrupamentos de pessoas que, no caso específico desta investigação, é constituído por algumas salas de bate-papo do UOL, e especificamente por uma delas, analisando-se suas características estruturais (recursos e interface gráfica: construção de *nicknames*, *emoticons*, normas e limitações do ambiente, etc.).

No terceiro nível do CEMDA (Riva & Galimberti, 2003b, p. 22) encontramos o campo específico de investigação para uma análise microanalítica das relações que são estabelecidas pelas pessoas no ambiente de *chat* com os recursos disponibilizados, ali encontrados (artefatos culturais digitais). Para esta pesquisa tomamos como objeto de pesquisa a construção dos *nicknames* bem como a forma de interação das pessoas (atores) através de suas falas escritas (frames conversacionais), ou seja, os textos, utilizando para esta análise a noção de carnavalização de Bakhtin (2004) e o modelo dramatúrgico de Erving Goffman (1975/2007) para a construção das formas de identidade do *Self* no ciberespaço.

Os autores (Riva & Galimberti, 2003b, p. 27) propõem, ainda, várias sugestões para a realização da metodologia: uso de hipóteses, controle de variáveis, grupos comparativos,

base estatística, questionários e entrevistas para a construção de uma pesquisa de base qualitativa e quantitativa, conforme pode ser verificado na tabela abaixo:

**Quadro 2** Unidade de Análise e Métodos para frame de pesquisa conforme CEMDA

Nível	Frame	Unidade	Análise Quantitativa	Análise Qualitativa
1 Contexto	-Instituições -Macrogrupos	-Histórias compartilhadas, - Regras sociais	-Questionários de pesquisa	-Entrevistas <i>offline</i> -Revisão de dados -Análise de redes sociais
2 Situação	-Microgrupos -Ambientes físico e social	-Normas, regras -Limites do ambiente -Práticas	-Questionários de pesquisa	-Entrevistas <i>online</i> -Revisão de dados -Análise de redes sociais
3 Interação	-Relações, atores e artefatos.	-Objetivos -Finalidade -Competência -Comportamento	-Questionários individuais -Análise de dados quantitativa (tempo, nº de enunciados, etc.)	-Observação participante -Entrevistas <i>online</i> -Diários etnográficos -Análise qualitativa de dados (análise da conversação, análise do discurso, análise interacional, etc)

Fonte: Riva e Galimberti (2003b, p.27)

Do modelo de Análise Exploratório Complementar de Dados Multinível, denominado CEMDA por Riva e Galimberti (2003b, p. 19), utilizaremos os níveis de “*situação*” e de “*interação*”, ao investigarmos as diversas salas de bate-papo do UOL (nível de *situação*) e mais especificamente ao realizarmos a imersão etnográfica em algumas delas (nível de *interação*), observando o comportamento das pessoas que constroem suas identidades nestes ambientes com o recurso do *nickname*. Realizaremos entrevistas presenciais (*offline*) com algumas dessas pessoas (nível de *contexto*) além de investigar outras formas de construção de identidades no ciberespaço, como os perfis do Orkut e dos Blogues dessas pessoas. O modelo sociocognitivo de Riva e Galimberti (2003b) identifica essa possibilidade de investigação em diversos ambientes *online* se observarmos o nível de *situação* ao contemplar os ‘microgrupos’, no entanto, para um melhor detalhamento dessa abordagem em outros contextos interativos da Internet proporemos adiante um modelo de investigação (MEVERSI), levando em consideração tanto a proposta metodológica dialógica bakhtiniana quanto a de Riva e Galimberti (2003b), descrito no item a seguir.

### 3.3.3 Campo da etnografia virtual: o circuito-weblogue

Adriana Braga (2006a, p. 4) utiliza o neologismo “netnografia” (nethnography = net + ethnography) que foi originalmente cunhado por um grupo de pesquisadores/as norte americanos/as, Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky e Schatz<sup>89</sup>, em 1995, para descrever um desafio metodológico: preservar os detalhes ricos da observação em campo etnográfico usando o meio eletrônico para “seguir os atores.” A netnografia ou etnografia virtual pode ser considerado como um dos métodos qualitativos que amplia o leque epistemológico dos estudos em comunicação e cibercultura, podendo ocorrer a imersão participante ou não nos ambientes pesquisados. Embora a terminologia recente (netnografia) esteja sendo adotada por alguns, optamos por permanecer com o termo etnografia virtual.

Esta pesquisadora brasileira (BRAGA, 2006b, p. 9) discutindo sobre a etnografia *online* afirma que a perspectiva etnográfica pode ser utilizada para o estudo empírico das atividades na Internet “(...) uma vez que se tomem alguns cuidados nessa apropriação.”, ao mesmo tempo em que diante das possibilidades e limitações da etnografia tradicional no ciberespaço surge a necessidade de desenvolver uma composição de técnicas, antigas e novas, que resultam num aparato metodológico diversificado e mais específico que Becker<sup>90</sup>(1993) denomina de ‘multimétodo’, incluindo aspectos quantitativos e qualitativos.

Considerando a Internet um ambiente social de interação, Braga (2006a, p. 8) afirma que “o uso da mídia eletrônica como contexto para a apresentação do *self* parece acrescentar novas características e recursos para esta atividade. A interação *online* permite que a apresentação do *self* ocorra de várias maneiras.”. Assim, considerando que o *Self* pode se apresentar no ambiente virtual de maneiras muito mais diversificadas e múltiplas faz-se necessário considerar os variados ambientes em que tal representação de si mesmo torna-se possível. Nesta tese de doutorado escolhemos como ambiente principal da pesquisa os *chats* do UOL, no entanto, também observaremos outros ambientes virtuais de interação, principalmente os weblogues. Realizamos algumas imersões para efeito de amostra do que pretendemos.

---

<sup>89</sup> Bishop, A.P., Star, S.L., Neumann, L., Ignacio, E., Sandusky, R.J. & Schatz, B. 1995. Building a university digital library: Understanding implications for academic institutions and their constituencies. In *Higher Education and the NII: From vision to reality. Proceedings of the Monterey Conference*, Sept. 26-29, 1995. Washington, DC: Coalition for Networked Information.

<sup>90</sup> Becker, H. S. 1993. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo, Hucitec.

Tomamos a definição de weblogue<sup>91</sup> da tese de Adriana Braga que o define como um “*website* pessoal ou coletivo, sem fins comerciais que mantém arquivos de registros datados e atualizados regularmente” (Braga, 2006b, p. 49), permitindo a interação assíncrona através dos comentários dos visitantes. Tais weblogues são estruturados sobre a linguagem de programação HTML (*HyperText Markup Language*, ou seja, Linguagem de Marcação de Hipertexto) e se caracterizam como um tipo de página eletrônica da Web, hospedadas nos endereços eletrônicos dos sítios virtuais e visualizadas pelos navegadores (*browsers*) da Internet. Braga (2006a, p. 9) admite que nos weblogues os seus autores(as) “disponibilizam um conteúdo marcado por seu estilo pessoal (...) tratando de assuntos os mais variados (...)” também disponibilizado, em sua maioria, “(...) espaço de interação com os visitantes (...)”. A circulação das pessoas através de *hiperlinks* e envios verbais para outros ambientes virtuais, formando um percurso comunicativo na rede, Braga (2006b, p. 48) denominou de circuito-blogue<sup>92</sup>.

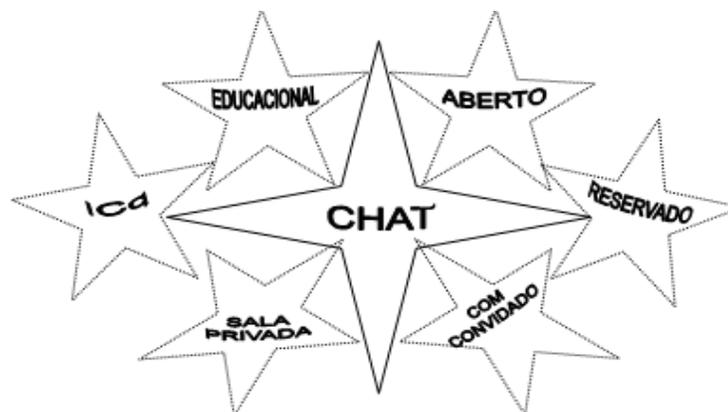
Tais enfoques são pertinentes para nossa pesquisa, na medida em que não nos centralizaremos etnograficamente apenas nos *chats*, mas realizaremos observações em outros ambientes em que alguns usuários das salas de bate-papo se fazem representar, utilizando outros recursos diferentes, mas todos eles caracterizados por expressões textuais e/ou imagético-icônicas (fotos, *emoticons*, avatares, etc.).

Decorrente dessa concepção de Braga (2006b) ao estudar os blogues optamos, por uma ideia de weblogues nesse mesmo sentido constituindo uma certa tipologia com especificidades e hibridismos. Então é possível observar que um tipo de weblogue pode incorporar dentro de seu escopo outros tipos menores e variados de weblogues, assim como propôs Araújo (2006a) a concepção de uma “constelação de gêneros” verificável nos *chats*, nos quais é possível identificar diversos tipos de gêneros textuais, como no seu esquema mostrado a seguir:

---

<sup>91</sup> Braga utilizará o termo weblog e blog em sua tese e artigos. Optamos pelo termo já como estrangeirismo weblogue e blogue. Os termos weblogue, blog e blogue são sinônimos. A primeira (weblog) foi utilizada pela primeira vez em 1997 por Jorn Barger, a segunda (blog) é uma forma abreviada da primeira e a terceira (blogue) é a palavra utilizada em Portugal (Gomes & Lopes, 2007) e já em uso no português brasileiro.

<sup>92</sup> Braga (2006b, p. 9) definirá o termo circuito-blogue “(...) ao circuito estabelecido entre participantes de diferentes weblogs, fotoblogs e websites em um sistema fechado de referências recíprocas.”



**Figura 22: Constelação dos gêneros chats** (Araújo, 2006a, p. 73)

Os vários gêneros *chats* foram gerados e diversificados dentro do contexto emergente das tecnologias digitais como situações comunicativas de “bater-papo” na Internet, apresentando características comuns, mas também diferenciações por apresentarem propósitos comunicativos diferenciados (Araújo, 2006a, p. 73).

De modo semelhante, nos apropriamos do esquema de Araújo (2006a, ver figura 22) para defender a idéia que os weblogues podem ser concebidos como uma *constelação de gêneros discursivos* do tipo weblogue. Para uma *constelação de weblogues* utilizadas por uma pessoa com objetivos de *interação social*<sup>93</sup> e representação de si mesma associaremos o termo utilizado por Braga (2006b) de circuito-weblogue, que classificaremos em cinco tipos: 1) weblogue de texto; 2) weblogue de fotos; 3) weblogue de vídeos; 4) microweblogues; 5) macroweblogues. Esclarecemos que esta esquematização se faz por considerar o weblogue como um website pessoal ou coletivo, que permite postagens pessoais e comentários de outras pessoas numa linha de tempo (timeline), mas também por apresentar: a) perfil da pessoa; b) indicação outros blogueiros (rede de amigos/associados). Esse conjunto de características permitiram classificar os tipos de weblogues utilizados nesta pesquisa, esclarecendo que não constitui foco dessa tese o estudo do gênero blogue em sua abordagem lingüístico-discursiva enquanto gênero multimodal com sua caracterização de convergência e heterogeneidade semiótica. A classificação, portanto, atende a uma delimitação bastante específica para a realização da investigação que desejamos realizar.

A figura 23 ilustra esta proposta:

<sup>93</sup> Por interação social incorporamos a noção de evento comunicativo definido como conjunto de práticas sociais em um determinado ambiente (comunidade), nos quais seus membros compartilham de linguagem e propósitos comunicativos gerais comuns. Não faz parte dessa tese o estudo de gêneros textuais ou a discussão de gêneros e eventos comunicativos, os quais foram objeto de estudos de Araújo (2006)

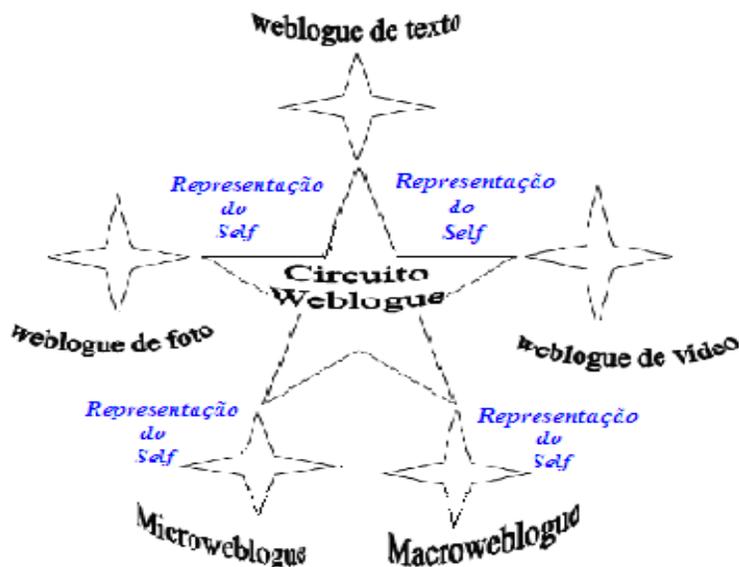
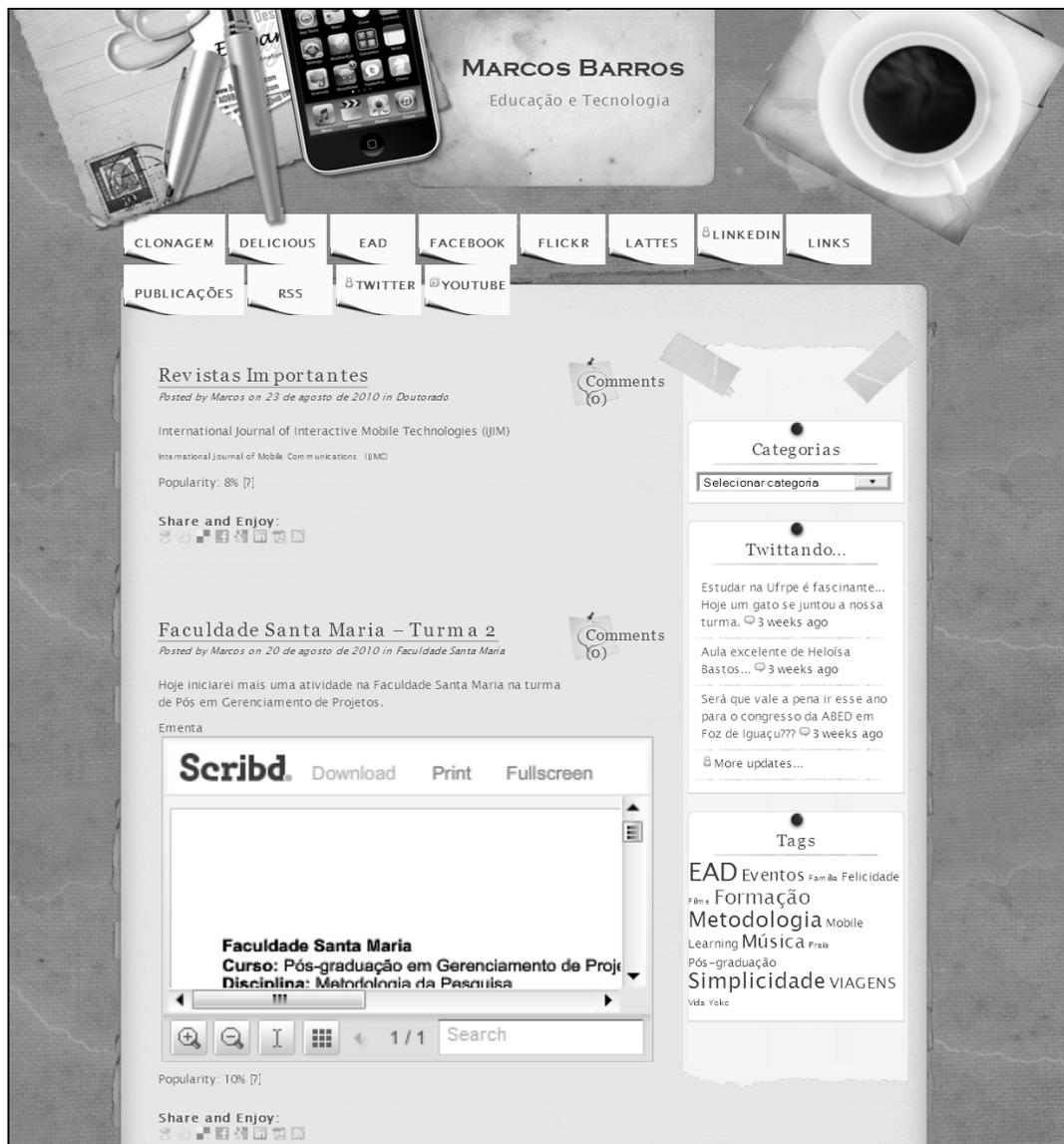


Figura 23: Circuito-weblogue

Estes tipos de weblogs constituem-se em formas representacionais do *Self*, através de expressões textuais (textos de perfis, falas no *chat*) e de elementos imagéticos (figuras, fotos, imagens, emoticons), que podem ser analisadas microanaliticamente no nível 3 do Modelo de Riva e Galimberti (CEMDA), ou nível de interação. A articulação entre os weblogs (observada no nível 2, ou nível de situação) permite visualizar numa perspectiva macroanaliticamente como o *Self* se faz representar dentro de um horizonte de continuidade ou descontinuidade, apresentando elementos que caracterizam uma permanência de identidade ou rupturas nesse aspecto no circuito-weblogue.

Detalharemos a seguir esta tipologia de weblogs observando como podem ocorrer algumas formas de representação do *Self*, através das expressões textuais e imagéticas.

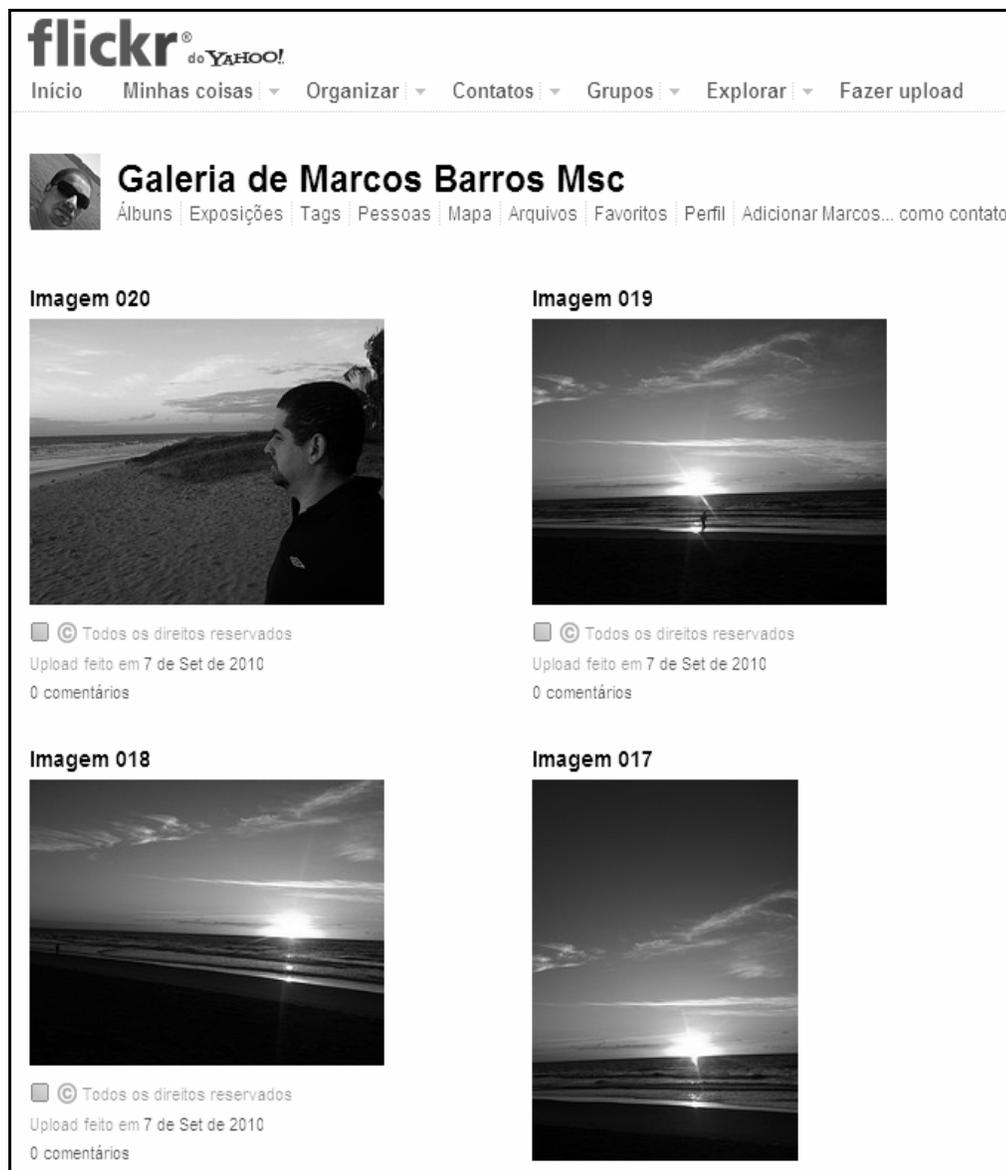
1. Weblogue de texto (blogues de opiniões): mais tradicionais, com poucas imagens e mais informações textuais, expressando opiniões, comentários, ensaios, etc. Abaixo o weblogue de texto de Marcos Barros:



**Figura 24:** Weblogue de texto de Marcos Barros ( <http://www.marcosbarros.com.br/> )

Observemos (figura 24) a predominância de textos de links para outros ambientes *online*. Este é conhecido como blogues. Espécie de diários de postagens pessoais com comentários e a possibilidade participação do público leitor que visita a página.

2. Weblogue de fotos (fotoblogues): mais caracterizados por apresentação de fotos pessoais e outras, com poucos elementos textuais. Exemplos podem ser o *MySpace*, o *Flickr* e os fotoblogues de caráter social, de eventos e os pornográficos. Na figura 25 a seguir o weblogue de fotos de Marcos Barros:



**Figura 25:** Weblogue de fotos de Marcos Barros (<http://www.flickr.com/photos/marcosabarros>)

Neste tipo há uma predominância de fotos e imagens. A coletânea de fotos formam um determinado álbum temático.

3. Weblogues de vídeos (videoblogues): tipo de macroblogue permitindo apresentação de vídeos e expressões textuais, como as páginas do Youtube;

The image shows a screenshot of a YouTube channel page for 'marcosabarrros'. The main content area features a video player with a video titled 'Defesa de Monografia' from 2009. To the right of the video player is a list of uploads, including 'Defesa de Monografia' (17 views), 'Defesa de Monografia' (13 views), and 'Natal em Paris (2007)' (105 views). Below the uploads is a list of favorites, including 'Jason Mraz - Beautiful Mess (Nobel Peace)' and 'Sintomas de saudade - Marisa Monte'. The bottom section of the page includes a profile summary for 'marcosabarrros' with statistics such as 5 channel views, 138 total uploads, and 1 subscriber. There is also a comment section for the channel.

**Figura 26:** Weblogue de vídeos de Marcos Barros ( <http://www.youtube.com/user/marcosabarrros> )

Este tipo de weblogue tem a predominância de vídeos (postados no centro e na listagem à direita), com menos textos, embora seja possível realizar comentários (fig. 26).

4. Microweblogues (pequenas mensagens): recente modalidade de weblogue caracterizada por número máximo de caracteres a ser escrito pelo tanto pelo proprietário quanto pelos visitantes. Apresentando recentes inovações o microblogue também permite a inclusão de fotos e vídeos. Twitter é um tipo de microblogue caracterizando-se também dentro das redes sociais da Internet (figura 27).



Figura 27: Microblogue (Twitter) de Luana Rodrigues (<http://twitter.com/#!/luhkarodrigues>)

Os textos são curtos devido ao design do próprio microweblogue (até 140 caracteres), sendo possível identificar fotos, perfil descritivo da pessoa, além de seus enunciados que constituem uma timeline (linha do tempo dos seus enunciados postados e recebidos). Um estudo a respeito do microweblogue foi realizado por Oliveira e Araújo (2011) analisando algumas peculiaridades desse formato no contexto pedagógico.

5. Macroblogue (blogues com vários recursos e opções): incorpora várias características dos outros tipos de weblogues, como também acrescenta outras, os macroblogues, como Orkut e Facebook, disponibilizam tanto espaços de textos, fotos, vídeos como oferecem recursos de jogos, listas, eventos, enquetes, comunidades, etc. (fig. 28)

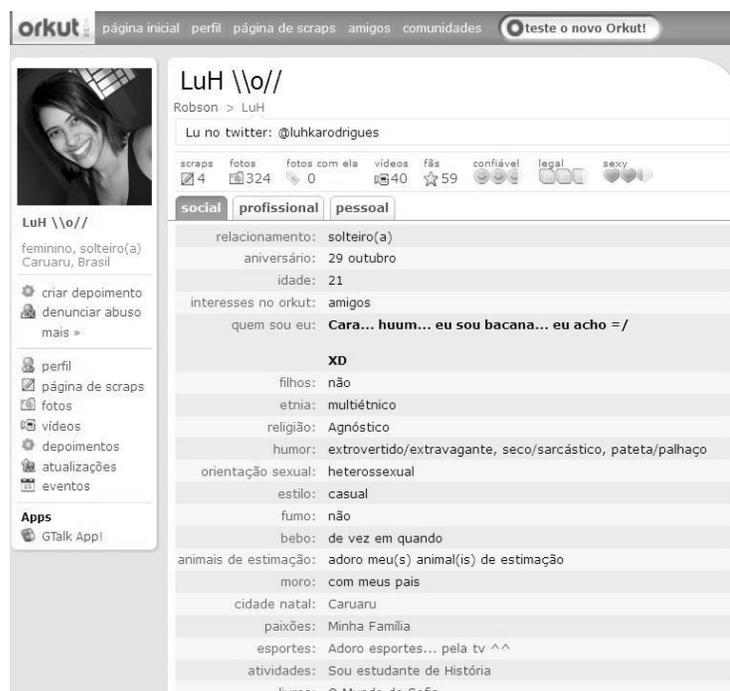


Figura 28: Macroblogue (Orkut) de Luana Rodrigues (<http://bit.ly/IsimRG>)

Todos os tipos apresentados acima possuem uma página eletrônica (website) específica de ‘Perfil do Usuário’ ou um espaço na página principal do weblogue com breve descrição de si, podendo ser adicionada uma foto ou imagem com a qual o proprietário mais se identifique. Selecionaremos das salas de bate-papo, nas quais iniciaremos a pesquisa etnográfica, aquelas pessoas que possuam alguns dos blogues que classificamos acima a fim de que possamos realizar a análise de seus perfis no circuito-blogue e assim identificar as formas de representação do *Self* no ambiente midiático-eletrônico da Internet.

Optamos por realizar esta análise nos ambientes de *chat* do UOL, mais especificamente, e para termos uma abordagem mais ampla das formas de representação do *Self* poderemos verificar outros ambientes virtuais (weblogues diversos, conforme a abordagem que delimitamos: tais como Youtube, Orkut e Twitter). Tais ambientes são tomados pela Linguística contemporânea como gêneros digitais emergentes na tecnologia digital (Marcuschi, 2005), os quais apresentam características específicas na formatação como os textos são produzidos, escritos e lidos através da Internet. Escolheremos alguns destes gêneros que mais permitem uma forma de representação do *Self* através da:

a) exposição de um ‘perfil pessoal do internauta’ (com ou sem fotos)

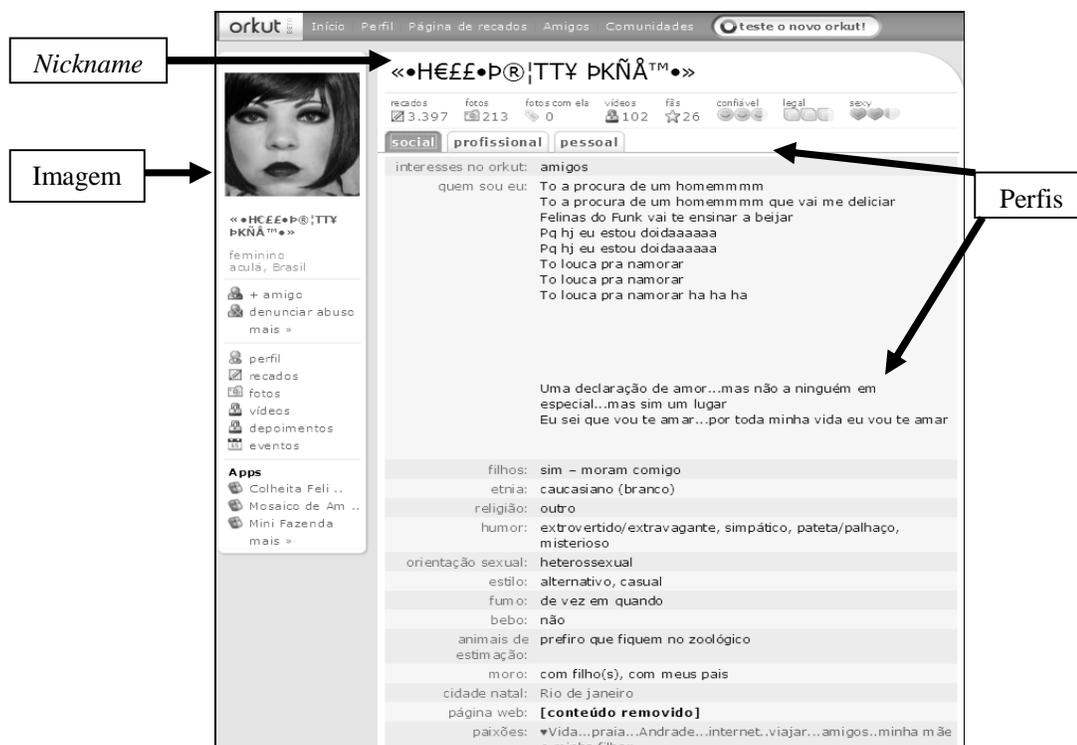
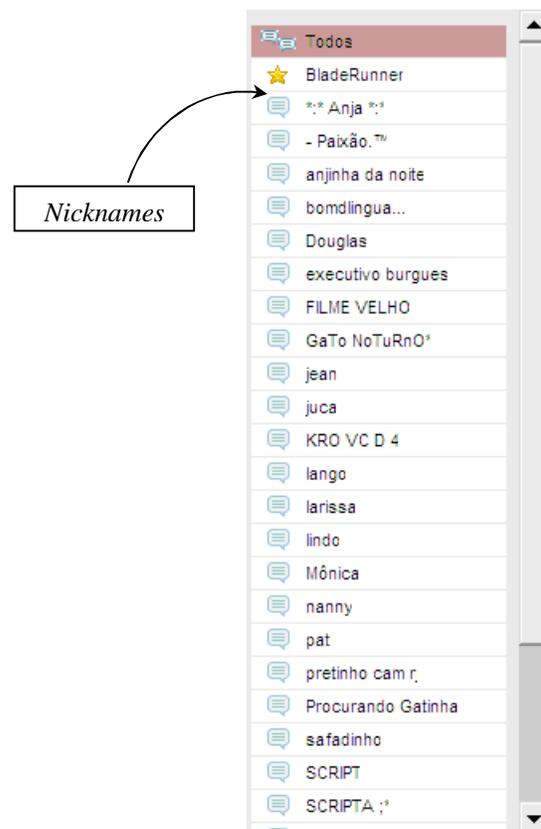


Figura 29: Perfil «•H€€€•P@!TTY PKNÂ™•» do ORKUT<sup>94</sup>

<sup>94</sup> <http://bit.ly/JsF22w>

No perfil do Orkut, a pessoa de nosso exemplo (figura 29), utiliza uma imagem como representação de si mesma para identificar-se, além de breve descrição textual nos perfis ‘social’, ‘profissional’ e ‘pessoal’ da página de Perfil deste macroblogue. Essa mesma pessoa que tem a página do Orkut mostrada no item **a** (figura 29), por exemplo, utiliza um *nickname* para este tipo de weblogue: «•H•E•E•P•O•T•T•Y•P•K•Ñ•Å™•», mas no *chat* da sala TEMA LIVRE-1 do UOL, a mesma pessoa utiliza outro com frequência o *nickname*: “Euzinha!”.

**b)** construção de um novo nome (*nickname*) pelo qual a pessoa será identificada

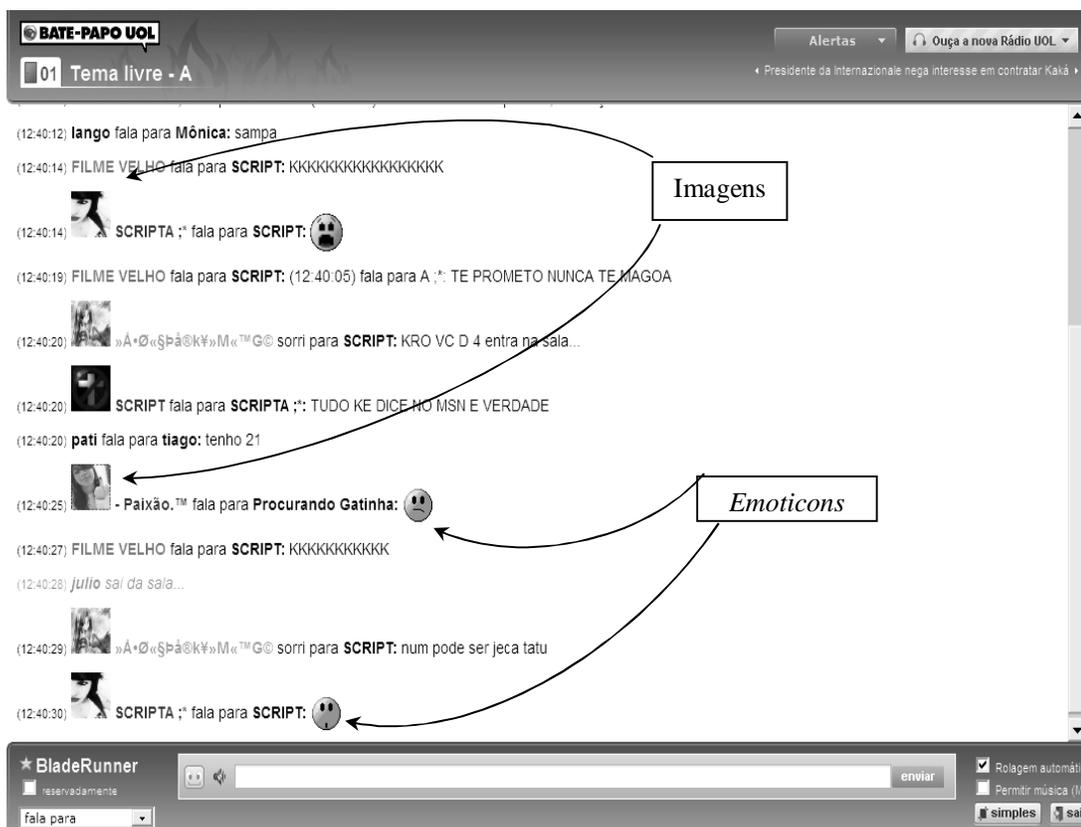


**Figura 30:** Relação de *nicknames* em um sessão de chat da sala TEMA LIVRE-1 (UOL)

**c)** utilização de expressões icônicas (*emoticons*) que simulam a idéia de um corpo.

A figura 31 apresenta uma reprodução de parte de *nicknames* sendo utilizados pelos usuários numa sessão de *chat* na sala TEMA LIVRE-1, observemos que uma parte utiliza nomes próprios (‘Douglas’, ‘jean’, ‘larissa’) enquanto que a maioria utiliza pseudônimos com

adjetivação de uma qualidade ou aspecto que se deseja expressar ('Paixão', 'Anjinha da noite', 'safadinho') para representação de si:



**Figura 31:** *Emoticons* utilizados numa sessão de chat da sala TEMA LIVRE-1 (UOL)

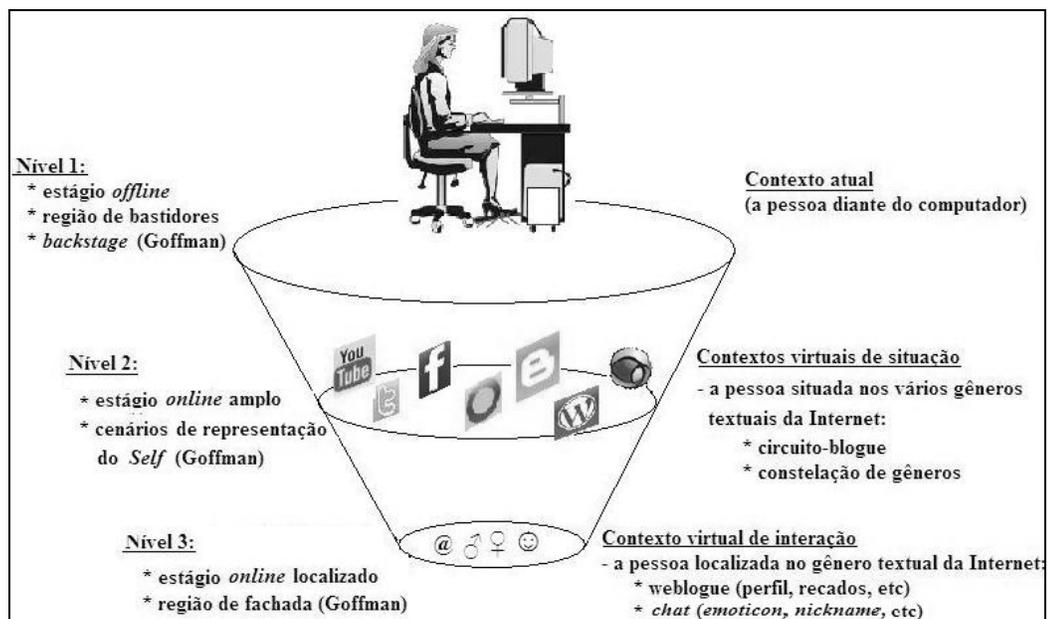
Ainda na sessão de *chat* (figura 31) é possível identificar várias expressões icônicas para representação do corpo: 1) imagens ou fotos associados aos *nicknames*, mais à esquerda; 2) *emoticons* de expressões faciais, logo após os *nicknames*, à direita.

Javornik (1998, p. 234) defende que vivemos a era hipertextual que é baseada no princípio da não-linearidade, das possibilidades, das múltiplas escolhas e conexões, que em sua fase extrema pode conduzir à desintegração da identidade, a relativização e 'volatização' do *Self*. Considerando esta perspectiva e do vasto ambiente virtual delimitamos os *chats* do UOL e o Orkut como campo etnográfico para investigar as formas de representação do *Self* na Internet.

### 3.3.4 Modelo Etnográfico Virtual de Estudo das Representações do Self na Internet (MEVERSI)

Tendo por objetivo a análise do fenômeno da representação do Self na Internet, idealizamos um design metodológico que denominamos por **Modelo Etnográfico Virtual de Estudo das Representações do Self na Internet (MEVERSI)**, doravante) como forma de capturar este processo que ocorre nos ambientes virtuais. O modelo investigativo é inspirado na proposta metodológica sociocognitiva de Riva e Galimberti (2003b), nas concepções de weblogue e circuito-blogue de Braga (2006a) e nas noções de “constelação de gêneros” propostas por Araújo (2006). O modelo teórico dramaturgico de Goffman (1975/2007) para a representação do *Self* bem como a noção de carnavalização de Bakhtin (2004b) serão tomados como suportes epistemológicos para desenharmos o modelo de investigação etnográfica virtual nos diversos gêneros da Internet a fim de capturarmos as formas representacionais do *Self*, e mais especificamente no gênero textual de *chat*, que apresentamos a seguir (figura 32):

**Figura 32:** Modelo Etnográfico Virtual de Estudo das Representações do *Self* na Internet



**Legendas:** \* (Youtube), (Twitter), (Facebook), (Orkut), (Blogger), (Wordpress), (UOL), como cenários ou contextos virtuais de situação.

\* @ (simbologia representando a linguagem específica de alguns ambientes virtuais, figuras, imagens, *emoticons*)

Este modelo etnográfico virtual (figura 32) compreende vários níveis *online* (nível 2 a 3) nos quais o investigador poderá realizar a pesquisa, tanto na condição de observador-oculto quanto na de observador-participante, podendo valer-se de variados procedimentos investigativos de caráter quantitativo e qualitativo. O MEVERSI, compreendendo estes três níveis, permite ao investigador contemplar a pessoa nas suas formas de representação na Internet (níveis 2 e 3), quando está *online*, assim como fora dela (nível 1), na condição *offline*, quando será possível identificá-la presencialmente, podendo realizar-se entrevistas, videografia, registros de imagens etc.

Observemos que no nível 1 do modelo de investigação proposto (figura 32), temos a concepção do *Self* em *offline* (tomando como referência o universo *online* da pesquisa), ou seja, a partir do referencial teórico de Goffman (1975/2007) teríamos a ‘região de bastidores’ (*backstage*), aquela em que o *Self* não possui um outro observador imediato, num espaço privado no qual se prepara para a cena da representação, escolhendo recursos e instrumentos que, no caso de nosso estudo são: a) escolha dos ambientes virtuais; b) descrição de si mesmo nos perfis de identificação; c) construção e contribuição para um estilo de escrita conforme o ambiente em que se encontre (formas abreviadas, curtas, longas, etc); d) opção de criar *nicknames*, *emoticons* e avatares como formas de representação de si mesmo no nível 2 e nível 3, preservando sua identidade no nível 1, mantendo-se num certo anonimato virtual. Nesse estágio primeiro (nível 1) identificamos um duplo estatuto do *Self*: 1) antes de realizar a imersão no ciberespaço e 2) diante da sua própria representação (a partir da visualização gráfico-textual na tela do computador). O nível 1, portanto, tem um caráter híbrido para o *Self*, situado na fronteira e ocupando a posição limítrofe ‘dentro’ e ‘fora’ do ciberespaço, concomitantemente.

No nível 2 e nível 3 encontraremos o *Self* manifestando-se no ciberespaço, através dos diversos recursos disponibilizados conforme o ambiente ou ‘cenários’ para sua representação, conforme a expressão de Goffman (1975/2007), podendo assim se expressar, comunicar-se e interagir no contexto social da Internet, como nos weblogues (Youtube, Orkut, Twitter, Blogues textuais, etc) e *chats* (UOL) que exemplificamos na figura 32 (nível 2). É nesse segundo nível (estágio *online* amplo), a partir de uma rastreabilidade das manifestações contínuas do *Self* nos vários ‘cenários de representação’ na Internet ou na ‘constelação de gêneros’, formando um circuito-blogue, que encontraremos os contextos situados como campos desta pesquisa (*chat* e Orkut, por exemplo).

Definimos como nível 3 do MEVERSI aquele contexto mais específico, dentre a ‘constelação de gêneros’ disponível na Web, como um weblogue (Orkut) ou um *chat* (UOL), ambientes localizados de interação *online*, para observarmos as formas de representação do *Self* (descrição de si mesmo, construção de nomes e utilização de fotos ou imagens para identificação pessoal etc.). Escolhemos este nível 3, que definimos como *estágio online localizado*, como campo específico da pesquisa deste doutoramento, tendo nas salas de bate-papo do UOL e nos perfis de Orkut os ambientes da etnografia virtual.

Definimos como manifestação do *Self* no ciberespaço toda expressão textual e icônica de uma pessoa dentro do contexto lingüístico de um grupo *online* em que ocorre interação, estabelecendo-se os processos cognitivos e sociais da comunicação, mesmo que sejam identificados os fenômenos de *fakes*<sup>95</sup>, de *nicknames* considerados falsos ou toda forma de identificação *online* que de algum modo, numa possível escala de aproximação ou afastamento, distancie-se bastante do perfil ou das características do *Self* em seu nível *offline*. No nível 2 e nível 3 (*online*) é possível a utilização de uma etnografia virtual, visitando os cenários onde o *Self* se manifeste ou mantenha suas representações que no caso desta pesquisa será realizada nos *chats* e weblogues, através das gravações de conversações e de *nicknames* (*chats*) bem como de análise dos perfis descritivos (weblogues) nestes ambientes discursivos da Internet.

Uma ampla diversificação de unidades de análise e métodos quantitativos e qualitativos poderá ser utilizada conforme os campos de pesquisa contemplados pelo MEVERSI que apresentamos na tabela seguinte:

**Quadro 3** Unidade de Análise e Métodos para campos de pesquisa conforme MEVERSI

Nível	Campo	Unidade	Análise Quantitativa	Análise Qualitativa
1 Estágio <i>offline</i>	- Usuários de comunidades discursivas	- Depoimentos - Registro visual	- Questionários de pesquisa - Gráficos e análises comparativas de dados	- Entrevistas <i>offline</i> - Videografia <i>offline</i> <sup>96</sup> - Acompanhamento longitudinal - Diário etnográfico
	- <i>Chats</i>	- <i>Nicknames</i> ( <i>chats</i> ) - Perfis de identificação	- Dados estatísticos (quantificação dos cenários <i>online</i> ; tipologia de <i>nicknames</i> <i>emoticons</i> e	- Entrevistas <i>online</i> - Observação participante nos

<sup>95</sup> *Fake* (*falso* em inglês) é um termo usado para denominar contas ou perfis usados na Internet para ocultar a identidade real de um usuário.

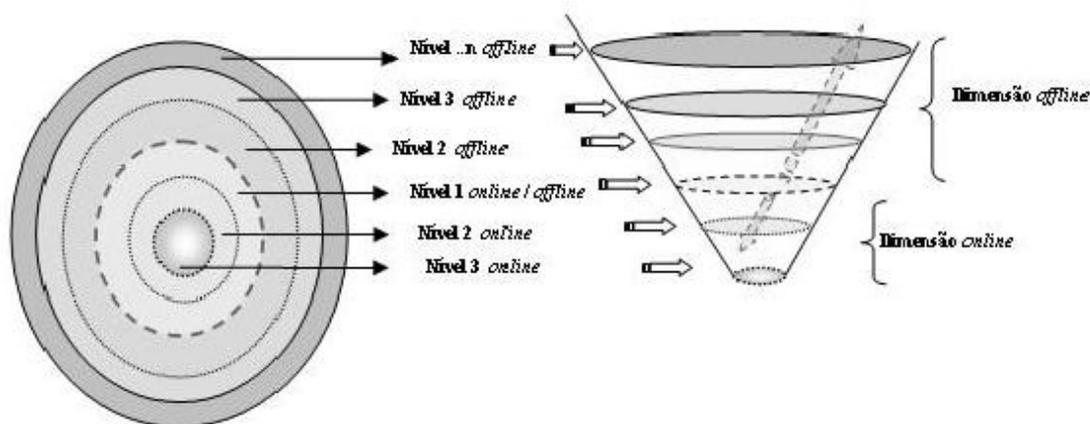
<sup>96</sup> *Videografia offline*: consideramos aquele tipo gravação em vídeo das pessoas num determinado set de observação, que não seja o da imersão nos ambientes virtuais, seguindo-se a metodologia de Goodwin e outros.

<p><b>2</b></p> <p>Estágio <i>online</i> amplo</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Weblogues</li> <li>- Emails</li> <li>- Websites pessoais</li> </ul>	<p>(weblogues)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- endereços de email</li> <li>- endereços de weblogues (de texto, vídeo, microblogues)</li> </ul>	<p>avatares; registro de imagens e outros dados observados)</p>	<p>cenários de observação: <i>chats</i>, weblogues, etc.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Compreensão das formas de representação do <i>Self</i> nas formas textuais, icônicas e outras (músicas, vídeos, etc), considerando aspectos culturais (religião, nacionalidade, épocas, etc.)</li> <li>- Diário etnográfico</li> <li>- Análise de estilos de representação nos diversos ambientes online</li> </ul>
<p><b>3</b></p> <p>Estágio <i>online</i> localizado</p>	<p>Imersão e interação nos campos do <b>nível 2</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>Nicknames</i> (<i>chats</i>)</li> <li>- Fotos, imagens e descrições nos weblogues</li> <li>- nomes de identificação nos emails e endereços de weblogues</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Etnografia virtual (nº de <i>nicknames</i> usados; correlação entre <i>nicknames</i> e outras formas de identificação <i>online</i>; estatísticas e padronização quanto ao gênero sexual, idades, regiões, etc.)</li> <li>-Gráficos e análises comparativas de dados referentes aos vários ambientes de representação do <i>Self</i>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Observação participante e interação com membros do cenário da pesquisa <i>online</i>.</li> <li>-Entrevistas <i>online</i></li> <li>-Diário etnográfico</li> <li>-Análise da conversação, análise do discurso, análise interacional, etc)</li> <li>- Análise de formas de representação do <i>Self</i></li> <li>-Videografia <i>online</i><sup>97</sup></li> </ul>

Utilizaremos alguns instrumentos da Análise Quantitativa e Qualitativa que fazem parte dos níveis 2 e 3 do MEVERSI, seja verificando a estatística das salas online, o número de participantes desses ambientes virtuais ou realizando observação-participante, utilizando diário etnográfico, entrevistas online, gravação das conversações e de imagens dos perfis (Orkut e UOL-K). Tais métodos de coleta de dados entre os sujeitos da pesquisa nos ambientes públicos *online* fornecem marcas e reflexos do *Self* em suas representações virtuais nos ambientes da Internet.

<sup>97</sup> Videografia online: consideramos aquele tipo gravação em vídeo que são produzidas pelas próprias pessoas nos weblogues de vídeos como o Youtube ou aquelas formas de gravação em vídeo da movimentação das atividades dos usuários do computador apresentadas na tela de imagem (tais registros são obtidos a partir de programas específicos como Camtasia, AutoScreenRecorder, Hypercam, etc.)

A construção desse modelo de análise pressupõe uma perspectiva de *continuum* da representação do *Self*, do estágio *offline* (fora do contexto da Internet) até ao estágio *online*, em múltiplos níveis. O *Self* faz-se representar de múltiplas posições na relação EU-Outro ao longo de um marco histórico no ambiente *offline*, e esta característica se torna ampliada no contexto virtual da Internet. Se admitirmos que as representações de si mesmo, corriqueiras no ambiente *offline*, são utilizadas nas relações cotidianas através de elementos semióticos variados (fotos, documentos de identificação legal, assinaturas, digitais, obras artísticas autorais etc.), então admitimos também que os ambientes *online* outras formas de representação de si mesmo são utilizadas em carácter multifacetado e dinâmico. A figura 33, a seguir, apresenta uma perspectiva do *Self* e suas formas de representação tanto no ambiente *offline* quanto no ambiente *online*, sempre numa enfoque de continuidade (tendo o contexto *offline* primazia sobre o contexto *online*, ou seja, este último torna-se continuidade daquele primeiro):



**Figura 33:** Modelo multidimensional de concepção do *Self* nos contextos *offline* e *online* numa perspectiva de *continuum*.

As representações do *Self* acontecem num nível *primordial* ou *primário* (nível 1 a *n...offline*), fora do ambiente da Internet, portanto, antecedente quanto geradora deste espaço virtual, é a dimensão offline. Numa perspectiva de *continuum* as representações do *Self* acontecem também num nível que denominaremos de *secundário*, é a dimensão online<sup>98</sup> (nível 1 a 3 *online*), o contexto virtual da Internet, sendo este decorrente do *nível primário*. Em ambas as dimensões o *Self* se movimenta através das múltiplas posições (*I-positions*) que

<sup>98</sup> Essa perspectiva de *continuum* a partir do *offline* como nível primordial fundamenta-se na concepção de que o *Self* emerge e se constitui neste nível e que atua no nível *online* (nível secundário), através das representações imagético-discursivas. Não será possível nessa perspectiva admitir que um *Self* tenha origem no nível *online* e se faça representar no nível *offline* (algo factível apenas na ficção, como nos filmes Mulher nota 1000 (*Weird Science*, 1985), Matrix (*The Matrix*, 1999), Mulheres perfeitas (*The Stepford Wives*, 2004) ou nos contos de Isac Asimov (*Homem bicentenário*, *Eu-robô* etc.), dentre outros.

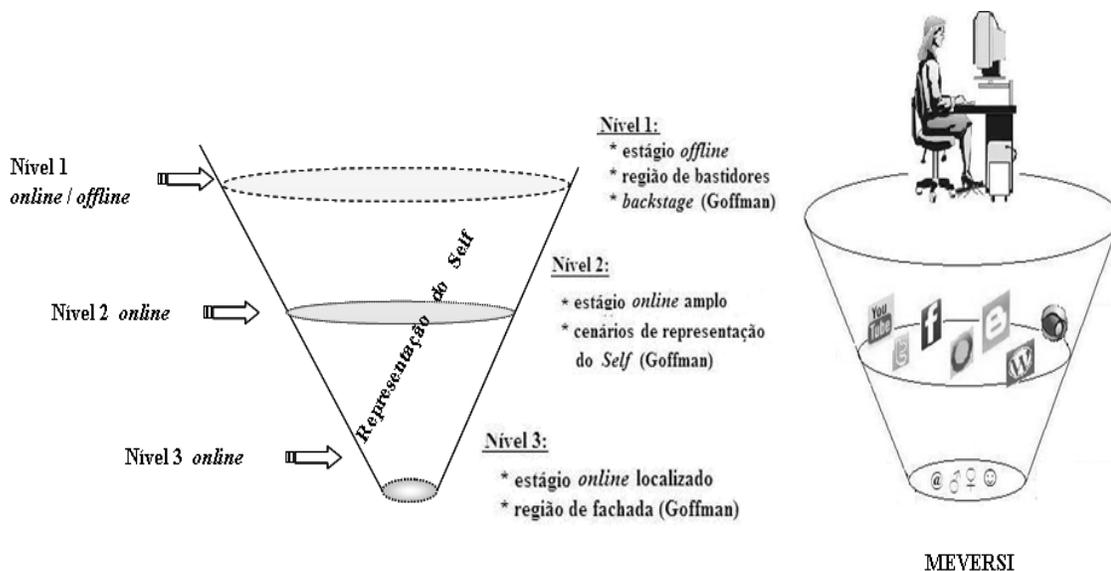
ocupa no processo interacional Eu-Outro, podendo-se perfeitamente aplicar-se o modelo do *Self Dialógico* conforme proposto por Hermans.

O nível 1 deste modelo multidimensional de concepção do *Self*, apresentado na figura 32, caracteriza-se por um hibridismo psicológico entre as duas dimensões (*offline* e *online*), quando a pessoa concebe-se tanto compartilhando de uma experiência espaçotemporal fora da Internet (sua identidade, sua localização diante do computador, sua geolocalização, sua posição social etc.) quanto compartilhando uma experiência espaçotemporal dentro da Internet (seu *nickname* numa sala de bate-papo, seu perfil numa rede social, as interações semióticas nos ambientes virtuais etc.). Essa dupla função do nível 1 corresponde ao que Bakhtin identifica como justaposição<sup>99</sup> em sua análise dialógica ao tratar da estética de criação verbal no estudo que realizou em Rabelais e Dostoievski. Evidenciam-se nessa dimensão dois elementos que compõem o quadro teórico de Bakhtin e de Goffman: 1) a emergência do *duplo* e *justaposição* (Bakhtin) e 2) a *região de bastidores* (Goffman). A pessoa, então, vê-se a si mesma nos espaços *online*, através de suas representações sígnicas imagético-discursivas (imagens e textos) como um ‘outro’, criando uma a sensação de um ‘duplo’ por estar numa região por trás dessas representações, ou *região de bastidores*, como prefere Goffman, na qual o *Self* escolhe as faces que deseja apresentar a outrem (em nosso caso, a pessoa escolhe os perfis, imagens e textos que deseja representar a si mesma nos ambientes da Internet).

Observemos ainda, conforme ilustrado na figura 33, que uma configuração mais ampla antecede o nível 1 representado por todos os cenários existentes e possíveis dos contextos sociais (nível 2 a n... -offline) em que o *Self* atua, se identifica, se constitui e realiza suas manifestações representacionais (sua casa e seu ambiente familiar, sua cidade e seu contexto social, seu país e sua cultura, estar numa *lanhouse*, participar de um casamento, ser engenheiro, ser psicólogo etc.). E nessa mesma perspectiva de *continuum*, a partir do nível 1, há também uma configuração ampla de outros cenários sociais possíveis e existentes, na dimensão da Internet (nível 2 e 3 -online): os sítios eletrônicos governamentais, os *sites* pessoais, as lojas de comércio eletrônico, os blogues, as redes sociais, as salas de bate-papo etc. Javornik (1998, p. 235) defende que a comunicação interativa virtual está se tornando uma forma de laboratório social para a experimentação de formas de representação do *Self*. Os jogos eletrônicos (games), os ambientes digitais de relacionamentos como o *SecondLife* e a nova fase 3D do cinema e televisão (o filme *Avatar*, por exemplo) demarcam esse estágio

<sup>99</sup> Hermans resgatará esse termo bakhtiniano em sua Teoria do *Self Dialógico*, ao propor o modelo das I-positions do *Self*.

atual das formas virtuais de representação do *Self* e a interação com o outro, como já experimentadas nos níveis 2 e 3 correspondentes aos ambientes imersivos da Internet (figura 32 e 33). Se tomarmos o modelo multidimensional de concepção do *Self* nos contexto *offline* e *online* numa perspectiva de *continuum* (fig. 33) e fizermos o recorte apenas visualizando a dimensão *online* (a partir do nível 1) teremos uma correspondência com o MEVERSI (figura 32) conforme a figura 34 demonstra:



**Figura 34:** Correspondência entre o modelo multidimensional de concepção do *Self* nos contexto *offline* e *online* numa perspectiva de *continuum* e o MEVERSI

Uma perspectiva multidimensional de representação do *Self* é admitida (figura 34): tanto para uma materialidade no nível virtual (*online*) quanto no nível atual (*offline*), este constituído por todos os cenários possíveis da sociedade em que o *Self* emerge a partir das relações socio-cognitivas e histórico-relacionais. No nível *offline* há uma vasta rede de imagens, ícones, textos, registros diversos como fotos, caligrafia, impressões digitais, hábitos, estilos de vida e comportamento, etc. que fazem parte das representações do *Self* nas cenas do cotidiano e na perspectiva temporal. No nível *online* tal rede de elementos identificadores do *Self* não é tão confiável em decorrência da caracterização do anonimato e do mascaramento da Internet, no entanto, ainda assim, através de uma investigação cuidadosa é possível realizar uma interpretação desses elementos que representam o *Self* no ciberespaço. Essa tese de doutorado, através desse modelo etnográfico, é uma tentativa para esse desafio de compreender as formas de representação do *Self* na Internet, pelas suas manifestações discursivas e imagéticas, considerando que a construção de identidades virtuais é um claro exemplo da explicação pós-modernista de que o *Self* pode ser entendido na esfera do discurso

(Javornik, 1998, p. 235). Em defesa dessa perspectiva de Javornik, revisamos a *rede de dialogismo contemporâneo*, a qual é transversalizada por essa ênfase semiótica envolvendo linguagem, voz, diálogo, comunicação, signos, simbólico, imagético, cognitivo, cultural etc.

Assim, realizamos a etnografia virtual inicialmente nas salas de bate-papo (*chats*) do UOL. Depois de minuciosa investigação pela maioria das salas do UOL, optamos pela sala TEMA LIVRE-1, pelas seguintes razões:

1. é uma das salas mais movimentadas do UOL, com toda a riqueza de manifestação das interações virtuais (*nicknames* diversificados, uso de *emoticons*, abreviações, onomatopéias, expressões de entonações, etc.);
2. muitos participantes possuem outros registros de representação *online* em diversos outros cenários *online*, como Orkut, Twitter e blogues textuais;
3. a Sala TEMA LIVRE-1 tem várias comunidades no Orkut, nas quais é possível identificar alguns participantes e realizar uma rastreabilidade para a construção de uma análise das formas de representação do *Self* que se apresenta tanto no *chat* quanto no Orkut.
4. é possível identificar no weblogue de vídeo (Youtube) alguns registros dos participantes da referida sala, nos quais observamos a presença de *nicknames* e a construção de enunciados durante o bate-papo que foi realizado, além da identificação de um circuito-blogue no qual o *Self* se faz representar nos cenários digitais de interação.

Estabeleceremos os critérios de análise para a identificação das formas de representação do *Self* na Internet, nesses ambientes delimitados como campo de pesquisa (*chats* do UOL e perfis do Orkut), conforme apresentamos a seguir:

1. mascamamento: as formas icônicas (fotos e imagens dos weblogues, como o perfil de o Orkut) e textuais (*nicknames* dos *chats*) utilizadas para representação do *Self* nos ambientes *online*. Este critério configura o aspecto de anonimato da pessoa que utiliza formas de representação de si na Internet, ocultando sua face ou sua representação de *Self* como é conhecida *off-line*.

2. vocabulário familiar: a forma de expressão coloquial nos *chats* e no perfil de Orkut. Este critério informará se as pessoas utilizam formas de expressão textual no estilo informal como representação de si;
3. excentricidade: as manifestações de elogios e injúrias, descrições exageradas e inoportunas como forma de representação de si. Este critério permitirá capturar se as pessoas utilizam formas fantasiosas e hiperbólicas para representação do *Self* na Internet, reforçando o aspecto do mascaramento pelos *nicknames* e perfis do Orkut bem como pelas falas nas salas de bate-papo;
4. disparidades, a linguagem das antinomias e das obscenidades expressas tanto nas falas no *chat*, quanto nas imagens ou descrições de perfis do Orkut. Este critério permitirá compreender o aspecto do anonimato pelo mascaramento estimulando desinibições comunicativas, expressões e imagens obscenas, bem como descrições opostas de si mesmo (representação *online* diferente da representação *off-line*)

Tais critérios têm como princípio os referenciais da carnavalização bakhtiniana (Bakhtin, 2004b), através dos quais buscamos compreender como as pessoas constroem a representação de si na Internet nos vários ambientes *online*. Durante esta investigação, o modelo dramaturgicó de Goffman (1975/2007) para a representação do *Self* poderá ser contemplado tanto na base metodológica quanto na análise dos dados observados, como aporte à noção da carnavalização proposta por Bakhtin (2004b). Nesse sentido, concordamos com Javornik (1998) quando afirma que

“Na teoria de Bakhtin, a [idéia de] *familiarização* está intimamente relacionada com o conceito de *carnavalização*, ou seja, com uma atitude grotesca para o mundo, que se caracteriza pela dinamicidade constante da unidade dos oposições ou por uma perspectiva dual (ambivalente) em compreender o mundo da vida humana” (Javornik, 1998, p. 238) [tradução e grifo nosso]

Acreditamos que este estudo poderá contribuir para uma compreensão das formas de representação do *Self* nos ambientes virtuais, como criação de avatares ou personagens nos jogos eletrônicos (games), tanto aqueles especificamente de entretenimentos quanto àqueles

jogos direcionados para os objetivos educacionais. Identificamos no projeto *Olimpíada de Jogos Digitais e Educação* (OJE<sup>100</sup>) uma aplicabilidade dos conhecimentos decorrentes dessa pesquisa, por exemplo, quando os participantes dos jogos criam seus avatares como representações de si na olimpíada virtual. Destacamos o item 13.2 do Regulamento do OJE (versão 2009, p. 5) quando trata especificamente do *avatar*:

### 13.2. Avatar

- Personagem do ambiente do jogo – “Volta ao Mundo” – que representa as ações dos competidores (alunos).
- Pode ser escolhida, apenas uma vez, a personagem da menina ou do menino.
- Conforme os competidores completam os desafios, ganharão itens para personalizar seu avatar. Cada desafio premia o aluno com um item diferente.
- Apesar de ser um jogo em equipe, a customização dos avatares se dá de forma individual, ou seja, cada aluno pode customizar seu avatar, apenas considerando os itens ganhos durante o jogo pela equipe.

Observamos que os termos utilizados na Regulamentação da OJE (versão 2009, p. 5) sobre o avatar remetem a uma idéia de representação de si para os(as) competidores(as) no jogo digital:

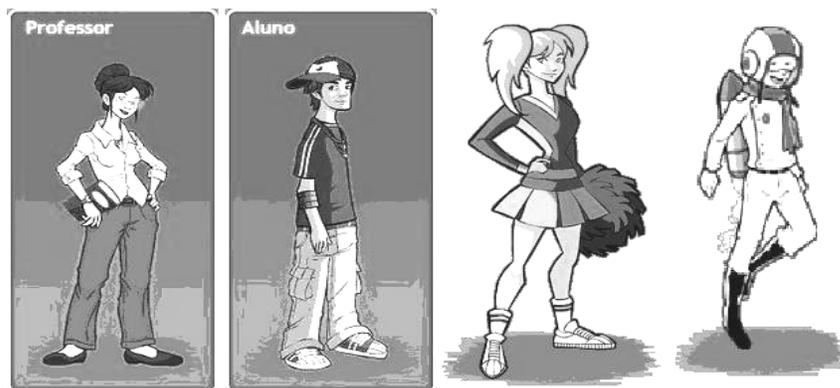
- ‘personagem’
- ‘que representa’
- ‘pode ser escolhida, apenas uma vez, a personagem da menina ou do menino’
- ‘personalizar seu avatar’
- ‘a customização dos avatares se dá de forma individual’

O jogo, portanto, é também um exercício e um exemplo de como é possível experimentar novas formas de representação do *Self* em ambientes virtuais colaborativos e interativos (Javornik, 1998, p. 235; Huizinga, 2010 [1938]; Santaella & Feitoza, 2009). Os

---

<sup>100</sup> A OJE é um projeto especial da Secretaria de Educação de Pernambuco voltado para o aproveitamento educacional do potencial dos jogos digitais. Através da OJE, jovens do ensino médio e fundamental (8º e 9º anos) participam, sob a orientação de seus professores, de divertidos jogos on-line nos quais são trabalhados conteúdos específicos de cada nível de ensino. Acesso ao sítio eletrônico em 23/12/2010, disponível no endereço eletrônico: <http://bit.ly/IGQRTC>

personagens, ‘encarnados’ (avatares) por alunos e alunas podem apresentar a seguinte configuração, conforme a figura 35, constituídos de elementos imagéticos (imagens) e textuais do contexto sociohistórico (imagens de gênero sexual, imagens de posições sociais, marcas verbais de gênero sexual, vocábulos etc.):



**Figura 35:** Avatares da OJE

Assim uma etnografia nos outros ambientes da Internet, nos quais será possível realizar estudos sobre a construção da representação do *Self* no ciberespaço, será construída a partir da imersão etnográfica primeiramente realizada nos *chats*, nos quais identificaremos aquelas pessoas que tenham outros registros virtuais como no Orkut, por exemplo. A partir do MEVERSI, para o qual adotaremos uma abordagem também dialógica, realizaremos uma etnografia virtual cujo desenho etnometodológico apresentamos.

**O campo da pesquisa etnográfica:**  
*chat* do UOL e redes sociais

---



## 4.1 UOL (Universo On Line): salas de bate-papo

Ocupando o 5º lugar no Brasil no ranking de sites mais utilizados, segundo o Alexa<sup>101</sup> e ocupando o 82º no mundo, o Universo Online (conhecido pela sigla UOL, doravante assim utilizado no texto) é um *provedor de conteúdo*<sup>102</sup> e um *provedor de acesso*<sup>103</sup> à Internet brasileira, constituindo-se num grande portal<sup>104</sup>. Foi criado pela empresa Folha da Manhã, que edita o jornal Folha de S. Paulo e, que também tem funcionalidade mobile para telefones celulares. Este portal disponibiliza vários serviços tais como informação, notícias, jogos, bate-papo, rádio, vídeos etc. funcionando no endereço eletrônico: <www.uol.com.br>.

Uma imagem do portal UOL pode ser vista na figura 36 (ver seta indicando o link para o ambiente de Bate-Papo):



Figura 36: Portal UOL

Dentro do portal é identificado o *link* Bate-Papo (ver seta na figura 36) onde é possível acesas as salas de *chat*. Segundo os dados mensais da Alexa (referente a dezembro de 2011) o link Bate-Papo UOL ocupa o 10º lugar entre os mais acessados do Portal. Uma imagem dessa seção do portal pode ser vista a seguir (figura 37)

<sup>101</sup> Alexa- site de estatísticas mundial da Internet, disponível em: < http://www.alexa.com/topsites/countries/BR >. Acesso em 08/01/2012.

<sup>102</sup> Provedor de conteúdo: oferece serviço de informações abertas e exclusiva para assinantes.

<sup>103</sup> Provedor de acesso: oferece principalmente serviço de acesso à Internet, agregando a ele outros serviços relacionados, tais como "e-mail", "hospedagem de sites" ou blogs, entre outros.

<sup>104</sup> Portal: Um portal é um site na internet que funciona como centro aglomerador e distribuidor de conteúdo para uma série de outros sites ou subsites dentro, e também fora, do domínio ou subdomínio da empresa gestora do portal.



Figura 37: Seção de Bate-Papo UOL

A imagem obtida é do mês de outubro<sup>105</sup> de 2011, sendo registrado um total de 7.551 com câmeras conectadas, 56.199 pessoas imersas nas salas, 7.760 salas abertas e 388.000 lugares disponíveis (total suportado de pessoas *online* pelo portal, ver seta nº 2 na figura 37). O serviço é distribuído em quatro grandes áreas temáticas (ver seta nº 1 na figura 37): 1) Assinantes; 2) Cidades e Regiões; 3) Idades e 4) Outros Temas. Utilizaremos a metáfora de uma cidade para o entendimento das salas e suas subsalas. Para isso traremos a imagem de uma visão parcial da cidade de Brasília (plano-piloto), conforme a seguir (fig. 38):

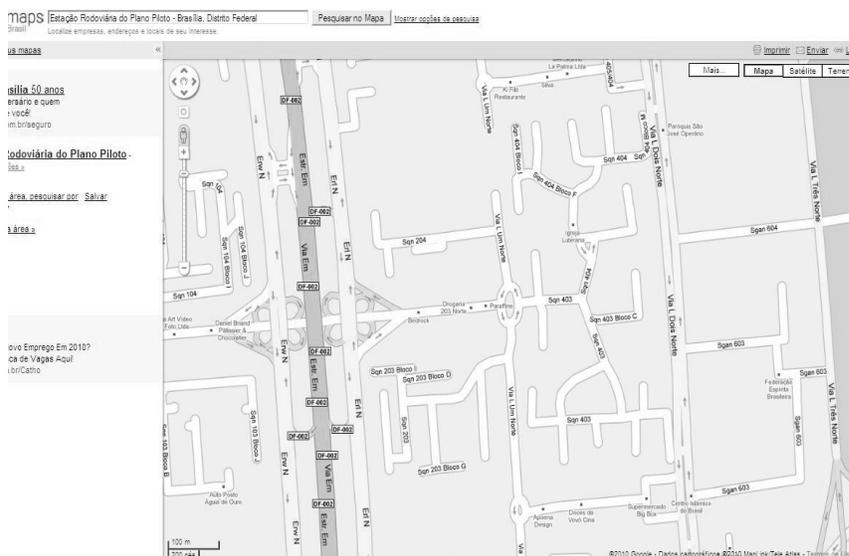
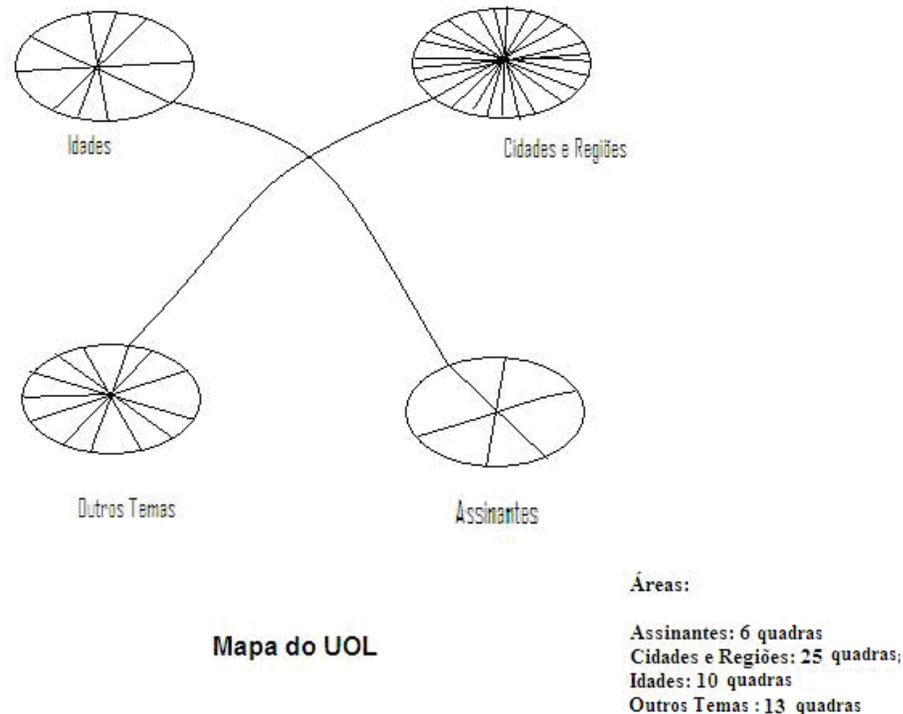


Figura 38: Google Mapa da cidade de Brasília (plano-piloto)

<sup>105</sup> Atualmente (9/01/2012) foi registrado um total de 63.599 pessoa conectadas nas salas, 7.791 salas abertas e 389.700 lugares disponíveis.

Através do Google Mapas é possível obter informações das cidades em forma de ‘terreno’, semelhante a ‘planta-baixa’ ou na forma de imagens de satélite, como fotos. A figura 38 é no formato de ‘terreno’, apresentando quadras, blocos, setores e número da localização. Para um universo populacional tão grande e de milhares de localizações do UOL utilizaremos um ‘mapa’, conforme criamos, considerando as quatro grandes *áreas temáticas*:



**Figura 39:** Mapa do UOL contemplando as quatro grande áreas temáticas

Neste mapa do UOL (fig. 39) é possível identificarmos as quatro grande *áreas temáticas*, dentro das quais distribuiremos as salas por *Quadras, Setores, Seções e Salas*. A Área Assinantes é formada de 6 *quadras*; a área Cidades e Regiões por 25 *quadras*; a área Idade por 10 *quadras* e a área Outros Temas por 13 *quadras*. Fizemos uma etnografia em todas as salas abertas ocupadas, registrando todos os *nicknames online* no momento. Dentro de cada Área, encontraremos as várias subseções (que denominamos por quadras, setores, seções e salas propriamente ditas). Por exemplo, na etnografia da Área Assinantes encontramos 6 *Quadras* com seu número total de salas abertas:

- Estados: 29 salas
- Idades: 25 salas
- Namoro: 35 salas
- Sexo: 35 salas
- Tema Livre: 25 salas

Ao acessarmos cada Quadra é possível encontramos várias subseções até chegarmos finalmente na sala de bate-papo. Tomemos o exemplo da *Área Outros Temas* contendo 13 *Quadras*:

- |                     |                            |
|---------------------|----------------------------|
| 1. Amizade          | 8. Exterior                |
| 2. Encontros        | 9. Idiomas                 |
| 3. Namoro           | 10. Religiões              |
| 4. Sexo             | 11. Tema Livre             |
| 5. Imagens Eróticas | 12. Cidades por assinantes |
| 6. Outras Imagens   | 13. Clássico               |
| 7. Variados         |                            |

Selecionemos a Quadra Encontros, dentro da qual identificaremos quatro *Setores*:

- 1- Românticos
- 2- Gordinhos
- 3- Gays, Lésbicas e Afins
- 4- Mais Encontros

Uma imagem da entrada dessa *área Outros Temas*, da *quadra Encontros* e seus quatro *Setores* poderá ser vista adiante na figura 40 (ver setas):

The screenshot shows the UOL Bate-papo interface. On the left, a sidebar menu lists various categories under 'OUTROS TEMAS', with 'Encontros' highlighted. On the right, a table displays chat rooms under the 'Românticos' sub-section. The table has columns for 'SALA', 'ENTRAR', 'ESPIAR', and 'OCUPANTES'.

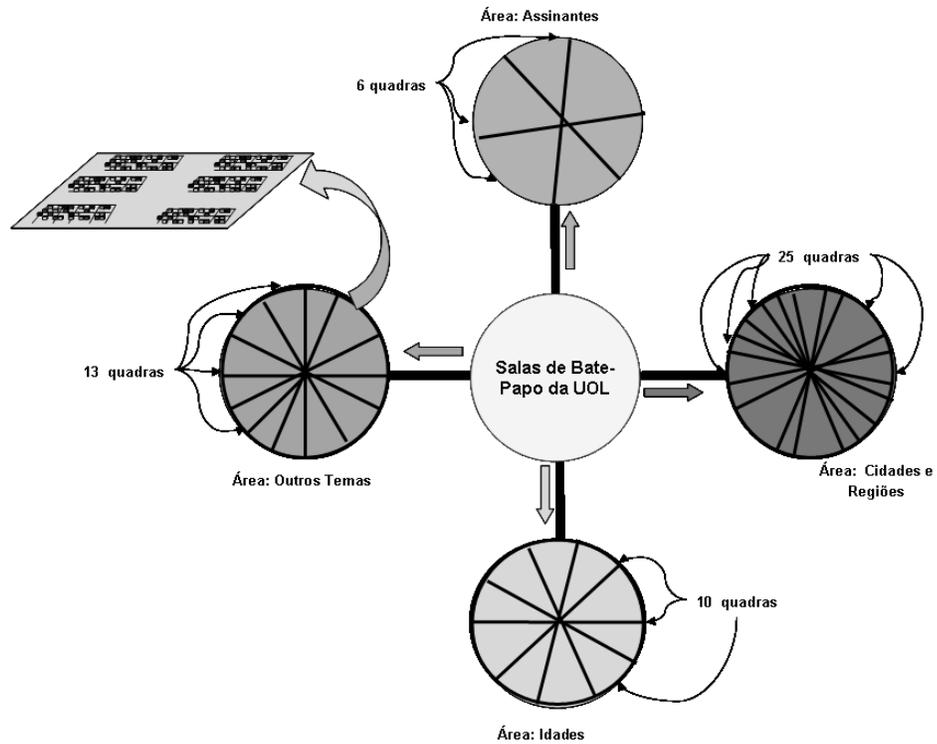
SALA	ENTRAR	ESPIAR	OCUPANTES
Encontros românticos (1)	👤	👁	32
Encontros românticos (2)	👤	👁	30
Encontros românticos (3)	👤	👁	27
Encontros românticos (4)	👤	👁	29
Encontros românticos (5)	👤	👁	29
Encontros românticos (6)	👤	👁	25
Encontros românticos (7)	👤	👁	0
Encontros românticos (8)	👤	👁	30
Encontros românticos (9)	👤	👁	27
Encontros românticos (10)	👤	👁	30
Encontros românticos (11)	👤	👁	11
Encontros românticos (12)	👤	👁	29
Encontros românticos (13)	👤	👁	1
Encontros românticos (14)	👤	👁	1
Encontros românticos (15)	👤	👁	1
Encontros românticos (16)	👤	👁	0
Encontros românticos (17)	👤	👁	1
Encontros românticos (18)	👤	👁	0
Encontros românticos (19)	👤	👁	0
Encontros românticos (20)	👤	👁	1
Encontros românticos (21)	👤	👁	0
Encontros românticos (22)	👤	👁	2
Encontros românticos (23)	👤	👁	2

**Figura 40:** Bate-papo UOL Outros Temas/ Encontro

O *Setor Românticos* permite acesso direto às 30 salas, mas algumas desses *setores* comportam *seções*, dentro das quais se localizam as *salas*. Vejamos abaixo como está estruturada essa *Quadra* com seus *Setores*, *Seções* e *Salas*:

- *Setor*: Românticos → 30 salas
  
- *Setor*: Gordinhos → 15 salas
  
- *Setor*: Gays, Lésbicas e afins → 6 Seções e 38 salas
  - Seção: Amizade – Gays → 10 salas
  - Amizade – Lésbicas → 10 salas
  - Amizade – Bissexuais → 10 salas
  - Amizade – Travestis → 3 salas
  - Amizade – Transexuais → 3 salas
  - Amizade – Crossdressers → 10 salas
  
- *Setor*: Mais Encontros → 8 Seções e 76 salas
  - Amantes → 10 salas
  - Casuais → 5 salas
  - Descasados → 15 salas
  - Ficantes → 10 salas
  - Marcados → 10 salas
  - Baladas → 5 salas
  - Idiomas (Alemão, Inglês, Espanhol, Francês, Italiano) → 16 salas
  - Primeiro Encontro → 5 salas

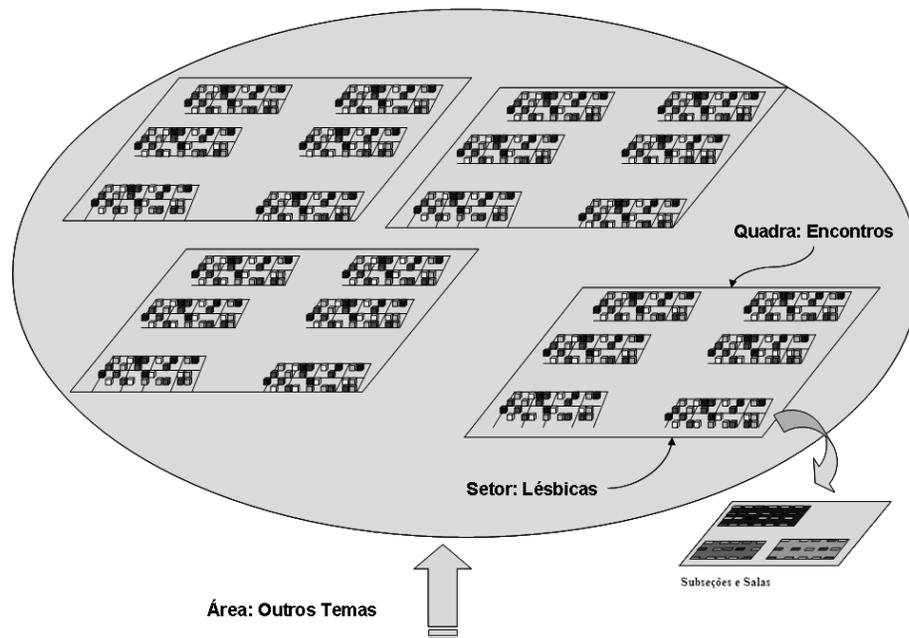
Ao acessarmos, por exemplo, o *Setor Gays, Lésbicas e afins*, por exemplo, o UOL disponibilizará seis *seções* dentro das quais será possível entrar nas salas conforme as opções: 10 salas para 'Amizade - Gays', 10 salas para 'Amizade - Lésbicas' etc. Um mapa do UOL, portanto teria a seguinte formatação (figura 41):



**Figura 41:** Mapa UOL destacando a *Quadra Outros Temas*

Semelhante a uma cidade se pudéssemos ampliar a lente sobre a área obteríamos uma imagem semelhante a de um Google Mapas (figura 42):

Mapa das Salas UOL



**Figura 42:** Mapa UOL contemplando *Setor Lésbicas*

Na figura 42 teríamos um mapa da *Quadra Encontro*, dentro da qual teríamos o *Setor Lésbicas* e se focalizássemos um pouco mais este setor obteríamos várias *subseções* (*Lésbicas-RJ, Lésbicas-SP, Lésbicas-Outros Estados*), totalizando as dez salas disponíveis.

Nessa perspectiva o Bate-Papo UOL configura-se como verdadeira comunidade virtual distribuída tematicamente. Diremos, apoiados em Wenger (1998, 2001) que as pessoas que participam ativamente dessas salas, formando vínculos, construindo conexões afetivo-valorativas ao longo do tempo constituem *comunidade de prática*. O conceito de *comunidades de prática* é definido por Wenger como sendo os grupos de pessoas que compartilham uma preocupação ou uma paixão por algo que fazem e aprendem como fazê-lo melhor na medida em que interagem regularmente. Ele dirá que as *comunidades de prática* estão em toda parte e todos nós nos tornamos parte delas: no trabalho, em casa, em nossas formas de lazer (1998, p. 6) e posteriormente Etienne Wenger afirmará em conjunto com dois outros autores, Richard McDermott e William Snyder (2002, p. 4) que as comunidades de prática permitem que as pessoas dela participem aprofundem conhecimentos e *expertises* através de uma base contínua e comum. Eles afirmarão que são *comunidades de prática* os grupos de profissionais, mas também as gangues, os grupos de artistas, os times de esportes etc. A partir dessa base conceitual estendemos o conceito para os grupos de pessoas que participam continuamente de uma sala de bate-papo do UOL, porque criam vínculos e vão construindo novas formas de interação linguística, criando uma massa aperceptiva de conhecimentos historicamente construída, o que favorece a emergência pragmática de novos gêneros textuais.

Por diversas razões escolhemos a Sala de Bate-Papo Tema Livre-1 do UOL. Dentro do universo das milhares de salas ela se destaca pela singularidade de extrapolar o próprio ambiente UOL, decorrente de seus membros criarem comunidades no macroweblogue Orkut, no weblogue de vídeo Youtube e até mesmo um weblogue de textos (Blogger). Na sala do UOL e fora dela (nesses outros contextos virtuais) são estendidos os assuntos, as brigas, as fofocas, as piadas etc.

As salas de bate-papo Tema Livre formam uma quadra dupla: existem 30 salas no 'Bloco' A e 30 salas no 'Bloco' B, totalizando 60 salas. Mas a 1ª sala do 'Bloco' A é a que selecionamos para o campo etnográfico. Uma imagem da *Quadra Tema Livre* contemplando os dois 'blocos' pode ser visualizada a seguir (ver setas):

Tema livre - A		Tema livre - B		
SALA	ENTRAR	ESPIAR	OCUPANTES	
Tema livre - A (1)	👤	👁	31	
Tema livre - A (2)	👤	👁	30	
Tema livre - A (3)	👤	👁	29	
Tema livre - A (4)	👤	👁	1	
Tema livre - A (5)	👤	👁	1	
Tema livre - A (6)	👤	👁	29	
Tema livre - A (7)	👤	👁	0	
Tema livre - A (8)	👤	👁	29	
Tema livre - A (9)	👤	👁	0	
Tema livre - A (10)	👤	👁	0	
Tema livre - A (11)	👤	👁	0	
Tema livre - A (12)	👤	👁	0	
Tema livre - A (13)	👤	👁	0	
Tema livre - A (14)	👤	👁	0	
Tema livre - A (15)	👤	👁	2	
Tema livre - A (16)	👤	👁	10	
Tema livre - A (17)	👤	👁	2	
Tema livre - A (18)	👤	👁	0	
Tema livre - A (19)	👤	👁	0	
Tema livre - A (20)	👤	👁	0	

**Figura 43:** Salas Tema Livre (A e B) do UOL

Pesquisando no macroweblogue Orkut encontramos mais de dez comunidades especificamente sobre a Sala Tema Livre. Além destas comunidades existe jornal online (embora atualmente desativado) e até vídeos com os scraptis no Youtube.

Abaixo identificamos as comunidades e alguns sítios eletrônicos cuja temática central é a Sala Tema Livre do UOL, com destaque para a Tema Livre-1:

**Quadro 4:** Comunidades no UOL e em outros sítios eletrônicos sobre sala Tema Livre

<p>ᄁᄁᄁᄁ ᄁᄁᄁᄁ ᄁᄁᄁᄁ ᄁᄁᄁᄁ ᄁᄁᄁᄁ ᄁᄁᄁᄁ ᄁᄁᄁᄁ</p> <p>(56 membros) 53</p>
<p>Tema Livre Times</p> <p>(17 membros) 20</p>
<p>Lendas Vivas do Tema Livre 1</p> <p>(23 membros) 27</p>

sou da (tema livre ) sala 1. (22 membros)
>>20 a 30 SP = Tema Livre 1<< (4 membros)
☐♥ Lulus da Tema Livre Sala ♥☐
Tema Livre 1 -=JOGOS=-
GAFANHOTOS do Tema Livre 1
DISCIPULOS DO VELHO SABIO
Sala 5 T.L da UOL. eh noixxx
Blogue da TEMA LIVRE

Existem no macroweblogue Orkut comunidades somente das meninas da sala (Lulus) ou então somente dos que gostam de jogos. Estas comunidades serviram como primeira base etnográfica, porque nelas estão os participantes do *chat*, realizando identificações pessoais e assim expondo seus próprios perfis no Orkut, permitiram uma primeira leitura e interpretação de como as pessoas se representam na sala de bate-papo e como se comportam fora dela, em outro espaço virtual de interação como uma comunidade de Orkut, por exemplo.

A partir dessa primeira experiência etnográfica, em que flagramos depoimentos e autoreferências de pessoas que participavam nos *chats* (as comunidades não apresentam *timeline* ativa nos fóruns, algumas delas tendo picos de movimentação nos anos de 2007, 2009, 2010), optamos por investigar casos de pessoas que estão atualmente utilizando a sala e como se movimentam nos ambientes virtuais através de suas representações.

A seguir apresentamos uma dessas comunidades, especificamente da Tema Livre-1, contendo informações de outros ambientes eletrônicos fora e dentro do macroweblogue Orkut:

**ΤΕΜΑ ΛΙΒΡΕ ΣΑΛΑ 1 ΒΑΤΕ ΡΑΡΘ ΟΥΛ**  
 Início > Comunidades > Pessoas > ΤΕΜΑ ΛΙΒΡΕ ΣΑΛΑ 1 ΒΑΤΕ ΡΑΡΘ ΟΥΛ

descrição: ██████████ ΕΧΛΟΥΣΙΝΔ™ ██████████

ΕΣΣΑ Ε Δ ΜΟΥΣΣΑ galera e o moderador é intolerante e mal humorado. ser membro daki num é facil.

██████████ ΣΕΡΑΩ\_ΒΑΙΙΘΟΣ\_Ε\_Δρ

ΔΓΑΘΟΣ

\*pessoas que ΝΑΩ φαÇΔm ΡΑΡΤΕ ΔΔ ΓΔΛΕΡΔ, posts ou tópicos ΟΡΕΜΣΙΝΟΣ

██████████

1 → ΣΔΔ 1 ΘΘ ΤΕΜΔ LivRE ΘΔ ΟΥΛ:  
[http://\[content suppressed\]](http://[content suppressed])

comunidade da sala no ΟΥΛΚ:  
[http://\[content suppressed\]](http://[content suppressed])

ΣΕ ΔΡΕΣΕΙΝΤΕ aos outros membros da comunidade:  
<http://www.orkut.com/commmgs.aspx?cmm=6733116&tid=2458852922106217134>

ΒΛΟΓΓΕΡΑ da sala 1:  
[www.enoisdasala.weblogger.com.br](http://www.enoisdasala.weblogger.com.br)

link pro ΙΟΡΙΔΛ da sala:  
<http://www.orkut.com/albumview.aspx?uid=15757360978337120679>

ΒΛΟΘ do ΙΟΡΙΔΛ:  
<http://temalivrebrasil.zip.net/>

ΤΟΘΔΣ as comus da sala:  
<http://www.orkut.com/commmgs.aspx?cmm=19683803&tid=2498940368730620590&start=1>  
 ██████████

ΔΘΘ à fΔvΟΡΑΤΟΣ i i i

idioma: **Mongol**

**membros (56)**

Amandinha, ←→νεισι←→ Alexandre, JERYCK|\*º, Rodrigo Costa, DaNi, Jonnathan., Mari, ©ΔΝα\*ΑΝΤΙ\*

**comunidades relacionadas**

Sala 5 T.L da UOL. eh noioxx (5), sou da (tema livre ) sala 1. (22), Lulus da Tema Livre Sala ▼ (5), Anarkia no Vestuario, EU VI !! (1.028)

**Figura 44:** Comunidade no Orkut da sala Tema Livre (Sala 1 do UOL)

Esta comunidade é uma das mais importantes, contendo links para um weblogue textual (Blogger), um jornal online e outros links dentro do macroweblogue Orkut (outras comunidades), conforme visualizamos acima na figura 44 (ver seta 1). Observar no campo das Comunidades adicionadas onde é possível a visualização de outras comunidades com a temática nuclear que as conectam (ver seta 2): sala Tema Livre-1 do UOL. Ao visitar todas as comunidades acima indicadas fizemos a rastreabilidade do maior número de participantes da sala, registrando sua autoidentificação no fórum da comunidade, por exemplo, e visitando posteriormente seu perfil no macroweblogue Orkut.

Através do tópico “Quem sou eu?” em uma dada comunidade alguns membros responderam, permitindo essa rastreabilidade etnográfica de que falamos acima. Dentre os exemplos que compõem o bando de dados da etnografia virtual destacamos o caso *Euzinha* (*chat*), que apresentamos a seguir (figura 45), sendo possível visualizar seu perfil no macroweblogue Orkut. Os dados a seguir foram escritos por ela mesma utilizando seu perfil no fórum da comunidade:

## Perfil no macroweblogue Orkut

orkut Início Perfil Página de recados Amigos Comunidades teste o novo orkut!

«•H€łł•P@!TTY PKÑÂ™•»

recados 3.397 fotos 213 fotos com ela 0 vídeos 102 fãs 26 confiável legal sexy

social profissional pessoal

interesses no orkut: amigos

quem sou eu: To a procura de um homemmm  
To a procura de um homemmm que vai me deliciar  
Felinas do Funk vai te ensinar a bajar  
Pq hj eu estou doidaaaaa  
Pq hj eu estou doidaaaaa  
To louca pra namorar  
To louca pra namorar  
To louca pra namorar ha ha ha

Uma declaração de amor...mas não a ninguém em especial...mas sim um lugar  
Eu sei que vou te amar...por toda minha vida eu vou te amar

filhos:	sim – moram comigo
etnia:	caucasiano (branco)
religião:	outro
humor:	extrovertido/extravagante, simpático, pateta/palhaço, misterioso
orientação sexual:	heterossexual
estilo:	alternativo, casual
fumo:	de vez em quando
bebo:	não
animais de estimação:	prefiro que fiquem no zoológico
moro:	com filho(s), com meus pais
cidade natal:	Rio de janeiro

Figura 45: Perfil de Euzinha no macroweblogue Orkut

## Autodescrição no fórum da comunidade do Orkut

«•H€łł•P@!TTY  
**Euzinha!**  
**Nick:PRITTY GIRL**  
**Nome:Priscila Pires Moura**  
**Idade:23 anos**  
**Sexo:Feminino**  
**Cidade:Rio de Janeiro-RJ**  
**Sou da Sala:Tema Livre**  
**Sala 1**

O ambiente de *chat* é eminentemente carnavalizado no sentido de atender aos *princípios primários da carnavalização*: a linguagem familiar e coloquial, as excentricidades através dos mascaramentos e descrições exageradas de si mesmo, as disparidades e as profanações. O procedimento para entrada na sala de bate-papo é realizado por três etapas, no qual comumente se realiza o mascaramento através de um *nickname* (apelido):

1. verificação de segurança (digitar um numero aleatório oferecido pelo sistema do UOL)
2. identificação, através da escolha de um *nickname* (se a pessoa tiver UOL-K poderá utilizar uma imagem); escolha de uma cor para seu *nickname*
3. entrar na sala

A seguir apresentamos duas ilustrações: 1) a do procedimento de entrada na sala, conforme indicamos as etapas acima; 2) o perfil de UOL-K do pesquisador (**BladeRunner**):



Figura 46: Procedimentos de entrada no chat



Figura 47: Perfil no UOL-K de BladeRunner

Após essa etapa inicial ocorre a mudança de tela automaticamente pelo sistema, caso exista lugar disponível na sala (para quem não é assinante há um limite de 30 pessoas; assinantes do UOL podem entrar além desse limite). A imagem a seguir apresenta o momento (seta 1) em que o pesquisador **BladeRunner** entra na sala Tema Livre-1(A):

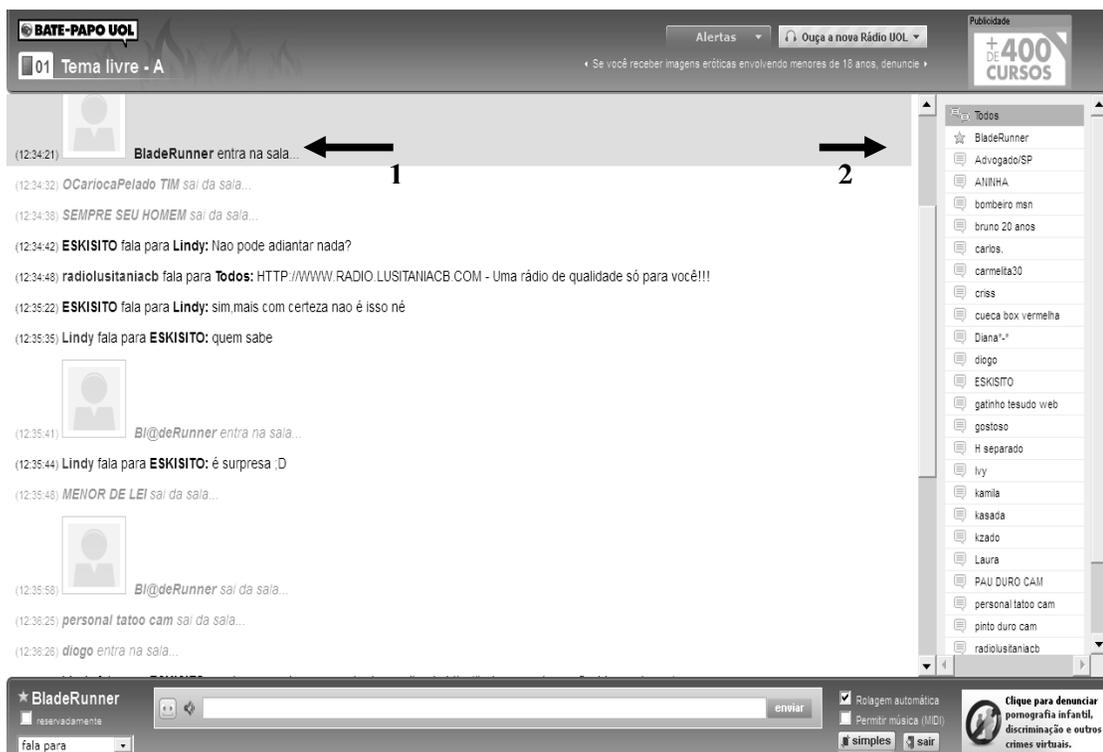


Figura 48: Entrada de pesquisador na sala Tema Livre-1(A)

A seta 1 na figura 48 indica o momento de entrada do pesquisador (**BladeRunner**) no ambiente público da sala, e a seta 2 indica a presença das pessoas que estão *online*. Este espaço tem relação com a praça pública da carnavalização bakhtiniana, onde todas falas se apresentam: as públicas de todas as pessoas e somente as privadas da pessoa com quem estiver conversando *reservadamente*. Neste ambiente considerado público as falas se entrecruzam, pois todos ‘falam’ (escrevem) ao mesmo tempo, sendo postadas linha após linha (enunciado escrito e enviado pelo usuário) sem que haja um primeiro falante. Aqui a imagem de Bakhtin ao afirmar que ‘todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva’ (2003a, p. 289) é visivelmente constatada, pois ao entrar na sala já existe um fluxo de palavras, pessoas falando, respondendo, perguntando etc. Do mesmo modo ao sairmos da sala, estando ela com outros participantes, o fluxo de palavras e enunciados prossegue. Neste espaço do design da sala é possível ver as posições que os outros nicknames ocupam em relação aos demais: com que está falando, se está ou não falando; além disso é possível visualizar outras posições como entrada e saída de nicknames. Deve-se compreender que muitas conversas podem estar ocorrendo entre os participantes, na opção reservado, quando apenas as díades formadas trocam enunciados, não compartilhando com os demais membros da sala.

No lado direito da sala fica visível a listagem de todos os *nicknames* presentes na sala. Quanto a isto é preciso estarmos atentos pois a presença de um *nickname* não significa necessariamente que uma pessoa está *online*, controlando-o naquele momento, pois é possível que alguém tenha entrado na sala, mas simplesmente tenha deixado temporariamente o *nickname* e a sala para atender um telefone, ir ao banheiro ou realizar outra tarefa no computador, não interagindo na sala. De todo modo, contudo, somente existe um *nickname* nas salas do UOL porque existe, pelo menos inicialmente, alguém que o controla, que o faça entrar e o movimente na sala. Isto significa a ação da pessoa que controla o *nickname* e que compõe conjuntamente com outros elementos a representação do *Self* no ambiente de *chat*.

A dinâmica de uma sala de bate-papo no UOL é caracterizada por recursos disponibilizados pelo design do ambiente de *chat*: possibilidade de escrever, enviar *emoticons* e emitir sons simuladores. Estes três recursos permitem que ocorram interações entre as pessoas que manipulam seus *nicknames* através da tela do computador, do teclado, do mouse e dos recursos multimídia (caixas de som, microfone e webcam). Esclarecemos que neste estudo optamos pela sala aberta, sem os recursos de webcam, apenas restritos aos recursos de escrita e dos usos de *emoticons*. A respeito dos *emoticons* já discutimos na dissertação de

mestrado (Oliveira, 2007) que existem um repertório disponibilizado pelo design da sala (são emoticons prontos para serem enviados, com faces de sorriso, tristeza etc., expressando emoções). Além desses ícones de emoções é possível também que os participantes da sala criem seus próprios emoticons, através de símbolos e letras do sistema alfabético, são as marcas lexicais que servirão para exprimir comportamento não verbal. Como não há uma interação física face-a-face, os diálogos ocorrem no *chat* que apresentando aspectos de transmutação do gênero discursivo oral para o escrito (Araujo, 2003, 2006).

O foco desta pesquisa, portanto, na sala de *chat* se dará observando:

- o *nickname* (significado, comportamento)
- ação do *nickname* (comportamento, interação, falas)

A premissa inicial é de que ‘por trás’ de um *nickname* sempre existe um *Self*. Ao visualizarmos um *nickname* estamos atentos à subjetividade que o controla na dimensão *offline*, embora o foco da pesquisa seja as representações dessa subjetividade no ambiente *online*.

## 4.2. ORKUT e Redes Sociais

Tanto nos ambientes de *chat* quanto no de redes sociais como o Orkut, investigações foram efetuadas sob a perspectiva da construção subjetiva de espaço-tempo, identificando o uso simbólico dos dêiticos para dar conta da movimentação da pessoa nesses ambientes *online* (L. Melo): o uso dos verbos e vocábulos como ‘entrei’, ‘sair’, ‘embaixo’, ‘em cima’, ‘amanhã’, ‘ontem’, ‘aqui’ etc. reconstituem cognitivamente e metaforicamente a noção de espaço-tempo nos ambientes de chat e de redes sociais através dos enunciados que são postados.

O Orkut é um serviço de rede social da Internet associado ao Google (www.google.com), foi lançado em 22 de janeiro de 2004. Um engenheiro de software do escritório do Google na Turquia, de nome *Orkut Büyükkökten* foi o seu criador. De acordo com o website (ORKUT, 2005), o Orkut é “uma comunidade on-line que conecta pessoas através de uma rede de amigos confiáveis”. Seu objetivo é possibilitar os usuários a conhecer pessoas e manter relacionamentos existentes através de um ponto de encontro *online* em um ambiente de confraternização (P. Melo, 2007, p. 43; França, 2008, p. 56). Além disso, Araújo (2006a, p. 30; 2006b) afirma que o Orkut “é uma grande comunidade *online* que conecta

pessoas através de uma teia de amigos ‘confiáveis’”, sendo possível fazer novas amizades, conhecer pessoas que têm os mesmos interesses, fortalecer vínculos sociais, culturais e afetivos.

O design do Orkut é formado de vários ambientes. Uma página principal contém os dados descritivos do perfil de seu proprietário. Nela existe o *nickname* de seu autor (seta 1, figura 49), há campos para a existência de fotos ou imagens (seta 2, figura 49) e de autoreferência (descrições sobre si mesmo, seta 3). Outra parte visível nessa página principal diz respeito aos amigos que são associados ao seu perfil (seta 4), assim como as comunidades que são adicionadas (que a pessoa segue e participa, seta 5). Uma imagem do Orkut pode ser visualizada a seguir na figura 49:



**Figura 49:** Página principal de perfil de *Euzinha* no Orkut

Todos esses elementos, em seu conjunto, compõem a expressividade do Self em sua autorreferencialidade (fotos e perfil) e interesses (rede de amigos/as e comunidades) dando indicações e constituindo suas *I-positions internas* (eu sou...) e *externas* (meu, minha...). Além desse ambiente o Orkut permite a exposição de um álbum de fotos e uma ambiente de recados (*scraps*). Utilizaremos também esses ambientes em nossa etnografia como espaços sociodiscursivos em que outros aspectos da subjetividade podem se fazer, pelas escolhas de imagens (álbum de fotos) bem como pelos enunciados escritos e recebidos (*scraps*).

Quando um perfil de Orkut é de uma comunidade (ver figura 44) um dos espaços que foram rastreados nessa etnografia foi o de *scraps do Fórum*, nos quais foi possível flagrar a participação das pessoas que investigamos e que compõem estudos de caso nesta tese. Nos apoiamos em P. Melo (2007, p. 16) ao afirmar que “(...) uma mensagem postada em um tópico do Orkut e já se pode falar no estabelecimento e/ou manutenção de um laço social, mesmo que momentâneo e frágil”. Esta passagem de uma pessoa no fórum de uma comunidade do macroweblogue Orkut dá a dimensão de uma continuidade nos ambientes online de forma sociodiscursiva e, ao mesmo tempo, de representação do *Self* nos ambientes virtuais da maneira como apresenta e deixa seus registros ou marcas nesses espaços.

França (2008) investigará alguns dos aspectos de continuidade do *Self* no ambiente de Orkut, considerando justamente esses elementos em seu conjunto para uma compreensão dialógica do sujeito no Orkut. Ela concluirá:

Dessa forma, o Orkut [suporte cultural alternativo] não descaracterizaria os momentos de continuidade e mudança, mas de modo diverso, estaria relacionado: 1) à criatividade – quando o usuário reinventa a si mesmo, recorrendo ao uso de abreviações, entonações, emoticons, imagens, áudio e vídeo e 2) à abertura para o novo – já que possibilita ao usuário integrar o passado a um futuro ainda em construção. (França, 2008, p. 60-61)

Nesse mesmo sentido, não descartamos outros formatos de macroweblogues que constituem redes sociais virtuais, como Facebook, UOL-K e outros. Também visitamos o microweblogue Twitter (caso *SarahPumpkins*), os quais configuram uma rede pessoal de autoreferencialidade, aquilo que denominamos por circuito-weblogue. As características do Facebook (criado em 2004) são semelhantes ao do Orkut, como também o UOL-K (inicialmente chamava-se UOLKut, criado em 2005 e atualmente está desativado, embora permaneçam seus perfis e redes de amigos anteriormente construídos<sup>106</sup>). Evitaremos a reprodução das imagens desses perfis porque os aspectos conferidos ao Orkut são extensivos para eles. Do mesmo modo, no microweblogue Twitter, foi possível verificarmos no campo de autodescrição (Perfil/Quem sou) os aspectos flagrantes de autoreferencialidade.

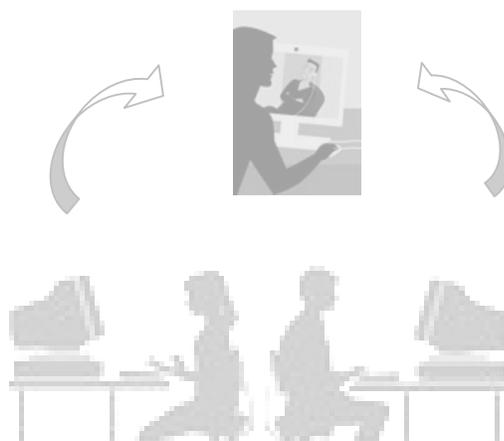
Assim, como nos *chats*, as redes sociais também permitem a vigência dos princípios da carnavalização bakhtiniana: a linguagem familiar e coloquial, as excentricidades através

<sup>106</sup> Ver informativo disponível em <<http://mais.uol.com.br/static/uolkInfo.vm>>. Acesso em 07/01/2012.

dos mascaramentos e descrições exageradas de si mesmo, as disparidades e as profanações. A diferença é que nos *chats* ocorre uma dinâmica síncrona de interação, algo não predominante nas redes sociais (algumas pessoas já utilizavam os fóruns de Orkut como *chats*; no Facebook em seu próprio *design* foi agregado o serviço de bate-papo *online*; no Orkut é possível adicionar o programa GoogleTalk para conversações síncronas).

## 5. Carnavalização e representação do *Self* no *chat*

---



## 5.1 Construção e abordagem dialógica dos dados

### 5.1.1 Critérios de análise: princípios da carnavalização bakhtiniana

No capítulo 3/subcapítulo 3.1.1 expusemos os quatro princípios básicos da carnavalização (denominamos de *princípios primários*) conforme propostos por Bakhtin na sua obra *Problemas da poética de Dostoievski* (1963/2004b, p. 179) e acrescentamos os demais princípios (denominamos por *princípios secundários*), conforme resumidos genericamente por Bakhtin no primeiro capítulo de sua obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (1965/1987). Tomaremos tais princípios como critérios de observação para identificarmos as formas de representação do *Self* nas salas de bate-papo e no circuito-weblogue de alguns participantes do *chat*:

**Quadro 5:** Critérios de Análise (princípios da carnavalização bakhtiniana)

Critérios de análise	
<b><i>Princípios primários da carnavalização bakhtiniana</i></b>	<b><i>Princípios Secundário da carnavalização bakhtiniana:</i></b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• contato livre e familiar entre as pessoas, quebra de hierarquias</li> <li>• excentricidade</li> <li>• disparidades</li> <li>• profanação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) princípio cômico</li> <li>b) princípio dramático</li> <li>c) princípio do ambiente público</li> <li>d) princípio do tempo orientado para o futuro</li> <li>e) princípio da vida material e corporal</li> <li>f) princípio da ambivalência</li> </ul>

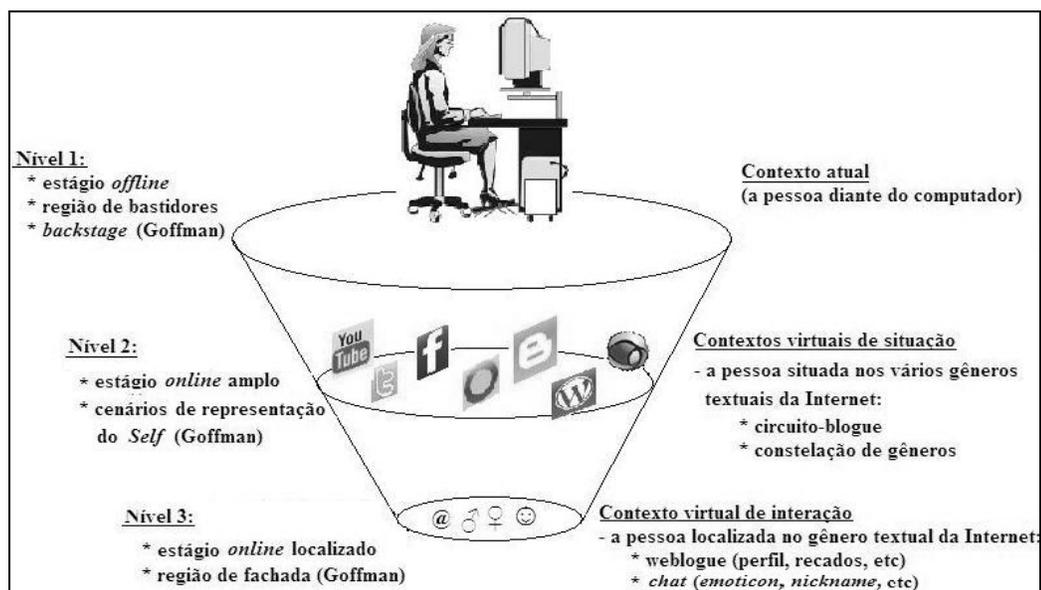
Estabeleceremos uma graduação para a correspondência de identificação encontrada durante a pesquisa para os *princípios primários* da carnavalização bakhtiniana, formando um espectro de carnavalização em graus de força ou pertinência, variando de um grau baixo até um alto grau de carnavalização para a representação do *Self* no *chat* e no circuito-weblogue, conforme propomos abaixo:

- grau mais baixo: apenas um *princípio primário* é atendido
- grau baixo: quando dois *princípios primários* são atendidos
- grau alto: quando três *princípios primários* são atendidos
- grau muito alto: quando os *princípios primários* são atendidos

Os *princípios secundários* da carnavalização bakhtiniana são trazidos como critérios reforçadores dos *princípios primários*, quando pertinentes na análise e relevantes para a interpretação dos dados analisados e dos casos estudados.

### 5.1.2 Localizando os ambientes da pesquisa

Um projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética<sup>107</sup> da UFPE sendo anexado um *Termo de Confidencialidade do Pesquisador* (Anexo II) comprometendo-se a fazer uso dos dados coletados para fins de pesquisa, e um *Termo de Consentimento Livre e Aceito-TCLE* (Anexo III) endereçado aos pesquisados cujos dados pessoais das redes sociais possam ser expostos na Tese e documentos correlatos. A partir da autorização do Comitê de Ética da UFPE, liberando a coleta de dados, uma etnografia virtual foi realizada no período de outubro a dezembro de 2011 na sala de bate-papo do UOL, com extensão para as redes sociais do Orkut, Facebook e UOL-K. Consideramos estes ambientes como pertencentes ao *estágio online localizado*, correspondendo ao nível 3 do MEVERSI, visualizado na figura abaixo. O circuito-weblogue, constituído pelas diversas localizações de representação do *Self* na Internet, que denominamos por *estágio online amplo* (Orkut, Facebook, UOL-K, por exemplo), corresponde ao nível 2:

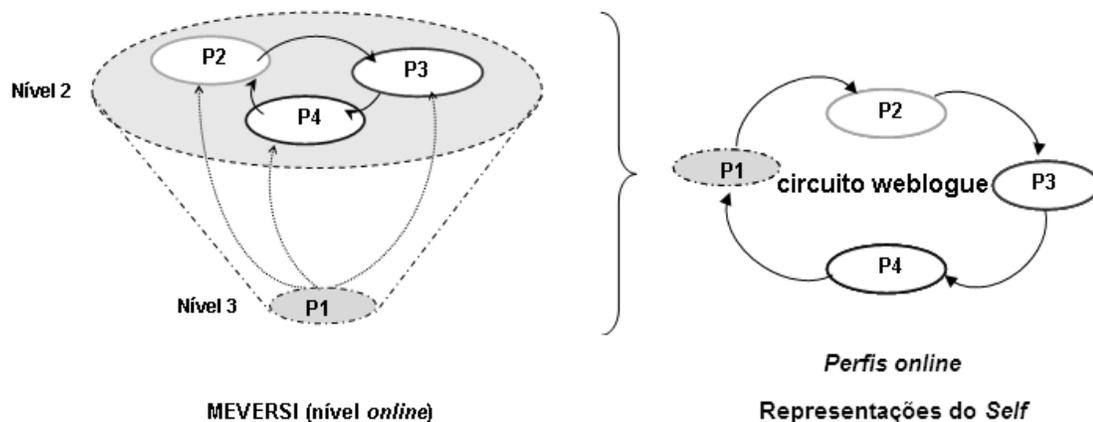


**Figura 32:** Modelo Etnográfico Virtual de Estudo das Representações do *Self* na Internet

<sup>107</sup> Protocolo de registro nº 300/11 no CEE/CCS/UFPE (Ver Anexo I)

Escolhemos o *chat* do UOL, sala Tema Livre-1, como campo inicial da etnografia, na condição de observador-participante, no nível 3 do MEVERSI. Utilizando os critérios da carnavalização, expostas anteriormente, observamos os *nicknames* como manifestação do *Self* neste ambiente bem como suas manifestações discursivas (falas), buscando uma rastreabilidade de alguns participantes da sala em outros contextos *online* que constituem o seu circuito-weblogue (nível 2). Em alguns casos foi possível realizar uma imediata etnografia através do próprio *nickname* (clcando sobre o mesmo), quando possuíam o UOL-K. Em outras situações, foi exigido do pesquisador uma insistente e demorada pesquisa, através de entrevistas com os participantes da sala para obter informações sobre seus outros perfis na Internet, todos situados em ambientes públicos.

Uma amostragem, neste modelo de pesquisa, será formada pela participação da pessoa na sala de bate-papo na Internet (Tema Livre-1 [A] do UOL) e pelo seu circuito-weblogue. Definimos como circuito-weblogue uma *constelação de weblogues* utilizadas por uma pessoa com objetivos de *interação social* e representação de si mesma. Nesta pesquisa o circuito-weblogue foi constituído de perfis no Orkut, Facebook e UOL-K. A seguir propomos um esquema que representa o MEVERSI aplicado na dimensão *online* (nível 2 e 3) dentro da qual construímos o circuito-weblogue dos participantes das salas de bate-papo. Para a representação da pessoa no *chat* associamos o símbolo P1 e para as representações da pessoa no circuito-weblogue associamos os símbolos P2, P3 e P4:

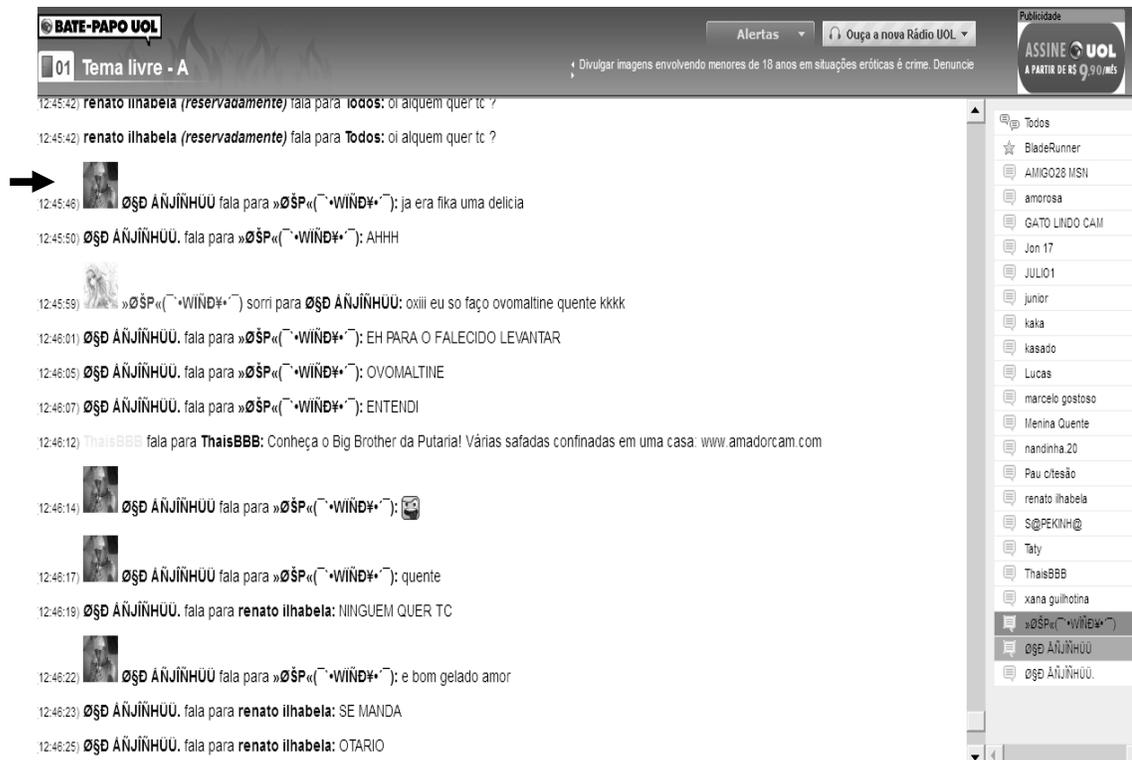


**Figura 50:** MEVERSI *online* e Circuito-weblogue

À direita, na figura 50, observamos um recorte no MEVERSI, apenas na dimensão *online* (nível 2 e 3), onde encontraremos a manifestação do *Self* através das suas diversas representações e movimentações no ciberespaço. À esquerda identificamos o circuito-

weblogue derivado dessa análise e formado por todos os perfis da pessoa nos contextos virtuais. A simbologia utilizada acima para os perfis da pessoa na Internet é móvel dentro do MEVERSI, pois optamos nesta pesquisa por *estágio online localizado* (nível 3) como sendo a sala de bate-papo Tema Livre-1 do UOL, o campo inicial e prioritário da pesquisa, identificada por P1 na figura 50, sendo as demais localizadas no *estágio online amplo* (nível 2: perfis P2, P3 e P4). No entanto, quando analisamos o perfil da pessoa no Orkut ou Facebook ou UOL-K, então, nesse momento, dentro do MEVERSI, esse perfil se localizará no nível 3 e todos os outros perfis, inclusive a pessoa no *chat*, se localizarão no nível 2, ou seja, o MEVERSI tem um aspecto multinível. Então concluímos que o circuito-weblogue no MEVERSI é formado por todas as representações da pessoa no ambiente *online* e que o nível 2 e 3 é apenas uma configuração mais ampla (nível 2) ou mais restrita de análise (nível 3).

Um exemplo pode ser obtido pelo *nickname* OŞD ANJINHÜÜ (designemos por P1), conforme visto na figura 51 (ver seta):



**Figura 51:** *Nickname* OŞD ANJINHÜÜ (P1) na sala Tema Livre 1 (A)

Ele também tem seu perfil no UOL-K (designemos por P2) conforme apresentamos na figura 52, e também possui outro perfil no macroweblogue Orkut (designaremos por P3) na figura 53 a seguir. Observemos que estes dois perfis possuem semelhanças quanto aos

*nicknames* (existência de três letras iniciais, como códigos identificadores de grupos ou clãs) que será analisado no estudo de caso:



**Figura 52:** Perfil de O\$D ANJINHÜÜ (P2) no UOL-K

Seu perfil no Orkut pode ser visualizado na figura 53, a seguir:



**Figura 53:** Perfil de O\$D ANJINHÜÜ (P3) no macroweblogue Orkut

No exemplo apresentado, P1 que é o foco primário (figura 51), no *estágio online localizado*, torna-se o ponto inicial da análise etnográfica. Os demais perfis (P2 e P3, figuras 52 e 53 respectivamente) compõem o circuito-weblogue. No entanto, quando formos analisar

cada um desses perfis, então eles ocuparão a posição de P1, sendo articulados/relacionados com os demais perfis. Como admitimos antes, os perfis são móveis e interrelacionados conforme a análise do MEVERSI: no estágio *online* amplo ou no estágio *online* localizado.

Esse recorte observacional advindo do MEVERSI que analisa o perfil da pessoa na sala de bate-papo na Internet e de seu circuito-weblogue é o que nos permite compreender como o *Self* se faz representar no ciberespaço atendendo aos princípios da carnavalização bakhtiniana, numa perspectiva multinível.

### **5.1.3 Definindo os períodos de observação etnográfica virtual**

A etnografia virtual para coleta de dados que constam nesta tese de doutorado ocorreu no período de outubro a dezembro de 2011, considerando-se que uma etnografia ampla e vasta anteriormente foi realizada nas mais diversas salas do UOL, do *SecondLife* e nas redes sociais que selecionamos (Orkut, Facebook e UOL-K), permitindo uma melhor compreensão do campo de pesquisa que optamos. Também essa etnografia anterior favoreceu as experiências de tentativa e erro na abordagem etnográfica de entrevistas, de participação em comunidades, de rastreabilidade, de entendimento do *modus operandi* dos ambientes virtuais e de suas práticas sociodiscursivas, permitindo compreender as limitações que as pesquisas na Internet podem oferecer, ainda mais quando esta pesquisa tem como foco os seres humanos e suas representações virtuais.

As amostras apresentadas a seguir e analisadas nos estudos de casos foi construída a partir de outubro de 2011, após a autorização do Comitê de Ética da UFPE. Selecionamos dez imersões etnográficas na sala de bate-papo Tema Livre-1 (A) do UOL, onde verificamos o comportamento das pessoas sob o enfoque da carnavalização bakhtiniana e do metáfora dramaturgic de Goffman para identificar as formas de representação do *Self*. A partir destas dez imersões etnográficas outros roteiros foram sendo utilizados conforme a natureza das informações oferecidas e obtidas durante este evento imersivo no *chat*, gerando assim outros campos etnográficos (Orkut, Facebook ou UOL-K) que constituíram o circuito-weblogue dos participantes que emergiram como casos para análise investigativa.

Apresentamos a seguir o quadro cronológico das dez sessões etnográficas na sala de bate-papo com os principais eventos de pesquisa que destacamos:

**Quadro 6:** Quadro cronológico de sessões etnográficas com tópicos de destaque

Data	Principais destaques etnográficos
20/10/2011	caso 'Script'
25/10/2011	desconfiança em relação ao pesquisador – referências à persona
31/10/2011	1º encontro com 'Sarah Pumpkins':  †ðĩstãñt vöïð‡ - desconfiança em relação ao pesquisador
5/11/2011	uso de 2 <i>nicknames</i>
Data	Principais destaques etnográficos (contin.)
10/11/2011	caso 'O Mentiroso' – caso 'Caio White' (circuito-weblogue)
15/11/2011	2º encontro com Sarah
20/11/2011	3º encontro com Sarah – os clãs - uso de 3 <i>nicknames</i> (OSD)
27/11/2011	análise de vários <i>nicknames</i> : circuito weblogue
25/12/2011	análise de vários <i>nicknames</i> : circuito weblogue
25/12/2011	circuito-weblogue de 'pri'

#### 5.1.4 Apresentação do pesquisador e forma de abordagem

Em todas as imersões online no chat Tema Livre-1 do UOL o pesquisador utilizou-se do *nickname* **BladeRunner**<sup>108</sup>. A apresentação inicial na sala de bate-papo foi realizada através da identificação como *pesquisador de doutorado sobre chats e redes sociais*, como mostrada a seguir:

**15/11**

(02:25:21) **BladeRunner** fala para **Todos**: Estou realizando pesquisa de doutorado...alguém pode me ajudar...preciso de pessoas que tenham facebook ou orkut

Ou ainda com a solicitação de preenchimento de formulário *online*, convidando a todos para participarem:

**20/11**

(10:03:29) **BladeRunner** fala para **Todos**: Olá...estou realizando pesquisa de doutorado sobre chats e redes sociais...convido a todos aqui para poderem participar e me ajudar...ok?

(10:03:36) **BladeRunner** fala para **Todos**: <http://tinyurl.com/pesquisapsicologia> =>

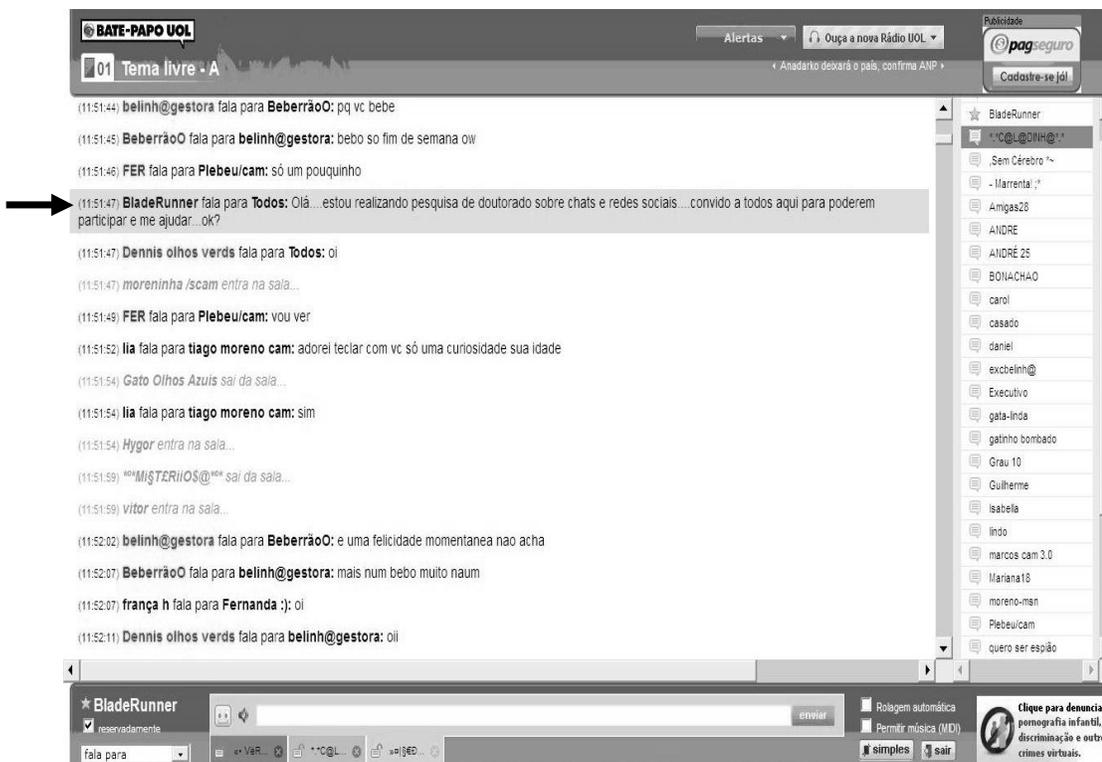
<sup>108</sup> Como referência ao homônimo filme de ficção científica, também conhecido no Brasil por *Caçador de Andróides*, de 1982 dirigido por Ridley Scott, roteiro adaptado da novela *Do Androids Dream of Electric Sheep?* (Philip K. Dick). No filme, o caçador de andróides Dick Deckard, interpretado pelo ator Harrison Ford, sairá em busca dos replicantes (andróides), destruindo-os um a um, mas deparando-se com o dilema de os perceberem com características muito próximas dos humanos. O relacionamento mantido com a replicante Rachael, a tentativa dela em demonstrar que não é uma andróide diante um teste de psicologia (ficção), suas 'memórias', a luta dos replicantes por continuarem ativos bem como a cena em que o líder dos replicantes (Roy, interpretado por Rutger Hauer) decide pela vida do caçador, Deckard, segurando-o pela mão no alto de um prédio, trazem profundas reflexões da pós-modernidade sobre o que é ser humano, o que define uma pessoa, o que constitui um *Self*.

link de formulário de minha pesquisa de doutorado...por favor preencham se for possível....

27/11

(02:31:02) **BladeRunner** fala para **Todos**: Quem puder e desejar me ajudar na pesquisa de doutorado pode responder o questionário no link <http://tinyurl.com/pesquisapsicologia>

Uma fotografia foi realizada registrando a entrada na sala do pesquisador com o *nickname* **BladeRunner**, na figura 54 (ver seta):



**Figura 54:** Entrada do pesquisador com *nickname* **BladeRunner** na Sala Tema Livre 1(A) do UOL

Também registramos o momento em que o pesquisador faz referência ao *link* do formulário de pesquisa *online*, solicitando a participação de todos os presentes na sala de bate-papo, conforme mostrado na figura 55 (ver setas):

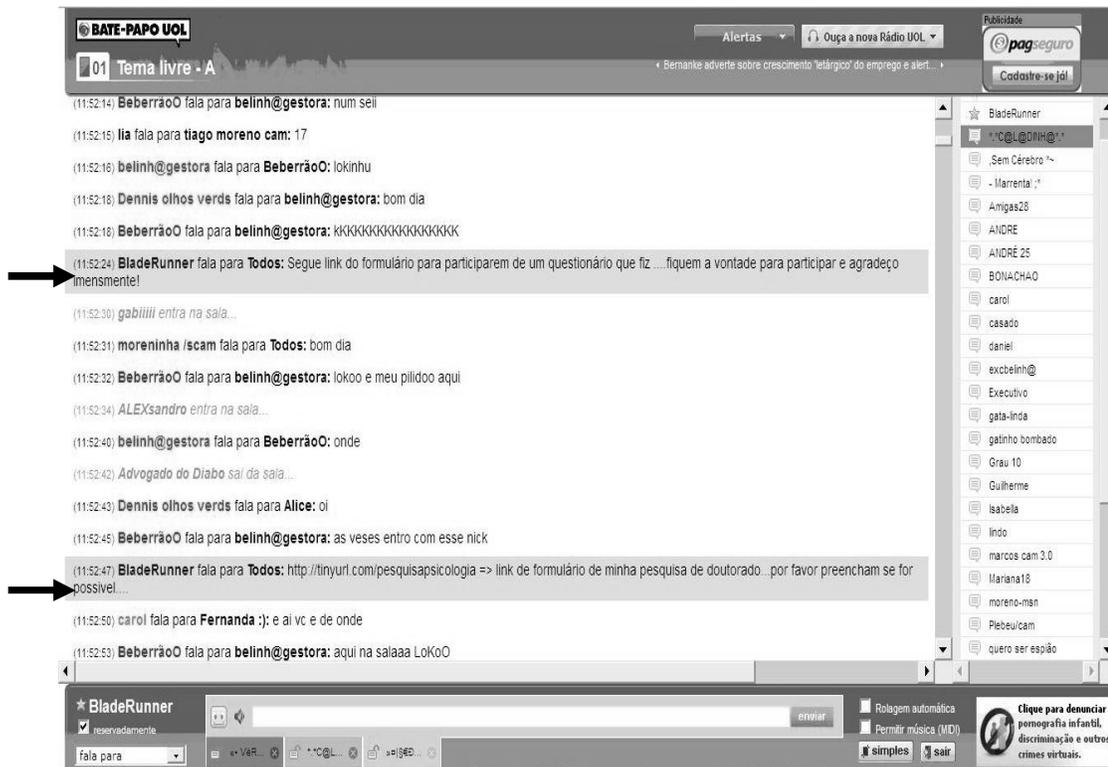


Figura 55: Convite do pesquisador para acesso ao formulário de pesquisa *online*

Essa identificação inicial foi pertinente para que não ocorressem problemas éticos posteriores com referência à confiabilidade por parte das pessoas que foram entrevistadas ou com as quais o pesquisador teve contato direto, obtendo informações diretas e indiretas. Designamos por *obtenção de informação direta*, quando o pesquisador realizou uma entrevista *online*, durante o set etnográfico, na própria sala de bate-papo ou quando obteve as informações via formulário *online*. Por *obtenção de informação indireta* designamos todos os dados possíveis obtidos através da rastreabilidade fornecida pela própria Internet (como no caso do UOL-K, bastando clicar sobre o nickname da pessoa na sala, sem sua prévia autorização, porque disponibilizada publicamente pelo design do *chat*).

Algumas interações com os participantes ocorreram em reservado, como forma de preservar publicamente as indicações do circuito-weblogues dos entrevistados *online* ou algumas informações mais pessoais. Em outros casos, os próprios participantes publicaram no *set* público as falas do pesquisador, como mostrado a seguir:

**25/10**

(01:00:39)  **f. v.bëbëz;nhá** fala para **BladeRunner**: MAIS PODE TC FORA DO RESERVADO

(01:00:44)  **f. v.bëbëz;nhá** fala para **BladeRunner**: (01:00:14) BladeRunner (reservadamente) fala para **f. v.bëbëz;nhá**: inclusive indicou lá no orkut um endereço que mostrava as fotos e tal....isso foi verdde?

**27/11:**

(05:07:50)  **anjo eštr^anho** fala para **Todos**: (05:07:27) BladeRunner (reservadamente) fala para **anjo eštr^anho**: ola...tudo bem? Estou fazendo pesquisa de doutorado sobre chats e redes sociais... 

Observamos no primeiro exemplo que, em detrimento do pesquisador **BladeRunner**

fazer a abordagem em reservado com  **f. v.bëbëz;nhá**, a mesma prefere que a conversa seja pública (“*mas pode tc fora do reservado*”), inclusive copia para o set público a fala do

pesquisador anteriormente recebida no reservado. No último caso, a pessoa  **anjo eštr^anho** também re publica para todos na sala a fala do pesquisador, ainda acrescentado uma *face* de descaso: .

A abordagem utilizada pelo pesquisador foi sempre de questionamento, posicionando-se sempre com o discurso da pergunta como estratégia de obter informações das pessoas presentes na sala de bate-papo. A questão que prevaleceu durante a etnografia foi sobre *o significado* ou *o sentido do nickname para a pessoa que o utiliza*, como uma estratégia de eliciar as trocas discursivas no propósito investigativo desta pesquisa, como mostrado nos trechos etnográficos a seguir:

**25/12**

(12:40:03) **BladeRunner reservadamente** fala para **ESKISITO**: ola...qual significado do seu nick?

(12:40:18) **ESKISITO** fala para **BladeRunner**: Segredo!

**25/12**

(12:40:12) **BladeRunner reservadamente** fala para **tubarao**: ola...qual significado do seu nick?

(12:40:54) **tubarao (reservadamente)** fala para **BladeRunner**: piriguetero

**25/12**

(12:43:54) **BladeRunner** *reservadamente* fala para **rafinha triangulo**: ola...qual significado do seu nick?

(12:44:35) **rafinha triangulo** (*reservadamente*) fala para **BladeRunner**: pra ve quantos otario pergunta

**25/12**

(12:40:48) **BladeRunner** *reservadamente* fala para **gatinho tesudo web**: ola...qual significado do seu nick?

(12:41:56) **gatinho tesudo web** (*reservadamente*) fala para **BladeRunner**: temm cam

As perguntas diretas provocaram vários efeitos, alguns acima demonstrados: **1)** uma resposta dentro de um nível de polidez, como no primeiro e segundo casos; **2)** uma resposta com um tom de rudeza, como no terceiro caso; **3)** resposta com tom de ironia e/ou desconfiança; **4)** convites para *chat* reservado pornográfico, como no último caso. Todos esses tipos de respostas possuem características importantes que podem ser associadas à construção do *nickname* e do seu circuito-weblogue como elementos construtores da representação do *Self* no *chat* e na Internet, de forma geral.

Os *nicknames* são construídos com base intencional, com propósitos comunicativos de autoreferencia e com apelos característicos de enderçamento, visando serem vistos, destacados no meio da comunidade em que predomina os princípios da carnavalização. Assim, as falas das pessoas podem ser identificadores também da construção identitária dos *nicknames* como uma representação de *Self* que está naquele momento interagindo com outros no ambiente sociodiscursivo da Internet. O teor e construção dos enunciados na sala de bate-papo compõem junto com o *nickname* o todo da representação do *Self* na sala de bate-papo: esse teor característico (se pornográfico ou de amizade, de anarquia ou de seriedade, de namoro ou de brigas etc.) tem consonância com as descrições de estilo que Bakhtin apontou no estudo dos gêneros<sup>109</sup>:

Todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso. Todo enunciado – oral e escrito, primário e secundário e também em qualquer campo da comunicação discursiva – é individual e por isso pode refletir a

<sup>109</sup> Bakhtin (2003b, 186-192) também no subcapítulo *A tradição e o estilo* define estilo como a “(...) unidade de procedimentos de enformação e acabamento da personagem e do seu mundo (...)” (p.186), ou seja, tem um valor estético-axiológico aplicado ao discurso, remetendo a um caráter diferenciador em relação ao Outro: “O estilo como quadro único e acabado da imagem externa do homem: a combinação do homem exterior, da sua roupa, das suas maneiras com o ambiente.” (p. 189)

individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual. Entretanto, nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual. [grifos meus] (Bakhtin, 2003a, p. 265)

Importante destacarmos que o Dialogismo bakhtiniano não reduz o *Self* a mera reprodução discursiva do Outro (sociedade/cultura), embora seja preponderante em sua tese que o *Self* seja plenamente constituído pelo Outro. Bakhtin vai apontar o *estilo* como um dos aspectos em que a individualidade se revela, se identifica e marca sua história entre as múltiplas vozes existentes do coro sociodiscursivo em que todos nos encontramos. Destacamos o olhar perspicaz bakhtiniano alertando que nem todos os gêneros do discurso permitem uma melhor expressividade e liberdade para que a pessoa utilize da linguagem conforme deseje. Os gêneros padronizados do discurso (documentos oficiais, ordens militares, padrões gramaticais etc.) impedem essa mobilização mais individualizada, assim como os padrões sociais de comportamento também restringem certa liberdade de expressão, conforme os ambientes e as situações socioculturais<sup>110</sup>.

Acrescentamos e defendemos, após essa pesquisa de doutorado que no ambiente de *chat* e na Internet, de forma geral, os gêneros do discurso permitem que as pessoas utilizem seu próprio estilo, como marca da individualidade. Os princípios da carnavalização encontrados nas marcas discursivas e imagéticas das pessoas que atuam no ambiente virtual definem claramente que as pessoas podem apresentar seu próprio estilo, assim construindo as características dos gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital, dentre os quais se destacam os *chats*. Aqui corroboramos o pensamento de Araújo (2006a) que visualizam no *chat* uma constelação de gêneros, tomando como base a carnavalização como matriz ou “(...) uma espécie de ‘marca mãe’ que os irmana, sendo um dos principais eixos organizadores deste agrupamento constelar” (Araújo, 2006a, p. 65). Essa característica carnalizadora de expressões pessoais foi identificada no capítulo 4 desta tese ao descrevermos a representação do *Self* nas redes sociais, quando, por exemplo, algumas pessoas utilizam de expressões transgredientes da norma culta gramatical utilizando escrita contrária e/ou associando símbolos aos nomes, bem como utilizando imagens de animais,

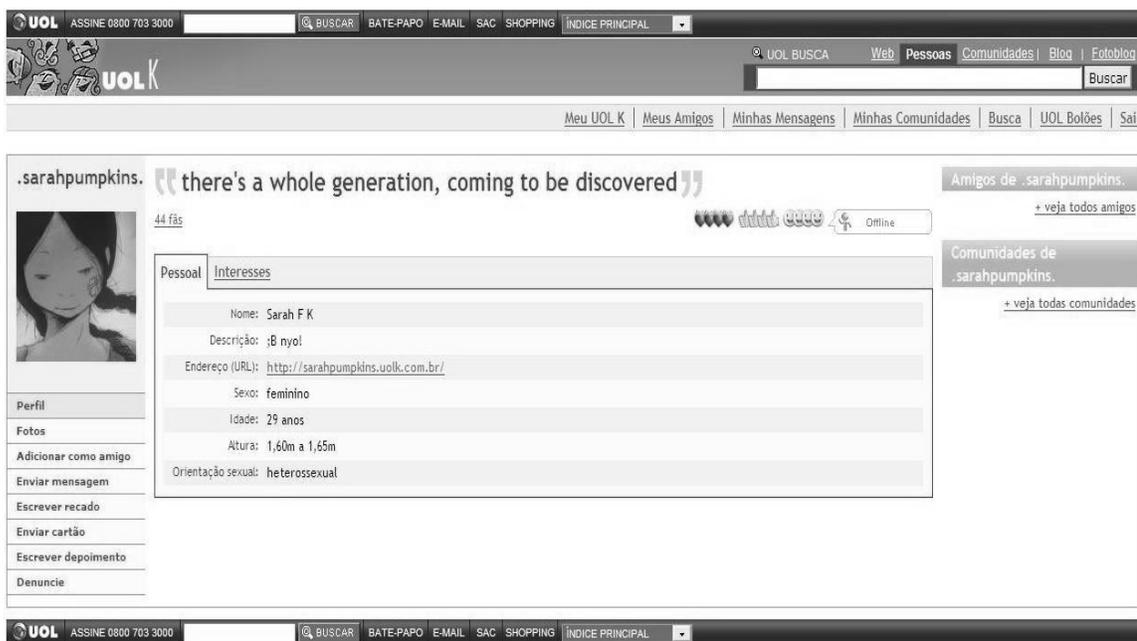
---

<sup>110</sup> Os estudos etnográficos de Erving Goffman nas obras *A representação do Eu na vida cotidiana* (1959/2007) e *Comportamentos em lugares públicos* (1963/2010) trazem exemplos e discussões que fazem convergência com os *insights* bakhtinianos.

personagens fictícias, desenhos, mangás etc no lugar da foto pessoal. Tais ações e escolhas refletem um estilo de apresentar-se para o outro no ambiente virtual.

### 5.1.5 Coleta de dados e estudos de casos

A coleta de dados deu-se através de gravação textual das manifestações discursivas na sala aberta e pública de Tema Livre-1 (A), transpondo-as para o formato ‘.doc’ (*Word*: aplicativo de edição de textos do *Office/Microsoft*), através do recurso ‘copiar’/‘colar’. Também foi utilizado o programa *Pearl Crescent Page Saver Basic 2.7*, um aplicativo do navegador de Internet *Firefox* (*Mozilla*), através do qual é possível capturar a imagem total da tela do computador ou porções dela no formato ‘.jpeg’ (*Joint Pictures Expert Group*: formato que permite compressão de imagens diminuindo a perda de qualidade), inserindo-as nos documentos do *Word* como figuras. Esse recurso foi mais utilizado no circuito-weblogue (perfis) dos pesquisados, como no exemplo a seguir:



**Figura 56:** Imagem de UOL-K de Sarahpumpkins no formato ‘.jpeg’

Além desses recursos de coleta de dados, foi utilizado um formulário de pesquisa *online*, disponível no endereço eletrônico do Google pelo endereço de *gmail* do pesquisador<sup>111</sup>

<sup>111</sup> No endereço encurtado <<http://tinyurl.com/pesquisapsicologia>>. Merece ser destacado que o pesquisador construiu o formulário *online* e ainda fez o encurtamento da URL com a ajuda de um dos participantes desta pesquisa, cujo *nickname* foi O MENTIROSO (um dos nossos casos de estudo). Este formulário consta também no Anexo IV desta tese.

e disponibilizado através de *link* na sala de bate-papo para as pessoas que desejassem participar, conforme mostrado na figura 55. O formulário pode ser visto no Anexo IV, constando perguntas simples, no formato múltiplas escolhas e/ou comentários, sobre uso de *nicknames* e endereços de redes sociais. Sintetizamos a seguir as perguntas formuladas:

**1- Você participa de salas de bate-papo?**

\* Salas do tipo UOL, IG ou TERRA (ou outra)

**2- Escolha uma das salas que você usa e informe qual o *nickname* que você usa com mais frequência nessas salas?**

\* Ex.: SALA UOL / TEMA LIVRE 1 e meu nickname:

**3- Você participa de redes sociais?**

\* Tipo Orkut, Facebook ou Twitter. Por favor coloque o seu endereço para essas redes sociais que você possa ter e queira registrar aqui

**4- Escolha uma das redes sociais que você usa e informe qual o seu endereço \***

\* Ex.: ORKUT e meu endereço:www. yxbctr. com. br

O conjunto de dados obtidos pela etnografia virtual no ambiente de *chat* e no circuito-weblogie foi sendo construído pelas transcrições discursivas, gravação de imagens dos perfis e informações do formulário de pesquisa *online*. A partir desse conjunto de dados, foi realizada uma análise de *nicknames*, das produções discursivas dos participantes, bem com de seus perfis no circuito-weblogie, sob a lente da carnavalização bakhtiniana, através dos critérios identificadores já elencados anteriormente. Selecionamos dentre os dados mais relevantes aqueles que apresentaram um circuito-weblogie que permitisse uma análise pelos perfis e, assim, a interpretação de como podem ser construídas as representações do *Self* sob a perspectiva da carnavalização: os cinco estudos de casos analisados a seguir. Nesse sentido justificamos a escolha dos casos para estudo, como sendo relevantes para a nossa abordagem e considerando o referencial teórico que nos apoiamos (dialogismo, carnavalização, representações e mascaramentos). Também encontramos apoio nas considerações de Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 62-82) ao discutirem sobre amostragens quantitativas e qualitativas da Internet; as pesquisadoras questionam e alertam sobre algumas quantidades ou proporções específicas, comuns em muitos projetos de pesquisa, orientando que muito mais importante que isso, numa abordagem qualitativa, é “reconhecer e enfrentar a complexidade

---

que a intenção de generalizar os resultados de pesquisa impõe ao dimensionamento da amostra”.

Discutindo a respeito de amostragens qualitativas na Internet, Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 67-68) afirmam que “a pesquisa qualitativa visa uma compreensão aprofundada e holística dos fenômenos em estudo e, para tanto, os contextualiza e reconhece seu caráter dinâmico, notadamente na pesquisa social”, destacando que tal abordagem busca “selecionar os elementos mais significativos para os problemas de pesquisa” (grifos meus). Assim, seguindo uma classificação proposta pelas pesquisadoras (Fragoso, Recuero & Amaral, 2011, p. 78-81), os cinco casos selecionados, dentre os dados coletados durante a empiria investigativa, apresentam-se como sendo do

- Tipo intencional: amostras qualitativas, cujos elementos são selecionados conforme critérios que derivam do problema de pesquisa, das características do universo observado e das condições e métodos de observação e análise.
- Subtipo (casos típicos): selecionam-se os elementos característicos de um certo universo de pesquisa, por exemplo por indicação de sujeitos-chave, mais comuns etc.
- Subtipo (teórico ou conceitual): a seleção é dirigida por construções teóricas relativas ao problema de pesquisa.
- Subtipo (emergente): seleção adicional em função de novas oportunidades surgidas durante a coleta de dados ou de novos elementos em função dos resultados parciais

Os dados coletados constituíram movimentos comportamentais no chat e nas redes sociais. Essa movimentação da pessoa na dimensão *online* através dos diversos contextos socioculturais permite compreender como ocorrem a representação do *Self* na Internet, a partir das salas de bate-papo, espaços de interação síncrona onde as pessoas constroem significados e relações. O estudo produziu uma compreensão de aspectos de continuidade e descontinuidade ou traços de permanência e impermanência na representação do *Self*, a partir do *estágio online localizado* que escolhemos: as salas de bate-papo Tema Livre-1 (A) do UOL.

## 5.2 As representações do *Self* no *chat*

Conforme explicado no subcapítulo anterior, selecionamos alguns casos relevantes de pessoas que participaram da sala de bate-papo Tema Livre-1 (A) do UOL e investigamos etnograficamente os perfis dessas pessoas no seu circuito-weblogue, a fim de observarmos como as pessoas constroem as representações de si mesma no *chat*. Como a pesquisa aconteceu apenas no ambiente online, portanto, uma etnografia virtual foi realizada não circunscrita à sala de bate-papo, mas ampliada para outros contextos da Internet.

Para efeito de uma macroanálise dentro da dimensão *online* criamos um Modelo Etnográfico Virtual de Estudo das Representações do *Self* na Internet (MEVERSI) a partir de Riva e Galimberti (2003b), possibilitando contemplar dois níveis na dimensão *online*: 1) *estágio online amplo*, que denominamos de nível 2 correspondente aos vários ambientes onde a pessoa pode apresentar-se com um perfil de autoreferência; 2) *estágio online localizado*, que denominamos de nível 3 correspondente a um dos ambientes situados do nível anterior que foi escolhido para iniciar a abordagem etnográfica, e no caso desta pesquisa, optamos pelo ambiente de *chat*. Os demais espaços de interação social e de representação do *Self* disponibilizadas no nível 2 constituíram um circuito de autoreferencialidade que denominamos de circuito-weblogue.

Os casos analisados a seguir foram resultado dessa etnografia virtual, considerando-se que os ambientes visitados como campo de pesquisa foram todos públicos, disponíveis a qualquer pessoa que navegue na Internet. As transcrições das imagens e *nicknames* estão no formato de cores em escala de cinza, embora a sua apresentação *online* estejam em formato colorido. Assim o fizemos, considerando-se que as cores das imagens e dos *nicknames* não fizeram parte direta de nossa análise para esta tese.

### 5.2.1 O caso *SarahPumpkins* – vários *nicknames*, um mesmo *Self*

#### 5.2.1.1 Primeiro Encontro

O primeiro encontro com *SarahPumpkins* ou simplesmente *Sarah* aconteceu no set etnográfico de 31/10/2011 quando apresentou-se com o *nickname*  ‡ôîstânt vöîö‡. E porque o ambiente de *chat* o espaço social e discursivo é naturalmente carnavalizado

permitindo que a pessoa expresse seu estilo, mesmo sem apresentar-se com o *nickname* de Sarah ela oferece pistas enunciativas permitindo aos que a conhecem por Sarah a identifiquem mesmo com outro *nickname*. O estilo de Sarah é flagrado nas suas apresentações na sala de bate-papo principalmente por perverter o padrão culto da língua portuguesa, trocando a letra **S** pela letra **X** no léxico. Quando encontramos esta participante da sala em outras sessões etnográficas no *chat* Tema Livre-1 (A) do UOL verificaremos a continuidade desse aspecto que ela preserva, mesmo utilizando outros *nicknames*. Essa caracterização observada já atende ao *princípio primário* da carnavalização bakhtiniana: contato livre e familiar entre as pessoas, principalmente pela quebra de hierarquias. A norma culta da língua, conforme os padrões gramaticais são alterados claramente na forma livre e discursiva de Sarah, no caso deste set etnográfico virtual, assumindo a representação de  †ōistânt vöið†:

(05:52:38)  †ōistânt vöið† murmura para **ketty**: xin

(05:55:10)  †ōistânt vöið† murmura para **Todos**: dá vontade xutar o sacu deli só ixuu  


(06:36:41)  †ōistânt vöið† murmura para **branquinho**: xin rs

(06:50:30)  †ōistânt vöið† murmura para **AFFS**: tá de TPM, bixin?

As expressões ‘xin’(sim), ‘xutar’ (chutar), ‘ixu’(isso) e ‘bixin’ (*bichin*, diminutivo coloquial de bichinho) correspondem ao linguajar familiar (*bichin*) entre as pessoas ou as outras expressões que constituem o estilo de linguagem correspondente do ambiente de *chat*: transgressividade e ruptura com valores hierárquicos. Além disso a liberdade do falante em utilizar um tipo de linguagem transgressora e alternativa à linguagem oficial, neste ambiente, revela o caráter também dos estilos próprios de cada qual e possibilidade criativa, infinita de insurgência de uma tipologia estilística que merece ser estudada mais profundamente. Ainda quanto ao *estilo*, aplicado ao gênero textual, mas que expandimos para uma aplicabilidade à vida e às manifestações do *Self* em toda e qualquer parte, reportamo-nos à Bakhtin:

O segundo elemento do enunciado, que lhe determina a composição e o etilo, é o elemento *expressivo*, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valoriativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. (Bakhtin, 2003a, p. 289)

Esse aspecto *expressivo* que foi enfatizado por Bakhtin no texto acima constitui-se de um traço emocionalmente valorativo, ou seja, axiológico que dá sentido novo e resignifica as palavras utilizadas pelo falante. No caso em análise, *Sarah* estiliza sua fala alterando o léxico (troca de **S** por **X** nos vocábulos), assim marcando sua presença, sua ‘individualidade’ ou seu traço personalístico dentro da sala de bate-papo.

Isto exige um processo cognitivo e social complexo para o entendimento da mensagem no fluxo comunicacional, envolvendo relação histórica socialmente construída pelos integrantes da comunidade discursiva e abreviação de palavras sem perda das intenções comunicativas. Bakhtin e seu Círculo, bem como Yakubinsky<sup>112</sup>, estavam atentos a esta questão ao considerar o *fundo aperceptível* do ouvinte, ou seja, o conjunto de palavras, gestos e práticas sociais que são compartilhadas pelos membros de uma comunidade, permitindo que algumas palavras possam ser simplesmente abreviadas ou suprimidas, bem como os gestos sejam significados com específicos sentidos pertencentes apenas àquele contexto comunicativo para dar conta de como as pessoas se entendem, conversam e se comunicam (Bakhtin, 2003a, p. 303). Essencialmente a noção de *fundo aperceptível* é a idéia da multivocalidade interior, o conjunto de palavras que já interiorizamos decorrente do contexto socialmente vivenciado, permitindo as construções de sentido, intencionalidade e abreviação. Tomando o termo de Bakhtin e seus colegas, definimos como *fundo aperceptível* da sala de bate-papo na Internet a língua materna e as práticas sociais vivenciadas no nível do MEVERSI e que servem como matrizes para os processos de abreviação e alteração de vocábulos sem perda das intenções comunicativas.

Assim, ao utilizar as expressões ‘xin’, ‘xutar’, ‘ixu’ e ‘bixin’ *Sarah* sente-se à vontade para comunicar-se porque sabe que os outros entenderão o significado dessas palavras em decorrência do *fundo aperceptível* que a maioria dos participantes da sala possuem, principalmente quanto à abreviação e alteração das palavras que se torna possível. Quanto a isso Bakhtin afirmará: “ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural de comunicação” (Bakhtin, 2003a, p. 302) e complementarmente: “os gêneros e estilos íntimos se baseiam na máxima proximidade

---

<sup>112</sup> Bakhtin/Volochinov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1929/2004) tocarão levemente no assunto da apercepção como “apreensão apreciativa” ou fundo aperceptivo da palavra. Yakubinsky (1923) tratará mais tecnicamente dessa questão em seu texto *On Dialogic Speec (Da fala dialógica)*. Dois artigos foram produzidos sobre a questão e sobre Yakubinsky: *Paralelos entre Yakubinsky e Bakhtin: distanciamentos*. BAKHTINIANA, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 42-53, 1º sem. 2010 (minha autoria) e *Yakubinsky e o Círculo de Bakhtin: Aproximações*. Paidéia (USP, Ribeirão Preto, Impresso), 2011 (no prelo, em co-autoria com Lyra, M.C.D.P).

interior do falante com o destinatário do discurso (no limite, como que na fusão dos dois)” (Bakhtin, 2003a, p. 304), então o discurso íntimo está caracterizado por essa proximidade que caracteriza-se entre os familiares permitindo-lhes pela convivência das ações social, emocional e historicamente construídas se entenderem frequentemente com um simples olhar, sem qualquer palavra ou quando antecipam os gestos e atitudes do outro. A “*região de limite, onde ocorre a fusão dos dois*” tem a amplitude da intersubjetividade construídas pelas vozes do Outro que incorporamos e que mantemos compartilhada ou em intensa negociação, como vimos nas abordagens de Mead, Hermans e da *rede do dialogismo contemporâneo*, em que o *Self* emerge justamente nesse região de fronteira, intersticial entre as pessoas em interação.

Flagramos na sala de bate-papo quando alguém identifica *Sarah* tanto pela linguagem como pela construção do *nickname*, é o diálogo com *Ketty* que a chama por ‘miga’ (amiga), após uma troca social de beijos (o *emoticon*: ):



A cena também foi registrada numa visão panorâmica da sala conforme abaixo:

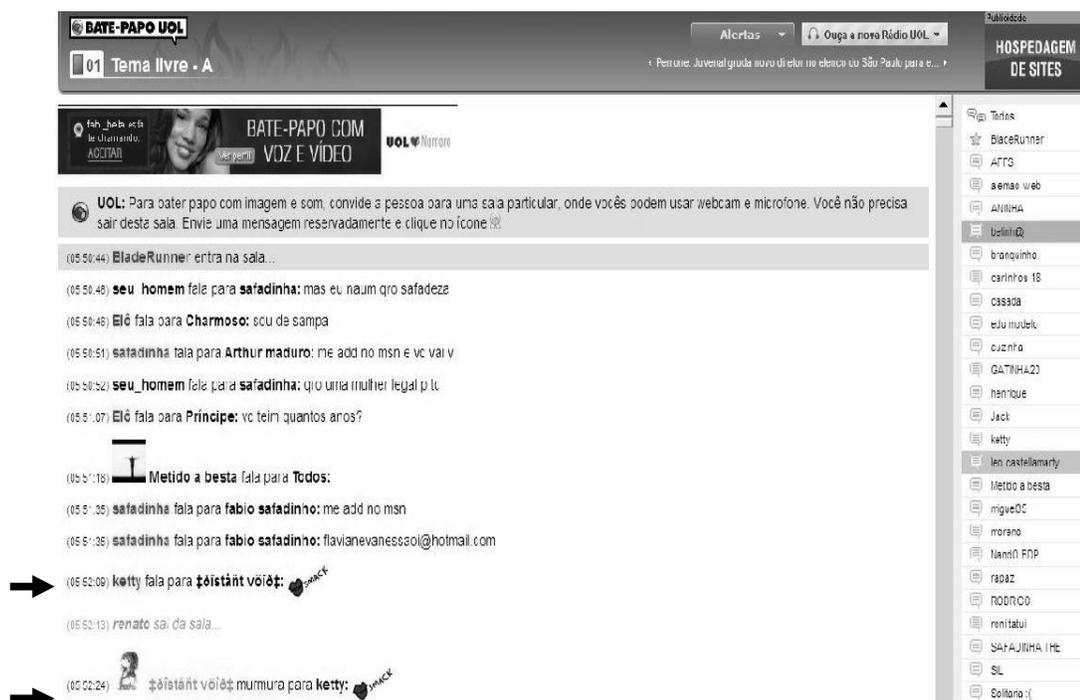


Figura 57: Sala de bate-papo Tema Livre-1 (A) com interação entre  ðïstãnt vöïð e ketty

Mas como uma característica desse meio é o anonimato (em relação ao nível 1 do MEVERSI) sempre fica a dúvida com quem estamos conversando. Abaixo outro flagrante em que uma pessoa de *nickname* **wáffáçe** faz uma pergunta associando o nome de *Sarah*

(06:21:28) **wáffáçe** fala para **‡ôístãnt vöïð‡**: oi retardada, voi a sara?

Aqui ocorre o traço da carnavalização na escrita, comum no chat, rompendo todas as regras da correta produção textual, provocando e acentuando ambigüidades, pois a questão de **wáffáçe** em decorrência da palavra ‘**voi**’ pode apresentar vários sentidos conforme propomos:

1. *oi retardada, voi a sara?* = *oi, retardada, você é a Sarah?*
2. *oi retardade, voi a sara?* = *oi, retardada, você viu a Sarah?*

Não conseguimos identificar com **wáffáçe** qual o sentido de seu enunciado nem ele recebeu uma resposta posterior a respeito que pudesse auxiliar-nos no entendimento diálogo, de qualquer modo identificamos uma forte relação com a primeira proposta acima, pois fazemos a inferência que **wáffáçe** percebeu a presença na sala de *Sarah* mesmo esta usando o

*nickname* de  **‡ôístãnt vöïð‡**, mas mantendo o seu estilo de fala (ou melhor, de escrita: a troca do **S** pelo **X**). Tal recurso foi abordado por Goffman (1959/2007, p. 11) ao discutir sobre a questão das representações do EU na vida cotidiana quando duas pessoas se encontram: “Quando um indivíduo chega à presença de outros, estes, geralmente, procuram obter informação a seu respeito ou trazerm à baila a que já possuem”.

Outro aspecto relevante deste primeiro encontro com *Sarah* foi a identificação de seu *nickname* formado por um nome e mais uma imagem. Tal recurso é exclusivo das pessoas cadastradas no UOL-K, permitindo-lhes colocar imagens pessoais ou outras quaisquer, como a que *Sarah* utilizou, um mangá<sup>113</sup> que detalhamos a seguir:

 **‡ôístãnt vöïð‡**

<sup>113</sup> Diferença entre **mangá** e **anime**: Para os japoneses, **anime** é tudo o que seja desenho animado, seja ele estrangeiro ou nacional. Para os ocidentais, **anime** é todo o desenho animado que venha do Japão. Mangá: Uma boa parte dos **animes** possui sua versão em mangá, os quadrinhos japoneses. Se destacam principalmente por seus olhos geralmente muito grandes, muito bem definidos, redondos ou rasgados, cheios de brilho e muitas vezes com cores chamativas, para que, desta forma, possam conferir mais emoção aos seus personagens



- → imagem de **anime** de jovem menina
- ‡ōĩstãñt vöïð‡ → *distant void* (expressão em inglês, traduzida por *vazio distante*)

Da mesma maneira como *Sarah* é reconhecida por um estilo de falar na sala de bate-papo, também o é por outra característica: o uso de mangás em seu *nickname* e perfis. Então a ‘face’ incorporada por *Sarah* na sala de bate-papo, nessa sessão etnográfica, traduz uma característica dessa pessoa tanto no *chat*, quanto em seu circuito-weblogue, como veremos posteriormente, permitindo ser reconhecida diante dos outros com os quais esteve mantendo algum tipo de relacionamento por algumas marcas caracterizadoras de sua presença e que dão fortes pistas de que seja ela mesma.

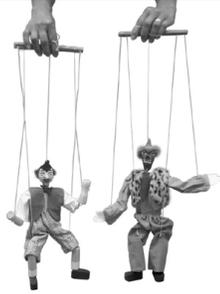
O *nickname* preenche várias funções numa sala de bate-papo. Recorrendo ao MEVERSI, o *nickname* é uma das formas representativas do *Self* assumindo a metáfora de uma máscara, de uma face para que a pessoa que esteja no nível 1 possa atuar nos níveis 2 e 3 da dimensão *online*. Essa metáfora remete à imagem de um certo ventriloquismo ou de um teatro de marionetes em que a personagem (‘encarnada’ no boneco/marionete/fantochê) assume uma ‘vida’, torna-se uma ‘personalidade’ sob o comando do ventríloquo ou do artista-manipulador. Nesse tipo de dramaturgia popular o elemento comum é uma *ficção de anonimato* que é adotada para o ventríloquo ou artista-manipulador da personagem do boneco/marionete/fantochê, esteja ele presente ou ausente no palco da encenação. Dizemos *ficção de anonimato* porque é uma acordo implícito no jogo da situação social do teatro em que a platéia faz-de-conta que o ventríloquo ou artista-manipulador está ausente ou assume papel secundário, assim como este admite que essa idéia já está aceita pelo público, dando início ao espetáculo, no qual o protagonista em evidência é a personagem (boneco/marionete/fantochê). No entanto, é sabido por todos que sem o ventríloquo ou artista-manipulador não é possível o boneco/marionete/fantochê ter vida própria, assumir uma personalidade e iniciar a apresentação teatral. Assim, nesse tipo dramaturgico, também a platéia assume uma posição no evento artístico, não apenas de espectadora, mas de participante ativa, encarnando também um importante papel. De modo semelhante, enquanto na sala pública de bate-papo da Internet, todos participam do jogo de interpretação, utilizando diversas máscaras e aceitando uns aos outros na forma da carnavalização como estética existencial e social.

A metáfora faz pleno sentido quando sabemos que o *nickname* somente tem ‘vida’ na sala de bate-papo (nível 3 do MEVERSI) enquanto manipulada pela pessoa (nível 1) que está conectada à Internet em estágio de imersão virtual. Realizada essa desconexão, ou seja, ‘saindo’ da dimensão *online* e assumindo apenas a dimensão *offline* da qual sempre esteve, nunca saiu, o *nickname* desaparece: no design da sala de bate-papo Tema Livre-1 (A) do UOL no instante em que ocorre uma desconexão da pessoa com a Internet surgirá a expressão ‘*nickname X saiu* da sala’. Entendamos: o *nickname* só tem vida ativa e responsiva, ou seja, somente responde dentro de um modelo de interação enquanto estiver sob o comando da pessoa que estará conectada à Internet<sup>114</sup>. Nessa metáfora o *nickname* comporta-se como boneco/marionete/fantochê representando a pessoa que assume a posição de ventríloquo ou do artista-manipulador.

Para melhor compreendermos esta comparação sobre as múltiplas posições do *Self*

no processo de representação como no caso Sarah com o seu *nickname*  ‡ôîstãñt vöið‡ na sala de bate-papo, faz-se importante vermos o funcionamento do teatro de bonecos. Estes brinquedos imitam o corpo humano, simulam as pessoas (bebês, crianças, adultos) e são utilizados nas formas de teatro popular, conforme os tipos que identificamos a seguir:

**Quadro 7:** Tipos de bonecos de teatro

Tipos de bonecos	Conceito	Imagem
Marionetes	Boneco (pessoa, animal ou objeto animado) movido por meio de cordéis manipulados por pessoa oculta atrás de uma tela, em um palco em miniatura. Constitui-se numa forma de entretenimento para adultos e crianças.	

<sup>114</sup> Poderá ocorrer que a pessoa se ausente da frente do computador, permanecendo na sala enquanto *nickname*, no entanto não produzirá significativamente interação comunicativa. Mesmo nos casos em que utilize do recurso de recado, em que se alguém solicita um private-chat, automaticamente uma mensagem será emitida no seguinte modelo ‘estou ausente’. Seguindo a metáfora, seria como se o boneco/marionete/fantochê fosse deixado sozinho no palco, sem o controle do ventríloquo ou do artista-manipulador, resultando em silêncio ou nenhuma interação com a platéia.

Fantoches	Espécie de marionete animada por uma pessoa e que se distingue pela manipulação que resulta da introdução da mão numa espécie de luva em que o dedo indicador vai suportar a cabeça do boneco, o polegar e o anelar suportam e movem os braços.	
-----------	---	---

Ao discutir sobre o grotesco<sup>115</sup> carnavalesco Bakhtin (1965/1987, p. 33) destaca “(...) a influência muito importante do teatro popular (principalmente do teatro de marionetes) e de certas formas cômicas dos artistas de feira”, as quais permitiam a participação do povo não somente como espectadores mas através da interação e da participação indireta no espetáculo (o povo também assume sua participação na medida que interpreta seu papel de ‘inocência’ em não ‘ver’ o artista-manipulador ou ‘acreditar’ que o boneco é o falante real, pleno de riso e ‘vida’).

Com relação ao artista-manipulador e o tipo de boneco, poderemos destacar a seguinte relação de posições:

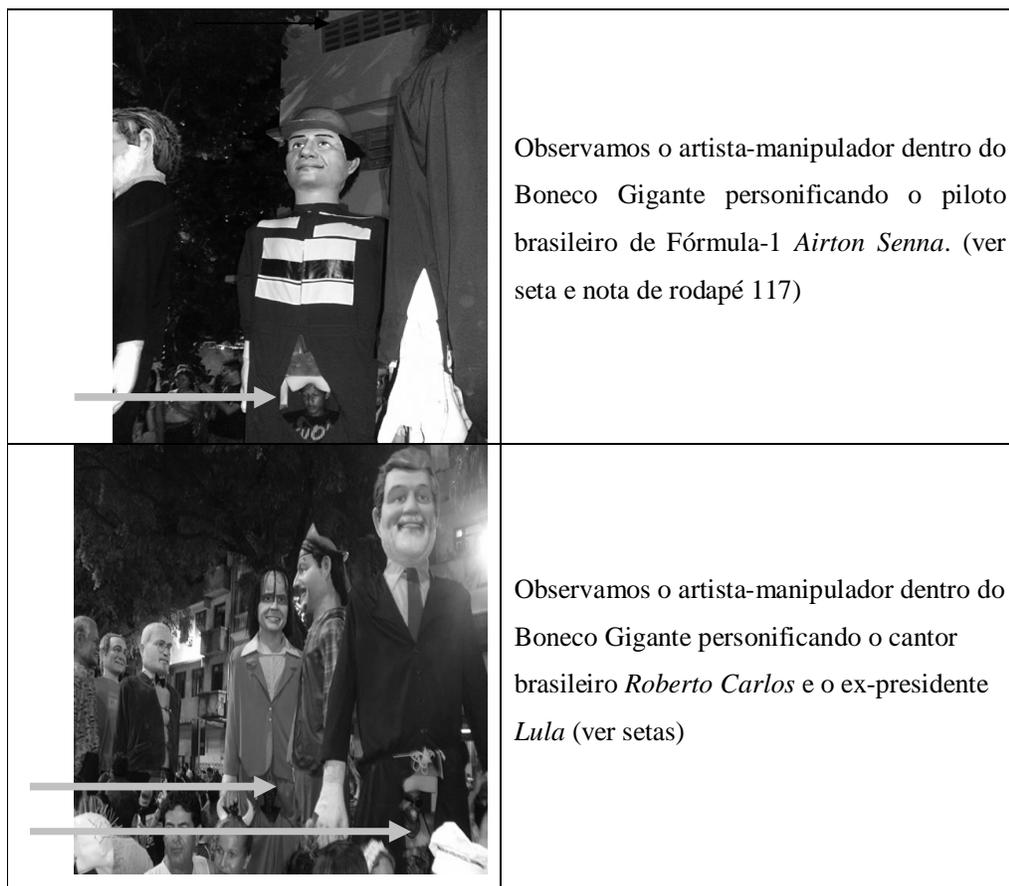
- **Marionete**: está oculto sob as cortinas do palco, movimentando o boneco através de fios. O seu anonimato é quase completo nesta situação, pois é possível ouvirmos que a voz vem do fundo do palco. Ele vê a marionete por cima. Há um distanciamento entre o artista-manipulador e o boneco que está atuando.
- **Fantoche**<sup>116</sup>: pode estar em cena, junto com o boneco movimentando-o com as mãos (comumente o boneco fica sentado no seu colo ou em seu braço), ocorrendo o *ventriloquismo* (técnica de falar quase sem mover os lábios ou a boca, como se a voz não viesse de quem fala), que é ilustrado na segunda figura do quadro 6 pelo grupo Mamulengo Presepada (Olinda-PE) com o boneco ‘Mateus’. O artista-manipulador ocupa um lugar secundário na cena teatral cedendo lugar ao protagonista que é o boneco (embora tecnicamente o artista-manipulador seja o real e principal artista nesta dramaturgia). Ele vê o fantoche ao seu lado, como sendo um ‘outro’, uma segunda pessoa com quem pode falar e, assim, conversar. O distanciamento entre ambos é diminuído, pois o artista-manipulador tem sua mão dentro do boneco.

<sup>115</sup> Bakhtin (1965/1987, p. 27-28) denomina por grotesco (termo oriundo do italiano *grotta: forma ornamental de pintura encontrada nas escavações subterrâneas em Roma*) ao conjunto de imagens da cultura cômica popular em todas as suas manifestações

<sup>116</sup> Exemplos diversos podem ocorrer com o fantoche, podendo ser utilizado luvas e meias ou bonecos sofisticados. Fantoches famosos da televisão e cinema podem ser citados: Garibaldo, Muppets, turma da TV Colosso, Louro José. Na cultura popular nordestina do Brasil há um tipo particular de fantoche, o *mamulengo*, bastante conhecido em Pernambuco.

Esse movimento de aproximação entre o artista-manipulador e o boneco desde um certo distanciamento como nas marionetes (manipulado por cordas ou fios) até uma maior aproximação como nos fantoches (manipulado com a introdução da mão dentro do boneco) tem seu extremismo no teatro cômico popular que é o carnaval das ruas de Olinda quando surgem os Bonecos Gigantes e o artista-manipulador entra no boneco, participando da encenação carnavalesca, como observado a seguir nas imagens constantes do quadro 8, nas cenas do encerramento do carnaval de Olinda em 2011, no dia intitulado a *Quarta Gigante*<sup>117</sup>:

**Quadro 8:** Bonecos Gigantes de Olinda



Fonte: sítio eletrônico da Embaixada dos Bonecos Gigantes (nota 117)

Nestes exemplos apresentados verificamos como emprestamos voz e gestos ao boneco para dar-lhe ‘movimento’ e ‘vida’ que é fictícia, mas que assume o estatuto de real durante o espetáculo. Há uma espécie de *deslocamento da vida humana* para o objeto que então torna-se temporariamente ‘aninado’, ‘inteligente’, ‘falante’, diremos metafóricamente

<sup>117</sup> Ver o sítio eletrônico da Embaixada dos Bonecos Gigantes, disponível no endereço onde encontram-se as várias fotos dos Bonecos Gigantes de Olinda: <<http://bit.ly/JFXQA6>>

que ‘encarna-se’ ou ‘incorpora-se’ nele. Mas também é possível identificarmos um outro movimento, em sentido inverso, do uso dramatúrgico do boneco em direção ao artista-manipulador. Isto ocorre quando é ‘retirado’ uma parte do boneco, principalmente seu rosto, sua face e a transportamos para o artista através do ‘implante temporário’ ou da ‘justaposição’ da máscara. Ao utilizarmos a máscara de teatro ou carnavalesca abdicamos temporariamente da pessoa que somos como somos conhecidas e passamos a viver sob a ‘personalidade’ da máscara que adotamos. Nesse caso, a personagem ‘encarna-se’ ou ‘incorpora-se’ em nós. Bakhtin amplifica essa metáfora que utilizou na análise literária aplicando-a para o teatro da vida humana e social, numa perspectiva filosófica, ao admitir um certo *ventriloquismo*<sup>118</sup> no processo de construção do *Self* na sociedade, naquilo que identificou como ‘voz alheia’, ‘voz do outro’, ‘voz interior’, ‘multidão de vozes’, ‘fronteira de vozes’, a dinâmica dialógica *Eu-Tu*, ao conceber que nossas palavras não são nossas mas dos outros (nem Bakhtin, nem nós admitimos qualquer reducionismo nessa metáfora como se fossemos simplesmente repetidores da *fala alheia*, entenda-se, a cultura. As referências bakhtinianas de estilo, entonação, abertura, incompletude, inacabamento oferecem alternativas conceituais para entender não reduzirmos o dialogismo a puro ventriloquismo. Os modelos desenvolvidos pela *rede do dialogismo contemporâneo* é uma tentativa de compreender o processo da multivocalização na construção do *Self*). Concordamos com Hermans que admite, baseado também em Wertsch (1991) que o ventriloquismo citado metaforicamente por Bakhtin refere-se ao tempo de linguagem de grupos sociais, como um jargão de uma comunidade, então ao utilizá-la, estamos sendo porta-voz daquele grupo ideológico ou daquela classe social (Hermans, 2001, 262). No caso em estudo, também poderemos dizer que está ocorrendo um certo tipo de *ventriloquismo*, na medida em que a pessoa fala através do *nickname*, ou seja, ‘pela sua boca’, através de ‘sua voz’ que se caracteriza por um estilo específico do gênero textual que emerge da tecnologia digital.

Os exemplos apresentados sobre o teatro de bonecos permitem compreender o movimento metafórico individual e coletivo que é realizado em dar ‘vida’ ao boneco de

<sup>118</sup> Wertsch (1991) e Hermans (1996, p. 46; 2001, p. 262) fazem referência a essa expressão (ventriloquismo) utilizada por Bakhtin para indicar a multivocalidade presente na sociedade em que uma dada voz pode falar ‘através de outras vozes’ como os tipos de discursos sociais. De fato, podemos identificar no trabalho de Bakhtin várias passagens em que ele faz referência à expressão ‘pela boca do outro’ ou conforme a tradução ‘pelos lábios do outros’, principalmente no processo de desenvolvimento da linguagem na díade mãe-bebê: “*dos lábios da mãe e de pessoas íntimas a criança recebe todas as definições iniciais de si mesma.*” (2003b, p. 46); “*cada um desses momentos da vida pode ser percebido no todo da narração – a história dessa vida pode estar na boca das pessoas.*” (2003b, p. 141); “*(...) e eu, narrador de minha vida pela boca das suas outras personagens, tomo conhecimento de todos aqueles momentos.*” (2003b, p. 142) e “*Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros (da minha mãe etc.), com a sua entonação, em sua tonalidade valorativo-emocional. A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros (...)*” (2003d, p. 373) [todos grifos meus]

teatro, ‘personificá-lo’, ‘entrar’ nele (fantoche, Boneco de Olinda) ou sermos ‘incorporados’ pela personagem, como no caso das máscaras. Estas características são encontradas com intensidade no espaço sociocultural do *chat*, inclusive como condição ‘natural’ de ser, pois todos sabem que ali encontramos as representações de uma pessoa, mediadas pela linguagem (falas, enunciados dos perfis) e pelos recursos imagéticos (figuras, imagens) através da interface do computador e da Internet. Ao conversar com alguém no *chat*, estamos interagindo com um *nickname* como representação do *Self*, remetendo à imagem da marionete ou ao fantoche no teatro de bonecos, sendo possível utilizar a metáfora do artista-manipulador e do ventríloquo.

Retomando a análise que estamos fazendo de *Sarah* e sua representação no *chat* com o *nickname*  ‡õîstãñt vöið‡ podemos admitir o esquema seguinte (figura 58), a partir dos exemplos que foram expostos e considerando a metáfora de que o *nickname* se comporta como um boneco-marionete ou fantoche sendo controlado pelo artista-manipulador ou ventríloquo sob o comando do mouse e do teclado:



**Figura 58:** *Self* na dimensão *offline* e sua representação na dimensão *online*

A relação de posição entre a pessoa e seu *nickname* que a representa no *chat* se faz de modo virtual, mediado pela interface visual da tela do computador. Então o *nickname* que é uma representação do *Self* está situado no nível 3 do MEVERSI e a pessoa que o controla está no *nível 1*, conforme mostrado na figura 58. Enquanto a pessoa está na imediatez do evento, ou seja, diante do computador controlando seu *nickname*, dando-lhe certo tipo de voz (característica do ambiente sociodiscursivo) pode-se afirmar que *Sarah* fala com outra pessoa através da voz do *nickname*. Isso pode configurar um nível de *ventriloquismo do fantoche* associado às características do anonimato que ocorre no *teatro de marionetes*: a pessoa que controla (assim como o artista-manipulador do boneco) está oculta diante a plateia (note que na figura 58 a pessoa encontra-se no nível 1, inacessível para a plateia que está no nível 3),

mas também a fala do *nickname* é uma fala de ventríloquo, pois quem dá voz ao *nickname* é a pessoa que o controla. Associaremos também, a posição que *Sarah* ocupa enquanto manipulando o seu *nickname*, diante da tela do computador, como a *região de backstage* de Goffman (1975/2007, p.107 ) e a região onde se encontra representada e em interação com os outros no chat como sendo a região de *frontstage* ou região de fachada (Goffman, 1959/2007, p. 106).

O *nickname*, portanto, assume um estatuto de subjetividade existente no nível *online*, mas de forma representada. Uma pessoa (admitamos seja *Sarah* o seu nome na dimensão *offline*), como na figura 58, pode existir, interagir, construir relacionamentos e participar de uma comunidade como a de bate-papo do UOL, na sala Tema Livre-1 (A), mas somente o faz através do *nickname* pelo qual se faz representar. Esse *nickname* tem um caráter de representação do *Self* e à semelhança do teatro de bonecos é utilizado para interagir no ambiente virtual com a platéia, utilizando do discurso predominante nesse contexto, com uma voz própria. O significado do *nickname*, seus elementos imagéticos, seus ornamentos, seu conteúdo de fala e seu estilo de expressão, formam em conjunto um todo estético representativo de uma subjetividade que ali está refletida e ao mesmo tempo refratada. Refletida porque o *nickname* não tem uma autonomia em relação à pessoa que o constrói, diferentemente da personagem criada no romance dostoievskiano que possui uma interdependência igualitária ante o autor; e esse reflexo da subjetividade se manifesta pela ação primeira de uma pessoa que o cria e pela interação, responsividade, simpatia e antipatia, associação ou rejeição de idéias, bem como pelas relações sociais que são estabelecidas e derivadas (é uma pessoa que está ali para responder, entrou numa sala para se comunicar). Refratada porque na dimensão *online* há especificidades de expressão espaçotemporal, de formas de linguagem e de interação de modo que a atuação do *Self* nesse ambiente irá sempre sofrer as restrições impostas pelo contexto sociocultural (anonimato da pessoa no nível 1, perda de percepção das marcas não-verbais, linguagem diferenciada etc.).

Ao questionar *Sarah* sobre o sentido dado ao seu *nickname* ela faz referência ao tempo passado, que não pode voltar:

(06:41:24)		<b>BladeRunner</b> <u>reservadamente</u> fala para <b>†õistãñt vöið†</b> : qual o significado do seu nickname para vc?
(06:42:10)		<b>†õistãñt vöið†</b> murmura para <b>BladeRunner</b> : um passado que non volta 
(06:44:17)		<b>†õistãñt vöið†</b> murmura para <b>BladeRunner</b> : xin em inglês às vezes..

Assim, a expressão que completa o *nickname* logo após o anime usado é ‘*distant void*’ (expressão em inglês, traduzida por *vazio distante*) e que confirma o sentido que ela quis expressar quando construiu seu *nickname*: um sentimento saudosista em relação ao passado, a algum evento já vivenciado.

Ao ser questionada sobre o modo sofisticado de escrever a expressão em inglês com letras diferentes, ela respondeu tratar-se de um processo comum na Internet de personalização do *nickname*, são conversores de *nicknames* que denominamos de encriptadores. Os encriptadores de *nicknames* estão nos sítios eletrônicos que alteram a forma de escrita de uma palavra, ornamentando-a com símbolos e códigos variados, ou mesmo com alguns elementos fora do sistema simbólico de escrita tradicionalmente conhecida, alterando a grafia do alfabeto por outra com alguma semelhança (é uma forma de carnavalização, transgredindo padrões). Ela indica o endereço eletrônico onde é possível fazer online a conversão ou encriptamento do *nickname*:



(06:48:19) †ōīstāñt vōiō† murmura para **BladeRunner**:  
<http://lindmidis.net/nicks.htm> aqui faz tein um conversor pra iXu...

Os encriptadores personalizam os *nicknames*, ornando-os com símbolos diversos, para que sejam diferenciados em relação a outros *nicknames* semelhantes e para personalizá-lo de algum modo (todos os exemplos tratam-se do *nickname* de **BladeRunner**, tendo ao lado a indicação das letras alteradas e seu correspondente no alfabeto brasileiro):

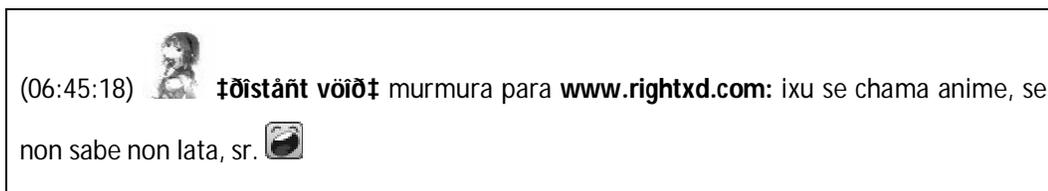
<b>Blåðërüññër</b>	=>	å = a	/	ð = d	/	ñ = n
««« <b>Blåðë@µññër</b> »»»	=>	£ = l	/	® = R	/	ë = e
«« <b>§ Blåðë@üññë® §</b> »»	=>	ornamentos laterais =>		«« <b>§ </b>	<b> §</b> »»	
<b>-= Blåðë®µññë® =™</b>	=>	ornamento final		=>	<b> =™</b>	

Além do enunciado encriptado e em inglês significando “*um passado que non volta*”, Sarah acrescentou em seu *nickname* a imagem de um anime:

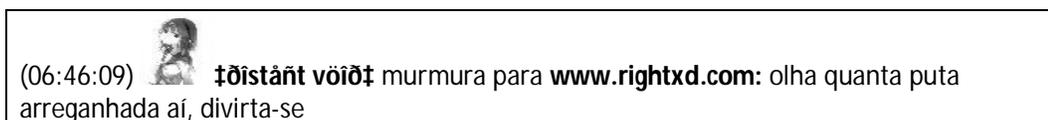


a figura remete ao imaginário simbólico de uma jovem adolescente.

Questionada sobre a imagem ela confirmará que se trata de um anime:



O 1º *princípio primário* da carnavalização bakhtiniana: contato livre e familiar entre as pessoas, principalmente pela quebra de hierarquias, não somente identificamos em Sarah na construção de seu *nickname* e na troca do **X** pelo **S**, mas por uma ruptura na imagem criada pela inocência do anime com o seu discurso, às vezes, pornográfico, conforme flagramos e reproduzimos a seguir:



Tal pronunciamento permite o atendimento do 3º critério que adotamos como *princípio primário* da carnavalização bakhtiniana: disparidades. Até então se alguém da sala foi construindo uma imagem de menina, jovem, inocente, assusta-se diante da expressão. Essa antinomia do aparente inocente e do malicioso, da candura com a pornografia é recorrente no ambiente carnavalizado do *chat* e a representação de Sarah, mesmo com a imagem do anime produzindo um certo ‘ar infantil’ e ‘inocente’ atende ao *princípio da ambigüidade*, característico da estética da carnavalização do ambiente virtual.

Percebemos, desse modo, toda uma movimentação da pessoa para construir um simples *nickname* e se diferenciar num universo sociodiscursivo intensamente carnavalizado como é o da sala de bate-papo na Internet. Procurar uma figura (anime), selecioná-la, associar um enunciado em inglês, depois encriptá-lo e assim constituir o *nickname* para participar de um *chat*, conforme a apresentação estética abaixo, foi o movimento de Sarah enquanto construtora de seu *nickname* para se tornar visível, surgir no ambiente virtual e fazer-se representar:



‡ōīstāñt vōiō‡

Isso tudo reflete uma subjetividade por trás e em torno do *nickname*: o que o nome indica e sugere para a platéia da sala? quais as intenções da pessoa que o construiu? por que o interesse em personalizá-lo? por que adicionar uma imagem? Tais questões remetem a um sentido de intencionalidade que está posta neste nome. O *nickname* não surge do nada, ele emerge como produção de um *Self* que o utiliza para se fazer representar num ambiente virtual, como o *chat*. E como produção do *Self* que atua como um autor<sup>119</sup>, o *nickname* se torna um ator (uma personagem) e quer sempre dizer algo, evidenciar ou sugerir uma idéia para a outra pessoa. Mas o *nickname* é apenas uma das formas de representação do *Self* num *chat* e não nos limitamos nessa empiria a reduzir toda a representatividade dinâmica do *Self* a um simples nome utilizado na sala de bate-papo, e sim ao conjunto de posições assumidas no *chat* e fora dele, no sentido de uma continuidade ou descontinuidade de si mesmo.

Vejamos os outros *nicknames* nesse set etnográfico:

- |   |  |                      |
|---|--|----------------------|
| • seu_homem   |  | • ModeradoR          |
| • safadinha   | • TOM JERRY CRUISE   | • LEO_MORENO_23_CAM  |
| • Elo   | • ANA  | • PIRU NA WEB CAM    |
|  | • Guto   | • solteiro mic SP    |
| • Metido a besta  | • Thays21  | • Morêêninho TopMsn  |
| • Ketty   | • GATOSDUTOR NA CAM  | • wãffãce            |
| • Amor é tudo   | • LIDNO MSN  | • o mágico           |
| • GATINHA20   | • Julia  | • Divã               |
| • renato  | • tinha43  | • Gato Solitário     |
| • Arthur maduro   | • Gato sozinho   | • 1527899            |
| • quero colo carinho  | • Clark  | • leo castellamarty  |
| • flor do campo   | • ta duro n/cam 18cm   | • SAFADINHA THE GAME |
| • fabio safadinhocamm   | • Raika  | • Junior             |
| • Milla   | • alex   |                      |
| • Bááh  | • Bruno  |                      |

Poderíamos categorizar os *nicknames* em qualitativos sugeridos pelo seus significados derivados a partir:

<sup>119</sup> Diferentemente das personagens dostoiévskianas que possuem plenivalência de voz em relação ao autor, como uma consciência autônoma na polifonia do romance, o *nickname* mesmo sendo uma criação da pessoa não assume esse caráter, ele será sempre o porta-voz, a 'boca' através através da qual a pessoa fala com outras no ambiente de *chat*.

- do nome pessoal, apelido, personagem ilustre, personagem de ficção
- das palavras que são utilizadas (enunciados)
- das figuras que são associadas
- das cores

Todos esses elementos são caracterizações de uma subjetividade que marca sua presença e sua diferenciação entre as outras subjetividades presentes na sala de bate-papo. Assim, no estatuto da subjetividade do *nickname* estão incluídos as qualidades, interesses, motivações, estados emocionais, desejos, bem como os pertences ou elementos que são do domínio de uma pessoa. Isto corresponderia ao **ME** como posições ou criações do **I** na perspectiva de Wiliam James. Para Hermans (1996, p. 33) todas as posições sociais que ocupamos na vida social são protagonismos do **ME** que o **I** enreda, então expandindo a metáfora do romance polifônico de Bakhtin para uma concepção narrativa de existência pode-se dizer que o *Self* enquanto o EU-controlador (**I** da concepção de James) age como um autor e produz tantos **ME** ou atores, personagens quanto deseje. Esse esquema conceptual pode ser aplicado ao processo de criação de *nicknames* na sala de bate-papo (nível 3, enquanto ator) pela pessoa que está fora dela, no nível 1 (enquanto autor) conforme é possível de visualizar no MEVERSI.

Além desse estatuto da subjetividade que é revelada no *nickname*, um outro aspecto relevante também é originado: a idéia ou metáfora da corporeidade. O *nickname* representa também a metáfora de um corpo assumindo posições no cenário de interações da sala virtual. Toda a movimentação na sala de bate-papo é realizada sob a metáfora de um espaço e de um corpo movendo-se nele. O *design* da sala é projetado como um cenário (Goffman, 1959/2007) onde os atores realizam sua atuação de representação. Na coluna da direita ficam listados todos os *nicknames* presentes naquele momento na sessão de *chat*, enquanto que na coluna mais larga, à esquerda, localiza-se o ambiente público das postagens de trocas discursivas entre os participantes que compõem o agrupamento de pessoas na sala. Na figura 59, mostrada a seguir, observamos a expressão lexical própria do *design* da sala, composta por verbos conjugados no tempo presente, para sinalizar a movimentação do *nickname* quanto a ‘entrar’, ‘sair’, ‘falar’:

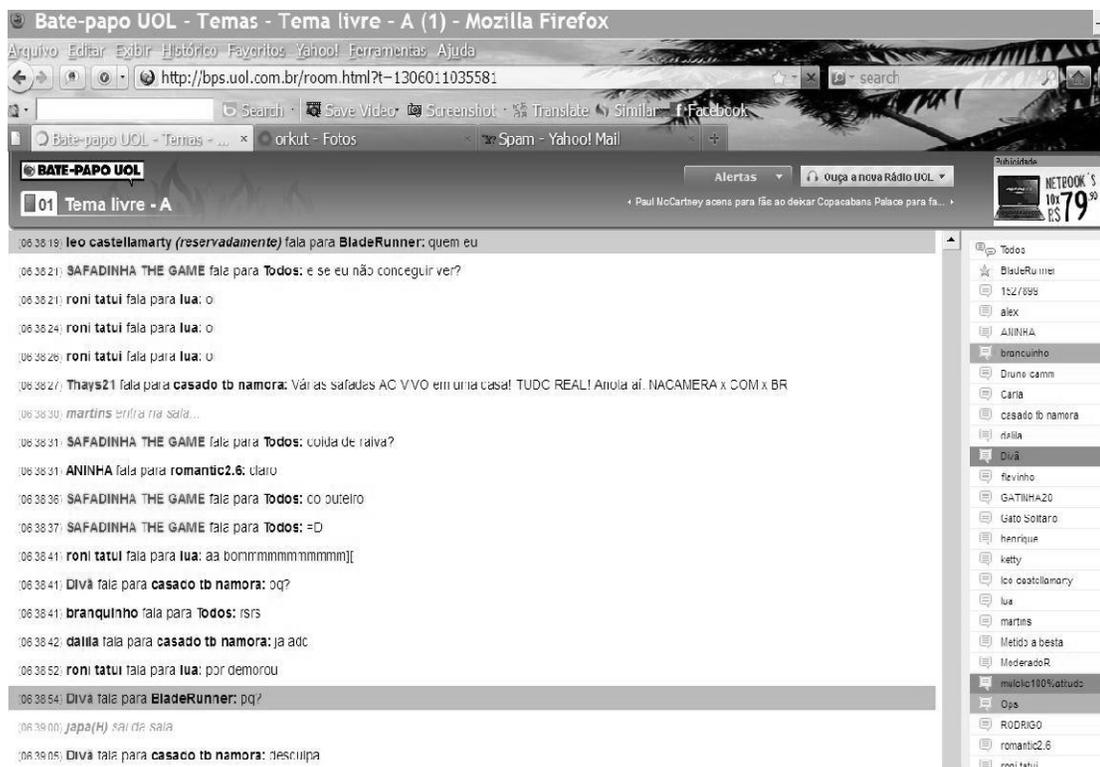


Figura 59: Sala de bate-papo Tema Livre-1 (A) e a idéia de corporeidade

Na figura 59 verificamos as movimentações dos *nicknames* como um corpo que se move na sala de bate-papo:

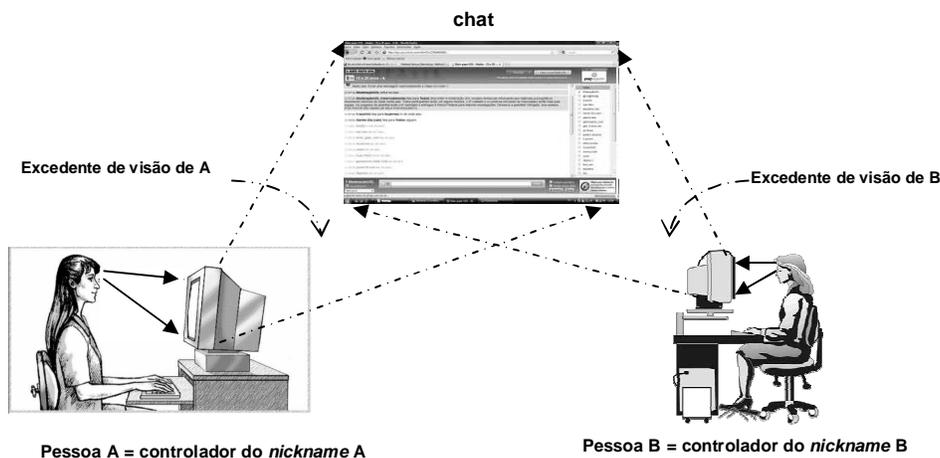
Quadro 9: *Nicknames* e verbos de ação remetendo à idéia de corpo em movimento

<i>Nicknames</i> e ações	Verbo de ação do corpo no ambiente de <i>chat</i>
(06:38:30) <b>martins</b> entra na sala	ENTRAR (na sala)
(06:36:54) <b>japa (H)</b> sai da sala	SAIR (da sala)
(06:39:05) <b>Divã</b> fala para <b>casaco.tb.namora:</b> desculpa	FALAR (para)

Utilizando o MEVERSI onde é possível observar o ‘distanciamento’ entre o *nickname* e a pessoa que o controla, podemos afirmar que o *nickname* assume a metáfora de um corpo virtual no *cenário* da sala de bate-papo representado por um nome que ocupa posições neste *cenário* (nível 3). Essas posições podem ser fixas (enquanto permanece na sala, ficando na coluna à direita) ou móveis (quando realiza ações, surgindo tais movimentos na coluna mais larga à esquerda conforme os verbos de ação: entrar, sair, falar, sorrir, sussurrar

etc.). A visualização deste cenário com o seu corpo virtual (*nickname*) em movimento com os outros *nicknames* é possível para a pessoa que o controla (nível 1) e denominaremos por *excedente de visão*. O termo coincide em parte com aquele utilizado por Bakhtin: o conhecimento e visão que eu tenho do Outro e que ele não possui, inclusive do seu próprio corpo (sua expressão facial, o ambiente de fundo atrás dele), ou seja, todo o horizonte de visão que me acessível e é inacessível a este Outro que está ‘diante de mim’ (2003b, p. 21). A diferença é que ao nos referimos a esse novo quadro de referências (nível 1 em relação ao nível 3 do MEVERSI) há um deslocamento nesse excedente de visão, comparado a esta concepção bakhtiniana que é centrada no corpo e na relação imediata corpo-a-corpo, face-a-face.

Na definição que damos para *excedente de visão* falamos em relação à pessoa que controla o *nickname* (nível 1 do MEVERSI) e não do ponto de referência do *nickname* (nível 3). Então este horizonte de visão que a pessoa no nível 1 possui contempla a sua própria representação virtual (seu *nickname*) no ambiente assim como um artista-controlador visualiza o boneco de marionetes ou o fantoche numa dramatização. Este retraimento no campo visual da pessoa que está no nível 1 também produz uma limitação em relação ao horizonte de fundo do outro *nickname*, porque não consegue visualizar a pessoa que o controla (nível 3). Vejamos uma ilustração a seguir (figura 60), tomando como modo de visualização o MEVERSI para supor que a pessoa A (nível 1) controla o *nickname A* que está no *chat* (nível 3), e em algum lugar dos contextos *offline* (nível 1) a pessoa B é o controlador do *nickname B* que também está no *chat* (nível 3); ambos se encontram, dialogam e mantêm uma interação no *chat* do UOL (nível 3):



**Figura 60:** excedente de visão de pessoas que controla o nickname num *chat*

A pessoa **A** e **B** podem estar separadas fisicamente, dentro da dimensão *offline* considerada (o nível 1 do MEVERSI), no entanto encontram-se virtualmente, simulam um co-presença física, um ‘face-a-face’ na dimensão *online* (o nível 3 do MEVERSI). Diremos que o ambiente *online* é o mesmo, mas os horizontes pessoais são diversos, podendo justapor-se em alguns momentos, mas não sempre, o que garante a singularidade e a posição única que cada qual ocupa no espaço-tempo, a partir da referência dimensional *offline* onde se encontram os *selves*, diante do computador (nível 1 do MEVERSI). O *excedente de visão* da pessoa **A** em relação ao *nickname* de **B** estará limitado ao *cenário* do nível 3, ou seja, aos limites do design da sala de bate-papo Tema Livre-1 (A) do UOL. Então o *excedente de visão* da pessoa **A** contemplará:

- o próprio *nickname* de **A**
- o *nickname* de **B**
- todos os *nicknames* da sala que compõem os elementos de fundo, o horizonte por trás do *nickname* de **A** e de **B**
- todos os elementos simbólicos da sala de bate-papo (recursos disponibilizados pelo design, entradas e saídas de *nicknames*, conversações, comerciais, sons, imagens etc.)

Observamos que a pessoa **B** estará fora do alcance do *excedente de visão* da pessoa **A** (figura 60). Isto garante o anonimato ou a *região de bastidores* que Goffman propõe em seu modelo dramático para o estudo da representação do *Self* no cotidiano dos grupos sociais. Em decorrência disso flagramos em alguns momentos um duplo aspecto do estatuto de corporeidade que o *nickname* comporta:

1. ora representa um corpo situado e movendo-se no *cenário* da sala de bate-papo (nível 3 do MEVERSI): *entra, sai, fala para, sorri para* etc.
2. ora representa um porta-voz da pessoa que está como controlador do *nickname*, situada fora do contexto *online*, ou seja, localizada no ambiente *offline*, diante do computador (nível 1 do MEVERSI): *‘desculpa aí... eu fui beber água’, ‘fui atender ao telefone’, ‘eu moro em São Paulo’* etc.

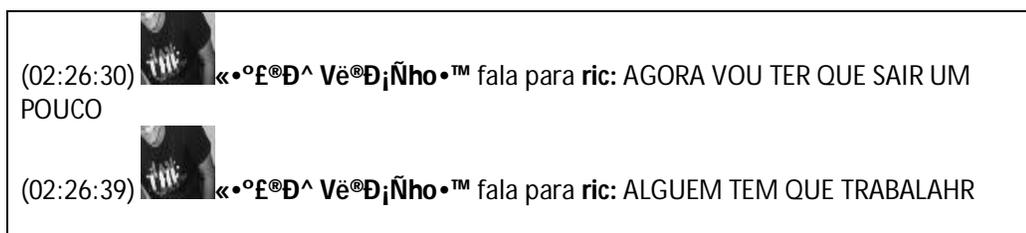
A figura 60 também reporta ao conceito das sensações exteroceptivas que envolvem as cinco modalidades de atenção sensorial: ver, ouvir, tocar, cheirar e degustar. Estas modalidades compõem os sistemas básicos de orientação (equilíbrio corporal), olfativo-degustativo, auditivo, visual e háptico (Santaella, 2004a, p. 136-149; 2004b, p. 41-52; 2010, p. 192-197). Destes sistemas, Santaella destaca o sistema háptico cuja atuação é expressa em tatear, apalpar, envolvendo um complexo conjunto de elementos sensíveis do corpo: toda a pele, as juntas, articulações, músculos e tendões, portanto é formado pelas unidades orgânicas e células mecanorreceptoras. Essa conceituação é necessária para a compreensão do corpo diante do computador que mobiliza principalmente as mãos (mouse e teclado), o olhar (visualizando a tela do computador), além das próprias faculdades cognitivas de atenção, memória, linguagem. Esse conjunto de ações estão integrados no ato de estar assumindo um *nickname* e conversando na sala de bate-papo da Internet: todo o corpo está em interação e o sentido de imersão virtual tem a configuração de extensão corporal. O *nickname*, assim, assume esse estatuto extensivo do corpo.

Esta ubiqüidade reforça as observações de L. Melo (2004, p. 128) ao tratar sobre espaço físico x espaço virtual:

em termos de espaço virtual do chat, portanto, a linguagem e o ambiente não descontextualizam o espaço, mas o re-contextualizam em função do instrumento e dos signos que lhe são próprios. O espaço físico do indivíduo continua intacto e fazendo parte de sua vida.

O senso de continuidade mundo físico-mundo virtual também foi corroborada por França (2008, p. 52): “Nesses termos, o ambiente virtual é tomado como um aspecto ou extensão do mundo físico e nossas ações *online* como um prolongamento físico e simbólico de nós mesmos, do nosso corpo (...)”.

Os exemplos a seguir, decorrentes desse e de outros sets etnográficos constituintes de nosso banco de dados, remetem ao significado desse segundo aspecto do estatuto de corporeidade que o *nickname* apresenta, ou seja, a referência não ao *nickname* que está na sala, mas à pessoa e ao corpo da pessoa que controla o *nickname*:



(10:41:51)		<b>ØŞD ¥ŞØĒĂĐØŞ</b> suspira por »ØŞP«(˘•WĪŃĐ¥•˘): pera ai vou no banheiro
(10:42:00)		<b>ØŞD ¥ŞØĒĂĐØŞ</b> suspira por »ØŞP«(˘•WĪŃĐ¥•˘): passar um fax
(02:45:01)		<b>Laura</b> fala para <b>Edna</b> : QUE VONTADE DE IR PARA O MOTEL
(03:24:28)		<b>LyaCAM</b> fala para <b>Diogo na Cam</b> : Eu e minhas amigas estamos só de calcinha na frente da webcam! Duvida? Então corre W\W. N\C\MER\ .COM.BR
(05:53:42)		<b>ketty</b> fala para <b>Todos</b> : a eu to comendo
(05:53:44)		<b>ketty</b> fala para <b>Todos</b> : coca
(05:53:50)		<b>ketty</b> fala para <b>Todos</b> : bebendo
(05:53:53)		<b>ketty</b> fala para <b>Todos</b> : e comendo batata
(05:53:57)		<b>ketty</b> fala para <b>Todos</b> : frita hum ta bom
(06:27:09)		<b>Divã</b> fala para <b>jom usa</b> : hum nao vai ter como pois eu estou no trabalho

Nos enunciados acima observamos referências ao movimento do corpo (*ir ao trabalho*, *vou ao banheiro*, *vontade de ir ao motel*, *estar de calcinha diante da webcam*, *to comendo e bebendo*, *estou no trabalho*). São todas expressões referindo-a ao estado corporal da pessoa que está controlando o *nickname*, o qual nesse momento empresta sua voz para um certo ventriloquismo, como porta-voz da pessoa controladora do *nickname* que narra o que está acontecendo na região de bastidores, inacessível e fora do excedente de visão dos outros participantes da sala. Estas expressões dão a idéia do senso de continuidade do *Self* (que não está centrado apenas no próprio corpo, mas se ‘desloca’, se ‘estende’ tanto para o ambiente *offline* quanto para o ambiente *online*).

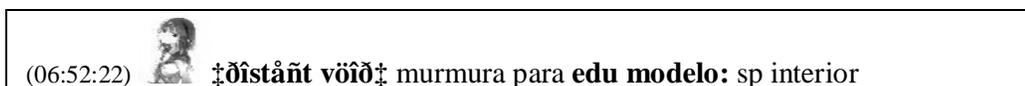
Acrescentamos outros dois exemplos que remetem a este aspecto duplo do estatuto de corporeidade do *nickname*, a da localização espacial e temporal da pessoa que o controla:

(06:24:23)	<b>wăffăce</b> fala para <b>1527899</b> : de onde tc essa gatinha?
(06:25:17)	<b>1527899</b> fala para <b>wăffăce</b> : rj
(06:25:41)	<b>1527899</b> fala para <b>wăffăce</b> : e vc
(06:25:44)	<b>wăffăce</b> fala para <b>1527899</b> : sério? eu tb
(06:06:21)	<b>ketty</b> fala para <b>Todos</b> : quantos anos vc tem
(06:06:26)	<b>ModeradoR</b> fala para <b>Todos</b> : 21

Quando **wãffãce** pergunta onde **1527899** e a pessoa responde que é do Rio de Janeiro (abreviado por 'rj') e quando **ketty** pergunta para **Todos** sobre a idade, obtendo de **Moderador** a resposta '21 [anos]' temos que o foco do assunto, o tema do diálogo remete às informações corporais da pessoa controladora, que está 'por trás' do *nickname*: sua localização naquele momento, sua idade cronológica. Em outros momentos é verificado que a conversação restringe-se apenas aos assuntos e comentários restritos à sala, tratando apenas dos *nicknames*, das fofocas do *chat*. Mas aqui não é o caso, as referências remetem e levam o interlocutor a se localizar corporalmente no espaço e no tempo (nível 1 do MEVERSI). Torna-se característico nas salas de bate-papo este estatuto da corporeidade que o *nickname* evoca muitas vezes expresso no próprio nome que o compõe, resultando numa outra coincidência com a carnavalização bakhtiniana: o *princípio da vida material e corporal* encontrada nas *disparidades do baixo corporal*, nas obscenidades<sup>120</sup>. Durante a etnografia alguns *nicknames* fizeram referência direta ao corpo:

- **ta duro n/cam 18cm** = baixo corporal (órgão sexual)
- **LEO MORENO\_23\_CAM** = cor da pele, idade (?), órgão sexual (?)
- **PIRU NA WEB CAM** = baixo corporal (órgão sexual)
- **Loiro sozinho** = cor da pele
- **Beijo pés** = desejo (fetiche) corporal
- **H 39 anos** = gênero sexual, idade
- **patrick h 48** = gênero sexual, idade
- **H MODELO 25CM PAU** = gênero sexual, baixo corporal (órgão sexual)
- **H GOZA GOSTOSO** = gênero sexual, baixo corporal (ato sexual, orgasmo)

Abaixo um flagrante neste sete etnográfico quando *edu modelo* pergunta onde *Sarah* está naquele momento e obtendo a seguinte resposta em tom de murmúrio (que serviu posteriormente como dado comparativo no estudo etnográfico que fizemos no circuito-weblogue de *Sarah*):



A respeito do estatuto da corporeidade no ciberespaço observamos que Santaella (2003, 2004a, 2004b, 2010) desde algum tempo vem defendendo algumas concepções do

<sup>120</sup> Em etnografia que realizamos em todas salas do UOL encontramos sempre presente nas salas nicknames que reportam ao baixo corporal com referências à sexualidade e traços pornográficos. Tal fato foi registrado inclusive nas salas de bate-papo do UOL de cunho religioso, embora com menos frequência.

corpo sob o efeito das tecnologias emergentes. Sua classificação para as novas realidades do corpo ou dos ‘corpos biocibernéticos’ é apresentada em 7 tipos e 5 subtipos (2003, p. 200-207; 2004b, p. 98-100):

- 1.corpo remodelado (estética, transplantes e implantes)
- 2.corpo protético (implantes não orgânicos, próteses)
- 3.corpo esquadrinhado (escaneado para diagnóstico médico)
4. corpo plugado (usuários que se movem no ciberespaço)
  - a) imersão por conexão (corpo plugado no computador)
  - b) imersão através de avatares
  - c) imersão híbrida (visualização 3D)
  - d) telepresença (webcam, tele e videoconferências)
  - e) ambientes virtuais (realidade virtual)
- 5.corpo simulado (simulação holográfica)
- 6.corpo digitalizado (representação tridimensional feita a partir de cadáver)
- 7.corpo molecular (codificado sob dados genéticos, o projeto Genoma Humano)

Dada a importância no campo sócio no campo subjetivo da comunicação Santaella dedicou um livro inteiro sobre o tema, *Corpo e Comunicação* (2004b), analisando desde o corpo sensorio-perceptivo do internauta até a concepção de corpo na arte e na cultura. De sua tipologia acima descrita, defendemos que a concepção de corpo mais próxima que estamos lidando nessa pesquisa ao analisar os *chats* e as redes sociais e dando ao *nickname* o estatuto de corporeidade é o corpo plugado: *híbrido entre uma imersão por conexão e um avatar*. O senso de um ‘corpo’ através do *nickname*, portanto, é duplo:

- 1) o *nickname* age como um corpo que se posiciona no espaço simbólico da sala, ocupa posições definidas e singulares;
- 2) o sendo de ‘continuidade corporal’ da pessoa que o controla é mediada pela ‘voz’ do *nickname* que fala dos sintomas e sensações do corpo.

*Sarah* ao utilizar a imagem de um anime/mangá associa uma idéia de corporeidade para si mesma: a imagem é de alguém do sexo feminino, jovem, adolescente.

Compreendemos que todos esses adjetivos são simbólicos, talvez não correspondam completamente à pessoa que o controla, mas uma das idéias significadas e externalizadas neste *nickname*, enquanto atuando com uma imagem feminina/adolescente é também de um corpo. Alguém está utilizando esse ‘corpo simbólico’, metaforizado que está ocupando um lugar na sala de bate-papo, se movimenta e interage, constrói relações.

Podemos admitir também que o caso *Sarah* corresponde ao 2º *princípio primário da carnavalização* que é a excentricidade, quando utiliza de recursos excêntricos, fora do convencional (encriptamento, palavra em inglês e anime) para a representação de si mesma no *chat*. Isso significa uma arte de encenação e de representação. Até chegar a essa montagem houve uma idéia de escolher um nome, encriptá-lo e utilizar uma imagem para se ter, enfim, um *nickname*. O conjunto de ações para chegar a tal montagem e entrar na sala de bate-papo constitui-se um mascaramento no mesmo sentido que Goffman emprega para as representações do EU no cotidiano.

Um dos *princípios secundários da carnavalização*, a dramaturgia, pode ser observado nesse caso também, quando *Sarah* personifica temporariamente  **†0†ã††** **v0†0†**. Aplicando o modelo dramaturgico utilizado por Goffman no estudo do *Self*, percebemos claramente o movimento de *Sarah* enquanto atuando com seu *nickname* neste set etnográfico, estando a executar uma representação, ou seja, “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (Goffman, 1959/2007, p. 29). Enquanto na sala de bate-papo Tema Livre-1(A) do UOL, utilizando este *nickname*, *Sarah* responde e age como tal perante os outros e se faz reconhecida sob esta forma de se apresentar.

Goffman (1959/2007, p. 31) definirá como *fachada pessoal* todos os elementos expressivos da pessoa que a acompanham e a caracterizam de algum modo, podendo ser fixas (sexo, raça, nacionalidade, estilo etc) e móveis (expressões faciais, vestuário, idade etc.). Destacamos dois tipos de estímulos da fachada pessoal e que podemos aplicar no caso *Sarah*:

Aparência: aqueles estímulos que funcionam no momento para nos revelar o status social do ator, incluindo seu vestuário, seus objetos pessoais

{  → anime, comum na aparência de *Sarah* em suas apresentações no *chat*

Maneira: os estímulos que funcionam no momento como identificação do ator por sua atitude de falar e responder, de interagir (estilos, modos)

{ O estilo da fala, trocando **S** por **X**  
 { Mescla de expressões pornográficas na fala com os outros

Embora alguns teóricos apontem para o fim do estilo no sentido tradicional marcado pelo traço individual e singular, na chamada cultura pós-humana das tecnologias emergentes, como discute Santaella (2007, p. 55-82), ela mesma não respondendo à pergunta se o autor morreu nestes tempos contemporâneos da Internet e da cibercultura, seguimos no sentido oposto como uma tentativa de resposta à questão: mesmo em face do predomínio dos *fakes*, da saturação de estilos, da pirataria digital como transgressão carnalizada à segurança autoral, da multiplicidades das identidades virtuais, da metáfora da liquidez contrapondo-se à solidez dos conceitos e das formas (Santaella, 2007, 2010), os resultados desta pesquisa apontam para os exemplos dos que desejam preservar uma ‘identidade’, serem reconhecidos por suas distinções próprias, manterem algum nível de permanência da imagem que apresentam nos ambiente voláteis do ciberespaço. Associado a este movimento resistente, verificamos também que o estilo como forma de manutenção de singularidades passa a ser construído coletivamente, como veremos adiante, na formação dos clãs dentro das salas de bate-papo.

Uma idéia predominante é posta na cibercultura: as pessoas no *chat* que não desejam de modo algum se identificar como um autor (a pessoa controladora que está na dimensão *offline*, nível 1 a n...) nem mesmo como atores (as suas outras formas de representação *online*, nível 2) em que atua com idênticos ou perfis completamente diferenciados. Isso não ocorreu com *Sarah*, pois observamos que ela atua como uma personagem no *chat* e em seu circuito-weblog, mudando aparências, mas mantendo um conjunto de estímulos ou marcas (maneira de Goffman, estilo de Bakhtin) que a fazem ser reconhecida por uma parcela do grupo em que mantém certo grau de intimidade e relacionamento. Destacamos *Sarah* como um caso de estudo desse nível, mas não a partir deste primeiro encontro, e sim dos dois seguintes que permitiram posteriormente, na análise metodológica dos dados, identificá-la neste set etnográfico, conforme os critérios da carnavalização bakhtiniana e o modelo dramatúrgico de Goffman.

### 5.2.1.2 Segundo Encontro

O segundo encontro com *Sarah* ocorreu em 15/11/2011 na sala de bate-papo Tema Livre-1 (A) do UOL quando ela assumiu o *nickname* de  (estaremos também utilizando o nome *Sarah*, sendo portanto equivalente nessa seção). Mudou-se o *nickname* em relação ao primeiro encontro, mas permaneceram as marcas que compõem o seu estilo de ser enquanto participante do espaço virtual: a forma de falar (troca de S por X / mesclagem de discurso pornográfico), o uso de animes/mangás e o encriptamento de *nickname*. Vejamos as semelhanças na construção do *nickname* conforme abaixo:

 **†ōīstāñt vöiō†**  
(imagem de **anime** + *distant void*)

 **†šăffY†•sz~\***  
(imagem de **mangá** + *Sally*)

Permanece recorrente no trânsito de *Sarah* pelo *chat* o uso de imagens de mangás ou animes personalizando seu *nickname*. Tal marca contribui para uma idéia de continuidade da representação do *Self*, mesmo com *nicknames* diferentes. Na análise etnográfica que realizamos verificamos que tão logo *Sarah* entrou na sala de bate-papo seguiu-se o ritual social das apresentações, comuns nos encontros entre pessoas de uma comunidade (trocas de saudações), conforme flagramos e apresentemos na figura 61 (ver setas dos *emoticons*):

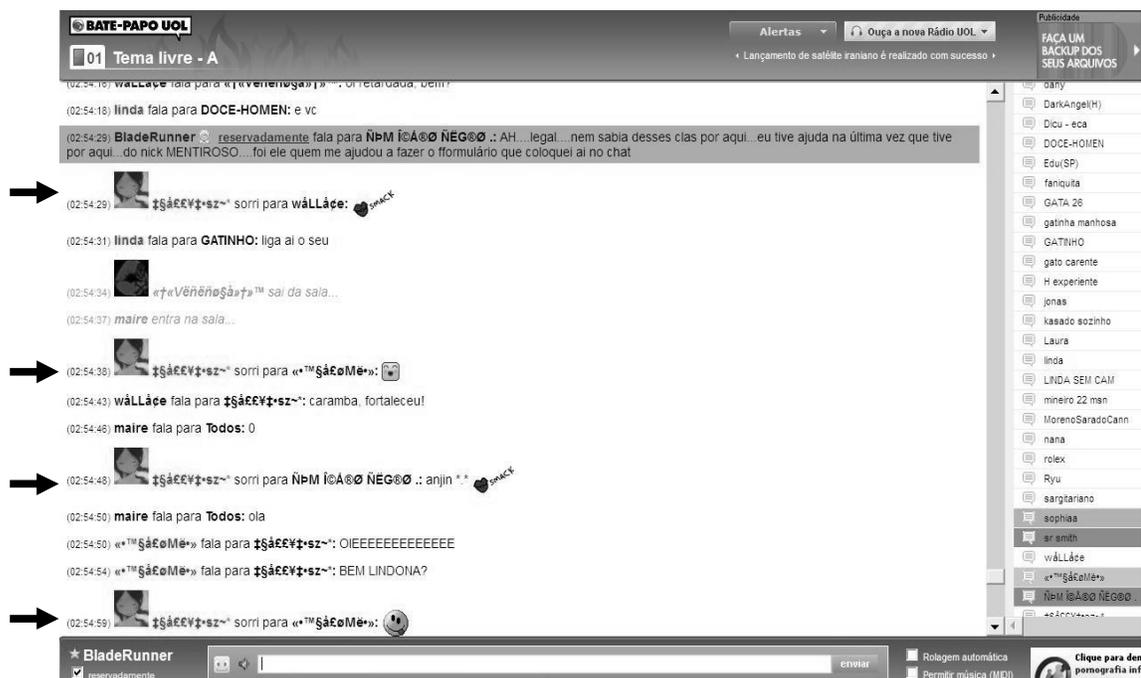


Figura 61: Sala de bate-papo Tema Livre-1(A) do UOL com saudação de  (estaremos também utilizando o nome *Sarah*, sendo portanto equivalente nessa seção).

Apenas esses endereçamentos discursivos produzidos por *Sarah* provocaram respostas que retratam um histórico de relações anteriormente construídas, permitindo que se reconheçam, conforme os enunciados responsivos que também aparecem na figura 61 e reproduzimos a seguir junto com outros (os enunciados foram agrupados conforme os seus falantes<sup>121</sup>):

(02:54:43) **wàLLâce** fala para **‡\$âff¥‡•sz~\***: caramba, fortaleceu!  
 (02:55:11) **wàLLâce** fala para **‡\$âff¥‡•sz~\***: até vc entrar só tinha mulher chata  
 (02:54:50) «**•™\$âfØMë•**» fala para **‡\$âff¥‡•sz~\***: OIEEEEEEEEEEEEEEE  
 (02:54:54) «**•™\$âfØMë•**» fala para **‡\$âff¥‡•sz~\***: BEM LINDONA?  
 (02:55:03) «**•™\$âfØMë•**» fala para **‡\$âff¥‡•sz~\***:   
 (02:55:13) «**•™\$âfØMë•**» fala para **‡\$âff¥‡•sz~\***: TBÉM TO BEM FLORZINHA...

Percebe-se que há um grau de familiaridade e reconhecimento com *Sarah* por parte das pessoas que já se encontravam na sala de bate-papo. Tanto **wàLLâce** (que estava também em nosso 1º set etnográfico) quanto «**•™\$âfØMë•**» reconhecem *Sarah* dando-lhe as boas-vindas. O grau de intimidade de *Sarah* com algumas pessoas também é visível, na forma como se dirige a elas, vejamos:

(02:54:59)  **‡\$âff¥‡•sz~\*** sorri para «**•™\$âfØMë•**»:   
 (02:55:03)  **‡\$âff¥‡•sz~\*** sorri para «**•™\$âfØMë•**»: beinn e ce?  
 (02:54:48)  **‡\$âff¥‡•sz~\*** sorri para **ÑPM ÎÇÀ®Ø ÑËG®Ø** :: anjin \* \*   
 (02:55:12)  **‡\$âff¥‡•sz~\*** sorri para **Laura**: migaa 

*Sarah* responde para  **ÑPM ÎÇÀ®Ø ÑËG®Ø** referindo-se a ele como “*anjin*” (anjinho) e se dirige a *Laura* com a expressão “*migaa*” (amiga!!). Num universo de dezenas de pessoas participando da sala de bate-papo identificamos apenas um pequeno grupo de

<sup>121</sup> Nos originais do banco de dados os pares de turnos alterados entre falantes estão naturalmente intercalados pelas falas ou turnos de falas de outros participantes da sala, dentro do espírito da carnavalização dos chats em que múltiplas vezes falam concomitantemente. Alteramos apenas a estrutura para fins de melhor visualização dos turnos dos falantes.

peças que se falam e trocam saudações sociais, formando um minicírculo ou mais especificamente um *ajuntamento*: “qualquer conjunto de dois ou mais indivíduos cujos membros incluem todos e apenas aqueles que estão na presença imediata uns dos outros num dado momento.” (Goffman, 1963/2010, p. 28). O termo *situação* Goffman<sup>122</sup> confere ao ambiente de ajuntamento formado em que uma pessoa adentra fazendo parte da interação. A terminologia goffmanina pode ser aplicada neste caso, em que um *ajuntamento* de pessoas é formada em torno de *Sarah* por sua entrada na sala de bate-papo, constituindo então uma situação de estudo. Considerando isso, Goffman (1963/2010, p. 95) definirá ainda que dois tipos de interação podem ocorrer nas situações de ajuntamento:

1. interação desfocada: centrada meramente nas informações que podem ser comunicadas através de sua presença conjunta na mesma situação social;
2. interação focada: estabelecida por um grupo de indivíduos que estabelecem um tipo especial de comunicação e de interação mútua, mantendo um foco de atenção.

Por uma interação desfocada iremos identificar todas as abordagens de perguntas e convites que são postadas na sala de bate-papo, bem como à percepção que temos de todos os *nicknames* e das trocas discursivas que estão acontecendo publicamente. Por interação focada identificaremos as díades formadas ou as trocas discursivas com mais de duas pessoas tendo um assunto, um tema, provocando derivações dialógicas e mantendo-se por algum tempo. Nos recortes desse set etnográfico que fizemos até agora, na situação de entrada de *Sarah* com as trocas de saudações temos um exemplo de interação focada: os participantes desse diálogo se articulam de tal modo que parecem situar-se ‘face-a-face’, estarem próximos, trocando falas e tendo os demais membros da sala como elementos de fundo. Participam, então, nesse recorte inicial de uma interação focada os seguintes *nicknames*:

-  **!\$ãff¥!•sz-\***
- **«•™\$ã£øMê•»**
- **wáLLá¢e**
-  **!NPM Î©À®Ø ÑËG®Ø.**
- **Laura**

<sup>122</sup> Os termos *ajuntamento*, *situação*, *interação focada* e *interação desfocada*, *fachada pessoal*, *maneira*, *aparência* serão utilizados em negrito quando empregados conforme a terminologia de Goffman.

Todos os demais participantes da sala Tema Livre-1 (A) constituem-se elementos de fundo, porque embora todos formem um *ajuntamento*, somente um pequeno grupo, numa dada *situação*, troca enunciados e constroem relações que podem ter um caráter histórico-longitudinal, extrapolando o tempo imediato do *chat*, mantendo vínculos através de várias imersões. A existência desses pequenos grupos ou mesmo díades que mantêm uma interação focada e que continuam mantendo as relações em várias sessões de *chat* tem uma função importante para manutenção de uma identidade no ambiente virtual (para aquelas pessoas que desejam manter uma identidade num sentido de certo padrão de continuidade de representação do *Self*). Esses pequenos grupos é que darão um sentido para uma continuidade de uso de *nickname*, do estilo das falas ou dos conteúdos enunciativos, a fim de que permitam serem reconhecidos dentro da comunidade.

Após as saudações iniciais originadas por  *!\$âff¥!•sz~\** observamos que uma outra pessoa a reconheceu imediatamente, chamando-a inclusive pelo nome. Vejamos:

(02:55:24)  *ŃpM Í©Á®Ø ÑĒG®Ø* . fala para *!\$âff¥!•sz~\**: ola sarinha linda

Através do reconhecimento do *estilo*<sup>123</sup> ou da *aparência* apresentada pela *fachada pessoal*<sup>124</sup> de Sarah em outras sessões de *chat*, percebemos que Ícaro (o qual assume o *nickname* de  *ŃpM Í©Á®Ø ÑĒG®Ø* .) pode identificá-la mesmo enquanto personificada como  *!\$âff¥!•sz~\**. Ele a chama de forma familiar, pelo diminutivo: “*sarinha*”. Diremos que todos os *nicknames* de Sarah atuam como *I-positions* dela e que Ícaro conhece algumas dessas posições. Se aplicarmos a noção de *Self dialógico* poderemos compreender que essas *I-positions* de Sarah fazem parte do *Self* de Ícaro como *voz do outro* que ele já internalizou. Para efeito de compreensão desse processo denominemos:

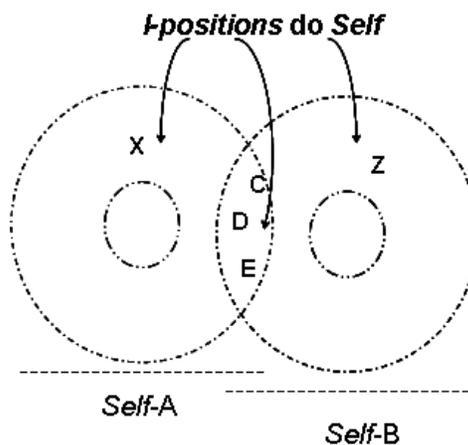
- Sarah = como *Self A*
  - Ícaro = como *Self B*
  -  *!\$âff¥!•sz~\** = C
  -  *!\$âff¥!•sz~\** = D
- } *I-positions* de  
Sarah

<sup>123</sup> conforme nos apropriamos do termo de Bakhtin para o estudo dos gêneros textuais

<sup>124</sup> conforme a terminologia de Goffman (1959/2010)

-  (Ícaro) = E = *I-position* de Ícaro
- Outros nicknames de Sarah (não conhecidas por Ícaro) = X
- Outros nicknames de Ícaro (não conhecidos por Sarah) = Z

A figura 62, a seguir, apresenta estes movimentos de interação dialógica entre os *selves* e das *I-positions* da ambos, a partir do que expomos:



**Figura 62:** Encontro dialógico de Sarah e Ícaro no chat e suas *I-positions*

Admitamos que houve *n*-encontros nos *chats* de Sarah e Ícaro. Nesses encontros virtuais ambos se conheceram, iniciaram uma amizade e estabeleceram relações ao longo do tempo. Sarah e Ícaro se conhecem através de seus *nicknames* (*I-positions*: C, D e E) nas salas de bate-papo Tema Livre-1 (A) do UOL, embora ambos possam ter outros *nicknames* que desconheçam reciprocamente (X e Z), como visualizados na figura 62.

Utilizando a proposta de *self dialógico* as *I-positions* assume o estatuto de **voz** tanto do EU quando do Outro. Após os encontros estabelecidos entre os *selves* A e B, houve uma troca de *vozes* entre ambos que passam a compor o universo polifônico interno de cada qual, mesmo com a finalização do encontro. Se concebermos ‘isoladamente’ o *Self-B* (Ícaro), apenas para efeito de compreensão do que expomos, verificaremos que houve a internalização da *voz do outro* (as *I-positions* do *Self-A*), representadas por C e D, conforme apresentamos na figura 63:

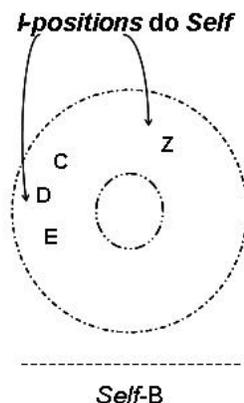


Figura 63: Internalização da voz do Self-A (Sarah) no Self-B (Ícaro)

Então compreendemos que Sarah, enquanto suas *I-positions* virtuais da sala de bate-papo, já 'está' 'dentro' de Ícaro, o Outro portanto não é mais concebido como alguém do lado de fora, mas como parte do *Self*. E nessa inclusão do Outro dentro de um *Self* não concebemos uma imagem estática, uma lembrança, mas como uma voz que dialoga e se move no espaço imaginário interior do *Self*, na construção das expectativas do próximo encontro, das novas perguntas e das novas respostas, sempre em direção ao futuro. Isso permite que  NPM (reconheça   $\text{!}\$â\text{€}\text{¥}\text{!}\cdot\text{sz}\text{-}^*$  dentro da *situação* constituída na *interação focada* que analisamos.

Quando Bakhtin (2003e, p. 349) afirma que “o homem existe em realidade nas formas do *eu* e do *outro* (‘tu’, ‘ele’ ou ‘man’) refere-se à natureza dialógica<sup>125</sup> do homem que somente existe a partir das interações, dos diálogos, no *campo das fronteiras* em que assimilamos a palavra alheia na condição de *voz do outro* que passa a ser também nossa. Em seus *Apontamentos* escritos entre os anos de 1970-1971 ele apresentará a seguinte inquietação sobre a relação Eu-Tu, Eu-Outro: “o reflexo de mim mesmo no outro empírico, através do qual preciso passar para sair na direção *do eu-para-mim* (poderá esse *eu-para-mim* ser só?)” (2003d, p. 373) e complementarà adiante: “A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros (...). Como o corpo se forma inicialmente no seio (corpo) materno, assim a consciência do homem desperta envolvida pela consciência do outro.” (2003d, p. 374). Numa

<sup>125</sup> Esse posicionamento epistemológico e ontológico bakhtiniano é fundamentado, também, na base filosófica de Martin Buber com a sua abordagem existencial dialógica da vida humana. Ao ler os livros de Buber *Eu e Tu*, *Do diálogo e do Dialógico* e *Sobre comunidade*, encontramos muitas das premissas de Bakhtin para a formação do dialogismo que ficou muito mais conhecido por ele. É importante destacarmos tal aspecto de uma anterioridade de discussões sobre o dialogismo, retirando uma certa aura de adamicidade atribuída a Bakhtin, sem que estejamos retirando-lhe todos os méritos como filósofo, linguísta e pensador com sua contribuição para os estudos da linguagem e do ser.

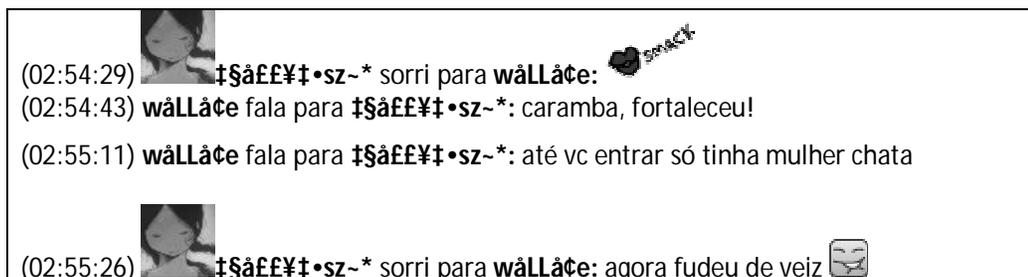
perspectiva dialógica bakhtiniana o Outro como *voz* assume, desde o princípio, posições internas que constroem a concepção íntima de *Self*, de modo que somente pela relação EU-Outro é possível a emergência e constituição de uma subjetividade.

A apropriação (internalização) da *voz do Outro* ocorre num complexo processo que se estabelece no *campo das fronteiras* (EU-Outro) em direção à *infinitude interior* (2003b, p. 190), num movimento de múltiplas posições ou múltiplas vozes internas (polifonia) que Bakhtin considerou ocorrendo num *perpetuum mobile* (2004b, p. 339 e 373): “o infinito do diálogo externo se manifesta com a mesma claridade matemática que manifesta o infinito do diálogo interior” (2004b, p. 373). Para se referir à *voz do Outro* dentro de si mesmo Bakhtin utilizou uma metáfora freqüente em seu estudo sobre a obra de Dostoiévski: ‘homem dentro do homem’, ‘homem do subsolo’, mas não no sentido individual (o que seria um reducionismo à idéia do *humúnculo*, como um eco em nossa consciência de nossa própria voz ou da voz de uma pessoa: não, não seria isso) e sim no sentido coletivo de múltiplas vozes que dialogam num cenário imaginário interior. Deriva dessa perspectiva bakhtiniana toda a *Teoria do Self Dialógico* de Hermans para admitir em sua tese de que temos uma *minisociedade* na mente, ou seja, a mente é constituída das múltiplas vozes (do EU e dos Outros) configurando uma noção dialógica do *Self* (Hermans & Dimaggio, 2007; Hermans & Salgado, 2010). A esse respeito Hermans e Hermans-Konopka (2010, p. 7) farão os esclarecimentos distinguindo o termo ‘*self dialógico*’ de ‘voz interior’ ou de ‘voz interna’ (termo bastante discutido em Psicologia), porque o *self dialógico*:

1. é explicitamente multivocalizado (em vez de monovocalizado), originado das vozes próprias e alheis de diferentes níveis sociais e culturais;
2. admite que as vozes são não somente ‘privadas’ mas ‘públicas’ e elas falam através da boca dos falantes;
3. não é baseado num dualismo EU-Outro, como se o Outro (indivíduo ou grupo estivesse fora), conceitualmente o Outro está dentro do *Self*, passa a ser parte dele estendido para o ambiente;
4. é não somente verbal, mas também não-verbal.

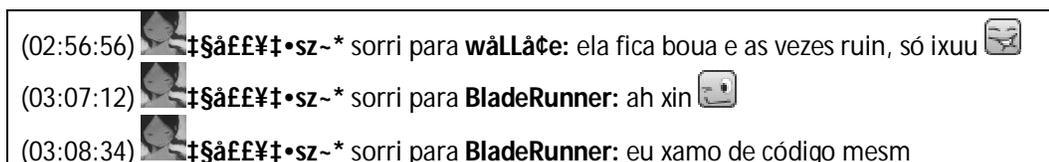
Na perspectiva bakhtiniana, de fato, o *Self* encontra-se povoado da palavra alheia, da *voz do Outro*, das *I-positions* de outros *selves*: “o próprio pensamento já encontra a palavra povoada.” (2003b, p. 295).

Vimos até agora como algumas pessoas do *chat* identificaram *Sarah* por sua *aparência* (Goffman) dentro de uma perspectiva do dialogismo bakhtiniano e do *self dialógico* (Hermans). Em outra passagem desse set etnográfico flagramos uma outra marca identificatória de *Sarah*, através de seu estilo ou *maneira* de falar (*disparidade* através dos vocábulos pornográficos):



*Sarah* logo ao entrar na sala faz a saudação endereçada a **WALLACE** que responde entusiasticamente pela sua chegada, afirmando que até aquele momento “*só tinha mulher chata*” na sala de bate-papo. A resposta de *Sarah* é uma forma de amenizar a expressão do colega diante das outras mulheres na sala e ao mesmo tempo busca um certo eufemismo<sup>126</sup> mas utilizando das expressões de tom pornográfico: “agora fudeu de vez...”, complementando o enunciado com uma face (*emotion*) de sorriso.

Com referência à *maneira* que compõe sua *fachada pessoal* no que diz respeito ao estilo da fala (troca de **S** por **X**), também é flagrante em vários momentos de sua presença no *chat*:



*Sarah* revela sua *maneira* de falar quando afirma ‘ixuu’ (isso), ‘xin’ (sim) e ‘xamu’ (chamo). Este conjunto de marcas pessoais no *chat* oferece indicativos para o reconhecimento de *Sarah* mesmo utilizando *nickname* diferente e contribuem para evidenciar o caráter da dramaturgia, do aspecto teatral que se manifesta também no contexto *online*. *Sarah* enquanto participante no ambiente virtual do *chat* assume essa ‘face’, utiliza uma ‘máscara’, ‘encarna’ uma personagem pela qual é identificada nesse espaço sociocultural.

<sup>126</sup> Figura de estilo com que se disfarçam as ideias desagradáveis por meio de expressões mais suaves

O modelo dramaturgico de Goffman (1959/2007 e 1963/2010) utilizando para observar o comportamento *Self* no cotidiano bem como em lugares públicos permitem compreender como ocorrem também no *chat* as formas variadas de representação do *Self*, evidentemente com algumas limitações impostas pelo ambiente virtual. Estamos sempre representando na vida cotidiana, conforme os contextos e **situação** sociais, ou seja, estamos sempre assumindo ou interpretando papéis sociais nas várias situações da existência humana e participando do grande 'jogo social' em que todos aceitam e participam. Admitindo a dimensão *online* numa perspectiva de *continuum* da dimensão *offline*, as práticas sociais e a linguagem são utilizadas de modo semelhante, ocorrendo adaptações e transposições, emergindo inclusive novos gêneros e novas formas de interação sociodiscursiva (Marcuschi, 2005; Araújo, 2006a; Oliveira, 2007). Mesmo no *chat*, no ambiente virtual, assumimos este caráter dramaturgico da existência social, embora com uma ênfase de maior liberdade de expressão o que garante e sustenta um aspecto predominante de carnavalização como estética de percepção, ação e interação. Bakhtin fará referência ao teatro e à representação teatral em:

- *Metodologia das ciências humanas* (1930/2003): “os problemas concretos dos estudos da literatura e da arte, vinculados à inter-relação do ambiente e do horizonte, do eu e do outro; as questões das zonas; a expressão teatral” (p. 394). “O tempo do espetáculo teatral e suas leis” (p. 407)
- *A cultura popular[...]* (1965/1987): “[o carnaval] se situa nas fronteiras entre a arte e a vida. Na realidade, é a própria vida apresetnada com os elemntos característicos da representação. (...) uma forma concreta (embora provisória) da própria vida, que não era simplesmente representada no palco, antes, pelo contrário, vivida enquanto durava o carnaval.” (p. 6)

Por admitir uma perspectiva de representação teatral, Goffman (1959/2007, p. 25) propõe que: “quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles”, ou seja, nós estamos constantemente assumindo papéis e os interpretando no cotidiano em conjunto com todos os membros da comunidade na qual vivemos. Há um caráter promissório de acordo entre todos nós de que assumiremos diversos papéis ou *I-positions* conforme serjam os contextos sociais em que nos encontremos: assim tanto poderemos assumir uma linguagem e um vestuário diferenciados numa cerimônia de casamento, em um funeral ou em um dia de lazer na praia.

O que vestimos, o modo como falamos, os gestos, bem como o comportamento em geral interpretado por uma pessoa em um dia ensolarado de férias, na praia, não é o mesmo esperado numa cerimônia fúnebre. No período carnavalesco esta troca de comportamento seria admissível, pois são comuns os ‘enterros’ simbólicos dos políticos ou de personagens da ficção, por exemplo, como também são aceitáveis os travestimentos de um ‘padre’ de batina aberta expondo-se com uma sunga de banho de mar.

Transportando o modelo dramaturgico para a sala de bate-papo detectamos uma verdadeira *carnavalização* no sentido de transgressão a vários comportamentos que são comumente esperados nos contextos *offline* moldados com seus protocolos já estabelecidos:

- ruptura com as hierarquias (não há respeito à normas gramaticais ou regras de polidez)
- quebra dos protocolos de fala e escrita (os turnos dos falantes são misturados com as falas de todos, há erros de grafia, abreviações, exagero nas ambigüidades dos enunciados mal escritos),
- violação de alguns protocolos sociais de cordialidade (agressões, ironias, obscenidades)

Mesmo numa perspectiva do *continuum* da dimensão *offline* em direção à dimensão *online*, faz-se importante considerar que se nos demais contextos *offline* existem regras de comportamento e modos diferenciados de atuação do indivíduo, também encontraremos nos contextos *online* princípios semelhantes e também outros, muito diferentes, que orientam o comportamento pessoal e de grupo. Conforme vimos em alguns extratos desse set etnográfico,

quando da entrada de  t\$âff¥†•sz~\* na sala de bate-papo, o comportamento social de saudações e de reconhecimento ocorreu de modo semelhante dentro de um pequeno grupo no *chat*, como aconteceria numa roda de amigos conhecidos nos contextos sociais *offline*. Até certo ponto, por isso mesmo, é possível aplicarmos a terminologia de Goffman quanto a *ajuntamento, situação, interação focada e interação desfocada, fachada pessoal, maneira, aparência*.

Durante os dois sets etnográficos foi possível identificarmos *Sarah* por seu estilo comportamental, mesmo utilizando *nicknames* diferenciados, ou seja, mesmo ela utilizando ‘máscaras’ ou ‘faces’ não coincidentes, mas que transmitem algumas informações sobre si

mesma. Quanto a este movimento de *transmissão proposital* de informação pessoal ou de *simples emissão despreocupada* de informação sobre si mesmo Goffman (1959/2007 e 1963/2010) tomará como sendo básica para a construção do *Self* e das suas representações. Ele (1959/2007, p. 12) considera que a expressividade de um indivíduo pode ser dos dois modos acima mencionados, ou seja:

1. expressão que o indivíduo endereça e dirige: tendo caráter proposital sobre si mesmo, mais comum na forma escrita, mas também se aplica ao cotidiano quando controlamos o comportamento pessoal diante dos outros e conforme os contextos sociais.
2. expressão que é encontrada no indivíduo: tendo caráter despreocupado por parte do indivíduo, sendo sintomático, ‘espontâneo’ e permitindo várias interpretações encontradas não exclusivamente na fala oral e/ou escrita mas nas expressões não verbais.

Todavia, Goffman (1959/2007, p. 12) adverte que esta é apenas uma distinção inicial que deve ser levada em consideração, mas não tem caráter absoluto, porque em ambas os tipos o indivíduo pode transmitir informação falsa a respeito de si mesmo: no primeiro caso implica em uma fraude, porque o propósito primeiro é enganar o outro; no segundo caso, em dissimulação, porque o móvel é um certo fingimento, dizendo algo numa direção mas tendo um sentimento oposto em relação ao que foi dito. Nos *chats* estas duas implicações convivem intrinsecamente dentro de um âmbito de ambigüidade, frequentemente não se tendo a certeza do que o outro esteja falando, se esteja fraudando ou dissimulando. Em sua obra posterior, *Comportamento em lugares públicos*, Goffman (1963/2010, p. 23-24) vai ser mais específico nos dois tipos propostos, afirmando que um indivíduo pode dar informações de si mesmo através dos meios lingüísticos (a fala, a escrita, os sinais e gestos pictóricos) e por meios expressivos. Comumente quando um indivíduo deseja comunicar-se com alguém utilizará das *mensagens lingüísticas*, por ter um caráter mais demoradamente pensado (calculado, intencional), como numa conversa, numa carta, numa palestra, numa petição etc. Quanto às *mensagens expressivas* “muitas vezes precisam preservar a ficção de que elas são espontâneas, involuntárias e não calculadas, o que é verdade em alguns casos” [grifos meus], pois se referem às expressões faciais, ao tom da voz, aos gestos em geral que produzem às marcas não-verbais da comunicação; estas são mais comuns nas comunicações orais, face-a-face.

Aqui faz-se importante destacarmos uma diferenciação que faremos à concepção de Goffman quanto às *mensagens lingüísticas* e *mensagens expressivas* quando aplicadas ao contexto das salas de bate-papo: é que não há esse linha divisória já que ambas se justapõem. Como não há uma interação face-a-face no sentido físico do corpo-a-corpo e por ser o ambiente predominantemente lingüístico (Marcuschi, 2005, p. x) naturalmente as pessoas adaptam a expressividade através das *mensagens lingüísticas*. Verificamos esse aspecto na dissertação de Mestrado em Psicologia Cognitiva (Oliveira, 2007), analisando como algumas marcas não-verbais são produzidas através das *mensagens lingüísticas*, assim produzindo níveis acentuados de ambigüidades em decorrência da forma como os enunciados são produzidos e pela perda de muitos sinais do comportamento não-verbal, inacessíveis no *chat*.

Assim, para efeito de adequação do modelo dramático de Goffman que também adotamos para esta tese, definimos dois tipos de informação sobre si mesmo que o *nickname* pode apresentar na sala de bate-papo:

1. *informação concedida*: o *nickname*, os seus endereços que compõem o circuito-weblog, os dados de perfis disponíveis no UOL-K (por extensão os perfis encontrados no circuito-weblog), as maneiras/estilos, bem como as respostas às perguntas formuladas. Tem um caráter proposital.
2. *informação encontrada*: os endereços de seu circuito-weblog que são dados na sala sem a finalidade de serem rastreados, as maneiras/estilos. Tem um caráter mais espontâneo.

Destacamos que as maneiras/estilos tanto contemplam um tipo de informação que é concedida propositalmente quanto sem esse caráter, ou seja, espontaneamente. No caso *Sarah*, ela aparenta ter um aspecto proposital em manter sua maneira característica de falar, mesmo usando *nicknames* diferenciados. Não conseguimos visualizar uma situação em que a mesma não quisesse ser identificada, para observarmos se manteria ainda assim seu estilo de fala ou se mudaria completamente. No ambiente de *chat* isto é muito comum, no sentido de que alguém pode entrar numa sala de bate-papo com um *nickname* e, em outro momento, entrar com um *nickname* completamente diferente, assumindo e apresentando outras características (*informação concedida*): seria o caso de alguém se apresentar num *chat* com um *nickname* masculino, ser reconhecido nesse *chat* e, em outro momento, retornar à sala com um *nickname* feminino.

Ainda insistindo na pergunta sobre os motivos que a levam a construir o *nickname* de modo tão diferenciado, o pesquisador perguntou e obteve a seguinte resposta (*informação concedida*):

(03:28:44) **BladeRunner** *reservadamente* fala para **‡\$â€Ÿ†•sz~\***: por que vc usa esses ornamentos no seu nick.....apenas curiosidade....é que mal dá pra ler o nick...  
  
 (03:29:58) **‡\$â€Ÿ†•sz~\*** sorri para **BladeRunner**: non xei..cda um eu uso me lembra uma coisa diferente rs

Como afirmamos anteriormente (p. 160) no estatuto da subjetividade do *nickname* estão incluídos as qualidades, interesses, motivações, estados emocionais, desejos, bem como os pertences ou elementos que são do domínio de uma pessoa. No set anterior encontramos

*Sarah* com o *nickname*  **†õistânt vöið†** como uma referência a “*um tempo que não volta*”.

Neste set ela optou por  **‡\$â€Ÿ†•sz~\*** cuja palavra é *Sally* acompanhada de uma imagem de mangá: é o *nickname* com o aspecto revelador de uma subjetividade, mantendo um grau de estabilidade mesmo diante das mudanças. O pesquisador (**BladeRunner**) continuou em busca de outras pistas a respeito da construção do atual *nickname* de *Sarah*, tentando adivinhar o seu significado e obtendo a seguinte respostas (*informação concedida*):

(03:33:25) **BladeRunner** *reservadamente* fala para **‡\$â€Ÿ†•sz~\***: posso tentar adivinhar seu nome....deixa ver.....SA....?....NÃO NÃO....LARISSA?...?  
 (03:33:50) **BladeRunner** *reservadamente* fala para **‡\$â€Ÿ†•sz~\***: SALLIS?  
 03:33:57)  **‡\$â€Ÿ†•sz~\*** sorri para **BladeRunner**: sarah  
 (03:35:45)  **‡\$â€Ÿ†•sz~\*** sorri para **BladeRunner**: uai sally..é apelido de sarah xin..

Observamos que nessa sessão de *chat*, *Sarah* optou por escolher o apelido dado ao nome Sarah que é Sally (prática comum na língua inglesa). Tal motivação caracteriza o estilo de *Sarah* nos *chats*: apesar das mudanças na *aparência*, preserva e mantém uma *maneira* distinta na sala de bate-papo e não há preocupação dela em esconder algumas informações que se localizam no nível 2 (circuito-weblogue), como veremos adiante, ou no nível 1 do MEVERSI (seu nome, Sarah). Apresentar o nome alternativo de Sarah (*Sally*) mesmo de forma encriptada (**‡\$â€Ÿ†•sz~\***), revela o aspecto de uma tentativa de permanência de uma identidade, mesmo com as mudanças ao longo do tempo nas diversas imersões no chat do

UOL. A maioria das informações de *Sarah* foram obtidas através das suas *informações concedidas* (as respostas durante a entrevista *online*, o perfil UOL-K, bem como os dados disponíveis em seu circuito-weblog: facebook, twitter etc.)

O nome Sarah corresponde de fato ao apelidamento de Sally nas comunidades de língua inglesa: sendo um dos nomes mais comuns nos Estados Unidos da América do Norte. Na Irlanda, no Reino Unido e no Irã permanece há anos entre os maiores índices no ranking de nomes femininos. Pesquisando em um banco de dados da Internet<sup>127</sup> obtivemos a confirmação em uma enciclopédia livre (wikipedia, em inglês), quando buscamos o verbete Sarah e Sally e em dois outros sítios eletrônicos (também em inglês): o website especializado em Genealogia de *Michael John Neill* (rootdig) e o fórum *online* de linguagem (wordreference). Os resultados foram coincidentes:

- Wikipédia: *Sally, um apelido para Sarah, que em hebraico significa princesa*<sup>128</sup>
- Wikipédia: *Sally é diminutivo familiar (apelido) do nome Sarah*<sup>129</sup>
- RootDig.com: *Sally era freqüentemente usado como um apelido para Sarah*<sup>130</sup>.
- WordReference.com: *Sally foi originalmente um apelido para as pessoas chamadas Sarah. Agora é um nome próprio*<sup>131</sup>.

*Sally*, portanto, tem um significado de equivalência com o nome *Sarah* e revela um caráter de permanência da pessoa que controla o *nickname*, mesmo com aparentes alterações em sua aparência de apresentação. Estes detalhes constituem uma preocupação estético-formal, um acabamento de cunho subjetivo-pessoal dado ao nome através do qual *Sarah* se apresenta diante dos outros numa comunidade e, de alguma forma, revela um pouco mais de si mesma. Suas representações na sala e fora dele, no seu circuito-weblogue vão remeter a estes dois nomes Sarah e Sally, tornando-se um núcleo em torno do qual é possível

<sup>127</sup> Goggle, com a pergunta: ‘name sarah, nickname sally’, obtivemos várias respostas, dentre as quais selecionamos três, conforme citadas no texto

<sup>128</sup> Texto original no verbete Sally: *Sally, a nickname for Sarah, which is Hebrew for princess* (tradução minha no corpo do texto). Disponível em: <<http://en.wikipedia.org/wiki/Sally>>. Acesso em 20/10/2011

<sup>129</sup> Texto encontrado no verbete Sarah: “*Pet forms of the name are: Sally, Sadie.*” (tradução minha e citação indireta no corpo do texto). Disponível em: <[http://en.wikipedia.org/wiki/Sarah\\_%28given\\_name%29](http://en.wikipedia.org/wiki/Sarah_%28given_name%29)>. Acesso em 20/10/2011.

<sup>130</sup> Texto original: “*Sally was frequently used as a nickname for Sarah.*” (tradução minha no corpo do texto). Disponível em: <<http://bit.ly/IeCBFc>>. Acesso em 20/10/2011.

<sup>131</sup> Texto original: “*Sally was originally a nickname for people named Sarah. Now it's a name in its own right.*” (tradução minha no corpo do texto). Disponível em: <<http://bit.ly/IkdOyF>>. Acesso em 20/10/2011.

ornamentações, enfeites, mascaramentos como as imagens de animes e mangás. Também de sua parte um conhecimento e familiaridade com a língua inglesa, conforme também observado no 1º encontro com *Sarah* sob o *nickname* de ‘*distant void*’ (vazio distante).

Conexões puderam ser estabelecidas entre o *nickname* que *Sarah* utilizou nestes dois set etnográficos em relação com o seu perfil no UOL-K, como veremos a seguir. Foi nesta sessão etnográfica que também buscamos acessar as informações do circuito-weblog de *Sarah*, clicando em seu *nickname* no ambiente público da sala e obtendo o endereçamento do seu UOL-K. Este passo investigativo foi importante para a primeira montagem das suas demais representações fora do *chat*. Aqui destaca-se o caráter duplo dessa *informação*: tanto concedida quanto encontrada, seguindo os passos de Goffman. Informação concedida porque as informações contidas no seu perfil de UOL-K são de sua autoria e de caráter público como um forma de autoreferência. Informação encontrada porque é viabilizada pelo sistema da sala de bate-papo UOL de modo que qualquer pessoa, caso queira consultar, basta clicar com o mouse sobre o *nickname* de outra pessoa, acentuando um caráter motivador e de iniciativa do *investigador* ou do *curioso* em buscar informações.

Derivado de seu *nickname* na sala Tema Livre-1(A) do UOL foi possível acessar o endereço eletrônico de *Sarah* no UOL-K, assim conhecendo um outro perfil dela fora do nível 3 (*chat*). Utilizando o MEVERSI, todos os outros perfis espelhados na rede do ciberespaço constituem seu circuito-weblog localizados no nível 2: Facebook, Orkut, Twitter etc. A seguir temos uma imagem do perfil de *Sarah* no UOL-K (nível 2 do MEVERSI):

The screenshot displays the UOL-K profile page for a user named Sarah F K. The page layout includes a header with navigation links like 'BUSCAR', 'BATE-PAPO', 'E-MAIL', 'SAC', 'SHOPPING', and 'ÍNDICE PRINCIPAL'. Below the header, there are links for 'Meu UOL K', 'Meus Amigos', 'Minhas Mensagens', and 'Minhas Comur'. The main profile area shows the user's name '.sarahpumpkins.' and a bio 'there's a whole generation, coming to be discovered'. The profile picture is a cartoon-style illustration of a girl with dark hair. To the right of the picture, there are 44 'fãs' (fans) and an 'Online' status indicator. Below the picture, there are several action buttons: 'Perfil', 'Fotos', 'Adicionar como amigo', 'Enviar mensagem', 'Escrever recado', 'Enviar cartão', 'Escrever depoimento', and 'Denuncie'. The 'Interesses' section is expanded, showing the following details:

Nome:	Sarah F K
Descrição:	:B nyoi
Endereço (URL):	<a href="http://sarahpumpkins.uol.com.br/">http://sarahpumpkins.uol.com.br/</a>
Sexo:	feminino
Idade:	29 anos
Altura:	1,60m a 1,65m
Orientação sexual:	heterossexual

**Figura 64:** UOL-K de Sarah (<http://perfil.uol.com.br/sarahpumpkinsz>)

Vários traços de um *Self* que se fez representar na sala de bate-papo através de *nicknames* diferenciados emergem também aqui em seu perfil do UOL-K (figura 64):

- Uso de imagens de anime/mangá;
- Expressão do nome *Sarah*, agora acrescentado de mais duas letras **F** e **K** (ver seta);
- *Nickname* tendo como parte principal o nome *Sarah* sendo adicionado uma outra expressão em inglês: *pumpkins*<sup>132</sup>(tradução: abóbora)
- Uma frase pessoal (em inglês): “*there's a whole generation, coming to be discovered*” (há toda uma geração, vindo a ser descoberta)

Neste perfil do UOL-K, *Sarah* utiliza novamente uma imagem de anime ou mangá e acrescenta ao seu nome já conhecido (*Sarah*) a palavra inglesa *pumpkins* (abóbora). Vejamos comparativamente as conexões do seu perfil do UOL-K com o seu *nickname*:

#### Perfil UOL-K



#### Nickname no chat UOL



Observemos que os traços de permanência entre as duas formas de representação de si mesma são: 1) a imagem do anime/mangá; 2) o nome *Sarah* por correspondência sônica com *Sally*. Então, utilizando o MEVERSI como modelo de observação multinível, verificamos que *Sarah* consegue permanecer no nível 3 (*chat*) com alguns traços que lhe são característicos, sendo que tais são preservados ou mantidos também no nível 2 (perfil do UOL-K), um primeiro perfil encontrado de seu circuito-weblogue. Mais uma vez identificamos o critério *primário da carnavalização* (excentricidade) sendo atendida através do mascaramento, das ornamentações e enfeites que são postos no *nickname* e perfil (imagem, palavras em inglês, encriptamento de palavras). Decorrente desse princípio identificamos, naturalmente, um *princípio secundário da carnavalização*: o *dramatúrgico*. A todo momento percebemos que *Sarah* está utilizando representações de si mesma, em diversos ambientes

<sup>132</sup> A expressão é mais comum como Sallypumpkin remetendo ao imaginário folclórico americano do dia das bruxas em que a abóbora é personificada como uma jovem enamorada, uma fada madrinha que traz boas novas. Também o termo é decorrente do desenho animado de Charles M. Schulz, no qual Charles Brown, Snoopy, são um dos personagens principais juntamente com sua irmã, Sally.

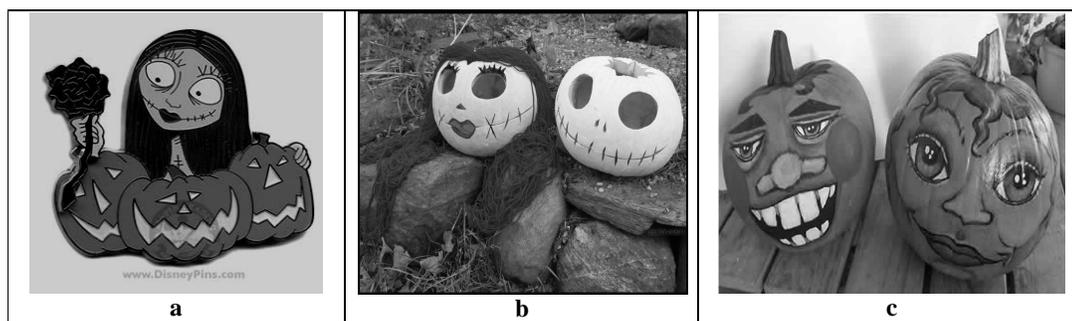
*online* e, em tais representações diferentes, é possível identificarmos elementos comuns que fazem parte de um ‘núcleo’ permanente em *Sarah*.

Este processo, a primeira vista, pode ser concebido como individualizado, como uma simples escolha aleatória e pessoal de *Sarah* para compor suas formas de representação. No entanto, sob a perspectiva da carnavalização que preserva a liberdade individual e, ao mesmo tempo, também preserva os aspectos da integração, ou seja a junção das antinomias indivíduo-multidão, unidade-multiplicidade, monofônico-polifônico, é possível ‘ouvirmos’ e ‘vermos’ no perfil de *Sarah* do UOL-K, por exemplo, assim como em seu *nickname*, as *múltiplas vozes dos outros* que ela assimilou, mas reelaborou, reconstruiu e lhe deu seu tom valorativo pessoal (e aqui nós percebemos a idéia de um certo ventriloquismo, mas não reducionista, que Bakhtin propôs ao afirmar que falamos pela *boca dos outros*, ou que os outros falam *por nossa boca*; o estilo, o aspecto individual é preservado, apesar de tudo). A esse respeito merece ouvirmos a voz bakhtiniana:

Eis por que a experiência idscursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de *assimilação* – mais ou menos criador – das palavras *do outro* (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos. (Bakhtin, 2003a, p. 294-295)

Um estudo quanto a isto merece ser realizado quando verificamos a palavra inglesa *pumpkins* neste perfil do UOL-K. É possível alguma conexão com esta palavra (*pumpkins*) em meio a outras utilizadas por *Sarah* na arquitetônica de suas imagens ou formas de representação? Qual o sentido do termo ‘abóbora’ no perfil de *Sarah*? Por que chamar-se: ‘*Sarah-Abóbora*’ (*Sarahpumpkins*)? Que vozes ecoam sobre esta palavra, em torno dela e por ela, fazendo-se refletir e refratar-se no uso que *Sarah* faz dela? Seria apenas uma opção pessoal, individualizada e exclusiva dela mesma? Acreditamos que não. Para tentar responder a estas questões buscamos algumas referências do conhecimento popular para a nova adjetivação encontrada no *nickname* de *Sarah* em seu UOL-K: *pumpkins* (abóboras).

Primeiramente, ao analisarmos a imagem e o *nickname Sarahpumpkins* utilizada em seu perfil UOL-K (figura 64) verificamos que foi utilizada uma imagem de anime/mangá, oriunda da cultura japonesa. Mas ao nominar essa imagem com o estranho nome *Sarahpumpkins* é possível recorrermos ao imaginário popular e folclórico norteamericano do *Halloween*, para descobrimos que *Sallypumpkins* é uma das personagens mais conhecidas da juventude que compõe esta cultura ocidental, como apresentadas em algumas das figuras abaixo (figura 65) onde é possível identificarmos hibridismos com as imagens de anime/mangá (pelos olhos grandes):



**Figura 65:** Imagens referenciadas com o nome *Sally pumpkins halloween* (Google imagens<sup>133</sup>)

Ao construir sua imagem no perfil do UOL-K *Sarah* utiliza dois símbolos de culturas diferentes (japonesa e americana) e remodela-os para a construção de sua ‘face’ como *Sarahpumpkins*: o uso da imagem de anime/mangá adicionado à palavra *Sarahpumpkins* (com equivalência para *Sallypumpkins*) constitui um flagrante de uso individual de elementos simbólicos culturais representativos de culturas diferentes, os quais trazem encapsulados significados amplos como vozes que ecoam para dar sentidos e somente sentidos *acentuados* para aqueles que compartilham algum conhecimento sobre tais elementos simbólicos (aperceptibilidade).

Além desse detalhe observado, analisamos outras conexões quando encontramos na turma dos personagens de *cartoon* de *Snoopy* e *Charles Brown*, a irmã deste, chamada *Sally* que nas histórias de seu autor, Charles Monroe Schulz, acreditava no *Great Pumpkins*, semelhante ao Papai Noel (*Saint Claus*) que distribuía presentes para as crianças. Ampliando o espectro de conexão cultural e global, verificamos que diversas personagens da ficção utilizaram também a abóbora (*pumpkin*) em seus enredos: no conto infantil de *Cinderela* existe uma abóbora que foi transformada em carruagem e no livro/filme *Harry Potter* o suco

<sup>133</sup> Observar que utilizamos o verbete *Sally* e não *Sarah*. As imagens obtidas estão disponíveis em: a) < <http://bit.ly/IbX4tR> >; b) < <http://bit.ly/If8N9H> >; c) < <http://bit.ly/168yNP> >

de abóboras é a bebida preferida em *Hogwart's School of Witchcraft and Wizardry* (Escola Hogwarts de Magia e Bruxaria).

A seguir reproduzimos algumas imagens relacionadas à abóbora (*pumpkins*) em várias culturas e no mundo da arte, incluindo entre elas uma imagem do anime/mangá utilizado por *Sarah* em seu perfil UOL-K assim como uma imagem da personagem de *cartoon*, *Sally Brown*, dentre outras:



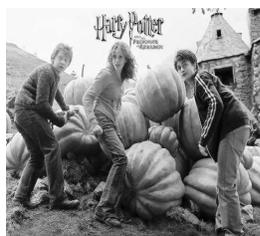
anime/mangá (a)



Halloween (b)



Sally Brown (c)



Harry Potter (suco) [d]



Cinderela (carruagem) [e]



Linus (Great Pumpkin) [f]

Figura 66: Imagens relacionadas à abóbora (*pumpkins*), obtidas no Google imagens<sup>134</sup>

Estas imagens foram obtidas no banco de imagens do Goolge. As figuras da primeira linha apresentam as imagens de: anime/mangá (66a) escolhida por *Sarah* da cultura japonesa; um trabalho de arte da cultura norteamericana (66b) sobre *Sallypumpkin* (dia das Bruxas) e uma imagem de *Sally Brown* (66c), a irmã de *Charles Brown* do *cartoon*. Estas três últimas imagens citadas remetem a uma concepção sígnica de face com alguma similaridade: os traços dos olhos e da boca em 66a e 66c; os traços da boca em 66a, 66b e 66c. Os aspectos de anime/mangá permeiam significamente entre as três imagens.

Nas ilustrações 66d, 66e e 66f observamos a imagem da abóbora (*pumpkins*) como elemento coadjuvante dos cenários e personagens do enredo ficcional de *Harry Potter*, de *Cinderela* e da turma de quadrinhos de *Soopy/Charles Brown*. Todas tem como elemento central a imagem da abóbora, conforme os variados contextos.

<sup>134</sup> Observar que utilizamos o verbete 'pumpkins' no banco de imagens obtidas disponíveis no Google:  
66a) < <http://perfil.uol.com.br/sarahpumpkinsz> > ; 66b) < <http://bit.ly/Keyd3u> > ; 66c) < <http://bit.ly/Ikubeh> > ;  
d) < <http://bit.ly/Itst8X> > ; 66e) < <http://bit.ly/I8zVDu> > ; 66f) < <http://bit.ly/ISKvjP> >

Ao escolher e utilizar tais imagens como forma de representação de si mesma, *Sarah* funciona como porta-voz também de vozes coletivas: da cultura norteamericana e da cultura japonesa. Sobrepondo-se às estas vozes existem as suas próprias vozes, caracterizadas pelos tons valorativos-emocionais, pelos juízos de valor, pela opções de escolhas, pela maneira como ela vai reelaborar e reacentuar as vozes alheias, construindo seu *estilo* na caracterização de seu próprio *nickname* ou representação enquanto sua atuação *online*.

Mais impressionante nesse conjunto de dados encontrado neste 2º encontro com *Sarah* foi o *repertório* de imagens de animes/mangás que ela possui no seu perfil do UOL-K. Durante as primeiras investigações etnográficas encontramos um *repertório* de mais de 3.000 imagens desse tipo. Mas como só poderemos utilizar os dados disponíveis após a data de liberação do Comitê de Ética da UFPE, que somente ocorreu em outubro de 2011, então quando acessamos o endereço do UOL-K de *Sarah* nas datas subseqüentes, encontramos um *repertório* de com apenas 117 ‘faces’ ou ‘máscaras’ com as quais ela se ‘reveste’, ‘encarna’, ‘incorpora’ para entrar no *chat* Tema Livre-1 (A) do UOL. A seguir algumas das imagens desse repertório que considero como pré-programações das suas *I-positions* constituintes do seu *repertório* de mudança e permanência que compõem o movimento de representação de um *Self* na sala de bate-papo:

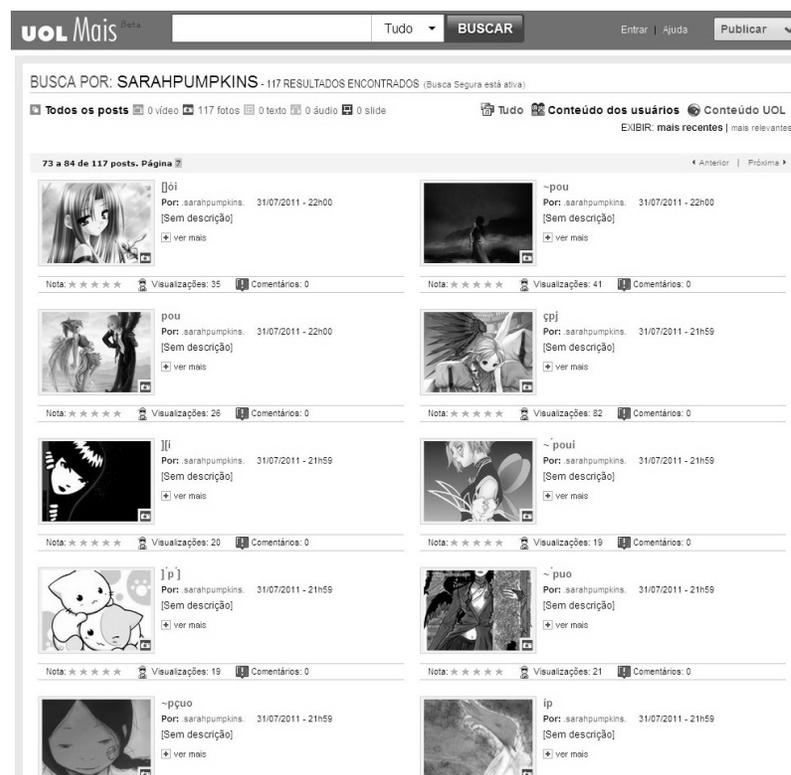


Figura 67: Parte do repertório de imagens de animes e mangás de *Sarah*

Observemos na última linha da figura 67 uma das imagens (ver seta) que foi utilizada por Sarah para compor o seu perfil UOL-K naquele momento (figura 64), inclusive a mesma imagem que estava sendo utilizado na sala de bate-papo como parte de seu *nickname*:



Por repertório das *I-positions virtuais* entendemos o conjunto de imagens, textos bem como elementos simbólicos que são utilizados como formas de representação do *Self* na Internet. A interpretação que damos a esse repertório não está reduzida a uma percepção de uma imagem estática, de um simples enunciado de *chat* ou de uma autoreferência de um perfil de rede social, mas sim à expressividade do *Self* nos vários níveis de atuação (*chats*, circuito-weblogue) nos quais é possível ouvir as *vozes dos Outros* de forma estilizada (o ventriloquismo bakhtiniano). Ao mesmo tempo, enfocamos no *repertório* o grau de conexão entre as *I-positions* de modo que seja possível identificar momentos de mudança e momentos de permanência, num fluxo de múltiplas posições de representação.

Dessa forma enfatizamos que o imaginário feminino é predominante no espaço simbólico das *I-positions* de Sarah em suas representações no *chat* e no *repertório* de imagens e nominações do seu UOL-K. Neste seu perfil não é possível observar a dinâmica comportamental como o que verificamos etnograficamente na sala de bate-papo Tema Livre-1 (A) do UOL, em que uma movimentação de interações provoca responsabilidades e muitos outros traços da personalidade emergem e se revelam<sup>135</sup>. Um destes traços que surgiu na sala de bate-papo do UOL foi a irreverência de Sarah, caracterizando o *princípio primário da carnavalização* das *disparidades* que admitimos como um dos critérios de verificação e análise para esta investigação, evidenciado pelo uso de palavrões, os quais estão ocultos, não aparecem no seu perfil do UOL-K.

Os princípios da carnavalização apresentados por Bakhtin nas obras de Dostoievski e Rabelais evidenciam-se com todas as forças nos contextos sociodiscursivos da Internet. No *chat* é possível identificarmos o aspecto universal do carnaval permitindo que o *Self* se faça representar de forma também carnavalizada no sentido da mais evidente liberdade de expressão, de criatividade e de abertura para o novo. Aqui também é possível refletir os

<sup>135</sup> Goffman (1963/2010) destacou essa marca ao distinguir mensagem lingüística e mensagem expressiva. E nós defendemos que no *chat*, estas duas formas de mensagens estão justapostas. Diremos que no perfil das redes sociais caracteriza-se uma mensagem mais **lingüística**, porque mais meticulosamente pensada antes de ser escrita; enquanto que no *chat*, temos uma mensagem mais **expressiva**, caracterizada pela espontaneidade e pela imediaticidade responsiva dos das falas que se aproximam de uma comunicação face-a-face.

aspectos da individualidade/coletividade, local/global, unidade/multiplicidade que se manifestam na construção e representação do *Self* conforme as discussões recentes de Hermans sobre o *self dialógico* na era global e digital (2004). Os exemplos apresentados de imagens que compõem o imaginário da cultura popular norte-americana (*Halloween*) e japonesa (animes/mangás), principalmente entre os jovens, com todo o caráter folclórico, portanto carnavalizado, foram flagrados na construção do *nickname* de Sarah como forma de sua representação no *chat* e no perfil do UOL-K. Diremos que na construção da representação virtual do *Self* convergiram reflexos (vozes) de duas culturas distintas: americana e japonesa. Hermans e Dimaggio (2007, p. 49) vão propor uma concepção de três níveis para estudar o *Self* e a identidade, em tempos de globalização e tecnologias emergentes: global, local e individual. Eles admitem que a globalização cada vez mais conduz à emergência de uma multiplicidade de vozes culturais e dentro de um mesmo indivíduo (2007, p. 52). Neste ponto será possível fazermos relação também com as inquietações de Santaella (2007) ao questionar sobre o fim do estilo e do autor nos tempos do pós-humano, porque inevitavelmente observamos como a questão da estilização também reflete ressonâncias coletivas aqui.

Como dissemos anteriormente, no *chat* foi possível registramos o comportamento carnavalizado da disparidade em Sarah, com suas falas inesperadas com traços de obscenidades, algo não percebido ou que está oculto em seu perfil do UOL-K bem como nos demais perfis que veremos adiante. Na dinâmica das interações imediatas, síncronas, existentes numa sala de bate-papo é possível tais flagrantes pela espontaneidade das falas, pela responsividade imediata que se exige e se estimula (*mensagens expressivas* de Goffman). Ainda assim, contudo, é possível encontramos outros elementos no perfil do UOL-K de Sarah que pode fazer sentido, quando confrontado ao seu comportamento do *chat*. Quer dizer, se nós olharmos apenas superficialmente e isoladamente o perfil, não conseguiremos a percepção da totalidade, fazendo-se necessário concebermos as representações do *Self* como sendo múltiplas posições embora no sentido de unidade. Dessa forma, analisar apenas um perfil de rede social de uma pessoa ou suas falas e seu *nickname* num *chat*, de forma isolada nestes ambientes, por exemplo, não é suficiente para a compreensão do *Self*. Um estudo mais amplo a fim de capturar as *I-positions* do *Self* em vários ambientes *online* faz-se preciso, a fim de que sejam capturados momentos de ação e atuação onde seja possível visualizar aspectos de mudança e permanência.

A partir da concepção de múltiplas vozes que ecoam no *Self* (multivocalidade) analisemos o perfil de Sarah no UOL-K, tomando como referência o seu comportamento

carnavalizado de disparidade (as repentinas tiradas com tons obscenos) que foram detectadas no chat do UOL, mas que não são ‘visíveis’ no perfil do UOL-K. Considremos as ‘vozes’ que ecoam em caráter de ressonância e que apresentamos em forma de imagens (figura 66):

*Sarah* → *Sally* → *SarahPumpkins* → *SallyPumpkins* → *Halloween* →  
→ *Great Pumpkins* → *Sally Brown*

Escolhamos a ‘voz’ de *Sally Brown*, a irmã de *Charles Brown* do *cartoon* de Charles M. Schulz. Seu ‘perfil psicológico’ pode ser assim identificado<sup>136</sup>:

1. Tem cabelo loiro e curto, freqüentemente aparece com uma flor na cabeça. Usa um vestido que pode ser azul ou rosa.
- 2. Muito crítica e séria às vezes parece uma advogada ou uma psicóloga quando fala.
- 3. Ela é muito teimosa e até que provem o contrário ela quem tem a razão, mas é generosa.
4. É apaixonada por Linus van Pelt, chama-o de "meu namorado", ele por sua vez responde "eu não sou seu namorado!".
5. Sally ao contrário das outras crianças do bairro, não se interessa muito por esportes, no caso deles o beisebol ou *basebol*.
6. Nasceu em 26 de Março, de 1959 como um bebê e logo (como alguns personagens) cresceu, ficando com 6 anos.

Destaquemos os tópicos 2 e 3 acima (ver setas) que descrevem o perfil de *Sally Brown* e encontraremos ressonâncias no comportamento de *Sarah* enquanto assumindo suas *I-positions* na sala de bate-papo:

**1º set etnográfico:**

(06:46:09)  **†ōistãñt vöið†** murmura para **www.rightxd.com**: olha quanta puta arreganhada aí, divirta-se

**2º set etnográfico:**

<sup>136</sup> Ver referências em inglês e em português no Wikipédia:< [http://pt.wikipedia.org/wiki/Sally\\_Brown](http://pt.wikipedia.org/wiki/Sally_Brown)> (português) e <[http://en.wikipedia.org/wiki/Sally\\_Brown](http://en.wikipedia.org/wiki/Sally_Brown)> (inglês).

(02:55:26)


 †\$áfF†•sz~\* sorri para wàLLâte: agora fudeu de vez 

Em *Sarah*, portanto, reverbera também a ‘voz’ de *Sally Brown* com sua maneira ‘crítica’, ‘teimosa’, mesclada com sua forma ‘generosa’. O que evidencia-se nos dados obtidos neste estudo de caso é que Sarah é uma daquelas milhares de pessoas na Internet que preserva sua verdadeira identidade no anonimato (nível 1 do MEVERSI), mas concomitantemente constitui novas formas de identificação no ambiente online, através de *I-positions* cujos movimentos declaradamente revelam uma certa continuidade, em meio às múltiplas mudanças. Não há por parte dela, preocupação em ocultar-se enquanto representação virtual do *Self*, embora preserve sua verdadeira identidade na dimensão *offline*, ou seja, sua *região de bastidores* não é revelada completamente, como veremos no último encontro com *Sarah*.

### 5.2.1.3 Terceiro Encontro

O último encontro com *Sarah* aconteceu em 20/11/2011 que apareceu com o *nickname*  »ŒŠP«(˘`•WİÑDŸ•˘). Este set etnográfico foi considerado um dos mais ricos em obtenção de informações sobre *Sarah*, inclusive com maior tempo de interação com ela, além de registros de carnavalização no *chat* entre os participantes. Após a análise desse set etnográfico foi possível observar os traços característicos (as marcas de permanência) de *Sarah* em comparação com os dois sets anteriores:

- uso de imagem de anime/mangá: 
- acréscimo de nome/palavra encriptada no *nickname*:  
»ŒŠP«(˘`•WİÑDŸ•˘)
- troca de **S** pelo **X** nas falas
- disparidades com alguns palavrões

Destacamos algumas referências que emergem da análise desses elementos.

A imagem de anime/mangá é retirada de seu álbum de fotos do UOL-K e que compõe o seu *repertório* de apresentação como formas auto-representacionais. Ante as perguntas do pesquisador (como **BladeRunner**) foi possível obter as informações concedidas de Sarah ( »ØŠP«(˘•WĨÑĐ¥•˘) sobre como encontra as imagens e o motivo pelo qual as utiliza:

(10:24:59)		»ØŠP«(˘•WĨÑĐ¥•˘) sorri para <b>BladeRunner</b> : nesse uolk tbm soh t0ein fotin dessas
(10:36:42)		»ØŠP«(˘•WĨÑĐ¥•˘) sorri para <b>BladeRunner</b> : coisa q axu no google
(10:37:30)		»ØŠP«(˘•WĨÑĐ¥•˘) sorri para <b>BladeRunner</b> : eh gostu de pesquisar elas
(10:49:40)		»ØŠP«(˘•WĨÑĐ¥•˘) sorri para <b>BladeRunner</b> : é xin, sao meigos

Em sua primeira fala não há qualquer constrangimento em fazer referência ao seu perfil UOL-K, o qual o pesquisador acessou e realiza perguntas a respeito: “*nesse uolk tbm soh t0eim fotin dessas*” (transpondo para uma linguagem tradicional, fora da linguagem do *chat*, teríamos: ‘*nesse meu UOL-K também só tem fotos dessas [imagens de animes/mangás]*’). Evidenciamos aqui, mais uma vez, que Sarah é uma daquelas pessoas que usam o *chat*, possui um outro perfil nas redes sociais e não esconde esse outro perfil virtual, embora preserve um pouco sobre sua identidade na dimensão *offline* (alguns poucos dados serão revelados, conforme mostraremos adiante). Assim, as imagens de anime/mangá ela as encontra na Internet através do buscador Google, tendo interesse por elas porque são ‘meigas’ como afirmou na entrevista no *chat* (no *repertório* das imagens de seu álbum de fotos no UOL-K somente existem imagens de animes/mangas de jovens, meninas, mulheres que inspiram o imaginário de feminilidade e inocência).

O pesquisador utilizou do instrumento do questionamento como forma de provocar interações e respostas, a fim de analisar o nível de responsividade das pessoas entrevistadas, perguntou sobre a diferença entre anime e mangá obtendo a seguinte resposta:

(10:47:51)	<b>BladeRunner</b>	<i>reservadamente</i> fala para »ØŠP«(˘•WĨÑĐ¥•˘): como é o nome desses desenhos que as meninas tem olhos grandes....que vc usa no face e aqui....?
(10:48:05)		»ØŠP«(˘•WĨÑĐ¥•˘) sorri para <b>BladeRunner</b> : anime e mangá
(10:48:20)	<b>BladeRunner</b>	<i>reservadamente</i> fala para »ØŠP«(˘•WĨÑĐ¥•˘): qual a diferença

entre anime e manga ?

(10:48:39)  »ØŠP«(˘•WĨÑĐŸ•˘) sorri para **BladeRunner**: eh animação mangá eh gibi

Em sua resposta evidencia-se um conhecimento mínimo que permite estabelecer uma diferenciação conceitual entre uma e outra forma de imagem. Ao aprofundar a pesquisa no nível 2 do MEVERSI, buscando informações no circuito-weblogue de *Sarah* foi possível identificar sua participação em várias comunidades do Orkut cujo conteúdo nuclear são as imagens e jogos de animes/mangás. Através do palavra-chave *sarahpumpkins*, *informação concedida* no perfil de UOL-K e na própria sala de bate-papo, durante este set etnográfico, foi possível encontrar o perfil de *Sarah* no Orkut (*informação encontrada*).

Abaixo reproduzimos sua confirmação de que ela, como  »ØŠP«(˘•WĨÑĐŸ•˘) nesta sessão de *chat*, já usou os *nicknames* de *Sally* e *Sarahpumpkins*, quando fez referência a outro diálogo realizado com o pesquisador:

(11:26:40)  »ØŠP«(˘•WĨÑĐŸ•˘) sorri para **BladeRunner**: axu q ce me conheceu ou com sally ou sarahpumpkins mesm

Ela mesma confirma que em outro momento se tornou conhecida diante o pesquisador com o nickname *Sally* ou *Sarahpumpkins*. Nesse momento flagramos que o uso de três nicknames diferenciados por uma mesma pessoa: *Sally*, *Sarahpumpkins* e  »ØŠP«(˘•WĨÑĐŸ•˘).

Assim, a partir desse informe confirmatório, e utilizando a palavra-chave *sarahpumpkins*, foi realizada uma pesquisa de rastreabilidade tendo o seguinte perfil localizado no macroweblogue Orkut, o qual se constitui um dos seus perfis constituintes do seu circuito-weblogue (figura 68):

orkut página inicial perfil página de scraps amigos comunidades robssantoss@yahoo.com.br Sair buscar no Orkut

ζ Brunna Martiniano ; ← 1

Mudei tudo oquei oquei? :O

scraps 400 fotos 0 fotos com ela 0 vídeos 1 fãs 0

quem sou eu: chata, grudenta, ciumentá, feia, boba, egoísta, ignorante, criança, chorona, orgulhosa, metida, etc; então, tentar ser meu amigo é complicado, mas no fim você não vai se arrepender, garanto!

local: Japão

ver perfil inteiro »

▼ vídeos recentes dela (1)

agora virei puta 3

ver todos os vídeos »

▼ depoimentos dela

thug, crazy life: Nós só quer ser feliz na favela que a gente manda. Nós apenas somos trabalhadores. :) ♡

Vidalok, ate o fim. Q

Tsubaki Aka: Que odio, não gosto desse povão aparecendo aqui mais do que eu ;-;

Te amo Saah MINHA htinha ♡

thug, crazy life: Só podia ser loira mesmo ♡ -n 4

Tsubaki Aka: Tá, okay gent, essa mina aqui me fez chorar, sua maldita, com seu maldito depoimento maravilhoso ;3; Bem, além de ter me feito chorar, você me deu uma GRANDE coisa okay? Que coisa? Sua amizade, e coisa melhor realmente não tinha como conseguir. ♡ Rimos das mesmas piadinhas, das mesmas pessoas, ou cachorro (oi Puppy q), ou até de nossas irmãs. Bem, você disse que vê um futuro para essa amizade, mas não é a única, porque eu também vejo. <3 E aí, Faculdade em Sampa, dividindo o apê de pé ainda né? Ai de você se não tiver, afinal preciso de você pra cuidar minha comidinha etc, e pra cuidar do Puppy, wee, hihi. q Bem vou resumir essa embolação toda aqui, se não fico até amanhã pra chegar nessa parte, he. Te amo guria, e espero poder sempre contar com sua amizade e você com a minha <3

ver todos os depoimentos »

promoção

OS ANIMAIS MERECEM CARINHO NÃO MALTRATE UM ANIMAL AJUDE AQUEM SÓ VEM TE OFERTAR... AME SEU ANIMAL

1 amigo promoveu isso: Dayane lane legal, promovar!

\*SPOKE SMA

crie a sua

amigos (49)

Naruto, Blazing, Dirty, The remaining, I'm with you, Yasmin, OverLive, Lorena

ver todos »

comunidades (170)

sabe oq eu quena? (5.429), choro por tudo, (218), Seu Orkut na Moda & Strandando (8.897), Tem gente enganando a gente (96), Galeria do Broguiv~ (28), Sakura, eu vii (910)

ver todas »

orkut Sobre o orkut Acesso orkut.com Blog Desenvolvedores Central de segurança Privacidade Termos de uso Publicidade Ajuda Google

Figura 68: Perfil de Brunna Martiniano, encontrado no Orkut sob a palavra *sarahpumpkin*

Reproduz-se neste perfil alguns traços comuns que já vimos em *Sarah* tanto no *chat*, quanto no seu perfil de UOL-K:

- encriptamento de *nickname*: ζ Brunna Martiniano ; (os símbolos postos antes e depois servem como uma personalização do nome, além de disfarçar rastreabilidades no filtro de buscas do Orkut; diremos que seria um encriptamento baixo, já que foram utilizados poucos ornamentos em torno do nome), ver seta 1;
- embora não utilize uma imagem de anime/mangá, no entanto já na sua página principal é possível flagrarmos vários desses elementos, através de

amigos(as) a ela associados(as) e das comunidades onde ela está inscrita (ver setas 3 e 4 na figura 68)

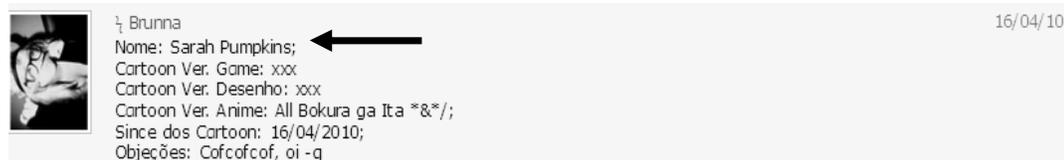
- na sua autoreferência (campo Quem sou eu) dessas autodescrições: *chata, boba, ignorante, orgulhosa, metida*, ver seta 2;
- no campo de localização, no link do perfíol, a informação é dada como sendo do Japão

Ao aprofundarmos o estudo nesse perfil, rastreando as comunidades do macroweblogue Orkut onde *Sarah*, agora como <sup>137</sup> Brunna Martiniano ; é uma participante, identificamos um número considerável de adesões dela em comunidades cuja temática são os animes/mangás. Em uma destas, VC Cartoon Version<sup>137</sup>, verificamos a participação dela, como mostrado na figura 69:



**Figura 69:** Participação de <sup>137</sup> Brunna Martiniano ; na comunidade VC Cartoon Version do Orkut

Entrando na comunidade flagramos, nas discussões do fórum sob o tópico *Register Cartoon*, a própria <sup>137</sup> Brunna Martiniano ; assumindo seu outro perfil, como *Sarahpumpkins*, como vemos na imagem abaixo, conforme identificado pela seta (figura 70):



**Figura 70:** Participação de <sup>137</sup> Brunna Martiniano ; no fórum da comunidade VC Cartoon Version do Orkut

<sup>137</sup> VC Cartoon no Orkut: <<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=98782871>>

Esta assunção num fórum público de uma comunidade Orkut, assumindo seu outro ‘nome’ como *Sarah Pumpkins*, foi um achado relevante nesta etnografia virtual neste estudo de caso, somando-se aos outros dados, para compor a investigação que realizamos sobre as formas de representação do *Self* no *chat* e, por decorrência, em outros ambientes virtuais. Ao visitar as demais comunidades de <sup>1</sup> Brunna Martiniano ; pudemos, assim, confirmar as conexões de suas *I-positions* estudadas até agora, principalmente sob o aspecto da carnavalização pelas *disparidades* assumidas por ela na sala de bate-papo (uso de palavrões); também pudemos identificar o seu conhecimento sobre animes/mangás, constituindo sua base de conhecimentos e interesses pela cultura japonesa. Para ilustrar esta observação apresentamos a seguir algumas comunidades que *Sarah*, atuando como <sup>1</sup> Brunna Martiniano ; participa no Orkut, além de associarmos com as marcas que ela leva para a sala de bate-papo como *vozes dos outros*:

**Quadro 10:** Comunidades em que *Sarah* participa no Orkut e a refração de vozes no *chat*

Comunidade do Orkut	Vozes dessas comunidades no chat através de Sarah
 <p><b>Sou uma abóbora</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Sarah Pumpkins</i></li> <li>• A carnavalização do <i>Halloween</i></li> <li>• Cultura norteamericana</li> <li>• <i>Sally Pumpkins</i></li> <li>• <i>Sally Brown (cartoon)</i></li> </ul>
 <p><b>Conexão Anime Colors – C.A.C</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Anime/mangá</li> <li>• Cultura japonesa</li> <li>• <i>Princípio primário da carnavalização:</i> excentricidade</li> <li>• <i>Princípio secundário da carnavalização:</i> dramaturgia</li> </ul>

 <p><b>Phoda é o caralho</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Princípio primário da carnavalização: disparidade</i></li> </ul>
 <p><b>Aulas de Japonês do Hiro</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Cultura japonesa</i></li> </ul>

Ao analisarmos o esquema proposto no quadro 10 enfatizamos a noção de *voz e múltiplas vozes* oriundas do dialogismo bakhtiniano e ampliadas pela *rede de dialogismo contemporâneo*. Atentos à concepção dialógica do discurso em que Bakhtin insiste que “todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva” (2003a, p. 289) e que este enunciado é “pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva” (2003a, p. 297), conseguimos perceber que as próprias comunidades do Orkut possuem ecos de outras vozes formando o grande diapasão cultural, no qual estamos imersos. Em razão disso, múltiplas vozes são ‘ouvidas’ nessas comunidades e quando *Sarah*, como uma parte dessas comunidades migra para outros ambientes virtuais como um *chat*, ela carrega consigo essas mesmas vozes, porém reelaborando-as, reacentuando-as, reconstituindo-as e dando-lhes novos valores. Diremos que em seu perfil do UOL-K e em suas falas no *chat* do UOL *Sarah* permite através de suas falas e de suas *I-positions* o eco das *múltiplas vozes* que também a constituem. Na segunda coluna do quadro 9 identificamos, assim, essas *múltiplas vozes* que são ‘ouvidas’ no *chat* através do comportamento verbal e das imagens que *Sarah* expressa.

Outro flagrante bastante freqüente no set etnográfico realizado na sala de bate-papo Tema Livre-1(A) do UOL foi o estilo da fala de *Sarah* trocando o **S** pelo **X**:

(10:11:19) »ØŠP«(˘•WÍÑĐ¥•˘) sorri para **BladeRunner**: é xin  
 (10:36:55) »ØŠP«(˘•WÍÑĐ¥•˘) sorri para **ØŠĐ ¥ŠØĒĂĐØŠ**: mordu vuxe  
 hihihiihi 📷  
 (12:43:08) »ØŠP«(˘•WÍÑĐ¥•˘) sorri para **marcelo gostoso**: quem entra ocupado  
 em xat? kkkkkkk

Esta marca identificatória de Sarah foi abundante neste *chat*, assim como flagramos seu comportamento verbal que associamos com *o princípio primário da carnavalização*, a disparidade, por conter em sua fala tons pornográficos, quando responde na sala pública às provocações da pessoa que usa o *nickname* ‘*carente cam*’:

(10:57:59) »ØŠP«(˘•WÍÑĐ¥•˘) sorri para **carente cam**: so tuas prima non, bixa  
 (10:59:48) »ØŠP«(˘•WÍÑĐ¥•˘) sorri para **carente cam**: tu eh fruta  
 (11:28:53) »ØŠP«(˘•WÍÑĐ¥•˘) sorri para **carente cam**: aceitu teu pau no lixu  
 agoraaaaaaaaa  
 (11:41:04) »ØŠP«(˘•WÍÑĐ¥•˘) sorri para **carente cam**: buceta eh sorvete?  
 (11:42:04) »ØŠP«(˘•WÍÑĐ¥•˘) sorri para **carente cam**: vai xupar teu ovu  
 (11:46:51) »ØŠP«(˘•WÍÑĐ¥•˘) sorri para **ØŠĐ¥ŠØĒĂĐØŠ**: entom peida alto sossega

Esse é vocabulário da carnavalização identificada por Bakhtin no estudo da obra de Rabelais, na qual a liberdade de expressão se destaca por usar elementos proibidos, censurados na maioria dos meios sociais. Estes vocábulos todos remetem para o baixo corporal, qualificados como pornográficos, por se referirem ao desnudamento do corpo e à exposição dos órgãos sexuais bem como aos orifícios excretores: ‘pau’, ‘buceta’, ‘ovu’, ‘peida’ são todos elementos que evocam a força da carnavalização e que são expressas por Sarah com a mesma naturalidade com que usa as imagens inocentes de animes/mangás. Essa antinomia do certo/errado, inocente/malicioso, verdadeiro/falso constituem os elementos das disparidades carnavalescas.

Quanto ao encriptamento do *nickname* neste set etnográfico, destacamos um elemento importante que caracteriza um terceiro estatuto do *nickname*: a indicação de grupos, de pertencimento a agrupamentos dentro da comunidade de *chat*. Durante a etnografia surpreendeu-nos que alguns *nicknames* possuíam elementos gráficos ou antes do nome ou depois, formando por letras do alfabeto. A princípio pensamos que seriam simples encriptamento de nicknames, como forma de diferenciação e personalização entre os muitos

*nicknames* existentes. A medida que participamos com mais frequências das imersões etnográficas nas salas de bate-papo verificamos que muitos *nicknames* possuíam os mesmos elementos gráficos. Neste set etnográfico foi explicado por alguns participantes, inclusive por Sarah, que tais elementos identificadores de *nicknames* são marcas dos grupos dentro dos chats, denominados por eles de clãs.

O *nickname* de Sarah nesta sessão de chat foi  »ØŠP«(ˆ•WÍÑĐ¥•ˆ), formando com a seguinte configuração: imagem + clã + nome. Detalhemos a seguir o *nickname* de Sarah neste set etnográfico:

Imagem	Clã	Nome
	»ØŠP«	(ˆ•WÍÑĐ¥•ˆ)

Observemos que o *nickname* está com encriptamento (elementos gráficos antes, depois e entre as palavras, além da troca das letras ou de alterações diferentes do alfabeto português-brasileiro). Mas o detalhe é quanto às três letras que são indicativas de um clã: **OSP** (encriptado fica do seguinte modo: »ØŠP«). Durante o set etnográfico foi encontrado na

sala outro *nickname* com esse modelo, pertencendo a outro clã:  ØŠD ¥\$ØEÁĐØ\$. Após questionar estas duas pessoas, elas responderam:

(10:20:49)  »ØŠP«(ˆ•WÍÑĐ¥•ˆ) sorri para **BladeRunner**: o meu eh osp o dele eh outro osd

(11:39:34) **BladeRunner** reservadamente fala para »ØŠP«(ˆ•WÍÑĐ¥•ˆ): mas ....os piratas....piratas....de que? hehehehehe

(11:39:57)  »ØŠP«(ˆ•WÍÑĐ¥•ˆ) sorri para **BladeRunner**: xei la aventureiro kkkk

---

(11:14:59)  ØŠD ¥\$ØEÁĐØ\$ fala para **BladeRunner**: e um cla

(11:15:05)  ØŠD ¥\$ØEÁĐØ\$ fala para **BladeRunner**: e nao e os e osd

(11:15:09) **BladeRunner** reservadamente fala para ØŠD ¥\$ØEÁĐØ\$: o que significa clã, aqui na sala?

(11:15:09)  ØŠD ¥\$ØEÁĐØ\$ fala para **BladeRunner**: os delinquentes

(11:15:20)  ØŠD ¥\$ØEÁĐØ\$ fala para **BladeRunner**: e nome de um grupo mano

(11:15:30)  ØŠD ¥\$ØEÁĐØ\$ fala para **BladeRunner**: o dela e osp

(11:15:33)  ØŠD ¥\$ØEÁĐØ\$ fala para **BladeRunner**: os piratas

(11:16:06)  fala para **BladeRunner**: tem varios  
 (11:16:37)  fala para **BladeRunner**: tem grupos q mexem com outros

Pelo diálogo com os entrevistados ( »ŌŠP«(·•WÍŃĐ¥•·) e  fala para **BladeRunner**) obtivemos as informações a respeito dos clãs nos *chats*. O espírito gregário do ser humano formando pequenos grupos, ou grupos dentro dos grandes grupos, a partir de vínculos mais específicos (um assunto, um time de esportes, uma localização geográfica etc.) também se manifestam nas salas de bate-papo. Como os elementos visuais e os recursos para formação de comunidades dentro do *chat* do UOL são limitados, as pessoas encontram alternativas no pragmatismo das relações sociais que ali são estabelecidas para construir novas formas de relações coletivas.

A emergência dos clãs dentro do *chat* do UOL fornece vínculos com o *princípio secundário da carnavalização*, o do ambiente público. Durante o festival da liberdade de expressão popular, no período do carnaval, predomina o lugar público, como as praças e as ruas onde acontece a convergência do povo, das multidões. Este princípio está relacionado com as rodas de diálogos, a multiplicidade das vozes, celebrando o encontro, a ruptura das distâncias, das fronteiras e limites. Contudo, não podemos entender esse movimento como desestruturador das pessoas, dos *selves*, das identidades. O processo é dialógico, ocorrendo por movimentos de *forças centrípetas e centrífugas*, permeado de constantes tensões. Identificaremos as *forças centrífugas* da carnavalização como um princípio mobilizador no centro da praça (o ambiente público, mas que tem mobilidade, não se fixa num único lugar), onde todos podem falar francamente numa abertura para o novo e orientado para o tempo futuro, numa intensa *polifonia e heteroglossia*<sup>138</sup>. Consideraremos por *forças centrípetas* o movimento oposto formado pelos novos agrupamentos, pelos novos fechamentos ideológicos que se manifestam na própria praça pública da liberdade de expressão, formando agrupamentos, tendendo à imobilização num dado lugar e direcionadas para um tempo passado. Um corolário pode ser utilizado para *as forças centrípetas e as forças centrigas* que existem na carnavalização: a idéia de permanência e impermanencia, de estabilidade e de mudança.

<sup>138</sup> Polifonia consideramos a multiplicidade de vozes no *Self* e na sociedade, a multivocalidade, termo necessário para a concepção da relação Eu-Tu, Eu-Outro. Heteroglossia entendemos as múltiplas modalidades discursivas conforme as classes e grupos sociais.

Aplicando o conceito ao universo do carnaval pernambucano, nas praças de Olinda, por exemplo, identificaremos a emergência dos múltiplos blocos que se formam, vindo de todas as partes, atraindo novos componentes, desaparecendo em seguida para o surgimento de outros blocos. Cada bloco pode ser concebido como uma tentativa de manter sua **voz** no meio da *multiplicidade das vozes*, assim traduzindo um estilo, uma maneira própria de se apresentar. A existência de cordões que separam o bloco da grande massa serve como metáfora para ilustrar as fronteiras estabelecidas de separação de pequenos grupos com o grande grupo. Também os nomes dados aos blocos, bem como o seu estandarte compõem o seu *estilo* como diferenciador dos outros blocos, como *maneira* de se destacar no meio da multidão. A seguir imagens do carnaval de rua de Olinda (predominantemente sem cordão de isolamento) e de Salvador com os tradicionais trios elétricos (comumente utilizando o cordão de isolamento):



**Figura 71:** Imagens de carnaval de rua de Olinda e Trio Elétrico em Salvador

O que constitui a elegância e a própria natureza multidiversificada do carnaval como festa popular é justamente a existência dos muitos blocos e agremiações, troças e trios elétricos, retratando exatamente o movimento das forças centrífugas e forças centrípetas que falamos: enquanto a força do carnaval provoca a diversidade ao mesmo tempo emergem as tensões para para a criação de unidades. Essa antinomia do único/múltiplo, local/global, isolado/massificado vai compor a dinâmica da carnavalização. O carnaval de rua de Olinda, sem o cordão de isolamento dos seus blocos, pode simbolizar um aspecto mais libertário e aberto da festa pública, enquanto que os trios elétricos com seus cordões de isolamento podem

<sup>139</sup> **54a:** Disponível em < <http://bit.ly/J14ZqF> >

**54b:** Disponível em < <http://bit.ly/JMYA3T> >

simbolizar uma tipificação mais fechada, segmentada da festa popular. A exemplificação é meramente superficial, porque mesmo nas ruas de Olinda os diversos blocos mesmos sem o cordão de isolamento guarda o seu ‘individualismo’, sua ‘face’ através dos estandartes, dos grupos que se travestem conforme a ‘ideologia’ de cada bloco. De qualquer modo, os dois exemplos traduzem nos blocos livres de rua de Olinda ou nos trios elétricos fechados de Salvador a existência de grupos dentro do grande grupo carnavalizado (a metáfora para o local x global). O princípio estético do carnaval não pode ser entendido como uma forma anárquica de manifestação popular, mas no sentido filosófico mais amplo, como estética de mundo, base epistemológica da existência, o grande movimento mobilizador das tensões ideológicas que resultam nas novas formas criativas de manifestação humana. O princípio estético da carnavalização aponta para o futuro, para a indeterminação do vir-a-ser, para as novas criações.

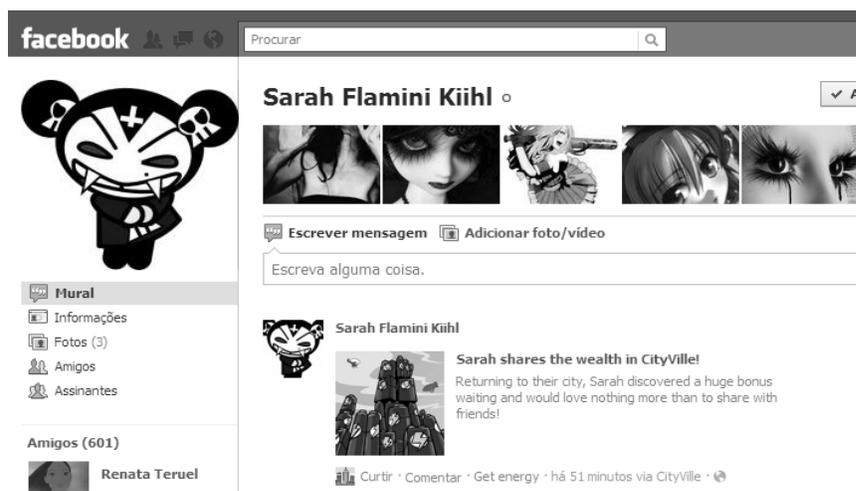
Assim, os clãs no *chat* retratam esse movimento carnavalizado representando *as forças centrípetas* dos grupos que se fecham dentro da multidão dos grupos abertos da sala pública de bate-papo. O *nickname*, portanto, pode assumir esse terceiro estatuto que é a identificação do grupo de pertencimento, de uma minicomunidade dentro da macrocomunidade do *chat*. Neste set etnográfico identificamos a participação de dois *nicknames* pertencentes a dois clãs diferentes e obtivemos a informação de um outro clã, conforme apresentamos a seguir com os seus representantes na sala de bate-papo Tema Livre-1(A):

1. **OSD – OS Delinqüentes:**  ØŞÐ ¥ŞØÉÂÐØŞ
2. **OSP – OS Piratas:**  »ØŞP«(´•WÍÑÐ¥•´)
3. **PNS – Psicopatas No Sul**

Assim como no Orkut existem as comunidades como formas gregárias de compartilhar idéias e assuntos formando nichos discursivos dentro da rede social, estes clãs parecem expressar também essa tendência gregária, formando os grupos internos conformes os interesses formandos e os vínculos afetivos e de proximidade que vão sendo historicamente construídos nas salas de bate-papo durante os encontros virtuais. Observamos que ao incorporarem esse estatuto no *nickname* também verificamos que o individual vai sendo caracterizado por um aspecto social: o *nickname* não somente representa um indivíduo mas times, equipes, grupos. Essa discussão, numa perspectiva dialógica e do *Self* dialógico

encontra ressonância nas recentes reflexões de Hermans sobre identidades na era global e digital (Hermans, 2004; Hermans & Dimaggio, 2007; Hermans & Hermans-Konopka, 2010; Hermans & Salgado, 2010) e que merecem mais ampla investigação, fugindo ao escopo desta tese.

Por fim, neste set etnográfico, foi possível obter uma *informação concedida* por Sarah: o seu endereço no Facebook<sup>140</sup> auxiliando na construção do seu circuito-weblogue. A figura abaixo mostra o perfil de Sarah nesta rede social, apresentando vários elementos que dão prosseguimento ao sentido de continuidade e de permanência dela, mesmo com outro *nickname*. Valendo-nos do MEVERSI este novo perfil, assim como o perfil do UOL-K e do Orkut estão situados no nível 2, constituindo aos vários ambientes em que ela se autoreferencia, através de imagens e criação de um perfil público:



**Figura 72:** Linha de *status* (linha do tempo) do perfil de Sarah (Sarah Flamini Kiihl) no Facebook

Observemos que se repetem os elementos identificatórios de uma permanência do *Self* representado na Internet, conforme temos acompanhado o movimento das I-positions de Sarah nos diversos ambientes virtuais. São flagrantes dois deles nesta imagem:

1. uso de mangá
2. uso de nome Sarah (observemos que o sobrenome aqui, *Flamini Kiihl*, terá a abreviação de F.K., a mesma que encontramos no perfil do UOL-K onde lá aparece o nome Sarah F. K., ver figura 56)

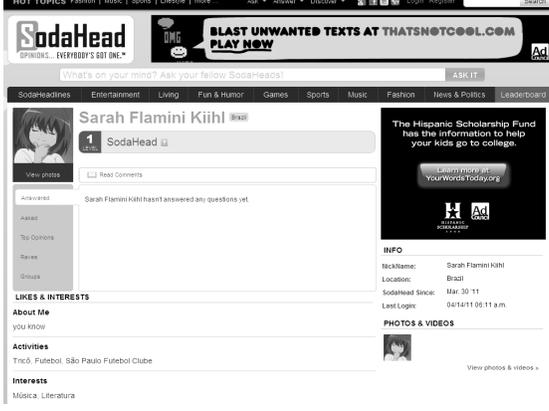
<sup>140</sup> Devido à característica da volatilidade, da *natureza líquida e fluida* das apresentações na Internet em oposição às formas sólidas, fixas e mais permanentes, o endereço de Sarah no Facebook foi retirado, embora alguns registros de quando estava funcionando tenham sido gravados no banco de dados desta etnografia.

Utilizando um dos principais buscadores de dados e informações da Internet (Google), aplicamos as palavras-chaves *sarahpumpkins*, *sallypumpkins*, *sarahflaminikihhl* ou várias combinações dessas palavras até obter as *informações encontradas*, conforme a nomenclatura de Goffman. Elas serviram para finalizarmos, até o momento da escrita da tese, o circuito-weblogue de *Sarah*. Foram encontrados na rede mundial de computadores oito ambientes virtuais onde Sarah tem construído perfis de autoreferência, conforme mostramos a seguir:

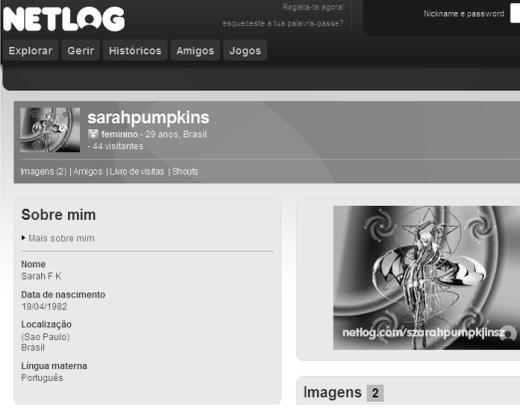
**Quadro 11:** Ambientes virtuais do **circuito-weblogue** de *Sarah* com comentários (endereços na pag. 224)

Ambiente Virtual do circuito-weblogue de Sarah	Comentários
 <p style="text-align: center;"><b>Twitter (a)</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresenta-se como <i>Sarah Flamini Kiihl</i></li> <li>• Uso de imagem de anime/mangá</li> <li>• Tem a indicação SP (possivelmente indicando São Paulo)</li> <li>• O endereço eletrônico de um site ou homepage não existe.</li> <li>• Todas as suas postagens são em língua inglesa, confirmando as nossas observações anteriores sobre seu conhecimento da língua e cultura norteamericana.</li> </ul>

**Quadro 11:** Ambientes virtuais do **circuito-weblogue** de *Sarah* com comentários (endereços na pag. 224)

Ambiente Virtual do circuito-weblogue de Sarah	Comentários
 <p><b>Myspace (b)</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresenta-se como <i>Sarah Flamini</i></li> <li>• Uso de imagem de anime/mangá</li> </ul>
 <p><b>SodaHead (c)</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresenta-se como <i>Sarah Flamini</i></li> <li>• Uso de imagem de anime/mangá</li> <li>• Identifica o time predileto (São Paulo)</li> <li>• Interessa-se por música e literatura</li> </ul>
 <p><b>LinkedIn (d)</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresenta-se como <i>Sarah Flamini Kiihl</i></li> <li>• uso de imagem de anime/mangá</li> <li>• Identifica sua formação acadêmica (São Paulo)</li> <li>• O perfil é escrito na língua inglesa</li> <li>• Interesses por música, livros</li> <li>• Grupos preferidos: Times e jogadores</li> </ul>

**Quadro 11:** Ambientes virtuais do **circuito-weblogue** de Sarah com comentários (endereços na pag. 224)

Ambiente Virtual do circuito-weblogue de Sarah	Comentários
 <p><b>Netlog (e)</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresenta-se como <i>Sarah Pumpkins</i></li> <li>• Uso de imagem de anime/mangá</li> <li>• Nome: Sarah F. K.</li> <li>• Localização: São Paulo</li> <li>• Idade: 29 anos (mesma idade registrada no 3º set etnográfico)</li> </ul>
 <p><b>Last.fm (f)</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresenta-se como <i>SarahZwan</i></li> <li>• Idade: 29 anos</li> </ul>
 <p><b>Blog do Blogger (g)</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresenta-se como <i>SarahPumpkins</i></li> <li>• O email indicado não funciona</li> <li>• Uma diferença em relação aos demais perfis: destaca enfaticamente o interesse pela literatura, pois muitos dos blogs que segue são de POESIAS</li> </ul>

**Quadro 11:** Ambientes virtuais do **circuito-weblogue** de *Sarah* com comentários

Ambiente Virtual do circuito-weblogue de Sarah	Comentários
 <p style="text-align: center;"><b>Blog do UOL (h)</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresenta-se como <i>SarahPumpkins</i></li> <li>• Usa encriptamento no <i>nickname</i></li> <li>• Diferentemente dos outros (embora se aproxime mais do último perfil, pelos links de POESIA), apresenta ênfase em seu lado poético (oculto, não acentuado nos demais perfis).</li> </ul>
Indicação dos endereços eletrônicos em nota de rodapé nesta página <sup>141</sup>	

Neste 3º encontro com *Sarah* registramos um momento em que ela é questionada por uma outra pessoa e confirma sua idade e localidade. Vejamos abaixo esse registro, confirmando alguns dados que permeiam seu perfil no circuito-weblogue que resumimos:

(10:25:34) **denis\_\_SP** fala para »ØŠP«(ˆ•WĪŃÐŸ•ˆ): oii linda de qual lugar de so vc é amore

(10:25:52)  »ØŠP«(ˆ•WĪŃÐŸ•ˆ) sorri para **denis\_\_SP**: di campinas-sp

(10:26:10) **denis\_\_SP** fala para »ØŠP«(ˆ•WĪŃÐŸ•ˆ): qts anos linda

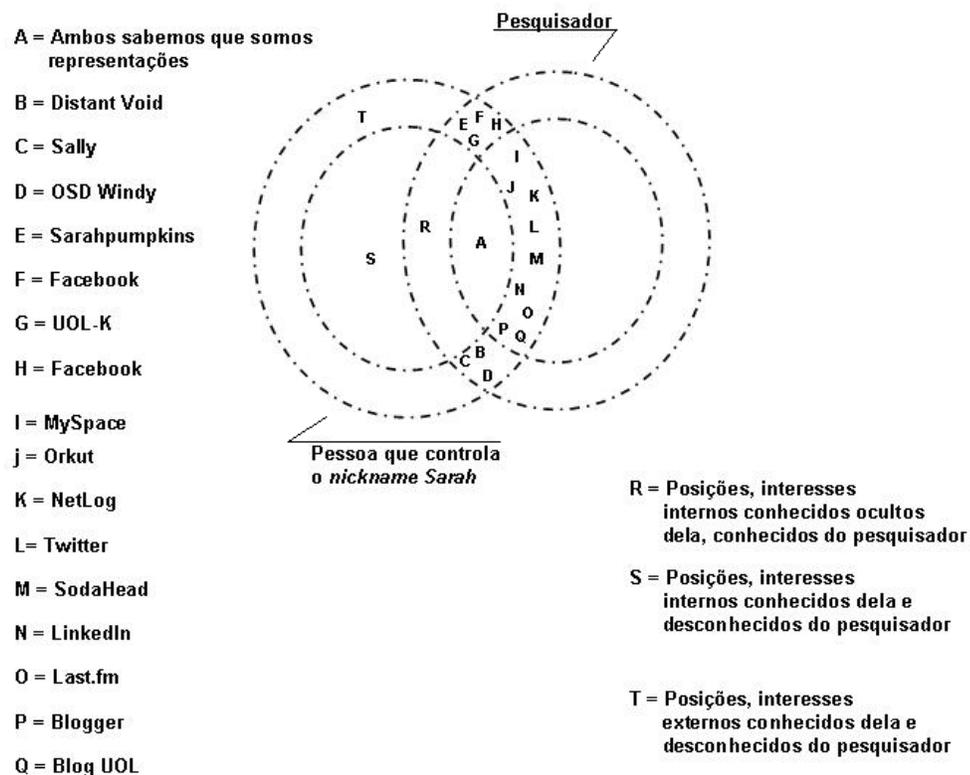
(10:26:14)  »ØŠP«(ˆ•WĪŃÐŸ•ˆ) sorri para **denis\_\_SP**: 29

O caso *Sarah* desconstrói em certa medida uma falsa idéia de anonimato nos *chats*. Considermos o MEVERSI: no nível 3 temos a situação local da análise, o *chat*. No nível 2, temos os demais ambientes onde a pessoa pode apresentar seus perfis na Internet. No nível 1, encontramos a pessoa diante do computador no híbrido *online/offline*. Quando falarmos em anonimato é importante definirmos em qual nível estaremos nos referindo. Porque é possível, como no caso *Sarah*, que a pessoa nos níveis 2 e 3 não utilize anonimato algum, não esconda-se nem preocupe-se no ocultamento de si mesma. Nestes níveis *online*, através de múltiplos

<sup>141</sup> Imagens em: a) Twitter: < <http://twitter.com/sparkydarkness> >; b) MySpace: < <http://www.myspace.com/waffofairy> >; c) SodaHead: < <http://bit.ly/K9py7n> >; d) LinkedIn: < <http://linkd.in/IhuRAw> >; e) NetLog: < <http://bit.ly/Ie39Wp> >; f) Last.fm: < <http://bit.ly/IhMtxV> >; g) Blogger: < <http://bit.ly/Ie3dFR> >; h) Blog UOL: < <http://bit.ly/IEQDOo> >

perfis, para os quais assumimos que são *I-positions* na dinâmica da Internet com seu caráter evanescente (deslizante, diáfano, imagético, visual, ‘líquido’) observamos que Sarah apresentou vários movimentos de impermanência e permanência, mudança e estabilidade no espectro das suas representações *online*, garantindo, assim um núcleo mínimo de estabilidade que permite a sua identificação ao longo do tempo e das mudanças. Assim, o anonimato não ocorreu com Sarah, considerando sua identidade virtual como então passa a ser conhecida na Internet, embora tenha preservado em boa parte o anonimato do seu nível *offline*, nível 1 do MEVERSI, apresentando apenas algumas pistas para esse posterior reconhecimento: a idade (29 anos) e a localização (Estado de São Paulo), tendo concedido esta informação tanto no *chat*, como vimos neste set, quanto em alguns de seus perfis.

Apliquemos o modelo de *self dialógico* de Hermans apresentando as posições internas e externas de interação entre os *selves* (considremos a interação entre o pesquisador e a pessoa que controla o *nickname Sarah*), então termos o esquema de *I-positions* que são compartilhadas e não compartilhadas, ocultas e expostas, conforme a figura 73 a seguir:



**Figura 73:** Modelo de Hermans para a interação entre os *selves dialógicos* aplicado às representações do *Self* na Internet (Caso *SarahPumpkins*)

A posição **A** representa o conhecimento implícito no *chat* de que ambos ali são representações através do seus *nicknames* (não se expõem tanto, ocultam muitas informações etc.); as posições de **B** a **H** significam as representação de *Sarah* que são compartilhadas, ou seja, foram informadas abertamente diretamente ao pesquisador (seus *nicknames*, o perfil de Facebook e de UOL-K). *Sarah*, contudo tem muitos outros perfis na Internet que não foram informados para o pesquisador, no entanto, este conseguiu identificá-los através de uma rastreabilidade, tais *I-positions* virtuais da pessoa que controla o *nickname Sarah* são, portanto do conhecimento do pesquisador, embora elas os tenha ocultado até o momento: são as posições de **I** a **Q**, compostas pelos perfis do Twitter, SodaHead até o mais recente criado, Blog UOL (no modelo de Hermans [2001] não é observado essas posições).

Ainda analisando a figura 73 denominaremos posição **R** para aquela posição interna conhecida de *Sarah*, mas que é também do conhecimento do pesquisador, embora ela tenha ocultado: tal posição é representada pelo interesse e escrita poética de *Sarah*, expressa em seu último perfil, o Blog UOL. Evidentemente que existem outras posições assumidas por ela tanto internamente quanto externamente, isso nos níveis *online* e *offline*, que escapam ao olhar do pesquisador, estão fora de seu conhecimento, representadas pelas posições **S** e **T**. O local exato em que *Sarah* se encontra utilizando um computador? Qual sua classe social? Quais seus interesses fora da Internet e seus grupos sociais, podem ser exemplos dessas *I-positions* de *Sarah*, fora do conhecimento do pesquisador?

O circuito-weblogue de *Sarah* terá o seguinte esquema, conforme a constelação de weblogues pesquisados nesta etnografia virtual:

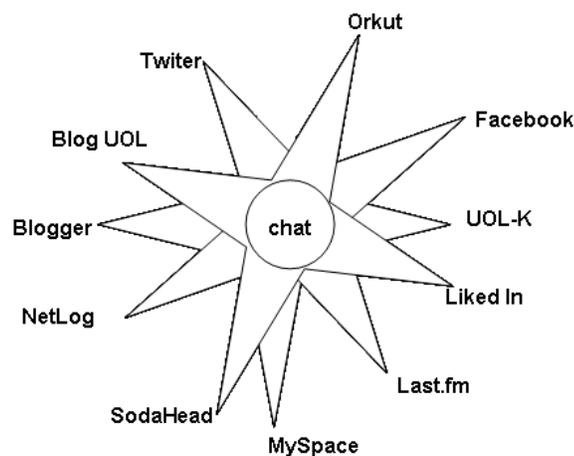


Figura 74: circuito-weblogue de *Sarah* construído durante esta pesquisa

A partir do centro da figura 74, o *chat* Tema Livre-1(A) de onde iniciamos a etnografia, sendo o nível 1 do MEVERSI, realizamos uma rastreabilidade *online* nas demais formas de representação de Sarah (nível 2 do MEVERSI), construindo o seu circuito-weblogue. Evidentemente que o circuito-weblogue apresenta sua mobilidade na medida em que perfis podem ser desconstruídos (o Facebook, por exemplo, foi eliminado no começo da pesquisa e já no final quando desta escrita da tese foi reativado) e outros vão sendo construídos, como o é o caso do Blog-UOL criado recentemente em 25/12/2011 e com apenas quatro postagens até a escrita destas linhas da tese. Em decorrência de sua reativação do Facebook foi possível identificar várias fotos de Sarah, assumindo neste perfil o *nickname* *Sally*, *Sally Pumpkins*, desconstruindo de vez algum grau de anonimato inclusive da própria dimensão *offline* já que ali encontram-se vários dados pessoais: fotos, cidade onde reside, ambientes de formação escolar etc. Também é possível através do seu circuito-weblogue verificar os movimentos de representação do *Self* entre mudanças e estabilidades; observemos as recentes modificações e disposições de Sarah em seus weblogues de textos do Blogger e do UOL, nos quais evidenciam-se mudanças em direção ao futuro de *I-positions* no campo da poesia. Identificamos, ainda, que este caso corresponde a um alto grau de carnavalização.

Concluimos este caso, apresentando os seguintes achados:

- O *nickname* apresenta um triplo estatuto:
  - 1) subjetividade;
  - 2) corporeidade dupla
    - a] referindo-se ao *nickname* em si, como posições que ocupa e se movimenta no espaço da sala de bate-papo;
    - b] referindo-se ao corpo da pessoa que o controla, um tipo de ventriloquismo;
  - 3) pertencimento a um clã
- O significado de anonimato no *chat* deve ser repensando em níveis de referenciação (anonimato em relação à identidade representada *online* nos diversos ambientes *online* e anonimato em relação à identidade que está *offline*), até mesmo a possibilidade do não-anonimato.

A abordagem dialógica bakhtiniana bem como os aportes teóricos da rede do dialogismo contemporâneo, principalmente em Hermans e seus colaboradores com a *Teoria do Self Dialógico* permite analisar as formas de representação do *Self* no *chat* e nos ambientes *online*, como *I-positions*, merecendo posteriores estudos a relação local/global influenciadas pelas tecnologias emergentes para o estudo da construção de identidades.

### 5.2.2 O caso *O Mentiroso*, na mudança a permanência

O encontro com a pessoa que utilizou o *nickname* **O Mentiroso** ocorreu em 10/11/2011 na sala de bate-papo Tema Livre-2 (A) do UOL. Ocupamos esta sala porque o *chat* nº 1 estava com a capacidade máxima permitida para não-assinantes. Durante este set etnográfico o pesquisador contruiu o formulário *online* de pesquisa conjuntamente com **O Mentiroso**. Este fato registra o aspecto qualitativo da pesquisa que permite uma interação tal com os pesquisados de maneira que os mesmos podem contribuir com sugestões para o desenvolvimento da pesquisa. A partir do próprio formulário que ele auxiliou a construir, utilizando a ferramenta disponível no Google, ele mesmo testou preenchendo o documento de coleta de dados. Através dessa *informação concedida* conseguimos acessar seu perfil no Orkut, onde outras *informações* foram *encontradas*, inclusive seu outro perfil, mais pessoal, cuja autoreferência apresentava o nome de *Carlos Eduardo Baldocchi*. Doravante, neste estudo de caso, chamaremos a pessoa em investigação sob o nome de *Carlos Eduardo*, a qual manipulava o *nickname* **O Mentiroso** no *chat* do UOL.

Durante esta sessão etnográfica foi observado na sala pública que *Carlos Eduardo* manteve diálogo com apenas duas pessoas: 1) o pesquisador (**BladeRunner**) e 2) **Marciana**. Flagramos um momento da conversa entre *Carlos Eduardo* e *Marciana*, cujo fluxo não deu continuidade, mas que apresentou destaque para as conexões com o circuito-weblogue de *Carlos Eduardo* que realizamos posteriormente. *Carlos Eduardo* dirige-se para *Marciana* e utiliza uma expressão comum do vocabulário da carnavalização:

(10:52:24) **O Mentiroso** fala para **Marciana**: Ei, alguém peidou. Vamos sair daqui.

(10:52:42) **Marciana** fala para **O Mentiroso**:



(10:52:59) **Marciana** fala para **O Mentiroso**: pode ir, fique a vontade

Diante da assertiva, *Marciana* responde com um emoticom que pode ter sinalizado um espanto, pois do nada a mesma foi abordada com um convite estranho. Sua resposta

parece ser curta e objetiva: “pode ir, fique a vontade”. *Carlos Eduardo* tenta prosseguir o diálogo, de alguma maneira amenizando o impacto de sua primeira impressão, embora demonstre estar centrado em si mesmo e não aparentar delicadeza com o sexo oposto:

(10:53:04) **O Mentiroso** fala para **Marciana**: Sabe o que ficaria bem em você? Eu!  
 (10:53:24) **Marciana** fala para **O Mentiroso**: ah sim  
 (10:53:26) **Marciana** fala para **O Mentiroso**: claro  
 (10:53:51) **O Mentiroso** fala para **Marciana**: Deus criou o homem antes da mulher para não ouvir palpite.  
 (10:53:59) **O Mentiroso** fala para **Marciana**: hauhauhauaa  
 (10:54:01) **Marciana** fala para **O Mentiroso**: verdade

Esse tipo de expressão é considerado aforismo ou provérbio, que são enunciados populares que encerram um princípio moral. Bakhtin analisou vários no estudo da carnavalização em Rabelais (1965/1987), apontando aqueles aforismos cujo sentido moralizante era todo pervertido, transfigurado em nome do riso durante o carnaval, através das paródias, das piadas, dos gracejos. Por isso mesmo registramos aqui um *princípio primário de carnavalização bakhtiniana*: a profanação, quando nas palavras se tem o tom da zombaria, da ironia, com o que mundaniza, ‘diminui’ a imagem feminina, torna menor e sem importância o outro. Outro *princípio primário de carnavalização* é o mais comum deles, contato livre e familiar entre as pessoas pela forma direta e parecendo tão próxima com que **O Mentiroso** se dirige à *Marciana* e através dela atinge, com o aforismo jocosos, todas as mulheres.

Confirmando o princípio da profanação, o diálogo prossegue e encerra com os enunciados a seguir, pois **Marciana** não demonstrou interesse em dar continuidade:

(10:54:18) **O Mentiroso** fala para **Marciana**: Avião - ave muito grande.  
 (10:54:29) **O Mentiroso** fala para **Marciana**: "A embromacao e a alma do negocio"  
 (10:54:46) **Marciana** fala para **O Mentiroso**: a comida do homem é o seu castelo  
 (10:55:24) **O Mentiroso** fala para **Marciana**: ã intendo

Observemos que são apresentados três aforismos, todos carnavalizados:

1. ‘*Avião = ave muito grande*’. Aqui *Carlos Eduardo* perverte o sentido etimológico da palavra ‘avião’ e associa ao superlativo da palavra ‘ave’. Se a ave for pequena, o termo será ‘avezinha’, se a ave for grande será ‘avião’. Encontramos na Internet dois endereços humorísticos e plenamente carnavalizados: ‘desciclopédia.com’ e ‘humor 44 (*disse o nário*)’. Ambos apresentam esta referência utilizada aqui por *Carlos Eduardo*.

- Desciclopédia.com<sup>142</sup>: “O termo aeroplano, usado comumente no italiano e no inglês (airplane), foi substituído por avião (do fr. avión que significa *ave grandón*), embora avião também significa gostosa (em geral mulher de bunda e/ou peitos grandes como a Carmen Electra) e também entregador de droga.”
  - Humor 44 (disse o nário)<sup>143</sup>: “avião - ave muito grande.”
2. ‘*A embromação é a alma do negócio*’. Aqui novamente *Carlos Eduardo* carnavaliza o famoso aforismo da publicidade, pois o termo correto é “A propaganda é a alma do negócio”. A expressão remete ao conceito de ‘propaganda’, que no Brasil é confundido com ‘publicidade’. Etimologicamente<sup>144</sup> o termo ‘propaganda’ se refere a todo ato de propagar algo, abstrato (idéia, doutrina) ou concreto (um produto, *marketing*). Especificamente, dentro da área de negócios, administração e vendas, o vocábulo é associado à ‘publicidade’ significando especificamente propaganda de cunho comercial. Outras fontes<sup>145</sup> informam que a publicidade é paga, enquanto a propaganda é espontânea. Tomaremos aqui o termo no seu sentido comercial, como conjunto de ações para influenciar a venda/compra de produtos e serviços ao/pelo consumidor. Comum também, na área de negócios e administração, a questão da *propaganda enganosa*. Assim *Carlos Eduardo* altera o aforismo, colocando como premissa do negócio a ‘embromação’, o ato de enganar o cliente. De algum modo, também, é possível associar a expressão com o seu *nickname* escolhido nessa sessão de *chat*: *O Mentiroso*.
3. “*A comida do homem é o seu castelo*”. Aqui observamos uma sagacidade maior de *Marciana* ao alterar propositalmente o aforismo de autoria de *Edward Coke*<sup>146</sup>, um jurista, escritor e parlamentar inglês do século XVI cujo enunciado correto é “*A casa de um homem é o seu castelo*”. O sentido jocoso do termo carnavalizado pode também ser associado ao seu autor, devendo-se carnavalizar o nome para *Eduardo Cozinha* (tradução *carnavalizada de Edward Coke*).

<sup>142</sup> Disponível em < <http://desciclopedia.ws/wiki/Avi%C3%A3o> >. Acesso em 05/01/2012.

<sup>143</sup> Disponível em < <http://www.humor44.xpg.com.br/disseonario.htm> >. Acesso em 05/01/2012.

<sup>144</sup> Wikipédia, verbete ‘publicidade’. Disponível em < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Publicidade> >. Acesso em 05/01/2012.

<sup>145</sup> Wikipédia, verbete ‘publicidade’. Disponível em < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Propaganda> >. Acesso em 05/01/2012

<sup>146</sup> Instituto das Leis da Inglaterra (Edward Coke, p. 161-162). Citado por MELLO no estudo sobre citação. Disponível em < [http://www.lojasmaconicas.com.br/politica/citacoes\\_historicas.htm](http://www.lojasmaconicas.com.br/politica/citacoes_historicas.htm) >. Acesso em 05/01/2012.

Ambos, portanto, carnavalizam os aforismos conhecidos, transformando-os pela estética da liberdade e do riso que é garantida pelo princípio estético da carnavalização. Tomaremos o segundo aforismo carnavalizado de *Carlos Eduardo* para a conexão com o seu circuito-weblog, quando constataremos que ele assume a função de vendas do produto *narguile*:

Narguilé é um cachimbo de água utilizado para fumar. Além desse nome, de origem árabe, também é chamado de hookah (na Índia e outros países que falam inglês), shisha ou goza (nos países do norte da África), narguilê, narguila, nakla, maguila, arguile, naguilé etc. Há diferenças regionais no formato e no funcionamento, mas o princípio comum é o fato de a fumaça passar pela água antes de chegar ao fumante - wikipédia<sup>147</sup>

Uma imagem do produto tradicionalmente como é conhecido pode ser visto na imagem a seguir:



**Figura 75:** Narguile

Através da *informação concedida* no formulário acessamos o perfil público do macroweblogue Orkut de *Carlos Eduardo*, conforme apresentado a seguir:

---

<sup>147</sup> Sob o verbete **narguile**, disponível em < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Narguil%C3%A9>>. Acesso em 05/01/2012.

The image shows a screenshot of a commercial profile on the Orkut social network. The profile is for 'Carlos Eduardo' (indicated by arrow 1). The main content area features a link to 'ABSOLUT NARGUILE 3.0' with the URL 'HTTP://WWW.ABSOLUTNARGUILE.COM.BR' (indicated by arrow 3). Below this, there is a section titled 'quem sou eu' with a link to 'Site ABSOLUT NARGUILE: www.absolutnarguile.com.br' (indicated by arrow 5). The profile also includes a list of 'amigos' (friends) with 373 members (indicated by arrow 4). The sidebar on the left shows the user's profile details, including 'masculino Brasil' (indicated by arrow 2) and various navigation options like '+ amigo', 'denunciar abuso', 'perfil', 'recados', 'fotos', 'videos', 'depoimentos', and 'eventos'.

**Figura 76:** Perfil (comercial) de *Carlos Eduardo* no Orkut

Observamos que o perfil (figura 76) embora tenha o nome de *Carlos Eduardo* ele é destinado para fins comerciais de do produto *absolute narguile*. As seta 1 e 2 indicam o nome *Carlos Eduardo* e as setas 3, e 5 indicam outro endereço eletrônico da marca de vendas, da qual *Carlos Eduardo* demonstra ser um revendedor ou representante do produto. Retomando a fala de *Carlos Eduardo* no *chat*, quando carnavalizou o jargão comum do meio comercial e de publicidade ‘*A propaganda é a alma do negócio*’ para o aforismo criado ‘*A embromação é a alma do negócio*’, podemos perceber aqui ecos de um grupo ou classe social, no caso, o grupo de profissionais de vendas, de marketing, propaganda, publicidade, um dos quais *Carlos Eduardo* parece participar (*absolute narguile*). Esse grupo de pessoas em sua área profissional lidam diretamente com o público consumidor buscando estratégias de vendas e técnicas de persuasão ao cliente. Esta voz de *Carlos Eduardo* na sala de bate-papo, portanto, de algum modo é refração das vozes dos outros, do grupo de pertencimento em que ela está envolvido.

A partir desse perfil foi possível realizar uma etnografia nos membros da comunidade, onde obtivemos uma *informação encontrada*: a do perfil pessoal de *Carlos Eduardo* (registramos que atualmente, assim como ocorreu com o Facebook de *Sarah*, este perfil pessoal de *Carlos Eduardo* foi removido posteriormente, no entanto, pudemos registrá-

lo antes que ele o excluísse). A figura a seguir apresenta um segundo perfil de *Carlos Eduardo* no Orkut, tendo um caráter mais personalizado, ou seja, direcionado mais especificamente para sua autoreferência pessoal:



**Figura 77:** Perfil (pessoal) de *Carlos Eduardo* no Orkut

Neste perfil mais personalizado foi possível flagrarmos o sobrenome de Carlos Eduardo: Baldocchi (ver setas 1 e 2 na figura 77). Este novo dado permitiu-nos realizar a rastreabilidade de Carlos em outros perfis de redes sociais na Internet, sendo possível encontrá-lo também no Facebook, cujo álbum de fotos apresentam similaridades com algumas das fotos capturadas nesse perfil pessoal do Orkut (ver setas 3 e 4 na figura 77).

Assim, percebemos que um senso de continuidade, de permanência ocorreu entre este perfil virtual (Orkut) e o outro (Facebook) como veremos adiante, significando *I-positions* de *Carlos Eduardo* como representações suas no ambiente *online*.

Através da pesquisa nos filtros de busca da rede social do macroweblogue Facebook, chegamos ao perfil de *Carlos Eduardo*, mostrado a seguir, na figura 78 (ver seta 1):

facebook Carlos Eduardo Baldocchi

**Carlos Eduardo Baldocchi** ← 1

Estuda no(a) Centro Universitário da FEI Mora em São Paulo Fala Português brasileiro, Inglês americano e Inglês inglês

**Trabalho e educação**

Ensino superior Centro Universitário da FEI Turma de 2013

FEI - Faculdade de Engenharia Industrial

Ensino médio Rainha da Paz

**Esportes**

Atletas favoritos Danny MacAskill

**Artes e entretenimento**

Música Linkin Park deadmau5

Filmes A Garota Dos Meus Sonhos

**Atividades e interesses**

Outro Mafia Wars, Dr. House, TAM Express, Revista Superinteressante, Adam Sandler, Trek Bicycle, LIVESTRONG.COM, OakleyBrasil, Arguile - Narguile, Absolut, ShanesDominoez, Multishow, dvdvideo soft.com, ABSOLUT NARGUILE, Humor no Face e mais 4 ← 2

**Informações básicas**

Gênero Masculino

**Informações de contato**

Facebook <http://facebook.com/carlos.baldocchi>

Mural

**Informações**

Fotos

Amigos

Assinaturas (2)

**Amigos (497)**

Marcio Figueirinha

Viviane Benício

Leonardo Calandrelli

Douglas Uzun

Anderson Brazil

Ninaa Ricci

Marcelo Carrillo Davos

Flávio Fregnani

Dado Twix

Harry Phillippe

Denunciar/Bloquear

**Figura 78:** Perfil de *Carlos Eduardo* no Facebook

Ao submeter este perfil à análise comparativa com os outros perfis do Orkut e com seu comportamento na sala de bate-papo Tema Livre-2(A) do UOL foi possível encontrarmos marcas identificatórias de continuidade de uma representação de *Self* no ambiente virtual. O comportamento de *Carlos Eduardo* como *O Mentiroso*, apresentado no *chat* através do diálogo com *Marciana*, de forma jocoza e descontraída, caracterizado pelo humor e pelo riso, encontra aqui neste perfil do Facebook (ver seta 2 na figura 77) pontos de conexão que permitem uma perspectiva de permanência da subjetividade, conforme utilizemos o

MEVERSI. Situando o *chat* no nível 3 do MEVERSI como situação localizada, de onde partimos inicialmente para a pesquisa etnográfica, chegamos nos vários perfis utilizados por *Carlos Eduardo* e espalhados nas redes sociais da Internet (nível 2 do MEVERSI). Analisando no campo Atividades e Interesses/Outros do seu perfil no Facebook encontraremos esses pontos de conexão que são palavras-chaves como pontes entre os vários perfis e o próprio *chat*:

- Adam Sandler
- Trek Bicycle
- Arguile-Narguile
- Absoltute Narguile
- Humor no Face

Os tópicos de interesse para *Carlos Eduardo* (o comediante norteamericano *Adam Sandler* e o link *Humor no Face*) respaldam seu estilo descontraído e brincalhão, conforme flagramos no diálogo mantido com *Marciana* no *chat*. O link *Trek Bicycle* claramente é uma ponte para o perfil do Orkut onde visualizamos algumas fotos de bicicletas e que são também apresentadas no seu álbum de fotos no Facebook. Os dois seguintes, *Arguile-Narguile* e *Arguile-Narguile*, estão presentes nos seus dois perfis de Orkut e também que ora analisamos.

A conectividade de traços ou marcas identificatórias de autoreferência nos perfis das redes sociais confrontando com o comportamento em sala de bate-papo demonstram essa mobilidade do *Self* em vários ambientes, com suas ‘faces’ ou ‘máscaras’ (*nicknames* e perfis das redes sociais) diversas e ao mesmo tempo demonstrando o aspecto da estabilidade do *Self*. Esse duplo aspecto que constitui a subjetividade (mobilidade-estabilidade, permanência-impermanência, continuidade-descontinuidade) e que é o objeto de estudo em Psicologia, ao longo dos séculos e mais precisamente nos dois últimos, também torna-se objeto de estudos dentro da dimensão *online*, sendo possível, dentro das limitações do contexto virtual, capturar esses movimentos para uma melhor compreensão da construção de identidade e do *Self* através de suas formas de representação como *I-positios* do *self dialógico*.

O circuito-weblogue de *Carlos Eduardo* para esta etnografia foi formado basicamente de três perfis de redes sociais, incluindo o ponto inicial do *chat* Tema Livre-2(A), conforme ilustrado no esquema da figura 79:

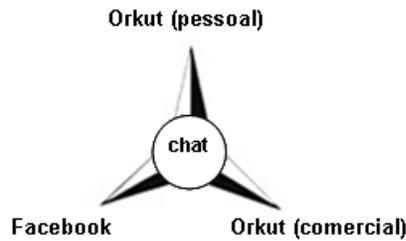


Figura 79: Circuito-weblogue de Carlos Eduardo

O caso *Carlos Eduardo* sugere que é possível utilizar o *chat* sem o desejo de manter outros vínculos *online*, preferindo manter ocultos seus perfis (ressaltamos que ele apenas indicou um endereço de Orkut com fins comerciais e ocultou o seu perfil pessoal). Observemos que no *nickname* 'O Mentiroso' não possui elementos imediatos e visíveis que possam fazer referência com o nome utilizado no Orkut ou Facebook. A não ser que seja realizado um estudo como este que nos propusemos, em busca de conexões mais profundas e não apenas superficiais, o sentido de continuidade e permanência entre o *chat* e os perfis do circuito-weblogue não é observado com facilidade. Ocorre um certo anonimato entre os nível 1 (*chat*: 'O Mentiroso') e o nível 2 (Orkut pessoal e Facebook: *Carlos Eduardo Baldocchi*). Esta continuidade/descontinuidade reflete também o *princípio primário da carnavalização*, a excentricidade, através do mascaramento. Diremos, então que identificamos neste caso um grau alto de carnavalização.

Utilizando o modelo de *self dialógico* de Hermans, obteremos o seguinte esquema de interação entre os *selves*, considerando o pesquisador e o pesquisado (**O Mentiroso**):

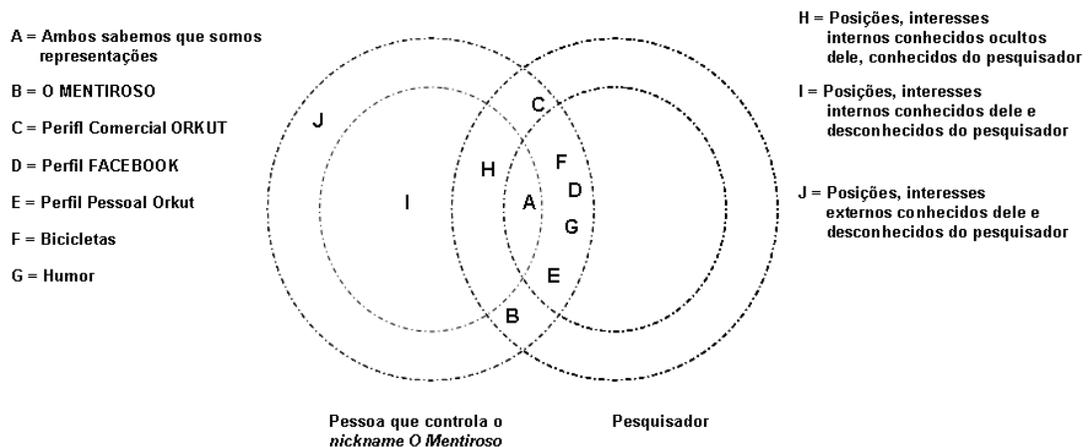


Figura 80: Modelo de Hermans para a interação entre os *selves dialógicas* aplicados às representações do *Self* na Internet (Caso *O Mentiroso*)

Consideremos que a posição intersticial **A** (figura 80) é representada por uma posição compartilhada por ambos, pesquisador e a pessoa que controla o *nickname* 'O Mentiroso': ambas sabem que ali estão utilizando representações de si mesmas e, assim, muitos detalhes pessoais são omitidos e pode ocorrer uma permissividade de diálogos e falas. As posições ocupadas por **B** e **C** dizem respeito às *I-positions* da pessoa que controla o *nickname* posição 'O Mentiroso' (seu *nickname* na sala e seu perfil comercial no Orkut), pois tais informações são posições externas que foram concedidas pelo pesquisado. As posições de **D** e **G** dizem respeito às *I-positions online* ocultas, não informadas por *Carlos Eduardo* mas encontradas pelo pesquisador (seu perfil pessoal no Orkut e Facebook, assim como a descoberta de seus interesses por bicicletas e pelo humor). Tomaremos como posição **H** aquela que diz respeito a um comportamento de *Carlos Eduardo* que é conhecido do pesquisador, como seu estilo engraçado, brincalhão, confirmadas pelo seu perfil de Facebook. As posições **I** e **J** dizem respeito tanto a posições internas (interesses, conhecimento etc) quanto externas (novas formas de representação *online* e *offline*) de *Carlos Eduardo*, todas desconhecidas pelo pesquisador.

### 5.2.3 O caso *Caio White*, mantendo a permanência

Neste mesmo set etnográfico que analisamos, onde verificamos o caso '*O Mentiroso*', também encontramos o *nickname* *Caio White*. Diferentemente dos outros dois casos, aqui encontramos alguém que não oculta seu nome, tal como é conhecido tanto nos outros ambientes *online* quanto na dimensão *offline*, ou seja, fora da Internet. Este não é um comportamento comum, porque a maioria das pessoas sempre oculta sua identidade *offline* ou não expõe seus outros perfis como no caso de *Carlos Eduardo*, mas *Caio White* segue um caminho inverso, indo mais além do que observamos no caso *Sarah*.

Evidencia-se esse interesse pelo não ocultamento de si mesmo ou não-anonimato, por uma questão que parece óbvia: *Caio White* é um jovem DJ de São Paulo (Santos) e deseja divulgar seu trabalho, tornar-se conhecido. Optou pela Internet e seus inúmeros canais de divulgação para realizar a propaganda de seu trabalho artístico-musical. Aproveita todos os canais de comunicação em rede da Internet: os weblogues de textos (Blogger), weblogues de vídeos (Youtube), os macroweblogues (Orkut e Facebook) e microweblogues (Twitter), compondo o seu circuito-weblogue e divulgando-o, com isso realizando uma propaganda de seu trabalho. Portanto não é seu interesse ficar na *região de bastidores* (Goffman), ocultar-se

sob um pseudônimo, mas ir para a frente do ‘palco’, expor-se (*frontstage*, segundo Goffman) diante das pessoas no *chat* e nos weblogues diversos. Flagramos alguns desses momentos em que *Caio White* divulga a si mesmo, mostrando *links* de seu circuito-weblogue:

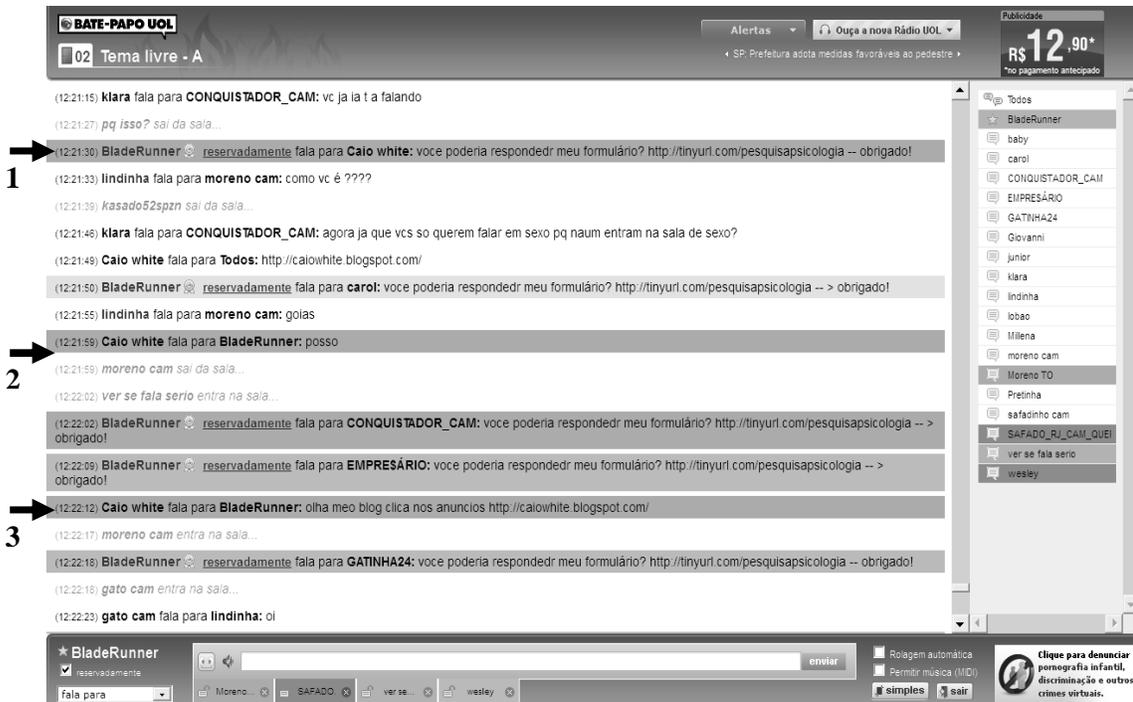


Figura 81: *Caio White* responde ao pesquisador na Sala Tema Livre-2(A)

Vemos na figura 81 (seta 1) o momento de ‘aproximação’ do pesquisador (**BladeRunner**) em direção à *Caio White*, solicitando que ele possa participar da pesquisa que ora relatamos. O formulário *online* de pesquisa que foi construído com a ajuda de *Carlos Eduardo (O Mentiroso)*, neste mesmo *chat*, é então aplicado na sala de bate-papo aberta do UOL. Vemos nas setas 2 e 3 (figura 81) as respostas de *Caio White*:

1. Primeiramente diz que pode reesponder: “posso”
2. Em um segundo momento ele divulga seu weblogue de textos (Blogger): “olha meu blog...”

Posteriormente verificamos que *Caio White* não respondeu ao formulário *online* de pesquisa. Mas sua passagem rápida na sala, divulgando seu weblogue de textos serviu como primeiro passo para seguirmos seu circuito-weblogue. Também identificamos que sua fala tanto no *chat* quanto nos perfis do circuito-weblogue é direta, objetiva, aproximando-se da fala

cotidiana, atendendo assim ao *princípio primário da carnavalização*, contato livre e familiar entre as pessoas/ ruptura de formalidades.

Vejamos primeiramente seu weblogue de textos, cujo *link* foi divulgado na sala de bate-papo Tema Livre-2(A), como mostrado abaixo na figura 82:



**Figura 82:** Weblogue de texto de *Caio White* (no Blogger)

Ao acessar o *link* postado no ambiente público da sala de bate-papo, *navegamos* até seu weblogue de textos, em cuja página principal *Caio White* divulga todos os perfis *online* que possuía até aquele momento, constituindo seu circuito-weblogue (ver seta na figura 82): Twitter - Orkut – Facebook - MSN – Youtube.

A partir dessas informações concedidas, seguimos seu circuito virtual de autoreferência, realizando uma etnografia. A seguir apresentamos as imagens desse circuito-weblogue:

=> **1. Twitter:**



**Figura 83:** Microweblogue Twitter de *Caio White*

Em sua descrição de si mesmo (ver seta na figura 83) ele diz seu nome, assumindo a primeira pessoa: *'Eu sou Caio White'*. Informa sua localidade: Santos. E afirma sua profissão, sua forma de trabalho: *'[Eu] sou DJ do gênero eletrônico trance'*. Aqui identificamos uma clara continuidade de *Caio White* que estava falando na sala de bate-papo do UOL como *Caio White*, divulgando seu weblogue de textos.

Hermans (2004) em seu artigo *Introduction: The Dialogical Self in a Global and Digital Age* traz uma pergunta instigante logo no início: *o que está em um nome?* E começa por responder à pergunta por ele mesmo formulada, numa espécie de autoreferenciação:

Meu primeiro nome é Hubert. Quando alguém me pergunta quem eu sou, tenho a tendência espontânea para descrever-me como um todo coerente e unificado em mim mesmo, muito bem expresso pelo meu primeiro nome. As leis tradicionais da lógica aristotélica apoiam esta qualificação: Hubert é Hubert e não pode ser, ao mesmo tempo e da mesma forma, Hubert e meu pai Mathew<sup>148</sup>. (Hermans, 2004, p. 298)

Então ele vai realizar uma breve autobiografia a partir do seu nome e do seu sobrenome, no qual constam as referências da família de seu pai e de sua mãe. Hermans afirma que seu primeiro nome não é suficiente para descrevê-lo, evidentemente, enquanto pessoa. Ele propõe que os sobrenomes de seus pais que foi incorporado ao seu nome simbolizam a metáfora de vozes de duas famílias. Assim ele sugere que a junção de seu primeiro nome com os nomes dos seus pais dão uma idéia de que o *Self* é estendido para o ambiente, distribuído sobre diferentes identidades. É uma metáfora, a partir da qual discorre a respeito da noção do *self dialógico* como ampliado e conectado ('distribuído') no mundo espacial e pode ser concebido como uma multiplicidade dinâmica de posições do EU (*I-positions*).

Retomando a autoreferencialidade no Twitter de *Caio* observamos que ele constrói uma identidade a partir do sobrenome *White*. Veremos que no canal do Youtube aparece um outro nome (*billynhojunior*) em seu perfil. Então, *Caio White* é um nome artístico, não é um nome originado de sua família, de seu nascimento. Tanto em sua vida profissional *offline* quanto nos perfis apresentados e distribuídos nos espaços *online*, é esta identidade construída para o campo musical, *Caio White*, que estamos considerando. O nome *Caio White* assume,

---

<sup>148</sup> "My first name is Hubert. When somebody asks me who I am, I have the spontaneous tendency to describe myself as a coherent whole and as unified in myself, very well expressed by my first name. The traditional laws of Aristotelian logic support this qualification: Hubert is Hubert and cannot be, at the same time and in the same respect, Hubert and my father Mathew." [tradução minha de forma direta no corpo do texto]

portanto, um estatuto de uma representação de Caio, ou uma das múltiplas *I-positions* que ele assume em sua vida. Do mesmo modo que existe uma pessoa que criou o *nickname Sarahpumpkins* e *O Mentiroso* no mundo virtual, também existe aqui uma pessoa criadora de um ‘*nickname*’ chamado *Caio White*, com a diferença de que esta pessoa assume ser *Caio White*. As representações desta pessoa como *Caio White* constituem seu circuito-weblogue e constituem também seu círculo social fora da Internet, principalmente no meio musical. É indiferente para ele estar ‘dentro’ ou ‘fora’ da rede mundial de computadores, aliás ele utiliza a Internet para divulgar a si mesmo, conhecido no meio musical de DJs como *Caio White*.

## => 2. Youtube

Vejamos a seguir sua autodescrição no canal de Youtube, onde identificamos também outro nome (*nickname*), *billynhojunior* (ver seta 1):

The image shows a screenshot of a YouTube channel page. On the left, three arrows point to specific elements: arrow 1 points to the channel name 'billynhojunior' and the profile picture 'CAIO WHITE'; arrow 2 points to the 'Perfil' (Profile) section; arrow 3 points to the 'Sobre mim' (About me) section. The profile section includes fields for Name (Caio), Exibições do canal (2361), Total de exibições do material enviado (31643), Estilo (Eletrônico), Idade (19), Participante desde (22/07/2007), Atividade mais recente (5 dias atrás), Inscritos (125), Site (http://caiowhite.blogspot.com), and Encontre-me em (Google+). The 'Sobre mim' section contains the text: 'O DJ, Produtor e Compositor (((((CAIOWHITE)))))) - E aii galera sou dj caio white , espero que você gostem das minhas faixas . Quero muito ajuda de você todos webrs do YOUTUBE. - Me ajudem a Divulgar As musicas que vocês mais gostarão ! valeu ...'. The right side of the page shows 'Inscrições (315)' and 'Inscritos (125)' with grid icons of other users.

**Figura 84:** Weblogue de vídeo Youtube de *Caio White*

Observemos que no seu perfil ele denomina-se por *Caio* (ver seta 2, figura 84), possivelmente um outro apelido ou referência familiar de seu nome, mais pessoal do que *Caio White*, um nome artístico. No campo “Sobre mim” (ver seta 3) ele faz a indicação como se estivesse referindo-se a uma outra pessoa e sua fala retrata essa posição do EU-conhecedor (o

I de James e Mead) que descreve a si mesmo ocupando posições, o EU-conhecido (o **ME** de James e Mead):

### O DJ Produtor e Compositor

(( ( (( **Caio White** ))) ))

É importante registrarmos aqui uma aproximação com as formas de encriptamento com os nicknames que ocorrem na sala de *chat* e nos nomes dos perfis de redes sociais. *Caio White* ‘ornamenta’, ‘enfeita’ seu *nickname* com vários parênteses para traduzir uma idéia de vibração sonora, de ressonância. Já não é mais *Caio White* e sim (( ( (( **Caio White** ))) ))).

Embora este caso se caracterize por um nível alto de permanência na forma de representação do Self, é possível ainda assim verificarmos pequenas mudanças entre os seus perfis, como essa que ocorre no perfil do Youtube de *Caio White*: **a)** surge um outro nome, *billynhojunior*; **b)** há um efeito de diferenciação, de personalização no *nickname*.

### => 3. Orkut

Devido à fluidez das imagens e descrições nos perfis que podem ser mudadas com muita facilidade temos duas imagens de perfil do macroweblogue Orkut obtidas durante a etnografia virtual:



**Figura 85** Perfil de *Caio White* no macroweblogue Orkut

Nesta imagem (figura 85) ele opta por uma imagem de si mesmo (seta 1). E aproveita a rede de associados do macroweblogue para divulgar seu Twitter e weblogue de textos (seta 2 e 3).



Figura 86: Perfil de *Caio White* no macroweblogue Orkut

Neste registro mais recente do macroweblogue Orkut verificamos que houve pequenas mudanças:

- Substituição de imagem pessoal por slogan de TOP 100 (*ranking* dos 100 melhores DJs do país), ver seta 1;
- Acréscimo de *link* do weblogue de vídeos Youtube (seta 2) e do seu weblogue de textos (seta3)

Destacamos apenas que na autoreferência do campo “Quem sou eu”, ele escreve: “*Meu blog...*”. Nesse sentido o weblogue de textos (Blogger) passa a assumir a função de identificá-lo. E de fato, nessa investigação que realizamos, tais perfis do circuito-weblogue constituem representações virtuais com *I-positions* do *Self*.

#### => 4. Facebook



Figura 87: Mural do de *Caio White* no macroweblogue Facebook

Do modo inverso do que ocorreu no macroweblogue Orkut quanto à substituição de fotos, registramos recentemente (janeiro de 2012) no Facebook a substituição da logomarca *Caio White Productions* por uma foto pessoal. Esta logomarca aparece no Twitter e também no Youtube, enfatizando o aspecto artístico que é dado ao nome *Caio White*. Enfatizamos apenas, neste perfil do macroweblogue Facebook a repetição da função profissional como descrição de si mesmo. No campo “Informações básicas/Sobre mim” ele escreve: “*dj produtor*”.

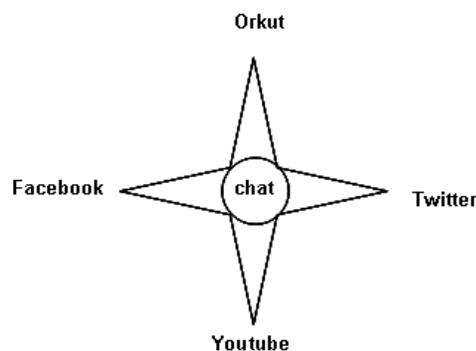
Concluimos o caso de estudo *Caio White*, ressaltando que desde a sala de bate-papo ele se apresenta com um nome e esse nome é o mesmo em todo o seu circuito-weblogue, dentro do qual a sua autoreferencialidade está centrada na imagem que faz de si próprio: é um DJ cujo *nickname* chama-se *Caio White*. Assim, neste caso, verificamos que o *nickname* não foi construído na sala, no nível 3 da dimensão *online* do MEVERSI, mas sim é um *nickname* que foi construído no nível 1 (e demais *offline*), pela pessoa que se movimenta no espaço virtual divulgando esse aspectos de si mesmo e procurando manter essa ‘face’ ou ‘máscara social’. No caso *Sarahpumpkins* verificamos que ela se torna conhecida no circuito-weblogue, ou seja, apenas no nível *online*, enquanto que neste caso que estudamos aqui, *Caio White* faz questão de divulgar exatamente as suas *I-positions* da dimensão *offline*. São dois exemplos em que a idéia de anonimato é quebrada ou resignificada, pois como afirmamos antes (pag. 211), na conclusão do caso *SarahPumpkins*

O significado de anonimato no *chat* deve ser repensando em níveis de referenciação (anonimato em relação à identidade representada *online* nos diversos ambientes *online* e anonimato em relação à identidade que está *offline*), até mesmo a possibilidade do não-anonimato.

O anonimato em relação à identidade representada *online* nos diversos ambientes *online*, diz respeito ao tipo de pessoas que usam diversos *nicknames* no *chat* e fora deles, não criando vínculos e não divulgando seu circuito-weblogue. Então esse anonimato é em relação a uma identidade construída no ambiente *online*. No caso *SarahPumpkins* não identificamos esse nível de anonimato, pois ela se torna reconhecida por essa identidade nos diversos ambientes *online*, e mesmo o anonimato em relação à dimensão *offline* é desconstruído quando recentemente criou seu perfil de Facebook (janeiro de 2012) expondo dados pessoais, inclusive com algumas fotos pessoais.

Se compararmos o desempenho de *Carlos Eduardo* no *chat*, por sua vez, em relação aos seus perfis de macroweblogues veremos que ele optou por um certo nível de anonimato no nível *online*: o *nickname* *O MENTIROSO* não aparenta vínculos expressivos que, à primeira vista, possam identificá-lo como *Carlos Eduardo* (Facebook e Orkut), diferentemente de *Sarah/Sally* em que é possível identificar vínculos de conexões entre o *chat* e os perfis de diversos weblogues utilizados por ela.

Já neste caso que analisamos aqui, *Caio White* optou por um não-anonimato, ele não pretende esconder-se no nível *online*, porque segue num movimento contrário da maioria: usa os espaços virtuais para divulgar a si mesmo. Em seu circuito-weblogue (figura 88) formado de seus perfis nos weblogues Orkut, Facebook, Youtube e Twitter (incluindo o *chat* como ponto de partida) foi observado um caráter de permanência de sua autorerência, no qual realiza uma espécie de ‘*loop*’ de autoreferencialidade, apresentando poucas mudanças:



**Figura 88:** Circuito-weblogue de *Caio White*

O critério que utilizamos do *princípio primário da carnavalização*, a excentricidade na forma de um mascaramento que vem desde o ambiente *offline* e continua no nível *online* como ‘*Caio White*’ pode ser considerado neste caso: *Caio White*, o DJ, é o *nickname* utilizado por Caio desde o seu nível *offline*, o qual ‘incorpora’, assumindo *I-positions* no seu espaço pessoal e interpessoal. Encontrá-lo no *chat* e segui-lo por vários perfis *online* (circuito-weblogue, figura 88) permitiu-nos perceber que sua movimentação nestes ambientes é assumida pelo mesmo *nickname* (apelido, nome artístico) *Caio White* pela qual deseja ser reconhecido na dimensão *offline*. Neste caso classificaremos em um grau baixo de carnavalização.

### 5.2.4 O caso *Script*, entre continuidade e permanência

O caso  **SCRIPT** apresentado aqui assemelha-se ao caso *O Mentiroso* e ao mesmo tempo tem proximidades com o caso *Sarahpumpkins*:

- Descontinuidade: apresentação de *nickname* diferenciado entre aquele utilizado no *chat* e aquele utilizado no circuito-weblogue (*O Mentiroso*)
- Continuidade: apresentação de *nickname* semelhante ou idêntico entre aquele utilizado no *chat* e aquele utilizado no circuito-weblogue (*Sarahpumpkin*)

A pessoa que usou o *nickname Script* apresentou uma continuidade desse *nickname* no seu perfil de Orkut, mas apresentou uma descontinuidade ao construir seu perfil no Facebook com *nickname* diferente, como veremos a seguir. Falamos inicialmente aqui de continuidade/descontinuidade apenas visualizando o *nickname*, porque ao aprofundarmos a análise da representação da pessoa que o controla em seus múltiplos aspectos, desde a sala de bate-papo UOL até os seus dois perfis de macroweblogues (Orkut e Facebook), foi possível encontrarmos um padrão de permanência junto às suas mudanças.

A seguir, na figura 89 (ver setas), visualizamos sua participação na sala:



Figura 89: Participação de *Script* na sala Tema Livre-1(A)

Durante o set etnográfico o pesquisador (**BladeRunner**) solicitou o email de *Script*, explicando que estava realizando pesquisa para tese de doutorado. *Script* enviou seu email e ainda indicou seu perfil no weblogue Orkut:

(11:35:40) **BladeRunner** reservadamente fala para **SCRIPT**: vc pode dar seu email?

(11:35:50)  **SCRIPT** fala para **BladeRunner**: posso sim

(11:35:55)  **SCRIPT** fala para **BladeRunner**: romulobatista@hotmail.it

Ao ser questionado a respeito do nome correto do email, pois a terminação “.it” no final provocou estranhamento ao pesquisador, *Script* informou que estava correto mesmo, pois ele estava na Itália e lá a terminação utilizada para os cadastros de email tem essa correspondência, assim como no Brasil a configuração dos emails tem a grafia final “.com.br”:

(11:36:21)  **SCRIPT** fala para **BladeRunner**: tc da italia

(11:36:29)  **SCRIPT** fala para **BladeRunner**: moro aki

(11:36:37)  **SCRIPT** fala para **BladeRunner**: .it

(11:36:42)  **SCRIPT** fala para **BladeRunner**: e nao ,com

(11:36:50)  **SCRIPT** fala para **BladeRunner**: romulobatista@hotmail.it

Essa *informação concedida* (o email) permitiu que posteriormente obtivéssemos uma *informação encontrada*: seu perfil no macroweblogue Orkut. Posteriormente (janeiro, 2012) encontramos seu perfil também no macroweblogue Facebook. As informações a respeito de viver na Itália, também tornaram-se relevantes para identificarmos o padrão de continuidade na representação do *Self*. Quanto a esse detalhe pessoal (estar na Itália) observamos que seu comportamento desde que entrou na sala de bate-papo foi marcado pelas falas em italiano com um outro *nickname*, **Mel\*.\*@njita**, com a qual demonstrou certa intimidade, inclusive afirmando para o pesquisador que ela era ‘sua gatinha virtual’:

(11:04:02)  **SCRIPT** fala para **Mel\*.\*@njita**:  

(11:05:01)  **SCRIPT** fala para **Mel\*.\*@njita**: Sei la mia boa luminosa nel mare della vita, lamia stella fissa a cui rivolgermi ogni volta che ne ho bisogno.

(11:05:44)  **SCRIPT** fala para **Mel\*.\*@njita**: se io fossi il sole ti sveglierei tutte le mattine con un raggio che sfiora le tue labbra

(11:05:49)  **SCRIPT** fala para **Mel\*.\*@njita**: 

Infelizmente a conversa entre *Script* e **Mel\*.\*@njita** aconteceu de modo meio-público (enquanto *Script* falava com **Mel\*.\*@njita** no espaço público, ela conversava com ele no modo reservado), de modo que não tivemos acesso aos enunciados de sua interlocutora. Mas é possível identificarmos por parte de *Script* os endereçamentos de galanteios e de romance para com ‘**Mel\*.\*@njita**’. Seus enunciados acima traduzem esse aspecto valorativo-emocional escritos em italiano e que traduzimos a seguir:

- 1º enunciado de  **SCRIPT**: “*Você é minha luz no mar da vida, a minha estrela fixa para a qual vou buscar cada vez que eu precisar.*” (livre tradução<sup>149</sup>)
- 2º enunciado de  **SCRIPT**: “*Se eu fosse o sol eu iria te acordar todas as manhãs com um raio que toca seus lábios.*” (livre tradução)

Durante a interação ocorrida na sessão etnográfica entre o participante *Script* e o pesquisador (**BladeRunner**), que obtinha assim informações sobre as pessoas da sala, **Mel\*.\*@njita** não gostou que suas informações fossem divulgadas. Em reservado ela solicitou que informações a seu respeito não fossem dadas ao pesquisador, conforme o próprio *Script* publicou na sala aberta a ‘fala’ de **Mel\*.\*@njita**, que se desculpa com ela depois, conforme vemos a seguir:

(11:14:32)  **SCRIPT** fala para **BladeRunner**: (11:14:18) **Mel\*.\*@njita** (reservadamente) fala para : EI, PARE DE DAR INFORMAÇÕES MINHAS

(11:30:24)  **SCRIPT** fala para **Mel\*.\*@njita**: para de se chata

<sup>149</sup> O autor escreve em italiano, interpolando uma palavra em português (*boa* em vez de *bene*) e abreviando no estilo de *chat*: ‘*rivolgermi*’ no lugar de ‘*rivolger mi*’. E expressão correta deveria ser escrita assim: ‘*Sei la mia bene luminosa nel mare della vita, lamia stella fissa a cui rivolger mi ogni volta che ne ho bisogno*’.

(11:30:30)  **SCRIPT** fala para **Mel\*. \*@njita**: nen fiz nada amore

Desse recorte de conversação novamente flagramos o ‘sotaque’ italiano, como uma marca identificatória de *Script* ao interpolar uma palavra estrangeira no enunciado em português no seu diálogo com ‘**Mel\*. \*@njita**’ (grifado em negrito e destacado, a seguir):

- 1º enunciado de  **SCRIPT**: “*para de ser chata*”
- 2º enunciado de  **SCRIPT**: “*nem fiz nada amore*”

Essas características de *Script* foram marcadas como elementos identificatórios para efeito comparativo com os seus perfis em outros ambientes *online*. Assim, a partir das informações encontradas e concedidas no chat Tema Livre-1(A) do UOL que corresponde ao nível 3 do MEVERSI, seguimos para uma etnografia mais ampla procurando o circuito-weblogue de *Script* (nível 2 do MEVERSI). Localizamos seu perfil no macroweblogue Orkut com o mesmo *nickname* utilizado por ele na sala de bate-papo numa perspectiva de continuidade de representação, como vemos na imagem a seguir (figura 90):



1

filhos:	sim – não moram comigo
humor:	simpático
orientação sexual:	heterossexual
estilo:	casual
fumo:	regulamente
bebo:	socialmente
moro:	só, com filho(s)
cidade natal:	londrina - paranã
página web:	http://www.3dtextmaker.com/c-gi-biry/3dtext.pl
paixões:	minha filha
esportes:	nenhum
atividades:	trabalha nè!!!
música:	dependi do tipo e da musica vai tudo do momento
filmes:	varios
cozinhas:	lasanha e c oca cola
cidade:	/Itália
estado:	" ATENÇÃO PERFIL PROTEGIDO POR »x*24 HR
código postal/ CEP:	<a href
país:	Itália

Figura 90: Perfil de *Script* no weblogue Orkut



Observemos que no *chat* o *nickname* tem o nome **SCRIPT** ornamentado através de cor vermelha além de ter uma imagem: ; e no macroweblogue Orkut o *nickname* tem o mesmo nome, **SCRIPT**, mas com encriptamento (o numeral 1 ornamenta antes e depois do nome, além das trocas de letras do alfabeto português-brasileiro por outro sistema alfabético correspondente. Ver que as letras tem semelhanças: § = S, ϕ = C, ® = R).

No estilo da fala de *Sript* no *chat* flagramos o atendimento ao *princípio primário da carnavalização*, pelo contato livre e familiar entre as pessoas: “*tc da italia*”, “*moro aki*”, “*para de ser chata*” etc.

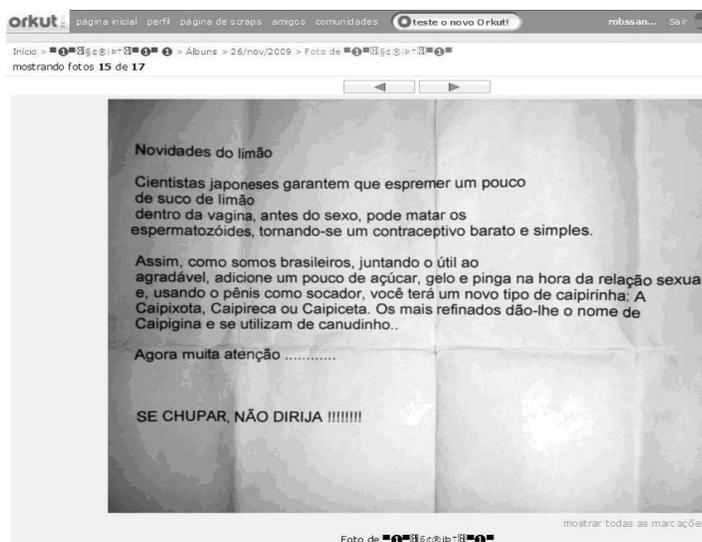
Ao realizarmos uma etnografia em seu weblogue Orkut verificamos um outro *princípio básico da carnavalização*, na forma de disparidade, aspecto que se apresenta na forma de obscenidades, palavrões, o baixo corporal pornográfico. Já no *chat*, *Sript* expressou este aspecto quando o pesquisador (**BladeRunner**), por engano, enviou-lhe uma pergunta (era para outro *nickname*) se ele ‘**h**’ u ‘**m**’ (linguagem abreviada de *chat*, significando ‘**h**’=homem, ‘**m**’=mulher) e *Script* respondeu:

(11:19:38)  **SCRIPT** fala para **BladeRunner**: homen

(11:19:46)  **SCRIPT** fala para **BladeRunner**: moreno 177 ALTURA olhos e cabelos castanho scuro 73 kl tudo isso so pra vc serei seu parke de diversao so subi e comesa a brinca

(11:19:48)  **SCRIPT** fala para **BladeRunner**: kkkkkkkkkkkkkkk

Obsermos que somente pelo fato de perguntar (de forma equivocada, não foi essa a intenção do pesquisador, como já explicado) se *Sript* era homem ou mulher a resposta foi de caráter insinuante, fazendo breve descrição corporal (altura, cor de olhos e cabelos, peso), concluindo que o conjunto corporal seria a metáfora de um ‘parke de diversão’, sendo um convite para ‘entrar’ como um apelo sexual: ‘*so subi e comesa a brinca*’ (a tradução da linguagem do *chat* seria: ‘*é so subir e começar a brincar*’). No seu perfil de macroweblogue Orkut encontraremos no álbum de fotos várias fotos femininas em que as mesmas estão em poses sensuais e provocantes. Neste mesmo algum flagramos um recorte paródico, um texto claramente carnavalizado e que correspondente ao *princípio primário da carnavalização*, na forma de disparidade, que estamos tratando (figura 91):



**Figura 91:** Foto do álbum de *Sript* no seu weblogue Orkut

Notemos que o seu conteúdo é uma paródia sobre os valores ‘funcionais’ do suco de limão. Casos semelhantes como este foram analisados por Bakhtin (1965/1987) ao estudar a obra de Rabelais, *Gargantua e Pantagruel*, sob o prisma da carnavalização, onde as receitas médicas e as informações medicinais de plantas eram todas pervertidas pela jocosidade popular, pelos graciosos, pelo princípio do riso. Aqui flagramos a ‘voz’ de *Sript* através de um texto panfletário da Internet com a paródia repleta de obscenidade, do baixo corporal e que acentua um aspecto de *Sript*: seu interesse pelo sexo oposto e pela prática sexual. Se no álbum de fotos do macroweblogue Orkut e Facebook de *Carlos Eduardo* encontramos várias imagens de corridas de bicicletas, de *bikes* e do produto narguile, neste caso que estudamos aqui *Sript* expõe em seu álbum elementos que lhe são significativos: mulheres – hackers – filhos. No seu álbum de mulheres encontramos junto às imagens femininas o panfleto carnavalizado ‘novidades do limão’ que reproduzimos acima.

Através de uma rastreabilidade com o mesmo email fornecido por *Sript* no chat encontramos seu perfil no macroweblogue Facebook no qual ocorre uma descontinuidade com referência ao *nickname* adotado no *chat* e no perfil do macroweblogue Orkut, mas que apresentam outros aspectos de continuidade da representação do *Self* como *I-position* virtual. Um destes aspectos de continuidade e permanência pode ser inferido a partir do *princípio primário da carnavalização*, a disparidade, que acamos de descrever no macroweblogue Orkut. Vejamos a seguir a imagem (figura 92) de seu perfil no macroweblogue Facebook:



Foto 92: Perfil de *Script* no macroweblogue Facebook

Neste perfil flagramos a descontinuidade de representação de si mesmo no ambiente virtual como *Script* (utilizado no *chat* e no macroweblogue Orkut). Aqui ele assume seu nome que se imagina seja o próprio (correspondendo inclusive ao nome identificado em seu email): *Romulo Batista* (seta 1 na figura 92). No entanto, mesmo apresentando uma mudança de apresentação pessoal quanto ao *nickname*, podemos fazer algumas inferências cabíveis para o aspecto de permanência de algumas *I-positions* assumidas antes:

- o estilo de falar em italiano (no campo ‘Sobre Romulo’, ver seta 2)
- o conteúdo de romance e enamoramento nas falas (ver abaixo a tradução<sup>150</sup> do seu texto em italiano no campo ‘Sobre Romulo’)
- o baixo corporal como apelo sexual (*princípio primário da carnavaalização*, disparidade, ver seta 3)
- gênero masculino (seta 4)

Aquele mesmo estilo enamorado que foi identificado no *chat* com as palavras ditas em italiano para ‘*Mel\*. \*@njita*’ aparecem aqui: “*se um dia você vai me perguntar qual é a melhor coisa que eu vi no mundo..... responderei sem dúvida que são os olhos do meu anjo ..... os teus.....*”.

<sup>150</sup> No original o texto esá assim: “*se un giorno mi chiederanno qual è la cosa più bella che ho visto al mondo..... risponderò senza dubbio gli occhi del mio angelo..... i tuoi.....*”, apenas retificamos na tradução as palavras finais: ‘*i tuoi*’ por ‘*il tuo*’, significando ‘*os teus*’.

Outro aspecto que acompanha *Sript* tanto no perfil do macroweblogue Orkut quanto neste do Facebook é o de insinuar-se, procurar relacionamentos. Aqui podemos fazer a inferência de que ele já tenha encontrado, pois o enunciado “Em um relacionamento sério” está escrito em dois momentos no seu perfil (ver setas 1 e 5) logo abaixo do seu nome Romulo Batista e 2) no campo ‘Status de relacionamento’.

O *princípio primário da carnavalização*, a disparidade, na forma de baixo corporal, de um teor erotizado do corpo é visualizado pela imagem do corpo em parte desnudo: camisa aberta expondo tórax, abdome e início de região pubiana. Aqui também é possível fazer vínculo com o princípio secundário da carnavalização: o princípio da vida material e corporal, no qual o corpo o tem centralidade, assume um estato de evidência. Esta imagem tem relação com o gênero sexual assumido neste perfil (registrado como masculino), com sua orientação sexual (assumida por ser heterossexual) bem como com o perfil das fotos de seu outro álbum encontrado no macroweblogue Orkut (predominância de mulheres).

No seu álbum de fotos no macroweblogue Facebook não encontramos fotos, apenas três imagens que podem representar aspectos simbólicos de conexão identitária e que compõem um quadro de permanência de características de identificação pessoal no circuito-weblogue, conforme visualidos na figura a seguir (fig. 93):



**Figura 93:** Fotos no álbum de *Caio* (Romulo Batista) no seu macroweblogue Facebook

As três únicas imagens apresentadas são de: **1)** uma rosa; **2)** de uma caveira estiliada tenho um enunciado em diagonal onde se lê *Sript* escrito com encriptamento, e **3)** o nome da bebida energética Red Bull. Todas estas imagens que constituem o seu único acervo até o momento (janeiro/2012) remetem a aspectos pessoais e tem conexão com o seu circuito-weblogue. Vejamos a seguir estas imagens e suas conexões.



**Figura 94:** Imagem de uma rosa no álbum de *Script* no macroweblogue Facebook

A imagem da rosa sempre tem um forte apelo romântico e de sedução no universo feminino. Das três imagens esta é a única (figura 94) em que *Script* escreve algo, na verdade, repete o mesmo enunciado que está em italiano no seu perfil, no campo 'Sobre mim': “*se um dia você vai me perguntar qual é a melhor coisa que eu vi no mundo..... responderei sem dúvida que são os olhos do meu anjo ..... os teus.....*”, dando um caráter personalizado à significação imagética. A imagem da rosa acompanhada desses dizeres de cunho romantizado tem um forte apelo emocional. No *chat* flagramos parte de conversa de *Script* com ‘**Mel\*. \*@njita**’ predominantemente em italiano e sempre com adjetivações de ‘mi amore’; no seu álbum de fotos e nos *scraps* (recados) do macroweblogue Orkut, também predominam a presença feminina como sendo seu público direto, sua ‘audiência’.

Nesta imagem flagramos claramente a conexão com o nickname **SCRIPT** que foi adotado tanto no *chat* quanto no macroweblogue Orkut:



**Figura 95:** Imagem de uma caveira estilizada no álbum de *Script* no macroweblogue Facebook

Sobre a caveira estilizada (ela possui um óculos escuro, figura 95) é possível observar o enunciado que está em diagonal (ver seta) tendo o nome SCRITP na forma de encriptamento tal qual está escrito no macroweblogue Orkut: §¢@iP†. Ele traz, portanto, nesta imagem um elo de conexão com o seu outro perfil *online* e da seu nickname no *chat*. Consideramos tal imagem como uma das ‘vozes internas’ de *Script* que é exteriorizada remetendo a uma de suas I-positions no ambiente virtual.

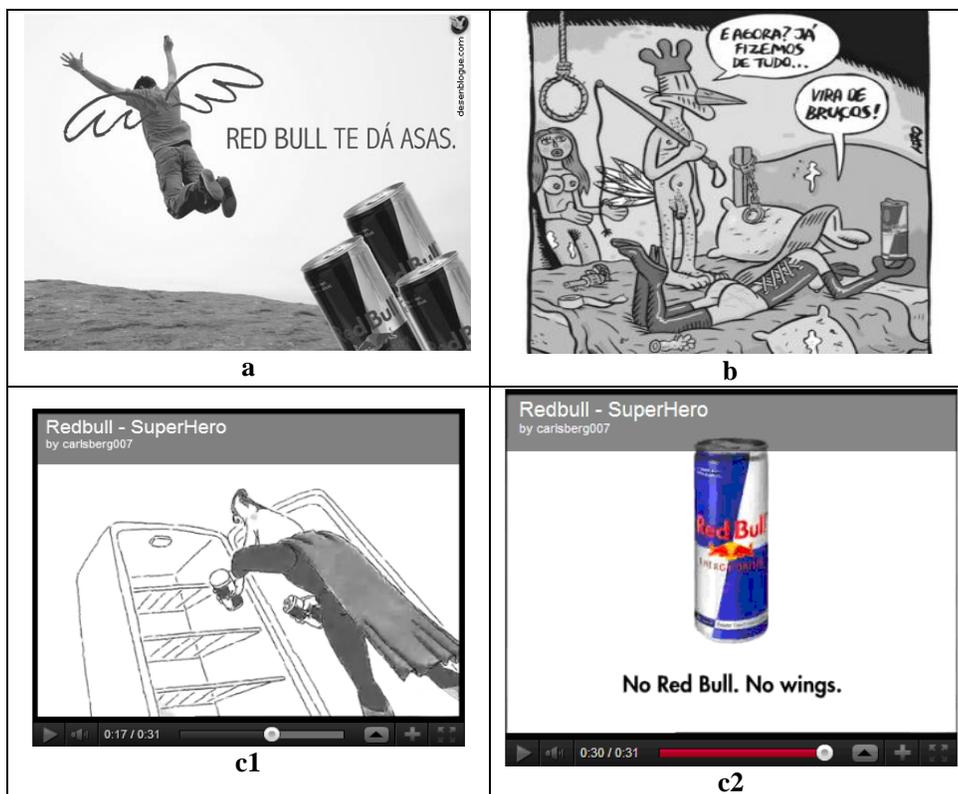
Por fim visualizamos a terceira e última imagem no álbum de fotos de *Script*, contendo o nome Red Bull de forma encriptada: ®ëñ Βμ££. A figura 96 permite essa visualização:



**Figura 96:** Imagem do nome Red Bull de forma encriptada no álbum de *Sript* no macroweblogue Facebook

Este é o nome de uma bebida energética, sempre associada ao bom desempenho e atividades esportiva, à juventude e aos seus ambientes festivos. Através do marketing da empresa com o *slogan*: "*Red Bull dá-te asaaaas*"! esta bebida energética está associada ao perfil jovem masculino remetendo ao imaginário da despreocupação, da boa vida, da força, da liberdade.

A seguir alguns exemplos das campanhas publicitárias e de charge em torno dos ‘efeitos’ proporcionados pela bebida energética Red Bull. Observemos os aspectos da carnavalização bakhtiniana nessas propagandas e charge na figura 97:



**Figura 97:** a) campanha publicitária de Red Bull; b) Charge sobre Red Bull

c1 e c2) imagens de comercial de Red Bull invertendo slogan (Ver nota de rodapé<sup>151</sup>)

As imagens e o imaginário simbólico em torno da bebida Red Bull permitem processos de carnavalização: excentricidades, disparidades, profanação. A imagem publicitária da bebida energética (figura 97a) tem um desenho de asas numa montagem fotográfica simulando que o homem está ‘voando’ após tomar Red Bull, significando ‘poder’, ‘força’, ‘virilidade’. Na figura 97b temos o imaginário sexual sadofetichista no casal que, depois de intensa prática sexual, tem no Red Bull a possibilidade continuar a atividade, apesar de uns parceiros ter dito: “E agora? Já fizemos de tudo...”. Por último nas duas figuras 97c1 e 97c2 fizemos um recorte do comercial de Red Bull em que os responsáveis pelo Marketing invertem o famoso slogan, carnavalizando-o e satirizando os superpoderes do Super-Homem: ele percebendo um pedido de socorro, vai à sua geladeira e não encontrando mais a bebida energética, pois bebeu todos, simplesmente fecha as janelas de seu apartamento para não ouvir os pedidos de socorro vindos de algum lugar da rua, e assim o comercial termina com uma inversão do slogan: “*Sem Red Bull. Sem asas*”. A associação desses ‘super-efeitos’ da bebida energética no comportamento é um resultado da campanha publicitária que vende o

<sup>151</sup> 96a: Disponível em < <http://bit.ly/JM47dB>>; 96b) Disponível em < <http://bit.ly/IKyJse>>; 96c1 e 96c2: Recortes de imagem de filme disponíveis no youtube < <http://bit.ly/cdHgZM>>. Todos acessados em 07/01/2012.

produto associando-o a vários resultados<sup>152</sup>: “aumenta a performance, aumenta a concentração e velocidade de reação, melhora o estado de vigília, estimula o metabolismo e ajuda a que te sintas com mais energia”. Em razão disso encontram-se na Internet vários fóruns e listas de discussão sobre tais efeitos: no Brasil encontramos algumas no Yahoo-Responde<sup>153</sup> com as questões ‘*Você sabe porque Red Bull, te dá Asas?*’ e ‘*Com Red Bull, otimiza a relação sexual?*’, nos Estados Unidos da América do Norte encontramos uma pergunta no Ask-MetaFilter<sup>154</sup> com a questão ‘*Red Bull gives you more than wings, apparently*’ (*Red Bull dá do mais do que de asas, aparentemente*): *Why do B-complex vitamins and zinc enhance orgasm?*( *Por que vitaminas do complexo B e zinco intensificam o orgasmo?*).

Coincidentemente o criador da bebida Red Bull tem alguns aspectos de semelhança com a imagem que *Script* ‘inspira’ e apresenta em seu perfil de macroweblogue Orkut: mulheres. O austríaco Dietrich Mateschitz<sup>155</sup>, aos 61 anos, continua cheio de energia e adepto dos desportos radicais, justificando que toma "entre oito a doze latas de Red Bull por dia, dependendo de quanto duresm os dias e as noites" e sempre com um sorriso nos lábios, a pele bronzeada e a companhia frequente de mulheres bonitas e estrelas do cinema criaram-lhe a fama de "bon vivant". Assim, esta imagem do álbum do macroweblogue Facebook, aparentemente sem qualquer conexão com *Script*, representa muito mais do que a simples divulgação de uma bebida que ele gosta. *Por trás* dessa escolha, “atravessando” o ato de gostar dessa bebida ou de divulgar que se faz uso dela, é possível realizar várias inferências que podem se associar com os propósitos estabelecidos pelo Marketing do produto (**vozes** da empresa) e que se somam à **voz** de *Script*. Esse fato remete à insistência de Bakhtin (2003a, p. 289) em afirmar que todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva, portanto a nossa fala está repleta das falas de outros, interna e externamente. A imagem com o nome Red Bull, portanto, remete ao imaginário simbólico da ‘virilidade’, da ‘força’, da ‘juventude’, das ‘festas’ que encontra na foto do perfil do Facebook de *Script* plena correspondência também: jovialidade e sensualidade.

Por *Script* ter assumido no *chat* e no macroweblogue este *nickname* (*Script*) e não simplesmente Romulo Batista, como se apresenta e se faz representa no macroweblogue Facebook, identificamos aqui o atendimento ao *princípio primário da carnavalização*, a

<sup>152</sup> Sítio eletrônico de Red Bull no Brasil, disponível em < <http://win.gs/IFHtBb>>. Acesso em 07/01/2012.

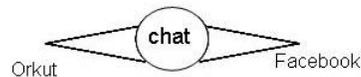
<sup>153</sup> Disponíveis respectivamente em: < <http://bit.ly/Kb3BVD>> e < <http://bit.ly/JgaX4p>>. Acessos em 07/01/2012.

<sup>154</sup> Disponível em : < <http://bit.ly/IKyVr1>>. Acesso em 07/01/2012.

<sup>155</sup> Informação disponível no Wikipédia sob o verbete Red Bull: < [http://pt.wikipedia.org/wiki/Red\\_Bull](http://pt.wikipedia.org/wiki/Red_Bull)>. Acesso em 07/01/2012.

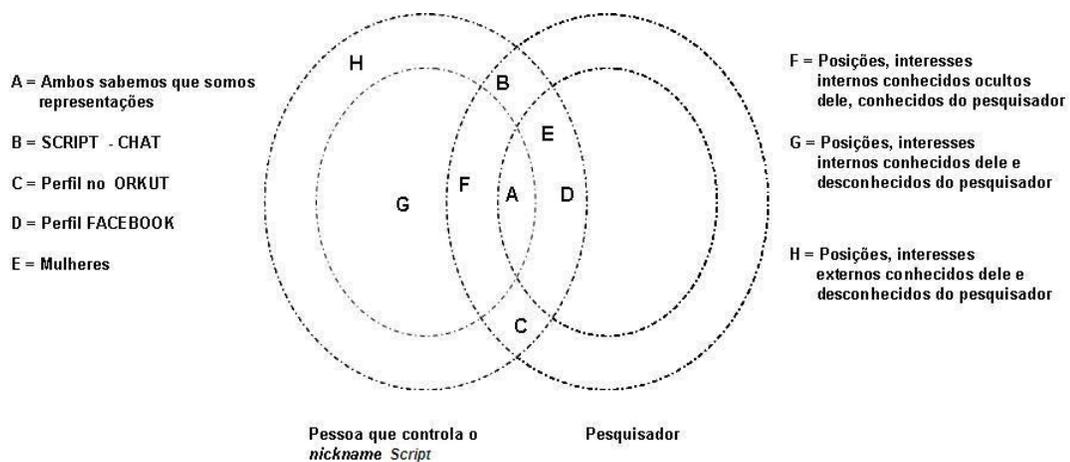
excentricidade pelo mascaramento utilizado. Este caso apresenta um alto grau de carnavalização, conforme os três *princípios primários da carnavalização* correspondidos.

O circuito-weblogue de *Script* nesta pesquisa foi bastante simplificado constituído apenas de seus perfis nos macroweblogues Orkut e Facebook (nível 2 do MEVERSI), tendo iniciado a partir do chat (nível 3 do MEVERSI) como ilustrado na figura 98:



**Figura 98:** Circuito-weblogue de *Script*

Utilizando o modelo representativo de Hermans para o *self dialógico* teríamos a seguinte configuração de interação entre os *selves* pesquisador-pesquisado (figura 99):



**Figura 99:** Modelo de Hermans para a interação entre os *selves dialógicos* aplicados às representações do *Self* na Internet (Caso *Script*)

As *I-positions* internas e externas em interação entre o pesquisador e a pessoa que controla o nickname *Script* pode ser compreendida pela ilustração 98 onde **A** representa as posições internas compartilhadas por ambos: *Script* sabe que **BladeRunner** é um pesquisador, e este sabe que *Script* é uma representação virtual de alguém que o está manipulado no nível 1 do MEVERSI. *Script* compartilha com o pesquisador sua *I-position* virtuais externas no *chat* e no macroweblogue Orkut (posições **B** e **C**), mas oculta inicialmente sua *I-position* externa no Facebook (**D**).

O pesquisador, após uma etnografia no seu circuito-weblog (álbuns, recados recebidos, pessoas adicionadas etc.), observou o interesse de Script por mulheres (**E**), e faz inferências a partir de seu comportamento que ele é um hábil sedutor (**F**), embora isso não seja explicitado por *Script* ou este não sabe que o pesquisador percebe esta sua habilidade. Existem, contudo, outras posições tanto internas quanto externas de Script que não fazem parte do conhecimento do pesquisador (**G** e **H**).

### 5.2.5 O caso *OSD Isolados*, clones e clãs

O encontro com  *OSD ISOLADOS* (doravante *Henrique*) ocorreu no mesmo set etnográfico do 3º encontro com *Sarah*, em 20/11/2011. Este jovem proporcionou várias descobertas das movimentações de um *chat*: os clones, os clãs e as múltiplas mudanças de *nickname* dentro de uma mesma sessão de *chat*.

Caracterizando o processo de pesquisa etnográfica qualitativa dentro da qual o pesquisador interage e participa da comunidade na qual realiza a sua pesquisa, também sendo influenciado pelo contexto, destacamos o fato também aqui registrado de o pesquisador ter aprendido a realizar o registro no UOL-K. A interação em que o pesquisado auxilia o pesquisador, como ocorreu com *Carlos Eduardo* (*nickname O-Mentiroso*) quando deu informações sobre a construção de formulário *online*, repetiu-se com *Henrique* na medida em que este forneceu explicações relevantes sobre o procedimento de criação de um perfil no UOL-K.

O clima de confiança permitiu que *Henrique* além de algumas informações fornecidas sobre a sala de bate-papo também permitisse uma *informação concedida* sobre seu perfil no UOL-K apresentado na figura 100, a seguir:



**Figura 100:** Perfil de Henrique no UOL-K

O perfil de *Henrique* possui uma fotografia (seta 1, figura 100) seguido do *nickname* que é associado a um outro *nickname* com alguma semelhança com o que está em uso na sala Tema Livre-1(A), seguido de seu nome pessoal: *Henrique Augusto de Sousa* (seta 2). Observemos mais atentamente o email que *Henrique* está em uso no *chat* e comparemos com este outro que está no seu perfil do UOL-K:

**Quadro 12:** Comparação de *nickname* de *Henrique* no *chat* e no macroweblogue Orkut

Nickname	Ambiente	Significado
 Ø\$D ¥\$ØÉÅDØ\$	<i>chat</i>	OSD ISOLADOS
-- PÑÉ  \$ØÉÅDØ\$ --	UOL-K	PNS <sup>156</sup> ISOLADOS

Ambos *nicknames* apresentam semelhanças, pela permanência do nome 'ISOLADOS' que vem depois da sigla inicial OSD (no *chat*) e PNS (no UOL-K). Esta observação foi detectada no 3º encontro com *Sarah*, quando a mesma também possuía uma designação inicial dessas em seu *nickname*: »ØŠP«(¯`•WĨÑĐ¥•~), identificada como OSP. Falamos já a respeito dos clãs (pags. 211-216) e *Henrique* é mais um exemplo desses grupos

<sup>156</sup> A sigla do clã deveria ser PNL, mas *Henrique* informou que significa PNS mesmo: Psicopatas no sul. Este é um tipo de clã específico do *chat*, pois existem clãs que são mais organizados e são estabelecidos em comunidades no macroweblogue Orkut. Um homônimo deste no Orkut é o clã PNS (Paz Nas Salas).

presentes nas salas de bate-papo que emergem como novos ajuntamentos que extrapolam a sala construindo comunidades, principalmente no macroweblogue Orkut.

Solicitamos dele que pudesse conceder informação sobre seu macroweblogue Orkut e obtivemos também esse informe, assim podendo ter acesso ao seu perfil, conforme verificado a seguir, ilustrado na figura 101:



Figura 101: Perfil de *Henrique* no macroweblogue Orkut

Isto é também um sinal das forças do grupo sobre o indivíduo, ou numa perspectiva dialógica, a existência do Outro no *Self*, e sua manifestação nas representações sociais do ambiente. Nesse sentido, fragramos a presença do Outro também constituído o *Self*, não como fora, mas assumindo uma posição em seu espaço interno, conforme a metáfora utilizada por Hermans (1996; 1999). Ao agregar ao seu *nickname* uma sigla ('PÑE', setas 1 e 2 na figura 101), que faz uma indexação a um grupo, ou clã como consideram no *chat*, observamos como a pessoa se faz reconhecer diante os outros, e se faz representar, não como um simples “*eu-sou-monolítico*” ou um “*eu-sou-individualizado*” mas também como um “*eu sou do clã X*”, um “*eu sou do grupo Y*”, ou seja, dá-se uma dimensão de um “*eu-sou-coletivo*” remetendo ao conceito de minissociedade da mente ou *Self dialógico* como uma minissociedade (Hermans e Salgado, 2010). Nessa concepção fica implicado que no conceito de ‘eu-sou’ o outro está incluído.

Então, esse segundo elemento (“ISOLADOS”) de seu *nickname* no seu circuito-weblogue permite visualizarmos o aspecto da permanência em relação ao perfil encontrado no

UOL-K: mesma foto e mesmo *nickname*. Em relação ao *chat* os parâmetros são os mesmos adotados no quadro 11: a mudança se deve apenas na questão da sigla inicial do clã. Já no final da pesquisa, ao encontrar Sarah no Facebook com o *nickname* de Sally, o pesquisador aproveitou a oportunidade para entrevistá-la e questionou sobre esses clãs, obtendo a seguinte resposta (figura 102):



**Figura 102:** Entrevista com Sarah no Facebook sobre os clãs

Conforme observado na resposta de Sarah (seta 2 na figura 102), o que formam os clãs são os vínculos em torno de uma temática (jogo, assunto). Ao participar de um clã ocorre uma clara identificação com o coletivo, e de tal modo isso ocorre que observamos uma ‘incorporação’ do coletivo no individual através de uma marca: a sigla inicial do *nickname*. Então assim como em alguns culturas as marcas no corpo designam ritos de passagem ou pertencimentos a grupos sociais (tatuagens, piercings etc.), os clãs nas salas refletem movimentos semelhantes. Um dos estatutos que assumimos para o *nickname* é a idéia de corporeidade e ela é observada mais uma vez nesse caso dos clãs. Assim como na máfia japonesa, nos grupos radicais de *skinhead*, bem como outros grupos como de surfistas, de rock etc. utilizam marcas corporais (tatuagens) para designarem pertencimentos a grupos sociais e culturais, também identificamos esse aspecto nos *chats* onde as pessoas utilizam ‘marcas’ específicas sobre os próprios *nicknames* na forma de marcações lingüísticas (abreviações). Como não existe a presença do corpo no chat e nas redes sociais, a marcação de pertença a um grupo ocorre através da linguagem e ‘sobre’ os nomes de identificação pessoal (*nickname*). Aqui também observamos que o *nickname* assume o estatuto de uma metáfora do corpo no ambiente *online* do chat: o *nickname* não apenas entra, sai, ou seja, movimenta-se ‘diante’ o outro, mas também assume uma imagem de presença corporal e psicológica, é um *Self* representado.

Na sala de bate Tema Livre-1 (A) *Henrique* está usando uma marca de clã OSD (Os delinquentes): **ØŞĐ ¥ŞØŁĂĐØŞ**, enquanto *Sarah* participa do clã OSP (Os piratas). Observamos que existem clãs específicos os chats, formados pelos seus participantes que estabelecem relações ao longo do tempo de convivência.

Outros clãs mais bem estruturados e organizados formam verdadeiras comunidades, como o clã PNS (Paz Nas Salas), que integram membros de várias salas e webchats (UOL, BOL, TERRA) com o objetivo de promoverem um clima de paz nos *chats*. Ao utilizar o filtro de informações das comunidades do macroweblogue Orkut encontramos algumas dessas comunidades<sup>157</sup> (clã PNS):

«Π•@ØMÛÑ™Π•»»Øfí@ÍĂ£™Π•»ΠÑŞ™»

Esta Comunidade é Oficial da família, todos podem ser membros de foi aberta a propósito de todos entrarem, não só o pessoal da família temos o prazer de receber todos aqui, AMIGOS e FAMILIARES dos membros PNS's. Sejam bem vindos (as) a rede de amigos «ΠΒĂZ Ñ/ŞĂ£ĂŞ™»»

• **SITE OFICIAL**

[www.pnspaznassalas.com](http://www.pnspaznassalas.com)

• **SITE RADIO**

[www.radiopnspaznassalas.com](http://www.radiopnspaznassalas.com)

idioma: **Português (Brasil)**

categoria: Família e Lar

dono: «ΠÑŞ»@ØMÛÑÍĐĂĐÉŞ™•MØĐÉØĂÇĂØ•

moderadores: «ΠÑŞ»™, çřıřřř, «ΠÑŞ»°MĂfÍØŞĂ™», «ΠÑŞ»°ΔÍZ «ΠÑŞ»»β@µñôçó@gă

tipo: **público**

privacidade do conteúdo: **aberta para não-membros**

local: **Brasil**

criado em: **6 de maio de 2009**

membros: **1.015**

«Π•@ØMÛÑ™Π•»»Øfí@ÍĂ£™Π•»ΠÑŞ™» (Comunidade Oficial PNS): formada de 1015 membros tendo uma outra rede virtual de participação que extrapola o macroweblogue Orkut, com site oficial e um rádio-site;

**Figura 103** Comunidade Oficial PNS

<sup>157</sup> Endreços respectivamente disponíveis em < <http://bit.ly/aXTkm2>> e em < <http://bit.ly/IXyFo6>>. Acesso em 07/01/2012.

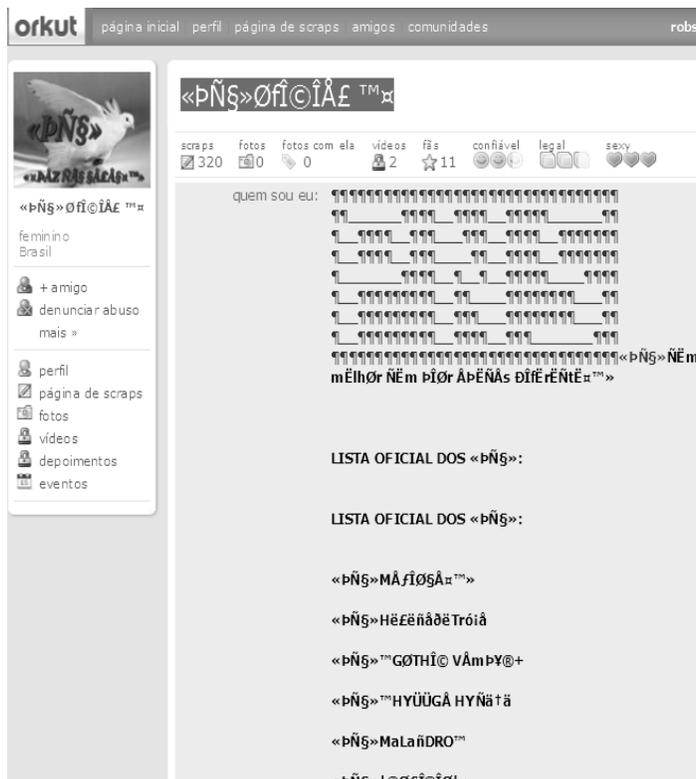


Figura 104: PNS Oficial

«PÑS»ØfíôíÁ€™

(PNS Oficial):

formada por 51 membros,  
tendo a indicação deles logo  
na primeira página da  
comunidade;

Assim, enquanto participante e membro de um clã o *nickname* por si somente já evoca as *vozes coletivas* de um agrupamento, de uma ideologia e que caracterizam um aspecto importante no contexto da globalização e no estudo da identidade nos tempos atuais: o poder e a dominação de um grupo sobre o outro (Hermans, 2004; Hermans & Dimaggio, 2007; Hermans & Hermans-Konopka, 2010; Hermans & Salgado, 2010). Hermans iniciará essa abordagem (2004) ao tratar sobre as diferenças entre grupos e a influência da dominância na construção de identidades, ele dirá: “Como participante nas vozes coletivas da sociedade e da cultura em geral, algumas vozes têm mais social poder do que outras, com o resultado que algumas vozes são negligenciadas, suprimidas, ou simplesmente não ouvidas” (Hermans<sup>158</sup>, 2004, p. 303). Então *Henrique* na sala de bate-papo enquanto *nickname* ØSD ¥\$O£ÁDØ\$ é tanto uma pessoa com suas ideias e interesses participando naquele momento no *chat*, quanto também simboliza e representa uma comunidade a que pertence, trazendo influências para os demais participantes conforme suas falas e seu comportamento na sala de bate-papo. Diremos

<sup>158</sup> “As participating in the collective voices of the society and culture at large, some voices have more social power than others, with the result that some voices are neglected, suppressed, or just not heard” (tradução minha de forma direta no corpo do texto)

que no nickname de *Henrique* enquanto no *chat*, ao utilizar o designativo de um clã, cruzam duas subjetividades ou estão justapostas: a de um indivíduo (que controla o *nickname*) e a ‘subjetividade’ de um grupo (a comunidade a que pertence, com as ideologias desse agrupamento). Esta ‘justaposição’ traduz a ideia de multivocalidade, das múltiplas vozes.

Não foi o caso com *Henrique*, no entanto, suponhamos que o mesmo pertencesse a um clã cujo objetivo fosse bagunçar, perturbar e anarquizar a sala de bate-papo. Ao participar do clã ele aceita e sugere ações, ataques, clonagens etc. Participar desse grupo significa assumir I-position externa: ‘*eu sou do clã X*’. Como membro ativo desse grupo ele ‘incorporaria’ as ideias, o ‘espírito’ do clã. Após essa incursão no grupo de pertencimento imaginemos ainda que ele retornaria para a sala de bate-papo como um representante do clã, e como ‘porta-voz’ deste clã perceberíamos que as *I-positions* externas foram internalizadas assumindo o estauto de vozes internas, voz interior ou como afirma Bakhtin, vozes dos outros que são externalizadas através de sua presença na sala de bate-papo: teríamos aqui a ideia de que o clã (os outros) estariam falando pela ‘boca’ do *nickname*.

Novamente no macroweblogue Orkut buscamos no filtro de buscas das comunidades o verbete “os delinquentes” e encontramos várias pequenas comunidades, dentre as quais destacamos a seguinte, apresentando enquetes (ver seta na figura 105):

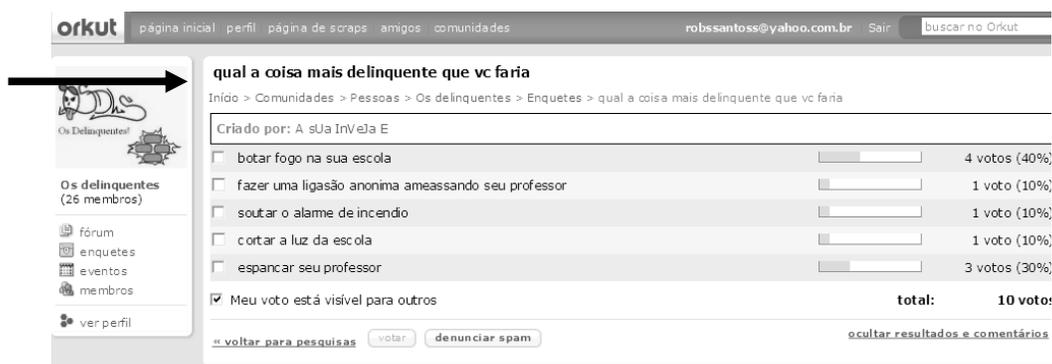
The image is a screenshot of the Orkut website. At the top, the Orkut logo is visible on the left, and navigation links for 'página inicial', 'perfil', 'página de scraps', 'amigos', and 'comunidades' are in the center. The user's name 'robssantoss@' is on the right. The main content area is titled 'Os delinquentes' and includes a description: 'Comunidade Os Delinquentes há comunidade dos pinchadores Só quem É!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!'. It lists details such as 'idioma: Português (Brasil)', 'categoria: Pessoas', 'dono: A sUa InVeJa E vEIosIdAdE PaRa oMeU sUeSsO', 'tipo: público', 'privacidade do conteúdo: aberta para não-membros', 'local: sp, sp, Brasil', 'criado em: 6 de fevereiro de 2007', and 'membros: 26'. Below this is a 'fórum' section with the message 'Nenhuma postagem recente' and a 'nova tópico' button. A black arrow points to a poll titled 'se fossi pra vc faser uma maldade qual seria ?' with options: 'bater no seu professor?', 'bater em um policial?', and 'esprodir uma delegacia de policia?'. A checkbox at the bottom indicates 'Meu voto está visível para os outros usuários'.

Figura 105: Comunidade Os delinquentes no Orkut

A comunidade não apresenta atualmente movimentação, no entanto, foi deixado as marcas de suas intenções, de sua ‘ideologia’. Em uma enquete proposta pelo gerente da comunidade é realizada pela pergunta: “*Qual a coisa mais delinquente que você faria?*” (ver seta). As opções de resposta fornecida pelo autor da pergunta foram:

1. botar fogo na sua escola
2. fazer uma ligação anônima ameaçando seu professor
3. disparar o alarme de incêndio
4. cortar a luz da escola
5. espancar seu professor

O resultado da enquete é fornecido pelo próprio sistema do macroweblogue Orkut, conforme apresentamos abaixo:



**Figura 106:** Enquete na comunidade **Os Delinquentes** no macroweblogue Orkut

Verifiquemos (figura 106) que das dez pessoas que participaram da enquete, quatro delas responderam que ‘*colocariam fogo na escola*’ e três delas ‘*espancariam seu professor*’, totalizando sete ações de violência contra algo (a escola) ou alguém (professor/a). O exemplo é por demais simples, no entanto, imaginemos grupos mais bem estruturados, como de terroristas, traficantes e assaltantes, construindo ideias, arquitetando planos, desenhando ações. Os membros desses grupos onde estiverem poderão ocultar suas intenções publicamente até o momento em que seja necessário agirem e demonstrarem quem verdadeiramente são e seus propósitos. Como também poderão cuidadosamente atrair novos membros. O que destacamos é a questão de dominância de um grupo sobre um indivíduo e de um grupo de maior força (física ou ideológica) sobre outro grupo, traçando influências como

vozes na construção de identidade e na assunção de novas *I-positions*. O pertencimento a um clã significa a ‘incorporação’ de sua ideologia, expressando-a no comportamento, em ações. Essa inclusão em um grupo significa num primeiro momento, uma *I-position externa* (fazer parte de, ser membro de); posteriormente quando se age conforme a ideologia do grupo temos a *I-position interna* (o *Self* então já terá no seu espaço interno as vozes do grupo como sendo sua voz ‘própria’): fazer o que o grupo manda fazer, ser como o membro manda ser.

Verificamos neste set etnográfico a luta de forças entre *Henrique* e uma outra pessoa do clã OSD (os delinquentes) que lhe clonava o *nickname*. Por clonagem de *nickname* entendamos o fato de uma pessoa qualquer imitar seu *nickname* de tal modo que pareçam idênticos: pequenos detalhes, contudo permitem identificar a diferenciação. *Henrique* utilizava o *nickname* **Ø\$D ¥\$Ø£ÁDØ\$** (obsermos que há um espaço entre a sigla do clã e o nome: OSD ISOLADOS), mas surgiu na sala alguém com o seu clone: **Ø\$D¥\$Ø£ÁDØ\$** (obsermos que não há um espaço entre a sigla do clã e o nome: OSDISOLADOS):

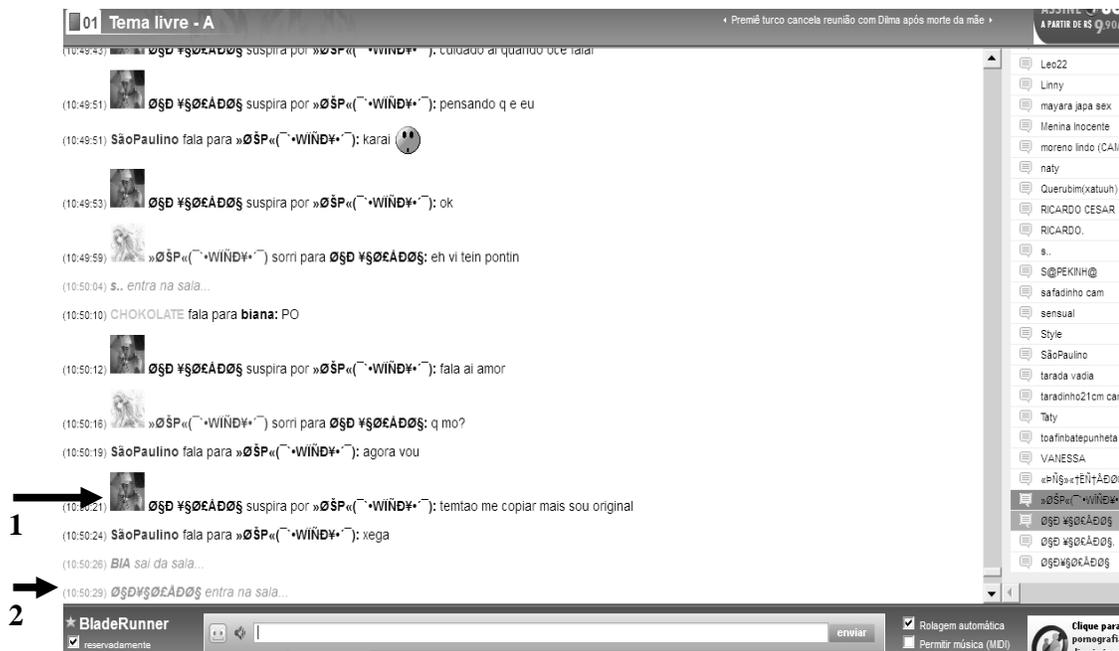


Figura 107: Entrada de clone de Henrique na sala Tema Livre-1 (A)

Na imagem acima (figura 107) verificamos *Henrique* como **Ø\$D ¥\$Ø£ÁDØ\$** (seta 1) e flagramos a entrada na Sala Tema Livre-1(A) do seu clone (um outro que deseja se passar por ele): **Ø\$D ¥\$Ø£ÁDØ\$** (seta 2). Enquanto o discurso de Henrique é construído na busca de fazer ‘pontes’, um diálogo efetivo e afetivo com as pessoas da sala, e o seu clone

entra na sala com a intenção de perturbar e provocá-lo, atravessando as conversas, utilizando de obscenidades e agressões variadas que constituem todo o universo da carnavalização. Vejamos a fala de *Henrique*, antes do seu clone entrar: “*temptao [sic] me copiar mas sou original*” (seta 1 na figura 106). Desse embate, detectamos que *Henrique* utilizou nessa mesma sessão três *nicknames* diferentes em tempos diferentes, ou seja, ele saía da sala e retornava com outro *nickname* como uma maneira de driblar a pessoa que estava utilizando o seu clone. Esta pessoa que o clonou na primeira vez também saía da sala e realizava outra clonagem, carnavalizando todas as conversações através das ambigüidades provocadoras. Nesta fala abaixo é o clone (‘Ø\$Ð ÅÑJÎÑHÜÜ.’) quem chama *Henrique* (‘Ø\$Ð ÅÑJÎÑHÜÜ’) de ser a pessoa que está enganando, num claro discurso ambíguo e carnavalizado (é a cena do culpado acusando a vítima pelo crime, numa tentativa de confundir o júri):

(12:26:32) Ø\$Ð ÅÑJÎÑHÜÜ. fala para Ø\$Ð ÅÑJÎÑHÜÜ: vc estah me confundindo com o clone

A pessoa que está fazendo clone de *Henrique* tenta confundir todos, inclusive o próprio clonado (*Henrique*), ao afirmar: “*você está me confundindo*”. De fato observemos que apenas um ponto ( . ) no final do *nickname* é que diferencia os dois na sala de bate-papo, além do próprio estilo discursivo de ambos.

Vejamos os *nicknames* de *Henrique* nessa sessão de *chat* na ordem de sequência:

-  Ø\$Ð ¥\$Ø£ÁÐØ\$ (foi clonado na sala por: Ø\$Ð¥\$Ø£ÁÐØ\$)
-  ÅÑJÎÑHÜ ÐÁ \$Å@Å (em homenagem à *SaraPumpkins*)
-  Ø\$Ð ÅÑJÎÑHÜÜ (foi clonado na sala por: Ø\$Ð ÅÑJÎÑHÜÜ.)

Este exemplo que identificamos apresenta a existência dos clones, os quais, como falamos são *nicknames* parecidos, semelhantes, quase idênticos. Existem os clones e existem os *nicknames* diferentes utilizados ao mesmo tempo pelo mesmo usuário, para estes definiremos como *nicknames* duplos ou múltiplos. Vejamos as definições que propomos, a seguir:

**Quadro 13:** Definição de *nicknames* quanto a clones, duplos e *fakes*

<b>Nicknames Clones</b>	<i>Nickname</i> parecido, utilizado por outra pessoa ao mesmo tempo numa sala de bate-papo. Pequenas diferenças existem entre o <i>nickname</i> e o seu clone.
<b>Nicknames duplos ou múltiplos</b>	<i>Nickname</i> parecido ou não, utilizado pela mesma pessoa que está na sala de bate-papo. Uma mesma pessoa pode, então assumir dois <i>nicknames</i> semelhantes ou diferentes.
<b>Nicknames fakes</b>	<i>Nickname</i> falso utilizado por uma pessoa na ausência do <i>nickname</i> ‘original’ ou ‘verdadeiro’ na sala de bate-papo. A pessoa se passa por outra, utilizando o mesmo <i>nickname</i> , em sua ausência.

No estudo de caso *OSD Isolados* verificamos os dois tipos primeiros do quadro 12: clones e *nicknames* duplos ou múltiplos. O fato da multiplicidade de identificações ou personificações que uma pessoa pode assumir na sala de bate-papo apresenta sérios obstáculos para as pesquisas etnográficas virtuais, como esta que realizamos, exigindo meticulosa análise e investigação no circuito-weblogue dos pesquisados.

O *princípio primário da carnavalização, excentricidade*, representado pelo mascaramento foi uma categoria que identificamos nesse caso diante as múltiplas mudanças ocorridas (*nicknames* duplos ou múltiplos) num período curto de tempo por *Henrique*. Tais mudanças realizadas sequencialmente numa curta temporalidade (a sessão de um *chat*) permitiu-nos capturar *in loco* o processo da impermanência/descontinuidade do *nickname* e a permanência/continuidade de outros caracteres da pessoa que o controla, servindo-nos como exercício de análise e comparação do comportamento de um *nickname* e seu clone, por exemplo. Abaixo algumas falas do clone de *Henrique* com o discurso carnavalizado das disparidades (ironias, deboches, obscenidades):

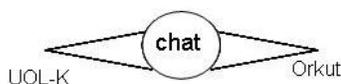
(11:16:12) ØSD¥\$ØEÃDØ\$ fala para ØSD ¥\$ØEÃDØ\$: vc eh muito feio  
 (11:16:23) ØSD¥\$ØEÃDØ\$ fala para ØSD ¥\$ØEÃDØ\$: parece com meu saco escrotal no inverno  
 (11:17:46) ØSD¥\$ØEÃDØ\$ fala para SR°...MÃEÃÑDRØ!!!: tem jeito de viado  
 (11:47:20) ØSD¥\$ØEÃDØ\$ fala para »ØSP«(¨•WÍÑD¥•¨): vc comeu guizado de urubuh?

O caso permitiu-nos não limitar-nos ao *nickname* da pessoa que utiliza a sala de bate-papo, nos estudos dos processos de representação do *Self*, embora o *nickname* tenha um papel fundamental e dos mais importantes nessa movimentação da pessoa nos ambientes virtuais. O próprio *Henrique* explicando sobre os clãs assim admite sobre os *nicknames*: “*e pelo nome q a gente se classifica*” (“*é pelo nome que a gente se classifica*”). Todavia, para além do *nickname* é importante consideramos outros elementos que compõem toda representação do *Self* em seu conjunto dinâmico:

- A imagem que acompanha o *nickname* (foto, figura, *emoticom* etc.)
- A sigla do clã (caso seja participante de algum)
- As falas no *chat*
- Comportamento na sala (saída, entrada, clones, fakes, *nicknames* duplos ou múltiplos)
- Perfil descrito no circuito-weblogue (autoreferencialidade)
- Amigos inscritos ou que são associados no perfil do circuito-weblogue
- As comunidades seguidas no perfil do circuito-weblogue
- As participações nas comunidades seguidas
- A participação nos *scraps* (recados) próprios e nos *scraps* de amigos

Utilizando o MEVERSI como ferramenta de observação multinível foi possível identificar a ‘movimentação’ da pessoa que controla o seu *nickname* nos contextos virtuais, analisando as suas formas de representação do *Self*, assumindo *I-positions internas e externas*.

O circuito-weblogue de *Henrique* foi formado de seu perfil no UOL-K e de seu perfil no macroweblogue Orkut, tendo como ponto inicial da pesquisa a sua participação na sala de bate-papo Tema Livre-1(A) do UOL, como mostrado a seguir (figura 108):



**Figura 108: Circuito-weblogue de OSD Isolados**

Identificamos neste caso a correspondência ao *princípio primário da carnavalização*, o contato livre e familiar entre as pessoas através das falas diretas, abreviadas e coloquais de *Henrique*. Apesar de mudar três vezes de *nickname* numa mesma sessão de

chat, observamos seu estilo alegre, descontraído e afetivo com as pessoas, diferentemente do seu clone sempre apresentando o avesso de tudo: anárquico, ríspido, obsceno. Vejamos a seguir as falas de *Henrique* e as falas do seu clone no endereçamento para o pesquisador (**BladeRunner**) e para *Sarah* (»ØSP«(˘•WÍÑÐ¥•˘˘)) que estava nessa sessão etnográfica:

(11:18:42)	 ØSD ¥\$ØEÁÐØS	fala para »ØSP«(˘•WÍÑÐ¥•˘˘): amor kd oce
(12:58:22)	 ØSD ÅÑJÍÑHÜÜ	fala para <b>BladeRunner</b> : fika com deus meu irmao
-----		
(11:33:39)	 ØSD¥\$ØEÁÐØS	fala para »ØSP«(˘•WÍÑÐ¥•˘˘): vc eh transsexual?
(12:51:39)	 ØSD ÅÑJÍÑHÜÜ.	fala para <b>BladeRunner</b> : um se xama bladerunnet e minha mulher »ØSP«(˘•WÍÑÐ¥•˘˘)

Verificamos que o estilo de *Henrique* permaneceu como flagrante nos seus dois *nicknames* diferente (primeiro bloco): sempre se dirigia verbalmente para *Sarah* com a expressão ‘amor’ e de forma bastante afetiva; em relação ao pesquisador foi sempre cortês e colaborou com muitas informações. Vejamos o estilo da fala dos seus **clones** (segundo bloco): pergunta se *Sarah* é transsexual e em seguida no fluxo da fala acrescenta outras opções de obscenidades (não consta neste recorte); em relação ao pesquisador utiliza um recurso da carnavalização que é a paródia, o travestimento e o inverso das coisas quando modifica o nome do pesquisador (**BladeRunner**) por “*bladerunet*”, esta simples modificação do **R** pelo **T** no final do *nickname* ridiculariza o nome dando-lhe um tom de travestimento e feminilidade.

O *princípio primário da carnavalização*, a **disparidade**, pode ser flagrado no limite da paciência de *Henrique* quando este envia para o seu **clone** uma série de *emoticons* construídos por símbolos, como os abaixo representados (isto provoca um *flood* dentro do espaço público da sala), além de começar a revidar com ataques verbais (‘verme’):

(11:48:00)	 ØSD ÅÑJÍÑHÜÜ	fala para ØSD¥\$ØEÁÐØS: \
(11:48:02)	 ØSD ÅÑJÍÑHÜÜ	fala para ØSD¥\$ØEÁÐØS: /
(11:49:00)	 ØSD ÅÑJÍÑHÜÜ	fala para ØSD¥\$ØEÁÐØS: verme mora em baixo da terra
(11:49:12)	 ØSD ÅÑJÍÑHÜÜ	fala para ØSD¥\$ØEÁÐØS: sempre irei ser por cima de vc

Finalizamos, assim, a análise do caso *Henrique* considerando que o atendimento às três *categorias primárias da carnavalização* permitem-nos visualizá-lo como um alto grau de correspondência a este princípio estético da existência.

### 5.3 Aspectos da carnavalização nas representações do *Self*

Após a análise destes cinco casos que selecionamos, dentre vários outros, para o estudo das formas de representação do *Self* no *chat* e, por decorrência nos ambientes *online*, podemos apresentar a seguinte síntese conforme o atendimento aos princípios da carnavalização bakhtiniana (quadro 13):

**Quadro 12:** Síntese de estudos de casos com relação aos princípios primários da carnavalização

<b>Princípios primários da carnavalização</b>	<b>Caso 1 <i>Sarah</i></b>	<b>Caso 2 <i>O-Mentiroso</i></b>	<b>Caso 3 <i>Caio White</i></b>	<b>Caso 4 <i>Script</i></b>	<b>Caso 5 <i>OSD Isolados</i></b>
contato livre e familiar entre as pessoas / ruptura de formalidades	X	X	X	X	X
excentricidade	X	X	X	X	X
disparidades	X			X	X
profanação		X			

Destas quatro categorias que definimos como *princípios primários da carnavalização bakhtiniana* verificamos que nos cinco estudos de caso houve predominância de dois deles: contato livre e familiar entre as pessoas / ruptura de formalidades e excentricidade/mascaramentos. Quanto ao primeiro princípio, é justificável pelo fato de a linguagem tem sempre uma aproximação com o discurso falado, embora seja escrito, ocorrendo hibridismos ou transmutação de gêneros como propôs Araújo (2006a) com a inclusão dos aspectos não verbais da conversação através de marcas verbais e *emoticons* (Oliveira, 2007). Quanto ao segundo princípio, principalmente o mascaramento, torna-se algo recorrente e quase comum nos *chats* as pessoas utilizarem nomes fictícios para atuarem nesses ambientes virtuais; dizemos quase porque durante a etnografia foi possível identificarmos

várias pessoas que optam por utilizarem seus nomes próprios sem quaisquer constrangimentos. Todavia, predominantemente ocorre o uso de mascaramentos através de apelidos (nicknames) diferenciados e que podem ser permanentes dentro do circuito-weblogue ou variáveis, conforme vimos nos casos *Sarah/Sally* e *Caio White* (permanência) e nos casos de *Script* e *OSD Isolados* (impermanência).

O terceiro *princípio primário da carnavalização bakhtiniana* mais flagrante (três dos cinco casos de estudo) foi o das disparidades, através das obscenidades, dos palavrões, do baixo-corporal. Em decorrência de um certo tipo de anonimato (em relação à pessoa que controla o nickname) tal comportamento torna-se mais favorecido dentro do clima de liberdade que é estabelecido pela carnavalização. Este princípio também é destacado principalmente por uma ruptura de um estilo de discurso (formal, tranqüilo, afetivo etc) por uma inesperada mudança (informalidade, vocabulário erótico-pornográfico, agressões verbais etc.), tal comportamento foi o que se destacou nos casos de *SarahPumpkins*, *Script* e *OSD Isolados*.

O *princípio primário da carnavalização bakhtiniana* menos utilizado nestes cinco estudos de caso foi o da profanação. Caracterizado pela linguagem das paródias, dos gracejos com o sagrado e o oficial através de críticas contra as autoridades religiosas e políticas bem como através de imitações, pastiches e paródias, este princípio foi apenas identificado claramente na fala de *O Mentiroso* durante o set etnográfico. Por exigir maior criticidade e elaboração tanto no nickname quanto na estruturação das salas, além de uma adequada elaboração para realizar uma imitação contra autoridades religiosas e políticas, não apareceu com frequência, pelo menos nestes estudos que selecionamos. É mais comum de observarmos através da crítica ou paródia realizada através das nomeações dos *nicknames*, como alguns que apresentamos abaixo, decorrente na etnografia que fizemos em todas as salas do UOL:

- ODEIO CASAS BAHIA (*nickname* na sala Variados / Mais Temas / Papo Cabeça)
- Vende-se 1RIM↯RS (*nickname* na sala Exterior / Brasileiros em Portugal)
- Ze de Lisboa (*nickname* na sala Exterior / Brasileiros em Portugal)
- \*\*\*GAY DE DEUS\*\*\* (*nickname* na sala Religiões / Evangélicos)
- noiva de satan666 (*nickname* na sala Religiões / Evangélicos)
- Hitler (*nickname* na sala Religiões / Mais Religiões (Judeus – 1)

Observemos que tais *nicknames* ‘soarão’ com um sentido de profanação ao sagrado (considerando as ideologias das salas: religiosas, amizades, cidades, idades, brasileiros no exterior etc.). Vejamos, por exemplo, o *nickname* com o nome ‘*gay de Deus*’ na sala de bate-papo Religiões/Evangélicos; à primeira vista imaginamos que o *nickname* seria de uma sala com temática de Sexo, GLS etc. e tem-se a impressão de que o *nickname* estaria fora de contexto. Do mesmo modo que o *nickname* ‘HitlerR’ numa sala de bate-papo cujo tema é Religião/Judeus pode provocar reações diferenciadas por parte da comunidade que ali esteja, conforme seja menos ou mais ortodoxa. Assim, o princípio primário da carnavalização bakhtiniana, a profanação, talvez não seja um dos mais presentes, embora constitua sempre um dos princípios que faz parte da expressividade carnalizada presente nos ambientes *online*.

O resultado etnometodológico envolvendo uma etnografia virtual ampla, não apenas localizada na sala de bate-papo Tema Livre do UOL, permitiu-nos várias constatações dos princípios da carnalização apontados por Bakhtin e que identificamos nos *chats*, no circuito-weblogue dos participantes e nas formas dinâmicas de interação presentes nos contextos *online*. Os casos *SarahPumpkins*, *O Mentiroso*, *Caio White*, *Script* e *OSD Isolados* permitiram-nos acompanhar os vários movimentos de mudança e permanência que constituem o fluxo da existência humana, através da relação EU-Outro.

No caso *SarahPumpkins* observamos um padrão de permanência, apesar de flutuações em torno de vários *nicknames* utilizados na sala de bate-papo do UOL, embora predominasse a díade *Sarah-Sally* (observamos que ambos são equivalentes: *Sally* como apelido de *Sarah*). No final da tese, ao encontrar *Sarah* como *SallyPumpkins* no macroweblogue Facebook o pesquisador a questionou sobre o seu verdadeiro nome, recebendo a informação de que é realmente Sarah (ver figura 109):



**Figura 109:** Entrevista com Sally no Facebook

O estudo se desdobrou em três encontros virtuais no *chat* do UOL possibilitando aprofundamento da análise das *I-positions internas e externas* como posições assumidas pelo *Self* enquanto representação no ambiente virtual, também sendo analisadas tais posições no seu vasto circuito-weblogue. Admitimos que *SarahPumpkins* assumiu vários *nicknames* e possui um vasto repertório de posições no seu circuito-weblogue, no entanto, através do estudo realizado identificamos que é o mesmo *Self* ‘por trás’ dessa multiplicidade de representações. O caso *SarahPumpkins* também permitiu verificamos com mais proximidade as observações que são identificadas a respeito do *self dialógico* conforme as contribuições da *rede contemporânea do dialogismo*, principalmente no que diz respeito aos movimentos de multivocalidade cuja base conceitual remete aos ensaios teóricos bakhtinianos a respeito da relação EU-Tu, EU-Outro. Em *SarahPumpkins* encontramos as múltiplas vozes dos Outros que são internalizadas, fazendo parte de seu repertório de posições pessoais (PPR), ou seja, o conjunto de representações assumidas pelas suas *I-positions* (Hermans, 2001b).

No caso *O Mentiroso (Carlos Eduardo)* tivemos a oportunidade de acompanhar momentos de mudança (enquanto *nickname* no *chat* e enquanto participante de redes sociais) obtendo os flagrantes de permanência do EU, nas falas e na movimentação em seu circuito-weblogue. O modelo de *Self* proposto por Hermans pode ser aplicado, observando as *I-positions* que são expostas, sendo externalizadas, bem como aquelas que são ocultas, mas que podem ser apercebidas pelo Outro. Ao mesmo tempo leva-nos à compreensão das limitações decorrentes de nosso excedente de visão, como afirma Bakhtin, quando diz que não podemos contemplar alguns elementos de nós mesmos (nascimento, morte, nosso horizonte de fundo, por exemplo), somente vistos pelo Outro. Que outras posições externas são assumidas por *Carlos Eduardo* e que não foram, nem jamais serão em sua totalidade, percebidas pelo pesquisador?

No caso *Caio White* encontramos algo menos comum e que nos permitiu rever os conceitos de anonimato na Internet, assim como o caso *SarahPumpkins*. A questão do anonimato em relação ao nível *offline* é algo considerado generalizado na Internet, nos ambientes de interação virtual, no entanto faz-se necessário delimitar a extensão e o ponto referencial desse anonimato. É possível que pessoas utilizem suas representações *online* no *chat* e no seu circuito-weblogue sem qualquer preocupação de ocultar sua ‘face’ como é conhecida nos ambientes *offline*. Foi assim com *Caio White*. No caso *SarahPumpkins* o seu reconhecimento *SarahPumpkins* se dá mais no nível online, no chat e no seu circuito-weblogue, sendo estendido para o nível *offline* com sua recente reativação do macroweblogue

Facebook em que expõe vários dados pessoais, inclusive suas fotos e não mais as imagens de animes/mangás. O estudo de Caio White demonstrou-nos um grau baixo de atendimento dos princípios primários da carnavalização, apenas dois deles foram atendidos (ver quadro 13).

No caso *Script* flagramos o fluxo da continuidade de aspectos identitários pessoais, mesmo quando assumindo o nickname no *Script*. Sua face enquanto *Romulo Batista*, conforme apresentada no macroweblogue Facebook permite-nos os vários flagrantes da permanência. Assim como no caso *SarahPumpkins* identificamos as múltiplas vozes dos outros que estão internas no *Self* e que são externalizadas (a cultura japonesa, a cultura americana, por exemplo) também foi possível identificar em *Script* a ‘voz do outro’ refratada em sua ‘voz’ através da análise de imagens no seu álbum de fotos do Facebook, relacionando com suas *I-positions externas e internas*. A pergunta que emerge dessas análises é: *quanto das vozes alheias carregamos e estão em nós?* Partindo desse questionamento poderemos apresentar outro como resposta: o que seria de nós sem as vozes alheias que carregamos e que estão vivas dentro de nós mesmos? A idéia de sociedade polifônica da mente enfatizada por Hermans (2002), Salgado e Hermans (2005, p. 3), Hermans e Dimaggio (2007, p. 38) pode auxiliar-nos na tentativa de compreensão do *Self*.

E no caso *OSD Isolados* (Henrique) foi constatada a fluidez com que são construídos e desfeitos os *nicknames*, apontando-nos para os cuidados devidos em não nos fixamos apenas neles para o estudo das representações do *Self* nos ambientes virtuais. Ao mesmo tempo convoca-nos para uma atenção adequada na leitura dos *nicknames* quanto ao que eles nos diz, principalmente com referência à emergência dos clãs, como agrupamentos dentro e fora da sala. O *nickname* permite várias leituras e uma delas pode ser a indicação de pertencimento da pessoa que o controla em algum grupo (clãs). Nesse estudo foi possível flagrarmos a entrada/saída de *Henrique* da sala de bate-papo assumindo três *nicknames* diferenciados, além de observarmos a existência dos clones de *nicknames*.

Os resultados do formulário *online* não demonstraram os resultados esperados. Justifica-se o seu baixo uso pelos usuários da sala à questão da desconfiança em relação a alguém desconhecido, ainda mais quando solicitava-se a indicação de seu perfil no Orkut (ver anexo IV). Apenas seis pessoas participaram. Destas, serviu-nos os dados informativos de apenas dois (ver setas no quadro 15 abaixo): 1) *Carlos Eduardo* (*nickname O Mentiroso* no *chat*) que se tornou um estudo de caso; 2) *Euzinha* (*chat*) que forneceu endereço de Orkut (apresentamos seu perfil na pág. 143). Abaixo no quadro 15 visualizamos o quadro resumo de resultados do formulário *online*:

**Quadro 15:** Quadro resumo com resultado do formulário *online*

Indicação de data e hora	Você participa de salas de bate-papo?	Escolha uma das salas que você usa e informe qual o nickname que você usa com mais frequência nessas salas?	Você participa de redes sociais?	Escolha uma das redes sociais que você usa e informe qual o seu endereço	Caso deseje, escolha uma das redes sociais que você usa e informe qual o seu endereço
02/06/2011 10:58:31	UOL	BLADERUNNER	ORKUT: <a href="http://www.orkut.com.br/Main#Profile?rl=mp&amp;uid=13137483782671423999">http://www.orkut.com.br/Main#Profile?rl=mp&amp;uid=13137483782671423999</a>		
02/06/2011 10:59:21	Sim. UOL e BOL	O Mentiroso	<a href="http://www.orkut.com.br/Main#Profile?rl=mp&amp;uid=8072975920816750255">http://www.orkut.com.br/Main#Profile?rl=mp&amp;uid=8072975920816750255</a>		
02/06/2011 14:04:08	UOL	Cidades e regiões Nick: Euzinha	ORKUT	<a href="http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=162943776004074827">http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=162943776004074827</a>	
05/06/2011 10:04:25	UOL	uol/ cidades e regiões: Pernambuco/ meu nick: Neline	todos	<a href="http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=103365522867251544">http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=103365522867251544</a>	<a href="http://www.facebook.com/profile.php?id=1000013854854">http://www.facebook.com/profile.php?id=1000013854854</a>
08/06/2011 13:50:07	Não	Não Participo de salas de bate-papo	ORKUT	<a href="http://www.orkut.com.br/ORKUT">http://www.orkut.com.br/ORKUT</a>	
17/06/2011 22:37:24	UOL	SALA UOL / NAMORO E MEU NICKNAME: Lua	ORKUT	<a href="http://www.orkut.com.br/Main#Profile?rl=ls&amp;uid=8848767375595">http://www.orkut.com.br/Main#Profile?rl=ls&amp;uid=8848767375595</a>	
09/07/2011 01:46:09	UOL	Sala uol / Amizades / Anderson	ORKUT	Orkut : <a href="http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=666473375472640735">http://www.orkut.com.br/Main#Profile?uid=666473375472640735</a>	

Outro fator que impossibilitou melhor exploração e aplicabilidade do formulário *online* foi o fato de, por exemplo, algumas dessas pessoas que preencheram o formulário não terem informado na sala ao pesquisador. Tal fato não permitiu maiores aprofundamentos considerando que o ponto inicial da pesquisa sempre foi o *chat*, a partir do qual se iniciava as investigações. De qualquer modo, os dados obtidos de *Carlos Eduardo* foi relevante para iniciar a pesquisa sobre seu circuito-weblog, e tais dados foram obtidos desse formulário.

Quanto aos estudos de casos, todos eles favoreceram a compreensão de como mobilidade e regularidade, permanência e impermanência, continuidade e descontinuidade acontecem nas representações do *Self* no *chat* e nos ambientes *online*, de modo semelhante como ocorre na dimensão *offline*. Através de uma etnografia ampla e utilizando de um modelo de investigação multinível (MEVERSI), não apenas focalizamos o *chat* (nível 3), mas estendemos o foco de investigação para outros ambientes *online* (nível 2 do MEVERSI), capturando os ‘movimentos’ da pessoa em suas formas de representação e de autoreferencialidade. Tal estudo proporcionou-se várias constatações sobre a pertinência dos princípios da carnavalização no *chat* e nos demais ambientes virtuais: a linguagem familiar, aberta, livre, descomprometida e, muitas vezes, pervertida, invertida, abreviada, constituem o estilo de liberdade como um princípio básico e estimulador da inovação, da criatividade, da abertura para o novo. Essa transgressividade (oposição às forças monolíticas e monológicas) elicia o *Self* para o futuro, é orientada para a indeterminação do vir-a-ser, ou seja, concebe um inacabamento, uma incompletude que permite a novidade.

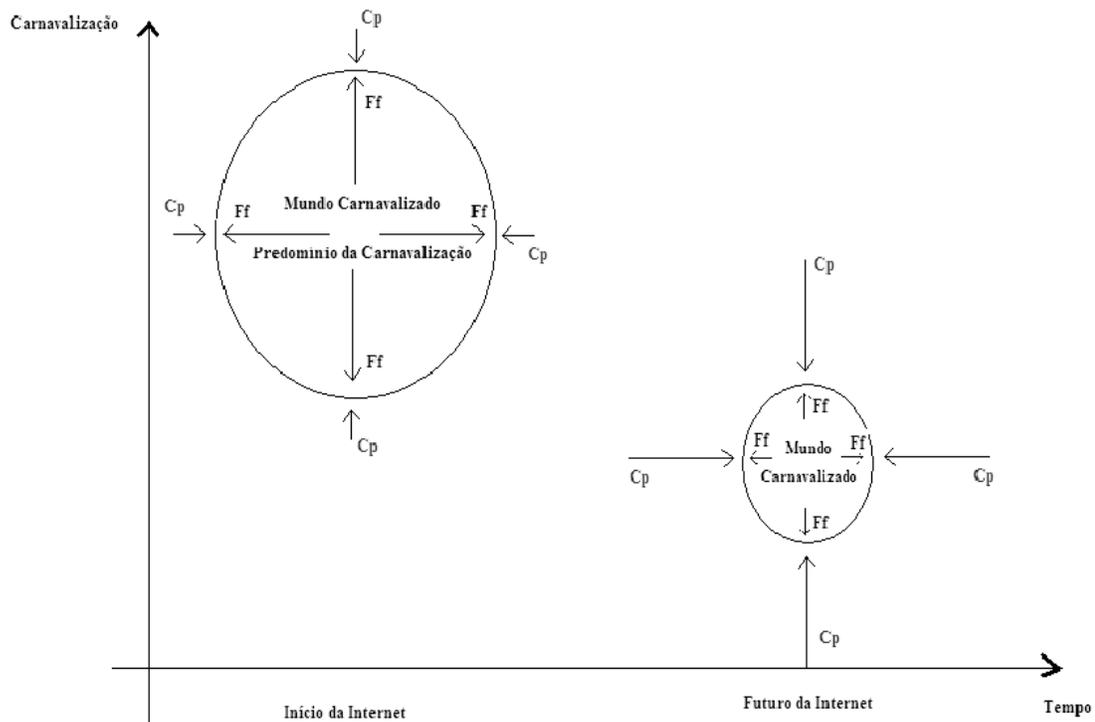
Bakhtin ao propor os princípios da carnavalização no estudo das obras de Rabelais e Dostoievski constrói uma concepção do mundo, da vida e do ser. Esta perspectiva bakhtiniana da carnavalização é apresentada como sendo possível uma plena liberdade de expressão, uma completa isenção de controles externos e sociais sobre o EU: no mundo carnavalizado de Bakhtin rompem-se as formalidades, desrespeitam-se as hierarquias, ocorrem as liberalidades na forma de excentricidades (exageros, mascaramentos, metáforas), de disparidades (ironias, parodias) e de profanação (transgressões ao sagrado e aos padrões lingüísticos formais). O que seria considerado utópico e irreal, constitui-se pertinente no mundo da cibercultura, pelo menos até certo ponto, quando então as próprias pessoas que vivem no mundo carnavalizado da Internet vão criando seus próprios limites e suas próprias leis. Isto torna-se visível quando nos *chats* são criadas regras de convivência e de expressão (netiquetas, proibições de apologia à droga e à pedofilia, regras de uso etc.) ou quando as redes sociais (políticas e termos de uso do Orkut e Facebook) também criam seus regulamentos<sup>159</sup>, baseados na ética dos comportamentos sociais da vida fora da internet.

Assim, a princípio vislumbramos nos ambientes de interação *online* da Internet (*chats* e redes sociais) uma aproximação da perspectiva da carnavalização bakhtiniana: a plena liberdade das pessoas. Contudo, à medida que passa-se o tempo das pessoas nesses ambientes, nos quais vão sendo construídas relações duradouras e intensa atividade social, regras começam a ser utilizadas, embora ainda predomine nessa dimensão da convivência humana os *princípios primários da carnavalização*.

Uma metáfora para essa previsibilidade pode ser observada na figura 110, a seguir, quando observamos o mundo carnavalizado na Internet com as forças de seus princípios básicos (Ff) em seu início, sem os rigores de leis regulatórias de comportamento (Fp), resultando em maior liberdade, desrespeito a regras e limites:

---

<sup>159</sup> No final desta tese, Anexo V, apresentamos as regras de uso do chat UOL, do Orkut e do Facebook.



**Figura 110:** Mundo carnavalizado na Internet e seu futuro

A medida que se passa o tempo e que as pessoas criam vínculos e formam hábitos de convivência e interação *online* na Internet, regras e limites passam a ser estabelecidos. Índices de pedofilia, de pornografia, de pirataria encontravam-se altos no início da Internet, caracterizando o mundo carnavalizado preconizado por Bakhtin, a total liberdade (*ruptura de formalidades, quebra de hierarquias, excentricidades, disparidades e profanação*). Na figura 110 identificamos por *forças centrífugas* (Ff) a tendência dessa cultura, dessa dimensão carnavalizada, que tendem no início a ampliar-se, conquistando novos adeptos, novos usuários que vão aderindo a esse espaço de convivência, a esse lócus social de plena liberdade. Por *forças centrípetas* (Fp) definimos as forças contrárias a esse movimento libertador que é contrário às regras e hierarquias; essas *forças centrípetas* tendem a evitar o mundo carnavalizado, sendo caracterizado pelas regras, pelas leis, pelos limites impostos conforme os padrões já estabelecidos do lócus *offline*. Observamos que no primeiro círculo do mundo carnavalizado (no início da Internet) identificaremos as *forças centrífugas* (Ff) da carnavalização sendo mais proeminentes, enquanto que as *forças centrípetas* (Fp) são de menor representação; mas à medida que a Internet vai sendo constituída por mais pessoas, seu uso vai sendo utilizado por um número crescente de pessoas e as atividades da vida cotidiana

*offline* vão sendo adicionadas para o domínio *online* (bancos, comércio, educação, relações sociais etc.) muitas das regras e legislações que vigem na vida fora da Internet vão sendo também incorporadas. O segundo círculo, menor, representando o futuro mundo carnavalizado da Internet vai sendo caracterizado pela ênfase das *forças centrípetas* (Fp) de leis e regulamentações sociais, enfraquecendo as *forças centrífugas* (Ff) que caracterizam a dimensão da carnavalização bakhtiniana, encontrada fortemente no início da cibercultura na rede mundial de computadores. Também denominaremos por *forças centrífugas* (Ff) as características da inovação, da criatividade, enquanto as *forças centrípetas* (Fp) tenderão para a estabilidade, a conservação.

Identificamos esse futuro da Internet, com a predominância das *forças centrípetas* (Fp) na medida em que registramos historicamente as sanções governamentais e da indústria/comércio, como no caso dos compartilhamentos P2P<sup>160</sup> na rede mundial de computadores; tais sanções vem tentando controlar as ações da democracia carnavalizada que predominou por muito tempo e que é uma característica da cibercultura e do ciberespaço, as *forças centrífugas* (Ff): vários programas que trabalharam com o serviço P2P foram proibidos em vários países, e em escala global, no mundo todo, como os casos<sup>161</sup> da Napster (2001), Kazaa (2005, Austrália), LimeWire(2010, Brasil), Megaupload (2012). Destacamos também o caso do Wikileaks<sup>162</sup>, cujo fundador e um dos membros do conselho consultivo, Julian Paul Assange<sup>163</sup>, foi perseguido, preso e julgado em 2010 pela divulgação no referido site de informações consideradas confidenciais do Exército norte-americano.

Trazemos a ideia de Javornik (1998) em seu artigo *From the book to the internet (and what does Bakhtin have to do with?)* para corroborar essa tese que apresentamos da carnavalização na Internet, quando afirma que

Parece que a Internet mais claramente realize aqueles elementos teóricos das concepções pósmodernas que estão implícitas nos conceitos bakhtinianos de heteroglossia, carnavalização, deshierarquização, familiarização etc.(...). Este vacuum teórico cria a ilusão de uma total liberdade, convidando a criação de uma estado ideal virtual, onde uma pessoa começa a criar sua própria

<sup>160</sup> P2P (do inglês peer-to-peer, que significa par-a-par) é um formato de rede de computadores em que a principal característica é descentralização das funções convencionais de rede, onde o computador de cada usuário conectado acaba por realizar funções de servidor e de cliente ao mesmo tempo. Seu principal objetivo é a transmissão de arquivos e seu surgimento possibilitou o compartilhamento em massa de músicas e filmes.

<sup>161</sup> Napster: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Napster> >; Kazaa: < <http://bit.ly/IegsGo> >; LimeWire: < <http://bit.ly/Ka8Rss> >; Megaupload: < <http://bit.ly/x1ylBi> >

<sup>162</sup> <http://pt.wikipedia.org/wiki/WikiLeaks> e <http://wikileaks.org/> (acessado em fevereiro de 2012)

<sup>163</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Julian\\_Assange](http://pt.wikipedia.org/wiki/Julian_Assange) (acessado em fevereiro de 2012)

subjetividade, começando do zero e é capaz de conseguir qualquer coisa. (Javornik, 1998, p. 240).

Assim, no cerne da idéia de carnavalização bakhtiniana vigora um Estado de liberdade plena, pontuada por aqueles quatro princípios básicos que já expomos anteriormente (*ruptura de formalidades, excentricidades, disparidades e profanação*). Uma clara evidência dessa liberdade é a criação de um nome próprio (*nickname*) e a possibilidade de representação de si mesmo, muitas vezes diferenciada daquela que é realizada nos ambientes sociais fora da Internet. Mas ao mesmo tempo essa possibilidade quase ilimitada de criar *nicknames* para si mesmo, de construir múltiplas identidades dentro das redes sociais *online* traz também seus contrapontos, como a questão da verdadeira identidade pessoal, que frequêntas os *chats* e existe nas redes sociais. Essa ideação da carnavalização como proposta por Bakhtin e aplicável aos ambientes *online* encontra sua própria contradição na exequibilidade do ato humano caracterizado sempre pela dicotomia liberdade x não-liberdade, ação individual e os contornos éticos da sociabilidade. Podemos afirmar que a ontologia da carnavalização é baseada na liberdade e é orientada para o futuro, considerando a relação EU-Outro como fundamental, e Bakhtin forneceu elementos importantes para identificarmos a realização dessa perspectiva nos contextos pós-modernos ou pós-humanos como analisa Santaella (2007).

Admitimos, a partir das hipóteses e das constatações empíricas realizadas neste estudo, que a Internet é caracterizada por essa ontologia da carnavalização bakhtiniana (muito mais fortemente em seu início), convocando-nos a vivenciarmos os próprios limites da liberdade-controle, abertura-fechamento, passado-futuro, construindo novas formas de interação e de percepção do Outro, em seus múltiplos níveis de representação (*online/offline*). Também coincidiram, os resultados dessa pesquisa, com referência à perspectiva de continuidade do *Self* nos ambientes virtuais com aqueles apontados por França no seu estudo sobre o Orkut:

Nesse sentido, enunciar aspectos de si em uma rede de relacionamentos *online*, tal como observamos no software social Orkut, configura-se como uma prática que mostra nuances das formações sócio-histórico-culturais observadas em contextos *offline*, o que nos permite conceber as ações no ambiente virtual como uma

extensão e continuidade das ações freqüentemente desempenhadas nas situações presenciais cotidianas. (França, 2008, p. 53)

Ampliamos este enfoque para os ambientes de *chat* e de outros contextos *online* (circuito-weblog) verificando a pertinência desse senso de continuidade e permanência nas diversas representações do *Self*, assumindo suas *I-positions internas e externas*. Seja atuando no *chat* ou nos ambientes das redes sociais como Orkut e Facebook, foi possível observarmos o comportamento do *Self* realizando representações de si mesmo das formas mais diferenciadas e distintas, no fluxo de continuidade e permanência.

A representação do *Self*, portanto, nesses ambientes refletirá as características desse novo espaço existencial, assumindo em menor ou maior grau os aspectos da carnavalização bakhtiniana. Linguagem familiar e coloquial, abreviações e inovações lingüísticas, emergência de novos gêneros literários; abolição de hierarquias em prol da liberdade expressiva nas críticas, zombarias, piadas e profanações; a predominância do riso nos discursos favorecendo disparidades, licenciamentos, erotizações; a estética do corpo metaforicamente liberto de moralismos, descoberto e a nu, como a assunção da democracia individual e de valoração de si mesmo. Estas são as novas leis que vigem no ciberespaço como ambiente de novas interações e novos autoreconhecimentos, representadas na figura 110 pelas *forças centrífugas* (Ff).

#### **5.4 *Self*, Identidades, localização e globalização**

Hermans (2001a; 2004; & Dimaggio, 2007) acentuam essas questões da representação do *Self* na Internet ao tratar da identidade local, da identidade global, da identidade individual e do *Self* na Era digital emergente. O *Self* se expressará nesse ambiente digital emergente, portanto, conforme a natureza carnavalizada que vigora nesse espaço-tempo interacional, cujas características predominantes são aquelas constituintes dos princípios básicos da carnavalização.

Assumindo a perspectiva da carnavalização como uma ontologia no ambiente *online* ou ciberespaço, isto implica em que o *Self* é concebido conforme os princípios da carnavalização, ou seja, vive e se manifesta no espírito da plena liberdade, orientado para o futuro, quebrando hierarquias e posições estabelecidas rumo à inovação e criatividade. Essa

perspectiva não é homogênea, clara nem definida, mas constitui-se justamente pela heterogeneidade, pela incerteza e pela indeterminação.

Esse universo existencial da Internet reflete a atualidade das tecnologias e seus impactos na vida das pessoas, pela convergência do local x global. A construção e assunção do *Self* sofre as influências dessas tensões refletidas no processo da globalização em que as forças de centralização (*centrípetas*) e descentralização (*centrífugas*), junção e diáspora, identificação e desidentificação apresentam seus múltiplos aspectos. Hermans (2004, p. 300) corrobora Bakhtin (2003a) argumentando que a fala de um indivíduo nunca pode ser concebida de forma isolada, descontextualizada, porque na voz de alguém ecoam as vozes dos outros, a multivocalidade que povoam a história pessoa da pessoa (pais, familiares, amigos, professores, autoridades, Governo etc.). No ambiente *online*, portanto, o *Self* também refletirá as contingências do ambiente e de forma mais intensa, na medida em que a pessoa terá a disposição várias opções de sua própria representação (*nicknames*, fotos, imagens, perfis etc), bem como múltiplas possibilidades de interação com outras culturas, podendo refleti-las em seu comportamento e suas autoapresentações *online* nos ambientes virtuais.

Uma sala de bate-papo na Internet torna-se, assim um recorte da contemporaneidade tecnológica congregando num mesmo ambiente diversas vozes em plena liberdade: a metáfora da praça pública bakhtiniana. Ali convergem diferenças e semelhanças num especto de plenivalência de direitos e vozes: as pessoas encontram maior possibilidade de expressarem suas idéias e de se autoapresentarem. A manutenção das identidades e a construção contínua dessas representações se manifestam e acontecem sob os princípios da carnavalização:

- contato livre e familiar entre as pessoas/ ruptura de formalidades, na linguagem simples e coloquial e pela quebra de hierarquias
- excentricidade, na linguagem dos elogios e injúrias, descrições exageradas e inoportunas, bem como os mascaramentos
- disparidades, na linguagem das antinomias e das obscenidades
- profanação, na linguagem das paródias, dos gracejos com o sagrado e o oficial

De maneira mais nítida é observado que o *Self* expressa no acontecimento do *chat* os aspectos identitários do local e ao mesmo tempo do global, facilitado pelos fluxos de

informação convergentes das tecnologias. O estudo de caso em torno das expressões ou múltiplas expressões de *SarahPumpkhin*, por exemplo, refletindo e refratando em suas formas de autoreferência as culturas norteamericana e japonesa, na imagem do anime/mangá, do Halloween, de Sally Pumpkins (personagem de quadrinhos); também destacamos o estudo de caso das representações de *Script* ao divulgar uma simples marca da indústria de bebidas energéticas (*Red Bull*) em seu perfil de rede social na Internet, refletindo o ‘ar do tempo moderno’, um ‘estilo de vida’, caracterizando a maneira pela qual o *Self* constrói suas *I-positions* e refletindo o local e o global de forma enclipsada. Como afirma Hermans (2001a, p. 274) os “(...) ambientes virtuais abrem as portas para novas experiências de identidade”, considerando o repertório de *I-positions* muito mais amplo e flexível à disposição das pessoas (fotos, designs, figuras, animações, descrições de perfis etc.), associado ao fato das reais características das pessoas não estarem evidenciadas.

Os resultados encontrados nos estudos de casos durante esta pesquisa de doutorado (“*SarahPumpkins*”, “*O Mentiroso*”, “*Caio White*”, “*Script*”, “*OSD Isolados*”) corroboram o pensamento de Hermans (2004, p. 310) quanto à construção do *Self* no ciberespaço, nas formas de autorepresentação nos *chats* e redes sociais: “a escolha de *nicknames* pode representar identidades que ampliam o *Self* além daqueles indicados por seus primeiros nomes e nomes de família e desviar as posições existentes”. O indivíduo, portanto, tem a possibilidade de criar novas posições sobre si mesmo (*I-positions*) que constituem o seu repertório de posições pessoais (PPR), utilizando o enfoque teórico de Hermans (2001b), ainda mais sob o impacto do novo estatuto do ciberespaço:

- ausência das marcas de gênero, raça e idade, as quais subjazem pelo anonimato ou não-interação face-a-face;
- hibridismo de culturas pelo acesso às informações disponibilizadas pelas tecnologias.

O *Self*, portanto, no ambiente virtual, encontra um espaço convidativo para a inovação com a introdução de novas *I-positions*, as quais são construídas com elementos de culturas distantes e não apenas das culturas locais. Além disso, observamos como o aspecto coletivo (a noção de grupos, a formação de clãs, a constituição de seguidores etc.) evidencia-se nas representações do *Self* tanto nos *chats* quanto nas redes sociais: os *nicknames* e as autorepresentações não apenas constituem aspectos individuais, mas refletem interesses de grupos. Em “*SarahPumpkins*”, por exemplo, observamos o cruzamento ou hibridismo de

várias culturas que perpassam ou atravessam na constituição das representações do *Self* nos ambientes virtuais. Em “*OSD Isolados*” identificamos como os grupos estão representados no nickname. O coletivo encontra-se como as vozes múltiplas, portanto, encapsulado no indivíduo, numa perspectiva dialógica bakhtiniana.

A proposta de Hermans e Dimaggio (2007, p. 49) é a de que “(...) na era presente, o *Self* e a identidade só podem ser corretamente entendidos como sendo estendido para o mundial e meio ambiente local e como sendo formado e transformado por processos nestes níveis.”. Para eles o *Self* e a identidade é analisado sob estes três níveis no momento atual, sob o impacto das tecnologias emergentes: nível global, local e individual. Assumida essa perspectiva de um *Self* dialogicamente estendido para o mundo, Hermans e Dimaggio (2007) argumentam que o Outro não está simplesmente fora do *Self* mas em vez disso é uma parte constituinte do *Self*, em termos de uma multiplicidade de vozes emergindo da dialética local-global, e que são expandidas por meios das tecnologias emergentes, principalmente da Internet. As interações que ocorriam tempos atrás por meio das formas de comunicação tradicionais são agora muito mais dinâmicas pelos recursos virtuais do ciberespaço, propiciando que culturas locais se tornem globalizadas, e neste contexto o *Self*, numa perspectiva dialógica é afetado pelas novas formas de relações culturais. Aspectos da cultura local se tornam globalizados e aspectos globalizados se tornam locais, prodigalizados celeremente pela era digital, interferindo e constituindo o *Self* através da multivocalidade, que resulta não apenas das vozes do Outro local, mas também global. Os exemplos de nossa estudo apontam estas interconexões nas formas de representação do *Self* tanto nos *chats* quanto nas redes sociais:

- “*SarahPumpkins*” – entrecruzam-se em vários hibridismos traços da cultura japonesa (mangás) e americana (quadrinhos, Halloween)
- “*Script*” – marcas de produto comercial internacionalmente conhecido nas extensões de perfil pessoal (*Red Bull*)
- “*OSD Isolados*” – a nomenclatura OSD não é mais tão-somente uma identificação individual, mas coletiva remetendo à idéia de grupos (“*OS Delinquentes*”)

A era digital caracteriza-se, assim por uma interconexão entre o local e o global, acentuando o aspecto da incerteza e da indeterminação, diante as mútuas relações internacionais, interculturais e intergrupais, as quais se fazem refletir na constituição do *Self*. Essa interconexão rápida e dinâmica que caracteriza a globalização na era digital é

caracterizada por crises contínuas, as quais começam em pontos localizados e tomam proporções globais, provocando incertezas quanto ao futuro ou ao passado. Santaella (2007) utilizará a expressão ‘glocal’ para esse hibridismo que vivenciamos na era digital. Hermans e Dimaggio (2007, p. 30) apontam quatro aspectos que constituem a experiência da incerteza nos tempos atuais:

- a) Complexidade – referindo-se a um grande número de partes que tem uma variedade de relações;
- b) Ambiguidade – quando um significado de algo toma vários sentidos pelo fluxo de diversas fontes de informações;
- c) Déficit de conhecimento – relacionado à ausência de uma estrutura superordenada de conhecimento que possa resolver conflitos locais e globais;
- d) Impredicabilidade – implicando uma lacuna de desenvolvimento em relação ao futuro.

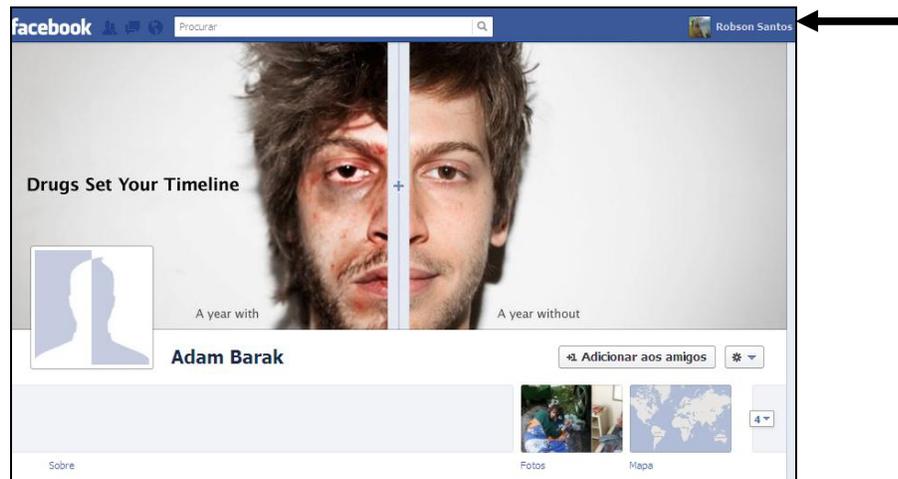
Assim, baseados em Mikhail Bakhtin, William James e George Mead, os autores Hermans e Dimaggio (2007, p. 35) defendem a idéia de um *Self* dialógico multivocalizado que está envolvido num processo dinâmico de mudanças internas e externas, sem um acabamento final. O *Self*, portanto, é concebido como um ponto móvel entre tensões contínuas e opostas como forças que produzem conflitos:

- Tensão 1: aberto para o Outro-ambíguo e seguindo no fluxo do futuro incerto (indeterminação);
- Tensão 2: fechado com as culturas dominantes e ouvindo os ecos do passado (paradigmas)

Associamos estas tensões aos vocábulos *forças centrífugas* (tensão 1) e às *forças centrípetas* (tensão 2) aplicáveis ao mundo carnalizado da Internet, conforme discutimos anteriormente (fig. 110). A representação do *Self* no *chat* e nas redes sociais reflete esse confronto das duas tensões ou das duas forças, traduzindo um hibridismo da cultura local e da cultura global, das vozes que estão próximas (cultura local) e das vozes que estão distantes (outras culturas), formando uma multivocalidade mais ampla e mais rica decorrente dessa conexão intercultural. Essa experiência, contudo, vive atualmente mais intensamente o impasse das forças conflituosas que se estabelecem dentro da cultura do ciberespaço, como decorrência dessa própria negociação entre os seus membros: a liberdade de expressão e de

ações, por um lado (carnavalização), e de outro lado as limitações, ordenamentos e sanções que são estabelecidas, como formas de controle.

Um caso recente (final de 2011) que ilustra esse aspecto da extensão do *Self* para o ambiente global, não apenas local (e numa perspectiva da era digital: *Self* estendido para o ambiente virtual), é o do perfil no Facebook criado pela organização israelense anti-drogas IADA<sup>164</sup> como campanha contra as drogas, utilizando a nova *timeline*. Criada pela agência de publicidade *McCann Israel* para a AIDA com o slogan ‘*Drogas definem sua linha do tempo*’ (*Drugs set your timeline*), conforme ilustra a figura 111, a seguir:



**Figura 111:** Início da *timeline* do perfil de Adam Barak (fictício) no Facebook

O personagem escolhido para estrelar a campanha foi o jovem fictício *Adam Barak*, de Tel Aviv. A campanha aproveita o novo designo da rede social, a nova *timeline* que divide o perfil dos usuários em duas colunas:

- do lado esquerdo: para mostrar como seria a realidade de um mesmo jovem, durante um ano, em duas diferentes situações: caso se tornasse usuário de drogas
- do lado direito: para mostrar uma linha do tempo, caso Adam Barak, não fosse usuário de drogas.

A linha do tempo do lado esquerdo apresenta um jovem de péssima aparência, solitário e que vive nas ruas. A linha do lado direito apresenta um jovem saudável, com amigos e sendo bem sucedido profissionalmente.

<sup>164</sup> <http://www.antidrug.org.il/english/template/default.aspx?catid=248> (Versão em inglês, acesso em janeiro/2012)



**Figura 112:** Parte de *timeline* de do perfil de Adam Barak (fictício) no Facebook

Sob a perspectiva da carnavalização bakhtiniana o perfil é permissivo. É tolerável e aceitável que possa existir tal perfil, mesmo todos sabendo que é de um perfil fictício com finalidades de campanha antidrogas. E de tal ordem é essa aceitação que muitas pessoas no Facebook aceitaram imediatamente o perfil, passando a adicioná-lo em sua rede amigos e conhecidos (este pesquisador o adicionou enquanto o perfil ainda ‘existia’ na rede social, como identificado na figura 111 pela seta). Em pouco tempo o perfil foi seguido por vários usuários do Facebook, no entanto, os organizadores da rede social excluíram o perfil por ser considerado ‘fake’ e por apresentar um perfil comercial (da AIDA), ou seja, por infringir um dos regulamentos do Facebook (ver Anexo V: Regulamento do Facebook):

“4. Registro e segurança da conta

1. Você não irá fornecer qualquer informação pessoal falsa no Facebook, nem criar uma conta para ninguém além de si mesmo sem permissão.
2. Você não deve criar mais de um perfil pessoal.”

O caso é ilustrativo desse momento crucial da rede mundial de computadores, quanto às *forças centrífugas* (Ff) de liberdade (carnavalização) e as *forças centrípetas* (Fp) de regulamentação, dentro das quais as pessoas se adaptam e negociam situações e os futuros desenhos de sociabilidade da rede. Torna-se emblemático o caso em si pelo fato de ter sido o perfil excluído da rede social, sendo alegado que publicamente e desde o princípio o perfil era falso (mesmo com finalidades educacionais em uma campanha de marketing). No entanto, que garantias o Facebook oferece para que todos os demais perfis sejam verdadeiros e não perfis falsos ou que infringem o item 4.2 do seu regulamento (“Você não deve criar mais de um perfil pessoal.”)? Porque admitiu-se desde o início de sua criação que o perfil de *Adam Barak* era um *fake*, então os organizadores do Facebook trataram logo de excluí-lo da rede; contudo quantos outros perfis são considerados fakes, inclusive de celebridades, e continuam ainda nesta rede social. Infere-se do fato que é possível criar perfis falsos, desde que não se divulgue publicamente.

De qualquer modo, este caso remete ao contexto do que temos discutido ao longo desta tese: como é proeminente o princípio da carnavalização na Internet (*chats* e redes sociais), principalmente quanto ao uso de mascaramentos, rompendo-se os padrões de formalidades e de hierarquias, valendo-se de disparidades diversas e até mesmo de profanações (política, religiosa, educacional etc.).

Podemos afirmar que nos contextos *online* de relacionamentos, vivenciamos atualmente uma nova cultura: entrecruzando-se valores locais e globais, mas sobretudo reconstruindo e ressignificando-se novos formatos de comportamento, entre a plena liberdade e os procedimentos regulatórios e impeditivos. Santaella defende a tese de uma cultura líquida, fluida, volátil fomentada por uma base estrutural conectada e mutante (2007, p. 117-136)

Nesse entrecruzamento do *global* com o *local* permitido pelas tecnologias emergentes (Hermans & Dimaggio, 2007) verificamos a pertinência do que trata Lave e Wenger (1996) ao tratar da internalização da cultura quando discute sobre práticas, pessoas e o mundo social. A internalização da cultura ocorre através da aprendizagem em uma dada comunidade, pela participação em negociação situada e renegociação de significados. Tornando-se um membro ativo em um comunidade, participando das práticas sociais vigentes, aprendendo as atividades, artefatos utilizados, significados e normas, ou seja, tornando-se um tipo de pessoa que reflete e refrata um tipo de cultura (Lave & Wenger, p. 146).

Assim, considerando e defendendo a idéia da carnavalização como uma ontologia do ciberespaço, como sendo sua natureza primordial (a cultura da Internet), as ações e atuações

das pessoas nesse ambiente refletirá em parte essa diretriz, cuja força ainda é predominante, representada e coincidente com os princípios básicos da carnavalização: *ruptura de formalidades, quebra de hierarquias, excentricidades, disparidades e profanação*. Mas ao mesmo tempo em que vigora como uma cultura predominante e primordial que é o da carnavalização, também a cibercultura retrata atualmente as mudanças pertinentes ao controle, aos regulamentos de comportamentos e ações. O *Self* que vivencia as experiências, portanto, nesses contextos *online*, depara-se atualmente tanto com a abertura para a liberdade quanto o fechamento de regras e limitações que são impostas.

Não somente as regras e regulamentos impostos por agências sociais (Governo, Órgãos Públicos etc.) como pelos organizadores das redes sociais (Orkut, Facebook etc.) e dos *chats* (UOL, TERRA, IG etc.), mas também pelos próprios membros dessas comunidades que criam seu *status quo*, construindo maneiras de convivência que emergem das relações cotidianas relacionados aos interesses do grupo. Ao entrar no *chat* do UOL, por exemplo, o usuário é informado que pedofilia é crime, por exemplo, já estabelecendo os limites e imposições legais para o uso de certas imagens. Nos *chats* religiosos, por exemplo, se alguém estabelecer comentários eróticos ou pornográficos sofrerá retaliações, porque não tal atitude não condiz com os propósitos daquela sala.

Então, verificamos que ao mesmo tempo, o *Self* experiencia no *chat* e nas redes sociais determinados níveis de liberdade, em maior grau do que é possível na dimensão *offline*, no entanto, ainda assim, vivencia também as próprias limitações que são e começam a ser estabelecidas dentro desse contexto de convivência.

Nesse contexto de mudanças rápidas, considerando a perspectiva de *continuum offline* → *online* e *offline* → *online*, observamos que as representações do *Self* nos contextos *online* carregam diversos aspectos da dimensão *offline*, seja nos discursos síncronos (*chat*) ou assíncronos (perfis das redes sociais e weblogues), seja nas imagens, vocábulos e outros elementos que constituem uma somatória semiótica de indexações da subjetividade.

## **6. Considerações finais**

---

O *Self* no *chat* e, por decorrência, também nas redes sociais (circuito weblogue) tem a possibilidade de vivenciar e experimentar novas formas de identificação, inclusive exercendo um aspecto novo facilitado pelas tecnologias emergentes: a ubiqüidade<sup>165</sup>. O indivíduo assume o seu estatuto na dimensão *offline*, enquanto diante do computador, com sua história pessoal e social e, ao mesmo tempo, assume outro estatuto na dimensão *online*, com novas histórias e papéis sociais. Como afirma Sherry Turkle, na vida *online*, as pessoas vêm e experimentam inúmeros aspectos delas mesmas, vivendo intensamente tal multiplicidade (Turkle, 1999, p. 119; Tálamo & Ligorio, 2000, p. 5) e o fazem assumindo a condição de que os outros estão ali para nos responder, ou seja: “De certa maneira, a comunidade *online* apossa-se da qualidade de reação suposta na intimidade do face a face do mundo ‘real’.” (Turkle, 1999, p. 121, grifo meu). Essa premissa da antecipação da ação do outro é uma base conceitual do dialogismo que admite a relação Eu-Outro como essencial para a construção do *Self* e da comunicação (Bakhtin, 2003a, 2004a; Yakubinsky, 1923; Hermans, Kempen & van Loo, 1992; Bertau, 2004).

Observamos que no *chat*, assim como nas redes sociais, as pessoas estão ali para falarem de si mesmas e falarem com os outros, portanto, objetivam comunicar-se, interagir, constituindo relações sociais e afetivas, algumas que se fortalecem ao longo do tempo, criando vínculos, enquanto outras não se estabelecem. O modelo é o mesmo das relações sociais e afetivas que ocorrem na dimensão *offline*, embora com outras características, destacando-se a questão da rapidez com que novas relações são criadas e destituídas. O princípio básico, contudo, que vigora nas interações do ciberespaço (*chats* e redes sociais que formam o circuito-weblogue) é a comunicação humana, construindo relações sociais. Sink (2006, p. 78) em sua dissertação de mestrado admite que o *blogue* é uma forma de relacionamento *face-a-face à longa distância*, mantendo e reforçando as relações face-a-face, assim como o telefone o faz. Compreendemos, desse modo, que o *chat* é apenas um outro espaço (ou outro modo de interação) onde o *Self* utilizará suas representações sociais, assumindo *I-positions* diversas, na perspectiva dialógica da carnavalização bakhtiniana; embora situemos este tipo de comunicação também à distância, coincidimos com a idéia de Sink (2006) de que também no *chat* realizamos a ampliação ou a extensão da relação face-a-face, embora com suas particularidades e limitações (Oliveira, 2007).

---

<sup>165</sup> Ubiqüidade será definida por Santaella (2010, p. 17-18) pelo compartilhamento simultâneo de vários lugares viabilizada pela comunicação móvel que permite uma continuidade temporal a uma plurilocalidade instantâneas (telefonia móvel, Internet, satélites, câmeras em ambientes públicos, rastreadores de sinais etc.)

Assumindo sua posição no *chat (online)*, dentro do cenário das representações virtuais, e assumindo concomitantemente sua posição diante do computador (*offline*), ocupando o lugar do *backstage* das representações como propõe Goffman (1959/2007), é possível identificar um *núcleo de Self* (Turkle, 2004, p. 108), um sentido pessoal que permanece, mesmo com as mudanças ao longo do tempo e dos espaços de atuação. No modelo dialógico proposto por Salgado e Hermans (2005, p. 10) unidade e multiplicidade do *Self* constituem subprodutos da existência dialógica. O núcleo do *Self* (unidade) que ocupa um lugar único no espaço-tempo do mundo possui em si várias *I-positions* enquanto endereça sua atenção comunicativa para uma determinada audiência (Outro) e com determinado assunto dentro do diálogo. Para Salgado e Hermans (2005) o centro do *Self* é o Eu que permanece como o senso que vivencia a experiência aqui-e-agora, e que transpõe-se para o tempo seguinte, mesmo assumindo posições ideológicas, vivenciais e afetivas diferenciadas do momento anterior. Esse movimento existencial no sentido do devir, do futuro, é permeado ou pervasivo de constantes negociações com o Outro. O *Self* estará sempre respondendo e interagindo com alguém, construindo negociação dialógica, tomando como base os elementos da argumentação (concordando, discordando, contra-argumentando, complementando etc.).

Admitimos que as interações ocorrerão no *chat* e nas redes sociais, assim como as formas de representação do *Self*, refletindo os aspectos de dominância e poder que predominam entre os conflitos dialógicos da cultura. Os estilos de *nicknames*, a população e popularidade dos *chats*, o alto índice de adicionados em perfis de redes sociais (individuais e de comunidades), a predominância de *tags* e assuntos nesses ambientes, constituem elementos indicadores para pesquisas futuras sobre os padrões de dominância e poder ideológicos que permeiam e pervasam as manifestações discursivas nos ambientes *online*.

Observamos na etnografia realizada nos ambientes de *chat* do UOL a predominância dos princípios básicos da carnavalização bakhtiniana, na constituição dos *nicknames* e nas produções discursivas, que expressam um dos elementos da representação do *Self* na Internet: *ruptura de formalidades, quebra de hierarquias, excentricidades, disparidades e profanação*. Os *nicknames* predominantemente apresentam teor de sexualidade com apelos pornográficos, mesmo em salas de cunho religioso (embora aí, em menor grau). Nas salas de bate-papo torna-se comum o uso de palavrões entre os participantes, ao mesmo tempo em que as regras tradicionais da língua portuguesa são constantemente transgredidas sem que se tenha oposições quanto a tais deslizes gramaticais, abreviações de palavras e erros ortográficos.

Nesse contexto, através das imersões nos *chats* e visitando diversos perfis de weblogs dos usuários do *chat* do UOL, corroboramos as contribuições de Wenger sobre

comunidade de práticas, definidas como “grupos de pessoas que compartilham uma preocupação ou uma paixão por algo que fazer e aprender como fazê-lo melhor como elas interagem regularmente.” (Wenger, 2001, p. 2). Consideramos o ambiente de *chat* como uma comunidade de *práticas discursivas*, onde enfatizamos o aspecto linguístico das atividades realizadas em conjunto pelos seus membros, que estabelecem estratégias cognitivas diversas para se comunicarem num contexto predominantemente textual e imagético. Wenger (1998, p. 72-73) faz referência a uma *comunidade de aprendizagem* pelas características seguintes:

- 1) um empenhamento mútuo
- 2) um empreendimento conjunto
- 3) um repertório partilhado

Aplicamos esses traços também à comunidade de *chat* porque as pessoas que participam daquele espaço social se empenham mutuamente em utilizar expressões linguísticas consensuadas (abreviações, onomatopéias, entonações, *emoticons*), inclusive criando novas outras formas de interação além das já estabelecidas e que emergem continuamente entre eles mesmos. Esse conjunto de objetos linguísticos e significados são compartilhados constituindo um produto social desse contexto de interação social. Estes aspectos reforçam a caracterização de uma comunidade de práticas por três outros elementos distintivos (Wenger, 2001, p. 2-3; Wenger, McDermott & Snyder, p. 27-29):

- Domínio: Tem uma identidade definida por um domínio compartilhado de interesse que os tornam hábeis entre eles mesmos, apresentando determinadas competências que os distinguem de outras pessoas e grupos.
- Comunidade: Os membros se engajam em atividades conjuntas e discussões, ajudam uns aos outros e compartilham informações, construindo relações que lhes permitam aprender uns com os outros.
- A prática: É o conjunto de paradigmas, idéias, histórias, ferramentas, informação, tipo de linguagem e documentos informacionais que os membros compartilham entre si.

Em razão dessa conceituação teórica de Wenger ser possível de aplicar-se ao *chat* é que admitimos que o ambiente das salas de bate-papo na Internet constituem-se em comunidades de práticas discursivas. Em tais ambientes flagramos como o Self adapta-se a esse ambiente social de interação, construindo domínios de conhecimento, engajando-se com

outros e sendo reconhecidos por estes outros, além de criarem e manterem novas formas culturais como ferramentas da cultura digital (modos de fala, *nicknames*, perfis, uso de emoticons, mudança de nicknames, uso de clones, uso de *fakes* etc.). Essa nova forma de comunicação, a partir de uma base linguística comum (a língua-padrão), tanto provoca novos modos de usos da linguagem escrita quanto também contribui nas formas de representação do *Self* (que faz uso dessa linguagem para se expressar e para se representar, através de *nicknames*).

As representações do *Self*, portanto, no ambiente de *chat*, refletem também esses elementos da cultura digital que constituem as características da sala de bate-papo enquanto *comunidade de práticas discursivas*. Essa concepção corrobora plenamente com a perspectiva da “rede de dialogismo contemporâneo”, que temos defendido desde o início deste trabalho acadêmico. O modelo triádico proposto pelo dialogismo contemporâneo concebe o *Self* formado pelos seguintes elementos (Salgado e Hermans, 2005, p. 9-10):

1. há sempre um EU (o centro do aqui-e-agora);
2. há sempre um Outro (para o qual nos dirigimos e nos comunicamos), que é o outro-em-mim, o assunto de uma experiência atual ou futura, etc e não exatamente o outro real à nossa frente;
3. há sempre uma Terceira-Parte (a *audiência potencial*) que realiza a mediação de significados entre o Eu e o Outro, e que reflete o contexto cultural predominante.

Nesse sentido identificamos que esta *Terceira Parte*, na análise das representações do *Self* nas salas de bate-papo na Internet, é fortemente influenciada pela cultura primordial e predominante ainda no ciberespaço: a ideologia da carnavalização que caracterizamos pelos princípios básicos de *ruptura de formalidades, quebra de hierarquias, excentricidades, disparidades e profanação*. Isso justifica porque predominam nas representações do *Self* no *chat* a ruptura às diversas regras de polidez, de formalidades sociais e de respeito às hierarquias, tanto nas falas dos indivíduos quanto na própria identificação de *nicknames* (palavrões, estilo pornográfico, transgressões gramaticais, desconsideração à fala do outro etc.), como *forças centrífugas* (criatividade, inovação, mudança, expansão); embora surja uma tendência na Internet, as *forças centrípetas*, que apontam para a conservação, para o passado, para a estabilidade, através das formas de controle, as quais vão se tornando paulatinamente mais fortes e presentes em todos os ambientes *online*.

Corroborando Bakhtin (2003a) quando afirma que as nossas sentenças estão povoadas das vozes alheias, trazendo ecos dos outros, Hermans e Salgado (2010) por isso mesmo defendem a concepção da minissociedade da mente, compreendendo que o *Self* é profundamente povoado de múltiplas vozes. Estes pesquisadores afirmam que “vozes coletivas, também descritos como ‘representações sociais’ (Markova 2006), formam, juntamente com o ‘ego’ e ‘alter-ego’, uma estrutura tríade básica de relações dialógicas”. Assim, considerando que o *Self* é tanto unidade quanto multiplicidade, compreendemos que no *Self* se refletem as múltiplas vozes (Eu, Outro e a Audiência Comunicativa), portanto, nesse conjunto de vozes, a diferença de poder ou a ‘dominância’ que está presente na cultura também se reflete e se refrata na pessoa.

Tais observações são importantes como releteirua do que anteriormente afirmamos como ênfase para a concepção do *Self* dialógico que se faz representar no chat, assumindo e expressando as vozes locais e globais (glociais) das culturas. Ao mesmo tempo destacamos que não ocorre uma dissociação do *Self* em termos de um *Self* do mundo *offline* e um *Self* do mundo *online*. Há apenas um *Self* com a sua multivocalidade acentuada pela facilidade das tecnologias digitais em aproximar culturas diferentes (o global e o local), além disso, o *Self* tem a possibilidade de experienciar novas formas de identidade, assumindo papéis sociais diversos quanto à sexualidade, gênero, classe econômica e estilo de vida pessoal.

Do conjunto dessa experiência empírica e teórica de nível acadêmico na área de Psicologia Cognitiva foi possível constatar a percepção bakhtiniana da carnavalização como um princípio ontológico existente não apenas na obra literária de Rabelais e Dostoievski, mas também observável, até o momento, nos ambientes de *chat* e nos perfis de redes sociais que constituem o circuito-weblogue de algumas pessoas, analiadas nessa pesquisa. A carnavalização na representação do *Self* nas salas de bate-papo torna-se ainda possível de verificar-se, enquanto as *forças centrípetas* (Fp) de conservação e estabilidade não forcem as pessoas a seguirem regras rigorosas de identificação, respeito e formalidade.

Também foi possível aprofundar a concepção de um *Self* dialógico como base teórica para atuais e futuras investigações, compreendendo a multivocalidade presente na constituição do *Self* e na construção das identidades que representamos, tanto nos ambientes *online* quanto nos ambientes *offline*.

Decorrentes desta pesquisa é possível caminhar para outras investigações em várias áreas do conhecimento, numa perspectiva interdisciplinar, as quais poderemos apontar:

- Criminalística: estudos de perfis falsos ou identificação de pessoas que possam criar *fakes* por não desejarem ser identificados. Inúmeros são os casos de pessoas que usam os *chats* e as redes sociais para interesses criminosos e ilegais, como a pedofilia, o aliciamento de menores à prostituição infantil e à drogadição, o tráfico de drogas, prostituição etc. A análise de traços de identificação pessoal, numa perspectiva psicológica profunda, pode compreender não somente a análise superficial de dados constantes nos perfis de *chat* e de redes sociais que lhes constituem o circuito-weblogue, mas também toda a rede semiótica utilizada pela pessoa: sua falas no *chat*, suas descrições em perfis de redes sociais, a construção de seu *nickname*, o conteúdo de suas falas, as imagens utilizadas em álbuns e que podem também formar o *nickname* etc. São poucas as referências específicas para o assunto, mas destacamos os trabalhos de Castilho, *Manual do Detetive Virtual - Casos Verídicos e Dicas Para se Prevenir Contra Problemas no Mundo Digital* (2009), e mais especificamente o seu recente livro *Mentira: um rosto de muitas faces* (2011), ambos pela editora Matrix. Outros autores tratam no campo jurídico a respeito, como Vieira (2009) em *Crimes na Internet Interpretados pelos Tribunais*, e como Inelas (2009) em *Crimes na Internet*; tratando a respeito da intimidade e privacidade, sob os preceitos jurídicos destacamos o trabalho de Pereira (2003) em *Direito à Intimidade na Internet* e o de Paesani (2011) em *Direito e Internet-Liberdade de Informação, Privacidade e Responsabilidade Civil*. Casos narrados nesse sentido e recomendações preventivas podem ser encontrados em outras obras: *Crimes na rede-o perigo que se esconde no computador* de Muoio e Aguiar (2007), *Loucuras na Internet-as minhas e as dos outros* de Cariolly (2004), *How to Protect Your Children on the Internet: A Road Map for Parents and Teachers* de Smith (2007) e *Internet Segura para Crianças - Guia para Pais e Educadores* de Manteigas e Santos (2010). O Modelo Etnográfico Virtual de Estudo das Representações do *Self* na Internet (MEVERSI), possibilitando uma ampla varredura na rede mundial de computadores, através dos vários níveis de análise, desde o *chat* até os diversos perfis de redes sociais *online* que formam o circuito-weblogue da pessoa em investigação, pode contribuir para estudos a respeito.

- Psicologia Cognitiva e Social: a partir da abordagem dialógica do *Self* estudos mais amplos poderão ser realizados para analisar o comportamento de representação do *Self* nos *chats* e redes sociais *online*, observando-se os graus de dominância cultural e ideológica refratadas nessas representações, nos *chats* e nas comunidades virtuais. Um elenco amplo de graus de dominância podem ser avaliados, por exemplo, no que diz respeito aos assuntos tematizados numa sala de *chat* ou no reperório discursivo da pessoa em suas formas de

representação nos diversos outros ambientes *online*. Uma análise mais detalhada, comparativa e longitudinal pode ser realizada, a partir dos achados nesta pesquisa etnográfica, verificando-se os níveis de *continuidade e mudança* nas formas de representação do *Self* desde o *chat* até os outros ambientes que formam um circuito-weblog. Imersões etnográficas de longo prazo podem ser realizadas verificando-se a mudança das pessoas quando participam de um chat, verificando-se os processos de internalização cultural e as formas de integralização das diferenças de poder ideológico (graus de dominância) e que se refletem/refratam no *Self* nestes ambientes. Que outros aspectos predominantes e característicos de conexões interculturais podem ser verificados nos ambientes de *chat* e de redes sociais, a partir das formas de representação do *Self*, considerando os aspectos do global x local?

- Psicológico-Terapêutica: acompanhamento psicológico de pessoas que utilizam ambientes de *chat* ou diagnóstico comportamental, a partir de uma etnografia profunda. Casos recentes são recorrentes de pessoas que apresentam comportamentos considerados normais no cotidiano de suas vidas, mas que possuem uma vida dupla nos ambientes online, chegando ao ponto de terem distúrbios comportamentais posteriores ao provocarem dissociações de personalidade. Estudos destes casos fazem parte da análise das disfunções clínicas denominadas de Desordens de Múltipla Personalidade ou mais recentemente conhecidas por Distúrbios de Identidade Dissociativa (Hermans & Salgado, 2010, p. 188). Uma análise das vivências *online* nos *chats* e nas redes sociais de pessoas com tais comportamentos podem contribuir para diagnósticos e prognósticos com fins psicoterapêuticos e educacionais. Estudos comparativos entre os diversos ambientes online bem como as formas discursivas dos pacientes em estudo, podem permitir um estudo complementar rico de observações, para uma análise psicológico-comportamental.

- Educacional: a análise de vários chats e das representações das pessoas nesses ambientes oferecem contribuições para a prospecção de novas estratégias de atuação docente (professores e tutores virtuais) para montagem de designs mais atrativos em chats educacionais. Além disso, os resultados identificados pela análise etnográfica e metodológica permitem que se possa encontrar elementos identificadores e indexadores das pessoas que estão realmente na sala de bate-papo, evitando fraudes ou uso inadequado por parte de alunos (as) virtuais. Sobretudo os resultados apontam para uma compreensão menos rígida do comportamento de discentes nos ambientes virtuais, compreendendo a perspectiva da carnavalização constituindo a representação do *Self* nesses ambientes: então sempre será possível encontrar *nicknames* bastante criativos e falas características do estilo carnavalizado

dos *chats*, exigindo-se do corpo docente uma nova resignificação da atuação pedagógica nesses ambientes virtuais. Alguns estudos já identificam alguns aspectos, os quais podem ser aprofundados em pesquisas de caráter longitudinal mais amplo, como os apresentados por Araújo (org., 2007) em *Internet e Ensino*; por Arújo e Dieb (orgs., 2009) em *Letramentos na Web*; por Freitas e Costa (orgs., 2006) em *Leitura e Escrita de adolescentes na Internet e na Escola*; por Coscarelli (org., 2006) em *Novas Tecnologias, Novos Textos, Novas Formas de Pensar* e por Bisognin (2009) em *Sem Medo do Internetês*, entre outros.

- Psicopedagógica: a compreensão de como funcionam os ambientes *online*, tanto nos *chats* quanto nas redes sociais virtuais, a partir da dinâmica das relações e dos relacionamentos produzidos e provocados nesses contextos permitem contribuir como crianças e adolescentes utilizam esses espaços, auxiliando pais e educadores em orientações educativas. Uma leitura preliminar pode ser apontada por Santaella (2004a) na compreensão do novo perfil cognitivo do leitor imersivo em seu livro *Navegar no Ciberespaço* e na abordagem de Veen e Vrakking (2009) ao propor o termo “homo zappiens” para a geração de crianças e adolescentes que já nascem no contexto das tecnologias emergentes em seu livro *Homo Zappiens, Educando na Era Digital*. Estudos psicopedagógicos podem ser efetivados utilizando a metodologia do MEVERSI, a fim de identificar o comportamento de crianças e adolescentes nos ambientes virtuais desde o *chat* até às redes sociais que constituem o seu circuito-weblogue, observando os padrões de continuidade e permanência nas representações do *Self* nessa faixa etária.

- Sociológica: analisando os diversos comportamentos de representação do *Self* nos vários ambientes *online* é possível identificar as novas formas de sociabilidade nesses contextos emergentes da globalização tecnológica, dentro dos quais novos grupos, subgrupos, comunidades e pessoas agem e atuam, produtos novos artefatos culturais. A abordagem sociológica de Erving Goffman aplicada no estudo etnográfico para conhecimento de comportamentos de grupos e as representação do *Self* na vida cotidiana (Goffman, 1959/2007), nos lugares fechados (2008) e nos ambientes públicos (Goffman, 1963/2010), pode ser ampliada, valendo-se do MEVERSI para uma compreensão do comportamento das pessoas nos ambientes *online* (*chats* e redes sociais): qual elemento de gênero sexual é mais utilizado (homens, mulheres, híbridos)? que dados são observados quanto à mudança de gênero (sexo) na dimensão *offline* em relação à dimensão *online*? como funcionam os grupos (clãs) que se formam nos *chats*? que estratégias são utilizadas pelos participantes quanto ao grau de dominância (liderança, assuntos predominantes, tabus, jargões, regras etc.) nas salas

de bate-papo? Diversas temáticas podem ser exploradas a partir de alguns dos casos verificados e a partir do modelo de investigação proposto, como o MEVERSI.

- Design Gráfico: a maneira como as pessoas utilizam de elementos lexicais (palavras) e imagético-iconográficos (símbolos, imagens, figuras etc.) para se representarem no *chat* e nas redes sociais (Orkut, Facebook etc.), podem favorecer aos pesquisadores de design gráfico para estes ambientes online como oferecer novos recursos de interação e construção de identidades. O *chat* do UOL disponibiliza alguns recursos, como *emoticons* já configurados com intenções de sorriso, de tristeza, de raiva etc.; em alguns casos, é possível criar um perfil para o seu *nickname* no *chat* (UOL-K) associando uma imagem como foto ou uma figura ao *nickname* construído. Outros recursos poderiam ser disponibilizados para os usuários de *chat*, como os que são oferecidos pelo *chat* do portal TERRA (disponibilizando uma variação maior de *emoticons*, inclusive com *emoticon* animados) ou do IG (disponibilizando a montagem de seu *emoticon*). Estudos poderão ser realizados, a partir da análise das representações do *Self* nos ambientes de *chat*, projetando-se a disponibilização de novos recursos gráficos ao ambiente, tornando a sala de bate-papo mais dinâmica. Aproximações com ambientes de games também podem ser observados como estratégias de diferenciação e atrativo para os participantes desses tipos de *chat*. Identificamos, por exemplo, no ambiente gráfico do OJE (*Olimpíadas dos Jogos Digitais e Educação*) o uso de avatares, tornando atrativa para os participantes a usabilidade dessas formas de representação do *Self* em tais locais virtualizados.

Finalizamos este trabalho com um ar de continuum, com a perspectiva de que tudo o que lido, refletido, pensando, repensado, pesquisado, construído e reconstruído toma apenas uma dimensão preliminar para novos modos de pensar a existência e o *Self*. A perspectiva da carnavalização contemplada por Bakhtin nos seus estudos da obra literária de Rabelais e de Dostoievski antecipa-se ao que encontramos não como arte, mas como vida, nos *chats*, quando os indivíduos utilizam de máscaras, rompem com formalidades e hierarquizações sociais, valendo-se de disparidades e excentricidades, ou até mesmo profanações ao sagrado, ao oficialmente estabelecido, para viver o clima do carnaval como ética de um tempo, mesmo que transitório. O mergulho etnográfico nos ambientes de chat, sob esta perspectiva e tentando observar sua exequibilidade, permitiu vivenciar os princípios básicos da carnavalização como um vislumbre de uma liberdade quase ilimitada e de suas conseqüências no contexto das relações sociais e pessoais. O estudo da representação do *Self*, sob o prisma da carnavalização nos ambientes de bate-papo na Internet, conduziu o pesquisador a ir além

desse lócus interacional, viajando por outros ambientes virtuais nas imersões etnográficas para constatar a dinâmica complexa do *Self* em sua constituição de unidade e de multiplicidade, de impermanência e mudança, de estabilidade e transição contínuos. Este estudo sobre as formas de representação do *Self*, sob o prisma da carnavalização bakhtiniana, permitiu contemplar a complexidade dinâmica da subjetividade humana em seu fluxo rumo ao tempo futuro incerto, no sentido do não-acabamento e do não-fechamento.

O presente estudo mais acentuou a aproximação do pesquisador com a rede contemporânea do dialogismo, com as bases do pensamento bakhtiniano e sua atualidade, consciente dos riscos e dos êxistos possíveis que a adesão a um paradigma possibilita em termos de ciência e (re)construção do conhecimento. Tal atitude é reforçada por uma concepção também dialógica de pensar a ciência, consciente do não-acabamento, da não-finalização, contra um engessamento ideológico e convicto da abertura para o novo, na crítica do sempre repensar o que já foi dito e do que ainda está por vir. Por isso mesmo, torna-se inevitável concluir corroborando com Bakhtin (2004b, p. 182) a respeito da carnavalização, como perspectiva epistemológica:

O carnaval celebra a mudança mesmo, o próprio processo de transformação e não o objeto da mudança. O carnaval, por assim dizer, não é substancial mas funcional. Não absolutiza nada, apenas proclama a alegre relatividade de tudo.

## REFERÊNCIAS

---

- Abbey, Emily & Valsiner Jaan (2005). Emergence of Meanings Through Ambivalence [58 paragraphs]. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research* [Online Journal], vol 6, nº 1, Art. 23. Disponível em: < <http://bit.ly/IxXbv3>>. Acesso em: 26 jun, 2011.
- Adlam, Carol, Rachel Falconer, Vitalii Makhlin, & Alastair Renfrew, eds. (1997). *Face to Face: Bakhtin in Russia and the West*. Sheffield: Sheffield UP.
- Allen, C. *What's wrong with the "Golden Rule"? Conundrums of conductin ethical research in cyberspace*. (1996) The Information Society, Volume12, Issue 2 June, pp. 175 – 188. Disponível em: < <http://bit.ly/If90Im>>. Acesso em: 17/01/2010
- Alte, Iva d'; Petracchi, Paulo; Ferreira, Tiago; Cunha, Carla; Salgado, João. (2007). *Self dialógico: um convite a uma abordagem alternativa ao problema da identidade pessoal*. *Revista Interações*. Vol 3, nº6, p.8-31
- Amado, E. Vida e obra de Rabelais in RABELAIS, F. *Gargântua e Pantagruel*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2003 (1532-1552), pp. 15-22.
- Amorim, Katia de Souza and Rossetti-Ferreira, Maria Clotilde. (2008). Dialogismo e a investigação de processos desenvolvimentais humanos. *Paidéia (Ribeirão Preto)*. Vol.18, nº 40, p.235-250
- APA: American Psychological Association. *Ethical Principles of Psychologists and Code of Conduct*. (2002). Disponível em < <http://bit.ly/Kj1sTj> >. Acesso em 30/01/2010.
- Araújo, Júlio César de. (2003). *Chat na Web: um estudo de gênero hipertextual*. Dissertação de Mestrado em Lingüística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Araújo, Júlio César de. (2006a). *Os chats: uma constelação de gêneros na Internet*. Tese de Doutorado em Lingüística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Araújo, Júlio César de. (2006b). O que o meu aluno faz nesse tal de Orkut?. *Vida Educação*. Fortaleza: Brasil Tropical. Ano 3, n. 9, p. 29-32.
- Araújo, Júlio César de (2007). (org.). *Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios*, Rio de Janeiro: Lucerna.
- Araújo, Júlio César de & Dieb, Messias (orgs.). (2009) *.Letramentos na Web: gêneros, interação e ensino*. Fortaleza: Edições UFC.

- Ashmore, R.D. & Jussim, L. (eds). (1997). *Self and Identity: Fundamental Issues* (Vol. 1). New York: Oxford University Press.
- Bakhtin, M. M. (1987). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. (2ª edição 1965). São Paulo: HUCITEC. (Original publicado em 1940).
- Bakhtin, M. M. ; Medvedev, P.N. (1991). *The Formal Method in Literary Scholarship: a critical introduction to Sociological Poetics* (trad. Albert J. Wehrle). Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press. (Originally published 1928).
- Bakhtin, M. M. *Toward a philosophy of the act*. Austin: University of Texas Press. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza (*Para uma Filosofia do Ato*, 1993), destinada exclusivamente para uso didático e acadêmico.
- Bakhtin, M. M. *Estética da Criação Verbal*. (2003). São Paulo: Martins Fontes (4ª edição), original publicado em 1979.
- Bakhtin, Mikhail. (2003a). Gêneros no Discurso in Bakhtin, M. (2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo, SP: Martins Fontes, pp. 261-306. (Original publicado em 1939-1940).
- Bakhtin, Mikhail. (2003b). O autor e a personagem na atividade estética. In: Bakhtin, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo, SP: Martins Fontes, p. 3-192
- Bakhtin, Mikhail. (2003c). O problema do texto na lingüística e nas outras ciências humanas: uma experiência de análise filosófica in Bakhtin, M. (2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo, SP: Martins Fontes, pp. 307-335. (Original publicado em 1959-1961).
- Bakhtin, Mikhail. (2003d). Apontamentos de 1970-1971 in Bakhtin, M. (2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo, SP: Martins Fontes, pp. 337-357. (Original publicado em 1970-1971).
- Bakhtin, Mikhail. (2003e). Reformulações do livro sobre Dostoievski in Bakhtin, M. (2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo, SP: Martins Fontes, pp. 337-357. (Original publicado em 1961-1962).
- Bakhtin, Mikhail (2003f). Metodologia das ciências humanas in Bakhtin, M. (2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo, SP: Martins Fontes, pp. 393-410. (Original publicado em 1939-1940).

- Bakhtin, M. M. (Volochinov). (2004a). *Marxismo e filosofia da linguagem*. (11ª edição). São Paulo: Hucitec. (originalmente publicado em 1929).
- Bakhtin, Mickhail. (2004b). *Problemas de la Poética de Dostoievski*. (2ª edição de 1963). Madrid, España: CFE. (originalmente publicado em 1929).
- Bassett, E. H. ; O'Riordan, Kathleen. (2002). Ethics of Internet Research: Contesting the Human Subjects Research Model in *Ethics and Information Technology*, Volume 4, Number 3 / September, 1388-1957 (Print) 1572-8439 (Online). Disponível em < <http://bit.ly/eocz14> >. Acesso em 03/01/2010.
- Bechar-Israeli, Haya. (1995). From (Bonehead) to (cLoNehEAd): Nicknames, Play and Identity on Internet Relay Chat. In *Journal of Computer-Mediated Communication*. Disponível em < <http://bit.ly/JyQ7zi> >. Acesso em 12/09/2009.
- Bernardi, R. M. (2009). Rabelais e a sensação carnavalesca do mundo in Brait, Beth (org.). (2003b). *Dialogismo e Polifonia*. São Paulo: Contexto, pp. 73-94.
- Bertau, M.C. (2004). The theory of the dialogical self and a proposition for modeling. In M.-C. Bertau (Ed.), *Aspects of the dialogical self* (pp. 9-35). Berlin: Lehmanns Media LOB-de.
- Bertau, M.-C. (2007). On the notion of voice: An exploration from a psycholinguistic perspective with developmental implications. *International Journal for Dialogical Science*, 2, 133-161. Disponível em < <http://bit.ly/JM5edn> >. Acesso em 05/05/2010.
- Bertau, Marie-Cécile & Gonçalves, Miguel (2007). "Looking at meaning as movement in development: Introductory reflections on the developmental origins of the dialogical self." In: *Developmental Origins of the Dialogical Self*. Bertau, Marie-Cécile & Miguel Gonçalves, eds. In: *International Journal for Dialogical Science* vol. 2, nº 1, p. 1-13.
- Bisognin, Tadeu Rossato. (2009). Sem medo do internetês. Porto Alegre, RS: AGE.
- Bowker, Natilene ; Tuffin, Keith. (2004). *Using the online médium for discursive research about people with disabilities*. Social Science Computer Review, Vol. 22, No. 2, pp. 228-241.
- Braga, Adriana Andrade. (2006a). *Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica*. UNIrevista, vol. 1, nº 3, julho, Disponível em: < <http://bit.ly/J3knmm> >. Acesso em 27/02/2010.

- Braga, Adriana Andrade. (2006b). *Feminilidade mediada por computador: interação social no circuito blogue*. Tese de doutorado em Ciências da Comunicação. São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos,.
- Brait, Beth (org.). (2009a). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto
- Brait, Beth (org.). (2003b). *Dialogismo e Polifonia*. São Paulo: Contexto
- Brait, Beth; Campos, Maria Inês Batista. (2009). Da Rússia czarista à web in Brait, Beth (org.). (2009a). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, pp. 97-116.
- Brewster, Bradley H.; Bell, Michael Mayerfeld. (2010). The Environmental Goffman: Toward an Environmental Sociology of Everyday Life in *Society & Natural Resources*, Volume 23, Issue 1 January, p. 45 – 57. Disponível em: < <http://bit.ly/Jgbza9> >. Acesso em 26/05/2010
- Brinthaupt, M. T. & Lipka, R.P. (eds.).(1992). *The Self: definitional and methodological issues* / edited by Thomas M. Brinthaupt and Richard P. Lipka. Albany: State University of New York Press.
- Broad, Kendal L. ; Joos, Kristin E. (2004). Online Inquiry of Public Selves: Methodological Considerations. *Qualitative Inquiry*. December, 10 (6), pg. 923-946. Disponível em: < <http://bit.ly/Kj1P0p>>. Acesso em 18/12/2009.
- Bruckman, Amy. (2002). Studying the Amateur Artist: A Perspective on Disguising Data Collected in Human Subjects Research on the Internet in *Ethics and Information Technology*, Volume 4, Number 3, September, pp. 217-231, 1388-1957 (Print) / 1572-8439 (Online). Disponível em: < <http://bit.ly/IqMYpZ> >. Acesso em 03/01/2010.
- Bruckman, Amy. (2006). Teaching Students to Study Online Communities Ethically. *Journal of Information Ethics*. 15:2, 82-98. Disponível em: < <http://bit.ly/I9vcm8> >. Acesso em 31/05/2010.
- Campello, Silvio Romero Botelho Barreto. (2000). *Ensino e Usabilidade na WEB*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Cognitiva, Recife: UPFE.
- Capurro, Rafael; Pingel, Christoph. (2002). Ethical Issues of Online Communication in *Ethics and Information Technology*, Volume 4, Number 3 / September. 1388-1957 (Print) 1572-8439 (Online). Disponível em: < <http://bit.ly/ImCWS> >. Acesso em: 03/01/2010.

- Cariolly, Claudia. (2004). *Loucuras na Internet: as minhas e as dos outros*. Rio de Janeiro: Editora Muiraquitã.
- Castilho, Wanderson. (2009). *Manual do Detetive Virtual - Casos Verídicos e Dicas Para se Precaver Contra Problemas no Mundo Digital*. São Paulo: Matrix Editora.
- Castilho, Wanderson. (2011). *Mentira: um rosto de muitas faces*. São Paulo: Matrix Editora.
- Clark, Katerina; Holquist, Michael. (1998). *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva.
- Coscarelli, Carla Viana (org). (2003). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Cunha, C.A.C. (2007). Processos dialógicos de auto-organização e mudança : um estudo microgenético. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Portugal: Universidade do Minho (Instituto de Educação e Psicologia).
- Damásio, Antônio R. (2000). *O Mistério da Consciência*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Damásio, Antônio R. (2003). *O Erro de Descartes: Emoção e Razão*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Damásio, Antônio R. (2004). *Em Busca de Espinosa: Prazer e Dor na Ciência dos Sentimentos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Danet, B.; Ruedenberg-Wright, L. e Rosenbaum-Tamari, Y. (1997). “ Hmmm... Where’s that smoke coming from?” Writing, Play and Performance on Internet Relay Chat. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 2\_\_\_\_(4). Disponível em <<http://jcmc.indiana.edu/vol2/issue4/danet.html>>. Acesso em 12/09/2009.
- Discini, N. (2010). Carnavalização in Brati, Beth. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Editora Contexto, pp. 53-93.
- Elgesem, Dag. (2002). What is special about the ethical issues in online research? in *Ethics and Information Technology*, Volume 4, Number 3, September, 1388-1957 (Print) 1572-8439 (Online). Disponível em: <<http://bit.ly/Ii2d2i>>. Acesso em 03/01/2010.
- Elliott, Anthony. (2001). *Concepts of the Self*. Cambridge: Polity Press.
- Emmerson, Caryl. (2003). *Os cem primeiros anos de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: DIFEL, 350p.

- Ess, Charles. (2002). Introduction in Ethics and *Information Technology*, Volume 4, Number 3 / September, 1388-1957 (Print) 1572-8439 (Online). Disponível em: <[http://www.nyu.edu/projects/nissenbaum/ethics\\_ess.html](http://www.nyu.edu/projects/nissenbaum/ethics_ess.html)>. Acesso em 03/01/2010.
- Eysenbach, Gunther; Till, James E. (2001). Information in practice Ethical issues in qualitative research on internet communities. *BMJ: British Medical Journal*, Vol. 323, No. 7321, Nov. 10, pp. 1103-1105. Disponível em: <<http://www.jstor.org/pss/25227020>>. Acesso em 17/01/2010
- Faraco, Carlos Alberto. (2009). *Linguagem & Diálogo: as idéias dialógicas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 168 p.
- Ferreira, T., Salgado, J., Cunha, Carla, Meira, L., & Konopka, A. (2005). Talking about voices: A critical reflection about levels of analysis on the dialogical self. In H. J. M. Hermans, H. J. M. & P. K. Olés (Eds.), *The dialogical self: Theory and research* (pp. 121-130). Lublin: Wydawnictwo KUL.
- Fiorin, José Luiz. (2006). *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática.
- Fogel, A. (1993). *Developing through relationships. Origins of communication, self and culture*. Chicago: University of Chicago Press.
- Fogel, A., & Lyra, M. (1997a). Dynamics of development in relationships. In F. Masterpasqua & P. Perna (Eds.). *The psychological meaning of chaos: Self-organization in human development and psychotherapy*. (pp. 75-94). Washington, DC: American Psychological Association.
- Fogel, A. (Org.); Lyra, M.C.D.P. (Org.); Valsiner, J. (Org.) (1997b). *Dynamics And Indeterminism In Developmental And Social Process*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum. Vol. 1, 294 p.
- Fogel, Alan. (2001). A relational perspective on the development of self and emotion. Identity and emotion: Development through self-organization. In: Bosma, Harke A.& Kunnen, E. Saskia (Ed). *Identity and emotion: Development through self-organization, Studies in emotion and social interaction* (pp. 93-119). New York, NY, US: Cambridge University Press, xiv, 267 pp.
- Fogel, A.; Garvey, A.; Hsu, H. & West-Stroming, D. (2006). *Change processes in relationships: A relational – historical research approach*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

- Fogel, A. (2009). *The psychophysiology of Self-awareness: Rediscovering the lost art of body sense*. New York: W.W. Norton.
- Fragoso, Suely; Recuero, Raquel & Amaral, Adriana (2011). *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina.
- França, Ana Carol Pontes de. (2008). *Self digital: Explorações acerca da construção do “eu” na Internet*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Cognitiva, Psicologia Cognitiva. Recife: UFPE.
- Frank, Arthur W. (2005). What Is Dialogical Research, and Why Should We Do It? In *Qualitative Health Research*, Vol. 15, No. 7, , 964-974. Disponível em: <<http://qhr.sagepub.com/cgi/content/abstract/15/7/964>>. Acesso em 06/03/2010.
- Freitas, Maria T. & Costa, Sérgio Roberto (Orgs.) (2005). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Freitas. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- Garcia, Angela Cora; Standlee, Alecea I.; Bechkoff, Jennifer & Cui, Yan. (2009). “Ethnographic Approaches to the Internet and Computer-Mediated Communication” in *Journal of Contemporary Ethnography*, 38 (1), February, pp. 52-84. Disponível em: <<http://jce.sagepub.com>>. Acesso em 03/01/2010.
- Garvey, A., & Fogel, A. (2007). Dialogical change processes, emotions, and the early emergence of self. *International Journal for Dialogical Science*, vol. 2, nº 1, p. 51-76. Disponível em: <<http://bit.ly/IFJaPf>> . Acesso em 26 jun, 2011.
- Goffman, E. (1974). *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. New York: Harper and Row,
- Goffman, E. (1988). *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 4ª edição.
- Goffman, E. (2007). *A Preservação do Eu na Vida Cotidiana*. (14ª edição). Petrópolis: Editora Vozes. (originalmente publicado em 1975).
- Goffman, E. (2008). *Manicômios, Prisões e Conventos: Notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. São Paulo: Perspectiva, 8ª edição.
- Goffman, E. (2010). *Comportamento em Lugares Públicos: Notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Petrópolis: Editora Vozes.

- Gomes, Maria João & Lopes, António Marcelino (2007). Blogues Escolares: quando, como e porquê? In *Actas da Conferência Weblogs na Educação – 3 testemunhos, 3 experiências*. Setúbal: Centro de Competências CRIE da ESE de Setúbal. Disponível em: < <http://bit.ly/JNRiwI> >. Acesso em abril de 2011)
- Goulart, Iris Barbosa; & Bregunci, Maria das Graças de Castro. (1990). Interacionismo simbólico: uma perspectiva psicossociológica. *Em Aberto*, Brasília, ano 9, n. 48, out./dez.
- Grice, H. Paul. (1975). Logic and conversation. In: P. Cole & J.L. Morgan (eds.), *Syntax and Semantics: Volume 3*. New York: Academic Press, 41-58. Disponível em <<http://bank.ugent.be/da/refs.htm#garfinkel>>. Acesso em abril, 25/04/2010.
- Guimarães Jr, Mário J.L. *Etnografia em ambientes de sociabilidade virtual multimídia*. Trabalho apresentado na mesa redonda "Novos Paradigmas: Etnografia e Ciberespaço" do X Ciclo de Estudos sobre o Imaginário – Imaginário e Cibercultura, Recife, novembro, 1998. Disponível em < <http://bit.ly/J3mF55> >. Acesso em: 25/01/2010.
- Hagtvet, Bente Eriksen & Wold, Astri Heen (2003). On the Dialogical Basis of Meaning: Inquiries into Ragnar Rommetveit's Writings on Language, Thought and Communication. *Mind, culture and activity*. Vol 10, nº3, pp. 186- 204
- Harter, S. (1999). *The construction of the self: A developmental perspective*. New York: Guilford Press.
- Hayles, N. Katherine. (2005). *My Mother Was a Computer: Digital Subjects and Literary Texts*. Chicago: University of Chicago Press.
- Hermans, Hubert J.M. (1987). Self as an Organized System of Valuations: Toward a Dialogue with the Person. *Journal of Counseling Psychology*, vol. 34, nº1, 10-19.
- Hermans, Hubert J.M.. (1996). Voicing the self: From information processing to dialogical interchange. *Psychological Bulletin*, 119, 31-50.
- Hermans, Hubert J.M.. (1999) Dialogical thinking and Self-Innovation. *Culture Psychology* 1999; vol. 5, nº 1, 67-87
- Hermans, Hubert J.M. (2001a). The Dialogical Self: Toward a Theory of Personal and Cultural Positioning. *Culture Psychology*, vol. 7, nº 3, 243-281.

- Hermans, Hubert J.M. (2001b). The Construction of a Personal Position Repertoire: Method and Practice. *Culture Psychology*, vol. 7(3): 323–365
- Hermans, Hubert J.M. (2002). The person as motivated storyteller: Valuation theory and the self-confrontation method. In R. A. Neimeyer, & G. J. Neimeyer (Eds.), *Advances in personal construct psychology: New directions and perspectives* (pp. 3-28). Westport, CT: Praeger Publishers.
- Hermans, Hubert J.M. (2004). Introduction: The Dialogical Self in a Global and Digital Age In *Identity: An international Journal of theory and research (Mediated identity in the emerging digital age: A dialogical perspective)*, vol. 4, no. 4, 297-320.
- Hermans, H. & Dimaggio, Giancarlo. (2007). *Self, Identity, and Globalization in Times of Uncertainty: A Dialogical Analysis. Review of General Psychology*, Volume. N° 11, Vol. 1, p. 31–61.
- Hermans, Hubert J. M.; & Gieser, Thorsten (2012). Introduction. *Handbook of Dialogical Self Theory*. New York: Cambridge University Press
- Hermans, H. & Hermans-Jansen, E. (1995). *Self-narratives: The construction of meaning in psychotherapy*. New York: Guilford Press.
- Hermans, H. & Hermans-Jansen, E. (2003). Dialogical process and development of the Self. In: Valsiner, J. & Connolly, K. (edits). *Developmental psychology*. London: SAGE publications ltd.
- Hermans, H. & Hermans-Konopka, A. (2010). *Dialogical self theory: positioning and counter-positioning in a globalizing society*. New York: Cambridge University Press.
- Hermans, Hubert J.M.; Kempen, Harry J.G., & van Loon, R.J.P. (1992). The dialogical self: Beyond individualism and rationalism. *American Psychologist*, vol. 47, 23-33.
- Hermans, H., & Kempen, H. (1993). *The dialogical self: Meaning as movement*. San Diego: Academic Press.
- Hermans, Hubert J. M. & Salgado, Joao (2010). The dialogical self as a minisociety. In Suzanne Kirschner & Jack Martin (Ed.), *The Sociocultural Turn in Psychology: The Contextual Emergence of Mind and Self* (pp. 181-204). New York: Columbia University Press.

- Herring, Susan. (1996). Critical Analysis of Language Use in Computer-Mediated Contexts: Some Ethical and Scholarly Considerations. *The Information Society*, Volume 12, Issue 2 June, pp. 153 - 168
- Hine, Christine. *Virtual Ethnography*. International Conference: 25-27 March, 1998, Bristol, UK. Disponível em: < <http://bit.ly/GMxxw> >. Acesso em: 25/01/2010
- Holquist, M. (1990). *Dialogism: Bakhtin and his world*. London: Routledge.
- Huizinga, Johan. (2010). *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva. [1ª edição em 1938].
- Innelas, Gabriel Cesar Zaccarias de (2009). *Crimes na Internet*. São Paulo: Juarez de Oliveira.
- Jaffe, J.M.; Lee, Y.-E.; Huang, L. e Oshagan, H (1995). *Gender, Pseudonyms, and CMC: Masking Identities and Baring Souls*. Paper submitted for presentation to the 45th Annual Conference of the International Communication Association, Albuquerque, New Mexico, USA. Disponível em < <http://bit.ly/IylvvO> Acesso em 17/10/2009
- James, William. (2007) *The Principles of Psychology (Vol. 1)*. New York: Cosimo. (Originalmente publicado em 1890)
- Javornik, Miha. (1998). From the book to the internet (and what does Bakhtin have to do with it?). *Slavica Tergestina*, nº 6. Edited by Patrizia Deotto Mila Nortman Ivan Verč. Trieste.
- Josephs, Ingrid E. Do You Know Ragnar Rommetveit? (1998). On Dialogue and Silence, Poetry and Pedantry, and Cleverness and Wisdom in Psychology (An Interview with Ragnar Rommetveit). *Culture Psychology*, vol. 4 no. 2 189-212.
- Kaare, B. H.; Brandtzaeg, P. B.; Heim, J and Endestad, T. (2007). In the borderland between family orientation and peer culture: The use of communication technologies among Norwegian tweens, SAGE Publications, *New Media & Society*, 9(4): 603-624. Disponível em: <<http://nms.sagepub.com/cgi/content/abstract/9/4/603>>. Acesso em 03/10/2009.
- Kolko, B. E. (1999). Representing Bodies in Virtual Space: The Rhetoric of Avatar Design. *Information Society*, v.15, n.3, p.177-186, jul.-set.

- Krauss, R. M., & Fussell, S. R. (1996). Social psychological models of interpersonal communication. In E. T. Higgins & A. Kruglanski (Ed.), *Social psychology: A handbook of basic principles* (pp. 655-701). New York: Guilford.
- Lakoff, G.; Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*, The University of Chicago, Chicago.
- Lakoff, G.; Johnson, M. (1999). *Philosophy in the Flesh the Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. Basic Books, New York.
- Lakoff, G.; Nuñez, Rafael. (2000). *Where Mathematics Comes From (How the embodied brings mathematics)*. Basic Books. New York.
- Lahlou, Saadi. (2008). Identity, Social Status, Privacy and Face-Keeping in *Digital Society. Social Science Information*, vol. 47, nº3, pp. 299-330. Disponível em : <<http://ssi.sagepub.com/cgi/content/abstract/47/3/2>>. Acesso em 24/10/2009.
- Lantz-Andersson, Annika. (2009). *Framing in Educational Practices Learning Activity, Digital Technology and the Logic of Situated Action*. ACTA UNIVERSITATIS GOTHOBURGENSIS. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/2077/19736>>. Acesso em 10/05/2010.
- Lave, Jean; Wenger, Etienne. (1996). Practice, person, social.world In Daniels, Harry (ed.) *An Introduction to Vygotsky*, London: Routledge.
- Leary, M.R. & Tangney, J. P. (2003). *Handbook of Self and Identity*. New York: Guilford Press.
- Leiman, M. (2002). Toward semiotic dialogism: The role of sign-mediation in the dialogical self. *Theory and Psychology*. Vol 12, nº 2, p. 221–235.
- Leitão, Selma. (2007). Argumentação e desenvolvimento do pensamento reflexivo. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre, vol. 20, nº 3, pp. 454-462.
- Leite, Isabelle Diniz Cerqueira. (2004). *Pixelbot: Análise da conversação entre um chatterbot e usuários*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Cognitiva. Recife: UFPE..
- Linell, P. (1990). The power of dialogue dynamics. In: Marková, I & Foppa, K. (eds) *The Dynamics of Dialogue*. New York: Harvester Wheatsheaf. 147-177.
- Linell, P. (1998). *Approaching Dialogue. Talk, interaction and contexts in dialogical perspectives*. Amsterdam: John Benjamins.

- Linell, P. (2006). Towards a dialogical linguistics. In: Lähteenmäki, M., Dufva, H., Leppänen, S. & Varis, P. (eds), *The XII International Bakhtin Conference: Proceedings*. Jyväskylä: Dept. of Languages. 152-167.
- Linell, P. (2007a, 2007b, 2007c, 2007d, 2007d). *Essentials of dialogism: Aspects and elements of a dialogical approach to language, communication and cognition*. Manuscritos não publicados, apresentado no Seminário Dialogicidade (2007). Disponível em < <http://www.dialogicidad.cl/linell.html> >. Acesso em 07/07/2011.
- Linell, P. (2007e). Dialogicality in Languages, Minds, and Brains: Is there a convergence between dialogism and neuro-biology? *Language Sciences*, 29: 605-620.
- Linell, P. (2007f). On Bertauçs and Other Voices. *International Journal for Dialogical Science*, 2: 163-168.
- Linell, P. (2009). *Rethinking Language, Mind and World Dialogically: Interactional and contextual theories of human sense-making*. Charlotte, NC: Information Age Publishing.
- Linell, P. (2010). With Respect to Bakhtin: Some trends in contemporary dialogical theories. In: Junefelt, K. & Nordin, P. (eds.), *Proceedings from the Second International Interdisciplinary Conference on Perspectives and Limits of Dialogism in Mikhail Bakhtin*. Stockholm University, June 3-5, 2009. 18-32. (e-publication)
- Linell, P. & Luckmann, T. (1991). Asymmetries in dialogue: Some conceptual preliminaries. In: Marková, I. & Foppa, K. (eds), *Asymmetries in Dialogue*. New York: Harvester Wheatsheaf. 1-20.
- Linell, P. & Marková, I. (1993). Acts in discourse: From monological speech acts to dialogical inter-acts. *Journal for the Theory of Social Behavior*, 23:2: 173-195.
- Linell, P. & Rommetveit, R. (1998). The Many Forms and Facets of Morality in *Dialogue*. *Research on Language and Social Interaction*. 31: 465-473.
- Lyra, M.C.D.P. (Org.) ; Valsiner, J. (Org.) (1998). Construction Of Psychological Processes In Interpersonal Communication-Advances In *Child Development Within Culturally Structured Enviroments*. Stamford Connecticut:Ablex Publishing Corporation. Vol. 04, 252 p.
- Lyra, M. C. D. P. (1999). An excursion into the dynamics of dialogue: Elaborations upon the dialogical self. *Culture & Psychology*, 5, 477-489.

- Lyra, Maria C. D. P. (2000). Desenvolvimento de um sistema de relações historicamente construído: contribuições da comunicação no início da vida. *Psicol. Reflex. Crit.* [online], vol.13, n.2 [citado 2011-11-18], pp. 257-268.
- Lyra, M.C.D.P. (2006). O Modelo EEA para a Investigação da Emergência e Desenvolvimento da Comunicação e do Self : Bases Conceituais e Fundamentos Teórico-Metodológicos. *Estudos de Psicologia (UFRN)*, v. 11, p. 25-33.
- Lyra, M.C.D.P. (2007a). On Abbreviation: Dialogue in Early Life - special issue. *International Journal for Dialogical Science, Nijmegen, Holanda*, v. 2, p. 15-44.
- Lyra, M.C.D.P. (2007b). O Modelo EEA: Definições, Unidade de Análise e Possíveis Aplicações. *Psicologia: Reflexão e Crítica (UFRGS. Impresso) <sup>JCR</sup>*, v. 20, n. 1, p. 87-95.
- Lyra, M.C.D.P., & Bertau, M-C.(2008). Dialogical Practices as Basis for Self. *Studia Psychologica (Bratislava) <sup>JCR</sup>*, Vol. 6, nº 8, p. 173-193.
- Manteigas, José; Santos, Paulo (2010). *Internet Segura para Crianças - Guia para Pais e Educadores*. São Paulo: Lidel e Zamboni.
- Marcuschi, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 2003.
- Marcuschi, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital in Marcuschi, L.A. & Xavier, A. C. *Hipertexto e Gêneros Digitais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, pp. 13-67.
- Marková, I. (1990). Introduction. In I. Marková & K. Foppa (Eds.), *The dynamics of dialogue* (pp.1-22). New York/Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf.
- Marková, I. (2000). Amédée or How to Get Rid of It: Social Representations from a Dialogical Perspective. *Culture & Psychology*. Vol. 6, nº4, p. 419-460.
- Marková, I. (2003). *Dialogicality and social representations*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Markova, I. (2006). On “the inner alter” in dialogue. *International Journal for Dialogical Science*. Vol 1, nº 1, p.125–148
- Marková, I. (2007). Knowledge and interaction through diverse lenses. *Revista Interações*. Vol. 3, nº7, p.7-29.
- Marková, I. (2008). A dialogical perspective of social representations of responsibility. In T. Sugiman, K. J. Gergen, W. Wagner and Y. Yamada (eds.). *Meaning in Action*. New York: Springer.

- Marková, I. and Foppa, K., (eds.). (1990). *The Dynamics of Dialogue*. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf.
- Marková, I. & Linell, P. (1996). Coding elementary contributions to dialogue: Individual acts versus dialogical interactions. *Journal for the Theory of Social Behaviour*. 26: 353-373.
- Martins, Angélica Bezerra. (2004). *Uma questão de controle: Explorações acerca de estratégias discursivas do professor em salas de aula virtuais*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Cognitiva. Recife: UFPE.
- Mason, Bruce. (1999). Issues in Virtual Ethnography In Kathy Buckner (Ed) *Workshop On Ethnographic Studies In Real And Virtual Environments: Inhabited Information Spaces And Connected Communities*. Edinburgh: Queen Margaret College: p. 61-69.
- Mason, Bruce e Dicks, Bella. (1999). The Digital Ethnographer In *Cybersociology Magazine*, Issue 6, Research Methodology Online (06 Aug.). Disponível em: < <http://bit.ly/aoccSG> >. Acesso em: 20 de maio de 2010.
- Mead, G.H. (1913). The social self. *Journal of Philosophy*, 10, 374–380.
- Mead, G.H. (1932). *The Philosophy of the Present*. LaSalle, Illinois: Open Court.
- Mead, G.H. (1934). *Mind, self, and society*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Mead, G.H. (1938). *The Philosophy of the Act* (Edited by Charles W. Morris with John M. Brewster, Albert M. Dunham and David Miller). Chicago: University of Chicago .
- Melo, Lafayette Batista. (2004). *A Construção do Espaço Virtual na Internet. Como as pessoas se localizam em ambientes de chat*. Tese de Doutorado. Recife: UFPE, Psicologia Cognitiva.
- Melo, Paulo Henrique da Fonseca. (2007). *Uma Perspectiva Semiótico-Interacional da emergência e manutenção de redes sociais na internet*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Cognitiva. Recife:UFPE.
- Mihailovic, Alexandar. (1997). Corporeal words: *Mikhail Bakhtin's* theology of discourse. (Studies in Russian Literature and Theory, ed. Caryl Emerson). Evanston, Illinois; Northwestern University Press.
- Miller, Hugh; Arnold, Jill. (2003). *Self in Web Home Pages: Gender, Identity and Power in Cyberspace* in Giuseppe Riva & Carlo Galimberti (Eds.) *Towards CyberPsychology:*

- Mind, Cognitions and Society in the Internet Age*. Amsterdam, IOS Press.  
Disponível em: < <http://bit.ly/Js0ya9> >. Acesso em: 07/11/2009.
- Morson, G. S. & Emerson, C.E.(eds.).(1989). *Rethinking Bakhtin: Extensions and Challenges*. Northwestern University Press Series in Russian Literature and Theory, edited by Gary Saul Morson. Evanston, Ill.: Northwestern University Press.
- Morson, G. S. & Emerson, C. (2008). *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. São Paulo: Edusp.
- Moscovici, S. (1970). Préface. In D. Jodelet, J. Viet, P. Besnard (Eds.), *La Psychologie Sociale, Une Discipline en Mouvement*, pp. 9–64. Paris-La Haye: Mouton.
- Muioio, Arlete Figueiredo ; Aguiar, Malu. (2007). *Crimes na rede: o perigo que se esconde no computador*. São Paulo: Companhia Limitada.
- Nunes, João Arriscado. (1993). Erving Goffman, a análise dos quadros e a sociologia da vida cotidiana. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 37 p. 33-49. Disponível em: < <http://bit.ly/Kb7Z6Y> >. Acesso em 25/05/2010.
- Oliveira, Robson Santos de. (2007). *Uso das Marcas Verbais para os aspectos não-verbais da conversação nas salas de bate-papo na Internet*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Cognitiva. Recife: UFPE,. Dissertação disponível no banco de dissertações e teses da UFPE em < <http://bit.ly/IxZJcL>>. Acesso em 10/08/2009.
- Paccagnella, Luciano. (1997). Getting the Seats of Your Pants Dirty: Strategies for Ethnographic Research on Virtual Communities. In *Journal of Computer - Mediated Communication*, 3 (1) June. Disponível em < <http://bit.ly/3DNEN> >. Acesso em: 25/01/2010.
- Paesani, Líliliana Minardi. (2011). *Direito e Internet-Liberdade de Informação, Privacidade e Responsabilidade Civil*. São Paulo: Atlas
- Pereira, Marcelo Cardoso. (2003). *Direito à Intimidade na Internet*. Curitiba: Editora Juruá.
- Peres, Flávia M. de Andrade. (2009). *Diálogo e autoria: do desenvolvimento ao uso de sistemas de informação*. Tese de Doutorado em Psicologia Cognitiva. Recife: UFPE, 2007.
- Ponzio, A. (2009) *A revolução bakhtiniana*. São Paulo: Contexto.
- Rabelais, F. (2003). *Gargântua e Pantagruel*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, p. 1532-1552.

- Riva, G.; Galimberti, C. (2003a). Actors, Artifacts and Inter-Actions. Outline for a Social Psychology of Cyberspace In Riva, Giuseppe e Galimberti, Carlo. *Towards CyberPsychology: Mind, Cognitions and Society in the Internet Age*. Amsterdam, IOS Press. Disponível em: < <http://bit.ly/IylGau> >. Acesso em 28/11/2009.
- Riva, G.; Galimberti, C. (2003b). Complementary Explorative Multilevel Data Analysis - CEMDA: A socio-cognitive model of data analysis for Internet research In Riva, Giuseppe e Galimberti, Carlo (Eds.) *Towards CyberPsychology: Mind, Cognitions and Society in the Internet Age*. Amsterdam, IOS Press. Disponível em: < <http://bit.ly/Ipguep> >. Acesso em 28/11/2009.
- Robinson, L. (2007). The cyberself: the self-ing project goes online, symbolic interaction in the digital age. *New Media & Society*, 9(1): 93-110. Disponível em: < <http://bit.ly/IaZqE7> >. Acesso em:10/10/2009.
- Rommetveit, R. (1974). *On message structure: A framework for the study of language and communication*. London: Wiley.
- Rommetveit, R. (1990). On axiomatic features of a dialogical approach to language and mind. In: Marková, I. & Foppa, K. *The Dynamics of Dialogue*. Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, pp. 83-104.
- Rommetveit, R. (1992). Outlines of a dialogically based social-cognitive approach to human cognition and communication. In Wold, A. Heen (Ed.), *The dialogical alternative: towards a theory of language and mind* (pp. 19-44). Oslo: Scandinavian University Press.
- Rommetveit, R. (1997). The confession of a dialogist about *his* elderly mind's embeddedness in his childhood. *Polish Quarterly of Developmental Psychology*. Veol. 3, n° 3, p. 93-95.
- Rommetveit, R. (2009). On the Role of "a Psychology of the Second Person" in Studies of Meaning, Language and Mind. *Mind, Culture and Activity*. Vol. 10, Issue 3, p. 205-218
- Sacks, H. (1992). *Lectures on Conversation*, 2 Vols, ed. G. Jefferson. Oxford: Blackwell.
- Salgado, João. (2006). Thought as dialogue: a comment on Marková. *International Journal for Dialogical Science*. Vol. 1, No. 1, 149-154, Spring.

- Salgado, J. (2007). The feeling of a dialogical self: Affectivity, agency, and otherness. In L. M. Simão & J. Valsiner (Eds.), *Otherness in question: Labyrinths of the self* (pp. 53-71). Charlotte, North Carolina: IAP.
- Salgado, J., and H. J. M. Hermans. 2005. The return of subjectivity: From a multiplicity of selves to the dialogical self. *E-Journal of Applied Psychology*. Vol. 1, nº 1, p. 3-13.
- Salgado, J., & Ferreira, T. (2005). Dialogical relationships as triads: Implications for the dialogical self theory. In P. K. Oles, & H. J. M. Hermans (Eds.), *The dialogical self: Theory and research*. Lublin, Poland: Wydawnictwo KUL.
- Salgado, J., & Gonçalves, M. (2007) The dialogical self: Social, personal, and (un) conscious. In A. Rosa, & J. Valsiner (Eds.), *The Cambridge handbook of social cultural psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Salgado, J, & Valsiner, J. (2010). Dialogism and the eternal movement with communication. In Grant, Colin B. (ed.). *Beyond universal pragmatics: studies in the philosophy of communication*. Bern: Peter Lang.
- Santaella, Lucia; Feitoza, Mirna. (orgs.). (2009). Mapa do jogo: a diversidade cultura dos games. São Paulo: Cengage Learning.
- Santaella, Lucia. (2003). Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus.
- Santaella, Lucia, (2004a). *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus.
- Santaella, Lucia. (2004b). *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*. São Paulo: Paulus.
- Santaella, Lucia. (2007). *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus.
- Santaella, Lucia. (2010). A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiqüidade. São Paulo: Paulus.
- Santos, Maickel A.; GOMES, William B. (2010). O Self dialógico: teoria e pesquisa. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 15, n. 2, p. 353-361, abr./jun.
- Schneiderman, Boris [entrevistado por Geraldo Tadeu de Souza]. (2009). Boris Schneiderman e Mikahil Bakhtin in Brait, Beth (org.). *Bakhtin: Dialogismo e Polifonia*. São Paulo: Contexto, pp. 225-239.

- Schuster, Charles I. (1985). Mikhail Bakhtin as Rhetorical Theorist. *College English* Vol. 47, nº 6: 594-607.
- Seymour, Wendy S. (2001). In the flesh or online? Exploring qualitative research methodologies. *Qualitative Research*, Vol. 1, No. 2, 147-168,. Disponível em: <<http://qrj.sagepub.com/cgi/content/short/1/2/147>>. Acesso em: 10/01/2010
- Sherman, Richard C. (2003). The Mind's Eye in Cyberspace: Online Perceptions of Self and Others in Giuseppe Riva & Carlo Galimberti (Eds.) *Towards CyberPsychology: Mind, Cognitions and Society in the Internet Age*. Amsterdam, IOS Press. Disponível em: <[http://www.neurovr.org/emerging/book2/2SECTIO\\_04.PDF](http://www.neurovr.org/emerging/book2/2SECTIO_04.PDF)>. Acesso em 05/12/2009.
- Silva, Paulo Vinicius Baptista da. (2007). Goffman, discípulo de Mead? *InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, Campo Grande, MS, v. 13, n. 25, p. 116-133, jan.-jun.
- Sinha, C. (2007). Self, Symbol and Subject. A Commentary on Lyra: On Abbreviation; Dialogue in Early Life. *International Journal for Dialogical Science*, Vol. 2, nº 1, 45-50
- Sobral, Adail. Estética da Criação Verbal in Brait, Beth (org.). (2009). *Bakhtin: Dialogismo e Polifonia*. São Paulo: Contexto, pp. 167-187.
- Souza, Geraldo Tadeu de. Boris Schnaiderman e Mikahil Bakhtin in Brait, Beth (org.). (2009). *Bakhtin: Dialogismo e Polifonia*. São Paulo: Contexto, pp. 225-239.
- Stam, Henderikus J. (2006, Spring). The dialogical self and the renewal of psychology. *International Journal for Dialogical Science*. Vol. 1, nº 1, 99-117.
- Sink, Ashley Dyess. (2006). Identity and community in the weblogs of muslim women of middle eastern and north African descent living in the United States. Dissertação de mestrado em Comunicação de Massa. Universidade da Flórida. EUA.
- Smith, Gregory S. (2007). *How to Protect Your Children on the Internet: A Road Map for Parents and Teachers*. Westport: Praeger Publishers.
- Talamo, Alessandra; Ligorio, M. Beatrice. (2000). *Identity in the cyberspace: the social construction of identity through on-line virtual interactions*. 1st Dialogical Self conference - 23-26 June 2000, Nijmegen (NL).

- Thomas, Jim. (1996). Introduction: A Debate about the Ethics of Fair Practices for Collecting Data in Cyberspace. *The Information Society*, 12(2): 107-117,. Disponível em: <<http://jthomasniu.org/Tis/gojt.html>>. Acesso em 24/01/2010.
- Thomsen, Steven R.; Straubhaar, Joseph D. e Bolyard, Drew M. (1998). *Ethnomethodology and the Study of Online Communities: Exploring the Cyber Streets*. International Conference: 25-27 March, Bristol, UK . Disponível em: < <http://bit.ly/IezM6n> >. Acesso em: 25/01/2010.
- Turkle, Sherry. (1999). Sherry Turkle: Fronteiras do real e do virtual In: Casalegno, Federico. Turkle, Sherry.(1999). *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, nº 11, dezembro.
- Turkle, Sherry. (2004). Our Split Screens In Feenberg, Andrew & Barney, Darin (eds.). *Community in the Digital Age: Philosophy and Practice*, Lanham, MD: Rowman and Littlefield.
- Valsiner, Jaan. (1998). *The Guided Mind: a sociogenetic approach to personality*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Valsiner, Jaan. (2001a). Process Structure of Semiotic Mediation in Human Development. *Human Development*, Vol. 44, nº 2-3, p. 84-97
- Valsiner, Jaan (2001b). Historicity: coordinating social and personal development. In: *Comparative study of human cultural development*. Madrid: Fundación Infancia y Aprendizaje, p. 183-213
- Valsiner, Jaan. (2002a). Forms of Dialogical Relations and Semiotic Autoregulation within the Self. *Theory & Psychology*, Vol. 12, nº 2, p. 251-265.
- Valsiner, Jaan (2002b). Irreversibility of time and ontopotentiality of signs. *Estudios de Psicología*, vol. 23, nº 1, p. 49-59.
- Valsiner, Jaan (2003a). Sensuality and sense: Cultural construction of the human nature. *Human Affairs*, Bratislava, v.13, nº2, p. 151-162
- Valsiner, Jaan (2003b). Culture and Its Transfer: Ways of Creating General Knowledge Through the Study of Cultural Particulars. *Online Readings in Psychology and Culture* (Unit 2, Chapter 11). ©International Association for Cross-Cultural Psychology.
- Valsiner, Jaan (2005). Scaffolding within the structure of Dialogical Self: Hierarchical dynamics of semiotic mediation. *New Ideas in Psychology*, Vol. 23, No. 3, p. 197-206

- Valsiner, Jaan (2006). Developmental epistemology and implications for methodology. In R.M. Lerner (Ed.). *Theoretical models of human development* (pp. 166-209). Vol. 1 of Handbook of Child Psychology (W. Damon & R.M. Lerner, Eds.). 6th edition. New York: Wiley
- Valsiner, Jaan. (2007). Constructing the internal infinity: dialogic structure of the internalization/externalization process. *International Journal of Dialogical Science*, Vol. 2, nº1, p. 207-221.
- Valsiner, Jaan (2008a). Where is Culture Within the Dialogical Perspectives on the Self. *International Journal for Dialogical Science*, Vol. 3, nº 1, 1-8
- Valsiner, Jaan (2008b). Open Intransitivity Cycles in Development and Education: Pathways to Synthesis. *European Journal of Psychology of Education*. Vol. 23, nº 2, 131-147
- Valsiner, J. (Org.) ; Molenaar, P. (Org.) ; Lyra, M.C.D.P. (Org.) ; Chaudhary, N. (Org.). (2009) *Dynamic Process Methodology in the Social and Developmental Sciences*. 1. ed. New York: Springer. Vol. 1, 704 p.
- Vedeler, Dankert. Dialogue and co-regulation: Using dialogical self terminology in the relational-historical approach. A commentary on Garvey & Fogel's "Dialogical change processes, emotions, and the early emergence of self". *International Journal for Dialogical Science* 2007. Vol. 2, nº 1, p. 1:77-91
- Vice, Sue. (1997). *Introducing Bakhtin*. Manchester: Manchester University Press.
- Vieira, Jair Lot. (2009). *Crimes na Internet Interpretados pelos Tribunais: repertório de jurisprudência e legislação*. São Paulo: Edipro (Edições Profissionais).
- Vitanova, G. (2010). Authoring the dialogic self : gender, agency and language practices. *Dialogue studies*: vol. 8. Amsterdam: John Benjamins Pub. Co.
- Veen, Wim & Vrakking, Ben, (2009), *Homo Zappiens: Educando na era digital*, Artmed, Porto Alegre.
- Wall, Cornelis de. (2007). *Sobre pragmatismo*. São Paulo: Edições Loyola.
- Waskul, Dennis. (1996). Ethics of Online Research: Considerations for the Study of Computer Mediated Forms of Interaction. *The Information Society*, 12(2), 129-139. Disponível em: < <http://bit.ly/IfaHFD> >. Acesso em: 24/01/2010

- Wenger, Etienne. (1998). *Communities of practice: learning, meaning, and identity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Wenger, Etienne. (2001). *Supporting communities of practice: a survey of community-oriented technologies*. Disponível em <[www.ewenger.com/tech](http://www.ewenger.com/tech)>. Acesso em 03/04/2010.
- Wenger, Etienne C., McDermott, Richard, and Snyder, Williams C. (2002). *Cultivating Communities of Practice: A Guide to Managing Knowledge*. Cambridge: Harvard Business School Press.
- Wertsch, J. (1991). *Voices of the mind*. Cambridge: Harvard University Press.
- Wold, A. Heen (Ed.). (1992). *The dialogical alternative: towards a theory of language and mind*. Oslo: Scandinavian University Press, p. 315
- Yakubinsky, L.S. (1923). O dialogicheskoi rechi. Original em russo disponível no endereço eletrônico da Universidade de Lausane de <<http://bit.ly/Kj3rHg>>. Recuperado em 10/01/2010.
- Zandwais, Ana. (2009). Bakhtin/Volochinov: condições de produção de Marxismo e filosofia da linguagem in Brait, Beth (org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, pp. 97-116.

**ANEXOS**



## Resultado do Comitê de Ética – Anexo I



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
Comitê de Ética em Pesquisa

Av. da Engenharia, s/n – 1º Andar, Cid. Universitária, CEP 50740-600, Recife - PE,  
Tel/fax: 81 2126 8588 - [www.ufpe.br/ccs](http://www.ufpe.br/ccs); e-mail: [cepccs@ufpe.br](mailto:cepccs@ufpe.br)

Ofício Nº. 347/2012 - CEP/CCS

Recife, 17 de setembro de 2012

Ao  
Doutorando Robson Santos de Oliveira  
Programa de Pós-Graduação em psicologia Cognitiva – CFCH/UFPE

Registro do SISNEP FR – 425507  
CAAE – 0275.0.172.000-11  
Registro CEP/CCS/UFPE Nº 300/11  
Título: A Representação do Self nas salas de bate-papo na internet e a noção bakhtiniana de Carnavaiação: Uma perspectiva dialógica.  
Pesquisador Responsável: Robson Santos de Oliveira

Senhor (a) Pesquisador (a):

O Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Pernambuco (CEP/CCS/UFPE) recebeu em 17/09/2012 o relatório final do protocolo em epígrafe e considera que o mesmo foi devidamente aprovado por este Comitê, nesta data.

Atenciosamente

  
Prof. Geraldo Bosco Lindoso Couto  
Coordenador do CEP/CCS / UFPE

## Termo de Confidencialidade do Pesquisador - Anexo II

### TERMO DE CONFIDENCIALIDADE E SIGILO PARA PESQUISA NA INTERNET

Robson Santos de Oliveira, nacionalidade brasileira, estado civil solteiro, pesquisador do projeto de pesquisa do doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE, inscrito(a) no CPF/ MF sob o nº 601.880.494-87, abaixo firmado, assume o compromisso de manter confidencialidade e sigilo sobre os sujeitos que participaram do campo de pesquisa etnográfico na Internet (salas de bate-papo do UOL e redes sociais, como Orkut, por exemplo) do projeto de pesquisa “**A Representação do Self nas salas de bate-papo na Internet e a noção bakhtiniana de Carnavalização: Uma perspectiva dialógica**”, atendendo às exigências da Resolução nº 196 de 10/10/1996.

Por este termo de confidencialidade e sigilo, o pesquisador compromete-se:

1. *prever procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de auto-estima, de prestígio e/ou econômico – financeiro (item III.3.i), evitando exposição de nomes próprios (nos chats) e/ou dados de endereços físicos pessoais (nas redes sociais, como no Orkut, por exemplo);*
2. *respeitar sempre os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes quando as pesquisas envolverem comunidades (item III.3.1), assim preservando o material da pesquisa nos campos etnográficos virtuais (os nicknames, emoticons, enunciados) para os fins específicos desta pesquisa de doutoramento;*
3. a manter o banco de dados gerado na pesquisa etnográfica virtual sob sua responsabilidade, não repassando tais informações ou utilizando-as em benefício próprio ou de terceiros, evitando a exposição de nomes ou dados pessoais dos sujeitos da pesquisa.

Neste Termo esclarece-se que durante a pesquisa nos *chats* e no Orkut o pesquisador se identificará como pesquisador, apresentando seu email de contato para possíveis esclarecimentos dos métodos de pesquisa a ser realizada nos ambientes *online*.

Pelo não cumprimento do presente Termo de Confidencialidade e Sigilo, fica o abaixo assinado ciente de todas as sanções judiciais que poderão advir.

Recife, 12/maio/2011



---

Robson Santos de Oliveira

## Termo de Consentimento Livre e Aceito-TCLE – Anexo III

### Comitê de Ética e Pesquisa– CEP / UFPE

**Responsável pela pesquisa:** Robson Santos de Oliveira [ email: robssantoss@yahoo.com.br, telefones: (81) 9981 3063, (81) 2126 8272 (Secretaria PPG em Psicologia Cognitiva/UFPE) ]

**Título do projeto de pesquisa de doutorado:** A representação do *self* no *chat* e a noção bakhtiniana de carnavalização – uma perspectiva dialógica

**Registro no CEP/CCS/UFPE:** 300/11 e **Registro no SISNEP FR:** 425507

**Centro de pesquisa:** UFPE / CFCH / Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva (doutorado)

Prezado(o) Senhor(a),

Eu, Robson Santos de Oliveira, identidade 1.161.583 SSP/PB, venho convidá-lo(a) para participar da pesquisa acima intitulada, e que tem como objetivo estudar as formas de representação das pessoas na Internet, especificamente nos ambientes virtuais de *chat* do UOL e do Orkut. Considerando que as salas do UOL são públicas as conversações ali produzidas poderão ser utilizadas na pesquisa sem a necessidade de consentimento dos participantes, no entanto, alguns casos necessitarão de entrevistas.

Caso aceite participar deste estudo, o(a) senhor(a) poderá trocar emails e realizar conversação no *chat*, em forma de entrevistas. Estes dados serão gravados e guardados em local seguro, sob responsabilidade do pesquisador. Sua participação nesta pesquisa é totalmente espontânea e você poderá desistir quando quiser.

Como riscos da pesquisa, talvez o(a) senhor(a), caso o material venha ser utilizado para publicação científica ou atividades de ensino, poderão ser mostradas informações que possam vir a identificá-lo(a), como os dados de perfis do Orkut, por exemplo. Como benefícios, você poderá auxiliar na pesquisa sobre as representações do *self* na Internet, auxiliando no entendimento de como as pessoas podem construir relações sociais no ambiente virtual.

Após receber estas informações e ter entendido o que me foi explicado, eu, \_\_\_\_\_ dou meu consentimento livre e esclarecido para minha participação como voluntário(a) nesta pesquisa **através de confirmação via email**, sob a responsabilidade de Robson Santos de Oliveira, que está sob orientação do Doutor Luciano Rogério de Lemos Meira (luciano@meira.com). Também eu entendo que terei acesso aos resultados da pesquisa, através dos pesquisadores envolvidos e que, se achar necessário, posso contatar o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde<sup>166</sup> da UFPE, para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 2011.

\_\_\_\_\_ (participante da pesquisa)

**Email do participante:** \_\_\_\_\_

Robson Santos de Oliveira (pesquisador-doutorando)

<sup>166</sup> Endereço: Av. da Engenharia, s/n. 1º andar, Cid. Universitária, 50740-600, Recife-PE. 81- 2126 8588. cepccs@ufpe.br

**Formulário – Anexo IV****Questionário de pesquisa de doutorado em Psicologia Cognitiva- UFPE**

Olá...eu sou aluno de pós-graduação de doutoramento em Psicologia Cognitiva na UFPE, Recife. Estou fazendo uma pesquisa sobre as formas de representação das pessoas nos ambientes online. Se você desejar participar de minha pesquisa, por favor, responda o questionário abaixo

\*Obrigatório

Você participa de salas de bate-papo? \* Salas do tipo UOL, IG ou TERRA

- UOL
- TERRA
- IG
- BOL
- Outro:

Escolha uma das salas que você usa e informe qual o nickname que você usa com mais frequência nessas salas? \* Ex.: SALA UOL / TEMA LIVRE 1 e meu nickname: **BladeRunner**

Você participa de redes sociais? \* Tipo Orkut, Facebook ou Twitter. Por favor coloque o seu endereço para essas redes sociais que você possa ter e queira registrar aqui

- ORKUT
- FACEBOOK
- TWITTER
- Outro:

Escolha uma das redes sociais que você usa e informe qual o seu endereço \* Ex.: ORKUT e meu endereço: <http://www.orkut.com.br/Main#Profile?rl=mp&uid=13137483782671423999>

### **Meus dados pessoais**

Robson Santos de Oliveira .'. Aluno de pós-graduação de doutorado Psicologia Cognitiva - UFPE - PE  
Email: robssantoss@yahoo.com.br  
Orkut:<http://www.orkut.com.br/Main#Profile?rl=mp&uid=13137483782671423999> Facebook:  
<http://www.facebook.com/profile.php?id=1601761598> Twitter: @robssantoss Agradeço sua  
contribuição  
Tecnologia Google Docs Denunciar abuso - Termos de Serviço - Termos Adicionais

**Regulamentos do CHAT – UOL**

## Regras de uso do Bate-papo UOL

### Não é permitido:

- Publicar mensagens comerciais, enviar spam ou mensagens para um grande número de usuários por sistemas automáticos.
- Publicar cenas de sexo ou pornografia envolvendo menores de 18 anos. Isso é crime sujeito a pena de reclusão de 2 (dois) a 6 (seis) anos e multa. Denuncie.
- Trocar mensagens ligadas a pornografia infantil, exploração sexual de menores ou pedofilia. Denuncie.
- Abrir salas de bate-papo com nomes que insinuem pedofilia, atividades ilegais ou que incitem a crime.
- O uso de linguagem ofensiva, grosseira ou racista ou publicação de material calunioso, abusivo ou que invada a privacidade de alguém.
- Divulgar informações sobre atividades ilegais ou que incitem a crime.
- Para garantir o cumprimento das regras acima o UOL poderá usar bloqueio de endereços IP, bloqueio de acesso a salas de bate-papo, fechamento de salas e cancelamento de assinatura.
- Denuncie aqui sites e produtos que estão em desacordo com as regras do UOL.

### Atenção

- O UOL não se responsabiliza pelas opiniões e pelos comentários dos frequentadores do Bate-papo. O conteúdo de cada mensagem é de única e exclusiva responsabilidade civil e penal de quem a enviou.
- O UOL não se responsabiliza pelo conteúdo das mensagens em texto, áudio e vídeo trocadas nas salas de bate-papo e de videopapo.
- O conteúdo de cada sala de videopapo é de única e exclusiva responsabilidade civil e penal do proprietário do e-mail usado para sua criação.
- O UOL não se responsabiliza por qualquer dano supostamente decorrente do uso deste serviço e se reserva o direito de modificar estas regras de uso a qualquer momento, a seu exclusivo critério.

## Políticas de Conteúdo do Orkut

As Políticas de Conteúdo a seguir são regras para serem compartilhadas e seguidas pelos membros do Orkut. O Orkut é um lugar onde os usuários podem expressar suas próprias crenças e valores, e as nossas Políticas de Conteúdo ajudam a manter um ambiente positivo que permite tal expressão. Estas políticas devem ser aplicadas a todo conteúdo disponível no Orkut, tanto em perfis, como em comunidades, e serão atualizadas de acordo com as necessidades do Orkut e das ferramentas disponíveis, por isso recomendamos que você revise este documento com frequência.

Nós levamos estas Políticas de Conteúdo do Orkut a sério e pedimos que você também as respeite. Como membro do Orkut, você tem certas responsabilidades a si mesmo e aos outros usuários.

### Como denunciar abusos

Se você acredita que alguém está violando estas Políticas de Conteúdo, clique em **denunciar abuso** do lado esquerdo da página do perfil ou comunidade em questão. Se você clicar em 'denunciar abuso', nós analisaremos a sua denúncia e tomaremos as medidas adequadas. Tenha em mente que nem todas as denúncias resultarão em remoção de conteúdo.

Nós encorajamos nossos usuários a utilizar perfis e comunidades no Orkut para compartilhar idéias livremente. Entretanto, temos restrições a certos conteúdos e comportamentos inapropriados. Clique nos links abaixo para ler sobre tais restrições. A violação de qualquer uma destas restrições pode resultar na suspensão ou remoção de um perfil ou comunidade.

### Nudez e material explicitamente sexual

Nós não permitimos nudez, imagens mostrando atos sexuais ou qualquer outro material explicitamente sexual. Também não permitimos conteúdo cujo propósito é levar tráfego a sites pornográficos comerciais ou que promovam pedofilia, incesto ou bestialidade. A Google tem uma política de tolerância zero contra pornografia infantil, o que inclui animação ou desenhos gráficos de pornografia infantil.

Se soubermos da existência desse tipo de conteúdo, vamos desativar o seu perfil e remover o conteúdo. Também somos obrigados a reportar o incidente e o responsável pelo conteúdo às autoridades apropriadas. Também nos reservamos o direito de remover os perfis de condenados ou de criminosos sexuais conforme determinação ou exigência das leis aplicáveis.

### Conteúdo malicioso

Nós não permitimos textos criados com o único propósito de difamar e injuriar a reputação de alguém através de ataques pessoais sem qualquer comentário de cunho político, profissional ou social.

## **Segurança de adolescentes**

Crianças menores de 13 anos não podem acessar o Orkut, mas os adolescentes que têm entre 13 e 18 são permitidos no Orkut com o Filtro de Segurança ativado. Se alguém enviar comentários sexuais a um menor, sua conta pode ser excluída permanentemente.

Leia mais informações para usuários adolescentes.

## **Comportamento violento**

Não ameace, assedie ou perturbe insistentemente outros usuários. Nós encorajamos nossos usuários a tentarem resolver suas disputas por conta própria, mas poderemos agir em casos de graves ameaças. Note que também não permitimos textos ou imagens violentas que promovam crueldade contra animais.

## **Discurso de ódio**

Nós não permitimos manifestações de ódio contra grupos de pessoas baseado em raça ou origem étnica, religião, idade, deficiência, sexo ou orientação/identidade sexual.

## **Idade**

Ao criar um perfil no Orkut, os usuários devem inserir sua real data de nascimento. Os usuários precisam ter pelo menos 13 anos de idade para usar o Orkut. Se encontrarmos qualquer evidência de que um usuário tenha mentido sobre sua idade, podemos excluir sua conta.

## **Roubo de identidade (personificação)**

Nós não permitimos perfis que roubem a identidade de outras pessoas ou qualquer comportamento que seja enganoso ou tenha como propósito propagar conteúdo enganoso. Veja mais informações sobre roubo de identidade no Orkut.

## **Informação privada e confidencial**

Nós não permitimos a publicação não-autorizada de informação privada e confidencial de uma pessoa, como números de cartão de crédito, números de identidade, números de passaporte, números de carteira de motorista ou outros documentos, ou qualquer outra informação que não esteja acessível publicamente. Para proteger sua própria informação privada e confidencial, tenha cuidado com o tipo de conteúdo que você compartilha com outros.

## **Direitos autorais**

Nós responderemos a denúncias claras de infração de direitos autorais. Para registrar uma reivindicação oficial, denuncie uma violação de direitos autorais e também veja o regulamento sobre direitos autorais.

## **Atividades ilegais**

O Orkut não deve ser usado para fins ilícitos ou para a promoção de atividades perigosas e ilegais. Se encontrarmos um perfil ou comunidade agindo de tal forma, poderemos remover o conteúdo e notificar as autoridades competentes.

## **Spam, malware e phishing**

Nós não permitimos a transmissão de malware e vírus ou qualquer outra atividade que possa interromper o serviço ou atingir outros usuários. Spam também é proibido e, podemos incluir: propaganda não-solicitada, uso de meios automáticos para realizar ações como a criação de perfis, envio de recados, depoimentos, convites, criação de comunidades, etc. Códigos (scripts) maliciosos também não são permitidos.

Se você acredita que seu conteúdo foi erroneamente removido do Orkut, siga estes passos para reativar a sua conta.

## **Outras políticas do Orkut**

- Termos de Serviço
- Política para envio e remoção de fotos
- Material protegido por direitos autorais no Orkut
- Política de privacidade

## **Regulamento do FACEBOOK**

O idioma da versão original deste acordo é o inglês (EUA). Em caso de conflito de qualquer versão traduzida deste acordo com a versão em inglês, a versão em inglês prevalecerá. Observe que a seção 16 contém certas alterações aos termos gerais para usuários fora dos Estados Unidos.

Data da última revisão: 4 de outubro de 2010.

### **Declaração de direitos e responsabilidades**

Esta Declaração de direitos e responsabilidades (Declaração) é baseada nos Princípios do Facebook e determina nosso relacionamento com os usuários e outras pessoas que interagem com o Facebook. Ao usar ou acessar o Facebook, você concorda com esta Declaração.

#### **1. Privacidade**

Sua privacidade é muito importante para nós. Elaboramos nossa Política de privacidade para divulgar como você pode usar o Facebook para compartilhar com outros e como coletamos e podemos usar seu conteúdo e informações. Aconselhamos que você leia a Política de privacidade e a use como auxílio para tomar decisões com base nas informações fornecidas.

#### **2. Compartilhar conteúdo e informações**

Você é proprietário de todo o conteúdo e informações que publica no Facebook, e você pode controlar como eles serão compartilhados por meio das suas configurações de privacidade e aplicativos. Além disso:

1. Para o conteúdo coberto pelas leis de direitos de propriedade intelectual, como fotos e vídeo (conteúdo IP), você nos concede especificamente a seguinte permissão, sujeita às configurações de privacidade e aplicativos: você nos concede uma licença mundial não exclusiva, transferível, sublicenciável, livre de royalties, para usar qualquer conteúdo IP publicado por você ou associado ao Facebook (Licença IP). Essa Licença IP termina quando você exclui seu conteúdo IP ou sua conta, a menos que seu conteúdo tenha sido compartilhado com outros e eles não o tenham excluído.
2. Ao excluir um conteúdo IP, ele é excluído de maneira similar ao esvaziamento da lixeira do computador. No entanto, entenda que o conteúdo removido pode permanecer em cópias de backup por um período razoável (mas não estará disponível para outros).
3. Ao usar um aplicativo, seu conteúdo e as informações são compartilhados com o aplicativo. Exigimos que os aplicativos respeitem sua privacidade, e seu acordo com esse aplicativo controlará como o mesmo poderá usar, armazenar e transferir esse conteúdo e informações. (Para saber mais sobre a plataforma, leia nossa Política de privacidade e a Página da plataforma.)
4. Ao publicar o conteúdo ou informações usando a configuração todos, significa que você permite que todos, incluindo pessoas fora do Facebook, acessem e usem essas informações e as associem a você (isto é, seu nome e a foto do perfil).

5. Somos sempre gratos por seus comentários ou outras sugestões sobre o Facebook, mas entenda que podemos usá-los sem qualquer obrigação de compensar você por eles (assim como você não tem a obrigação de oferecê-los).

### 3. Segurança

Nos empenhamos ao máximo para manter o Facebook seguro, mas não podemos garantir isso. Precisamos de sua ajuda para fazer isso, o que inclui os seguintes compromissos:

1. Você não enviará ou publicará de outra forma comunicações comerciais não autorizadas (como spam) no Facebook.
2. Você não coletará conteúdo ou informações de usuários, ou acessará o Facebook de outra forma, usando meios automáticos (como bots de coleta, robôs, spiders ou scrapers) sem nossa permissão.
3. Você não fará parte de marketing multinível ilegal, como um esquema de pirâmide, no Facebook.
4. Você não enviará vírus ou outros códigos maliciosos.
5. Você não solicitará informações de login nem acessará uma conta que pertença a outra pessoa.
6. Você não irá intimidar, assediar ou praticar bullying contra qualquer usuário.
7. Você não publicará conteúdo que: seja detestável, ameaçador ou pornográfico; incite violência; ou contenha nudez ou violência gráfica ou desnecessária.
8. Você não irá desenvolver nem operar um aplicativo de terceiros que esteja relacionado a álcool ou outro conteúdo adulto (incluindo propagandas) sem as restrições apropriadas com base em idade.
9. Você seguirá nossas Diretrizes de promoções e todas as leis aplicáveis se publicar ou oferecer concursos, brindes ou jogos de apostas (“promoção”) no Facebook.
10. Você não usará o Facebook para praticar qualquer ato ilegal, equivocado, malicioso ou discriminatório.
11. Você não fará nada que possa desabilitar, sobrecarregar ou impedir o funcionamento adequado do Facebook, como um ataque de negação de serviço.
12. Você não facilitará nem incentivará a violação desta Declaração.

### 4. Registro e segurança da conta

Os usuários do Facebook fornecem seus nomes e informações reais, e precisamos da sua ajuda para que isso continue assim. Estes são alguns compromissos que você firma conosco em relação ao registro e à manutenção da segurança de sua conta:

1. Você não irá fornecer qualquer informação pessoal falsa no Facebook, nem criar uma conta para ninguém além de si mesmo sem permissão.
2. Você não deve criar mais de um perfil pessoal.
3. Se desativarmos sua conta, você não deverá criar outra sem nossa permissão.
4. Você não deve usar seu perfil pessoal para seu próprio ganho comercial (como a venda de sua atualização de status para um anunciante).
5. Você não deve usar o Facebook se for menor de 13 anos.
6. Você não deve usar o Facebook se for um criminoso sexual condenado.
7. Você deve manter suas informações de contato precisas e atualizadas.

8. Você não deve compartilhar sua senha (ou, no caso de desenvolvedores, sua chave secreta), deixar alguém acessar sua conta ou fazer qualquer outra coisa que possa comprometer a segurança de sua conta.
9. Você não deve transferir sua conta (incluindo qualquer página ou aplicativo administrado por você) para ninguém sem primeiro obter nossa permissão por escrito.
10. Se você selecionar um nome de usuário para sua conta, nós nos reservamos o direito de remover ou recuperá-lo se considerarmos adequado (por exemplo, quando um proprietário de uma marca comercial reclamar de um nome de usuário que não tem qualquer relação com o nome real do usuário).

## 5. Proteção dos direitos de outras pessoas

Nós respeitamos os direitos de outras pessoas, e esperamos que você faça o mesmo.

1. Você não deve publicar conteúdo ou tomar qualquer atitude no Facebook que infrinja ou viole os direitos alheios ou a lei.
2. Nós podemos remover qualquer conteúdo ou informações publicadas por você no Facebook se julgarmos que isso viola esta política.
3. Nós forneceremos a você as ferramentas para ajudá-lo a proteger seus direitos de propriedade intelectual. Para saber mais, acesse nossa página Como denunciar reclamações de infrações de propriedade intelectual.
4. Se removermos seu conteúdo por infringir os direitos autorais de alguém, e você acredita que o removemos por engano, forneceremos a você a oportunidade de recorrer.
5. Se você violar repetidamente os direitos de propriedade intelectual de outras pessoas, desativaremos sua conta quando julgarmos apropriado.
6. Você não deve usar nossos direitos autorais ou marcas registradas (incluindo Facebook, os logotipos Facebook e F, FB, Face, Cutucar, Mural e 32665), ou qualquer marca semelhante que possa causar confusão, sem nossa permissão por escrito.
7. Se for coletar informações de usuários, você deverá: obter seu consentimento, deixar claro que é você (e não o Facebook) quem está coletando as informações e publicar uma política de privacidade explicando quais informações serão coletadas e como elas serão usadas.
8. Você não deve publicar documentos de identificação ou informações financeiras confidenciais de ninguém no Facebook.
9. Você não deve marcar usuários nem enviar convites por e-mail para não usuários sem o consentimento deles.

## 6. Móvel

1. Atualmente, fornecemos nossos serviços móveis gratuitamente, mas lembre-se de que as taxas e os impostos normais de sua operadora, tais como taxas de mensagens de texto, ainda se aplicam.
2. Caso altere ou desative seu número de telefone celular, você deverá atualizar as informações de sua conta no Facebook dentro de 48 horas para garantir que suas mensagens não sejam enviadas para a pessoa que adquiriu seu número antigo.
3. Você fornece todos os direitos necessários para permitir que os usuários sincronizem (inclusive através de um aplicativo) suas listas de contatos com as informações básicas de contato visíveis para eles no Facebook, bem como seu

nome e foto do perfil.

#### **7. Pagamentos e oportunidades**

1. Ao efetuar um pagamento no Facebook ou usar os Créditos do Facebook, você concorda com nossos Termos de pagamento.
2. Ao adquirir uma oportunidade, você concorda com nossos Termos de oportunidade.
3. Ao fornecer uma oportunidade ou firmar uma parceria conosco em uma oportunidade, você concorda com os Termos de oportunidade comercial e com outros acordos que você possa ter conosco.

#### **8. Disposições especiais aplicáveis ??ao compartilhar links**

Se você incluir nosso botão Compartilhar link em nosso site, os seguintes termos adicionais se aplicam:

1. Nós concedemos a você a permissão para usar o botão Compartilhar link do Facebook para que os usuários possam publicar links ou conteúdo do seu site no Facebook.
2. Você nos concede permissão para usar e permitir que outros usem tais links e conteúdo no Facebook.
3. Você não deve colocar o botão Compartilhar link em qualquer página com conteúdo que viole esta Declaração, se publicada no Facebook.

#### **9. Disposições especiais aplicáveis ??aos desenvolvedores/operadores de aplicativos e sites**

Se você é desenvolvedor ou operador de um aplicativo ou site da plataforma, os seguintes termos adicionais se aplicam a você:

1. Você é responsável por seu aplicativo e seu conteúdo e por todos os usos que você fizer da plataforma. Isso inclui assegurar que seu aplicativo ou uso da plataforma esteja de acordo com as Políticas da plataforma do Facebook e com nossas Diretrizes de propaganda.
2. Seu acesso a e uso dos dados recebidos do Facebook será limitado da seguinte forma:
  1. Você deve solicitar somente os dados de que precisa para operar seu aplicativo.
  2. Você deverá ter uma política de privacidade que informe aos usuários quais dados serão usados e como serão usados, exibidos, compartilhados ou transferidos, além de incluir o URL da política de privacidade no Aplicativo do desenvolvedor.
  3. Você não deve usar, exibir, compartilhar nem transferir dados de um usuário de forma inconsistente com sua política de privacidade.
  4. Você deverá excluir todos os dados que recebe de nós em relação a um usuário se o mesmo solicitar você a fazê-lo, além de fornecer um mecanismo para que os usuários façam essa solicitação.
  5. Você não deve incluir os dados que recebe de nós em relação a um usuário em qualquer propaganda criativa.
  6. Você não deve transferir, direta ou indiretamente, os dados que receber de nós, nem usar esses dados em relação a qualquer rede de anúncios, troca de anúncios, mediador de dados ou outras ferramentas

relacionadas à propaganda, mesmo se um usuário consentir com a transferência ou o uso.

7. Você não deverá vender os dados do usuário. Se sua empresa for adquirida ou se unir a outra, você poderá continuar a usar os dados do usuário em seu aplicativo, mas você não poderá transferi-los para fora do seu aplicativo.
8. Podemos exigir que você exclua os dados do usuário se você usá-los de maneira, considerada por nós, inconsistente com as expectativas dos usuários.
9. Podemos limitar seu acesso aos dados.
10. Você deve cumprir todas as outras restrições contidas em nossa Política da plataforma Facebook.
3. Você não deve fornecer a nós informações coletadas de forma independente de um usuário ou conteúdo de um usuário sem o consentimento do mesmo.
4. Você deve facilitar para que os usuários possam remover ou se desconectar de seu aplicativo.
5. Você deve facilitar para os usuários entrar em contato com você. Também podemos compartilhar seu e-mail com os usuários e outros que alegam que você infringiu ou violou seus direitos.
6. Você deve fornecer suporte ao cliente para seu aplicativo.
7. Você não deve exibir anúncios de terceiros ou caixas de pesquisa da Web no Facebook.
8. Nós concedemos a você todos os direitos necessários para usar o código, APIs, dados e ferramentas que receber de nós.
9. Você não deve vender, transferir ou sublicenciar nosso código, APIs e ferramentas para ninguém.
10. Você não deve desvirtuar sua relação com o Facebook para outros.
11. Você pode usar os logotipos que disponibilizamos para desenvolvedores ou publicar um comunicado à imprensa ou outra declaração pública desde que você siga a nossa Política da plataforma Facebook.
12. Nós podemos publicar um comunicado à imprensa descrevendo nosso relacionamento com você.
13. Você deve cumprir todas as leis aplicáveis. Em particular, você deve (se aplicável):
  1. ter uma política para remoção de conteúdo infrator e encerrar infrações repetidas de acordo com a Lei dos Direitos Autorais do Milênio Digital (DMCA, Digital Millennium Copyright Act).
  2. cumprir a Lei de Proteção de Vídeos (VPPA) e obter o consentimento necessário de usuários para que os dados dos mesmos sujeitos à VPPA possam ser compartilhados no Facebook. Você deve estar ciente de que qualquer divulgação para nós não pode estar relacionada ao andamento normal dos seus negócios.
14. Nós não podemos garantir que a plataforma será sempre gratuita.
15. Você nos concede todos os direitos necessários para permitir que seu aplicativo funcione com o Facebook, incluindo o direito de incorporar conteúdo e informações que você fornecer a nós em transferências, perfis e ações de usuários.
16. Você nos concede o direito de vincular ou estruturar seu aplicativo, e inserir o conteúdo, incluindo anúncios, em seu aplicativo.

17. Podemos analisar seu aplicativo, o conteúdo e os dados para qualquer finalidade, incluindo comercial (como o destino do envio de anúncios e a indexação de conteúdo para pesquisa).
18. Para garantir que seu aplicativo seja seguro para os usuários, podemos auditá-lo.
19. Podemos criar aplicativos que ofereçam recursos e serviços similares, ou que possam competir de outra forma com seu aplicativo.

#### **10. Sobre propagandas e outro conteúdo comercial fornecido ou aprimorado pelo Facebook**

Nosso objetivo é fornecer anúncios que não sejam apenas importantes para os anunciantes, mas que também sejam valiosos para você. Para tanto, você concorda com o seguinte:

1. Você pode usar suas configurações de privacidade para limitar como seu nome e a imagem do perfil podem ser associados a conteúdo comercial, patrocinados ou relacionado (como uma marca que você gosta) fornecido ou aprimorado por nós. Você nos concede permissão para usar seu nome e a imagem do perfil em relação a esse conteúdo, dentro dos limites impostos por você.
2. Nós não cederemos conteúdo ou informações que pertencem a você para anunciantes sem seu consentimento.
3. Entenda que nem sempre podemos identificar serviços pagos e comunicações como tal.

#### **11. Disposições especiais aplicáveis aos anunciantes**

Você pode direcionar seu público específico adquirindo anúncios no Facebook ou nossa rede de publicidade. Os seguintes termos adicionais se aplicarão a você caso faça um pedido através de nosso portal de propaganda on-line (Pedido):

1. Ao fazer um pedido, você deve nos informar o tipo de propaganda que deseja comprar, o valor que pretende gastar e seu lance. Se aceitarmos seu pedido, forneceremos seus anúncios conforme o inventário ficar disponível. Ao fornecer seu anúncio, faremos o possível para direcioná-lo ao público-alvo especificado por você, embora não possamos garantir em todas as circunstâncias que o seu anúncio chegará seu público-alvo.
2. Nos casos em que acreditarmos que isso irá aumentar a eficácia da sua campanha de publicidade, poderemos ampliar os critérios de público-alvo que você especificar.
3. Você deve pagar por seus pedidos de acordo com nossos Termos de pagamento. O valor que você deve será calculado com base em nossos mecanismos de monitoramento.
4. Seus anúncios estarão de acordo com nossas Diretrizes de propaganda.
5. Nós determinaremos o tamanho, a localização e o posicionamento de seus anúncios.
6. Nós não garantimos a atividade que seus anúncios receberão, como o número de cliques que você terá.
7. Nós não podemos controlar como as pessoas interagem com os seus anúncios, e não nos responsabilizamos por fraude de cliques ou outras ações inadequadas que afetem as despesas de controle dos anúncios. Temos, no entanto, sistemas para detectar e filtrar certas atividades suspeitas. Saiba mais aqui.

8. Você pode cancelar seu pedido a qualquer momento através de nosso portal on-line, mas pode demorar até 24 horas para a conclusão do anúncio. Você é responsável pelo pagamento desses anúncios.
9. Nossa licença para executar seu anúncio terminará assim que concluirmos seu pedido. Entenda, no entanto, que se os usuários tiverem interagido com seu anúncio, o mesmo poderá permanecer até que os usuários o excluam.
10. Podemos usar seus anúncios e o conteúdo, e os dados relacionados para fins comerciais ou promocionais.
11. Você não deve publicar comunicados à imprensa ou fazer declarações públicas sobre seu relacionamento com o Facebook sem permissão por escrito.
12. Podemos rejeitar ou remover qualquer anúncio por qualquer motivo.
13. Se você for publicar anúncios em nome de outra pessoa, precisaremos ter a certeza de que você tem permissão para tal, incluindo o seguinte:
  1. Sua garantia de que possui autoridade legal para vincular o anunciante a esta Declaração.
  2. Seu consentimento de que, caso o anunciante que você representa viole esta Declaração, podemos responsabilizar você por essa violação.

## 12. Disposições especiais aplicáveis às páginas

Se você criar ou administrar uma página no Facebook, você concorda com os nossos Termos das páginas.

## 13. Alterações

1. Nós podemos alterar esta Declaração se fornecermos a você uma notificação (com a publicação da alteração no site Página de governança do site do Facebook) e uma oportunidade para comentário. Para receber notificações de futuras alterações a esta política, visite nossa Página de governança do site do Facebook e torne-se um fã.
2. Para as alterações das seções 7, 8, 9 e 11 (seções relacionadas a pagamentos, desenvolvedores de aplicativos, operadores de sites e anunciantes), enviaremos a você uma notificação com no mínimo três dias de antecedência. Para todas as outras mudanças, enviaremos uma notificação com mínimo sete dias de antecedência. Todos esses comentários devem ser feitos na Página de governança do site do Facebook.
3. Se mais de 7.000 usuários comentarem sobre a alteração proposta, também daremos a você a oportunidade de participar de uma votação em que serão fornecidas alternativas. A votação será obrigatória para nós se mais de 30% de todos os usuários ativos registrados até a data da notificação votarem.
4. Nós podemos fazer mudanças por razões legais ou administrativas, ou para corrigir uma declaração imprecisa, mediante notificação, sem oportunidade para comentário.

## 14. Rescisão

Se você violar o texto ou a essência desta Declaração, ou gerar possível risco ou exposição legal para nós, podemos deixar de fornecer todo ou parte do Facebook para você. Notificaremos você por e-mail ou na próxima vez que você tentar acessar sua conta. Você também pode excluir sua conta ou desativar seu aplicativo a qualquer momento. Em todos esses casos, esta Declaração perderá sua vigência, mas as seguintes disposições ainda serão aplicáveis: 2.2, 2.4, 3-5, 8.2, 9.1-9.3, 9.9, 9.10, 9.13,

9.15, 9.18, 10.3, 11.2, 11.5, 11.6, 11.9, 11.12, 11.13 e 14-18.

## 15. Disputas

1. Resolveremos reclamações, causas processuais ou disputas (reclamações) que você tiver conosco em decorrência ou em relação a esta Declaração ou ao Facebook exclusivamente em um estado ou fórum federal localizado no condado de Santa Clara. As leis do estado da Califórnia regem esta Declaração, bem como qualquer reclamação que possa surgir entre você e nós, independentemente de conflitos das disposições da lei. Você concorda em enviar para a jurisdição pessoal dos fóruns localizados no condado de Santa Clara, Califórnia, com o propósito de pleitear todas essas reclamações.
2. Se alguém abrir uma reclamação contra nós em relação a suas ações, conteúdo ou informações no Facebook, você nos isentará da responsabilidade sobre todos os danos, perdas e despesas de qualquer espécie (incluindo as custas judiciais aplicáveis) em relação a essa reclamação.
3. NÓS TENTAMOS MANTER O FACEBOOK ATUALIZADO, SEGURO E LIVRE DE ERROS, MAS VOCÊ O USA POR SUA CONTA E RISCO. NÓS FORNECEMOS O FACEBOOK NO ESTADO EM QUE SE ENCONTRA SEM GARANTIAS EXPRESSAS OU IMPLÍCITAS, INCLUINDO, SEM LIMITAÇÃO, GARANTIAS IMPLÍCITAS DE COMERCIALIZAÇÃO, ADEQUAÇÃO A UMA FINALIDADE ESPECÍFICA E NÃO INFRAÇÃO. NÃO GARANTIMOS QUE O FACEBOOK FICARÁ SEGURO E PROTEGIDO. O FACEBOOK NÃO ASSUMIRÁ A RESPONSABILIDADE POR AÇÕES, CONTEÚDO, INFORMAÇÕES OU DADOS DE TERCEIROS, E VOCÊ ISENTA A NÓS, NOSSOS DIRETORES, EXECUTIVOS, FUNCIONÁRIOS E AGENTES DE QUALQUER RECLAMAÇÃO OU DANO, CONHECIDO E DESCONHECIDO, DECORRENTE DE OU RELACIONADO DE QUALQUER FORMA A QUALQUER RECLAMAÇÃO QUE VOCÊ TENHA CONTRA TERCEIROS. SE VOCÊ FOR RESIDENTE DA CALIFÓRNIA, VOCÊ ABDICA DO CÓDIGO CIVIL DA CALIFÓRNIA §1542, QUE DIZ: A LIBERAÇÃO GERAL NÃO SE ESTENDE A RECLAMAÇÕES QUE O CREDOR NÃO SABE OU SUSPEITA EXISTIR EM SEU FAVOR, NO MOMENTO DE EXECUÇÃO DA LIBERAÇÃO QUE SE SOUBER POR ELE DEVE TER SUBSTANCIALMENTE AFETADO SEU ACORDO COM O DEVEDOR. NÓS NÃO ASSUMIREMOS A RESPONSABILIDADE POR VOCÊ POR QUALQUER PERDA DE LUCRO OU OUTROS DANOS DECORRENTES, ESPECIAIS, INDIRETOS OU ACIDENTAIS DECORRENTES DE OU EM RELAÇÃO A ESTA DECLARAÇÃO OU AO FACEBOOK, MESMO SE AVISADOS DA POSSIBILIDADE DE TAIS DANOS. NOSSA RESPONSABILIDADE TOTAL DECORRENTE DESTA DECLARAÇÃO OU DO FACEBOOK NÃO DEVERÁ ULTRAPASSAR O MONTANTE DE CEM DÓLARES (US\$ 100) OU O VALOR PAGO NOS EUA NOS ÚLTIMOS DOZE MESES. A LEGISLAÇÃO APLICÁVEL NÃO PODE PERMITIR A LIMITAÇÃO NEM A ISENÇÃO DA RESPONSABILIDADE POR DANOS ACIDENTAIS OU CONSEQUENTES. PORTANTO, A LIMITAÇÃO OU EXCLUSÃO ACIMA PODE NÃO SE APLICAR A VOCÊ. NESSES CASOS, A RESPONSABILIDADE DO FACEBOOK SERÁ LIMITADA AO LIMITE

## MÁXIMO PERMITIDO POR LEI.

### 16. Disposições especiais aplicáveis a usuários fora dos Estados Unidos

Dedicamos todos nossos esforços para criar uma comunidade global com padrões consistentes para todos, porém respeitando as leis locais. As provisões a seguir se aplicam aos usuários fora dos Estados Unidos:

1. Você concorda em ter seus dados pessoais transferidos para e processados nos Estados Unidos.
2. Se você estiver localizado em um país embargado pelos Estados Unidos ou fizer parte da lista do Departamento do Tesouro dos EUA de Nações Especialmente Designadas, você não deverá participar de atividades comerciais no Facebook (como propaganda e pagamento) nem operar um aplicativo ou site da plataforma.
3. Certos termos específicos que se aplicam somente a usuários alemães estão disponíveis aqui.

### 17. Definições

1. O termo Facebook envolve os recursos e serviços que disponibilizamos, incluindo por meio de (a) nosso site [www.facebook.com](http://www.facebook.com) e qualquer outro site da marca Facebook ou sites de marca compartilhada (incluindo subdomínios, versões internacionais, widgets e versões para celulares); (b) nossa plataforma; (c) plug-ins sociais, como o botão Curtir, o botão Compartilhar e outras ofertas similares (d) e outras mídias, softwares (como uma barra de ferramentas), dispositivos ou redes já existentes ou desenvolvidos posteriormente.
2. O termo Plataforma envolve um conjunto de APIs e serviços que permitem que outros, inclusive desenvolvedores de aplicativos e operadores de sites, recuperem dados do Facebook ou forneçam dados para nós.
3. O termo informações envolve os fatos e outras informações sobre você, incluindo suas ações executadas.
4. O termo conteúdo envolve qualquer coisa que você publica no Facebook que não se encaixa na definição de informações.
5. O termo dados envolve o conteúdo e as informações que terceiros podem recuperar do Facebook ou fornecer ao Facebook por meio da plataforma.
6. O termo publicar envolve publicações no Facebook ou conteúdo disponibilizado de outra forma para nós (ex.: usando um aplicativo).
7. O termo uso envolve usar, copiar, agir ou expor publicamente, distribuir, modificar, traduzir e criar trabalhos derivados.
8. O termo usuário registrado ativo envolve um usuário que entrou no Facebook no mínimo uma vez nos últimos 30 dias.
9. O termo aplicativo envolve qualquer aplicativo ou site que usa ou acessa a plataforma, bem como qualquer coisa que recebe ou tenha recebido dados de nós. Se você não acessa mais a plataforma, mas não exclui os dados que tem conosco, o termo aplicativo se aplicará até que você exclua os dados.

### 18. Outros

1. Se sua residência ou seu local principal de trabalho encontra-se nos Estados Unidos ou no Canadá, esta Declaração corresponde a um acordo entre você e a Facebook, Inc. Caso contrário, esta Declaração corresponde a um acordo entre você e a Facebook Ireland Limited. Referências a “nos”, “nós” e “nosso”

significam a Facebook, Inc. ou a Facebook Ireland Limited, conforme apropriado.

2. Esta Declaração compõe todo o acordo entre as partes em relação ao Facebook e tem precedência sobre acordos anteriores.
3. Se qualquer parte desta Declaração for considerada como não aplicável, a parte restante permanecerá em total vigência legal.
4. Se nós falharmos em impor qualquer parte desta Declaração, isso não será considerado como abdicação de direitos.
5. As correções ou abdições de direitos desta Declaração de privacidade devem ser efetuadas por escrito e assinadas por nós.
6. Você não deve transferir seus direitos nem obrigações sob esta Declaração para qualquer outra pessoa sem nosso consentimento.
7. Todos os nossos direitos e obrigações sob esta Declaração são livremente atribuídos por nós em relação a fusões, aquisições, vendas de bens, imposição da lei ou outro fator.
8. Nada nesta Declaração nos impedirá de cumprir a lei.
9. Esta Declaração não confere direitos que beneficiam terceiros.
10. Você deve obedecer a todas as leis aplicáveis quando estiver usando ou acessando o Facebook.

**Você também pode revisar os seguintes documentos:**

- Política de privacidade: A Política de privacidade foi elaborada para ajudá-lo a entender como coletamos e usamos as informações.
  - Termos de pagamento: Esses termos adicionais se aplicam a todos os pagamentos feitos no ou por meio do Facebook.
  - Página da plataforma: Essa página o ajuda a entender melhor o que acontece ao adicionar aplicativos de terceiros ou ao usar as Conexões do Facebook, incluindo como eles podem acessar e usar seus dados.
  - Políticas da plataforma do Facebook: Essas diretrizes detalham as políticas que se aplicam a aplicativos, incluindo sites das Conexões do Facebook.
  - Diretrizes de propaganda: Essas diretrizes detalham as políticas que se aplicam a propagandas públicas no Facebook.
  - Diretrizes de promoções: Essas diretrizes detalham as políticas que se aplicam caso você obtenha nossa pré-aprovação por escrito para oferecer concursos, jogos de apostas e outros tipos de promoções no Facebook.
  - Como denunciar reclamações de infrações de propriedade intelectual
  - Como recorrer de reclamações de infração de direitos autorais
  - Termos das páginas
- **Para acessar a Declaração de direitos e responsabilidades em diversos idiomas, altere a configuração de idioma da sua sessão do Facebook clicando no link de idioma no canto esquerdo da maioria das páginas. Se a Declaração não estiver disponível no idioma selecionado, mostraremos a versão em inglês por padrão.**

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Divonete Tenório Ferraz Gominho, CRB4-985

O48r Oliveira, Robson Santos de.  
A representação do Self nas salas de bate-papo na internet e a noção baktiniana de carnavalização : uma perspectiva dialógica / Robson Santos de Oliveira. – Recife: O autor, 2012.  
350 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Meira  
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2012.  
Inclui bibliografia e anexos

1. Psicologia cognitiva. 2. Etnografia virtual. 3. Self (filosofia). 4. Baktin, Mikhail Mikhailovitch. 5. Goffman, Erving. I. Meira, Luciano. (Orientador). II. Título.

150 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2012-31)